

# DICIONÁRIO DE CONCEITOS, NOMES E FONTES PARA A INCLUSÃO

Humanizar a Vida em Cidadania  
e no Prazer Solidário de Existir

Augusto Deodato Guerreiro  
(Diretor Científico)





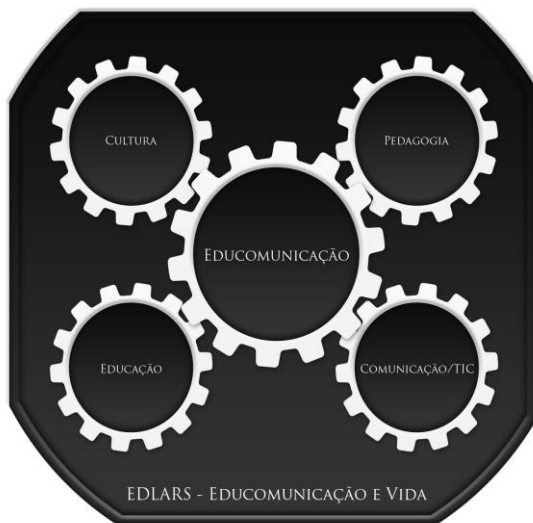
## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## **DICIONÁRIO DE CONCEITOS, NOMES E FONTES PARA A INCLUSÃO**

Humanizar a Vida em Cidadania e no Prazer Solidário de  
Existir

Augusto Deodato Guerreiro  
(Diretor Científico)



Almada - Portugal, Junho de 2018

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## **FICHA TÉCNICA**

Título: *Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão: Humanizar a Vida em Cidadania e no Prazer Solidário de Existir.*

Autor/Organizador e Diretor Científico: Augusto Deodato Guerreiro.

Revisão Gráfica: Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro.

Editor: Augusto Deodato Guerreiro/EDLARS  
- Educomunicação e Vida.

Capa: Samuel Deodato Fernandes Guerreiro.

2.<sup>a</sup> Edição revista e aumentada: Junho 2018

[A 1.<sup>a</sup> Edição (publicada em Junho de 2017) tem o título *Dicionário de Conceitos, Nomes e fontes na Deficiência em Geral*. A 2.<sup>a</sup> Edição (publicada em Junho de 2018) tem o título *Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão: Humanizar a Vida em Cidadania e no Prazer Solidário de Existir*].

ISBN 978-1720818267

Impressão, acabamento e distribuição: CreateSpace - Amazon

Todos os direitos desta edição estão reservados por Augusto Deodato Guerreiro/EDLARS - Educomunicação e Vida, com sede em Almada, em Portugal;

E-mail: [deodato.guerreiro@gmail.com](mailto:deodato.guerreiro@gmail.com);

Blog: [deodatoguerreiro.blogspot.pt](http://deodatoguerreiro.blogspot.pt).

## INTRODUÇÃO

«Em cada olhar interventivo diferente há uma vitalidade sinérgica e intercultural a refletir e a equacionar para os caminhos da efetiva inclusão...

Usando as diferenças nas diferenças uns dos outros, nos mais variados contextos e em convívios sociais, harmonizando a naturalidade relacional e da interação num envolvimento de mútua aceitação uns dos outros e numa solidária equidade e partilha em cidadania, as diferenças ou assimetrias, assim olhadas, com o coração e a lógica da razão, tornar-se-ão incentivadoras e promotoras de humanização e fertilidade nos planos dos caminhos para a intervenção inclusiva...

O conceito de diferença, na firme convicção da sua utilização nas diferenças uns dos outros para a supressão das necessidades uns dos outros, justamente assim concebido e sistematizado, interiorizado e aplicado, de modo consistente e progressivo, só poderá revolucionar e transformar mentalidades, gerando eficazes processos educacionais e pedagógicos, práticos, teórico-empíricos e culturais conducentes à desejável inclusão social, mediante a adequada intervenção precoce e ao longo da vida.

É nos olhares dos corações e da razão, nas diferenças funcionais e operativas de cada um e de todos, nas de uns e de outros, que nascem os caminhos para a intervenção e inclusão. É nos caminhos da intervenção e da inclusão, em cidadania, diversidade e equidade, que a emergência saudável e determinada desses olhares consolida e frutifica a generosidade e a gratidão em abundância, a dignidade e a humanização da vida no mundo para todos.»

Augusto Deodato Guerreiro (ADG): 29.04.2017.

É neste contexto de diálogo aberto, de colaboração e incentivo, no continuar a juntar e a sistematizar razões para a promoção da humanização da vida em sociedade, em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

cidadania, no prazer solidário de existir e no fomentar o aprofundamento e alargamento da instauração desse objetivo social, num alcance tão holístico quanto possível do conceito de inclusão, que surge este Dicionário, na sua primeira versão, em 2017, "de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral", e, nesta segunda versão, 2018, com o título alterado para "Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão", alternadamente constituído por verbetes propriamente ditos (enunciações breves e/ou de encaminhamento remissivo) e por textos mais alongados (assumindo um caráter mais enciclopédico), consoante a necessidade de se caracterizar mais aprofundadamente, ou não, determinado tipo de Entradas, com o contributo científico, para já, perto de oito dezenas de autores/investigadores, e da Coordenação Científica, constituída por 46 também investigadores/autores, que são, com uma ou outra exceção, praticamente os mesmos que já deram, e vão continuando a dar, os seus doutos e tão preciosos contributos para o crescente enriquecimento desta obra, a qual muito desejamos que possa vir a ser de inequívoca referência.

Este Dicionário pretende ser o instrumento de pesquisa conceptual e terminológica, bem como de esclarecimento sobre as diferentes problemáticas abordadas, que faltava entre nós e tão necessário na temática que traz à comunidade científica e aos interessados na matéria. Neste Dicionário, em que serão intercalados periodicamente novos termos/conceitos e bem assim a reformulação de outros conceitos nele já contidos, encontram-se registados e definidos conceitos e noções, nomes e fontes correntes no âmbito das problemáticas da deficiência em geral, tendo, como principal objetivo, conferir o devido rigor ao discurso e a tornar a comunicação mais precisa no domínio das variadas tipologias da deficiência, inclusive em questões de ordem gerontológica, entre especialistas, médicos e outros

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

profissionais na área da saúde e da reabilitação, educadores de infância, professores de educação especial, investigadores e as populações que sofrem os efeitos das diferentes problemáticas na pele, na família ou na comunidade.

Este Dicionário também inclui vocábulos definidos no "Glossário sobre o Braille" (embora tendo alguns deles sofrido atualizada reformulação), elaborado sob a Coordenação de Augusto Deodato Guerreiro, com contributo científico/linguístico seu e do Grupo de Trabalho constituído para o efeito, bem como dos restantes Membros da última Comissão de Braille, que veio a ser disponibilizado para consulta pública a partir de 2003, no SNRIPD, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

As Entradas neste Dicionário estão escritas, umas respeitando o Acordo Ortográfico em vigor e outras não, a pedido dos próprios autores. As Referências Bibliográficas ou Bibliografia em que algumas Entradas se fundamentam, umas são elaboradas segundo as Normas APA e outras segundo as Normas Harvard, outras ainda, de autores brasileiros, que seguem as Normas em uso no Brasil, conforme as preferências manifestadas por cada um dos respetivos autores.

No intuito de dotar este instrumento de pesquisa da maior abrangência possível na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP) e no mundo, com a colaboração investigativa de autores de outros países, o mesmo já integra, para além do relevante contributo de investigadores portugueses de reconhecida competência na matéria, também um conjunto de termos usados no Brasil, graças à amável colaboração de investigadores brasileiros, de entre os quais destacamos o saudoso Professor Jonir Bechara Cerqueira (que também foi Membro da Comissão Brasileira do Braille), a Professora Dolores Affonso (que tem vindo a desenvolver e a difundir importantíssimo trabalho institucional,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

organizacional e empresarial, através da realização de Congressos de Acessibilidade Online), a Professora Doutora Dolores Tomé (que tem desenvolvido igualmente importantíssimos projetos de investigação e trabalhos na área da educação especial, musicografia braille e Musibaille) e o Professor Doutor José António dos Santos Borges (que, na Universidade Federal do Rio de Janeiro, tem desenvolvido aprofundada investigação e a concepção de projetos tiflotecnológicos, de especial relevância e grande utilidade para a comunicação, e para outras áreas da deficiência).

As Entradas, neste Dicionário, estão ordenadas alfabeticamente (subordinando-se, nesta sequência, cada grupo de Entradas a cada uma das letras do alfabeto) e cada uma delas é precedida de um asterisco (\*) com o objetivo de facilitar a pesquisa e o percurso da lista de conceitos através de leitores de ecrã, essencialmente utilizados por pessoas cegas e com baixa visão. Ao longo da já significativa lista de Entradas, encontram-se alguns conceitos/termos/expressões com a indicação, imediatamente a seguir, "Em definição", o que significa que, a todo o momento, essa Entrada estará preenchida.

O lançamento e partilha pública deste Instrumento de Pesquisa, em permanente aprofundamento e ampliação, constitui também um "desafio", mas em nossa opinião Feliz, a todos os investigadores e especialistas na área das problemáticas da deficiência, inclusive, e muito em especial, aos que desenvolvem inovador trabalho de intervenção precoce no terreno, no sentido de nos fazerem chegar contributos que possam vir a ser intercalados na presente lista de conceitos, nomes e fontes, tornando esta temática cada vez mais abrangente e aprofundada, útil e frutífera.

«Os paradigmas e os enigmas, os fenómenos da própria fenomenologia da infocomunicação e das linguagens, que nos vêm chegando através da intemporalidade e da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

imaterialidade, surpreendem-nos a cada momento numa imprevisibilidade desconcertante e numa eternidade evolutiva, em dois ministérios igualmente infinitos e insondáveis na sua imensurabilidade: o ministério do tempo e o ministério do espaço. Nestes enigmáticos ministérios, os diferentes processos de relacionamento e interação, comunicacionais e das mais diversificadas linguagens emergem de modo progressivo e inesgotável, logarítmica e fantásticamente criativo e inovador, consoante a força das necessidades e a fertilidade dos imaginários, multiplicando-se a uma desmedida velocidade aquém e além do alcance e do controlo humano.» (ADG: 12.02.2017).

Temos de ser capazes de acompanhar esta paradigmática coevolução, também procurando construir de forma adequada e inovadora no contexto educacional. Conforme o acima expresso, este Dicionário será revisto periodicamente, de modo a poderem reformular-se, sempre que necessário, conceitos, nomes e fontes nele contidos, de acordo com a evolução na sua especificidade temática, aumentando assim o seu conjunto de Entradas com a incorporação de novos termos, conceitos ou expressões decorrentes do desenvolvimento do conhecimento e boas práticas, essencialmente inclusivas, nas diferentes áreas da deficiência, também no âmbito da gerontologia e do alcance holístico do conceito de inclusão, que forem chegando à consideração e análise da Coordenação Científica indicada neste Dicionário, cujos endereços eletrónicos são: E-mail [deodato.guerreiro@gmail.com](mailto:deodato.guerreiro@gmail.com) e/ou Blog [deodatoguerreiro.blogspot.pt](http://deodatoguerreiro.blogspot.pt), também identificado com o logotipo da marca EDLARS - Educação e Vida, de Augusto Deodato Guerreiro, registada no INPI desde 2002.

Atevemo-nos a pensar que temos criada a "chave" para, em conjunto com os que nos quiserem ajudar a aplicá-la e, até, porventura a redimensioná-la, de acordo com as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

especificidades das muitas e complexas portas a abrir, com a desejável segurança no êxito dos propósitos coletivos para o natural espírito interventivo de inclusão social, em cidadania na diversidade e equidade, nos direitos e oportunidades para todos os cidadãos.

Aceitem o nosso Convite. Consultem e explorem este Dicionário e ajudem-nos a enriquecê-lo cada vez mais sob o ponto de vista científico e prático.

Augusto Deodato Guerreiro

## COORDENAÇÃO CIENTÍFICA

• **Augusto Deodato Guerreiro (ADG)** - Natural de Alvalade Sado/Portugal. Agregado em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura Inclusivas (UTAD/Portugal); Doutor (Ph.D) em Ciências da Comunicação, Especialidade Comunicação e Cultura (UNL/Portugal); Licenciado em História (Universidade de Lisboa/Portugal). Ensaísta, Professor Catedrático e Investigador na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT); Regente das unidades curriculares "Teorias e Modelos de Comunicação", "Sistemas de Comunicação: Especificidades Comunicacionais Aumentativas e Alternativas", "História dos Meios de Comunicação" e "Seminário de Investigação em Sistemas de Comunicação Alternativa". Tem publicados mais de três centenas de artigos e, como autor (uns) e como coautor (outros), já para cima de quatro dezenas de livros. É sócio da Associação Portuguesa de Escritores (desde 8 de Fevereiro de 1993) e da Sociedade Portuguesa de Autores (desde 29 de Dezembro de 1972) Personalidade de Reconhecido Mérito da Comissão de Braille em Portugal e do Núcleo Braille e Meios Complementares de Leitura (SNRIPD e INR, IP). Diretor do Mestrado em "Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio". Diretor das Pós-Graduações/Cursos de Formação Especializada em "Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio", "Alunos Cegos e com Baixa Visão", "Comunicação e Mediação Cultural na Cidade para Todos", "Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância". Diretor dos Cursos de Formação Especializada em "Braille: Formação Especializada", "Audiodescrição: Formação Especializada" e "Acessibilidade e Usabilidade em Web/E-Learning".

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Diretor/Orientador de Teses de Doutoramento em Portugal e na Universidade Complutense de Madrid, com participação em Júris de Doutoramento em Portugal e em Espanha (Universidade Complutense/Madrid e Universidade de Extremadura/Badajoz).

• **Alberto Trovão do Rosário (ATR)** - Doutor em Motricidade Humana. Atualmente, Professor Catedrático do Instituto Universitário da Maia (ISMAI). Fundador e Presidente do Conselho de Administração da ONGD Causa Maior. De entre os diversos altos cargos desempenhados, foi Diretor-Geral (FAOJ) no Ministério da Educação; Assessor dos Ministros João de Deus Pinheiro e Roberto Carneiro; Inspetor Coordenador Chefe (Ensino Superior); Presidente da Sociedade Internacional de Motricidade Humana; Professor Catedrático na Universidade Moderna e no Instituto Jean Piaget de Almada, tendo aqui sido Presidente do Conselho Diretivo do Instituto Superior de Estudos Interculturais e Transdisciplinares e Presidente do Complexo de Ensino Superior de Almada. Tem um vasto trabalho de investigação realizado e publicado.

• **Ana Paula Vital (APV)** - Terapeuta da Fala desde 1986 e Coach certificada, profissão que concilia com a de Terapeuta da Fala e de Formadora. Título de Especialista em Terapia da Fala - Área de Terapia e Reabilitação. Mestre em Psicologia da Saúde. DEA em Ciências da Educação (especialidade de Literacias e Educação). Formação pós-graduada em Ensino e Administração, Gestão e Coordenação de Formação, Bioética, Yoga do Riso, Saúde e Envelhecimento, Medicina Narrativa e Mental Health Facilitator Trainer. Docente do ensino superior e investigadora desde 1992 (Escola Superior de Saúde do Alcoitão e Universidade Atlântica) nas áreas de Comunicação, linguagem e fala no adulto e idoso,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

perturbações da comunicação de etiologia neurológica, metodologia clínico-pedagógica, qualidade em Terapia da Fala, prática baseada na evidência, supervisão clínica, comunicação profissional de saúde-utente, literacia em saúde e ética aplicada. Coordenadora da Licenciatura em Terapia da Fala na Universidade Atlântica (2005-2015). Supervisão clínica e pedagógica de Terapeutas da Fala desde 1993. Presidente do Secretariado Nacional da APTF (2003-2006) e membro da Comissão de Ética e Deontologia (2011-2017). Delegada de Portugal pela APTF no Comité Permanent de Liaison des Orthophonistes-Logopèdes de l'UE (CPLOL) para a área da Formação e Exercício Profissional (2001-2006). Membro do Conselho Científico da Revista de Investigacion en Logopedia editada pela Universidade de Castilla-la-Mancha e pelo Colegio de Logopedas de Castilla-la-Mancha. É investigadora independente. Tem participado em trabalhos de investigação, eventos científicos e formação nas áreas da comunicação humana, terapia da fala, comunicação positiva, coaching, psicologia da saúde, ciências da educação, literacia em saúde, narrativa em saúde, qualidade de vida, riso e felicidade.

• **Ana Sofia Antunes (ASA)** - Secretária de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência no XXI Governo Constitucional. É licenciada em Direito pela Faculdade de Direito/UL. Provedora do Cliente na Empresa Municipal de Mobilidade e Estacionamento (EMEL) de Lisboa desde 2013. Coordenou a Comissão de Acompanhamento e o Comité Consultivo do Plano de Acessibilidade Pedonal de Lisboa. Entre 2007 e 2013, foi assessora jurídica da Vereação da Câmara Municipal de Lisboa, exercendo funções nas áreas jurídica e da mobilidade, nos gabinetes de apoio pessoal aos vereadores do Pelouro da Habitação e da Mobilidade.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Trabalhou ainda como consultora informática na Faculdade de Química da UNL e como advogada, nas áreas do Direito administrativo, urbanístico e imobiliário. Foi Presidente da Direção Nacional da ACAPO entre 2013 e 2015.

• **Anna Feitosa (AMAF, nome completo Anna Maria de Albuquerque Feitosa)** - É natural de Pernambuco, Brasil. Doutorada pela Universidade do Porto, em Portugal com Tese na área da Epistemologia da Motricidade Humana. É ficcionista e poetisa com assento na Academia de Letras e Artes do Nordeste (Brasil) e na União Brasileira de Escritores (UBE). Tem livros publicados no Brasil, Portugal e Colômbia. Reside em Portugal desde 1990. Trabalhou durante quarenta e dois anos na área da Educação como docente em todos os níveis de Ensino, inclusive na formação contínua de professores, orientação de Teses e constituição de Júris em Pós-Graduações, Mestrados e Doutoramentos em Portugal, Espanha e França. Atualmente lê, estuda e escreve. Orienta Laboratórios de Bem-Estar, Missão de Vida e Expansão da Consciência. Realiza Workshops de Formação de Liderança e Desenvolvimento Pessoal para Grupos, Empresas e Pessoas Individuais.

Sabe que ser feliz é uma escolha, e foi isso que escolheu.

• **António Borges (AB, nome completo José António dos Santos Borges)** - Professor Doutorado na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil, Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais. Chefe do Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia Assistiva, Tecnoassist, onde desenvolve e dirige aprofundada investigação tíflo tecnológica, com aplicação em domínios específicos para uso das pessoas cegas e com baixa visão. Tem um volume significativo de excelentes projetos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvidos para as pessoas com deficiência, em especial para as pessoas cegas, cujos resultados, em trabalhos científicos, se encontram publicados.

• **António da Silva Mendes (ASM)** - Situação atual: Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias/Lisboa; Investigador da FCT/CPES; Professor do Instituto Superior Universitário Manuel Teixeira Gomes - Portimão; Assessor da Administração e Direção do Instituto Superior Universitário Manuel Teixeira Gomes - Portimão; Membro da Asociación Iberoamericana de Sociología de las Organizaciones - Espanha; Membro da Asociación Madrileña de Sociología - Espanha; Membro da Associação Portuguesa de Gestores de Pessoas - APG; Membro da Associação da Educação Pluridimensional e da Escola Cultural - AEPEC; Membro da Sociedade de Língua Portuguesa; Membro do Rotary Club de Almada (Past-Governador D1960 de Rotary Internacional). Habilitações Académicas: Doutorado em Sociologia pela Universidade Complutense de Madrid; Mestre em Psicologia Social e Organizacional pelo ISCTE - Lisboa; Pós-graduado em Comportamento Organizacional pelo ISCTE - Lisboa; Licenciado em Gestão de Recursos Humanos pelo ISLA - Lisboa; Curso do Magistério Primário pela EMPE - Évora. Formação Complementar: Diversos Cursos de Formação e Especialização feitos em Portugal e no estrangeiro. Percurso Profissional: Ex-Diretor e ex-Presidente do Conselho Científico do Instituto Superior de Humanidades e Tecnologias de Lisboa; Ex-Diretor do Serviço de Formação Profissional da TAP Air Portugal; Ex-Professor do Ensino Secundário; Ex-Professor da Escola do Magistério Primário de Évora; Ex-Professor do Ensino Primário; Ex-Presidente da AIDFORM - Associação de Estudos, Consultoria e Formação; Ex-Membro da Direção da APESP - Associação Portuguesa

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

do Ensino Superior Privado; Ex-Presidente do Núcleo de Formadores da Associação Portuguesa de Gestores de Recursos Humanos; Ex-Director da Faculdade de Ciências Aeronáuticas da ULHT e da ULP. Prémios e Publicações: Prémio Carreira RH Magazine (2012); Medalha de ouro de mérito académico do ISMAT - Instituto Universitário Manuel Teixeira Gomes Portimão, (2014); Medalha de ouro de mérito académico da Universidade Lusófona, Lisboa, (2016); Vários livros, artigos científicos e conferências em Portugal e no estrangeiro.

• **António Galhardo Carvalho (AGC)** - Terapeuta da Fala desde 1986. Coordenador da Terapia da Fala do Centro Hospitalar de Lisboa Central desde 2008. Licenciado em Terapia da Fala e Título de Especialista em Terapia da Fala - Área de Terapia e Reabilitação. Formação pós-graduada nas áreas da Gestão e Avaliação de Tecnologias em Saúde. Docente no ensino superior desde 1999 nas áreas de Fonética e Fonologia, Linguística Clínica e de Patologia e Terapêutica em perturbações do desenvolvimento e adquiridas da fala, linguagem, motricidade orofacial, deglutição e alimentação, e Supervisor clínico de Terapeutas da Fala desde 1996, respetivamente na Escola Superior de Saúde Egas Moniz e Universidade Atlântica e na Escola Superior de Saúde do Alcoitão, Instituto Politécnico de Setúbal e Universidade do Algarve. Presidente do Secretariado Nacional da APTF (2001-2003) e Vice-Presidente da Associação Nacional de Afásicos. Delegado de Portugal no Comité Permanent de Liaison des Orthophonistes-Logopèdes de l'UE (CPLOL) e membro da sua Comissão de Pesquisa, Documentação e Congresso de 2001 a 2006.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

• **António Rebelo (AFR, nome completo António Martins Fernandes Rebelo)** - Doutor em Psicologia do Desenvolvimento. Professor universitário e Investigador. Professor Titular do Colégio António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa. Membro do Management Comettee da Deafblind International.

• **António Teodoro (AT)** - Doutor em Ciências da Educação pela UNL. Professor Catedrático da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Lisboa. Professor de Sociologia da Educação e Educação Comparada. Diretor do Instituto de Educação e do Centro de Estudos e Intervenção em Educação e Formação (Ceief), da ULHT. Vice-Presidente do Comité de Investigação de Sociologia da Educação (RC04) da Associação Internacional de Sociologia. Co-fundador do Instituto Paulo Freire, de Portugal, e Coordenador da Rede Ibero-Americana de Investigação em Políticas de Educação (RIAIPE). Foi membro fundador do movimento sindical docente, Presidente da Direção do Sindicato dos Professores da Grande Lisboa (1979-1989) e Secretário-Geral da Federação Nacional dos Professores, FENPROF (1983-1994). Membro do Comité Europeu da Confederação Mundial das Organizações da Profissão Docente, CMOPE/WCOTP (1988-1992) e do Comité Europeu da Internacional de Educação (1993-1994). Inspector-Chefe do Ensino Primário (1974-1975), membro do Conselho Nacional de Educação (1988-1994) e Consultor do Conselho de Ministros para os Assuntos da Educação, Formação, Cultura e Ciência (1995-1999). Diretor da Revista Lusófona de Educação e membro do Conselho Editorial de dezenas de revistas em Portugal, Brasil, EUA e França. É autor de uma vasta obra científica e de intervenção no campo da educação, publicada em português, inglês, espanhol e francês. Áreas de interesse: Educação Comparada,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

globalização. Estado, movimentos sociais e mudança social. Políticas educativas e modos de regulação política. Professores, associativismo e sindicalismo docente. Sociologia da Educação: desigualdades e diferenças na escola para todos. Europeização das políticas de educação. Políticas de educação superior e de investigação.

• **Aquilino Rodrigues (AR, nome completo Aquilino Eurico Lopes Rodrigues)** - Licenciado em Matemática Aplicada e Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Em 1988, iniciou a sua atividade profissional como Coordenador do Curso de Introdução à Informática para Deficientes Visuais na APEDV. Desde então tem-se mantido ligado à temática da deficiência visual, em especial no domínio das tecnologias de apoio e nos meios alternativos de comunicação. Tem participado em diversos projetos de acessibilidade à informação, entre os quais a produção de livros escolares em DAISY e ensino da musicografia braille. Docente convidado no Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio da ECATI/ULHT. Diretor Executivo da Electrosertec, empresa especializada em serviços e tecnologias de apoio à deficiência; criou em 2009 o CEFAS (Centro Especializado em Formatos Alternativos), um serviço que produz materiais em braille, imagens tácteis e áudio. Também é Formador de Informática para Seniores. Tem investigação desenvolvida e publicada.

• **Artur Olímpio Silva (AOS, nome completo Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva)** - Doutor em Ciências da Informação, pela Universidade Complutense de Madrid, e Doutor em Ciências da Educação, Especialidade Didática da Matemática, também pela Universidade Complutense de Madrid (sendo este Doutoramento Europeu),

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

trabalhando em ambas as Teses de Doutorado questões aprofundadas da tiflogia. Professor e Investigador na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Tem relevantes projetos de investigação desenvolvidos e do conhecimento público. Integrou a Coordenação Científica da 1ª Edição, com o título Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral. Faleceu no dia 23 de maio de 2018.

[Ver Silva, Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da].

• **Carlos Mourão Pereira (CMP)** - Arquiteto, um acidente provocou a sua cegueira total em 2006, o que não o impediu de continuar a sua atividade investigacional e científica, acabando por atentar mais aos sons, aos cheiros e ao toque, tendo vindo a doutorar-se em Arquitetura pelo Instituto Superior Técnico, e desenvolvendo projetos de extrema importância na área da Arquitetura e Inclusão, com relevante trabalho científico publicado, divulgado e reconhecido além-fronteiras.

• **Catarina Ramos (CR)** - Terapeuta da Fala desde 1998, Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio desde 2009 e obteve o Título de Especialista em Terapia da Fala - Área de Terapia e Reabilitação em 2013. Exerce atividade clínica junto de crianças, adultos e idosos com condições de saúde com impacto ao nível da comunicação e seus cuidadores. Docente do Ensino Superior desde 2002, tendo lecionado na Licenciatura em Terapia da Fala da Escola Superior de Saúde Egas Moniz e da Universidade Atlântica e no Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio da Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Investigadora nas áreas da comunicação, da comunicação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

aumentativa e alternativa e tecnologias de apoio, da linguagem, da aprendizagem e da literacia em saúde, sendo autora e coautora de diversos trabalhos científicos. Orientou e participou em júris de defesa de vários trabalhos de investigação.

• **Cristina Saraiva (CS, nome completo Maria Cristina Saraiva Pires Gonçalves)** - Doutora em Ciências da Educação, com Tese em "Organização Escolar na Intervenção Psicopedagógica em Grupos", e Pós-Doutorada em Psicologia da Saúde, com investigação em "Impacto da Psicologia da Saúde (Factores Ambientais e de Personalidade) sobre a Evolução do Ciclo de Vida". Professora universitária e Investigadora, tendo vindo a desenvolver importante trabalho sob o ponto de vista investigacional e científico.

• **Dalila de Jesus Guerrinha (DJG)** - Nasceu a 29.07.1946. Licenciada em Filologia Românica pela F.L.U.L. Curso de Ciências Pedagógicas na F.L.U.L. Curso de Monitora Animadora de Colónias de Férias e Actividades de ar livre - IASE. Monitora de Colónias de Férias. Professora do 2º grupo (Português/Francês) no Ensino Básico. Orientadora do Estágio Clássico de Francês. Bolseira do Governo francês: 1.

Stage organisé au CIEP de Sèvres, du 26 juin au 13 juillet 1978, na qualidade de Professora Orientadora de Estágio de Francês; 2. Stage organisé au CIEP de Sèvres, du 3 au 14 novembre 1986, dans le cadre du programme de coopération franco-portugaise pour l'année 1986. Destacada no Ministério da Educação - Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário (DGEBS) de 1980 a 1990, na formação de professores, como Coordenadora do Núcleo de Apoio aos Professores Deficientes Visuais, em estreita colaboração com Aida Bruno Coelho e Maria Olívia Nogueira. Autora do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Bloco Pedagógico "En Marche", (Nível 1 e Nível 2), Lisboa, Editorial o Livro, 1992, 1993 e 1994, destinado aos níveis de Iniciação no Francês, Língua Estrangeira (5º, 7º e 10º Anos); de Uma Luz na História - Biobibliografia de Joaquim Guerrinha, seu Pai; de Artigo sobre a situação profissional dos Professores Deficientes Visuais e sobre a actividade desenvolvida no NAPDV - Núcleo de Apoio aos Professores Deficientes Visuais, in: «Escola Democrática», Lisboa, Janeiro 1988, Ano IX, Nº 3, e in: «Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura», Porto, Janeiro 1988; de Artigo sobre "Estatuto da Carreira Docente do Ensino Não Superior", lido pela própria, em Reunião Sindical na Aula Magna da Reitoria da Universidade de Lisboa, em 10 de Maio de 1988, entregue, por mão própria, em 11 de Maio de 1988 ao Senhor Ministro da Educação, in: «Jornal de Notícias», Porto, 15.07.1988, «Página Educação»; de Relatório das Actividades do NAPDV - Perspectivas para 1981, in: «Poliedro: Revista de Tiflologia e Cultura», Porto, Julho 1981; de Artigo sobre "Encontros didácticos dos Professores Deficientes Visuais", in: «Poliedro», Porto, Outubro 1981; da Comunicação para o Encontro Nacional de Professores Deficientes Visuais, "Alguns pressupostos pedagógico-didácticos", em co-autoria com Aida Bruno Coelho, in: «Poliedro», Porto, Outubro 1981; da Comunicação "Como dignificar o Professor Deficiente Visual?" em co-autoria com Aida Bruno Coelho, in: «Poliedro», Porto, Julho 1988; de Uma Força da Natureza - Biobibliografia de Aida Bruno Coelho (em preparação); de Projectos interdisciplinares em co-autoria com Aida Bruno Coelho: 1. Licença Sabática - Área do Português e Educação Musical - Trabalho de Investigação Aplicada, e 2. Equiparação a Bolseiro - Área do Francês e Educação Musical (Ensino Precoce do Francês) - Trabalho teórico-prático com inclusão de dois CDs. Enquanto aposentada, é professora de Francês na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Universidade Sénior de Azeitão, desde 2015, para cuja Revista «Plural-Idades» tem colaborado com diversos Artigos. Integra, desde Setembro de 2017, um grupo de Teatro nos "Opostos - Mãos d'Água" - Peça em palco, de seniores para crianças, em exibição no salão "A Voz do Alentejo" - Quinta do Conde, em duas salas cedidas pela Câmara Municipal de Setúbal e numa sala cedida pela Câmara Municipal de Palmela. Nomeada Secretária da Direcção do Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional Pastoral dos Ciganos (SDL) para o quadriénio Abril 2017 / Abril 2021.

• **David Rodrigues (DavR)** - "A boa educação é inclusiva"? Professor de Educação Especial, Doutorado e Agregado na Universidade Técnica de Lisboa. Professor Catedrático e Investigador na Faculdade de Motricidade Humana. Presidente da Pró-Inclusão, Associação Nacional de Docentes de Educação Especial. Tem vindo a desenvolver um trabalho científico de aprofundada relevância e reconhecido além-fronteiras. Tem uma vasta obra científica publicada.

• **Dina Almeida (DA, nome completo Dina Maria Lopes de Almeida)** - Diploma de Estudos Superiores Especializados, pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto, com equivalência profissional a Licenciatura (Lei de Bases do Sistema Educativo - Artigo 13º); Bacharelato em Filologia Românica, pela Faculdade de Letras de Coimbra; frequência do Mestrado em Português Língua não Materna (PLNM), na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; Doutoranda em Ciências da Educação, no Instituto de Educação da ULHT. Professora de Educação Especial do Grupo 920 (Surdez) na Escola Secundária de Avelar Brotero, em Coimbra, e Coordenadora da Equipa Técnico-Pedagógica

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

do Núcleo de Alunos Surdos desta Escola. Formadora Acreditada pelo CCPFC, na área de Educação Especial. Curso de Formação em Língua Gestual Portuguesa. Tem sido nomeada pelo Ministério da Educação para a elaboração de projetos e legislação para alunos surdos e intervenção na área de investigação pedagógica neste domínio; tem vindo a desenvolver relevante trabalho de investigação e respetiva aplicação no bilinguismo, biculturalismo, mente surda e cultura surda, tendo sido, inclusive, Responsável por vários projetos na área da surdez, anível nacional e internacional, de entre os quais, pelo Projeto Europeu "Integrar pela Arte - em parceria com a Escola Grega Hight School for Deaf Students of Argiroupolis, em Atenas", inserido no Programa Juventude para a Europa do Instituto da Juventude; Responsável pelo Projeto Europeu "Cultura e Comunicação - Produção de Material Didático para Alunos Surdos", inserido no Programa Comenius do Ministério da Educação; Promotora e Coordenadora da produção de Material Didático Multimédia Bilingue para alunos surdos. Tem um muito importante trabalho científico e de investigação desenvolvido e publicado.

• **Dolores Affonso (DDA, nome completo Dolores Daniela Affonso)** - Mestranda em Ciências Empresariais na UFP - Universidade Fernando Pessoa (Porto/Portugal) e cursando especialização em Tradução Audiovisual Acessível - Audiodescrição, pela UECE - Universidade Estadual do Ceará. Graduada em Administração de Empresas com habilitação em marketing, MBA em Marketing pela FGV - Fundação Getúlio Vargas, especialista em *Design Instrucional* para Educação a Distância pela Facel - Faculdade de Administração, Ciências, Educação e Letras e em Educação Especial pela UCDB - Universidade Católica Dom Bosco. Professora e orientadora em cursos de graduação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e pós-graduação presenciais e a distância na FGV. Já atuou como professora e orientadora na Facel em cursos de especialização em *Design* Instrucional. Consultora em projetos de acessibilidade internos e corporativos (CENIPA, Caixa Econômica Federal etc.) na FGV. Atua ainda como Consultora em administração, marketing, novas tecnologias, acessibilidade, tecnologia assistiva e inclusão. Palestrante e instrutora de treinamentos online e presenciais para instituições de ensino, organizações corporativas etc. *Designer* instrucional, *webdesigner* de sites e ambientes virtuais de aprendizagem acessíveis. Diversos artigos publicados e materiais desenvolvidos. Atuou como consultora, palestrante, instrutora e *designer* instrucional para diversas empresas e instituições, tais como Senac, Sebrae, Fiocruz etc. Mais de 20 livros adaptados para o Senac. Participação em diversos projetos e eventos. Colunista em vários sites e revistas. Apresentadora em programa de rádio. Participante de entrevistas, debates e mesas redonda em diversos veículos de comunicação. Idealizadora do primeiro Congresso de Acessibilidade online e gratuito no mundo com foco em pessoas com deficiência e mobilidade reduzida.

• **Dolores Tomé (DT)** - Flautista Licenciada em Educação Musical; Mestre em Ciências da Educação; Doutora em Informação e Comunicação em Plataformas Digitais, pela Universidade do Porto. Foi Coordenadora de Musicografia Braille por muitos anos na Escola de Música de Brasília e Diretora de Cultura Inclusiva da Secretaria de Estado de Cultura do Distrito Federal. É filha de João Tomé, músico cego, com quem aprendeu as primeiras noções do braille. Com vocação para o magistério e estimulada pelo exemplo paterno, desde 1985 tem vindo a dedicar-se ao ensino de música para deficientes visuais, tendo-se tornado uma das

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

peessoas com maior conhecimento no Brasil sobre Musicografia Braille e Educação Musical para cegos. "A educação fornece aos deficientes visuais melhores meios para ganhar a vida", escreve na sua Dissertação de Mestrado. E, da teoria à prática, vive em constante investigação sobre Arte, diversidade e inclusão sociocultural. Pós-Doutoranda em Ciências da Comunicação na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologia da Informação da ULHT, em Lisboa/Portugal, ao abrigo de uma parceria entre a Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT)/Portugal e a Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)/Brasil.

• **Domingos Rasteiro (DR, nome completo Domingos Manuel da Silva Rasteiro) - Doutor em Ciências da Educação, pela Universidade de Extremadura/Espanha.** Professor e Investigador no Instituto Piaget de Almada. Durante muitos anos, foi Diretor Municipal da Câmara Municipal de Almada. Tem vindo a desenvolver aprofundada e muito relevante investigação na área da educação especial e intervenção precoce, inclusive, com particular reconhecimento no estrangeiro. Tem um importante trabalho de investigação científica desenvolvido.

• **Edgar Gonçalves Pereira (EGP) - Psicólogo, Doutor em Psicologia Clínica, área da Comunicação no Autismo.** Professor e Investigador na ULHT. Conselheiro Científico para as Escolas A.B.A., para Crianças com Autismo, da ABC Real Portuguesa. Diretor Pedagógico do Centro da APPDA em Lisboa. Tem relevante investigação científica realizada e publicada, bem como investigação e desenvolvimento de projetos, aplicação dos mesmos e intervenção, também precoce, nas áreas da sua especialidade: psicologia clínica e nas questões aprofundadas do autismo.

• **Fernanda Bessa (FB, nome completo Maria Fernanda Souto Bessa)** - Licenciada em Engenharia Florestal; Mestre em Engenharia dos Materiais Lenhocelulósicos; Doutora em Engenharia Florestal. Professora universitária na Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa; no Instituto Politécnico de Viseu; na Escola Superior de Educação, do Instituto Jean Piaget de Almada; na Universidade Eduardo Nondlane, em Moçambique; na Faculdade de Agronomia e Engenharia Florestal, em Moçambique; na Universidade de Cabo Verde; na Universidade Maturidade de Santa Maria de Belém, em Lisboa. Investigadora do Grupo de Investigação Forchange, Gestão dos Ecossistemas Florestais, Instituto Superior de Agronomia da Universidade de Lisboa. Coordenadora Educativa no Centro Ciência Viva de Sintra, sendo também Responsável pela internacionalização deste Centro com contactos para países da lusofonia (Moçambique, Cabo Verde, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, etc.). Secretária Geral da ONGD Causa Maior.

• **Fernando Abreu Matos (FAM)** - Licenciado em História, Profissionalizado em Ensino pelo Centro Integrado de Formação de Professores da Universidade da Madeira; Mestre em Ciências da Educação, na Especialidade de Administração Educacional; Curso de Formação Avançada sobre "Conhecimento, Decisão Política e Acção Pública em Educação". Professor do Ensino Secundário na Escola Secundária de Alves Redol de Vila Franca de Xira. Membro do Forum Português de Administração Educacional; Presidente do Grupo de Estudos Sociais, Tiflológicos e Associativos - Movimento Progressista (GESTA-MP); Membro da Assembleia de Representantes da ACAPO; Vice-Presidente da ACAPO (1999-2000).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- **Fernando Bivar Weinholtz (FBW)** - Médico Oftalmologista e Investigador, também na área da tiflogia, fundador e responsável do Gabinete de Subvisão do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto até Janeiro de 2017. Tem importante investigação realizada e publicada.

- **Francisco Alberto Ramos Leitão (FRL)** - Doutor em Educação Especial e Reabilitação. Professor Associado na Faculdade de Educação Física e Desporto e no Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (MCATA)/ECATI da ULHT. Professor e Investigador no domínio da Intervenção Precoce, com trabalho publicado e aplicado. Regente das unidades curriculares "Competências Comunicativas, Inclusão e Qualidade de Vida", no MCATA, "Desenvolvimento e Adaptação Motora", "Educação Física Adaptada", no 2º Ciclo de Formação de Professores de Educação e Desporto, e "Intervenção Educativa Precoce", na FMH/UTL. Tem uma vasta investigação científica realizada e publicada.

- **Francisco Godinho (FG)** - Doutor em Engenharia de Reabilitação, Professor e Investigador na UTAD, Presidente da SUPERA (Sociedade Portuguesa de Engenharia de Reabilitação e Acessibilidade). Tem investigação relevante, realização e aplicação de projetos na área da sua especialidade, de reconhecida importância para as pessoas com deficiência.

- **Horácio Saraiva (HS, nome completo Horácio Pires Gonçalves Ferreira Saraiva)** - Doutor em Psicologia e Ciências da Educação e Pós-Doutorado em Psicologia Clínica e da Saúde. Psicólogo. Professor universitário e Investigador.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Membro da Pró-Ordem dos Psicólogos, da Sociedade Portuguesa de Psicologia Clínica e da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação. Sócio da Organização Mundial de Educação Pré-Escolar, da Sociedade Portuguesa de Pediatria e da Sociedade Portuguesa de Alergologia e Imunologia Clínica.

• **João Palmeiro (JP, nome completo João Soares Palmeiro Novo)** - Licenciado em Direito e Mestre em Direção e Gestão dos Sistemas de Segurança Social. Exerceu as funções de Diretor do Centro Distrital de Solidariedade e Segurança Social em Portalegre; antes havia desempenhado as funções de Vogal do Conselho Diretivo do Centro Regional do Alentejo, tratando-se de um órgão colegial, foram-lhe delegados os Pelouros que se relacionam com a gestão do Centro Regional. Em 1999 foi candidato a Deputado para o Parlamento Europeu, tendo para isso suspenso as funções que exercia como Vogal do Conselho Diretivo do Centro Regional do Alentejo. Em 1995 foi eleito Deputado à Assembleia República. Como Deputado integrou a 1ª Comissão Parlamentar (Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias), tendo por via desse desempenho sido Deputado relator em diversos diplomas legais discutidos nessa sede. Também, enquanto Deputado, representou o Grupo Parlamentar em diversos grupos de trabalho. Entre 1993 e 1995 desempenhou as funções de Administrador Delegado da Associação de Municípios do Norte Alentejano. Entre 1991 e 1993 esteve integrado no sector de apoio jurídico no Departamento de Recursos Humanos na Polícia Judiciária, aí tendo elaborado pareceres e informações de natureza jurídica com predominância no ramo de Direito Administrativo. Anteriormente e desde 1986, tinha sido responsável na Polícia Judiciária, pela informatização e gestão provisional dos efetivos. A sua atividade profissional

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

foi iniciada em 1983, no Instituto de Reinserção Social, desenvolvendo enquanto Técnico afeto ao Departamento de Pessoal, atividades nas áreas de Gestão, Marketing e Formação de Pessoal. Foi formador do Colégio Diocesano de Santo António em Portalegre, no Curso de Especialização Tecnológica Pós-Secundário (CET), sendo responsável pelas unidades curriculares "Sociedade, Economia e Direito", "Legislação de Publicações Eletrónicas" e "Relações Interpessoais". No ano de 2003, tinha sido formador da unidade curricular "Gestão de Recursos Humanos", Foi formador do curso de Direito do Trabalho, ministrado em reciclagem dos TOC, a solicitação da Câmara dos Técnicos Oficiais de Contas. Estruturou e ministrou diversos Cursos de Formação Profissional nos organismos onde exerceu funções e igualmente no Instituto Nacional de Polícia e Ciências Criminais. Foi membro da Assembleia Municipal de Castelo de Vide, durante dois mandatos, tendo exercido a função de Presidente em substituição. Foi um dos elementos fundadores da comissão executiva da SEDES Jovem. Foi sócio fundador e Presidente da Assembleia Geral da TÉGUA (Associação de Desenvolvimento Regional d'entre Tejo e Guadiana). Fez uma intervenção nas Jornadas de Informação e Formação sobre o tema "A Situação do idoso no contexto do Alentejo". Idealizou, organizou e moderou o seminário "A Justiça das Penas", promovido pela Universidade Internacional. Organizou e moderou, enquanto membro da Comissão executiva da SEDES (Jovem), o colóquio "Reflexões sobre o Ensino Superior", que se realizou em Abril de 1993, em Lisboa. Publicou o trabalho "Inexecução das Sentenças Administrativas", no Boletim da universidade internacional. Em 1991, no IV Encontro Nacional de estudantes de Direito, realizado na Universidade Católica do Porto, interveio numa sessão de trabalho, proferindo uma dissertação sobre Direito e Reinserção Social. Possui ainda alguma experiência

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Jornalística, nomeadamente através da colaboração escrita na revista «TIL». Tem sido por diversas vezes comentador convidado para vários programas de rádio. É Advogado e Presidente do Conselho de Administração da Fundação Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide.

• **João Soares (JS, nome completo João Barroso Soares)** - Militante do Partido Socialista desde a sua fundação. Fundador com Vítor Cunha Rego da Editora Perspectivas y Realidades (PYR), da qual se mantém proprietário. Deputado de Portugal em funções na Assembleia da República, tendo sido Deputado do Parlamento Europeu, Presidente da Assembleia Parlamentar da Organização para a Segurança e Cooperação na Europa (OSCE), Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Ministro da Cultura do XXI Governo Constitucional, de entre outros altos cargos desempenhados.

• **Joaquim Melro (JM, nome completo Joaquim Melro de Jesus)** - Doutor em Ciências da Educação, na Especialidade Supervisão e Orientação da Prática Profissional. Título da Tese "Do Gesto à Voz: Um estudo de caso sobre a inclusão de estudantes surdos no ensino secundário recorrente noturno". Integra projetos de investigação científica de extrema importância na sua área de especialização.

• **Jorge de Melo Serrano (JMS)** - Doutor em Estudos da Criança/Educação Especial. Professor universitário e Investigador. Ex-Diretor Científico da ESEAG/Grupo Lusófona. Professor no Instituto Piaget de Almada. Idóneo e de reconhecida competência na área da educação especial e intervenção precoce, com importante trabalho científico realizado e aplicado.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

• **Jorge Vilela de Carvalho (JVC)** - Professor na Faculdade de Motricidade Humana, da Universidade de Lisboa, e na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal. Diretor do Departamento de Desporto do Instituto Português do Desporto e Juventude. Formador de Recursos Humanos no domínio do desporto para as pessoas com deficiência em Portugal, Brasil, Angola, Moçambique, Macau, São Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau e Cabo Verde, desde 1983.

• **José A. Bragança de Miranda (JBM)** - Investigador e ensaísta, Sociólogo, Doutor e Agregado em Ciências da Comunicação, Professor Catedrático na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da UNL e na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da ULHT. Diretor da ECATI e Assessor Científico da ULHT. Tem um relevante trabalho científico realizado e aplicado em Portugal e no estrangeiro.

• **José Maria Pedrosa d'Abreu Cardoso (JPC)** - Doutor em Ciências Musicais Históricas pela Universidade de Coimbra. Foi Professor no Conservatório Nacional e na Universidade de Coimbra. É Investigador, ensaísta e tem uma relevante obra científica realizada e publicada.

• **Júlio Damas Paiva (JDP)** - Mestre em Educação Especial, Especialista em Orientação e Mobilidade, Professor e Investigador, Fundador da Escola de Cães-Guia, em Mortágua. Tem um muito digno trabalho realizado e aplicado na área da educação especial.

• **Manuel Antunes (MAA, nome completo Manuel de Azevedo Antunes)** - Natural de Vilarinho da Furna. Licenciado em Filosofia e Teologia, em Administração

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ultramarina, em Ciências Político-Sociais, *Maître en Sciences Politiques Sociales*, Doutorado em Ciência Política. Professor/Investigador na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Entre muitas das suas atividades académicas e profissionais, em Portugal e no estrangeiro, é de destacar que foi estudante nas Universidades de Lisboa e Paris (1966-1977), docente nas Universidades de Lisboa e Maputo (1975-1991), Consultor das Nações Unidas, em Moçambique (1989). Na Guiné-Bissau, participou no Inquérito Demográfico e Sanitário, para o Ministério da Saúde, com apoio do Banco Mundial (1988-1992). Foi fundador do Museu Etnográfico e do Museu Subaquático de Vilarinho da Furna. É sócio de várias Associações Científicas e do Ambiente, nomeadamente da Sociedade de Geografia de Lisboa e d'AFURNA - Associação dos Antigos Habitantes de Vilarinho da Furna. É autor de dezenas de livros e artigos.

• **Manuel da Costa Leite (MCL)** - Doutor em Ciências Cognitivas e da Computação. Professor Catedrático na ECATI/ULHT e no Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Investigador permanente no CIC-Digital (Pólo CICANT), com significativo trabalho científico realizado e em implementação.

• **Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro (MLRFG)** - Licenciada em Ciências da Informação; Especializada em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e também Mestranda neste domínio; Investigadora na área da Deficiência em Geral. Ex-Técnica Profissional de Bibliotecas e Documentação na Biblioteca do Hospital de São José, no Instituto de Defesa Nacional, na Comissão Nacional da UNESCO e na Faculdade de Ciências Tecnológicas da Universidade Nova de Lisboa. Tem importante trabalho científico da sua área de especialização

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

publicado em Congressos, nacionais e internacionais. Integra projetos de investigação e desenvolvimento na área das competências biblioinclusivas e das problemáticas da deficiência em geral. Tem obra publicada na área da Literatura.

• **Maria de São José Amaral (MSJA)** - Doutora em Ciências da Informação, pela Universidade Complutense de Madrid, e Investigadora na área das problemáticas da deficiência em geral. Ex-Técnica Superior no INR, I.P., neste âmbito com o desempenho de altos cargos em Comissões diversas a nível nacional. Integra projetos de investigação e desenvolvimento de extrema importância na área da deficiência em geral, de reconhecimento público.

• **Maria José Freire (MJF, nome completo Maria José Duarte Freire)** - Professora Especialista na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Setúbal, também com o desempenho de cargos diretivos. Filha de pais surdos. Desde 1980, abraçou a profissão de Intérprete de Língua Gestual Portuguesa (LGP). Foi membro ativo da Comissão para o Reconhecimento e Proteção da Língua Gestual Portuguesa. Licenciada em Línguas e Literaturas Modernas e Mestre em Didática de Línguas, vertente de Português Língua não-materna. Em 2012, completou as Provas de Especialista em Língua e Literatura Materna - Língua Gestual. Possui o Diploma de Estudos Avançados em Linguística, especialidade de Lexicologia, Lexicografia e Terminologia, da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Nos últimos vinte anos, tem-se dedicado ao ensino, no âmbito da docência e interpretação da LGP, integrando a equipa de coordenação dos cursos de LGP, na Escola Superior de Educação de Setúbal. Colabora, sob

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

nomeação da ANAPI-LG - Associação Nacional e Profissional da Interpretação - Língua Gestual, com o núcleo da Língua Gestual Portuguesa, no Instituto Nacional para a Reabilitação. Tem uma significativa obra de investigação publicada na área.

- **Maria Manuela Varela Pereira Cardoso (MMC)** - Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Professora de Educação Especial. Com relevante trabalho de investigação realizado e aplicado.

- **Maria Romeiras Amado (MRA)** - Licenciada em História e Doutorada em História da Educação. Investigadora na Unidade de Investigação do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, onde desenvolve pesquisas na área da História da Cegueira, História da Deficiência e História Comparada da Educação. Tem um relevante trabalho científico realizado e publicado.

- **Sónia Ramos (SR, nome completo Sónia de Jesus Pais Ramos)** - Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Licenciatura em Estatística e Gestão de Informação (pré Bolonha). Marketing Digital. A Nova Versão ISO001: 2015. Consultancy training in the framework of European Quality in Social Services (EQUASS). Sócia Gerente, Consultora e Formadora na Plataforma Social, Odivelas/Portugal, entre 2010-2015. Foi Coordenadora do Sistema de Gestão da Qualidade e da Formação da AFID, 2003-2015 Gestora. É Sócia Gerente na empresa Interdomicilio em Odivelas/Portugal desde Maio de 2016.

- **Susana Juzarte (SJ, nome completo Susana Albertina Juzarte Costa)** - Doutoranda FCT em Estudos Comunicação, Tecnologia, Cultura e Sociedade, na ECATI/ULHT-UBI-

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

ISTCTE-UMinho. Investigadora no CIC-Digital(CICANT). Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio. Presta assessoria em comunicação acessível e em eventos; acessibilidades e adaptação de conteúdos e materiais em comunicação-ensino-turismo-Museologia-TIC, Braille, plantas e mapas impressos, 3D, Maquetes, língua fácil-linguagem simbólica-SPC (Pictogramas), audiodescrição-narração, legendagem adaptada a surdos, formação. Professora de Educação Especial.

• **Vítor da Fonseca (VF)** - Doutor em Motricidade Humana, na Especialidade em Educação Especial e Reabilitação. Professor Catedrático Agregado da FMH da UTLisboa. Investigador/Ensaísta, Pedagogo/Psicomotricista. Consultor Psicoeducacional. Tem uma vasta investigação científica realizada e publicada, aplicada e reconhecida em Portugal e no estrangeiro.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## **CONTRIBUTOS CIENTÍFICOS PARA A DIVERSIDADE TERMINOLÓGICA DA TEMÁTICA DO DICIONÁRIO**

**Adalberto Fernandes (AF)** - Atualmente é Técnico Superior Assessor no Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR, IP), Investigador na área da deficiência em geral e integra projetos de investigação e desenvolvimento nesse domínio. Foi Chefe de Divisão do Centro de Investigação e Formação "Maria Cândida da Cunha" do então Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (1999-2007); Membro do Conselho Editorial do Magazine Televisivo "Consigo" da RTP2; Membro do Painel de Avaliação do Concurso "Inclusão Digital" da Unidade Missão, Inovação e Conhecimento (UMIC) do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior; Coordenador da Revista "Integrar" e do Grupo de Trabalho "Perfil Profissional dos Futuros Docentes de Língua Gestual Portuguesa"; Membro do Grupo de Trabalho "Os Estudantes com Deficiência no Ensino Superior"; Responsável do projeto "Gestuário" da Língua Gestual Portuguesa por parte do INR, I.P.; Formador e preletor em diversos eventos do Sistema Nacional da Deficiência.

**Aires Alves (AFA, nome completo Aires Francisco Alves)**  
- Nasceu a 28 de Agosto de 1967, na cidade da Marinha Grande, Distrito de Leiria. É portador de uma deficiência visual congénita. O seu percurso, enquanto estudante, dividiu-se entre a frequência de escolas de Ensino Especial (Instituto de Cegos Branco Rodrigues e Instituto de Cegos de Coimbra) e o ensino regular, na aldeia da sua residência, Albergaria, concelho da Marinha Grande, e Leiria, onde frequentou o Ensino Preparatório e Secundário. Em 1988, passou a residir na Grande Lisboa, frequentando, em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

simultâneo, a Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa (que abandonara mais tarde sem completar o curso) e um Curso de Formação de Técnicos de Braille na Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), com a duração de três anos, o qual veio a ser fundamental para o seu futuro profissional. Em 1992, ingressou na ACAPO, como Técnico de Braille, função que exerce até hoje. A par destas funções, tem participado em inúmeras conferências e colóquios, subordinados a toda a temática da deficiência visual, designadamente acessibilidades, novas tecnologias da informação e comunicação, acesso à cultura, desporto para todos, etc. Participou, como representante da ACAPO, em várias comissões criadas pelo Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., no sentido de se harmonizar a produção bibliográfica em suportes acessíveis. Em 2015, foi convidado para integrar uma Comissão, no âmbito do Núcleo Braille e Meios Complementares de Leitura, responsável pela revisão da Grafia Braille para a Língua Portuguesa. Tem frequentado várias especializações na área do Sistema Braille, com vista a um melhor e sempre atualizado uso deste sistema de leitura/escrita, nomeadamente a sua utilização em contexto informático e o sempre necessário aperfeiçoamento dos conhecimentos relativos às suas diversas grafias. Fora do seu domínio profissional, criou, em 2011, o «Jornalinho», grupo do googlegrupos que tem como objetivos a divulgação e partilha de conhecimento e a promoção da cultura de todos e para todos.

**Alberto Nídio Silva (ANS)** - Doutor e Mestre em Estudos da Criança, área do conhecimento da Sociologia da Infância, pela Universidade do Minho. Foi, por mais de trinta e dois anos, docente da educação básica inicial, aí particularmente envolvido na gestão e administração educacionais, área do conhecimento em que é licenciado, com especializações em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

associativismo educacional e administração educacional. É, no presente, membro integrado do CIEC - Centro de Investigação em Estudos da Criança (Unidade 317 da FCT), do Instituto de Educação da Universidade do Minho - estando os seus estudos focalizados nas culturas da infância, com particular incidência na cultura lúdica e no folclore infantil enquanto sua incontornável e primordial expressão. Tem livros publicados e capítulos em várias obras de referência, para além de artigos científicos dados à estampa em revistas especializadas, aonde a temática dos jogos, brinquedos e brincadeiras está sempre presente. Das obras publicadas, destaca-se, neste domínio, o livro *Jogos, Brinquedos e Brincadeiras: trajetos intergeracionais*, com edição em 2012 (Atahca-Associação das Terras Altas do Cávado, Homem e Ave), atualmente esgotado.

**Alberto Trovão do Rosário (ATR)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Aline de Almeida (AA, nome completo Aline Martins de Almeida)** - Doutoranda pelo Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História, Política, Sociedade da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e pelo Programa de Doutorado Sanduíche na Universidade de Coimbra (Ceis20).

**Ana Paula Soares Santos Silva (APSSS)** - Terapeuta Ocupacional. Licenciada em Terapia Ocupacional pela Escola Superior de Saúde do Alcoitão. Título de Especialista em Terapia Ocupacional - Área de Terapia e Reabilitação. Diretora do Lar Branco Rodrigues da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML) desde 2012. Diretora do Centro de Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos da SCML em 2011-2012. Terapeuta Ocupacional no Centro de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos, entre 1990 e 2011, e no Instituto Adolfo Coelho, entre 1978 e 1990. Estágios profissionais em deficiência mental, saúde mental, desenvolvimento neuro-psicomotor, reabilitação física. Coordenação, no âmbito das suas funções técnicas, de Programas de intervenção técnico-pedagógicos e Programas de Reabilitação; Conceptualização de Projetos e Programas dirigidos a crianças e jovens com dificuldades de aprendizagem e insucesso escolar e Projetos e Programas dirigidos a adultos e adultos seniores com deficiência visual; Colaboração no Projeto Minerva; Participação na elaboração do Modelo Educativo do Instituto Adolfo Coelho; Formadora em ações de Formação teórico-práticas das áreas de reabilitação - Atividades da Vida Diária, Competências Sociais, Técnicas de Orientação e Mobilidade em 1997, 2000, 2003 e 2004; Formadora do Curso de Formação Profissional sobre Autonomia Funcional: Iniciação à orientação e mobilidade em 2006; Contributo no estudo das funções dos técnicos auxiliares de diagnóstico e terapêutica, promovido pela Secretaria da Segurança Social em 1986; Participação em Grupos de Trabalho da SCML - Carta Social/Reabilitação e Deficiência em 2011-2012; Preleção em temas da reabilitação em ações de sensibilização, fóruns e congressos; Monitoria de Estágios do Curso de Terapia Ocupacional da Escola de Medicina e Reabilitação do Alcoitão de 1984 a 1993 e Monitoria de Ações de Voluntariado, Estágios de Observação e Estágios de Intervenção do 1º, 2º, 3º e 4º anos da Licenciatura em Reabilitação e Inserção Social do ISPA de 1998 a 2005; Constituição e Participação em Júris de concursos da carreira de Técnica de Diagnóstico e Terapêutica, em 1991, 1996 e 2005.

**Ana Paula Vital (APV)**

**[Ver Coordenação Científica].**

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**Ana Sofia Antunes (ASA)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Anna Feitosa (AMAF)**  
[Ver Coordenação Científica].

**António Borges (AB)**  
[Ver Coordenação Científica].

**António Carmo (AC)** - Doutorado em Ciências da Educação, pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com a Tese subordinada ao título Projeto de Colaboração Intergeracional - "Encontro entre Gerações na sala de aula". Orientador Educativo de Turma e Professor de TIC, Economia na Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (2014/2018). Professor de TIC, Economia e Área de Integração, Contabilidade. Orientador Educativo de Turma e Coordenador de Cursos EFA e Diretor de Cursos CEF na Escola Profissional Bento de Jesus Caraça (Seixal, Lisboa, Barreiro, 2000/2014). Colaborador na elaboração de manuais para a Licenciatura em Auditoria e Contabilidade no Instituto Superior Monitor de Moçambique (2011/2012), Instituto Bento de Jesus Caraça em colaboração com Instituto Português de Apoio ao Desenvolvimento, Formador em regime B-Learning em Cabo Verde - Tecnologias Básicas da Informação e Comunicação, Técnico Oficial de Contas, inscrito na OTOC - nº 62000 (2010 e 2011), Professor no Instituto de Educação, Universidade de Lisboa, convidado no Mestrado em Ensino Didática da Contabilidade e Economia - Unidade Didática de "Didática da Contabilidade" (2003/4 e 2001/2). Investigador com particular enfoque na docência, na inclusão, diversidade e equidade.

**Antônio da Silva Mendes (ASM)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Antônio Galhardo Carvalho (AGC)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Aquilino Rodrigues (AR)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Artur Olímpio Silva (AOS)**

**[Ver Coordenação Científica; Tifloensino Dinâmico; Silva, Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da].**

**Augusto Deodato Guerreiro (ADG)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Benedita Lima (BL)** - Psicóloga. Mestre em Ciências da Educação, especialidade Educação de Adultos (UCL); Doutoranda em ciências da Educação no ISE/UL. Professora convidada na ECATI/ULHT, MCATA; Professora no ISPA, com responsabilidade na área científica das Ajudas Técnicas e Novas Tecnologias em Reabilitação e Inserção Social. Gestora de projetos no âmbito de Programas da UE (formação a distância, teletrabalho e empreendedorismo); enquadradora de estágios académicos e profissionais; formadora acreditada pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua de Professores e responsável pelas áreas de competências pessoais e relacionais, emprego e formação pedagógica de formadores. Investigadora/colaboradora no CICANT da ECATI/ULHT

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**Carlos Mourão Pereira (CMP)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Catarina Ramos (CR)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Claudino Arieira Pinto (CAP)** - Licenciado em Direito. Advogado. Músico e especialista em musicografia braille. Técnico Superior (aposentado) na Área de Leitura para Deficientes Visuais (ALDV) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), onde continua a prestar colaboração em regime de voluntariado. Tem organizado e participado em ciclos de conferências e seminários essencialmente na área do tifoassociativismo, em que também tem desempenhado cargos diretivos, e da tiflologia, tendo investigação e trabalhos publicados no domínio. Depois da sua atividade profissional na ALDV da BNP, virou-se para a propagação da Musicografia Braille entre os Deficientes Visuais, aproveitando os vastos conhecimentos que detém da Música, pelo que tem participado em certames sobre a matéria e dinamizado o exercício desta atividade. Em concreto, presentemente, participa, enquanto instrumentista e maestro, em várias atividades culturais, sendo, inclusive, organista na Igreja Católica e dando aulas de Musicografia Braille exclusivamente a jovens cegos numa Escola Básica, fruto de um curso aprovado pela Fundação Calouste Gulbenkian, ganhando assim pontos e verdadeira autenticidade a vertente inclusiva da música.

**Comissão de Braille (CB).**

**Dalila de Jesus Guerrinha (DJG)**  
[Ver Coordenação Científica].

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## **Dicionário de Ciências da Comunicação (DCC).**

**Dolores Affonso (DDA)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Dolores Tomé (DT)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Domingos Rasteiro (DR)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Domingos Rosa (DomRo, nome completo** Domingos Marques Alves Rosa) - Licenciado em Finanças, pelo ISEG - Instituto Superior de Economia e Gestão; Pós-Graduação em Gestão da Construção e do Património e Imobiliário, pela Universidade do Minho, com a inclusão da cadeira de Gestão de Sistemas da Qualidade; Curso de Formação de Formadores, com CAP; Curso de Gestão das Organizações Sociais (GOS) da Escola de Direcção e Negócios da AESE - Associação de Estudos Superiores de Empresa; Frequência de cursos na área da Gestão de Empresas - (Finanças, Marketing, Gestão de Empresas, Mercados de Capitais, Liderança, Estratégia, Qualidade); Doutorando em Ciências da Educação no Instituto de Educação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias. Atividade Profissional: Gestor de Empresas; Gestor de Projectos; TOC - Técnico Oficial de Contas; Consultor Sénior nas áreas Financeiras, Qualidade, Estratégia Empresarial; Responsável e/ou interveniente na implementação de Sistemas de Gestão da Qualidade (ISO 9001, Marca ISS da Segurança Social e EQUASS) em empresas privadas de prestação de serviços e na Fundação AFID Diferença (área social); Consultor na área da Qualidade, no âmbito da Norma ISO 9001, EQUASS e Marca ISS. Atividade Social: Presidente do Conselho de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Administração da Fundação AFID Diferença; Presidente da Direção Nacional da AFID - Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente; Vice-Presidente da APQ - Associação Portuguesa para a Qualidade; Sócio Gerente da Empresa de Consultoria nas áreas de Gestão de Empresas e da Qualidade, Plataforma Social, Lda. Membro das Redes Sociais da Amadora e da Freguesia da Buraca - Órgãos de Assessoria dos Presidentes da Câmara Municipal da Amadora e da Junta de Freguesia da Buraca, Amadora; Membro fundador das Associações de Doentes da APIFARMA (Associação Portuguesa da Indústria Farmacêutica).

**Edgar Gonçalves Pereira (EGP)**

[Ver Coordenação Científica].

**Fernanda Bessa (FB)**

[Ver Coordenação Científica].

**Fernando Abreu Matos (FAM)**

[Ver Coordenação Científica].

**Fernando Bivar Weinholtz (FBW)**

[Ver Coordenação Científica].

**Filipe Pereira Oliva (FPO)** - Nascido a 5 de Outubro de 1934 e falecido a 7 de Junho de 2009. Investigador, articulista/ensaísta, tiflólogo, braillólogo e braillógrafo, Membro da Comissão de Braille em Portugal. Fundou e dirigiu o Serviço do Livro para o Cego, hoje Área de Leitura para Deficientes Visuais, da Biblioteca Nacional de Portugal.

**Francisco Godinho (FG)**

[Ver Coordenação Científica].

**Helder Henriques (HH, nome completo Helder Manuel Guerra Henriques)** - Doutor em Ciências da Educação - História da educação pela Universidade de Coimbra. Professor do Instituto Politécnico de Portalegre e Investigador integrado do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX da Universidade de Coimbra.

**Isabel Ferreira Camalhão (IFC, nome completo Maria Isabel Mota Ferreira Camalhão)** - Doutorada em Ciências da Educação pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias; Mestre em Ciências da Educação, na área de Cognição e Multideficiência, pela Escola Superior de Educação de Lisboa; Curso de Formação Especializada: Educação Especial, Educadores e Professores do 1º, 2º e 3º Ciclos do Ensino Básico, no ramo de Especialização de Problemas de Cognição/Motores, pela Escola Superior de Educação de Lisboa; Curso de Complemento de Formação Científica e Pedagógica de Professores do 1º Ciclo do Ensino Básico - Licenciatura pelo Instituto Superior de Educação e Ciências. Magistério Primário de Lisboa - Bacharelato pela Escola do Magistério Primário de Lisboa. Docente de Educação Especial, especializada no ramo Multideficiência, Cognição e Motor, com uma vasta experiência no trabalho com crianças com Necessidades Educativas Especiais, mesmo em Unidades de Multideficiência. Atualmente integra as Equipas de Avaliação dos Alunos Referenciados no Agrupamento de Escolas de Benfica. Fez parte da equipa organizadora das provas comuns de Português do 4º ano adaptadas aos alunos com necessidades educativas especiais do Agrupamento de Escolas de Benfica. Dinamizou e organizou a "Exposição Interativa", sob a responsabilidade do Departamento de Educação Especial, com três turmas do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

2º ano da Escola Jorge Barradas; escreveu um artigo, em que avalia a exposição, publicado no Jornal do Agrupamento de Escolas de Benfica. Tem uma comprovada experiência profissional como docente de educação especial, com comunicações apresentadas em Congressos nacionais e estrangeiros, artigos publicados em Revistas portuguesas e estrangeiras, inclusive sobre a aplicação da Grounded Theory a adaptações ao contexto da Deficiência e Educação.

**Isidro da Eira Rodrigues (IERO)** - Licenciado em Filologia Germânica, pela Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, e pós-graduado em Ciências Documentais com o Curso de Bibliotecário-Arquivista, pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Aos 26 anos iniciou funções na Área de Leitura para Deficientes Visuais (ALDV) da Biblioteca Nacional de Portugal (BNP), sendo nomeado Responsável de Área em 2004, função que desempenhou até 2011, ano em que passou à reforma, cumprindo 43 anos e 6 meses no desempenho das funções que progressivamente lhe foram sendo confiadas. Ainda que com o estatuto de prestador de colaboração voluntária, continuou até 2012 a dirigir o Periódico trimestral «Ponto e Som», publicado pela ALDV, a representar esta no Núcleo de Braille e Meios Complementares de Leitura, a realizar produção tanto do audiolivro como do livro eletrónico e do braille em suporte papel. Ao longo dos anos, publicou artigos e realizou conferências de índole tiflológica e biblioteconómica; elaborou e traduziu documentação técnica; consagrou parte das suas atividades à produção literária, tendo trazido a publicação ensaios, contos infanto-juvenis e uma monografia, "Os Deficientes Visuais Portugueses: Sua Acessibilidade à Educação e à Cultura desde o Advento do Século XX ao Dealbar do Terceiro Milénio", monografia esta que veio a ser galardoada com o "Prémio Branco Rodrigues"

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

atribuído em 2011. Foi monitor de cursos de informática e biblioteconomia, programados para deficientes visuais. No tifoassociativismo, manteve uma atividade persistente durante 41 anos. Na qualidade de Presidente da Direção da Liga de Cegos João de Deus (LCJD), tendo sido o primeiro Presidente cego da Direção eleito desta associação e no âmbito do Associativismo tiflológico em Portugal, rompeu com o isolacionismo das associações de cegos portuguesas, filiando a LCJD, em 1977, na Federação Internacional de Cegos. Nesse mesmo ano desencadeou, e impulsionou nos anos seguintes, o processo OCEP (Organização dos Cegos Portugueses), predecessor daquele que em 1987, também por sua mão conduzido, gerou a ACAPO (Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal). Foi elemento preponderante nas comissões, nas Assembleias Gerais, na Assembleia Constituinte, na Comissão Instaladora, sendo ativo membro da Assembleia de Representantes (Órgão máximo da ACAPO), da qual foi Presidente no primeiro triénio deste Século XXI.

**João Guerra (JG)** - Formador na Área de Informática a Pessoas com Deficiência Física e Sensorial. Participação em diversos projetos comunitários transnacionais na área da Formação e da Deficiência na sua componente de desenvolvimento informático. Foi Coordenador Nacional do projeto Robobrilie. Responsável pelo desenvolvimento de portais de Internet, mantendo atividade como formador para SISEP e IEFP.

**João Palmeiro (JP)**  
[Ver Coordenação Científica].

**João Ruivo (JR, nome completo José João Tavares Curado Ruivo)** - Professor emérito da Escola Superior de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Educação e Instituto Politécnico de Castelo Branco/Portugal. Professor Coordenador (aposentado). Ex-Vice Presidente do Instituto Politécnico de Castelo Branco (Portugal). Membro da Comissão Coordenadora do Conselho Científico do *Centro de Investigação em Políticas e Sistemas Educativos* (CIPSE) do Instituto Politécnico de Leiria (Portugal). Examinador Externo do Instituto Politécnico de Macau. Colaborador nas Universidades da Extremadura e de Salamanca (Espanha) e nos Institutos Politécnicos de Castelo Branco e de Leiria (Portugal). Director Fundador do jornal de educação e cultura - «*Ensino Magazine*». Doutor em Teoria e História da Educação (Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca). Mestre em Análise e Organização do Ensino (Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa). Licenciado em Ciências Antropológicas e Etnológicas (Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade Técnica de Lisboa). Diplomado em Administração (Universidade Técnica de Lisboa). Diplomado em Direcção Estratégica de Universidades (Universidade Politécnica da Catalunha - Barcelona). Provas Públicas de Professor Coordenador na área científica de Supervisão e Formação (Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco).

**Joaquim Melro (JM)**

[Ver Coordenação Científica].

**Jonir Bechara Cerqueira (JBC)** - Já falecido. Professor e Membro da Comissão Brasileira do Braille.

**Jorge de Melo Serrano (JMS)**

[Ver Coordenação Científica].

**Jorge Vilela de Carvalho (JVC)**  
[Ver Coordenação Científica].

**José A. Bragança de Miranda (JBM)**  
[Ver Coordenação Científica].

**José António Lage Salgado Baptista (JAB)** - Tiflólogo e ensaísta, investigador, foi Diretor de «Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura», do Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille e Personalidade de Reconhecido Mérito da Comissão de Braille em Portugal. Tem uma vasta obra realizada e publicada, essencialmente na área da tiflogia.

**José Madeira Serôdio (MS, nome completo José Manuel Braga Madeira Serôdio)** - Licenciado em Direito, Ramo de Ciências Jurídico-Económicas, pela Faculdade de Direito de Lisboa, e Pós-Graduado em Legística e Ciência da Legislação, pela mesma Faculdade. Tem o Curso Avançado de Gestão Pública, na Direção-Geral da Qualificação dos Trabalhadores da Administração Pública. Possui ainda diversos cursos, nomeadamente do Direito Administrativo, do Direito Comunitário e de Gestão. Experiência profissional: Técnico Superior do mapa de pessoal do INR, I.P., Presidente do Conselho Diretivo do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR, I.P.), nomeado em janeiro de 2014. Presidente do Conselho Diretivo do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR, I.P.), em regime de substituição, nomeado em março de 2012. Diretor do INR, I.P., em regime de substituição, nomeado em agosto de 2011. Chefe de Divisão de 2007 a 2011, do Gabinete de Apoio Técnico do INR, I.P. Coordenador do Gabinete de Apoio Jurídico do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (SNRIPD) entre

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

1996 e 1998 e entre 2006 e 2007. Assessor do Conselho Directivo do SNRIPD, entre 2004 e 2007. Adjunto do Gabinete do Ministro das Finanças e da Administração Pública no XVI Governo Constitucional e do Gabinete do Ministro da Segurança Social e do Trabalho no XV Governo Constitucional. Assessor do Gabinete do Ministro da Segurança Social e do Trabalho no XV Governo Constitucional. Chefe de Divisão do Gabinete de Apoio Jurídico do SNRIPD entre 1998 e 2003. Vogal suplente do Conselho Económico e Social, e membro do Conselho Nacional de Saúde Mental. Foi membro do Conselho Nacional de Desporto e do Conselho para a Ética e Segurança no Desporto. Outras Informações: Exerceu advocacia entre 1986 a 1998. Foi Presidente da Mesa da Assembleia Geral e do Conselho Directivo de Organizações Não Governamentais. Foi Vogal do Conselho Jurisdicional da Federação Portuguesa de Patinagem (2000 a 2004). Lecionou em diversos cursos de formação profissional, bem como na área dos direitos das pessoas com deficiência em Cursos de Pós-Graduação na Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra, na Faculdade de Direito da Universidade de Lisboa, na Faculdade de Direito Escola do Porto da Universidade Católica, no Instituto Superior Técnico, e em Instituições Privadas.

**Júlio Damas Paiva (JDP)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Mafalda Faria (MF)** - Mestre em Psicologia Aplicada, Área de Especialização Psicologia Educacional. Certificada em Formação pelo IEFP e pelo CCPFC. Psicóloga na Fundação Liga. Coordenadora do Programa Intervenção Precoce da

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Fundação Liga. Psicóloga na Equipa Local de Intervenção Precoce de Lisboa Central e Ocidental.

**Manuel Antunes (MAA)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Manuel da Costa Leite (MCL)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro (MLRFG)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Maria de São José Amaral (MSJA)**

**[Ver Coordenação Científica].**

**Maria Helena Mesquita (MHM, nome completo Maria Helena Ferreira de Pedro Mesquita)** - Professora Adjunta na Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Doutora em Teoria e História da Educação - Educação Especial pela Faculdade de Educação da Universidade de Salamanca. Mestre em Educação Especial pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Coordenadora do Mestrado de Educação Especial da Escola Superior de Educação de Castelo Branco. Coordenadora do Gabinete de Apoio aos Estudantes com Necessidades Educativas Especiais do Instituto Politécnico de Castelo Branco. Membro do Conselho Científico do Centro de Investigação em Políticas e Sistemas Educativos (CIPSE) do Instituto Politécnico de Leiria. ÁREAS DE INVESTIGAÇÃO: Educação Especial; Necessidades Educativas Especiais; Educação Inclusiva; Formação de Professores, Psicomotricidade. Tem desenvolvido a sua atividade profissional no âmbito da formação de professores em Educação Especial e Inclusiva. As conferências,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

moderação de mesas, orientações de dissertações e integração de júris de provas de mestrado e de doutoramento, quer em Portugal quer em Espanha, participação em projetos, publicação de livros e de artigos nacionais e internacionais são outras atividades complementares realizadas ao longo de uma vida ligada à formação de professores com o objetivo de estes ensinarem com sucesso TODOS os alunos.

**Maria José Freire (MJF)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Maria Romeiras Amado (MRA)**  
[Ver Coordenação Científica].

### **Obras de Referência Online (OR Online).**

**Orlando de Jesus Monteiro (OJM)** - Nascido a 28 de Maio de 1931 e falecido a 4 de Outubro de 2009. Político de reabilitação, tiflólogo, braillólogo e braillógrafo, Presidente da Comissão de Braille em Portugal. Grande incentivador da criação, implementação e consolidação do associativismo tiflológico e das pessoas com deficiência em geral em Portugal.

**Rodrigo Godinho Santos (RS)** - Licenciado em Direito. Jurista na FCT. Membro da Direção Nacional da ACAPO.

**Rui Estrela (RE, nome completo Rui Carlos de Lemos Correia Estrela)** - Doutor em Ciências da Informação pela Faculdade de Comunicação da Universidade Pontifícia de Salamanca. Professor e Investigador na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT), Diretor da Licenciatura

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

em Comunicação Aplicada: Marketing, Publicidade e Relações Públicas, e do Mestrado em Comunicação Aplicada. Investigador no CIC-Digital(CICANT). Autor de livros na especialidade e de artigos científicos publicados em revistas da especialidade nacionais e estrangeiras. Membro do Júri de Ética Publicitária do Instituto Cível da Autodisciplina da Publicidade. Tem um significativo trabalho de investigação científica realizado, aplicado e publicado.

**Sandra Paula Barradas (SPB)** - Licenciada e Mestre em Ciências da Educação (ramo da Educação e Formação de Adultos) pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Coimbra; Pós-Graduada em Intervenção Clínica em Psicogerontologia pelo Instituto de Psicologia do Porto. Autora/Organizadora da Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER". Formadora na área da promoção da qualidade de vida das pessoas idosas em contexto institucional. Diretora da Alma Letra (Recursos técnico-pedagógicos, Formação, Divulgação do Património Cultural Português).

**Sónia Ramos (SR)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Susana Juzarte (SJ)**  
[Ver Coordenação Científica].

**Vítor Coelho (VC, nome completo Vítor Manuel Rodrigues Perfeito Bordalo Coelho)** - Personalidade de Reconhecido Mérito da Comissão de Braille em Portugal. Professor, tiflólogo, investigador e interventor de reconhecida idoneidade e competência na área da tiflogia, tiflografia e reabilitação, braillogia e braillografia. Integrou o Coro da Fundação Calouste Gulbenkian e foi um brilhante Tenor

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

concertista durante cerca de três dezenas de anos. Tiflólogo de referência a quem se continua a recorrer muito, nesta área, sob o ponto de vista histórico e cultural.

**Vítor da Fonseca (VF)**

**[Ver Coordenação Científica].**



## A

**\*ABAADV:**

Ver **Escola de Cães-Guia**.

**\*ABÍLIO MARTINS (PADRE JESUÍTA):**

Ver **Martins, Abílio (Padre Jesuíta)**.

**\*ABRAILLISMO:**

Ausência de atitude de defesa e valorização do braille.  
(FPO).

**\*ABREVIATURA BRAILLE:**

Ver **Estenografia Braille**.

**\*ACAPO:**

Ver **Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal**.

**\*ACESSIBILIDADE (NO PLANO DA ENGENHARIA DE REABILITAÇÃO):**

Este conceito europeu foi defendido por um grupo de peritos em 2003 e apresentando a seguinte definição: «Acessibilidade é uma característica do ambiente ou de um objecto que permite a qualquer pessoa estabelecer um relacionamento com esse ambiente ou objecto, e utilizá-los de uma forma amigável, cuidada e segura». Acresce referir que a «Acessibilidade está fortemente relacionada com os conceitos de Desenho para Todos (Desenho Universal) e Design Inclusivo que consiste na qualidade de produtos, sistemas, serviços ou ambientes projectados para a população em geral, utilizáveis com independência, igualdade, eficácia, segurança e conforto pelo maior número de pessoas possível, independentemente das suas capacidades.». A «Acessibilidade significa também que nenhuma barreira é

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

imposta ao indivíduo face às suas capacidades sensoriais e funcionais. As barreiras são factores que, através da sua ausência ou presença, limitam a funcionalidade e provocam a incapacidade, nomeadamente limitações às actividades e restrições à participação das pessoas.». No domínio das tecnologias de informação e comunicação, «a Acessibilidade é entendida como o acesso em qualquer lugar, com diferentes equipamentos (incluindo produtos de apoio para pessoas com deficiência) e por qualquer pessoa.». Sintetizando, a «Acessibilidade consiste na facilidade de acesso e de uso de ambientes, produtos e serviços por qualquer pessoa e em diferentes contextos. Envolve o Design Inclusivo, oferta de um leque variado de produtos e serviços que cubram as necessidades de diferentes populações (incluindo produtos e serviços de apoio), adaptação, meios alternativos de informação, comunicação, mobilidade e manipulação.», sendo esta «uma área do conhecimento que deve ser dominada sectorialmente por todos os profissionais que participam na concepção e construção de tudo o que nos rodeia e o mais abrangentemente possível por Engenheiros de Reabilitação.».

[Recortado da Tese de Doutoramento "Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal", defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD].

### **\*ACLB:**

Ver **Associação de Cegos Luís Braille**.

### **\*ACNP:**

Ver **Associação dos Cegos do Norte de Portugal**.

### **\*ACROMEGALIA (Tipo de doença rara):**

É uma doença grave que provoca aumento das mãos e dos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pés e de outros tecidos moles do organismo, como o nariz, as orelhas, os lábios e a língua. Diabetes, insuficiência cardíaca, hipertensão, artrose e tumores benignos também são comuns de se desenvolverem em pessoas portadoras da acromegalia. A cada ano, ela tem uma incidência de três a quatro casos por milhão. Além disso, se não tratada, pode levar à morte. No entanto, a maioria dos pacientes pode conviver com a doença, a partir de um tratamento com um especialista. As três formas de tratá-la são: medicamentos, cirurgia e radioterapia. (MSJA).

### **\*ADAPTAÇÃO DE TEXTO (Braille):**

Adequações e ajustes prévios necessários à transcrição do texto, considerando as características do conteúdo e as especificidades da leitura tátil. (FPO, OJM e VC).

### **\*ADFA:**

Ver **Associação dos Deficientes das Forças Armadas**.

### **\*AFASIA:**

Alteração da compreensão e/ou expressão das funções mentais da linguagem oral, escrita ou não verbal e das funções do cálculo devido a lesão da estrutura cerebral que poderá ou não restringir a participação comunicativa da pessoa, dependendo se o meio se comporta como barreira ou facilitador. A extensão e localização da lesão condicionam o tipo e a gravidade da afasia, podendo gerar diferentes incapacidades, tais como: ausência de discurso ou utilização de frases curtas; discurso fluente mas sem significado; troca de sons numa palavra ou substituição de palavras na frase; não compreensão da mensagem produzida oralmente por outra pessoa; perda da leitura ou da compreensão de um texto a que anteriormente acedia; perda da capacidade de escrita;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

perda da capacidade para realizar operações de cálculo, incluindo operações quotidianas que envolvam a utilização de dinheiro. Para além do comprometimento das funções mentais da linguagem e do cálculo, a pessoa com afasia pode apresentar simultaneamente outras incapacidades ao nível da fala, da deglutição, da marcha, da programação do movimento, dos campos visuais e da saúde mental.  
(CR e APV).

### **\*AILGP:**

Ver **Associação de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa.**

### **\*ALDEIA DA VIDA:**

Aldeia da "Vida Inclusiva e Dignidade Ativa" (Aldeia da VIDA) é um Projeto de Augusto Deodato Guerreiro, elaborado em 30 de Março de 2013, que obedece à essencialidade seguinte:

Trata-se de um Projeto inclusivo de envelhecimento ativo, com enfoque no desenvolvimento do polinómio "educacional e vivencial, pedagógico e cultural" para uma vida e uma dignidade ativas, estatutariamente perspectivado como Fundação e com estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) a implementar numa área espacial paradisíaca e na forma de estrutura residencial de conforto, concebida e arquitetada para acolher cidadãos seniores, intelectuais ou com o diploma da vida ativa e em cidadania, com a denominação Aldeia da "Vida Inclusiva e Dignidade Ativa" (cujo cronograma "VIDA" nos conduz à designação abreviada de "Aldeia da VIDA"), estrategicamente dimensionada e localizada, em termos funcionais, operacionais e de acessibilidade e usabilidade, com a seguinte caracterização:

1. Espaço amplo e aberto, com muita luz e cor, em que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

assenta uma obra de arte residencial para seniores (Residencial Conforto) e para visitantes ou passantes (Hotel Conforto confinado a um dos lados da residencial senior), construída sem barreiras físicas e segundo as regras geológicas, de engenharia e arquitetônicas (incluindo a paisagística), de acordo com a adequada legislação em vigor e em que se cumpram, rigorosamente, as normas da ergonomia, acessibilidade e usabilidade para os cidadãos residentes.

**2.** Como espaço inclusivo sociocomunicacional, de relacionamento e interação de seres dotados de linguagem e capacidade para agir e de justificação crítica dos seus discursos e ações, alargado e acessível a todos os cidadãos, em especial aos residentes seniores, em que cada residente ou casal residente terá direito

- A viver num ajustado e confortável apartamento, com a necessária assistência médica, ludicointelectuais e de lazer;
- A beneficiar condignamente de todos os serviços para o seu bem-estar, refeições e limpeza.

**3.** Como residencial interativa de conforto que é, está apetrechada das condições que permitem desenvolver um processo de relacionamento e interação saudável, envolvente e vivificante dos residentes, também com o objetivo de atrair a infelizmente tanta gente isolada, triste e a sofrer sozinha em casa ou em lares de idosos a inadmissível solidão marginalizante, martirizante e mortífera, para devolver ou proporcionar a essas pessoas a grata e justa satisfação de poderem falar e partilhar com alguém saberes e conhecimentos, como por vezes autênticos e valiosíssimos livros que são, mas sendo desconhecidos, de modo a não se deixarem fechar e desaparecer no hermetismo intransponível da morte esses, tantas vezes, tesouros de conhecimento únicos.

**4.** Com os específicos recursos humanos, técnicos e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

tecnológicos, nomeadamente

- Especialistas em modelos comunicacionais aumentativos alternativos;
- Meios humanos auxiliares de mobilidade, orientação e comunicação (incluindo Língua Gestual Portuguesa e, eventualmente, inglês e francês ou outra língua cuja nacionalidade dos utentes justifique);
- Tecnologias e produtos de apoio.

**5.** Um lugar para todos e com todos os residentes e visitantes conviverem e fruírem o aprazível meio ambiente, bem-estar humano e demais ofertas culturais e de lazer, em igualdade de oportunidades e de circunstâncias.

**6.** Uma residencial de elevado conforto para todos e com todos os residentes e visitantes usufruírem e participarem em atividades como

- Científicas e tecnológicas, investigação e desenvolvimento, materialização de ideias/investigação e respetiva publicação em artigos/livros, atividade consubstanciada no seu Centro de Investigação e Formação em Educomunicação e Vida;
- Biblioteca/mediateca, com acesso à Internet, livros, jornais e revistas, em papel e em suporte digital e/ou suportes e formatos alternativos;
- Leitores devidamente preparados para lerem em voz alta às pessoas que, por qualquer razão, já não conseguem ler, e provocar o necessário diálogo em torno dos assuntos de interesse em leitura;
- Culturais e artísticas, lúdico-culturais, cinema, teatro, *ateliers* de arte (pintura, design/desenho, artesanato...);
- Desporto e lazer, ginástica, piscina, jogos (xadrez, damas, dominó, cartas e outros);
- Viagens, passeios pedonais e/ou em cadeira-de-rodas e visitas culturais, os que puderem;
- Assistência médica, osteopática, enfermagem, exercícios de manutenção e/ou de reabilitação.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**7.** Com espaços para informação e formação, eventos científicos e culturais.

**8.** Com a quotização dos associados, apoios financeiros e garantias de sustentabilidade por parte de

- Associados intelectuais residentes e externos, os fundadores e os que vierem a ser estatutariamente admitidos, divididos em associados investigadores e associados colaboradores de investigação, residentes ou externos, sendo o pagamento de quotas transferível, sucessivamente, para os descendentes;
- Autarquias (Municípios e Juntas de Freguesia);
- Mecenas (bancos, empresas e instituições/organizações multinacionais, mesmo ao nível da Administração Central);
- União Europeia e fontes de financiamento para projetos nas áreas da manutenção, investigação, desenvolvimento humano e qualidade de vida.

**9.** Com as receitas provenientes do Hotel Conforto, apoios/donativos singulares ou institucionais e as mensalidades (equivalentes a quotas que variam consoante as possibilidades de cada um dos contribuintes), dos associados residentes e externos, pagas pelos próprios ou por outrem.

A Aldeia da VIDA pretende assumir-se como Fundação e com o estatuto de Instituição Particular de Solidariedade Social (IPSS) de cariz intelectual, a reger-se por apropriados estatutos (também já elaborados) e regulamentos, bem como pela lei geral aplicável.

A Aldeia da VIDA tem por objeto social a manutenção e/ou o desenvolvimento da sociocomunicabilidade, relacionamento e interação, numa partilha saudável de conhecimentos entre seniores intelectuais e/ou investigadores, incluindo também cidadãos dignificados com o diploma da vida, produção e divulgação da investigação científica que os mesmos possam prosseguir, em cooperação com a administração central e local, instituições privadas nacionais e além-fronteiras.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Para a prossecução do seu objeto, a Aldeia da VIDA deverá orientar-se de acordo com os seguintes fins:

- a)** Contribuir para a realização de cidadãos seniores intelectuais e respetivos projetos de investigação a título individual ou coletivo, sejam estes gerados internamente ou propostos por outros agentes a operar nas esferas do ensino, da cultura, das empresas e das instituições públicas e privadas;
  - b)** Estabelecer com todos os associados seniores residentes e externos uma permanente troca de conhecimentos, experiências e iniciativas de carácter científico e tecnológico, pedagógico e cultural na investigação, com benefício mútuo;
  - c)** Atrair seniores intelectuais e investigadores para o projeto Aldeia da VIDA;
  - d)** Apoiar a atividade investigativa de seniores residentes na Aldeia da VIDA e externos;
  - e)** Divulgar os trabalhos dos associados residentes e externos numa publicação periódica de divulgação científica e cultural, a criar com o título "Aldeia da VIDA";
  - f)** Assegurar um intercâmbio regular com instituições e centros de investigação, nacionais e estrangeiros, incentivando a participação conjunta em projetos de interesse comum;
  - g)** Organizar conferências, seminários, congressos e outras manifestações públicas, numa perspetiva disciplinar/interdisciplinar ou pluridisciplinar, que contribuam para a extensão e aprofundamento das razões por que se deve investir na preservação e manutenção da vida senior ativa e feliz, numa dimensão intelectual fecunda de vida inclusiva e digna dos cidadãos residentes e externos.
- (ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*ALDV:**

Ver **Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal.**

### **\*ALFABETO BRAILLE:**

Alfabeto representado por sinais do Sistema Braille.  
(FPO).

### **\*ALFABETO MASCARÓ:**

Sistema tiflográfico criado em Portugal por Aniceto Mascaró (1842-1906), médico oftalmologista espanhol que chegou a Lisboa em 1870, onde fundou, em 1889, uma clínica de oftalmologia, o Instituto Médico-Pedagógico para Cegos, que funcionou até 1906. Foi neste seu Instituto que, simultaneamente com o pleno exercício da oftalmologia, elaborou o seu Método de Leitura e Escrita para pessoas cegas e normovisuais, dedicando-se também à habilitação de professores para o ensino do seu método, o qual, para poder ser lido com o tato e com os olhos, foi gizado com duas componentes: uma visual (que consiste na acomodação das formas das letras maiúsculas ao espaço do retângulo braille) e outra tátil (que é constituída por conjuntos de pontos do Sistema Braille, os quais têm uma relação de tipo figurativo mais ou menos estreita com as letras comuns em tinta que representam). Preside à constituição deste sistema uma poderosíssima sugestão de forma, conseguida por um conjunto de pontos que definem no essencial o contorno dos caracteres latinos, umas vezes representando apenas o princípio e o fim dos caracteres, outras vezes marcando somente as extremidades dos traços ou assinalando nos caracteres pontos convencionalmente escolhidos. Representava-se por este processo signicotiflográfico o alfabeto latino, as pontuações, os algarismos, a matemática e a simbologia musical.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

[Recortado de: GUERREIRO, Augusto Deodato (2014). História Breve dos Meios de Comunicação: Da Imanência Pensante à Sociedade em Rede. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida].  
(ADG).

### **\*ALFABETO MOON:**

Foi inventado por William Moon (1818-1894), de Brighton, em 1847, processo de leitura e escrita para pessoas cegas que ficou conhecido pelo seu próprio apelido. Moon, que mantinha um resíduo visual desde a infância, acabou por ficar cego aos vinte e um anos de idade e bem depressa dominou todos os outros sistemas de leitura em relevo que, na altura, eram conhecidos. Este sistema conserva, numa forma simplificada, letras do alfabeto latino, compondo-se com nove caracteres, cujo significado se determina pela posição em que são utilizados.

As letras colocam-se entre parêntesis, para facilitar a leitura, e os sinais estenográficos são reduzidos ao mínimo.

[Recortado de: GUERREIRO, Augusto Deodato (2014). \*História Breve dos Meios de Comunicação: Da Imanência Pensante à Sociedade em Rede\*. Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida].  
(ADG).

### **\*ALFABRAILLE:**

Indivíduo alfabetizado que depois aprendeu e usa o braille. Alfabetizado em articulação com o braille.  
(FPO).

### **\*AMBLÍOPE:**

Indivíduo que tem ambliopia.  
Ver **Ambliopia**.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*AMBLIOPIA:**

Enfraquecimento mais ou menos acentuado da sensibilidade visual.

(FBW).

### **\*ANAGLIPTOGRAFIA:**

Sistema de escrita cinzelada em relevo. Forma imprópria de designar braille. Ver Braille.

(FPO).

### **\*ANAGLIPTOGRÁFICO:**

Relativo à Anagliptografia.

### **\*ANALFABRAILLE:**

Indivíduo alfabetizado que não aprendeu o braille em termos de o poder aplicar.

(FPO).

### **\*ANAMNESE:**

Estudo sincrónico e diacrónico da ontogénese singular, holística, evolutiva e intransmissível da pessoa na sua interação dinâmica com os ecossistemas onde ela se integra e desenvolve.

A anamnese também pode ser considerada um método de investigação ou de recolha de dados sobre o passado dum indivíduo de modo a compreender a sua história pessoal, o seu estilo de vida e a natureza dos acontecimentos relevantes das interações que construiu nos seus ecossistemas, sejam eles microfamiliares e sociais ou macroculturais e económicos.

(VF).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*ANDRAGOGIA BRAILLE:**

Metodologia e técnicas para o ensino/aprendizagem do braille, tendo como destinatários adultos cegos.  
(CB).

### **\*ANGIODEMA HEREDITÁRIO (Tipo de doença rara):**

É uma doença genética que provoca inchaços nas extremidades do corpo, do rosto, dos órgãos genitais, mucosas do trato intestinal, da laringe e outros órgãos. Além dos inchaços, outros sintomas são: náuseas, vômitos e diarreia. O diagnóstico da doença é feito por meio do histórico médico do paciente, além de exames laboratoriais, físicos e de imagem. O angiodema hereditário é uma doença rara que não tem cura, mas o tratamento para aliviar ou prevenir crises é feito com medicamentos indicados por um especialista.  
(MSJA).

### **\*ANICETO MASCARÓ:**

Ver Mascaró, Aniceto.

### **\*ANIP:**

Ver Associação Nacional de Intervenção Precoce.

### **\*ANOMALIAS DA SENSIBILIDADE ÀS CORES (Oftalmologia, 8% dos Homens e 0.4% das Mulheres):**

Nos indivíduos com discromatopsia há confusão na diferenciação das cores.

Nos indivíduos com acromatopsia há ausência na diferenciação de determinada cor.

(FBW).

### **\*ANORMAL (No plano físico e mental):**

Na perspectiva do abordado na temática do presente

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Instrumento de Pesquisa, significa o contrário de Normal ou Escorreito. Ver Normal.

(ADG).

### **\*ANOSODIAFORIA:**

A anosodiaforia caracteriza-se pela indiferença afectiva face ao seu defeito motor ou outras alterações decorrentes da lesão cerebral que a pessoa tem consciência e reconhece ter (Stowe, 2013, referido por Vital, 2018).

É uma característica que se encontra em alguns doentes com lesões do hemisfério direito.

A anosodiaforia distingue-se de outra característica que é a anosognosia (Ver **Anosognosia**).

#### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

### **\*ANOSOGNOSIA:**

A anosognosia refere-se à consciência reduzida do(s) défice(s) e consequências da lesão cerebral. Esta distingue-se de outra característica a anosodiaforia (Ver **Anosodiaforia**), que se encontra em alguns doentes com lesões do hemisfério direito (LHD).

A anosognosia para o *neglect* (Ver “**Neglect**”) do lado esquerdo na pessoa com LHD é muito frequente, constituindo-se como um verdadeiro desafio na avaliação e intervenção terapêutica (Vital, 2018).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

### **\*ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO:**

Ver **Castilho, António Feliciano de.**

### **\*APAGADOR BRAILLE:**

Apetrecho para fazer desaparecer pontos braille em papel ou em chapa.

(ADG, FPO e JAB).

### **\*APCA:**

Ver **Associação de Cães de Assistência.**

### **\*APD:**

Ver **Associação Portuguesa de Deficientes.**

### **\*APEDV:**

Ver **Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais.**

### **\*APRAXIA:**

A apraxia consiste na perturbação da capacidade de realizar gestos ou movimentos previamente objecto de aprendizagem por perda do esquema motor, na ausência de defeito motor (alteração do tónus muscular, paralisia ou incoordenação), de perturbação da compreensão da linguagem ou de alterações sensoriais que o justifiquem. Assim, a pessoa com apraxia

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pode ser capaz de efectuar alguns gestos de forma automática e inconsciente, mas se lhe for pedido, por exemplo, que demonstre como se usa um copo, fará um gesto aproximado, errado ou será mesmo incapaz de o executar. Estas dificuldades de realizar gestos de modo volitivo surgem apesar de o doente compreender a função do gesto (e do objecto, se for o caso) e saber qual o gesto que tem intenção de realizar, estando conservadas a força muscular, a sensibilidade proprioceptiva e cinestésica, a coordenação motora, e a capacidade de processamento da informação auditiva e da linguagem.

A apraxia resulta frequentemente de lesão cerebral do hemisfério esquerdo e é considerada uma perturbação ao nível da programação motora, distinguindo-se de alterações do movimento ao nível da execução motora.

Tipos de apraxia:

- Apraxia dos membros - dificuldade em efectuar gestos como pentear o cabelo ou fazer a barba.
  - Apraxia construtiva - dificuldade na produção de desenhos ou de modelos tridimensionais;
  - Apraxia do vestir - o doente com este tipo de apraxia não consegue realizar gestos que são necessários para se vestir;
  - Apraxia buco facial - a pessoa não consegue realizar movimentos da face e da boca (deitar a língua de fora, soprar, dar um beijo ou assobiar), após ordem verbal, por imitação ou com facilitação ou apresentação de objecto (por exemplo vela para soprar).
- (AGC e APV).

### **\*APRAXIA DO DISCURSO (APRAXIA VERBAL OU DA FALA):**

Trata-se de uma perturbação motora adquirida da fala, com alteração da programação e sequenciação dos movimentos responsáveis pela produção dos sons na cadeia de fala.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

De todas as perturbações adquiridas da fala e da linguagem de origem neurológica, a apraxia do discurso será a menos frequente. Difere de outras perturbações do movimento da fala (as disartrias), não é atribuível a défices de força ou tónus muscular ou reflexos, nem a incoordenação motora ou a problemas no processamento de informação auditiva ou da linguagem, táctil, proprioceptiva ou cinestésica.

Originalmente designada por *Apraxia of Speech* entra na terminologia em português como Apraxia do Discurso, e não como Apraxia da Fala, o que se poderá explicar pelo facto da palavra *Speech* ter o significado simultaneamente de Fala e de Discurso. Prevalece entre nós a utilização do termo apraxia do discurso ou mais raramente apraxia verbal, mas enquanto alteração motora da fala, deveria ser antes designada por Apraxia da Fala.

A principal causa de apraxia é o acidente vascular cerebral e de um modo geral, as lesões que provocam a apraxia do discurso estão localizadas no hemisfério esquerdo, na parte posterior do lobo frontal ou no lobo parietal, ínsula ou nos gânglios da base.

O diagnóstico de apraxia do discurso pode ser feito assegurando que as capacidades cognitivas e de linguagem subjacentes ao movimento pretendido estão preservadas, bem como as estruturais e sensório-motoras que são necessárias para a execução do movimento. A sua ocorrência isolada, de disartria, afasia, apraxia dos membros ou apraxia buco facial é extremamente rara.

A maior parte das definições de apraxia sugerem que se trata de uma perturbação dos movimentos executados de modo voluntário, o que não sucede com os mesmos movimentos quando são levados a cabo automaticamente.

(AGC e APV).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*APRENDIZIBILIDADE:**

Mudança de comportamento duradoura e flexível, que comporta, em paralelo, uma alteração de redes neurofuncionais e uma construção de mapas cognitivos, e consequentemente, um aumento do repertório de competências do indivíduo.

A aprendizagem transcende a aprendizagem, no sentido em que ela é resultante não apenas duma sequência natural da maturação nervosa do organismo do indivíduo, mas decorrente da sua experiência diversificada, empenhada e prolongada numa determinada tarefa, o que necessariamente envolve uma prática deliberada e intensiva, visando a sua perfectibilidade humana, o seu enriquecimento performático e a sua adaptabilidade permanentes a novas situações problema e a níveis de comportamento de complexidade crescente.

Tratando-se duma predisposição comportamental em permanente mutação, ela envolve naturalmente a memória e funde-se com ela, quer se tratem de aquisições motoras ou perceptivas quer emocionais, sócio-relacionais, cognitivas ou linguísticas.

(VF).

### **\*ÁREA DE LEITURA ESPECIAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL:**

Ver Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal.

### **\*ÁREA DE LEITURA PARA DEFICIENTES VISUAIS (ALDV) DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL:**

Este Serviço, destinado a pessoas com deficiência visual, iniciou a sua atividade em 2 de dezembro de 1969, com a designação de Serviço para Cegos e, posteriormente, pelo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Decreto-Lei nº 332/80, de 29 de agosto, passou a denominar-se Área de Deficientes Visuais, mais tarde Área de Leitura Especial e, atualmente, Área de Leitura para Deficientes Visuais.

Este Serviço disponibiliza para os seus utilizadores livros e publicações nos suportes papel, eletrónico e digital, nos formatos braille e áudio. Em 31 de dezembro de 1981, o fundo documental contemplava 1421 volumes em braille, contendo, inclusive, uma pequena coleção de dicionários e a única enciclopédia em braille existente em Portugal, a "World Book Encyclopaedia" e 784 títulos relativamente a livros sonoros.

Ao longo dos anos tem vindo a ALDV a prestar serviços a uma vasta comunidade de utilizadores cegos e com baixa visão, incidindo as suas atividades, nas duas primeiras décadas de funcionamento, em serviços de leitura de presença, quer de material bibliográfico em braille quer de material bibliofónico, acervo documental este que tem vindo a aumentar razoavelmente. Nesta sequência e, ao mesmo tempo, também os serviços de leitura domiciliária, de monografias e publicações em série nos diversos suportes e formatos acessíveis, começaram a contemplar utilizadores cegos e com baixa visão não só em Portugal como também em países da CPLP.

A ALDV iniciou a publicação de «Ponto e Som», sob a direção de Filipe Pereira Oliva, em Abril de 1974, em braille estenografado e, sucessivamente, em braille integral e nos suportes áudio e digital.

Referências Web-Gráficas:

FERREIRA, Carlos & GRAÇA, Almerinda (2015). *A Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal: um estudo de caso*. <[www.bad.pt/publicacoes](http://www.bad.pt/publicacoes)> - [Consultado em 16 de Abril de 2017].

(ADG).

**\*ARQUITETURA INCLUSIVA:**

Conceito que integra o espaço construído e o inerente processo projetual arquitetônico, com a premissa de permitir a inclusão, nas suas componentes, da diversidade humana da forma mais alargada possível.

Esta definição centra-se na teoria de projeto universal (universal design), introduzida pelo arquiteto Ronald Mace em 1985, defendendo que o espaço construído deve apresentar soluções espaciais que permitam uso equitativo por utilizadores com e sem deficiência. Trata-se de uma teoria holística e alocêntrica, considerando que Mace tinha mobilidade condicionada a cadeira de rodas, e que, em vez de defender soluções específicas para utilizadores com deficiência física, explorou espaços com a polivalência de permitirem uso alargado a todos os utilizadores. As Nações Unidas adotaram a teoria de projeto universal de Mace, caracterizada como projeto de produtos, espaços construídos, programas e serviços, para serem usáveis por todas as pessoas, da forma mais alargada possível, sem necessidade de adaptação ou recurso a projetos específicos [1].

A teoria de projeto universal apresenta diferentes designações sinónimas, como projeto inclusivo (inclusive design) ou projeto para todos (design for all). Diversos arquitetos e investigadores, como Ann Heylighen, Valerie Van der Linden ou Iris Van Steenwinkel, preferem a designação de projeto inclusivo, devido a refletir de forma direta a ambição comum das diferentes designações mencionadas, relativa à inclusão do maior número possível de pessoas [2].

Importa considerar que o projeto inclusivo distingue-se do conceito de projeto livre de barreiras (barrier-free design), o qual consiste numa premissa projetual que, em oposição ao projeto inclusivo, se centra em soluções específicas para determinados grupos de utilizadores como pessoas com

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

deficiência.

Argumenta-se que a aplicação do conceito de arquitetura inclusiva promove a polivalência de usos, com evidentes vantagens ao nível funcional. Um arquiteto ao conceber soluções inclusivas, nas diversas componentes espaciais, como acessos exteriores nivelados ou em rampa, facilita o desempenho do espaço construído. Contrariamente, a previsão de soluções de projeto livre de barreiras, como escadas com plataformas elevatórias assistivas, aumentam a percepção de deficiência aos seus utilizadores. Outra desvantagem é a destes dispositivos implicarem manutenção especializada e serem mais vulneráveis a vandalismo, com eventuais consequências de obsolescência, excluindo temporariamente parte dos seus utilizadores.

Referências:

1. National Disability Authority, UN convention on the rights of persons with disabilities and Council of Europe Disability Action Plan, undated. Citado em: E. Ostroff (Ed.), *Universal Design: an Evolving Paradigm, Universal Design Handbook*, second ed., McGraw-Hill, 2011, 1.3-1-11.
2. Heylighen, Ann; Van der Linden, Valerie; Van Steenwinkel, Iris (2016). *Ten questions concerning inclusive design of the built environment. Building and Environment*, xxx (2016) 1-11.  
<<http://dx.doi.org/10.1016/j.buildenv.2016.12.008>>  
(CMP).

**\*ARTUR OLÍMPIO SILVA (AOS):**

Ver **Silva, Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da;**  
**Tifloensino Dinâmico; Coordenação Científica.**

**\*ASPERGER (Síndrome de):**

Nome dado a um dos síndromas das perturbações do desenvolvimento infantil, que toma o nome do médico

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

austríaco, Hans Asperger (1906/1980); escreveu em especial sobre esta condição clínica infantil que designou "psicopatia autística" e que se tornaria a base conceptual para a atual definição diagnóstica (1944 - Die "Autistischen Psychopathen" im Kindesalter" <<http://www.springerlink.com/content/u350x0683r1g6432>>. Archiv für Psychiatrie und nervenkrankheiten <[https://en.wikipedia.org/wiki/Archiv\\_f%C3%BCr\\_Psychiatrie\\_und\\_Nervenkrankheiten](https://en.wikipedia.org/wiki/Archiv_f%C3%BCr_Psychiatrie_und_Nervenkrankheiten)>. 117: 76-136). O síndrome caracteriza-se por dificuldades acentuadas na interação social, na pragmática da comunicação e na comunicação não-verbal, além de padrões de comportamento, de interesses e de atividades, restritos e repetitivos. Difere das características típicas das pessoas com autismo clássico (Kanneriano), devido à manifestação de uma linguagem e inteligência com valores normativos. É ainda referido, por vezes como característica (não-diagnóstica), pouca destreza física e motora (clumsiness) e um uso da linguagem com características prosódicas, pouco usuais. O síndrome manifesta-se a partir de idades muito jovens (3/4 anos) e abrange o percurso total de vida. Não pode ser curado, mas todas as pessoas com síndrome de Asperger, com os apoios adequados, aprendem a desenvolver melhor as suas potencialidades e a viver uma vida mais plena. Atualmente esta categoria nosológica encontra-se integrada no conceito de perturbação do espectro do autismo (American Psychiatric Association (2013). Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (Fifth ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing). (EGP).

**\*ASSIS MILTON:**

Ver **Rodrigues, Assis Milton** Ovídeo.

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*ASSOCIAÇÃO BEIRA AGUIEIRA DE APOIO AO DEFICIENTE VISUAL:**

Ver **Escola de Cães-Guia**.

**\*ASSOCIAÇÃO BENGALA MÁGICA:**

Associação de Pais, Amigos, Familiares de Crianças, Jovens e Adultos Cegos e de Baixa Visão, sem fins lucrativos que se rege pelo que está disposto nos seus estatutos e, no omissor, pela legislação em vigor.

E-mail: [associacao.bengalamagica@gmail.com](mailto:associacao.bengalamagica@gmail.com).

Ver **site: [bengalamagica.pt](http://bengalamagica.pt)**.

**\*ASSOCIAÇÃO DE CEGOS LUÍS BRAILLE (ACLB):**

«A instalação do equipamento institucional de que a APEC foi a primeira unidade funcional, só prosseguiu quarenta anos depois com a fundação da Associação de Cegos Luís Braille, ACLB. Entretanto, várias dezenas de alunos da Escola da APEC e dos Institutos Branco Rodrigues e S. Manuel, criados no princípio do século XX em Lisboa e no Porto, iam deixando estes estabelecimentos, onde a maior parte deles tinha recebido formação musical, como acabaram por impor as convicções da época. Sendo a música a única aptidão com que os cegos eram lançados na vida, capaz de se prestar a uma utilização profissional, só restava a esses jovens inexperientes um reduzido número de postos de trabalho em cafés, bares e dancings. A habitual realização de festas particulares também motivava frequentemente a requisição de músicos cegos. Estes, para poderem satisfazer as preferências do público, precisavam de alargar e actualizar permanentemente os seus reportórios. Por isso, a existência de um arquivo de música em braille onde pudessem requisitar para estudo os trechos de que precisassem, tornava-se absolutamente necessária. Era assim em 1927, quando Estêvão Pereira Guimarães, António Gomes Porto e Manuel

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Rocha, não obstante a enorme falta de meios e a indiferença e incredulidade de muitos, se decidiram a concretizar a intenção de criar uma associação.

Fundada em 25 de Junho de 1927, com a denominação de Associação Luís Braille, ALB, esta Associação passou a designar-se Associação de Beneficência "Luís Braille", ABLB, por força da revisão de estatutos de 1935, e Associação de Cegos "Luís Braille", ACLB, na sequência da alteração estatutária de 1977. Criada por cegos, a ACLB escolhera como lema "auxílio aos trabalhadores cegos - propaganda da habilitação profissional dos cegos".

Na primeira metade da sua existência a massa associativa da ACLB era constituída principalmente pelos alunos saídos das escolas. Destes, apenas alguns tinham alcançado altas classificações, ficando-se outros por um nível médio, nem sempre bem preparados, cabendo aos restantes, infelizmente, muito menos a classificação de músicos do que a de tocadores de instrumentos e, algumas vezes também, apenas a de portadores de instrumentos.

Nessa época, quando a acção da Rádio e as técnicas de gravação ou ainda não existiam ou eram incipientes, os músicos cegos bem preparados tinham podido usufruir de uma situação digna. Mas o desenvolvimento e vulgarização daqueles recursos, bem como o aparecimento e proliferação de bandas de músicos normovisuais, vieram, lamentavelmente, retirar muitas oportunidades aos músicos cegos atirando com muitos deles para a condição de músicos ambulantes ou, por outras palavras, condenando-os à mendicidade, por uns abertamente assumida, mal disfarçada por outros. Ficou sem consequências a opinião, escassamente divulgada, ao que sabemos, de que os músicos cegos bem preparados deviam ser intransigentes na sua dignidade de instrumentistas qualificados e manter sempre o bom nível da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sua preparação nas apresentações na via pública, o que talvez lhes tivesse proporcionado, em vez da humilhação de uma esmola, a retribuição voluntária compensatória pela fruição do prazer estético proporcionado aos que os escutavam, como depois se passou a ver em algumas cidades importantes de muitos países, em exhibições de executantes normovisuais de excelente nível artístico. Pelo contrário. Com poucas exceções, os músicos cegos de rua, completamente desmotivados, depressa perdiam o espírito de aprumo, a qualificação artística desmoronava-se e esfumavam-se os sentimentos de dignidade. Por outro lado, essa desmotivação contaminava também muitos alunos nas escolas, para os quais um futuro sem saída senão para a mendicância não podia representar qualquer estímulo que justificasse a aplicação nos estudos.

Esta situação manteve os cegos num estado de isolamento acentuado e encaminhou a Associação para uma actividade confinada a um reduzidíssimo conjunto de áreas.

Em 1949, a descoberta do comportamento corrupto de um director que se vinha mantendo em todas as Direcções desde 1930, originou uma cisão na ACLB, que conduziu à criação de outra associação. Tratou-se do desvio pelo tesoureiro normovisual de uma verba que só foi possível documentar em 200 contos, conquanto muitos acreditassem ter sido consideravelmente superior. O conhecimento deste facto abalou a vida na Associação e fez surgir dois grupos de associados: os moderados e os radicais. Os primeiros defendiam um procedimento sustentado numa atitude pragmática, no intuito de conseguir do corrupto a maior reposição possível. Os radicais clamavam implacavelmente pelo castigo. Após algum tempo de expectativa, sem que a situação se alterasse, estas posições extremaram-se e um punhado dos moderados abandonou a ACLB, fundando

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pouco depois uma nova associação - a Liga de Cegos "João de Deus", LCJD.

A meio da década de cinquenta, numa das escolas existentes, ocorreu um facto que viria a influenciar positivamente a vida da Associação poucos anos depois e, através dela, contribuir para influenciar a situação do ensino dos cegos no país. Insatisfeitos com o ensino estritamente musical que era ministrado, dois alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues que frequentavam cursos superiores no Conservatório Nacional de Música de Lisboa, decidiram aproveitar os dias de aulas no Conservatório para, sem conhecimento do Instituto, receberem também, sem prejuízo do cumprimento dos horários a que estavam obrigados, explicações que os preparassem para se apresentarem a exames nos liceus. Mas esta situação, por acaso, depressa se tornou do conhecimento dos responsáveis da escola e foi considerada atentatória da disciplina interna. Consequentemente, um dos alunos sofreu uma repreensão registada que, contudo, nunca viu; enquanto o outro, que se encontrava no último ano do curso que frequentava no Conservatório, foi intimado a deixar a escola no fim desse ano, qualquer que fosse o resultado no Conservatório. A partir de 1954 estes e outros, mas todos já na situação de ex-alunos do mesmo Instituto, puderam preparar-se para as provas liceais, preparação que em 1959 passou a ser ministrada também na referida escola.

Assim despontou na ABLB uma nova actividade que contribuiu para começar a diversificar numa direcção nova o conteúdo da vida associativa. O número de associados estudantes começou a aumentar; pouco tempo depois vieram juntar-se-lhes alguns universitários e licenciados normovisuais para, voluntariamente, darem explicações; mais tarde, já na década de sessenta, foi a vez das Direcções da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Associação comecem a assumir, gradualmente, os custos da nova actividade. Entretanto, os primeiros alunos que se apresentaram a prestar provas no liceu não saíram das escolas; tinham-se preparado por sua iniciativa e com o apoio da Associação. A situação evoluiu então para as salas de estudo, certamente ainda na memória de muitos, já totalmente asseguradas pelas Associações e onde um punhado de associados, alguns já como universitários, tiveram depois oportunidade de exercer funções docentes.

Em 1977, numa conferência que tivemos a honra e o prazer de proferir na sessão solene comemorativa dos 50 anos da ABLB, presidida pelo Secretário de Estado dos Assuntos Sociais, tentámos esboçar o currículo que vinha preenchendo a existência da Associação e traçar um quadro de princípios e finalidades que deveriam enformar um novo perfil associativo voltado para o futuro. A actividade da ABLB tinha-se desenvolvido até aí sobretudo pelas seguintes áreas: Apoio aos músicos de rua, Assistência, Saúde, Educação, Trabalho, Cultura e Lazer. Como acções e funções principais podem destacar-se: função de local-base em relação às deambulações diárias dos músicos de rua; diligências para libertação destes músicos quando detidos na via pública por uso de zonas da cidade não autorizadas; tentativas de resolução deste complexo problema; atribuição de subsídios - de nascimento, casamento, velhice e funeral; oferta de vestuário, calçado e brinquedos a filhos de sócios cegos; cedência gratuita de instalações na sede a sócios para actividades beneficentes em seu proveito; manutenção de uma cantina para abastecimento de géneros; contribuição para um serviço de refeições a preços bonificados; obtenção de licenças e vacinas gratuitas para cães; obtenção de consultas gratuitas e de amostras de medicamentos; atribuição de subsídios a sócios doentes; manutenção de salas de estudo; atribuição de subsídios a estudantes; constituição

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

da biblioteca e do arquivo de música ligeira; atribuição de subsídios para aquisição e reparação de instrumentos; obtenção de facilidades fiscais e outras para entidades patronais que tomassem ao seu serviço músicos cegos; criação e obtenção de postos de trabalho para os sócios; promoção da realização de cursos de massagem; contribuição para a realização de encontros sobre problemas de trabalho; obtenção de entradas gratuitas para espectáculos; patrocínio de deslocações no país e ao estrangeiro para visitas e estudos; promoção de um certame de jogos florais; promoção de um simpósio e outros encontros para debate de temas tiflológicos; apoio à prática e vulgarização do xadrez; apoio à prática de outros jogos de sala; oferta de condições para convívio entre sócios.

Os princípios e finalidades que deveriam reorientar a trajectória associativa para melhor responder aos desafios dos tempos modernos, foram assim enunciados: Recurso à acção de todos os cidadãos decididos a congregar esforços para a transformação da situação social dos deficientes visuais no sentido da dignificação da pessoa humana; Fundamentação na vontade esclarecida dos deficientes visuais, dispostos a libertar-se da situação de tutela em que têm vivido e a lutar pelo nivelamento social das suas condições de vida; Intervenção na vida da sociedade portuguesa com vista à eliminação das causas sociais da segregação dos deficientes visuais, ao estabelecimento e reconhecimento dos direitos destes cidadãos e à efectiva observância desses direitos; Consciencialização dos deficientes visuais, por forma a que possam adoptar correctamente um comportamento compatível com a sua integração; Solidariedade com todas as entidades que, no todo ou em parte, prossigam objectivos afins e disponibilidade para colaborar com essas entidades. Estes princípios deveriam apontar para as seguintes finalidades: Estudo amplo e aprofundado da problemática dos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

deficientes visuais em ordem ao aproveitamento total da sua capacidade; Contribuir, pelos meios adequados, para a formação da imagem fiel dos deficientes visuais socialmente válidos, promover a sua difusão e propugnar a sua assimilação pela sociedade; Proceder ao levantamento duma carta tiflológica portuguesa, que revele, o mais detalhadamente possível, a situação actual do país no que respeita a indivíduos, instituições particulares e serviços oficiais; Promover e realizar acções de esclarecimento público sobre:

**a)** Os deficientes visuais, aspectos específicos da sua condição física, psíquica e social;

**b)** A necessidade de transformação da mentalidade social visando a desejável integração comunitária dos deficientes visuais;

Denunciar os factores sociais responsáveis pela segregação dos deficientes visuais e lutar pela sua eliminação;

Desenvolver fundamentadamente junto dos órgãos competentes acções tendentes à tomada das medidas indispensáveis à definição e execução da política de reabilitação dos deficientes visuais;

Contribuir para a definição e aplicação de medidas sociais compensatórias da cegueira;

Reagir adequadamente, no espírito da Declaração dos Direitos dos Deficientes, às medidas adoptadas por quaisquer entidades, consideradas atentatórias dos interesses legítimos dos deficientes visuais;

Manter, sempre que conveniente, serviços de apoio aos deficientes visuais, sobretudo onde a especificidade da sua condição o exija;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ter conhecimento actualizado das linhas de reabilitação de deficientes visuais seguidas em países avançados, para aproveitamento do que se apresentar viável em Portugal;

Estabelecer e desenvolver relações de cooperação nos domínios que interessem aos deficientes visuais.

Naquele dia teve início uma lenta mas firme mudança que, dez anos volvidos, iria conduzir à transformação completa no nosso meio associativo tiflológico. O Secretário de Estado dos Assuntos Sociais, poucos dias depois da sessão solene a que presidira, remeteu um subsídio de 25 contos à ABLB destinado à revisão dos Estatutos. E nessa revisão foram tomadas três decisões da maior importância.

Foi abandonada a preponderância da função beneficente, passando a Associação a ser denominada Associação de Cegos "Luís Braille".

Foram fixados os seguintes objectivos, marcados pelo teor absolutamente moderno do seu espírito:

"Representar e defender os interesses dos deficientes visuais portugueses;

Criar, fomentar e apoiar todas as actividades que visem a educação, a reabilitação e a integração social dos deficientes visuais;

Cooperar com todas as pessoas individuais e colectivas, nacionais e estrangeiras, que prossigam objectivos afins;

Dentro do possível, apoiar moral e materialmente os associados cegos que careçam de assistência."

A terceira importante decisão tomada consistiu em afastar a exigência estatutária, que se vinha impondo desde a fundação, de o seu Presidente ter de ser normovisual, bem

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

eloquente quanto ao muito que ainda subsistia dos sentimentos dos cegos de antanho e da opinião pública sobre eles formada.

A ACLB foi convidada a enviar representações suas em visitas de observação e informação a Instituições estrangeiras - à ONCE (Espanha) e à VOS (União Soviética). Os relatórios destas visitas transmitiram as realidades daquelas Instituições rasgando algumas perspectivas e tornando outras melhor conhecidas quanto à acção tiflológica desenvolvida naqueles países, que contribuíram para enquadrar a acção tiflológica em Portugal. No prosseguimento deste esforço, no início da década de oitenta, a ACLB filiou-se, como Membro Associado, no Conselho Mundial para a Promoção Social dos Cegos e tomou parte em algumas reuniões daquela estrutura internacional.

As inovações tecnológicas na área da tiflogia, que passaram a ser regularmente divulgadas entre nós na segunda metade da década de setenta, suscitaram também, é claro, o interesse da ACLB e levaram-na a iniciar a divulgação e venda de alguns desses novos produtos no nosso país. Esta actividade esteve primeiro confiada ao chamado Departamento de Materiais, que evoluiu para uma figura empresarial, a UET (Unidade de Equipamentos Tiflotécnicos), de que é proprietária a ACAPO. Apesar das muitas insuficiências de que a UET ainda não se conseguiu libertar, há que reconhecer que o saldo da sua actividade é claramente positivo.

Outras actividades surgiram igualmente - cursos de alfabetização e musicografia braille, apoios de médico, advogado e assistente social, o desporto, a formação profissional, excursões e outras actividades recreativas, a consubstanciar o novo espírito dos tempos modernos. Não surpreende, portanto, que, nos últimos tempos da sua existência de 62 anos, a ACLB tenha registado a inscrição de

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

perto de 200 sócios, entre eles muitos jovens.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001).

O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos GESTA», Ano I N° 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm).].

### **\*ASSOCIAÇÃO DE INTÉRPRETES DE LÍNGUA GESTUAL PORTUGUESA (AILGP):**

Em 1990, um grupo de CODAs (filhos de pais surdos) e intérpretes de língua gestual portuguesa (ILGP) que prestavam serviços junto das Associações de Surdos existentes deliberaram constituir uma Associação que tivesse por objetivo o reconhecimento e profissionalização dos ILGP enquanto elo de ligação/ponte entre a comunidade ouvinte e a comunidade surda, e o reconhecimento da LGP.

Assim, a 22 de Janeiro de 1991, no 5º Cartório Notarial de Lisboa, sito na Rua do Crucifixo, foi celebrada a escritura pública de constituição da Associação de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa (AILGP), incluindo os respetivos estatutos e a designação dos titulares dos órgãos sociais.

A AILGP teve a sua primeira sede num espaço cedido pela Junta de Freguesia do Sacramento, sito na Calçada do Sacramento, 52, em Lisboa, transitando posteriormente para outras instalações da referida Junta de Freguesia na Rua Nova da Trindade, 22, em Lisboa, onde se manteve até lhe terem sido cedidas instalações pela Câmara Municipal de Lisboa, na zona da Portela.

Desde a sua constituição, a Associação passou a integrar a maioria dos ILGP que exerciam esta profissão, dispondo de uma bolsa de associados ILGP e de serviços que eram distribuídos de acordo com a disponibilidade dos associados.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Um dos primeiros objetivos da AILGP foi elaborar e aprovar um Código Deontológico e um Código de Conduta, bem como uma tabela de serviços. Nos anos 90 do século XX, foi constituída a delegação do Porto da AILGP, que funcionou na Rua do Paraíso, 27, 2º, sala 15, até 2007 (ano a partir do qual deixa de se ter conhecimento de qualquer actividade da Associação).

A AILGP foi bem aceite quer pelas Associações de Surdos existentes, quer pelas entidades oficiais. Integrou a Comissão para a elaboração do “Gestuário” de Língua Gestual Portuguesa, editado pelo Secretariado Nacional de Reabilitação (atual Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.) e pela Direção-Geral do Ensino Básico e Secundário (atual Direção-Geral da Educação). Participou e interveio no I Congresso Nacional de Surdos, realizado, em 1993, em Coimbra. Integrou, também, entre 15 de novembro de 1995 e 1997, a Comissão para o Reconhecimento da Língua Gestual Portuguesa, de que resultou a integração da seguinte redação na alínea h), do nº 2, do artigo 74º da Constituição da República Portuguesa: “Proteger e valorizar a língua gestual portuguesa, enquanto expressão cultural e instrumento de acesso à educação e da igualdade de oportunidades”.

A AILGP era Associação filiada desde 2000 no Fórum Europeu de Intérpretes de Língua Gestual Portuguesa e na Associação Portuguesa de Intérpretes de Conferência.

A AILGP celebrou protocolos com a Câmara Municipal de Lisboa (1998 - rescindido em 2009), com a Câmara Municipal de Cascais, o Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (actual Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.), e com a Associação Portuguesa de Surdos, este no âmbito do Protocolo daquela Associação com o Ministério da Justiça para assegurar ILGP no âmbito do sistema de Justiça.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ao abrigo deste último Protocolo participou na Comissão de Acompanhamento do mesmo e na I Formação de Intérpretes de Língua Gestual na área da Justiça.

A AILGP teve igualmente um papel fundamental na aprovação pela Assembleia da República da Lei nº 89/99, de 5 de julho, que define as condições de acesso e exercício da atividade de intérprete de língua gestual, bem como na defesa da profissão, na integração de ILG nas Escolas com alunos surdos, no reaparecimento de ILGP na RTP e no seu seguimento na SIC, TVI e ARTV, pela integração da legendagem nos programas informativos e melhoria do serviço de teletexto.

A partir do início deste século, a atividade da AILGP foi-se esbatendo tendo começado a surgir no seu lugar outras associações de ILG, bem como empresas de prestação de serviços de interpretação/tradução de LGP.  
(MS).

### **\*ASSOCIAÇÃO DE RETINOPATIA DE PORTUGAL:**

Esta associação portuguesa tem como objetivos estatutários, entre outros, informar e apoiar as pessoas afetadas e portadoras de retinopatias. A escritura pública foi realizada em 24 de julho de 1997.

Integra o Movimento Bengala Verde.

Ver Site: <https://www.retinaportugal.org.pt/>

### **\*ASSOCIAÇÃO O DOM MAIOR:**

Ver: Facebook <<https://pt-pt.facebook.com/AssociacaoDomMaior/>>

[www.dommaior.pt](http://www.dommaior.pt) <<http://www.dommaior.pt/>>

A Associação O Dom Maior é uma associação sem fins lucrativos que se dedica inteiramente a tudo o que é relacionado com crianças e jovens portadores de deficiências

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(áreas motora, intelectual, visual, auditiva, desporto adaptado e encaminhamento socioprofissional) e abriu a 19 de Junho de 2017 em Alvalade na Rua Coronel Bento Roma.

A Gala de inauguração realizou-se no dia 13.01.2018 no Teatro da Comuna, pelas 15h00.

Esta Associação nasceu da experiência de vida de uns pais de um menino portador de uma doença rara e única em Portugal. Apesar do prognóstico muito reservado (uma esperança de vida não superior a um ano), esses pais ousaram não desistir, acreditando que com Amor tudo seria possível.

«O desafio é sermos os heróis das nossas próprias histórias, utilizarmos o que temos para levar a bom porto os nossos sonhos. Que tenhamos a capacidade de pedir ajuda para obtermos melhores resultados, sendo possível aprendermos a encontrar o caminho das nossas oportunidades de forma a triunfamos sem medos.

Que seja possível adaptarmo-nos e sermos conscientes de que, por vezes, os nossos limites não passam de medos e falta de vontade para seguirmos em frente.

Esta é a nossa Missão, permitir o alcance de competências por intermédio da aplicação de terapêuticas estruturadas, utilizando brincadeiras e valores que lhes confira a correta motivação.

Em jovens procuramos incentivá-los para a empregabilidade, a descobrirem em si as suas competências e possíveis estratégias para a correta inserção e convivência em sociedade.

O Dom Maior oferece terapias altamente benéficas baseadas num plano estruturado para proporcionar o que há de melhor para as crianças e suas famílias.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Nasce assim, de uns pais que, perante tanta adversidade, decidiram partilhar o que melhor extraíram da sua experiência, na esperança de encontrar soluções para colmatar todas as contrariedades inerentes a uma sociedade que é inexperiente e pouco preparada para oferecer serviços de qualidade àqueles que nasceram especiais.

A nossa Gala de Inauguração é um momento único, contando com a presença de vários artistas muito especiais e personalidades ligadas ao contexto, incluindo a Secretária de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência.» (Sofia e Paulo).

Rua Coronel Bento Roma Nº 12B.

1700-122 Lisboa.

(Sofia Terceiro e Paulo Rosa).

### **\*ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS DO NORTE DE PORTUGAL (ACNP):**

«Em Janeiro de 1958, quando a LCJD tinha apenas sete anos de existência e já tinha ultrapassado os 30 da ACLB, foi criada a Associação de Cegos do Norte de Portugal, ACNP, a fim de proporcionar aos cegos da região do Porto condições para a abordagem e discussão dos seus problemas específicos. Apesar de ter sido a última das Associações de Cegos a ser constituída, foi a primeira, em 1974, a ter uma Direcção presidida por um associado cego. No entanto, esta presidência não durou mais do que alguns meses, por indisponibilidade do Presidente para enfrentar as muitas perturbações que marcaram aqueles tempos.

Ao longo dos 31 anos da sua existência, a ACNP, tal como já tinha acontecido com a LCJD, adoptou também como modelo a ACLB e desenvolveu na sua área geográfica de influência,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

entre outras, algumas das actividades já conhecidas nas Associações de Lisboa, destinadas aos seus associados cegos que, juntamente com os associados normovisuais, totalizavam um efectivo de cerca de 2500 sócios.

Além de acolher o debate das questões que os deficientes visuais enfrentam, constituiu uma pequena biblioteca, prestou algum apoio social, levou a efeito iniciativas de índole educativa, cultural, recreativa e desportiva, proporcionou na sede a execução de tarefas para empresas em que vários sócios ganharam algum dinheiro, e tentou também, em diálogo com o Poder autárquico e central, influenciar a discussão da política para os deficientes.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001). O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos GESTA», Ano I Nº 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm).].

### **\*ASSOCIAÇÃO DOS CEGOS E AMBLÍOPES DE PORTUGAL (ACAPO):**

«A ACAPO passou a existir legalmente em 20 de Outubro de 1989, quando os representantes das três Associações que protagonizaram a fusão, designados para esse fim, assinaram a escritura pública de constituição. Segundo os Estatutos em vigor em 2001, esta Associação mantém a figura de Instituição Particular de Solidariedade Social, de âmbito nacional, com sede em Lisboa e delegações regionais e locais. "Tem como finalidade a defesa dos direitos e dos interesses dos cegos e amblíopes portugueses, prosseguindo prioritariamente objectivos de natureza social, cultural e reivindicativa conducentes à sua promoção e integração na sociedade".

18 meses após a fusão das três Associações e passado apenas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

um ano sobre a sua legalização, a ACAPO é sujeita a uma prova da maior responsabilidade: ser anfitriã, juntamente com o SNR, da IIIª Assembleia Geral da UEC (Outubro 1990), acontecimento que, não apenas pelas decisões a que conduziu, também viria a ficar para a História como o primeiro "*forum*" internacional em que a Alemanha participou reunificada. E a organização com que este evento decorreu não deslustrou em nada os anfitriões.

Ao fim de doze anos de actividade o currículo da ACAPO, que, a nosso ver, não deixa quaisquer dúvidas quanto às vantagens da unificação, compreende já um sem número de iniciativas e participações. Mencionamos somente algumas reunidas sem qualquer pesquisa documental: membro da CNOD, da qual se desvinculou em 2000, UEC, UMC, IBSA (International Blind Sports Association), em que está agora representada por via indirecta, através da Federação Portuguesa de Desporto para Deficientes, CIB (Consejo Iberoamericano del Braille), CDAC (Comissão para o Desenvolvimento das Associações de Cegos dos países de língua portuguesa), etc., com participação activa a vários níveis nos trabalhos de algumas destas Organizações; realização de encontros profissionais; realização e participação em conferências, seminários e congressos; participação em comissões e grupos de trabalho constituídos em diversas áreas de serviços centrais e autárquicos; envolvimento em projectos singulares e em parceria; informação e propaganda; intermediação na prestação de serviços públicos a sócios; acção social; competição em provas desportivas nacionais e internacionais; convívio. Na ACAPO tem vindo a desenvolver-se um processo de desconcentração, assentando actualmente a sua estrutura orgânica em três delegações regionais e oito representações locais.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Merece ser aqui referido em especial o envolvimento da ACAPO no processo que levou à fundação da Associação Beira Aguireira de Apoio ao Deficiente Visual, da qual a ACAPO é sócia efectiva e membro do conselho fiscal. No âmbito dos objectivos que se propõe - criar e manter: escola de cães guias; núcleo de estudos e planeamento de acções no âmbito da deficiência; cursos de formação ou aperfeiçoamento profissional; organizações e iniciativas em prol dos deficientes visuais; centro de convívio/férias -, esta associação é já detentora da primeira escola para formação de cães guias que foi criada em Portugal e que, com toda a probabilidade, também não deixará de ser a única. Apesar da sua curta existência, esta escola lançou já algumas duplas em circulação; outras serão lançadas no futuro, uma vez que um conjunto de interessados se encontram inscritos em lista de espera. Esta nova realidade no nosso meio tiflológico tem suscitado diversos comandos legais a admitir e regular a circulação dos cães guias em transportes, serviços e instituições.

Contudo, é preciso acrescentar que muito continua por fazer. E isso deve-se, principalmente, à falta de uma verdadeira consciência tiflológica servida por uma ideologia coesa e por uma estratégia claramente definida e concertada, que torne consequentes todas estas iniciativas e participações. Estas insuficiências nem sempre têm permitido que a ACAPO se afirme correctamente, como se desejaria, no sentido mais autêntico da sua vocação. Compete aos sócios dar voz a esta insatisfação e contribuir, responsavelmente, para a formulação das políticas mais convenientes e para a definição das estratégias mais eficazes para a Associação em cada período, tidas em conta as variáveis políticas, sociais e económicas, que condicionem a acção tiflológica.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001). O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

GESTA», Ano I Nº 1 Julho 2001.  
[www.gesta.org/gesta01/indice.htm.](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm.)].

**\*ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS (ADFA):**

Esta Associação foi fundada em Portugal em 14 de maio de 1974. É uma associação livre e independente, pessoa coletiva de direito privado e utilidade pública.

Ver site: **[www.adfa-portugal.com](http://www.adfa-portugal.com)**.

**\*ASSOCIAÇÃO IRIS INCLUSIVA - ASSOCIAÇÃO DE CEGOS E AMBLÍOPES:**

Esta Associação, cuja génese remonta a setembro de 2009, com estatutos aprovados em Reunião de Assembleia Geral em 5 de novembro de 2015, destina-se a promover a plena inclusão comunitária e social das pessoas cegas e com baixa visão, através do desenvolvimento de um conjunto diversificado de projetos, serviços e intervenções centrados no desenvolvimento da autonomia e na participação plena, privilegiando uma abordagem multidimensional e integrada da incapacidade e valorizando a interação entre a pessoa e os contextos ao longo de todo o ciclo vital.

Ver Site: **[irisinclusiva.pt](http://irisinclusiva.pt)**.

**\*ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE INTERVENÇÃO PRECOCE (ANIP):**

Fundada em 1998, em Coimbra, com o objetivo de desenvolver e disseminar práticas recomendadas para

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

responder a famílias e profissionais, de forma individualizada e com uma equipa qualificada, com vista a promover o desenvolvimento da criança dos 0 aos 6 anos.

E-mail: ANIP Intervenção Precoce@ANIP.pt

Ver site: <http://www.anip.net> e [sede@anip.net](mailto:sede@anip.net)

**\*ASSOCIAÇÃO NACIONAL PARA A INCLUSÃO DOS CIDADÃOS COM DEFICIÊNCIA VISUAL (ANICDV):**

A ANICDV, criada em Portugal em dezembro de 2017, pugna pela plena inclusão das pessoas com deficiência visual, com o desenvolvimento de ações nos diferentes quadrantes da sociedade. É uma organização sem fins lucrativos.

Ver site: <https://pt-br.facebook.com/anicdv/>

**\*ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE CÃES DE ASSISTÊNCIA (APCA):**

A APCA é a única entidade em Portugal que pode certificar cães de assistência, no apoio a pessoas com deficiência sensorial e orgânica, como é o caso da epilepsia e diabetes.

Ver site: <https://apcapt.wordpress.com/>

**\*APPDA:**

Ver Associação Portuguesa para as Perturbações do Desenvolvimento e Autismo.

**\*ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DE DEFICIENTES (APD):**

A Associação Portuguesa de Deficientes tem por objeto a representação, promoção e defesa de todos os direitos humanos e liberdades fundamentais das pessoas com deficiência portuguesas. É uma organização de pessoas com deficiência, sendo a maioria dos associados e dos dirigentes pessoas com algum tipo de deficiência.

A Associação Portuguesa de Deficientes nasce, por iniciativa de um grupo de pessoas com deficiência, em consequência do debate surgido em torno da primeira iniciativa legislativa sobre reabilitação, a apresentar à então Assembleia Nacional, em 1971.

Fundada em Abril e publicados os primeiros Estatutos em Maio de 1972, a APD destacando-se da filosofia corrente, evitada de laivos caritativos, objetivamente promotores de marginalização assumiu, desde logo, um carácter reivindicativo e proponente que a colocou num plano distinto das restantes associações de pessoas com deficiência que então existiam.

A APD tem procurado negociar e participar na elaboração da legislação, e em tudo que respeita à problemática das pessoas com deficiência, com organismos da Administração Central, Regional e Local e com outras organizações. Desenvolve ações destinadas a sensibilizar, esclarecer e mobilizar a opinião pública para a amplitude e imperatividade da resolução dos problemas das pessoas com deficiência.

Um ponto alto do percurso da APD que reflete a sua capacidade de intervenção, foi a aprovação de uma Lei que proíbe e pune a discriminação em razão da deficiência pela Assembleia da República. O diploma integrou, na esmagadora maioria dos aspetos, a proposta inicial da Associação.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Tem dezasseis delegações, três das quais nas regiões autónomas.

A APD possui uma escola de desporto, que integra 150 atletas e praticam diversas modalidades, entre as quais basquetebol em cadeira de rodas, atletismo, natação, ténis de mesa.

Para informação e encaminhamento dos seus associados, entidades públicas e privadas tem gabinetes de Apoio Social, Jurídico e de Eliminação de Barreiras Arquitetónicas, na Sede Nacional e delegações. Presta ainda apoio psicológico.

A APD instituiu em 2009, o Prémio *Dignitas* que distingue os melhores trabalhos, publicados ou difundidos nos media portugueses, cujo tema seja a deficiência e que promova a dignidade das pessoas com deficiência, os seus direitos humanos e a inclusão social.

A APD foi agraciada, em 10 de Dezembro de 2009, com o Prémio de Direitos Humanos da Assembleia da República, «em virtude do trabalho desenvolvido em prol da integração das pessoas com deficiência».

Foi agraciada com o título de Membro-Honorário da Ordem do Mérito da República Portuguesa em 2014.

[Texto oficial aprovado pelos Órgãos Sociais, costumadamente incluído na representação internacional, fornecido pelo Dr. Joaquim Manuel Cardoso, "sócio fundador" da APD, atualmente Vogal da Direção da mesma e Presidente da Direção Distrital de Évora (DDE) da APD.

Ver também site: <https://www.apd.org.pt>].

**\*ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA PARA AS PERTURBAÇÕES DO DESENVOLVIMENTO E AUTISMO (APPDA):**

Ver site: [www.appda-lisboa.org.pt/](http://www.appda-lisboa.org.pt/)

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*ASSOCIAÇÃO PRESENÇA:**

Criada em Portugal, a génese Associação Presença Pessoas Surdocegas, suas Famílias e Técnicos, remonta a dezembro de 2009.

Tem o endereço de E-mail: [associacaopresenca@gmail.com](mailto:associacaopresenca@gmail.com)

Ver site: <http://associacaopresenca.no.comunidades.net/>

**\*ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EMPREGO DE DEFICIENTES VISUAIS (APEDV):**

Esta Instituição foi criada em Portugal, em 1980, com o intuito de ajudar os deficientes visuais em tudo o que for necessário, possível e desejável.

Ver site: [www.apedv.org.pt](http://www.apedv.org.pt)

**\*ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DO ENSINO DOS CEGOS - INSTITUTO ANTÓNIO FELICIANO DE CASTILHO:**

A Associação Promotora do Ensino dos Cegos - Asilo-Escola António Feliciano de Castilho (especificação esta que passou nos dias de hoje a denominar-se Instituto António Feliciano de Castilho) foi a primeira instituição para pessoas cegas criada em Portugal, em finais da década de 80 do século XIX. Foi inaugurada no dia 12 de março de 1888 (Amado, 2008 e 2013; & Guerreiro, 2000, 2012 e 2014).

A assistência filantrópica e cultural a pessoas cegas iniciou-se com esta Associação, sendo porventura o caso mais antigo e sistematizado entre nós. Esta associação, fundada pelos beneméritos Senhora Sigaud Souto e o dramaturgo Fernando Palha (este na altura Presidente da Câmara Municipal de Lisboa), criando em 1888 o Asilo-Escola António Feliciano de Castilho, pretendia estender a sua ação a todo o país, através de uma rede de estabelecimentos para cegos. Alguns anos depois, Branco Rodrigues, que colaborara com João de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Deus nesta iniciativa, acabara por se desligar do projeto e meter ombros à sua própria obra, fazendo nascer de forma materializada várias ideias suas em favor da causa das pessoas cegas em Portugal, inclusive a fundação das primeiras oficinas e escola para cegos, no Asilo de Cegos de Castelo de Vide, na última década do século XIX, cujos espólio e instalações hoje se encontram sob a égide da Fundação Nossa Senhora da Esperança, e a fundação do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, que veio a funcionar, como escola de música e de letras em regime de internato, em São João do Estoril a partir de 1913 (Guerreiro, 2000, 2011 e 2012).

Conforme o consultado em Baptista (1976), na década de 40 do século XX, Nunes Pinto, professor do Instituto Branco Rodrigues, no seu livro «Os Cegos por Esse Mundo», voltou a colocar a questão de «um esquema único e ordenado», a desenvolver por este Instituto, mas deixando a porta aberta a discussões posteriores e propondo um projeto educacional em que o Instituto Branco Rodrigues, «convenientemente ampliado e remodelado, desempenharia o papel de estabelecimento chefe, coordenador e orientador de todos os serviços pedagógicos e técnicos especiais» (Baptista, 1976). Mas as circunstâncias nunca o permitiram, por razões que, a serem aqui referidas, nos alongariam demasiado esta explicitação.

No que se refere a livros em braille, esta Associação só começaria a ter este tipo de recheio bibliográfico a partir de finais da década de 90 do século XIX, chegando a criar a «Revista-dos-Cegos», a primeira publicação impressa em braille e em caracteres comuns, editada em português e em inglês, que teve uma vida editorial desde 1933 a 1948, com periodicidade muito irregular nos últimos anos da sua publicação.

Em 1988, esta Associação fundou a sua Biblioteca Ciências

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

da Educação, nas instalações da sede da Associação, então na Rua Borges Carneiro, em Lisboa, privilegiando os livros em braille e nos suportes áudio e digital. No dia 14 de julho de 2016, inaugura a Digiteca, criada exclusivamente para o atendimento de pessoas com deficiência visual. A Associação pretende, através dos meios disponíveis, contribuir para o acesso dos seus utilizadores à informação, tanto quanto possível como as pessoas normovisuais.

A Biblioteca desta Associação possui hoje 767 títulos em braille, em 3067 volumes, e 13583 títulos em suporte eletrónico, conforme informações colhidas nesta Associação.

### Referências Bibliográficas:

AMADO, Maria C.T.M. Romeiras da Costa (2013). *Hide and Seek: Normality issues and global discourses on blind school modern projects (late 18th-19th centuries)* [Tese de Doutoramento em Ciências da Educação, Especialidade História da Educação, defendida em março de 2013]. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade Clássica.

AMADO, Maria C.T.M. Romeiras da Costa (2008). *Escritos em Branco: Rupturas da Ciência e da Pedagogia no Portugal Oitocentista: o Ensino para Cegos no Asilo-Escola António Feliciano de Castilho (1888-1930)* [Dissertação de Mestrado em Ciências da Educação, defendida em março de 2008]. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade Clássica.

BAPTISTA, José António (1976). *As organizações estrangeiras e a nossa falta de organização*. «Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura». Porto: Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, Nº 203, Novembro.

GUERREIRO, A. Deodato (2018). *História Breve dos Meios de Comunicação: Da Imanência Pensante à Sociedade em Rede* (2ª Edição). Almada: EDLARS - Educomunicação e Vida [Em distribuição pela Amazon/Espanha].

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

GUERREIRO, A. Deodato (2012). *Comunicação e Cultura Inclusivas*. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.

GUERREIRO, A. Deodato (2011). *Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflogia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal*. Lisboa: Câmara Municipal.

GUERREIRO, A. Deodato (2000). *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos: Contributos da Tecnologização da Tiflografia para a Ampliação dos Processos Comunicacionais*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência [Galardoado com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do mesmo Secretariado].

Ver site: <https://www.apec.org.pt/>  
(ADG).

### **\*ATARAXIA, LDA, SERVIÇO DE SAÚDE OCUPACIONAL:**

A Ataraxia é uma empresa de tecnologias especiais que, em Portugal, trabalha na adaptação de soluções e serviços específicos para pessoas cegas e com baixa visão.

Ver site: [www.ataraxia.pt](http://www.ataraxia.pt)

### **\*ATRASSO GLOBAL DO DESENVOLVIMENTO:**

O «atraso global do desenvolvimento» é definido por Ferreira (2004) como «um atraso significativo em vários domínios do desenvolvimento como sejam a motricidade fina e/ou grosseira, a linguagem, a cognição e as atividades de vida diária».

Cada uma destas áreas pode estar mais ou menos comprometida, pelo que classicamente, o atraso do desenvolvimento é entendido como uma entidade heterogénea, na sua etiologia e perfil, tendo diferentes

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

expressões ao longo do tempo, dependendo da competência em aquisição e requisitos ambientais, calculando-se que tem uma prevalência estimada entre 1% a 3% das crianças com idade inferior a 5 anos.

Na DSM-5 (Associação Psiquiátrica Americana, 2014), o diagnóstico de Atraso Global de Desenvolvimento é reservado a crianças até aos 5 anos de idade, caso não exista nos anos antecedentes uma avaliação concreta e precisa relativamente à sua gravidade clínica. Esta situação verifica-se quando a criança não apresenta um desenvolvimento normal, proporcional à sua idade cronológica, em duas ou mais áreas do desenvolvimento. Como é um diagnóstico inconclusivo, pressupõe avaliações periódicas.

Nunca é demais salientar que os primeiros anos de vida constituem uma etapa do ciclo de vida especialmente crítica, na qual se vão configurar as capacidades perceptivas, motoras, cognitivas, linguísticas, afetivas e sociais que possibilitarão uma adequada interação com o meio envolvente.

Se existe alguma assimetria significativa das competências da criança face a outras da mesma idade, esse fator constitui por si só um sinal de alarme.

Faz parte do Plano Nacional de Saúde Infantil o acompanhamento periódico do desenvolvimento da criança, não só em termos de vacinação, mas também deteção de eventuais desvios de desenvolvimento em cada idade chave, de modo a que qualquer alteração significativa seja identificada atempadamente, avaliada e, eventualmente, referenciada para consulta especializada, e para o Sistema Nacional de Intervenção Precoce na Infância.

Esta tarefa constitui muitas vezes um duplo desafio,... Por um lado porque existe uma grande variação nas aquisições entre crianças nesta faixa etária, tornando por isso difícil a deteção de alterações subtis mas significativas; por outro, porque o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

tempo de consulta é reduzido, o número de crianças a observar é elevado, assistindo-se ainda frequentemente à inibição do médico ou outro profissional em confrontar os pais com a realidade da existência de alterações, que podem levar ao erro de considerar todo e qualquer atraso como uma variação do normal e confiar exageradamente que elas desaparecem com a idade. Salienta-se ainda que esta inibição acontece muitas vezes por parte dos próprios pais ou principais cuidadores da criança, que apesar de observarem alterações no desenvolvimento do seu filho não detetadas no espaço limitado de consulta, têm um natural receio de falar das suas preocupações. As informações prestadas pelos pais, principais cuidadores e outros técnicos envolvidos no quotidiano da criança, nomeadamente os educadores ou educadoras de infância, é particularmente relevante quando existe suspeita de alterações de desenvolvimento. As preocupações destes intervenientes devem ser valorizadas. Mas para que haja diálogo aberto, as barreiras à comunicação têm de ser destruídas, o tipo de linguagem deve ser adaptado ao interlocutor, com a consciência que a comunicação só acontece quando as mensagens são acessíveis a quem as recebe. Salientamos aqui a importância, desde o primeiro sinal de alarme de atraso do desenvolvimento, da utilização de uma comunicação inclusiva.

Assim, perante uma suspeita de atraso de desenvolvimento, conscientes de que os limites da normalidade em crianças pequenas são muito amplos e que as aquisições são influenciadas por muitos fatores, mesmo na ausência de uma explicação etiológica, é sempre importante a identificação precoce e referenciação para serviços competentes na área, de modo a que tão rapidamente quanto possível, a criança e a família recebam o apoio adequado que os ajudará a encontrar o equilíbrio e a minorar ou até mesmo suprimir as dificuldades detetadas.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Como maximizar o potencial de desenvolvimento de crianças até aos 5/6 anos de idade com atraso de desenvolvimento?

«Considero impossível conhecer as partes enquanto partes sem conhecer o todo, mas considero ainda menos possível conhecer o todo sem conhecer singularmente as partes.» (Pascal, cit. por Morin, 1995, p. 148).

O apoio e proteção das crianças constitui uma preocupação que esteve mais ou menos presente ao longo da nossa história, sendo que a segunda metade do século XX constitui um marco no crescimento de iniciativas neste âmbito e afirmação dos direitos da criança, mais especificamente da criança com alterações no seu desenvolvimento.

«Tal como sucedeu em diversos países, também em Portugal (...) a evolução dos modelos e práticas em Intervenção Precoce e educação infantil especializada não poderá entender-se sem que se faça uma referência ao atendimento das crianças com deficiência de uma forma global» (Pimentel, 2005, p. 217).

Os trabalhos de Almeida (1997 e 2000), Bairrão e Almeida (2002), Felgueiras (1997), Pimentel (1999 e 2005), Serrano (2007), Serrano e Correia (1998) e Veiga (1995) fazem referência ao facto de que pela ausência de uma legislação específica para a Intervenção Precoce até 1999, apesar de existirem preocupações claras para intervir precocemente a partir da década de 60, as experiências nesta área em Portugal refletem a heterogeneidade de práticas e a quase inexistência de enquadramento teórico.

Só na década de 80, progressivamente, se começa «a assistir ao reconhecimento da necessidade de criar respostas de atendimento de crianças com necessidades especiais em idades precoces - “Falava-se então, sobretudo nos serviços de saúde e de segurança social, de identificação e de estimulação precoce, caracterizando-se a maioria das iniciativas por práticas de diagnóstico médico e prestação de apoios de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

carácter reabilitativo, com orientações genéricas à família» (Pimentel, 2005, p. 221).

Durante a década de 80, um importante contributo para a intervenção precoce, foi o apoio prestado pela Direção de Serviços de Orientação e Intervenção Psicológica (DSOIP, que mais tarde veio a designar-se Centro de Estudo e Apoio à Criança e à Família - CEACF), que se tornou uma entidade de referência, mediadora e formadora para o «Programa Portage para Pais» em Portugal. Este programa, muito praticado em diferentes países nos anos 80 e 90, desenvolvia-se no domicílio e destinava-se a crianças com necessidades especiais e suas famílias, seguindo um novo modelo conceptual com características organizacionais bem definidas (Bairrão, 2004, in Breia et al., prefácio).

Foi nesta época e neste enquadramento que nasceu o Programa Intervenção Precoce da Fundação LIGA, e porque o autor conta já com 25 anos de atividade profissional realizada quase exclusivamente neste Programa, pareceu-nos relevante optar pela reflexão e análise da pertinência da utilização de uma comunicação inclusiva em intervenção precoce na infância, relatando um pouco da história deste Programa.

Quando nasceu, em Maio de 1985, designava-se como Programa de Atendimento à 1ª e 2ª Infância e tinha como objetivo dar resposta à necessidade sentida pela LIGA, já com trinta anos de existência, de intervir o mais cedo e atempadamente possível, numa fase precoce do desenvolvimento das crianças com idades compreendidas entre os 0 e os 6 anos de idade, com grave atraso de desenvolvimento ou deficiência motora, mental e/ou sensorial. Crianças cuja condição de funcionalidade era grave à qual acrescia em muitas situações uma situação igualmente grave de condição ambiental igualmente grave. De acordo com os princípios da sua conceição, o Programa tinha como

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

objetivo criar condições facilitadoras do desenvolvimento global da criança, quer através da estimulação precoce diferenciada (estimulação sensorial, motora, cognitiva, da comunicação, sócio emocional, etc.) quer através do apoio e orientação à família e respetivo envolvimento social.

Na sua génese, o Programa já tinha uma perspetiva sistémica (do indivíduo à comunidade) - havia já uma preocupação em conhecer o envolvimento social de cada criança e ajustar as orientações dadas a cada família ao seu contexto de vida, para isso eram realizadas visitas domiciliárias e era prestado um apoio psicossocial às famílias.

Tendo em conta as experiências desenvolvidas, as solicitações das famílias e dos profissionais envolvidos no processo de intervenção, progressivamente foi surgindo a necessidade de aprofundar o campo de atuação. Os dados da investigação, a evolução das políticas e práticas defendidas a nível nacional e internacional apontavam novos caminhos e desafios aos profissionais de intervenção precoce do Programa. De facto, para que a qualidade de um serviço aumente e se mantenha, parece ser fundamental o envolvimento dos participantes no processo de mudança. Tal como diversos autores sugerem, a mudança só acontece quando os indivíduos, pertencentes a uma organização social, estão envolvidos na avaliação das suas próprias necessidades e estão preparados para, em conjunto, desenvolverem uma base de conhecimento partilhada. Assim, a pouco e pouco, assistimos a uma mudança progressiva dos princípios e valores que norteavam o programa, que deixam de ser centrados na criança e nos profissionais, para assumirem a família como elemento central da intervenção. Este aspeto revelou-se de uma grande importância, uma vez que se traduziu numa alteração do alvo da intervenção (que deixou de ser apenas a criança, mas passou a ser unidade família/criança) obrigando também à mudança de papéis,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

tanto ao nível dos profissionais como também da família. O produto final desta evolução assentou numa base conceptual, para a qual se descreve melhor como um modelo ecológico e sistémico. Esta metamorfose conceptual baseou-se, em grande parte, em áreas como o desenvolvimento infantil e a teoria dos sistemas familiares.

Neste âmbito, destacam-se três modelos teóricos que fundamentaram a prática do Programa:

**(1)** O Modelo Transaccional de Desenvolvimento de Sameroff e Chandler (1975), que vem influenciar decisivamente a consciência da importância da relação de reciprocidade entre um organismo e o seu ambiente (Serrano, 2007), em que «o desenvolvimento da criança é visto como um produto das interações dinâmicas e contínuas da criança e a experiência que lhe é proporcionada pela sua família e contexto social» (Sameroff e Fiese, 2000, p. 142);

**(2)** O Modelo de Ecologia do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, onde o autor elege a teoria geral sistémica e o desenvolvimento de modelos ecológicos para compreender comportamentos sociais, salientando-se assim «o princípio de que, (...) todos os indivíduos são vistos num processo de desenvolvimento constante e dinâmico, que progressivamente os faz passar para diferentes contextos, reestruturando os contextos onde se inserem.» (Serrano e Correia, 2000, p. 21). Bronfenbrenner (2005, p. 18) argumenta que «(...) o entendimento do desenvolvimento humano exige mais do que a observação directa do comportamento por parte de uma ou duas pessoas no mesmo local; ele requer o exame de sistemas de interação de múltiplas pessoas, não limitado a um único ambiente, e deve levar em conta aspetos do meio ambiente além da situação imediata que contém o sujeito.». O autor sugere vários contextos ecológicos onde o indivíduo se desenvolve - microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema - que se relacionam entre si e influenciam o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

curso do desenvolvimento (Bronfenbrenner, 1996);

**(3)** O Modelo de Apoio Centrado na Família, de Carl Dunst (1985), que se baseia, justamente, numa perspectiva ecológica e de sistemas sociais do desenvolvimento da criança (Serrano, 2007). Para construir este modelo, e aplicá-lo investigando o seu impacto, este autor partiu da constatação de que: a) não existiam provas convincentes sobre a eficácia de uma intervenção precoce centrada na criança com necessidades educativas especiais; b) os novos dados conceptuais (particularmente o modelo concebido por Bronfenbrenner) conduziam a uma melhor compreensão do desenvolvimento humano; c) as informações que os pais de crianças com NEE forneciam sobre a IP centrada na criança (através de métodos de auto-avaliação, entre outros) destacam a sua insuficiência e consequências negativas (Dunst, 2000, p. 80).

Nesta abordagem que se pretende centrada na família, conceitos como «empowering» (co-responsabilização) e «enabling» (capacitação) foram aos pouco operacionalizados na nossa prática. O conceito de empowering é operacionalizado por Dunst, Trivette e Deal (1988) como as ações levadas a cabo pelos profissionais que favorecem o acesso e o controlo às famílias dos recursos necessários para a satisfação das suas necessidades, e enabling, como o apoio prestado na aquisição de competências que tornem as famílias mais capazes de mobilizar os recursos necessários para melhorar o bem-estar e o desenvolvimento de todos os seus elementos. Para que tal aconteça, os autores acrescentam ainda, que as práticas de avaliação e intervenção devem considerar as necessidades e aspirações das famílias, o estilo de funcionamento familiar e os apoios e recursos disponíveis e isso só é possível utilizando uma comunicação verdadeiramente inclusiva.

[Recortado de: FARIA, Mafalda (2017). A comunicação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

inclusiva em intervenção precoce na infância no atraso global do desenvolvimento. In: Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas / Organização e direção científica de Augusto Deodato Guerreiro. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (em distribuição pela Amazon/Espanha)].

### **\*AUDIBILIDADE:**

Capacidade e competência para ouvir e inteligir os mais diversos sons, frases, proposições e enunciados, bem como a intencionalidade, desinteresse ou apatia, através do apurado exercício da audição, modalidade sensorial de que as pessoas cegas ouvintes se servem, como "olhos" tiflopercepcionais ou alternativos, para, por exemplo, analisar os mais diversos contextos, situações, e o seu próprio interlocutor por intermédio da sua voz, designadamente na intonacionalidade. (ADG).

### **\*AUDIÇÃO:**

Capacidade de ouvir.

Ver **Audibilidade**.

### **\*ÁUDIO:**

Com as tecnologias digitais, hoje é possível converter rapidamente um documento em áudio (MP3 ou DAISY), lido por uma voz sintética "natural" de alta qualidade, ou por voz humana. O resultado pode ser entregue em CD, DVD, cartão de memória, ou outro suporte digital, incluindo disponibilização na nuvem ou em streaming.

O áudio é uma excelente alternativa ao braille para documentos extensos, uma vez que um simples CD pode conter mais de 10 horas de áudio.

(AR).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*AUDIODESCRIÇÃO:**

É um recurso de acessibilidade à inclusão, principalmente para pessoas cegas e com baixa visão. Faz-se a descrição verbal do que é relevante (e que só se vê) de um qualquer contexto, de forma a que as pessoas com deficiência visual possam usufruir em pleno do conteúdo desse contexto, seja nos planos da Cultura, Arte, Educação, Desporto, Media. Através de uma descrição/tradução específica em cada uma das áreas, por exemplo teatro, cinema, materiais educativos ou obras expostas em museus, essa audiodescrição é realizada com diferentes requisitos, podendo ser ao vivo (como no teatro), gravada e colocada entre os diálogos (por exemplo no cinema) ou por intermédio de texto escrito e lido por programas específicos ou leitores de ecrã (designadamente materiais didáticos). A audiodescrição é utilizada também para a descrição de cenários, personagens, movimentos, expressões, emoções, imagens e gráficos. A audiodescrição pode ser um recurso infocomunicacional importante a usar para pessoas com deficiência intelectual, disléxicas, de baixa literacia e idosas.

(SJ).

### **\*AUDÍVEL:**

Que se ouve e se percepçiona.

(ADG).

### **\*AUTISMO (Síndrome do):**

Nome dado a um dos síndromas das perturbações do desenvolvimento infantil; pode ser designado por síndrome de Kanner, tomando o nome do médico de origem austro-húngara, Leo Kanner (1896/1981), que se radicou nos Estados Unidos da América. Elaborou a primeira descrição (1943 - "Autistic disturbances of affective contact" (Nervous

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Child 2: 217-50) que se tornou a referência dos fundamentos clínicos conceptuais do autismo (clássico). É uma perturbação neuro-psico-desenvolvimental caracterizada por alterações graves da interação social, da comunicação verbal e não-verbal e por padrões de comportamento, de interesses e de atividades, restritos e repetitivos. Difere do síndrome de Asperger na linguagem e níveis funcionais de inteligência geral, menos elevados; em algumas pessoas com autismo (designadas de nível funcional elevado), são conhecidos desempenhos excepcionais em áreas de funcionamento cognitivo (memória auditiva, visual, cálculo de calendários, etc.); ambos os síndromas tornam-se semelhantes nas dificuldades de compreensão/expressão de sentimentos e emoções. O autismo manifesta-se antes dos três anos de idade e abrange o percurso total de vida. Não pode ser curado, mas todas as pessoas com autismo, com os apoios adequados, aprendem a desenvolver melhor as suas potencialidades e a viver uma vida mais plena. Atualmente esta categoria nosológica encontra-se integrada no conceito de perturbação do espectro do autismo (American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Fifth ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing). (EGP).

### **\*AZEVEDO, JOSÉ ÁLVARES DE:**

Nascido em 1834 no Brasil, e cego de nascença, José Álvares de Azevedo foi personalidade de imensa relevância não só para a introdução do sistema Braille no seu país como para a tradução de obras pedagógicas e produção de artigos e estudos tiflológicos de sua autoria, divulgados na então corte imperial. Tendo estudado no Instituto Nacional para os Jovens Cegos (INJA), em Paris, de 1844 a 1850, aí adquiriu as suas competências tiflopedagógicas. Uma das intenções

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

iniciais da sua estada no INJA, além da sua formação e autonomia pessoal, era a formação de um competentíssimo professor que ajudasse a elevar o projeto do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, cuja fundação era preparada por Francisco Xavier Sigaud, médico imperial no Rio de Janeiro oitocentista e pai de Adélia e Vitorina Sigaud que fundariam em Lisboa, por sua vez, em 1888, o Asilo-escola António Feliciano de Castilho. Além de apoiar todos estes projetos direta ou indiretamente através do seu conhecimento e experiência, também José Álvares de Azevedo nos deixou a tradução para língua portuguesa da obra de Joseph Guadet (1795-1887) *L'Institut des Jeunes Aveugles de Paris: son histoire et ses procédés d'enseignement*, um tratado tiflopedagógico da maior relevância. Os conhecimentos que transmitiu em correspondência, artigos e traduções para português de obras pedagógicas e cartas destacaram-no e fizeram com que fosse recebido pelo Imperador D. Pedro II, patrono do Imperial Instituto dos Meninos Cegos, atual Instituto Benjamin Constant. A sua morte prematura em 1854 impediu-o de assumir as previstas funções de professor neste Instituto do Rio de Janeiro, inaugurado meses depois da sua morte. Em carta de 8 de novembro de 1856, Adélia Sigaud lamenta junto do Director do Instituto de Paris a morte do seu querido professor de escrita em pontos salientes e elogia o seu imenso contributo para a intensa relação entre as duas instituições. Deixou-nos Álvares de Azevedo nesta brilhante colaboração institucional a marca indelével das suas qualidades humanas e pedagógicas, contribuindo para a construção do modelo escolar adaptado moderno, direcionado para a autonomia, distando do prévio modelo asilar. (MRA).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## B

**\*BAIXA VISÃO:**

Ver **Ambliopia**.

**\*BALLU, VICTOR:**

Aluno de Louis Braille, Victor Ballu (1829-1907), baseando-se na rafigrafia, criou um processo de escrita mais simples, que permitia escrever a letra de imprensa através de pontos, utilizando régua e punções próprios (processo análogo ao da escrita do braille), que ficou a conhecer-se pela designação "Ballu", o apelido do seu inventor.

Ver também **Escrita Ballu**.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

**\*BALTAZAR DIAS:**

Ver **Dias, Baltazar**.

**\*BARBIER DE LA SERRE:**

Ver Serre, **Nicolas Marie Charles Barbier de la**.

**\*BARRA BRAILLE:**

Ver **Mostrador Braille**.

**\*BENGALA BRANCA:**

O «Dia Mundial da Bengala Branca» tem a sua génese em 1921, atribuída a James Biggs, fotógrafo britânico que residia em Briston e que perdera o sentido da visão num acidente. Para se sentir mais seguro nas suas deslocações e ser mais facilmente visto na rua, consta que teria pintado a sua bengala de branco, porque, assim, facilitaria os automobilistas na sua visualização, em trânsito.

Mas a "cane blanche" foi criada em 1930 pela senhora Guilly d'Herbement, em França, para uso dos deficientes de guerra. O «Dia Mundial da Bengala Branca» foi estabelecido pela Federação Internacional de Cegos em 1970 e celebra-se a 15 de Outubro.

A "bengala branca" (que, nos dias de hoje, já é também eletrónica, equipada com sensores que permitem a percepção de obstáculos suspensos, à altura da cabeça, desníveis, profundidades, etc.), bem utilizada tecnicamente, é um excelente e indispensável meio de extensão táctil da pessoa cega, que a auxilia com segurança:

- Na orientação e mobilidade;
- No desenvolvimento sensoriocognitivo, neuromotor, psicomotor e sociocognitivo;
- Na independência e autonomia;
- No relacionar-se e interagir;
- Na inclusão e qualidade de vida.

Já existe também um movimento adepto da "bengala verde", proveniente da América Latina, em analogia com a "bengala branca", mais por uma razão eufemística e prática, cuja representante desse movimento no nosso país é a Associação de Retinopatia em Portugal.

Há pessoas cegas que preferem o "cão-guia" à "bengala" e, até, quem use ambos os recursos ao mesmo tempo. O "cão-guia" é uma espécie de "bengala" mais confortável e eficaz,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

embora reconhecendo-se, como entrega total a esse recurso, prós e contras, consoante determinadas circunstâncias. Podem verificar-se desvantagens ou condicionantes e indiscutíveis vantagens:

- Deixa instalar a dependência na pessoa cega. O "cão-guia" resolve em grande parte as dificuldades, sobretudo de orientação;
- Para quem tem uma vida muito ativa, o "cão-guia" é mais uma grande preocupação, para a pessoa cega, com a sua limpeza, tratamento, a necessária atenção para com o companheiro, o fiel amigo;
- Naturalmente, torna a pessoa cega mais negligente ou desatenta a uma coisa muito importante, que é o seu desenvolvimento sensoriocognitivo, e da consequente mobilidade e orientação;

Vantagens:

- Proporciona mais à-vontade à pessoa cega, mais facilidade nas suas deslocações e localização dos espaços ou equipamentos a que deseja aceder, desde que devidamente treinado;
- É uma excelente e frutífera companhia para muita gente que está só e triste pela solidão.

(ADG).

### **\*BENGALA MÁGICA:**

Ver **Associação Bengala Mágica**.

### **\*BIBLIOINCLUSÃO:**

Neologismo para designar o ato ou efeito de uma biblioteca inclusiva, garantindo esta a sua acessibilidade e usabilidade por parte de todos os utilizadores, independentemente das suas dificuldades ou incapacidades. Assim, a *biblioteca*, desde que *biblioinclusiva*, com o máximo de hiperligações, abrangendo o sistema neural de informação/infocomunicação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

multimédia e com as suas coleções de fontes de informação (constituídas por documentos *fixos e permanentes, fluidos e transientes*) disseminadas por uma inumerabilidade de locais, sem fronteiras e acessíveis a todos os cidadãos, é (como o museu, o arquivo histórico e outros equipamentos culturais em idênticas circunstâncias, numa cidade acessível) o *instrumento* sociocomunicacional e sociocognitivo, científico e tecnológico, pedagógico e cultural, de sensibilização e esclarecimento da sociedade em geral, *mais profícuo* na acessibilidade e usabilidade para o fomento da natural inclusão.

(ADG).

### **\*BIBLIOTECA MUNICIPAL CAMÕES:**

Ver **Primeira Biblioteca Inclusiva em Portugal**.

### **\*BIBLIOTECA SONORA DIGITAL DA BIBLIOTECA PÚBLICA MUNICIPAL DO PORTO:**

Em 1971 foi criada, no seio da Biblioteca Pública Municipal do Porto, um serviço de leitura em suporte áudio com o fim de proporcionar alternativas de leitura a pessoas com necessidades visuais, com problemas de mobilidade e idosas, com a denominação "Biblioteca Sonora", a qual continha, em 2007, um acervo documental com cerca de 4500 títulos, já ultrapassando hoje os 5500. O número de leitores com deficiência visual é crescente, tendo em conta o facto de se encontrarem disponíveis em suporte digital os livros que, inicialmente, só se podiam ouvir em equipamentos e cassetes especiais, e, mais tarde, também em cassetes comuns.

No fundo, esta Biblioteca é um repositório eletrónico de fonogramas não musicais acessível em linha, "livros falados" ou áudio livros produzidos e disponibilizados por este equipamento, sendo o acesso gratuito, mas restrito aos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

cidadãos cegos e com baixa visão, requerendo, para esse efeito, a necessária autenticação.

Os utilizadores têm acesso em linha a mais de 700 livros gravados, num total que já vai além das 2500 horas de som áudio digital (MP3).

Ver site: **[bmp.cm-porto.pt/bibliotecasonoradigital](http://bmp.cm-porto.pt/bibliotecasonoradigital)**

(MLRFG).

### **\*BICULTURALISMO:**

Em definição.

(DA).

### **\*BILINGUISMO SURDO:**

O bilinguismo da pessoa surda, o bilinguismo surdo, é o uso, pelas pessoas surdas, da língua de sinais (L1) - a sua língua natural - e da língua do seu país (L2) - na sua modalidade escrita e eventualmente falada.

No caso das pessoas surdas portuguesas a Língua Gestual Portuguesa (LGP) é a sua primeira língua e a Língua Portuguesa (LP) escrita e, eventualmente, falada é a segunda língua. Estas duas línguas funcionam automaticamente de forma complementar, devendo o surdo aprender a usar natural e adequadamente quer uma modalidade (visuo-espacial), quer outra (visual escrita). Trata-se de um bilinguismo diglósico, sucessivo e ou simultâneo.

O Surdo não é um ouvinte que não ouve.

O Surdo deve ser instruído de forma a ser naturalmente bilingue e simultaneamente diglósico, isto é, de forma a ser capaz de usar a LGP ou de usar a LP escrita sempre que a situação o exija, de forma a poder interagir com diferentes interlocutores e em diferentes contextos situacionais.

A LGP não se escreve, desenha-se no espaço. É acrípta. Então, a LP escrita complementa a LGP, como seu suporte

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

gráfico, e tem a função de permanência, de registo dos conceitos, da informação e dos saberes. A Língua Portuguesa escrita não reflete a expressão da língua visual espacial do surdo, mas sim a expressão da língua portuguesa oral. Esta constante relação de paralelismo e complementaridade linguística - este bilinguismo diglósico - deve ser sempre respeitado em qualquer processo de ensino e aprendizagem de uma criança ou jovem surdo. Reside aqui a essência da educação e ensino bilingue dos surdos.

A LGP é a língua da interação e do acesso à LP. Por sua vez, a LP é a língua da inclusão da pessoa surda na sociedade portuguesa, como cidadão autónomo de pleno direito.

(DA).

### **\*BLISTER BRAILLE:**

Máquina datilográfica mecânica provida de um conjunto de teclas para escrever o braille carácter a carácter.

(ADG).

### **\*BOBINA:**

Ver **Bobina Aberta de Fita Magnética**.

### **\*BOBINA ABERTA DE FITA MAGNÉTICA:**

Fita aberta e bobinada em que se gravava música e textos literários e de variedades diversas.

(ADG).

### **\*BRAILLE:**

Processo de leitura e escrita baseado no Sistema Braille.

(FPO).

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*BRAILLE, LOUIS (1809-1852):**

Inventor do Sistema Braille.

(FPO).

**\*BRAILLE A NEGRO:**

Ver **Braille em/ou a Tinta**.

**\*BRAILLE ABREVIADO:**

Ver **Estenografia Braille**.

**\*BRAILLE DE OITO PONTOS:**

Escrita em relevo com base no conjunto fundamental acrescido dos pontos 7, por baixo do ponto 3, e 8, por baixo do ponto 6, possibilitando assim a existência de 256 sinais simples.

(FPO e CB).

**\*BRAILLE DESCARTÁVEL (Brasil):**

Impresso braille em papel de gramagem inferior à normalmente usada, de pouca durabilidade, empregado em trabalhos não destinados a uma longa existência.

(FPO e JBC).

**\*BRAILLE EFÊMERO:**

Texto braille obtido por acção do utilizador em mostradores de equipamento informático, que se conserva patente enquanto o utilizador desejar.

(FPO).

**\*BRAILLE ELETRÓNICO:**

Braille gerado por equipamentos electrónicos tanto à entrada como à saída.

(FPO).

**\*BRAILLE EM/OU A TINTA:**

Simulação do braille por meio de pontos em tinta.  
(FPO).

**\*BRAILLE ESTENOGRAFADO:**

Texto escrito segundo as regras da Estenografia Braille (Grau 2).  
(FPO).

**\*BRAILLE FALADO:**

Equipamento informático portátil com teclado braille e saída sonora.  
(FPO).

**\*BRAILLE GRAU 1:**

Ver **Braille Integral**.

**\*BRAILLE GRAU 2:**

Ver **Estenografia Braille**.

**\*BRAILLE INTEGRAL:**

Escrita braille em que todos os caracteres dos vocábulos se representam pelos correspondentes sinais do Sistema Braille (Grau 1).  
(FPO, OJM e VC).

**\*BRAILLE JUMBO:**

Braille de seis pontos que apresentam maior afastamento entre si.  
(FPO, OJM e VC).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*BRAILLE LITE:**

Em definição.

(AR).

### **\*BRAILLE PADRÃO (Brasil):**

Ver **Braille Integral**.

### **\*BRAILLE SEM PAPEL:**

Ver **Braille Eletrônico**.

### **\*BRAILLENOTE:**

Em definição.

(AR).

### **\*BRAILLINA:**

Dispositivo mecânico, na forma de boneco, com seis pontos salientes na frente, podendo, cada um dos quais, baixar-se ou levantar-se manualmente, para formar cada um dos 64 sinais simples do Sistema Braille.

(ADG).

### **\*BRAILLISMO:**

Atitude de defesa e valorização do braille. Tendência a fazer prevalecer o braille sobre todas as modalidades de leitura ou de escrita praticadas pelos deficientes visuais.

(FPO).

### **\*BRAILLISTA:**

Aquele que abraça o braillismo.

(FPO).

### **\*BRAILLÍSTICA:**

Parte da Braillogia que se ocupa dos conhecimentos sobre a génese do Sistema Braille, os seus princípios estruturais e as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

condições mais adequadas de tactilidade.  
(FPO).

### **\*BRAILLIZAÇÃO:**

Ato ou efeito de brailizar.  
(FPO).

### **\*BRAILLIZADO:**

Relativo a brailizar.

### **\*BRAILLIZAR:**

Promover o ensino/aprendizagem da prática e utilização do braille.  
(FPO).

### **\*BRAILLOFILIA:**

Dedicação e apoio à causa do braille.  
(FPO).

### **\*BRAILLÓFILO:**

Que pratica a braillofilia.  
(FPO).

### **\*BRAILLOFOBIA:**

Atitude contrária ao braille e sua utilização.  
(FPO).

### **\*BRAILLÓFOBO:**

Que manifesta braillofobia.

### **\*BRAILLOGRAFADO:**

Relativo a braillografar.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*BRAILLOGRAFAR:**

Escrever em braille segundo as regras das respectivas grafias.  
(FPO).

### **\*BRAILLOGRAFIA:**

Parte da Braillogia que se ocupa do material signográfico e correspondentes normas de aplicação utilizados nas diversas escritas em braille. A sua aplicação.  
(FPO).

### **\*BRAILLOGRÁFICO:**

Relativo à braillografia.

### **\*BRAILLÓGRAFO:**

Aquele que usa o braille respeitando as regras das respectivas grafias.  
(FPO).

### **\*BRAILLOGIA:**

Conjunto dos conhecimentos que consubstanciam e enquadram as matérias das várias vertentes da problemática do braille.  
(FPO).

### **\*BRAILLOLÓGICO:**

Relativo à braillogia.

### **\*BRAILLOGISMO:**

Atitude de apoio e defesa da braillogia.  
(FPO e ADG).

### **\*BRAILLOGISTA:**

Especialista em braillogia.  
(FPO e ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*BRAILLOMANIA:**

Superestima doentia do braille.  
(FPO).

### **\*BRAILLÓMANO:**

Aquele que apresenta braillomania.  
(FPO).

### **\*BRAILLOTECNIA:**

Conjunto das técnicas aplicadas na concepção e fabrico do equipamento para produção e utilização do braille.  
(ADG).

### **\*BRAILLOTÉCNICO:**

Relativo à braillotecnia.

### **\*BRAILLOTECNOLOGIA:**

Neologismo para designar o conjunto de procedimentos informático-tecnológicos aplicados na produção e utilização do braille.  
(ADG).

### **\*BRAILLOTECNOLÓGICO:**

Relativo à Braillotecnologia.

## C

### **\*CÃO-GUIA:**

É um cão especialmente treinado para guiar pessoas cegas ou de visão muito reduzida, cuja génese da sua utilização remonta ao Século I, como se pode inferir do gravado num mural presente nas ruínas romanas da cidade de Herculaneum.

É um animal, geralmente de raça retriever do labrador, que é educado durante dois anos de muito trabalho para poder vir a conduzir o futuro dono em segurança nas suas deslocações. Os dois elementos da dupla (cão e dono) servem-se do arnês para comunicarem um com o outro enquanto caminham confiantes num qualquer lugar, rua, restaurante, no banco, nos transportes, incluindo o avião.

Em Portugal, existe a Escola de Cães-Guia, no sítio Chão de Vento em Mortágua, da Associação Beira Aguireira de Apoio ao Deficiente Visual (ABAADV). A ABAADV tem, como principal resposta social, a Educação de Cães-Guia para Pessoas Cegas, permitindo-lhes a utilização gratuita destes fiéis amigos, que representam, como companheiros, uma nova liberdade, sobretudo na orientação e mobilidade, para as pessoas cegas.

Um cão-guia é um cão de assistência, adestrado para conduzir pessoas cegas ou com deficiência visual grave, ou auxiliá-las nas suas tarefas de rotina e, mesmo, esporádicas. Na condução da pessoa cega, o cão-guia deve possuir a capacidade de discernir eventuais perigos devidos a barreiras, pelo que é requerida uma elevada inteligência e treinamento intenso do mesmo, por forma a desempenhar em pleno a sua função.

O Cão-Guia já começa a ser treinado para também responder a necessidades de pessoas com outros tipos de dificuldades. (ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*CASSETE AUDIO:**

Fita magnética bobinada e fechada, que veio substituir, para uso comum, a fita magnética aberta e bobinada, onde se registavam sons, música e palavras.

(ADG).

### **\*CASSETE DA SEMANA - EDIÇÃO SONORA DO CCC E DA LCJD:**

Edição Sonora do ex-Centro de Cultura para Cegos (CCC), fundado pelo Jesuíta Padre Abílio Martin, e da ex-Liga de Cegos João de Deus (LCJD). Publicação sob a direção do Padre Abílio Martins e de Isidro da Eira Rodrigues, que sobreviveu desde a Primavera de 1976 até ao Inverno de 1977 e que era elaborada a partir de artigos, considerados de interesse, retirados de revistas especializadas impressas a tinta, sendo o Padre Abílio Martins quem os gravava em banda magnética com a sua própria voz.

(ADG).

### **\*CASSETE-EUROPA:**

Edição Sonora em Português do Gabinete para a Acção em Prol dos Deficientes: Órgão da Comissão da então Comunidade Económica Europeia, tendo chegado à Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional de Portugal apenas cinco números (do número 2 ao número 6), desde Fevereiro de 1986 a Dezembro de 1987.

(ADG).

### **\*CASTILHO, ANTÓNIO FELICIANO DE:**

Português, nasceu a 28 de Janeiro de 1800 e faleceu a 18 de Junho de 1875. Cego desde os 6 anos de idade, poeta, prosador, historiador, crítico, polígrafo, eminente vulto das

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

letras portuguesas.  
(ADG).

### **\*CASTRO, JOSÉ DE ALBUQUERQUE E:**

Português, nasceu a 23 de Janeiro de 1903 e faleceu a 15 de Abril de 1967. Cego, professor, tiflólogo e investigador, fundador e Diretor do Centro de Produção do Livro para o Cego, atual Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, e de «Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura», do mesmo Centro.

Considerando a grande relevância tiflológica de Albuquerque e Castro em Portugal e além-fronteiras, achamos útil e oportuno colocar aqui uma breve biobibliografia sua, recortada de GUERREIRO, Augusto Deodato (2011). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflogia, Tiflogia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal - DMC/GRC; 195-197.

«José Ferreira de Albuquerque e Castro nasceu a 23 de Janeiro de 1903, na freguesia de Santa Marinha, Vila Nova de Gaia, sendo filho de António Maria de Albuquerque e Castro e de Ana Ferreira da Silva. Frequentou a Escola Primária da sua freguesia, a Escola Preparatória e mais tarde o Instituto Industrial.

Cegou aos 13 anos por acidente, tendo sido inúteis todos os tratamentos a que se sujeitou, nomeadamente no Instituto Oftalmológico Gama Pinto e na Clínica do Dr. Barraquer em Barcelona.

Como aluno externo do Instituto de Cegos do Porto, aprendeu o Braille e a música. Mais tarde tirou o Curso Superior de Piano com 20 valores no Conservatório de Música do Porto. Em 1938 tornou-se professor do Instituto que mais tarde seria designado por Instituto de Cegos S. Manuel.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Foi notável a sua acção como tiflólogo, pedagogo e compositor. Da sua extensa obra destaca-se:

**1935** - Publicação de "Projecto de Aplicação do Sistema Braille à Ortografia da Língua Portuguesa";

**1937** - Publicação de "Estenografia Braille da Língua Portuguesa";

**1940** - Publicação de "Cantares", coral para quatro vozes mistas e para três vozes iguais;

**1944** - Publicação na Revista dos Cegos de "Reflexões e Comentários";

**1955** - Publicação de "Prontuário Morfológico da Língua Portuguesa";

**1947** - Publicação de "Miragem" (quadro radiofónico);  
Publicação de "Tu!", peça para canto e piano;

**1948** - Conferência "Os Cegos como Cidadãos e como Homens";

**1949** - Publicação de "Ave Maria", coral para três vozes iguais;

**1951** - Conferência "A Educação dos Cegos e a sua Recuperação para a Vida"; Participação como Delegado de Portugal à Conferência de Montevideu;

**1952** - Elaboração de Esquema de Planos de uma Organização Assistencial Tiflológica;

**1953** - Representação de Portugal na UNESCO; Organização da 1ª Exposição Tiflológica no Porto; Conferência "A Música no Tempo e no Espaço"; Conferência "Sentido Contemporâneo do Fenómeno Musical";

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**1955** - Visita a Centros Tiflológicos em Espanha e França como bolsheiro do Instituto de Alta Cultura;

**1956** - Fundação e direcção do Centro de Produção do Livro para o Cego e da Revista "POLIEDRO"; Participação como Delegado de Portugal à Organização Mundial para a Promoção Social dos Cegos, em Londres;

**1959** - Conferência "O Alfabeto Braille e a sua projecção em Portugal"; Participação como Delegado de Portugal à Organização Mundial para a Promoção Social dos Cegos, em Roma;

**1960** - Publicação de "Símbolos do Alfabeto Braille";

**1961** - Nomeação como Director dos Serviços Tiflológicos da Santa Casa da Misericórdia do Porto; Participação como Delegado de Portugal na Conferência Internacional da Guatemala; Visita a Centros Tiflológicos nos Estados Unidos e Canadá;

**1962** - Visitas ao Brasil a convite dos Serviços de Readaptação do Estado de Guanabara;

**1963** - Estudo dos exames dos cegos;

**1964** - Elaboração dos símbolos Braille de Matemática; Conferência "Os Cegos de Ontem e de Hoje"; Conferência sobre "Fundamentos da Valorização Social dos Diminuídos Visuais";

**1965** - Unificação da Grafia Braille; Criação dos Símbolos da Fonética Braille;

**1966** - Participação como membro fundador na Comissão Permanente de Braille.

Distinguiu-se ainda como poeta, sendo de referir neste campo

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

"Poemas de Ontem e de Hoje", publicados em 1967 pelo Centro Professor Albuquerque e Castro.

Em 1953 casou com a Exma. Sr<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Pilar Ribas, de cujo casamento houve duas filhas.

Faleceu no Porto a 15 de Abril de 1967, estando sepultado no cemitério de Mafamude, Vila Nova de Gaia.».

(ADG).

#### **\*CAUSA MAIOR (ONGD) E A CPLP:**

Da necessidade do associativismo na sociedade que o Homem criou, as ONGs surgem como forma de intervenção objetiva, na tentativa de resolução de alguns prementes problemas sociais, como os relativos à Tiflologia.

A experiência da ONGD Causa Maior relativamente à ajuda, nesta área, em especial em Cabo Verde, surge como consequência dos objetivos estatutários contidos nos seus propósitos que determina que a sua ação se referencie por fins de tipo social através de ações educativas, formativas, de investigação e de tecnologia.

A ONGD Causa Maior começa por delinear, na sua área de intervenção, três referências:

Consciência - Saber quem somos e o que queremos;

Esperança - Sentir que vale a pena;

Ação - Sentir o que deve ser feito.

Neste momento, já atua e pretende continuar a atuar num espaço de intervenção, numa perspetiva social.

A ONGD Causa Maior já concretizou e está em vias de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

concretizar em Portugal, Moçambique, Cabo Verde, S. Tomé e Príncipe, Guiné, e noutros países, em especial de expressão portuguesa, projetos nas diferentes áreas de intervenção, visando, sobretudo, a valorização das pessoas, sempre num diálogo permanente com as instituições que são as destinatárias do seu trabalho e na constante auscultação das necessidades que são sentidas pelos diferentes interlocutores, considerados como representantes de uma sociedade que importa que aja no sentido da sua valorização cultural e social.

Não pretendemos impor soluções, mas sim partilhar diagnósticos e colaborar na obtenção de respostas para cada situação.

Da experiência colhida em países da CPLP, são algumas as instituições públicas e privadas que temos acompanhado.

Os professores, dirigentes de associações e responsáveis na área política, sempre evidenciaram a maior receptividade às propostas da Causa Maior.

Por tudo isto, não estamos em condições de dizer nem tal acontecerá, que temos obra acabada, pelo contrário, muitas são as ações que nesta altura estão em estudo, quer por parte da Causa Maior quer por parte dessas instituições, numa permanente procura das melhores soluções.

A título de exemplo, refira-se que foi destas premissas que nasceu o Curso *online* de orientação e mobilidade para invisuais e normovisuais.

Na conceção e organização deste curso participaram cientistas e professores de renome nesse domínio, assim como a Reitoria da Universidade de Cabo Verde (UniCV) e diversos representantes das forças vivas daquele país.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Sendo a "orientação e mobilidade", certamente, as componentes mais importantes no processo de reabilitação e integração da pessoa deficiente visual, esta ação de formação "Técnicas e Processos de Ensino de Orientação e Mobilidade Básica no Interior da Área da Escola e da Residência" pretendeu possibilitar a melhoria da qualidade de vida das pessoas cegas em Cabo Verde, através da abordagem de técnicas básicas de guia.

Está prevista a realização, a curto prazo, de ações similares no domínio da Tiflologia e de outras áreas, quer em Cabo Verde quer noutros países de expressão portuguesa.

(FB).

### **\*CAUSA MAIOR (ONGD) E A INCLUSÃO:**

A Causa Maior-Associação é uma ONGD, Organização Não Governamental para o Desenvolvimento, instituição sem fins lucrativos, cujos Estatutos foram formalmente registados em 11 de Outubro de 2013.

Integrada, maioritariamente, por professores, participa na conceptualização e na concretização de iniciativas que permitam a valorização da qualidade de vida, quer numa perspetiva económica quer numa perspetiva cultural, de grupos populacionais em domínios distintos, sempre analisadas, estudadas e acompanhadas com representantes dos interessados.

Para além das iniciativas próprias, a Causa Maior participa em ações levadas a cabo por instituições idóneas já existentes.

Para lograr maior eficácia, a associação firmou protocolos com diversas entidades como o Instituto Leopoldo Guimarães, a Universidade Eduardo Mondlane, de Moçambique, a Universidade de Cabo Verde e a Escola Politécnica Cesaltina Ramos, de Cabo Verde.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Tem colaborado na concretização de projetos que visam a inclusão harmoniosa na sociedade dos que, por diversas razões, explicadas por carências culturais e por motivos económicos, foram colocados nas margens da comunidade pelas classes mais ricas e mais produtivas.

A Causa Maior, como outras suas congéneres, atua no sentido de que seja assumido, cada dia mais rigorosamente, que todos os seres humanos têm os mesmos direitos e deveres independentemente das capacidades e disponibilidades físicas e mentais de cada um.

Recusa, por ser a negação dos seus princípios, confinar a sua ação à cómoda oferta de apoios que considera como sucedâneo das esmolas oferecidas durante séculos e que, se tranquilizavam consciências, serviam também para perpetuar a distância entre os que tinham e os que não tinham.

A associação bate-se para que seja encurtada, até ao dia em que desapareça, essa distância, magno objetivo de todos quantos pretendem uma justa e equilibrada inclusão de todos na sociedade a que todos pertencem.

Atenta a estes objetivos, a Causa Maior atua, sem alarde nem parangonas, onde os meios de que dispõe permitam, seja em Portugal, seja em Cabo Verde ou em S. Tomé e Príncipe ou noutras paragens, sempre em estreita ligação com os visados pelas ações a concretizar como se verificou recentemente quando da realização do curso no âmbito da Tiflologia destinado a alunos cegos e normovisuais de Portalegre e de algumas ilhas de Cabo Verde que contou com a colaboração de instituições caboverdianas e a participação do Centro de Investigação em Tiflologia, Ciência, Cultura e Inclusão, organismo do âmbito funcional e operacional da Fundação Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide.

Estes organismos trabalham, como a Causa Maior, para que homens e mulheres, que ainda não gozam de plena cidadania, se possam sentar à mesma mesa onde os outros homens e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mulheres trabalham e à mesma mesa onde os outros comem. E, para que estas situações sejam consideradas como fruto de uma consciência coletiva atenta e atuante, a Causa Maior procura, em conjunto com os seus parceiros, as melhores políticas e estratégias metodológicas de atuação, de modo a que, com a desejável naturalidade, o peso conceptual do vocábulo inclusão se neutralize ou deixem de haver razões que deem lugar à sua alusão.

Para que tal venha a verificar-se, e a Causa Maior não duvida de que isso acontecerá num amanhã próximo e, se continuarmos a lutar esforçadamente, a Causa Maior sentirá que valeu a pena esta caminhada, feita em conjunto com muitos homens e mulheres, e que em muito se honra em considerá-los como seus companheiros de jornada.

A inclusão é um conceito complexo, assim como o é também a implementação da sua prática no terreno. Mas é nesse espírito inclusivo, cuja complexidade também nos empurra para descobertas e soluções, que a Causa Maior envida todos os esforços, e persistirá nesse objetivo, para encontrar os melhores caminhos e os melhores parceiros congêneres para, de mãos dadas, prosseguirem no mesmo propósito essa árdua tarefa pedagógica, cultural e cívica, que é a justa devolução da cidadania e da equidade aos cidadãos privados de direitos, deveres e oportunidades a todos os níveis, carenciados economicamente ou marginalizados nas suas comunidades, mesmo nas famílias, na sociedade, na vida humana, só porque têm uma qualquer deficiência, seja ela física, sensorial ou cognitiva.

(ATR).

**\*CCC:**

**Ver Centro de Cultura dos Cegos.**

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*CCT:**

Ver **Contro de Cultura Tiflológico**.

### **\*CECOGRAMA:**

Categoria de encomendas com materiais de leitura que circulam por via postal, isentas de franquia, entre deficientes visuais e/ou instituições tiflológicas ou afins.

(FPO, OJM e VC).

### **\*CEFAS:**

Ver **Centro Especializado em Formatos Alternativos**.

### **\*CEGO:**

Pessoa privada clinicamente do sentido da visão.

(ADG).

### **\*CEGO OU INVISUAL (Conceitos):**

Pessoa privada do sentido da visão e que, habitualmente, assim é designada. Em relação ao uso dos dois conceitos, podemos inferir as seguintes deduções:

1. De acordo com o investigado e sustentado por linguistas/dicionaristas de relevante e inquestionável poder de análise e saber, os vocábulos "invisual" e "cego" consideram-se sinónimos, mas com peso idiossincrático e semântico, psíquico e emocional diferente para as pessoas normovisuais (sobretudo quando se referem ou se dirigem às pessoas cegas, mas em presença destas, persistindo ainda o vocábulo "ceguinho" nas circunstâncias acima aludidas) e para as pessoas cegas (muito em minoria entre elas), que admitem disfarçar e diluir no conceito o impacto da sua deficiência.

2. Ponderando os efeitos de recepção pública de um e de outro vocábulo, "invisual" tem um sentido eufemístico (por isso mais suave e, aparentemente, mais aceitável) e utiliza-se, nessa medida, principalmente por pessoas normovisuais,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pressupondo-se que o seu efeito fonético/sensoriocognitivo seja menos agreste e mais inclusivo para as pessoas cegas, mas havendo também uma minoria de pessoas cegas que prefere o termo, por se lhes afigurar mais adequado a uma suposta evolução tiflocultural.

3. "Cego" é o termo tecnicamente correto, tendo em conta o curso e impacto paraverbal do vocábulo, apresenta-se-nos, paradoxalmente, como um termo mais duro, também mais marginalizante do que "invisual", mercê da força da essencialidade negativista histórico-cultural vivida e registada ao longo dos séculos.

4. Como pessoa cega, prefiro o vocábulo "cego" a "invisual", cujo valorativo efeito fonológico e sígnico já incorporei na minha filosofia de linguagem e convicção, no hábito e cultura lexical específica, simultaneamente num propósito pedagógico perspetivado na suavidade formal e na fortaleza de princípios teórico/empíricos para a natural intercompreensão do conceito entre pessoas cegas e normovisuais.

(ADG).

### **\*CEGUEIRA (Conceito em sintonia com Albuquerque e Castro):**

«J. de Albuquerque e Castro sustenta que "a cegueira não é em si mesma causa de infortúnio" e "não desfalca a personalidade do indivíduo", sublinhando que os normovisuais (a sociedade em geral) devem olhar os cegos segundo determinados princípios básicos, como sendo "seres psiquicamente normais"; como "indivíduos que vivem a sua vida sem quaisquer desfalques na massa das suas necessidades humanas"; como "elementos sociais regularmente válidos e úteis"; como "estruturas morais e mentais que não romperam o equilíbrio entre o mundo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

subjectivo que as forma e as realidades objectivas em que se movem", pois, "o que faz a sua infelicidade não é a cegueira em si, mas o ambiente de compaixão ou indiferença que os rodeia, a falta de comunhão afectiva entre eles e o meio, a inactividade forçada, com o consequente nível económico muito baixo, e, sobretudo, essa tendência colectiva, manifestada por tanta forma, para os considerar como se fossem seres de espécie à parte".

E acentua J. de Albuquerque e Castro que, "Quando tais princípios se desencontrem da realidade, não se procure a causa na cegueira, mas no complexo psicológico do indivíduo, independentemente dela, no meio mais ou menos hostil ou indiferente em que ele vive, ou em insuficiências de educação, a que o cego tanto deve a sua inferiorização como homem.".

Portanto, não nos cansamos de repetir, há que conhecer de perto e divulgar por todos os meios as reais potencialidades das pessoas cegas, ao nível das diferentes áreas que permitam a sua plena concretização e desenvolvimento integral. Por vezes, é preciso "ver para crer". E, sobretudo, "há que promover uma progressiva mas firme evolução ideológica que torne efectivamente possível uma autêntica mudança de atitudes, no plano social e individual.".

Todas estas concepções (muitas delas profundamente erróneas), umas que nasceram com o próprio homem, outras menos ancestrais, outras ainda nossas contemporâneas, baseadas, na generalidade, em antigos estereótipos e fantasmas interiorizados (como observámos), têm sido agravadas ao longo da história da humanidade por uma notória ignorância (ou cómoda negligência) das reais potencialidades das pessoas cegas e, mais especificamente, das consequências da cegueira ao nível da personalidade e da inteligência. Felizmente que a história regista alguns pontos de vista de filósofos e filantropos eminentes (anteriores aos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

séculos XIX e XX), designadamente Descartes, Diderot e Valentin Haüy, relativamente às pessoas cegas, pontos de vista tanto mais estranhos quanto lavrados pela pena de personalidades que assumiram posições indiscutivelmente pioneiras no contexto social da sua época.».

Ver também Castro, José de Albuquerque e. Classificação da Cegueira. Ambliopia.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].  
(ADG).

### **\*CELA (Brasil):**

Ver **Célula**.

### **\*CELA VAZIA (Brasil) ou Espaço:**

Ver **Célula Vazia**.

### **\*CÉLULA:**

Ver **Célula Braille**.

### **\*CÉLULA BRAILLE:**

Espaço a que se ajusta a unidade estrutural básica dos seis pontos do Sistema Braille.

(FPO, OJM e VC).

**\*CÉLULA VAZIA:**

Célula braille em que não figura nenhum sinal com pontos do conjunto fundamental.

(FPO, OJM e VC).

**\*CENTRO CULTURAL DOS CEGOS (CCC):**

Este Centro funcionou nas décadas de 60-70 do século XX. Foi «fundado pelo incansável jesuíta Padre Abílio Martins, que o dirigiu até ficar impossibilitado, devido a doença prolongada, esteve sempre ao serviço dos cegos, privilegiando o seu acesso à educação e à cultura.

Com essa finalidade, editou, em colaboração com a LCJD (Liga de Cegos João de Deus), a Cassete da Semana, revista sonora na qual, semanalmente, reproduzia na sua voz temáticas diversificadas de carácter cultural; gravou em banda sonora inúmeros títulos de natureza literária, histórica, sociológica, religiosa, científica, musical; colocou à disposição dos afectados pela deficiência visual imensos cursos de línguas, nomeadamente, de Francês, Inglês, Alemão, Italiano.

Esse espólio bibliográfico foi, após a sua morte, colocado à guarda da ALDV da Biblioteca Nacional de Portugal pela Companhia de Jesus, que ele havia abraçado com os seus três irmãos, estando uma boa parte disponível para os leitores.».

[Recortado de: RODRIGUES, Isidro da Eira (Acedido em 2017.05.08). História do movimento associativo. In: <[www.acapo.pt/historia-do-movimento-associativo](http://www.acapo.pt/historia-do-movimento-associativo)>].

(IERO)

**\*CENTRO DE CULTURA TIFLOLÓGICA (CCT):**

Este Centro funcionou nas décadas de 60-70 do século XX. Foi «fundado e dirigido por Joaquim Nunes Pinto, Augusto Roque Medina da Silva e Margarida Machete, entre outros, sediou-se na Rua Tomás da Anunciação e, embora durante

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

poucos anos, promoveu, entre os seus frequentadores, o gosto pela leitura e a aproximação à cultura, organizando tertúlias, realizando conferências e outras manifestações de índole similar.».

[Recortado de: RODRIGUES, Isidro da Eira (Acedido em 2017.05.08). História do movimento associativo. In: <[www.acapo.pt/historia-do-movimento-associativo](http://www.acapo.pt/historia-do-movimento-associativo)>].

(IERO)

### **\*CENTRO DE INOVAÇÃO PARA DEFICIENTES (CIDEF):**

O CIDEF - Centro de Inovação para Deficientes - nasceu em 1974, no seio da Associação Portuguesa de Criatividade, por iniciativa do Engenheiro Jaime Filipe, pioneiro na introdução em Portugal de variadas tecnologias dirigidas às pessoas com deficiência.

Em 1992 tornou-se num Centro de Reabilitação Profissional para Pessoas com Deficiência por via da assinatura de Acordo de Cooperação com o IEFP - Instituto de Emprego e de Formação Profissional. A partir dessa altura, a sua atuação centrou-se em duas grandes áreas: Engenharia de Reabilitação e Formação Profissional na área das Tecnologias da Informação e Comunicação.

Embora, inicialmente, a sua oferta fosse predominantemente dirigida a pessoas com deficiência visual, tornou-se num centro especializado na procura de soluções desenhadas à medida de pessoas com deficiência física, em particular do foro neuromusculoesquelético, com o objetivo final de melhorar a sua qualidade de vida e participação social.

Apesar de se ter ponderado tornar o CIDEF num Centro de Gestão Participada, chegando a iniciar-se a construção de um edifício com esse objetivo, este acabou por funcionar apenas em instalações provisórias até 2008, altura em que encerrou a sua atividade devido a graves constrangimentos financeiros e

a divergências de gestão entre a APC e o IEFP.  
(BL).

**\*CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO EM  
TIFLOLOGIA, CIÊNCIA, CULTURA E INCLUSÃO  
(CITCCI):**

Criado no dia 9 de fevereiro de 2017 no âmbito da Fundação Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide, por razões históricas fundamentais relacionadas com a génese da emancipação sociolaboral da pessoa cega em Portugal.

O Centro de Investigação e Formação em Tiflogia, Ciência, Cultura e Inclusão (Projeto de Augusto Deodato Guerreiro), também designado abreviadamente por CITCCI, é uma Associação Científica com sede e domicílio em Castelo de Vide, na Fundação Nossa Senhora da Esperança, Rua Sequeira Sameiro, 7320-138 Portalegre, que se rege pelos seus Estatutos e Regulamentos e pela Lei Geral aplicável.

O CITCCI tem por objetivo principal investigar, estudar, desenvolver, validar e aplicar teorias e boas práticas reabilitativas e inclusivas na área da tiflogia, sendo o seu objeto social, neste sentido, a reabilitação e inclusão, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e a divulgação da investigação científica e respetiva aplicação, bem como a produção e distribuição de conteúdos científicos, em estreita cooperação com outros Centros de Investigação e Formação congéneres, Escolas Superiores de Comunicação e Educação e Universidades, em Portugal e no estrangeiro.

Para a prossecução dos seus objetivos, o CITCCI orienta-se de acordo com os seguintes fins:

**a)** Contribuir para a realização de projetos de investigação, formação e desenvolvimento a título individual ou coletivo, sejam estes gerados internamente ou propostos por outros agentes parceiros a operar nas esferas da investigação e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

formação, reabilitação e desenvolvimento, do ensino, da cultura, das empresas e instituições públicas e privadas, incluindo Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD's;

**b)** Estabelecer, em estreita colaboração e com o apoio da Fundação Nossa Senhora da Esperança, com os seus parceiros, uma permanente troca de conhecimentos, experiências e iniciativas de caráter científico, tanto nas áreas da reabilitação e inclusão, da formação (formadores/docência), da investigação e desenvolvimento de projetos, com benefício mútuo;

**c)** Atrair formandos e profissionalizandos, para os dotar das necessárias capacidades e competências profissionais na área da tiflogia;

**d)** Atrair e fixar investigadores, estagiários e formadores na área da tiflogia;

**e)** Apoiar a atividade investigativa e formativa de profissionais, pós-graduandos, mestrados, doutorandos e pós doutorandos na área da tiflogia;

**f)** Fomentar e promover a reabilitação e inclusão no âmbito da problemática da disfunção visual, internamente ou em parceria;

**g)** Publicar os trabalhos científicos dos seus membros ou ainda outras investigações prosseguidas no âmbito de pós-graduações, mestrados, doutoramentos e pós doutoramentos, para cuja especificidade científica criará uma publicação, com a adequada revisão por pares e periodicidade a definir;

**h)** Assegurar um intercâmbio regular com instituições e Centros de Investigação e Formação congéneres, nacionais e estrangeiros, incentivando a participação em projetos de interesse comum;

**i)** Organizar conferências, seminários, congressos e outras manifestações públicas, numa perspetiva disciplinar/interdisciplinar ou pluridisciplinar, que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

contribuam para a extensão, e também para o aprofundamento, de novas tendências da investigação e formação na problemática da deficiência visual, num contexto científico, cultural e inclusivo.  
(ADG).

### **\*CENTRO DE INVESTIGAÇÃO E FORMAÇÃO PARA A DEFICIÊNCIA EM GERAL (CIFDEG):**

O Centro de Investigação e Formação para a Deficiência em Geral (Projeto de Augusto Deodato Guerreiro) tem a marca "EDLARS - Educomunicação e Vida", de Augusto Deodato Guerreiro, registada no Instituto Nacional da Propriedade Industrial (INPI) desde 2002, e, a constituir-se, será pertença do projeto Aldeia da VIDA, também identificada com a marca EDLARS.

O Centro de Investigação e Formação para a Deficiência em Geral, também designado abreviadamente por CIFDEG, é uma Associação Científica, que se constitui no quadro legal das Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS) e na direta dependência da projetada Fundação Aldeia da VIDA, livre e independente dos poderes políticos, religiosos e sociais, com sede e domicílio na Aldeia da VIDA, e que poderá vir a reger-se por Estatutos afins aos da Aldeia da VIDA, pelos seus Regulamentos e pela Lei Geral aplicável.

O CIFDEG tem por objetivo principal investigar, estudar, desenvolver, validar e aplicar teorias e boas práticas reabilitativas e inclusivas nas diferentes problemáticas da deficiência, em especial no âmbito da tiflologia, sendo o seu objeto social a reabilitação e inclusão, o desenvolvimento de competências pessoais e sociais e a divulgação da investigação científica e respetiva aplicação, bem como a produção e distribuição de conteúdos científicos, em estreita cooperação com outros Centros de Investigação e Formação congéneres, Escolas Superiores de Comunicação e Educação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e Universidades, em Portugal e no estrangeiro.

Para a prossecução dos seus objetivos, o CIFDEG orienta-se de acordo com os seguintes fins:

- a)** Contribuir para a realização de projetos de investigação, formação e desenvolvimento a título individual ou coletivo, sejam estes gerados internamente ou propostos por outros agentes parceiros a operar nas esferas da investigação e formação, reabilitação e desenvolvimento, do ensino, da cultura, das empresas e instituições públicas e privadas, incluindo Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD's, procurando, para o efeito, apoios financeiros e bolsas de estudo ou investigação;
- b)** Estabelecer com os seus parceiros uma permanente troca de conhecimentos, experiências e iniciativas de carácter científico, tanto nas áreas da reabilitação e inclusão, da formação (formadores/docência), da investigação e desenvolvimento de projetos, com benefício mútuo;
- c)** Atrair formandos e profissionalizandos, para os dotar das necessárias capacidades e competências profissionais nas diferentes áreas de intervenção do CIFDEG;
- d)** Atrair e fixar investigadores, estagiários e formadores nas áreas abrangidas pelo CIFDEG;
- e)** Apoiar a atividade investigativa e formativa de profissionais, pós-graduandos, mestrandos, doutorandos e pós doutorandos na área das problemáticas da deficiência em geral;
- f)** Promover a defesa, preservação, investigação, estudo, difusão e ensino do Sistema Braille, na sua máxima polivalência e aplicação signográfica às diferentes grafias no mundo, bem como a formação e profissionalização de Formadores e Técnicos de Braille devidamente credenciados pelo próprio CIFDEG;
- g)** Contribuir para um alargado e aprofundado debate científico sobre as literacias inclusivas e tecnologias de apoio,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

salientando o impacto educacional no direito à participação social e qualidade de vida das pessoas com deficiência, com vista à compensação e/ou eliminação das problemáticas complexas da comunicação e da educação inclusivas, mediante intervenção precoce na infância e ao longo da vida, bem como das suas implicações na vida familiar, escolar e social das crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores, com deficiência e/ou em situação de risco de a poder vir a adquirir;

**h)** Provocar um amplo entendimento, intercompreensão e divulgação dos conceitos e práticas educacionais interventivas no ensino/aprendizagem das diferentes literacias e meios complementares de leitura e de acesso à informação, aplicáveis nas diversas tipologias da deficiência e nos vários níveis etários e de conhecimento;

**i)** Sensibilizar as famílias, profissionais, professores e investigadores, as instituições, os media e as sociedades civil e sociopolítica, o Estado, para a vital importância do processo da inclusão no desenvolvimento humano e da humanização da vida, com especial enfoque na franja populacional referida na alínea anterior;

**j)** Providenciar e fundamentar a necessária consensualidade educacional para uma aprofundada reflexão e consequente atuação e desempenho na estruturação de metodologias e estratégias que, em intervenção precoce e ao longo da vida, promovam a vital importância e compreensão, acessibilidade e usabilidade das literacias inclusivas e tecnologias de apoio, visando o desenvolvimento biopsicossocial, educacional e sociocomunicacional, sócio educativo e sociocognitivo, promotor de competências pessoais e sociais e fomentador da natural inclusão e qualidade de vida das crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores com necessidades especiais e respetivas famílias;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**k)** Fomentar e promover a reabilitação e inclusão no âmbito das diversas problemáticas da deficiência, internamente ou em parceria;

**l)** Publicar os trabalhos científicos dos seus membros ou ainda outras investigações prosseguidas no âmbito de pós-graduações, mestrados, doutoramentos e pós doutoramentos, para cujas especificidades científicas criará uma publicação, com a adequada revisão por pares e periodicidade a definir;

**m)** Assegurar um intercâmbio regular com instituições e Centros de Investigação e Formação congêneres, nacionais e estrangeiros, incentivando a participação em projetos de interesse comum;

**n)** Organizar conferências, seminários, congressos e outras manifestações públicas, numa perspectiva disciplinar/interdisciplinar ou pluridisciplinar, que contribuam para a extensão, e também para o aprofundamento, de novas tendências da investigação e formação nas diferentes problemáticas da deficiência, num contexto científico, cultural e inclusivo.

**(ADG).**

### **\*CENTRO DE PRODUÇÃO DE MATERIAL (CPM) - Centro Regional e Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo:**

O Centro de Produção de Material (CPM) nasceu em Setembro de 1975, com a cumplicidade do Ministério da Educação, no âmbito do Centro de Educação Especial de Lisboa - Segurança Social -, e ficou oficializado por Despacho de Vítor Vasques de 7 de Janeiro de 1977.

Destinou-se a preencher uma lacuna: responder às inúmeras solicitações de professores e respetivos alunos deficientes visuais do ensino integrado que careciam de textos escolares em braille e em caracteres ampliados.

As atividades estenderam-se também à produção de figuras e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

esquemas em relevo para completar a informação requerida, bem como ao registo sonoro de textos.

O público-alvo foi-se alargando, pois era o único Serviço que respondia, dentro dos recursos humanos e técnicos que possuía, sem limitações geográficas e mediante um pagamento simbólico, às solicitações personalizadas das pessoas deficientes visuais.

Com o tempo e as alterações ocorridas na tecnologia editorial e as políticas educacionais, foi perdendo importância institucional e pessoal. Assim, foi reduzindo naturalmente a capacidade de resposta, acabando, em 2009, por ser integrado no Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, e tendo transitado a seguir para o Lar Branco Rodrigues, com a designação de Serviço de Produção Documental.

O seu valiosíssimo e singular acervo documental, ainda nas instalações da Avenida dos Estados Unidos da América, começou a ser abatido (facto historicamente inconcebível), hoje restando apenas uma ínfima parte desse recheio.

(VC).

### **\*CENTRO DE PRODUÇÃO DO LIVRO PARA O CEGO (CPLC):**

Ver **Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille.**

### **\*CENTRO DE REABILITAÇÃO NOSSA SENHORA DOS ANJOS:**

É um Centro de Reabilitação de pessoas cegas ou com baixa visão, que funciona em Lisboa, cuja missão se prende com a promoção da reabilitação global e específica das pessoas com cegueira recente ou baixa visão, dotando-as de novas competências, que lhes permitem readquirir as autonomias perdidas e reassumir um papel ativo na família e na sociedade. O Centro de Reabilitação Nossa Senhora dos Anjos (CRNSA) está integrado na Direção de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Estabelecimentos Descentralizados e de Apoio à Deficiência (DIEDAD), vocacionado para a reabilitação de pessoas com cegueira adquirida e muito baixa visão, a partir dos 16 anos. Atualmente, o CRNSA encontra-se na direta dependência da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML).

Ver site:  
<<https://www.google.pt/search?q=CENTRO+DE+REABILITAC3%87%C3%83O+NOSSA+SENHORA+DOS+ANJOS&aq=CENTRO+DE+REABILITAC3%87%C3%83O+NOSSA+SENHORA+DOS+ANJOS&aqs=chrome..69i57j69i64.6426j0j9&sourceid=chrome&ie=UTF-8>>

### **\*CENTRO ESPECIALIZADO EM FORMATOS ALTERNATIVOS (CEFAS):**

Departamento da Sertec destinado a produzir conteúdos em formatos acessíveis a pessoas que, por diversos motivos, têm dificuldades de comunicação. Neste grupo incluem-se as pessoas cegas, as com baixa visão, as com déficit cognitivo ou problemas de fala e linguagem.

O CEFAS produz qualquer documento em braille, a partir de originais em papel ou em ficheiro, sobre diversos materiais, como papel, plástico, PVC, entre outros. As aplicações são inúmeras e incluem: livros; textos escolares e universitários; catálogos de exposições ou eventos; informação institucional; menus de restaurante / catálogos de loja / cartões de visita. [www.sertec.pt](http://www.sertec.pt) <<http://www.sertec.pt>> (AR).

### **\*CENTRO PROF. ALBUQUERQUE E CASTRO - Edições Braille (CPAC):**

O Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille (denominado na sua origem Centro de Produção do Livro para o Cego), foi fundado, com a revista «Poliedro» (que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

publica mensalmente até aos dias de hoje), pelo próprio José Ferreira de Albuquerque e Castro em 1956, no Instituto de S. Manuel, no Porto, sob a égide da Santa Casa da Misericórdia desta cidade.

Albuquerque e Castro foi o fundador e Diretor do Centro e da Revista atrás referida até ao ano do seu falecimento, em 1967. Criou uma imprensa braille, a qual continua a ser a única no nosso país, o Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, nela se imprimindo livros de todas as áreas do conhecimento, em especial nos domínios da educação e da literatura, servindo todas as Bibliotecas ou Áreas de Leitura para Deficientes Visuais no país, mesmo no âmbito da CPLP, Escolas de Referência e pessoas individuais.

As políticas de inclusão das pessoas com deficiência levaram a Santa Casa da Misericórdia do Porto a criar e a pôr em funcionamento, desde dezembro de 2007, o Centro Integrado de Apoio à Deficiência (CIAD), o qual engloba o Instituto de S. Manuel (para cegos), o Instituto de Araújo Porto (para surdos) e o Centro Prof. Albuquerque e Castro (para imprimir edições em braille). Procurando corresponder aos desafios do século XXI, o CIAD desenvolve toda uma ação no sentido de «combater a exclusão, promovendo a cidadania e a consequente consciencialização dos cidadãos para a diversidade, a riqueza das sociedades, pois todos somos cidadãos com igualdade de direitos e de deveres» ([www.scmp.pt/pt-pt/ensino-especial/ensino-especial\\_9](http://www.scmp.pt/pt-pt/ensino-especial/ensino-especial_9) <[http://www.scmp.pt/pt-pt/ensino-especial/ensino-especial\\_9](http://www.scmp.pt/pt-pt/ensino-especial/ensino-especial_9)> [Acedido em 16 de junho de 2016]).

(MLRFG).

### **\*CIDADE PARA TODOS:**

Sucintamente, deverá passar a ter e a vestir o espírito humano

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e humanizante insuflado e determinado na inovadora e incentivadora Declaração de Salamanca (Declaración de Salamanca, 1994), no que respeita à inclusão escolar e frutíferas consequências daí decorrentes, e na inter-relacionada e igualmente incisiva no alargamento e promoção do conceito de inclusão e dos grandes valores humanos nele implícitos, a Declaração "La Ciudad y las Personas con Disminución" (Declaración de Barcelona, 1995 e 2011), aprovada no Congresso Europeu sobre a temática da inclusão, realizado em Barcelona em 1995. Com esta Declaração surge o efeito da "Carta das Cidades Educadoras" (Carta das Cidades Educadoras, 1990), a qual tem vindo a registar um progressivo número de cidades signatárias, aderindo à Associação Internacional das Cidades Educadoras (AICE), com o objetivo de se investir seriamente num trabalho educativo e sociocomunicacional para todos, em que a ecologia sociocomunicacional possa ter um papel relevante e decisivo no contexto da inclusão, da dignificação social e qualidade de vida de todos os cidadãos, cruzando a problemática da inclusão social (das pessoas com défices sensoriais, neuromotores, de orientação e mobilidade, de autonomia e independência e de outras tipologias) com a vida nos espaços urbanos/cidades, estando cientes de que é no espaço da Cidade Educadora que encontramos mais condições para o desenvolvimento humano, à luz da humanização. Ao mesmo tempo, haver estruturas institucionais, designadamente autárquicas e de caráter assistencial e associativo, devidamente preparadas e interventivas no esclarecimento social e sensibilização pública, no que se refere às ofertas públicas e ao comportamento de uma sociedade educadora e inclusiva. Ver também Cidades Educadoras; Cidades Inclusivas; Cidades Inteligentes. (ADG).

**\*CIDADES EDUCADORAS:**

Na perspectiva da cidade educadora assume-se o território como tendo potencialidades educativas por via do sistema social e formativo, pelo desenvolvimento cultural que proporciona, pelas políticas socioculturais, pela riqueza da participação dos cidadãos na vida comunitária, pelo trabalho em rede entre os diferentes atores, pelas redes associativas, que em conjunto fazem emergir os recursos e as mais valias educativas dos núcleos urbanos.

Segundo a Carta das Cidades Educadoras “a cidade será educadora quando reconheça, exercite e desenvolva, para além das suas funções tradicionais (económica, social, política e de prestação de serviços) uma função educadora, quando assuma a intencionalidade e responsabilidade cujo objetivo seja a formação, promoção e desenvolvimento de todos os seus habitantes. Deve ocupar-se prioritariamente com as crianças e jovens, mas com a vontade decidida de incorporar pessoas de todas as idades, numa formação ao longo da vida.

(DR).

**\*CIDADES INCLUSIVAS:**

A cidade inclusiva é um lugar onde todos, independentemente dos seus meios económicos, de género, raça, etnia ou religião, está habilitado e capacitado para participar plenamente nas oportunidades sociais, económicas e políticas que as cidades têm para oferecer. O planeamento participativo da tomada de decisões é o centro da cidade inclusiva. Balbo (2003), para a definir, fundamenta-se na definição das Nações Unidas (2000) identifica cidade inclusiva como:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

“O lugar onde qualquer pessoa, independentemente de situação económica, sexo, idade, raça ou religião, tem possibilidades de participar de forma produtiva e positivamente nas oportunidades que a cidade tem para oferecer” (Balbo, 2003, p.310).

A análise realizada pela ONU-HABITAT (Nações Unidas: 2012) identifica cinco grandes passos para a construção de uma cidade inclusiva:

1. Avaliar o passado e medir o progresso;
2. Estabelecimento de instituições novas e mais eficazes, ou fortalecer as já existentes, conforme necessário;
3. Construção de novos vínculos e alianças em diferentes níveis de governo local e nacional;
4. Desenvolvimento de uma visão abrangente sustentada para promover inclusão;
5. Garantir uma redistribuição equitativa de oportunidades

No último relatório deste programa Estado das Cidades do Mundo, Nações Unidas (2012), definem-se um conjunto de ações que se devem implementar no sentido de diminuir as desigualdades nas cidades, defendendo os autores que as autoridades municipais devem desenvolver políticas de inclusão, se querem reduzir as grandes desigualdades sociais, económicas, políticas e culturais.

Volta a caracterizar as cidades inclusivas como sendo lugares em que se proporcionam oportunidades de apoio e se possibilita o desenvolvimento pleno dos seus residentes, através do acesso aos transportes, à educação, à recreação, à comunicação, ao emprego no respeito pelas opções culturais e religiosas de cada grupo da comunidade. Chama, também, a atenção para o facto de, numa cidade inclusiva, os residentes serem parte interessada e interveniente nos processos de decisão. Essa participação política, na vida das comunidades, gera um sentimento de pertença e de identidade com os

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

lugares e é uma garantia de participação nos benefícios do desenvolvimento urbano

São hoje várias as cidades do mundo que procuram alcançar estes objetivos, contribuindo, desse modo, para a construção de uma sociedade inclusiva como é o caso da iniciativa Cidades Inclusivas que é uma rede das cidades e seus parceiros de desenvolvimento, comprometidas com a prática e defesa da governança urbana inclusiva. Inclui cidades que demonstraram "melhores práticas" em uma ou mais das normas de boa governança urbana. Essa rede tem vindo a ser desenvolvida no âmbito das Cidades e Governos Locais Unidos (CGLU) que é uma plataforma que representa e defende os interesses dos governos locais perante a comunidade internacional e que visa dotar as cidades de maior peso político na governança mundial. No seu Conselho Mundial, que se realizou em Novembro de 2008 em Istambul, (onde estiveram presentes 12 cidades dos vários continentes, com realidades muito distintas, esta organização aprovou um documento (CGLU: 2013) promovido pela Comissão para a Inclusão Social, Democracia Participativa e Direitos Humanos que visa estabelecer princípios que as cidades e os governos deverão seguir.

No seu preâmbulo, esse documento com carácter mundial, reconhece que a cidade é o lugar de todos os encontros, de todos que a procuram na busca da liberdade, do trabalho, do conhecimento e de um futuro para os seres humanos. A cidade que se apresenta hoje como um espaço de todos os encontros, de todas as possibilidades, mas, simultaneamente, terreno de todas as contradições e de todos os perigos, de discriminações, da pobreza, da falta de emprego. É essa a cidade onde se multiplicam as práticas cívicas e sociais de solidariedade que procuram defender novos direitos. Nos Princípios e Disposição Gerais da Carta estão consagrados:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

os direitos à cidade, que visam o respeito e a dignidade de todos e a qualidade de vida; a igualdade de direitos e não discriminação, de raça de sexo, de opção sexual, de língua, de religião, de opinião política; o direito à liberdade cultural linguística e religiosa; a proteção dos cidadãos mais vulneráveis, nomeadamente, as pessoas com necessidades especiais; a solidariedade, através do fomento de redes de associações de solidariedade na comunidade e a colaboração entre os vários níveis da administração pública, de modo a que nível da administração exerça as suas competências e que, através da proximidade com as populações, se consigam respostas mais eficazes.

### Bibliografia:

Balbo, M., Jordán, R., e Simioni, D. (2003). *La Ciudad Inclusiva*. Santiago do Chile: Nações Unidas

*Carta Mundial do Direito à Cidade*. (2006). Obtido em 12 de Fevereiro de 2016, de Fórum Social Mundial Policêntrico de 2006: <<http://www.polis.org.br/uploads/709/709.pdf>>

CGLU. (Novembro de 2008). *Por Um Mundo de Cidades Inclusivas*. Obtido em 15 de Outubro de 2014, de [http://issuu.com/uclgcglu/docs/inclusive\\_cities](http://issuu.com/uclgcglu/docs/inclusive_cities)

CGLU. (2009). *Construim les Ciutats Inclusives del Segle XXI*. Obtido em 1 de Novembro de 2014, de [http://issuu.com/irenefuertescabrera/docs/lilibre\\_cglu\\_ciudades\\_inclusivas](http://issuu.com/irenefuertescabrera/docs/lilibre_cglu_ciudades_inclusivas)

CGLU. (2011). *Carta-Agenda Mundial de Direitos Humanos na Cidade*. Obtido em 15 de Outubro de 2014, de [http://issuu.com/cisdph/docs/cisdph\\_carta-agenda\\_sencera\\_final](http://issuu.com/cisdph/docs/cisdph_carta-agenda_sencera_final)

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

CGLU. (2012). *Carta Europeia de Salvaguarda dos Direitos Humanos Humanos na Cidade*. Obtido em 15 de Outubro de 2014, de [http://issuu.com/uclgcglu/docs/european\\_charter\\_human\\_rights\\_city?e=5168798/2931154](http://issuu.com/uclgcglu/docs/european_charter_human_rights_city?e=5168798/2931154)

[Recorte da Tese de Doutoramento (pp. 272-275) Rasteiro, D. (2017). *Percursos de Inclusão em Portugal - dois estudos de caso centrados nas políticas locais para as pessoas com necessidades especiais*. Universidade da Extremadura. Espanha.]  
(DR).

### **\*CIDADES INTELIGENTES:**

A cidade é um conceito social, de organização social, importante. Sabemos genericamente o que é uma cidade e o contraste que tem representado perante o mundo rural. Vivem hoje nas cidades (desde 2007, segundo a ONU) bem mais que metade da população mundial, e a tendência é para continuar a aumentar esta presença, o que só vem acrescentar, confirmar a importância das cidades.

As cidades inteligentes são um conceito de cidade (as cidades que conhecemos e temos) enriquecido pelos recursos tecnológicos disponíveis ou a disponibilizar em breve, concebidos, desenhados e implementados ou em implementação nas últimas décadas; e em particular os dispositivos, as comunicações e tecnologias chamados inteligentes (smart devices).

Espera-se, pela aplicação das comunicações, princípios e tecnologias inteligentes que as cidades venham a ser melhores, mais adaptadas aos requisitos e às necessidades humanas e sociais, portanto e também aos requisitos e necessidades daqueles seres que, por razões e limitações várias, necessitam de acompanhamentos, acolhimentos e atenções especiais. As cidades inteligentes terão portanto de

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

ser cidades naturalmente, maximamente inclusivas.  
(MCL).

**\*CIDEF:**

Ver **Centro de Inovação para Deficientes.**

**\*CIÊNCIA E INCLUSÃO:**

Ver **Centro de Investigação e Formação para a Deficiência em Geral.**

**\*CIF:**

Ver **Classificação Internacional da Funcionalidade, Incapacidade e Saúde.**

**\*CITCCI:**

Ver **Centro de Investigação e Formação em Tiflogia, Ciência, Cultura e Inclusão.**

**\*CLASSIFICAÇÃO DA CEGUEIRA:**

Cegueira absoluta (visão 0);

Percepção da luz quantitativa (visão igual 1/8);

Percepção da luz qualitativa (suficiente para contar os dedos a pequena distância).

(FBW).

**\*CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DA FUNCIONALIDADE, INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF):**

Classificação pertencente à família das Classificações Internacionais da Organização Mundial de Saúde. Foi publicada em 2001, com o objetivo de servir de quadro de referência para a descrição da saúde e da incapacidade de um ser humano ou de uma população. De acordo com a CIF, a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

funcionalidade da pessoa resulta da interação complexa e dinâmica entre a sua condição de saúde e o seu contexto biopsicoeducosociocultural e físico, defendendo que a intervenção num destes elementos pode, potencialmente, modificar um ou vários dos outros elementos.

Esta classificação organiza a informação em duas partes, cada uma delas subdividida em duas componentes. A primeira parte, denominada “funcionalidade e incapacidade”, inclui as componentes “funções e estruturas do corpo” e “atividade e participação”. A componente “funções e estruturas do corpo” caracteriza a integridade ou a deficiência, a alteração, das partes anatómicas do corpo (estruturas do corpo) e das funções fisiológicas dos sistemas orgânicos (funções do corpo). A componente “atividade e participação” descreve a execução de uma tarefa ou ação por um indivíduo (atividade) e o seu envolvimento numa situação de vida real (participação) ou as possíveis limitações à atividade ou à participação que podem estar presentes. O termo funcionalidade refere-se aos aspetos positivos das funções e estruturas do corpo, da atividade e da participação, indicando uma interação positiva dos fatores pessoais do indivíduo, da sua condição de saúde e dos fatores ambientais do meio onde vive. O termo incapacidade abrange a deficiência das estruturas ou funções do corpo, as limitações à atividade e as restrições à participação, e representa o resultado negativo da interação da condição de saúde da pessoa com os fatores pessoais e ambientais.

A segunda parte, designada por “fatores contextuais”, é composta pelas componentes “fatores ambientais” e “fatores pessoais”. A componente “fatores ambientais” permite analisar o ambiente físico, social e atitudinal no qual as pessoas vivem e conduzem a sua vida, podendo através da sua ausência ou presença comportar-se como um facilitador ou uma barreira à sua funcionalidade, autonomia e bem-estar.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

A componente “fatores pessoais” engloba as características do indivíduo, como o gênero, a idade, os estilos de vida, a profissão ou a religião. Pela sua diversidade os fatores pessoais não se encontram classificados na CIF, embora devam ser considerados para a análise da condição de saúde da pessoa.

(CR e APV).

### **\*CLASSIFICAÇÕES ETÁRIAS:**

A idade adulta (ou adultez) constitui a fase mais longa do ciclo de vida e tem sido, por isso, subdividida em diferentes etapas. Estando o seu período extremo a aumentar, fruto do aumento da esperança de vida, surgiu a necessidade de nele considerar subgrupos etários.

Neste âmbito, Beatty e Wolf (1996) apresentaram uma proposta que sugere uma classificação, distinguindo os *jovens idosos* (65-74 anos), os *idosos médios* (75-84 anos) e os *muito idosos*, de 85 anos em diante. Por outro lado, Oliveira (1998), baseando-se numa classificação por decénios, considera os *velhos jovens* (60-69 anos), os *velhos de meia-idade* (70-79 anos), os *velhos velhos* (80-89 anos) e os *velhos muito velhos*, com mais de 90 anos. Porém, como há muitos projetos de investigação a decorrer só com pessoas centenárias, este grupo terá, necessariamente, que ser acrescentado.

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER", 2017).

### **\*CLICHÊ (Brasil):**

Ver **Matriz**.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*CNOD:**

Ver **Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes.**

### **\*CÓDIGO BRAILLE:**

Conjunto de símbolos utilizados na escrita de uma qualquer matéria.

(FPO).

### **\*COELHO, AIDA BRUNO:**

(Este texto não respeita o Acordo Ortográfico em vigor)

Aida Bruno Coelho

· Nasceu na Freguesia de Alqueidão, Lugar de Calvete, Figueira da Foz a 14.08.1937, filha de Pai português (Luís da Siva Coelho) e Mãe espanhola (Pepita Hernández Bruno)

· Cegou a 07.02. 1942 com um surto de meningite

· Deu entrada no Asilo Escola António Feliciano de Castilho em Lisboa, a 26.05.1946

#### **DIPLOMAS:**

· Curso Geral de Violino - Julho de 1961

· Curso Superior de Piano - Julho de 1963 no Conservatório Nacional de Música de Lisboa

· Três diplomas obtidos em Março de 1965 pelo Ministério da Educação Nacional - Inspeção do Ensino Particular: Ensino Primário Particular; Ensino Particular de Canto Coral; Ensino Artístico Particular

· Curso Complementar dos Liceus - concluído em Setembro de 1970, algumas disciplinas frequentadas na Liga de Cegos “João de Deus”, outras no Ensino Doméstico

· Curso de Verão de Educação e Didáctica Musical (Método Edgar Willems) na Fundação Calouste Gulbenkian em Julho de 1973

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Curso de Introdução à Musicoterapia, regido pelo Professor Doutor Rolando Benezon e pelo Maestro António Yepes na Fundação Calouste Gulbenkian, em Março de 1974
- Curso Intensivo de Educação Musical Básica, regido pela Professora Maria Teresa Macedo no Conservatório Regional do Algarve, Faro, em Abril de 1974
- II Curso Intensivo sobre a Moderna Pedagogia da Educação Musical, regido pelo Mestre Jos Wuytack, no Conservatório de Música do Porto, em Setembro de 1974
- Diploma Profissional de Estágio para o Magistério de Educação Musical no Ensino Preparatório - Ministério da Educação e Investigação Científica, em Outubro de 1975
- Curso de Monitora Animadora de Colónias de Férias e Actividades de ar livre - IASE, em duas fases: Casa de Retiros do Bom Pastor (Buraca - Lisboa) e Colónia de Férias da Figueira da Foz, em Agosto de 1978

### ACTIVIDADES PROFISSIONAIS:

- Professora de Solfejo no Ensino Particular - Instituto António Feliciano de Castilho, de 1961 a 1967
- Professora do Ensino Primário no Ensino Particular - Liga de Cegos “João de Deus”, no ano lectivo de 1965-66
- Professora de Português e Francês do 2º Ciclo na Liga de Cegos “João de Deus” desde o ano lectivo de 1966-67 a 1970-71
- Funcionária da Companhia de Seguros Europêa, no cargo de Telefonista, entre 1 de Junho de 1967 e Julho de 1971
- Início da Actividade lectiva no Ensino Oficial como Professora de Educação Musical, Outubro de 1971, na Escola Preparatória Marquesa de Alorna, em Lisboa, na qualidade de Professora Provisória, situação essa que manteve em 1972-73 na Escola Preparatória de Francisco Arruda
- Fez carreira no Ensino Básico, sempre em Lisboa, tendo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

passado pelo Liceu Passos Manuel no ano lectivo de 1973-74, como Professora Extraordinária de Canto Coral

- Professora Estagiária de Educação Musical na Escola Luís António Verney, no ano lectivo de 1974-75, tendo sido, de entre os professores cegos, a primeira pessoa a estagiar no Ensino Oficial e nele iniciar carreira

- Professora Profissionalizada de Educação Musical (ao tempo, habilitação equiparada a Exame de Estado) na Escola Preparatória Fernando Pessoa, no ano lectivo de 1975-76

- Professora do Quadro de Nomeação Definitiva do Grupo de Educação Musical da Escola Preparatória de Damião de Góis, desde 1976-77 até 2000-2001, onde assumiu a função de Delegada de Disciplina em dois biénios sucessivos de 1978-79 a 1981-82 e, posteriormente, de 1991-92 a 1992-93 e, por inerência de funções, com assento no Conselho Pedagógico da Escola. Acedeu ao topo da carreira (10º Escalão) em Setembro de 1996. Aposentou-se em Janeiro de 2001 com 39 anos de serviço (3 no sector privado; 36 no Ensino, dos quais 6 no Particular e 30 na Função Pública)

- Prestou prova pública de Avaliação em 28.04.1995 - Candidatura ao Oitavo Escalão, prevista no Decreto Regulamentar Nº 13/92, de 30 de Junho, perante o 7º Júri da Direcção Regional de Educação de Lisboa (DREL), na qual lhe foi atribuída a menção Satisfaz - Muito Bom. Ainda que tivesse o tempo de serviço exigido para aceder ao 8º Escalão, aguardou três anos até que se formasse um Júri para avaliar um professor de Educação Musical. Desbloqueado esse problema, chegou rapidamente ao topo da carreira por ter atingido o tempo regulamentar

- Recebeu, reiteradamente, louvores da Associação de Pais da Escola Preparatória de Damião de Góis pela sua *“intervenção, esforço e dedicação às crianças e à comunidade educativa em geral”*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Destacada na área da formação de professores do Ministério da Educação, em estreita colaboração com Dalila de Jesus Guerrinha - DGEBS/DSPRE/DAP/NAPDV - Núcleo de Apoio aos Professores Deficientes Visuais, de 1982-83 a 1984-85, mantendo, por opção uma turma na Escola; de 1985-86 a 1989-90, leccionando três turmas na Escola, devido a cortes orçamentais. Regressou à Escola a tempo inteiro em 1990-91

### CERTIFICADOS DE PRESENÇA E BOM DESEMPENHO:

- Curso de Movimento e Drama pelo Monitor Amílcar Martins, em Penafirme, 1982
- Curso de Teatro - ministrado pelo Grupo de Comunicação e Teatro, na Direcção-Geral do Ensino Básico, em 1984
- Curso de Dinâmica de Grupo ministrado pela Divisão de Orientação Educativa em parceria com o Gabinete de Avaliação Educativa, na Direcção-Geral do Ensino Básico, em 1984
- No contexto da actividade profissional, participou num número vastíssimo de Encontros, Congressos, Seminários, Acções de Formação, Simpósios com temáticas muito variadas, desde Encontros para Delegados de disciplina à Implementação de Novos Programas de Educação Musical inseridos na Reforma Curricular; desde o Congresso sobre a situação actual da Língua Portuguesa no Mundo - Faculdade de Letras de Lisboa, 1983 a dois Encontros de Literatura para Crianças - Fundação Calouste Gulbenkian, 1986 e 1987; desde o Seminário “A Linguagem da acção” orientado por Pierre Vayer - Instituto Piaget, 1982 a Acções de Formação sobre Insucesso Escolar, Avaliação, Disciplina na Escola e Psicopedagogia do Desenvolvimento, orientadas pelo Dr. Bartolomeu Valente em diferentes sessões calendarizadas em 1990 e 1991. Com especial relevo, o Primeiro Simpósio de Educação Musical, organizado pela APEM - Associação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Portuguesa de Educação Musical, na Fundação Calouste Gulbenkian, Abril de 1973 e ainda quatro Encontros promovidos pela referida APEM, orientados pelo Dr. Rui Nery - Do Barroco à Música Actual, 1992.

### ACÇÕES DE FORMAÇÃO NO PERÍODO DE DESTACAMENTO:

- Enquanto Formanda, acções de carácter geral e específicas da deficiência, monitoradas por Dalila de Jesus Guerrinha e por outros elementos da DSPRE: Repensar o acto de avaliar; Um modelo para a formação de professores; Perfil do Professor face à deficiência visual; Objectivos Educacionais e Avaliação; Insucesso Escolar; de salientar ainda as formações dirigidas por dois Professores Deficiente Visuais: A Informática na Sala de Aula, Dr. António Queirós de Pinho; Coro Falado, pelo Dr. Francisco Fernandes e por um Bibliotecário Arquivista, Dr. Augusto Deodato Guerreiro: Relação bibliográfica em Pesquisa de Informação.

- Na qualidade de Monitora, acções inerentes à deficiência visual e de didáctica específica: Moderna Simbologia Musical, numa adaptação ao Sistema Braille - Livro “Eu e a Música” - 5º e 6º Anos; Descodificação dos gráficos do livro “Eu e a Música”; Manipulação de Figuras Musicais aderentes ao Quadro Magnético, conferindo ao Professor Deficiente Visual total independência face ao quadro, perante a Turma; Tratamento didáctico da canção com Instrumentarium Orff; O Ritmo e o Corpo - movimentos rítmicos e expressão corporal; Técnica de manipulação dos meios auxiliares: Projector de Slides - Audição comentada da História “Pedro e o Lobo” em diapositivos; Audição comentada da História em diapositivos da “Petite Note La”; Máquina de Filmar de 16mm - Filme “Carnaval dos Animais”.

#### DIVULGAÇÃO DE TRABALHOS:

· No âmbito da DGEBS/DSPRE/DAP/NAPDV, deu um preciosíssimo contributo nos dois primeiros anos de formação do Núcleo de Apoio ao Professor Deficiente Visual, a ele vinculada por simpatia e solidariedade, como professora deficiente visual, sem quaisquer remunerações e recusando destacamento; terminava na Escola o seu horário lectivo e, na parte da tarde, dirigia-se às instalações da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, onde assumia, com minúcia, a direcção voluntária de todos os trabalhos de revisão da transcrição em Braille que o Núcleo produzia num ritmo invulgar; a partir do terceiro ano de vida do NAPDV passou a regime de destacamento total ou parcial; noutra âmbito, testou imensos cortantes de figuras musicais e símbolos instrumentais (matriz) para serem usados e aplicados em quadros “pautados” magnéticos, material todo ele elaborado pela outra professora destacada no Núcleo, Dra Maria Olívia Nogueira, mas sob a sua orientação, quanto ao pormenor e à correcção da figura musical e/ou símbolo instrumental, ao seu dimensionamento, espessura e à matéria prima em que as figuras seriam recortadas e ainda à selecção mais adequada dos materiais para execução dos referidos quadros; testou também uma infinidade de relevos constituindo parte integrante das brochuras transcritas e, no âmbito do Português e da História, foi o seu aval que presidiu aos relevos em Acetatos e Mapas para serem manipulados pelos professores deficientes visuais em condições de sucesso.

Co-autora com Maria Helena Redol da transcrição para Braille do manual “Eu e a Música” - 5º e 6º Anos (Livro do Aluno e do Professor) “Esta, há longos anos ligada ao Ensino Especial, soube executar, com todo o carinho e o mais fielmente possível, um trabalho a que ninguém recusará um verdadeiro cunho artístico; aquela, que soube orientar e sugerir, mercê de um profundo sentido estético e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

extraordinária sensibilidade, o mais pequeno pormenor de um texto, quase todo dedicado à imagem, numa feliz, exigente e harmoniosa adaptação que pudesse ser percebida quer pelo professor, quer pelo aluno cego.” (...) “Experiência totalmente nova e aparentemente irrealizável, por estar este manual mais consagrado ao desenho do que à palavra, mais à escrita por relatividade, do que à escrita com Clave definida, isto é, valor absoluto dos sons. (...) Trabalho pioneiro, devidamente apreciado por um grupo itinerante de pedagogos e especialistas suecos, tendo sido considerado uma obra única na Europa, senão no Mundo, em termos de adaptação gráfica e de análise comparativa entre os dois exemplares.”

In C.V. Novembro 1992, adaptado

Aida Bruno Coelho

Co-autora com Dalila Guerrinha de duas Comunicações: “Alguns pressupostos pedagógico-didáticos”, para o Encontro Nacional de Professores Deficientes Visuais, in Revista Poliedro, Porto, Outubro 1981; “Como dignificar o Professor Deficiente Visual?”, in Revista Poliedro, Porto, Julho 1988.

(sobre o período de destacamento, consultar o Artigo

“NAPDV - Uma Experiência Pioneira na Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário”)

· No âmbito da docência propriamente dita, assumiu por inteiro o cargo de Delegada de Disciplina, exigindo verbas e Salas equipadas para que a “Educação Musical”, habitualmente esquecida e abandonada, pudesse ocupar o lugar a que tinha direito; criou e coordenou o Clube de Música, apresentando Projecto de Trabalho; divulgou por entre os colegas da sua e de outras Escolas, uma ampla bateria de fichas de trabalho, mini-testes e avaliações, bem como um número apreciável de canções didáticas e/ou festivas, tudo escrito e ilustrado com a mais cuidada

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

apresentação, porque defendeu sempre, até ao limite, que “as crianças não podiam sair prejudicadas no processo de ensino-aprendizagem, por serem alunas de um professor deficiente visual”; pôs a sua capacidade criadora a render ao serviço de toda a comunidade educativa, dando aos seus alunos o melhor que se espera da Escola: o despertar da sensibilidade, os valores, a aprendizagem e a alegria da apresentação em público, onde eram ovacionados, pois trabalhou sempre com o lema por si própria definido: “Para uma Escola em festa”.

E esse objectivo pedagógico está sintetizado nas duas quadras do Refrão do Hino da Escola Damião de Góis que concebeu em 1992:

“Da Escola vou levar  
Saber e Amor!  
E hoje eu sou botão,  
Mas serei Flor!

Da flor que desabrocha  
Nasce o fruto  
E eu serei da Escola  
O bom produto...”

“É com muito gosto que preparo canções, música e letra da minha autoria, para trabalhar nas aulas com os meus alunos. Ensaio-os, preparo pequenas instrumentações com percussão, (recorrendo ao Instrumentarium Orff) e apresento-os habitualmente em público: ou só para Professores - funciona como grande estímulo - ou, quando é possível criarem-se condições na Escola, para todos os alunos, por turnos. Assim tem acontecido, em anos sucessivos, no Dia Mundial da Música, nas Festas de Natal, nas Janeiras, no dia do Pai associado ao início da Primavera, no Dia da Criança ... Espero poder continuar esta prática, renovando iniciativas e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

recriando outras, como o Hino e a Marcha da Escola, que me foram pedidos, neste início de ano lectivo, pela Presidente do Conselho Directivo, Dra Angélica Luz.”

(In Reunião de Conselho Pedagógico, Setembro de 1991:

excerto da “Definição de Objectivos e Metodologia de Trabalho”

apresentado por cada delegado de disciplina)

Nesta sequência, urge dizer que Aida Bruno Coelho revolucionou, de certo modo, a Escola hierárquica, usando de toda a sua determinação para valorizar a disciplina que leccionava, dando vida à Escola comunitária, até mesmo pela visita de Músicos que convidava para abrilhantar, por exemplo, o Dia Mundial da Música ou o início da Primavera: de 1979 a 1982, a Juventude Musical Portuguesa compareceu regularmente na Escola Damião de Góis, para dar a conhecer a **todos os alunos** os diferentes instrumentos da Orquestra, visual e auditivamente; em Março de 1991 participaram trinta músicos da Banda da Guarda Fiscal para, numa aula ao vivo, festejarem o início da Primavera; em 1 de Outubro de 1991, na grande festa do Dia Mundial da Música, corresponderam à solicitação setenta e cinco elementos da mesma Banda da Guarda Fiscal, também numa aula ao vivo, aberta a toda a Escola; em 1 de Outubro de 1992, com cartazes espalhados por todos os pavilhões, a festa foi abrilhantada por Fernando Pereira. Aliás, esta actividade ficou registada para memória futura no Jornal de Marvila, Nº 9, Outubro de 1992, pág.4; na festa de encerramento do Ano lectivo, em Junho de 1992, numa actividade em que intervieram todas as turmas da Escola, o Hino Damião de Góis iniciou o espectáculo, seguido do desfile da Marcha com o mesmo nome, enriquecido com dezassete Arcos em cada turno, com a especial colaboração e empenhamento da Associação de Pais. Existe gravação em Vídeo; em 1 de Outubro de 1993 actuou o Rancho Folclórico Rosas de Coja do Município de Arganil.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Hoje, passados mais de trinta anos, vejo e interpreto com os olhos da distância esta marca de qualidade que irradiava por toda a Comunidade Escolar, enchendo os Pavilhões com cartazes apelativos, desdobrando-se em rimas adequadas, quantas vezes jocosas, quanto à temática da festa que se avizinhava! Motivação autêntica que marcava o antes e animava o durante!

No ano lectivo 1995-96, Aida Bruno Coelho procedeu à revisão e ampliação da Marcha da Escola, conferindo-lhe outra vida, outra dinâmica.

“Com base numa experiência de há três anos, também por mim proposta na Escola - Marcha Damião de Góis (na altura, vivida com muita alegria, mas sem grandes exigências, sem verbas, sem trajes, sem saídas para o exterior. Tudo se desenrolou na Escola com 34 Arcos simples de contraplacado, oferecidos pela Junta de Freguesia e decorados em Trabalhos Manuais e Educação Visual, um por Turma. As turmas concentraram-se no campo de Jogos e desfilaram da primeira à última, com o seu Arco à frente, entoando graciosamente a Marcha) apresentei de novo, logo no início do ano lectivo 1995-96, como Projecto de Turma, uma proposta de trabalho planificada e reformulada em função das intervenções das diferentes disciplinas. Os professores das minhas três turmas aderiram, de imediato, ao projecto; a colega Dalila Guerrinha informou que os professores das suas duas turmas também participariam. Para dar desenvolvimento a esta ambiciosa tarefa, com cinco turmas intervenientes, convoquei três reuniões” (...)

“O Figurino e os Arcos careceram de estudo minucioso para o desenvolvimento que eu perspectivava. Com o nascer do Tema, nasceu-me o gosto de vestir os Marchantes, Rapazes e Raparigas, respectivamente de Manjericos e Alcachofras. Transmiti a minha ideia à Professora de Educação Visual, Carmo Pólvora, que a interpretou com êxito e assim surgiu o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Figurino. A escolha dos tecidos e a confecção, por um lado, a pintura dos Arcos e a qualidade dos adereços, por outro, mereceram muita dedicação e tempo. Pôr em prática o figurino chegou a ser polémico, mas conseguiu atingir-se o objectivo inicial, graças ao esforço e empenhamento da Professora de Educação Visual e Tecnológica, Lurdes Mendonça. Os doze arcos - 6 simples e 6 duplos - ficaram lindos, adornados com festão de cores selecionadas, manjericos, alcachofras e muitas outras flores (a grande maioria confeccionada nas aulas de EVT) produtos hortícolas e silvestres, balões, lanternas, fitas... Os 6 Arcos duplos evidenciavam pinturas trabalhadas com esmero pelo Professor Manuel Godinho, verdadeiros quadros com características da zona e não só: ‘- são preciosas as suas sugestões’ - dizia-me com frequência o colega que se sentia a pouco e pouco envaidecer com a obra que saía das suas mãos. De facto, soube valorizar de modo excepcional as minhas ideias e utilizou a documentação que obtive em Bibliotecas e na C.M de Lisboa, a propósito, por exemplo:

- do topónimo Chelas (onde fica sitiada a Escola) que remete para Aquiles, herói da mitologia grega;
- dos frontões do Palácio dos Alfinetes;
- da linha férrea de Chelas;
- da fotografia de Damião de Góis e dos símbolos que a ele associei: Livro e Flor;
- dos Santos Populares, com as suas particularidades;
- enfim, de todo o ambiente que caracterizava a zona em tempos idos e de que ainda hoje existem vestígios: azinhagas, vales, quintas...” (...)

“Para a Coreografia, dei as minhas sugestões aos Professores de Educação Física que prometeram pronta colaboração o que, infelizmente, nem sempre se verificou.” (...)

“Na generalidade, importa dizer que tudo teria sido mais fácil

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

se tivesse havido uma parceria homogénea de todos os intervenientes no processo. Sinto-me, no entanto, muito feliz porque, apesar do trabalho ter recaído, de forma violenta, no final do Ano sobre mim que o coordenei e sobre a colega Dalila que em tudo colaborou activamente, a exibição terminou com êxito na Escola Secundária Dom Dinis, em 5 de Junho, ao lado de outras Marchas das Escolas do Ensino Básico da zona.

A Junta de Freguesia assinalou o acontecimento, oferecendo a cada Escola (...) uma placa comemorativa que a Direcção da Damião de Góis fez questão de a entregar directamente a mim própria, como autora da Música, da Letra e Coordenadora de todo o Projecto. Registei, com agrado, a apreciação das outras Escolas participantes: quanto à Música por ser inédita; quanto à Letra por ter sido a única que se fez ouvir e compreender naquele imenso espaço.

A Marcha desfilara ao som da gravação da cassette e de um Coro constituído por 30 elementos que evidenciavam balões de cores alegres e variadas (como a letra refere) e que, no final, rebentaram uns após outros, à maneira de foguetes.” (...)

“Posteriormente apresentada na nossa Escola como actividade de encerramento do ano lectivo - 21 de Junho, o espectáculo foi, sem dúvida, menos brilhante pela falta de ensaios intercalares da Coreografia, pela aparelhagem sonora inadequada, por condições atmosféricas menos favoráveis - o vento soprou forte no momento e rasgou dois Arcos. Fez-se a largada de 200 balões, como forma de assinalar o final da festa. Toda a Escola estava enfeitada em jeito de Arraial, nomeadamente o recinto onde o espectáculo decorreu. Para enriquecer mais esta actividade, convidei previamente para este dia, um grupo de Crianças Ciganas, entre os 6 e os 10 anos, integrado no Secretariado Diocesano de Lisboa da Obra Nacional Pastoral dos Ciganos que apresentou no recinto a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sua bonita Marcha Cigana, seguida da nossa.” (...)

“E, para que se cumprissem os nossos ideais e objectivos, faltava apenas que a Marcha desfilasse nas ruas do Bairro. Para isso, a PSP devidamente contactada, fez desviar o trânsito da Rua principal e a Marcha desfilou, fazendo jus à letra.”

“Tão grande é o Bairro de Chelas!

Abram portas e janelas

Que a Marcha vai a passar!

Saiam todos p’ra’ a folia,

Vivam hoje esta alegria... Bis

Venham pr’a a rua cantar!...”

In, Relatório Marcha “Damião de Góis” 1995-96

Aida Bruno Coelho

Também, desta vez, o Jornal de Marvila, Bimestral, apresentou a cobertura das Marchas, no seu Nº 21, Novembro 1996, págs 6 a 9.

A Professora Aida Coelho integrou ainda no seu Relatório cinco Anexos: no primeiro, dava sugestões didácticas para todas as disciplinas curriculares, no contexto **Marcha**, também à Associação de Pais e à Junta de Freguesia de Marvila; do segundo, constavam as Actas de todas as reuniões do Projecto a que presidiu; do terceiro, um Mapa de “Receitas/Despesas” organizado pela Vice-Presidente do Conselho Directivo comprovando toda a movimentação de fundos que o Projecto implicou. De salientar que as fontes de receita obtidas foram fruto de um esforço enorme, de um matutar constante, de um fabricar de ideias, tudo convergindo para cobrir o máximo de despesas e, nessa dinâmica colaborou abertamente a Comunidade Escolar; o quarto, era a Ficha Técnica da Marcha, solicitada pela Junta de Freguesia; do quinto, constava a Acta da Avaliação Final da Turma 9º C,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

interveniente no Projecto e secretariada pela Professora Noémia Félix, onde se pode ler, no tocante ao encerramento do Ano lectivo: “Foi feito um voto de agradecimento e elogio, por unanimidade, pela orientação e dinamização dos trabalhos da Área Escola pela Professora Aida Bruno Coelho”.

· No âmbito da colaboração com outras disciplinas, Aida Bruno Coelho foi uma presença constante, quer nas Línguas, quer nas Ciências: a primeira grande festa que realizou a nível de Escola foi em 1979, em colaboração com o segundo grupo de Estágio, cuja Orientadora de Francês era Dalila Guerrinha. Tema da festa - Natureza e Poluição, expressa em canções de sua autoria, com projecção de acetatos, para que todos os alunos da Escola pudessem acompanhar o que os colegas em festa cantavam e tocavam. Pela temática em si, houve um intercâmbio total de conteúdos com a disciplina de Ciências da Natureza. Em 1980, a colega Manuela Cravidão, estagiária do segundo grupo, convidara dois poetas conhecidos, José Carlos de Vasconcelos e José Gomes Ferreira para um trabalho seu de didáctica, afecto à disciplina de Português. “Inserido no seu trabalho, analisou dois poemas e pediu-me que os musicasse: ‘Guitarra, Laranja azul’ do primeiro e ‘Pobres, gritai comigo!’ do segundo. Foi muito interessante. Conservo ainda a cassette onde se realizou esta experiência, como outras, aliás, onde registo todas as minhas Composições, mas quase todas em condições de gravação meramente caseiras e sem grande capricho.”

In, C.V. Novembro 1992

Aida Bruno Coelho

Colaboração espontânea com as disciplinas de Francês e de Inglês, sobretudo no Natal e no dia de São Valentim, mas em quaisquer momentos, desde que solicitada.

“É importante registar neste Curriculum Vitae que, desde

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sempre, trabalho em interacção com a professora Dalila Guerrinha que me secretaria nas minhas tarefas de Leitura e Escrita. Colaboro também com ela, preparando músicas e letras para os seus trabalhos de natureza didáctica, especialmente na área do Francês e que circulam no grupo de estágio. De acordo com o tema que me solicita, crio lengalengas ou canções, todas elas com a particularidade de fazer explicitar determinada regra de fonética ou determinado problema gramatical e/ou lexical, porque a experiência demonstra que se retém mais facilmente qualquer tema a estudar, **se ele for impregnado de ritmo e melodia**. (Quem não se lembra da velha tabuada, em cantilena?!).”

Idem, Ibidem

“Em Março de 1988, no Encerramento do Ano Europeu do Ambiente, plantei uma árvore com os meus alunos, como o faço, aliás, todos os anos no início da Primavera e preparei uma festa lindíssima, intrinsecamente ligada, pela temática, às Ciências da Natureza. Apresentei quatro canções da minha autoria, dramatizadas e com expressão corporal, com especial destaque para a dança das Andorinhas. A partir de 1989, passei a incluir nesta festa da Primavera uma canção ao PAI, cantada e tocada em flauta por um grupo de alunos, o que muito sensibilizou alguns professores, em particular o colega Luís Lenine. Outro exemplo de interdisciplinaridade com o Francês, em Dezembro de 1991 - Encerramento do Ano Mozart. Acompanhei os alunos da professora Dalila em várias Comptines e duas Canções (uma delas da minha autoria), terminando com “L’ Alphabet” de Mozart. Estes alunos eram encaminhados para o Clube de Música, onde eu os preparava para as diferentes exposições ao longo do Ano. Em 1992, na disciplina de Português, a Delegada Elisabete Torres, que trabalhava no Projecto Minerva, pediu-me colaboração para receber uma turma de alunos vindos do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Colégio de Santa Clara - Casa Pia, dando-me total liberdade; preparei para a turma da Escola que iria receber os visitantes, uma peça de teatro musicada com adereços e uma pequena coreografia. Ensaiei-os fora dos horários lectivos e teve muito bom acolhimento. Existe Vídeo no respectivo Colégio, arquivado nas instalações do Projecto Minerva e eu conservo a gravação em cassette; também nesta disciplina, colaborei com o Professor Ramiro Lopes, com um texto ritmado para apoio ao Teatro de Fantoches, “A Velha e os Lobos” e ainda, com este Professor, que tem a seu cargo o Jornal da Escola, dei o meu contributo em vários números. Nos Santos Populares, com ou sem Marcha, colaboro a nível de Escola, a quando da venda dos manjericos, oferecendo Quadras para cada um, o que torna mais atraente a venda.”

Idem, ibidem

Sintetizando, todos os anos lectivos, Aida Bruno Coelho apoiava os Professores de Francês em duas grandes iniciativas: Semaine Française e Quinzaine Culturelle, preparando os alunos quer no Clube de Música, quer no Clube Europeu, quer nos Grupos Corais e Instrumentais. Em 1995, colaborou com a Professora Dalila Guerrinha, agora na disciplina de Português, numa dramatização do Pinóquio, abrilhantando-a com uma canção/resumo da história, cantada com a Música da 9ª Sinfonia de Beethoven e tocada na flauta por um grupo de alunos.

“Cumpre-me referir a minha colaboração num Projecto mais amplo da Comunidade Educativa, também no ano lectivo de 1994-95: já no terceiro período fui convidada a participar num projecto aberto a toda a Escola, figurando no Plano Anual de Actividades, com turmas do 5º ao 8º anos. O tema “Viajar na História de Lisboa - Passado Presente Futuro - sugerido e orientado pela colega Marta Rodrigues, Professora de Português, foi trabalhado de modo diferente em cada uma das turmas que aderiu, mas a autora e dinamizadora do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Projecto perspectivou para as suas turmas uma outra dimensão, pelo que solicitou o meu contributo - faltava, de facto, a Música que lhe daria outra vivacidade e outro ritmo: era preciso cantar Lisboa e pôr Lisboa a cantar! Gostei da ideia, pensei e, em lugar de uma canção à escolha, entre as muitas que se conhecem sobre Lisboa, como me foi pedido, nasceu uma canção dramatizada e inédita - Música e Letra. Gostosamente ensaiei aqueles alunos extra-horário e a canção passou a fazer parte do Programa a apresentar nas festas de encerramento do Ano Lectivo.

A alegria dos cerca de 50 jovens que preparei e a colaboração preciosa e amiga da colega Dalila Guerrinha deram aos ensaios a força e o entusiasmo indispensáveis para o brilho que o espectáculo teve na sua exibição final, primeiro no Salão Paroquial da Igreja da Portela de Sacavém e depois no Parque Eduardo VII - Pavilhão Carlos Lopes - V Fórum de Experiências Educativas - C.M.L.

Era a cidade de Lisboa e os seus jovens, numa revisão histórica do passado; numa vivência do passado recente e do presente; num compromisso de entrega para o futuro. E, erguendo na mão um botão de rosa vermelho, os mesmos jovens terminavam o espectáculo com o Hino da sua Escola, a Damião de Góis.”

In, Relatório de Acesso ao 10º Escalão”

Aida Bruno Coelho

### · ORGANIZAÇÃO DE VISITAS DE ESTUDO:

“A partir de meados da década de 80 tenho diligenciado a organização de Visitas de Estudo, no âmbito da minha disciplina, envolvendo apenas os meus alunos quando não sou Delegada, toda a Escola, quando o sou. Nesse sentido, levei os meus alunos, por diversas vezes ao Teatro Maria Matos onde puderam observar a execução da Orquestra Sinfónica Juvenil; acompanhei três turmas ao Teatro de S.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Carlos, Ópera “Bodas de Fígaro”, espectáculo que durou 4 horas. Foi ‘sensacional’, assim se referiam os colegas que me apoiavam nesta Visita de Estudo: ‘Os alunos sabiam o argumento todo de cor’. De facto, eu própria preparara para eles um argumento com linguagem mais acessível e ensaiei algumas árias; consegui integrar a Escola Damião de Góis nos Encontros Didácticos, um Projecto da Câmara Municipal de Lisboa, dirigido a estes níveis etários. Preparei sete visitas: quatro de Música, duas de Dança e uma de Teatro. É fundamental para a Escola a perspectiva cívica.”

In, C.V. Novembro 1992

Aida Bruno Coelho

“A organização de Visitas de Estudo contribui inegavelmente para uma boa relação Professor/Aluno, por isso nunca as dispenso. Em 1994-95 levei as minhas quatro turmas ao Teatro Maria Matos, tendo conseguido para todos bilhetes gratuitos. Deliciaram-se com a Peça de Teatro Musicada “O Pinóquio” pelo Grupo TIL; no ano seguinte, programei e marquei visita também ao Teatro Maria Matos para a peça de Teatro musicada “A Bela Adormecida” de novo pelo grupo TIL. (...) As Visitas de Estudo são um estímulo para a aprendizagem, proporcionam uma maior aproximação do professor, recriam e educam, para além de se tornarem uma grande aposta na formação cívica de cada aluno: Saber Estar; Saber Ouvir; Saber Aplaudir...”

In, Relatório de Acesso ao 10º Escalão

Aida Bruno Coelho

### · OBRA PUBLICADA:

Ainda que no espólio artístico da Professora Aida Bruno Coelho constem mais de 165 entradas, na verdade só existem publicadas em 1992 e 1993, pela Editorial “O Livro” aquelas que enriqueceram o Bloco Pedagógico En Marche, Níveis 1 e 2, da autoria de Dalila de Jesus Guerrinha. Um total de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

dezas seis canções didácticas inéditas, Letra, Música e Interpretação, bem como um trabalho de selecção de fundos musicais e ruídos para apoio às respectivas cassettes. Urge dizer que estas canções não morreram; continuam a dar vida e a ilustrar aulas de Francês na Universidade Sénior de Azeitão.

### · PROJECTOS INTERDISCIPLINARES:

Realizados em co-autoria com Dalila de Jesus Guerrinha

1. Licença Sabática - Área do Português e Educação Musical - Trabalho de Investigação Aplicada - JANEIRAS EM PORTUGAL - ano lectivo de 1993-94
2. Equiparação a Bolseiro - Área do Francês e Educação Musical (Ensino Precoce  
do Francês) - Trabalho teórico-prático com inclusão de dois CDs, anos lectivos 1997-98 e 1998-99

“Na Licença Sabática desenvolvi, com a colega em causa, profunda investigação. O tema geral ‘As Janeiras em Portugal’, analisadas numa perspectiva pedagógico-didáctica, levou-nos a uma recolha, tão exaustiva quanto possível das mais variadas formas e expressões culturais do ambiente português nas suas diversas áreas regionais. Desde 1988, consciente dos amplos objectivos da Educação Musical (...) procurei, com os meus alunos, tornar presente aspectos do Património Cultural Português (para que se não perdesse na memória do povo) (...) proporcionar às crianças e jovens da zona de Lisboa o contacto com outras regiões de Portugal (À Descoberta do teu País) no plano da tradição, através do conhecimento do folclore, da música, dos trajes regionais, da gastronomia e recriar didacticamente músicas regionais,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

adaptando-as, no plano linguístico, neste caso, às Janeiras das diversas regiões.”

In, Licença Sabática, Projecto de Formação Pessoal, Introdução

Aida Bruno Coelho e Dalila de Jesus Guerrinha

Assim norteada por estes três grandes objectivos, a Professora Aida Coelho criou, de sua própria autoria “As Janeiras”, o que significou seleccionar de cada região uma música tradicional mais representativa e fazer para essa música uma letra que evidenciasse características próprias de cada região nos seus aspectos típicos: folclore; usos e costumes; gastronomia; trajes e falares regionais... Ensaiar os alunos foi, naturalmente, na dinâmica de aula, o passo seguinte. O trabalho desenvolvido nesse Ano Sabático centrou-se em toda esta actividade, já experimentada em aula e apresentada em público (Existe Vídeo da exibição de 6 de Janeiro de 1993). Nesse Ano Sabático, foram desmultiplicadas até ao limite todas as conexões possíveis de carácter musical e linguístico, bem como todo o enquadramento histórico-geográfico e social. De referir que este trabalho esteve exposto no V Fórum de Experiências Educativas e, segundo fontes da Vereação da Cultura, a C.M.L teria querido publicá-lo. Só não chegou a concretizar essa ideia por falta de verbas, devido à sua grande extensão.

Quanto à Equiparação a Bolseiro, uma vez ganho o Concurso para 1997-98, foi feito pedido de prorrogação para que se pudesse realizar a parte prática, no ano seguinte. Definido que foi o tema, importa aqui sublinhar o objectivo que presidiu a este Projecto de Investigação Aplicada em Áreas Interdisciplinares. Com base no gradual abandono das matrículas na disciplina de Francês, 2º Ciclo, pensámos levar a cabo um estudo dirigido ao 1º Ciclo, designado por Ensino Precoce do Francês. Apelando para os Princípios Orientadores da Expressão e Educação Musical (A prática do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

canto constitui a base da Expressão e Educação Musical no primeiro ciclo e, através do corpo em movimento, de uma forma espontânea ou nos jogos de roda e nas danças, as crianças desenvolvem potencialidades musicais múltiplas) é possível fazer-se a experiência da aprendizagem precoce do francês, numa vertente simultaneamente cultural, lúdica e estética, com recurso ao património francês, ao seu folclore, às canções de roda...

Assim nasceu um trabalho teórico aprofundado, no dizer de muitos, um Novo Manual que culminou com a realização de 2 CDs e respectivas propostas de trabalho, cuja abordagem alongaria demasiado este C.V. Sublinhe-se apenas que o tratamento de cada lengalenga, comptine ou canção culminavam sempre numa actividade lúdica - actividade global final, momento em que interagem todos os objectivos, numa perfeita consonância: Psicomotor (saltar à corda, jogar à bola, às escondidas, ao lenço...); Cognitivo (articulação da linguagem, cantando de forma ritmada); Afectivo (o prazer de brincar e aprender com alegria).

Os CDs foram construídos com uma apreciável selecção de lengalengas do Património Cultural Francês, adequadas a cada momento lúdico, seis das quais da autoria da Professora Aida Coelho e idêntica variedade de canções didácticas com objectivos linguísticos, fonéticos e lexicais. Nesta listagem, incluem-se dez canções inéditas de Aida Coelho, música, letra e interpretação; acresce que musicou ainda cinco pequenas comptines, de conteúdos lúdicos muito apelativos, mas que só tinham letra. Estes CDs, não tendo sido publicados, foram, contudo, gravados em Estúdio e têm marca de qualidade. Tal como as canções do Manual “En Marche”, também estas circulam, plenas de vitalidade, nos mesmos meios.

Hoje, a maioria das suas composições está digitalizada.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Em termos conclusivos, direi que a Professora Aida Bruno Coelho assumiu, ao longo da sua actividade na docência, “Ser Professor” com uma entrega a 100%, marcada por um intenso trabalho pessoal, exigência e rigor; não se poupava a sacrifícios sempre que estivesse em causa a preparação de aulas, a leccionação, actividades complementares para apresentação dos alunos em público, colaboração com outras disciplinas, organização de visitas de estudo, lançamento de Inquéritos sobre a Cultura Musical dos intervenientes na Comunidade Escolar, para os quais pedia tratamento estatístico no Clube de Matemática, etc, etc. Trabalhava empenhadamente e sem tréguas na investigação, sempre que punha um novo projecto em marcha.

Aduzidas as razões, entende-se que a Educação Musical, através da Professora Aida Coelho, tenha funcionado como uma actividade transversal a toda a aprendizagem, num contexto multidisciplinar. Pela sua natureza, é uma disciplina que se adequa a transpor o espaço “aula” para momentos vários de “espaço aberto”, em que os alunos são confrontados com a Comunidade Escolar, pondo então a render as suas “performances”. Não falo de ideais, de metas a atingir, de utopias, mas de realidades concretizadas, ano após ano, e por todos constatadas, sob o desígnio daquela foi uma autêntica força da natureza!

- Em 5 de Outubro de 2006 deixou a vida na cidade e buscou a serenidade e a paz que só a tranquilidade do campo transmite, instalando-se em Brejos de Azeitão.
- Em 2 de Novembro de 2009 adquiriu também a nacionalidade espanhola, sonho que há muito perseguia.
- Em Janeiro de 2015, já no Outono da vida, foi convidada para leccionar Educação Musical na Universidade Sénior de Azeitão, onde redescobriu o mesmo empenhamento de outrora e pôs a render os seus talentos junto de outros alunos, já não crianças, por quem se sentiu amada e acarinhada.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Manteve essa actividade, com renovada mestria, até ao final do ano lectivo de 2016, tendo concebido especificamente para estes alunos seis canções, de entre as quais “As Janeiras” cantadas de porta em porta com o grupo, devidamente trajado e exibindo instrumentos de percussão, no dia 6 de Janeiro de 2016.

- Adoeceu severamente com uma anemia perniciosa, mas rejeitou, com todas as forças, o recurso à medicina convencional e a tratamentos invasivos pois tinha optado sempre pelas medicinas alternativas e por um estilo suave de vida, em harmonia com a natureza.

- Faleceu a 10 de Agosto, no Hospital de S. Bernardo em Setúbal, com leucemia aguda.

- As suas cinzas repousam na sua terra natal, numa propriedade que outrora pertencera aos seus familiares, tendo sido lá depositadas no dia em que completaria 79 anos.

- Em Dezembro de 2016 tornou-se capa da Revista Plural-Idades, Nº1, editada pela Universidade Sénior de Azeitão, numa justa homenagem pelo seu empenhamento. Vários textos integrantes da Revista lhe foram dedicados e dois discursos, pronunciados no momento do lançamento. A contracapa oferece um curioso mosaico com diferentes cenários da sua vida; em Dezembro de 2017, no lançamento da Plural-Idades Nº 2, a sua memória continuou a ser evocada.

- O Jornalinho, instrumento de informação, partilha do conhecimento, promoção e divulgação da cultura, via on-line, tem divulgado as suas canções de acordo com as épocas do Ano.

Dalila de Jesus Guerrinha

09.01.2018

Bibliografia consultada:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Escola Democrática, Lisboa, Janeiro 1988, Ano IX, Nº3  
“Uma experiência pioneira na Direcção-Geral do Ensino Básico” Apoio ao Professor Deficiente Visual do Ensino Preparatório Dalila de Jesus Guerrinha e colaboração musical de Aida Bruno Coelho
- “Curriculum Vitae”, Lisboa, Novembro 1992  
“Aida Bruno Coelho - Educação Musical”  
Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Prep. Damião de Góis  
Aida Bruno Coelho
- Relatório de Acesso ao 10º Escalão  
Aida Bruno Coelho
- Relatório Marcha “Damião de Góis” 1995-96  
Aida Bruno Coelho
- Reunião de Conselho Pedagógico da Escola D. de Góis, Setembro de 1991  
Gabriela Costa
- Licença Sabática, Projecto de Formação Pessoal, Introdução  
Aida Bruno Coelho e Dalila de Jesus Guerrinha
- Equiparação a Bolseiro, Projecto de Investigação Aplicada  
Aida Bruno Coelho e Dalila de Jesus Guerrinha  
(DJD).

### **\*COMPENSAR - PRODUTOS E SERVIÇOS PARA NECESSIDADES ESPECIAIS:**

Ver

site:

**<[https://www.google.pt/search?q=COMPENSAR+electrosertec&oq=COMPENSAR+electrosertec&gs\\_l=psy-ab.3..33i160k1l2.13022.23920.0.25320.14.14.0.0.0.0.427.2008.0j6j2j1j1.10.0....0...1.1.64.psy-](https://www.google.pt/search?q=COMPENSAR+electrosertec&oq=COMPENSAR+electrosertec&gs_l=psy-ab.3..33i160k1l2.13022.23920.0.25320.14.14.0.0.0.0.427.2008.0j6j2j1j1.10.0....0...1.1.64.psy-)**

**ab..4.10.1998...0j0i67k1j0i19k1j0i22i30i19k1j0i22i30k1j0i22i10i30k1.0.v5hkgScf1E8>**

**\*COGNIÇÃO E PROBLEMAS COGNITIVOS:**

A cognição é um processo que visa a aquisição de conhecimentos, o que implica processos complexos como sejam: a percepção, a memória, o pensamento e o raciocínio, a procura de solução para os problemas, a linguagem e a criatividade.

Segundo Piaget, um dos mais destacados autores que estudaram o desenvolvimento, estes processos ocorrem pela interação dos indivíduos com o meio físico e social e são processos que vão evoluindo, considerando-se que a evolução dos processos cognitivos acontece ao longo de todo o processo de desenvolvimento, sendo muito importante que as crianças, os jovens, as pessoas, tenham oportunidades de aprender com as experiências que as trocas com o meio lhes proporcionam, participando ativamente nesses processos de aprendizagem.

Os processos de aprendizagem podem ser afetados por perturbações nos chamados processos cognitivos básicos que podem ser explicadas, utilizando os modelos das teorias do processamento da informação. Neste modelo, para que a informação seja processada, existem três processos importantes. Processos recetivos, que implicam a audição, a visão e o tactilquinestésico. Processos integrativos, que implicam a capacidade do sistema nervoso central ao nível da atenção, da discriminação, da identificação, análise, síntese, da retenção, de compreensão, conceptualização, organização e da planificação das respostas. Processos expressivos, que implicam os movimentos, os gestos, a escrita, a linguagem e a comunicação. Quando se refere que existem problemas cognitivos, eles decorrem de uma ou mais disfunções, ao nível de cada um destes processos, o que implica uma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

observação e uma avaliação das dificuldades de modo a desenvolver formas de ajustar as tarefas e as atividades ao perfil cognitivo.

(DR).

**\*COLÓQUIO NACIONAL «INFORMÁTICA E LEITURA ESPECIAL EM PORTUGAL - Novas Acessibilidades para as Pessoas com Deficiência»:**

Organizado pelo Gabinete de Referência Cultural da CML e realizado no dia 19 de Novembro de 1997 no auditório do Montepio Geral, assinalando o 7º Aniversário de «Dinamização Cultural" e o 3º Aniversário do GRC, cujas resoluções/recomendações integram a génese da formulação à Assembleia da República da necessidade de se acessibilizar em formato de texto toda a informação, dela emanada e disponibilizada na Internet, às pessoas cegas e deficientes visuais.

(ADG).

**\*COLÓQUIO NACIONAL «INFOTECNOLOGIA E SOCIEDADE»:**

Organizado pelo Gabinete de Referência Cultural e realizado no Centro Cultural Casapiano da Casa Pia de Lisboa, no dia 6 de Dezembro de 2001.

Aqui se procedeu também à assinatura do Protocolo Científico-Cultural entre a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do Gabinete de Referência Cultural, e a Casa Pia de Lisboa, no âmbito do Colégio António Aurélio da Costa Ferreira.

(ADG).

**\*COLUNA DA DIREITA (Braille):**

Ver **Fila Direita**.

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*COLUNA DA ESQUERDA (Braille):**

Ver **Fila Esquerda**.

**\*COMISSÃO DE LEITURA PARA DEFICIENTES VISUAIS:**

Foi um grupo de profissionais inspirador de esperança (no que concerne à definição de critérios para a produção e utilização de publicações para deficientes visuais), que se constituiu e chegou a envolver nesta matéria dezassete entidades públicas e privadas a nível nacional, as quais outorgaram, em 24 de Fevereiro de 1994, o protocolo de colaboração que criou a «Comissão de Leitura para Deficientes Visuais» - instrumento de coordenação das atividades das entidades outorgantes (bem como de outras que vieram a outorgar protocolos adicionais) para as áreas da produção e da utilização de materiais de leitura para pessoas cegas e com baixa visão. Esta Comissão funcionou até 2000, no então Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (SNRIPD), hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR), tendo a sua ação sido interrompida e a ser retomada mais tarde, agora de novo a funcionar, mas numa dimensão mais alargada e integrada no atual Núcleo de Braille e Meios Complementares de Leitura (NBMCL), com sede no INR, I.P., que lhe proporciona a logística e os meios de apoio necessários ao seu funcionamento.

(ADG).

**\*COMISSÃO PERMANENTE DE REABILITAÇÃO (CPR):**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

**\*COMISSÕES DE BRAILLE EM PORTUGAL:**

A história das Comissões de Braille em Portugal tem origem nos trabalhos tiflológicos de J. de Albuquerque e Castro.

Sobre as Comissões de Braille, e recorrendo a um apontamento/memorando de Isidro da Eira Rodrigues (exibido no NBMCL), consubstanciado na "Aplicação do Braille à Grafia Científica: O Estudo de Ciências por Deficientes Visuais", de lá extraiu «dois parágrafos que claramente nos elucidam acerca dos antecedentes da entidade que ao longo de três décadas e meia veio sofrendo modificações significativas tanto na nomenclatura como no seu conteúdo estrutural e funcional, parágrafos que assim memorizam o gérmen de uma Autoridade Braille sempre desejada e nunca conseguida.».

A premente necessidade de se aplicar o Sistema Braille às diferentes grafias, linguística e científica, fez Albuquerque e Castro e outros especialistas da altura juntarem-se e a pôr mãos à obra. A matemática era um domínio a aguardar urgente solução, começando a envidar-se esforços conducentes à elaboração do primeiro código braille matemático.

Seguindo o apontamento/"Memorando" de Isidro Rodrigues sobre o assunto, e pela credibilidade que o texto em referência nos merece, transcrevemos o seguinte:

«Até meados da década de 60-70 nada fora feito em Portugal sobre códigos matemáticos. Ora, na sua ausência, e perante a disseminação de exames em diversos liceus do País, não era possível - mas tornava-se inadiável - a preparação, com carácter nacional, de pontos de exame em braille. A Imprensa Braille, instalada desde 1956 no Instituto S. Manuel, no Porto, queria colaborar na resolução deste problema. Assim, numa conjugação de boas vontades, foi criada uma Comissão Especial, expressamente nomeada para o efeito», cujo objetivo era elaborar uma Grafia Matemática provisória,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

«visando permitir, a nível nacional, a fácil compreensão, pelos alunos, dos Pontos de Exame. Tinha-se consciência das dúvidas que poderiam surgir na interpretação de sinais, já que não havia uniformização, nem sequer ao nível do Ensino, mas, era preciso começar! Como corolário deste esforço, utilizando um código matemático provisório, preparado com base na mencionada grafia francesa, os pontos de exame foram impressos em braille em 1965.».

Neste sentido, procurando-se encontrar as soluções cada vez mais urgentes e adequadas às exigências na representação braillográfica dos muitos sinais em tinta a surgirem todos os dias, as preocupações, já revestidas de um certo caráter de autoridade braille, começam a tomar forma através das quatro Comissões de Braille que, entretanto, se constituíram e produziram trabalho até aos dias de hoje.

Assim, na sequência dos trabalhos da primeira Comissão Especial, e com a noção de que o braille precisava de acompanhamento mais regular, foi criada, por Despacho Ministerial de 18 de Abril de 1966, no âmbito do Instituto de Assistência aos Menores, a "Comissão Permanente de Braille", mas cujas funções, por asfixia financeira, vieram a cessar com o 25 de Abril de 1974. As verbas para o seu funcionamento dependiam de Despacho anual. Esta Comissão, absorvida por diversos problemas relacionados com o braille, em que avultavam a Grafia Básica e o ensino da Estenografia, não pôde ocupar-se em pleno, ao que se sabe, da notação científica. A Matemática tinha recebido um bom avanço, razão por que apenas se viu aprovada, com alguns ajustamentos, a edição de 1967 da "Grafia Matemática Braille". A Química, por sua vez, devido aos débeis conhecimentos dos seus membros e colaboradores sobre o assunto, ficou a aguardar melhores dias.

1ª Comissão - A Comissão Permanente de Braille foi constituída por José Ferreira de Albuquerque e Castro, José

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Joaquim da Silva Baptista e Orlando de Jesus Monteiro, secretariada por Pilar Ribas de Albuquerque e Castro, esposa de Albuquerque e Castro. Tendo falecido Albuquerque e Castro a 15 de Abril de 1967, houve a necessidade de se proceder à recomposição da Comissão, passando a integrá-la Fernando Silva e Vítor Manuel Rodrigues Perfeito Bordalo Coelho, bem como a Secretária da mesma, que adquiriu a qualidade de membro efetivo, tornando-se par dos restantes elementos. Conforme o acima referido, esta Comissão veio a soçobrar com a "Revolução dos Cravos", porque, na caótica atmosfera do "PREC" nenhuma Entidade Governativa assumiu a publicação do Despacho regulamentar.

2ª Comissão - Só 10 anos mais tarde, com publicação a 21 de Março de 1984, foi criada a 2ª Comissão de Braille, vigente apenas por 6 anos, tendo sido constituída, numa primeira fase, por Orlando de Jesus Monteiro, Fernando da Silva, Filipe Pereira Oliva, José António Lage Salgado Baptista, Rogério Gomes Carpentier, Rosa Braga e Vítor Bordalo Coelho, e, numa segunda fase, devido ao pedido de demissão apresentado por Rosa Braga, que nunca comparecera em nenhuma reunião, havendo sido substituída por José Joaquim da Silva Baptista. Estando a Comissão em plena atividade em 1989, ano em que Fouto Pólvora, o Secretário Nacional do Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR), criara o Núcleo de Braille, como estrutura de apoio e complementarização da Comissão, foram os seus membros surpreendidos pela nova Secretária Nacional do Snr, Guida Faria, que, no início do seu mandato, logo manifestara posição adversa à continuidade da Comissão nas instalações e sob a égide do SNR, o que aí veio a impedir, em Abril de 1990, o funcionamento da mesma, passando então a ser tutelada pela ACAPO e com encargo financeiro do SNR, até à sua extinção, em 1993, mas tendo concluído os trabalhos em curso e sendo os mesmos publicados nos seus dois

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

últimos anos de exercício.

3ª Comissão - Com publicação a 6 de Outubro de 1997, foi criada a 3ª Comissão de Braille, vigente por quatro anos a partir da tomada de posse dos seus membros, posse que só veio a ultimar-se a 1 de Junho de 1999, depois de anulados conflitos gerados entre o Secretário Nacional e os elementos integrantes da Comissão, a qual ficou constituída por Orlando de Jesus Monteiro (Presidente), José Manuel Saraiva Valentim, Filipe Pereira Oliva, Fernando José Abreu Matos, Vítor Rapoula Reino, Filomena Pereira (titular do do Ministério da Educação que desde 1999 se fez substituir por Ana Cristina de Oliveira Romão Miguel), Augusto Deodato Guerreiro e Maria Helena Guerreiro Cabrita (ambos na qualidade de "Personalidades de Reconhecido Mérito", indigitados pelo Secretário Nacional), vindo a integrar, também como "Personalidades de Reconhecido Mérito", Vítor Bordalo Coelho e José António Lage Salgado Baptista. Em Outubro de 2000, Fernando Matos (representante da ACAPO) foi substituído por Carlos Manuel dos Santos Ferreira, nomeado pela nova Direção Nacional desta associação e, em 2001, devido ao pedido de demissão de José Salgado Baptista, esta Comissão veio a cessar funções em Dezembro de 2003, sem que se tenha procedido à sua substituição.

4ª Comissão - Pelo Despacho 12966/2009, de 2 de Junho, dos Ministros do Trabalho e da Solidariedade Social, da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Cultura, foi constituído o Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura (NBMCL), que funciona no âmbito do INR, I.P., com o objetivo de garantir a qualidade da concepção, uso, aplicação, modalidades de produção e ensino do Sistema Braille e meios complementares de leitura para pessoas cegas ou amblíopes, bem como a avaliação e controlo do Sistema Braille e dos meios complementares de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

leitura.

Apesar de claramente explícito no Despacho que no prazo máximo de 30 dias após a publicação deste no Diário da República, os representantes dos Ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Cultura são indicados ao Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. e os restantes representantes são designados pelo Director do mesmo Instituto, este prazo foi largamente excedido, vindo a realizar-se a primeira reunião de trabalho no INR, I.P., somente no dia 19 de Março de 2010, com a presença de Angelina Antunes, em substituição de Filomena Pereira (Ministério da Educação); Jorge Fernandes (Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior); Isidro Rodrigues (Ministério da Cultura); José Guerra (ACAPO); José Madeira Serôdio (INR, I.P. - Coordenador); Adalberto Fernandes, Maria de São José Amaral, Miguel Ferro (INR, I.P. - coadjutores técnicos e administrativos).

Ainda em 2010, a constituição do NBMCL, embora já completa com a nomeação de Alice Ribeiro, Augusto Deodato Guerreiro e Serafim Queiroz (os três na qualidade de "Personalidades de Reconhecido Mérito"), foi modificada com a substituição de Angelina Antunes por Cristina Miguel e a de José Guerra por Fernando Matos.

Em 2011, assistiu-se a uma nova modificação na composição do NBMCL, tendo José Madeira Serôdio assumido a Direção do INR, I.P., o mesmo nomeou Celina Sol Coordenadora do NBMCL, com a publicação do Despacho nº 12966/2009, de 2 de Junho, a qual, por razões de saúde e consequente aposentação, veio a ser substituída na Coordenação por Miguel Ferro.

O NBMCL, sobretudo devido a alterações de natureza governamental, inerentes às modificações eleitorais, tem vindo a registar grandes dificuldades na sua ação, o que justifica, urgentemente, a criação de uma Autoridade Braille,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

investida legítima autonomia financeira e científica, como estrutura legal nacional decisora e atuante nas questões braillológicas e braillísticas, bem como no plano dos demais meios complementares de leitura.  
(ADG).

### **\*COMPETÊNCIAS BIBLIOINCLUSIVAS:**

As competências biblioinclusivas dos profissionais da informação não têm merecido por parte das estruturas de ensino e das bibliotecas, principalmente as públicas, a desejável preocupação com a criação e implementação das ajustadas afinidades curriculares especiais e inclusivas, preparando esses profissionais para lidar com as diferentes dificuldades de cada utilizador e para poderem atender, em equidade de direitos e igualdade de deveres e oportunidades, todos os cidadãos, independentemente das suas desvantagens. Pensamos que essas competências biblioinclusivas se possam desenvolver sem fronteiras, de forma a contemplarem as pessoas com as mais diversas tipologias da deficiência, mas, no caso, o nosso propósito tem mais enfoque na problemática do déficit visual, a cegueira e baixa visão, reconhecendo a importância das competências biblioinclusivas dos Técnicos de Informação no seu relacionamento e interação com todos os utilizadores, no atual contexto biblioteconómico nacional, englobando os instrumentos de pesquisa, utensílios, equipamentos ou sistemas tiflotécnicos disponíveis e usados nas Bibliotecas, em especial nas Bibliotecas Públicas, por pessoas com deficiência visual, equipamento que, no seu conjunto, possa ajudar a prevenir ou a compensar, a atenuar ou a neutralizar a sua limitação funcional ou de participação social, na orientação e mobilidade, na autonomia e independência no acesso às Bibliotecas e dentro das mesmas. Em nossa opinião, este será um processo que faculta aos utilizadores cegos o desenvolvimento das suas capacidades e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

competências ao nível de todo o seu itinerário educativo e formativo, desde uma intervenção precoce à formação profissional e natural inclusão sociocognitiva e socio laboral, facilitando-lhes a acessibilidade física e sociocomunicacional, bem como a plena usabilidade dos acervos documentais fixos e *online* em rede.

As tecnologias e os produtos de apoio, bem como os meios complementares de leitura, podem compensar ou atenuar as desvantagens das pessoas cegas e com baixa visão, favorecendo-lhes a independência e autonomia na acessibilidade e usabilidade da Biblioteca Pública, bem assim na sua participação social, nas atividades quotidianas, na vida comunitária e escolar, social e profissional, inclusive no seu bem-estar e qualidade de vida.

Neste contexto, as tecnologias e produtos de apoio constituem um fator privilegiado de inclusão, no sentido da eliminação das obstruções ou barreiras sociocomunicacionais, designadamente as inerentes à reabilitação funcional e ao domínio da necessária mobilidade e orientação, garantindo-lhes a possibilidade de se deslocarem com independência e autonomia no seu quotidiano, no espaço circundante, com recurso a equipamentos específicos e ao "desenvolvimento de competências tiflopercepcionais e da suplência multissensorial" (Guerreiro, 2015). Há ainda a destacar o diversificado material tiflotécnico para o domínio da escrita e da leitura, como a linha braille, as tecnologias informáticas, os leitores de ecrã (braille e voz), e todo o outro tipo de tecnologias de apoio suplementares, abrangendo um vasto horizonte de diversidades, essencialmente tiflotécnicas e tiflotecnológicas.

A Biblioteca Pública pode desempenhar neste domínio um papel culturalmente inclusivo, através da sua competência biblioinclusiva, desde que bem localizada em termos de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

acessibilidade, dotada dos recursos tecnológicos e dos profissionais e funcionários auxiliares devidamente especializados e sensibilizados para esse efeito.  
(MLRFG).

### **\*COMUNICAÇÃO EM SAÚDE:**

O conceito de “Comunicação em Saúde” estrutura-se no conceito base de “Comunicação” contextualizado nas dimensões do prestador de cuidados, do consumidor de cuidados e na relação entre ambos, na área específica dos cuidados e saúde.

Por comunicação entende-se “a ação de (com)partilhar em que um indivíduo reparte com/transmite ao outro informação, através de um código comum dominado por ambos de forma a atingir um objetivo comum (a compreensão mútua), independentemente do que se comunica (conhecimentos, pensamentos, sentimentos...) e de como se comunica (voz, fala, escrita, gesto, expressões faciais, imagens, símbolos...), num processo em que cada interveniente faz parte e participa ativamente consoante o seu papel no processo comunicativo, sempre inseridos num determinado contexto (físico, social, cultural ou atitudinal) que irá permitir e vincular o conteúdo da mensagem.” (Ramos & Vital, 2017).

Quando se fala de “Comunicação nos Cuidados de Saúde” tem-se presente que a comunicação é o principal “instrumento” da relação profissional de saúde-utente, e que se refere à comunicação entre prestadores de cuidados e utente/doente numa variedade de contextos clínicos, sendo o processo pelo qual é trocada informação, de onde se extrai dados pertinentes e necessários para a formulação do diagnóstico, prognóstico e elaboração de um plano de intervenção (Vital, 1999).

A comunicação em saúde e especificamente a atenção à comunicação profissional de saúde-utente é inerente ao

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

modelo de cuidados de saúde centrado-no-doente que se tem desenvolvido nos últimos anos com um contributo importante de áreas científicas como sejam a bioética e a psicologia da saúde.

Referência:

RAMOS, C. e VITAL, A.P. (2017). Patologia Neurogénica da comunicação na Criança: Navegar à Vista? *in Guerreiro, A.D. (Org.). Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas*. Lisboa: Edições Lusófonas/ULHT. ISBN-10:1546686568; ISBN-13: 978-1546686569

VITAL, A.P. (1999). *Comunicação Médico-Utente. A importância da comunicação e satisfação com a consulta médica para a população utente em geral*. Dissertação de Mestrado na especialidade de Psicologia da Saúde, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.

(APV e CR).

### **\*COMUNICAÇÃO ALTERNATIVA:**

Processos ou formas de comunicação diferentes (ou com os necessários ajustamentos) daquela que se usa com e entre pessoas sem problemas comunicacionais nem educacionais, e que precisam de ser pensadas e adequadas a cada problemática comunicativa, seja nos planos da tecnologia de apoio, da educação e da comunicação especiais, da pedagogia e cultura, seja na vida familiar e escolar, quotidiana e empregabilidade, na formação humana e qualidade de vida em equidade de cidadania, direitos, deveres e oportunidades.

A comunicação alternativa pode também, em certas situações, funcionar como comunicação aumentativa, sempre que aumente capacidades e competências de pessoas com deficiência nas suas atividades diárias ou no desempenho de funções profissionais.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Em Portugal, estas preocupações têm raízes muito recuadas no tempo e, a partir de 2006, na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, começaram a tomar forma no Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (aprovado pela Portaria nº 324/2006, de 5 de Abril, Nº de Registo R/B-AD-194/2008, de acordo com o Despacho nº 9280/2008, decorrente da adequação ao Processo de Bolonha, e acreditado em "Comunicação e Linguagem" pelo Conselho Científico-Pedagógico da Formação Contínua), científica e tecnologicamente apetrechado para o desenvolvimento sensorial e neuromotor, cognitivo e sociocomunicacional, do relacionamento e interação, da orientação e mobilidade, autonomia e independência, dos procedimentos inclusivos na família, na escola, na sociedade, no emprego e qualidade de vida das pessoas com deficiência, numa perspectiva de equidade em cidadania, direitos, deveres e oportunidades.

**1.** O Mestrado/2º Ciclo em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (MCATA) tem funcionado na modalidade de aulas presenciais, mas está a envidar esforços para passar a funcionar também em *B-Learning* a partir do ano letivo 2017-2018.

**2.** Este Mestrado destina-se essencialmente a Educadores de Infância, Professores do Ensino Pré-Escolar, Básico, Secundário e Superior/Universitário, Investigadores no domínio, Técnicos de Serviço Social e Técnicos na Área da Saúde, que desenvolvam ou que pretendam desenvolver investigação, processos de intervenção precoce ou boas práticas inclusivas no plano da comunicação e educação/formação, relacionamento e interação, empregabilidade e qualidade de vida dos alunos/cidadãos com deficiência.

**3.** Os candidatos a este Mestrado (detentores de uma Licenciatura, Grau Académico ou Currículo Científico

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

equivalentes nos Termos da Lei) poderão, nas diversas tipologias da deficiência, aprofundar, desenvolver e aplicar, designadamente:

**a)** Teorias e boas práticas inclusivas das diferentes especificidades comunicacionais, sensoriocognitivas, de relacionamento e interação na educação/formação e na vida em sociedade, no sentido da sua aplicação e implementação numa perspetiva ecológica de igualdade de oportunidades;

**b)** Comunicação aumentativa e alternativa e tecnologias/produtos de apoio, meios humanos auxiliares de comunicação/socialização.

**c)** Novos e ajustados processos de resposta, ao nível das metodologias e estratégias/técnicas de intervenção precoce nas problemáticas sociocomunicacionais e de interação, com aplicação e validação científica no quadro das imensuráveis carências nacionais;

**d)** Orientação e adequabilidade de serviços e equipamentos públicos e privados a quem não pode andar, ver ou ouvir, falar, escrever ou ler;

**e)** Os candidatos que preferirem apenas obter Pós-Graduação/Formação Especializada em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio basta-lhes frequentar, com aproveitamento, os dois primeiros semestres do Curso.

**4.** Para os habilitados com a formação/especialização certificada em comunicação aumentativa e alternativa e em especiais tecnologias adaptativas, esperam-se, no futuro próximo, sinais muito positivos no que respeita a oportunidades profissionais, inclusive, para jovens e outros interessados na promoção, investigação e desenvolvimento da vida humana em comunicação, educação e cultura inclusivas.

**5.** O século XXI é o século da comunicação e das especificidades comunicacionais, contexto que permite

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

satisfazer, com mais eficiência e eficácia, uma necessidade inata e vital de todo o ser humano: o relacionar-se e o interagir.

6. Só com educomunicação (comunicação e educação/formação), pedagogia e cultura inclusivas se promove o sustentável desenvolvimento biopsicossocial/humano e qualidade de vida de todos os alunos/cidadãos, numa sociedade que se pretende cada vez mais humanizada e inclusiva.

7. O objetivo deste Mestrado é chamar a si (neste tão nobre e aliciante domínio investigacional, científico e de aplicação prática no terreno) alunos/cidadãos para poderem estudar e aprofundar as diferentes problemáticas nele abordadas e poderem aplicá-lo em Portugal e nos restantes países da CPLP, desenvolvendo projetos de investigação e científicos, bem como boas práticas de intervenção precoce e inclusivas, ajudando a implementar mais cidadania e equidade em direitos, deveres e oportunidades para todos, sem distinções ou marginalizações, só porque se tem uma diferença.

(ADG).

### **\*COMUNICAÇÃO AUMENTATIVA:**

Ver **Comunicação Alternativa**.

### **\*COMUNICAÇÃO GESTUAL:**

Processo de interação humana que utiliza os gestos como manifestação, podendo esses gestos acompanhar a oralidade como reforço ou complemento e, até, como oposição ao que se diz.

(ADG).

**\*COMUNICAÇÃO E INCLUSÃO - «PARA UMA NOVA COMUNICAÇÃO DOS SENTIDOS»:**

Foi com alegria que escrevi, em Setembro de 1999, umas palavras prefaciais ao livro de Augusto Deodato Guerreiro, com o título «Para uma Nova Comunicação dos Sentidos» (resumo da sua Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, com denominação diferente), o que fiz por admirar o autor, ao qual me ligam laços de amizade que a convivência de vários anos fortaleceu, mas também porque considerava, e considero, que estávamos, e continuamos a estar, perante uma obra original e necessária; original pela temática e os modos de a tratar, resistindo bem à comparação com o que se faz por esse mundo fora no domínio da tiflografia e das linguagens especiais para pessoas com deficiência, nomeadamente a nível visual; obra necessária, dizemos, pelos resultados a que então chegou, cuja atualidade se mantém, e pelas propostas que trouxe a público, consubstanciando anos de investigação sobre os contributos das novas tecnologias da informação para a deficiência sensorial. Este livro deve muito ao feliz encadeamento de um conjunto de circunstâncias, a saber: um autor particularmente apetrechado ao nível do conhecimento prático e teórico da tiflografia, nomeadamente o Braille, de cuja história é um excelente especialista. A isto tudo acresce ainda o recurso à comunicação, que mobiliza para apreender os modos como a experiência comum se constitui, mas também os modos como se é excluído ou se é integrado na comunidade do humano. Finalmente, a capacidade para investigar o contributo das tecnologias da informação para a tiflografia e as linguagens especiais. Por motivos biobibliográficos, Deodato Guerreiro é um utilizador destas tecnologias e um dinamizador da sua aplicação e isso reflete-se nitidamente em todo o projeto que anima esta obra.

As palavras que se seguem visam explicitar, talvez

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sumariamente, algumas das linhas orientadoras do livro... Mas também aprofundadamente relevante substância para o atual Instrumento de Pesquisa, o Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral, no qual, pelas aprofundadas conversas, mesmo informais, com o seu autor e diretor científico, me enquadro sob o ponto de vista sociocientífico e por inquestionável relação forte com a temática do Dicionário em referência, elegendo para a epígrafe ou entrada Comunicação e Inclusão parte significativa daquele Prefácio, que continua em discussão indiscutível nos dias de hoje.

Tendo na cegueira o seu impulso inicial, o livro acaba por versar, de modo mais abrangente, sobre toda a sensorialidade e a maneira como os interfaces tecnológicos nela se inscrevem.

Começemos por referir, em primeiro lugar, que este trabalho se inscreve na necessidade, que se tem vindo a acentuar, dada a dominância das actuais tecnologias da «imagem», de reavaliar o dispositivo da visibilidade ocidental.

Trata-se de um domínio de estudos que tem vindo a incrementar-se, nomeadamente nas áreas de língua inglesa. Basta mencionar, neste contexto, as conhecidas obras de Martin Jay, de Jonathan Crary, de Marie-José Mondzain ou de Jean Baudrillard, entre muitos outros. Deveria ser consensual a tese de que as máquinas da imagem, como a fotografia, o cinema, o vídeo e a televisão, não são meros instrumentos, mas o efeito de um dispositivo «óptico» que, tendo origem nos princípios do Ocidente, culminam na nossa modernidade, com maioria de razão quando convergem digitalmente.

É difícil dizer, mesmo quando interrogados neste quadro mais alto, se a tiflografia, e o instrumentário que originou, tende a instabilizar esse dispositivo, caracterizado pela centralidade da visão, ou se, ao invés, são um prolongamento do referido

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

dispositivo. Parece evidente, contudo, que as linguagens especiais, como o Braille, não deixam intocado o referido dispositivo. Embora as preocupações do autor sejam basicamente a de «suplementar» a deficiência sensorial através do uso das novas tecnologias, a questão está bem presente em todo o trabalho.

O principal contributo de Deodato Guerreiro para o estudo desta questão está no seu questionamento daquilo que denominamos por «menu de sentidos» ocidental, que se estrutura de acordo com uma hierarquia subtil e dissimulada: a da centralidade da visão. Dessa posição preponderante dependem todos os outros sentidos, mormente os da audição ou do tacto. Aparentando sustentar-se sobre a percepção biológica e psicofísica, esse «menu» provocou uma hipertrofia da visão e das máquinas que lhe estão associadas, mas também a dominância da «teoria», cuja etimologia remete para o «olhar» e o «ver». Michel Serres mostrou as consequências de tal centralidade em *Le Parasite* ou em *Les Cinq Sens*, pretendendo reequilibrar de outro modo o referido «menu». Aliás, é bem conhecido que boa parte das análises de Michel Foucault sobre a «vigilância» assentam na crítica ao «panoptismo» ocidental. Ora, que é o «panóptico» senão a absoluta preponderância da visão, mesmo onde ela fica despercebida?

A colocação da tiflografia neste quadro não deixa de provocar um desequilíbrio de todo este esquema sensorial, que pode e deve ser questionado no momento em que as tecnologias da informação estão a abalá-lo, e a retrabalhá-lo, profundamente. Por exemplo, o especialista em «som virtual», Christopher Currell, em trabalhos voltados para a simulação do sentido auditivo mostrou que era preciso decompô-lo em mais de 50 elementos. Como se a «simples» audição ocultasse dezenas de outros sentidos, ligados à espacialidade, à distância, às fontes, aos timbres, etc. No

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

fundo a tecnologia contemporânea está a revelar o «inconsciente perceptual» que ficara oculto pelo modo como historicamente os sentidos foram construídos. De facto essa construção, apoiando-se na fisicalidade do corpo, é acima de tudo simbólica. Basta lembrar que enquanto para nós existe praticamente uma palavra para referir a cor «branco», entre os esquimós existem algumas dezenas. O nosso «branco» não vê, nem pode ver e, por isso mesmo, oculta outros tipos de «branco». Este fenómeno tem um alcance muito lato.

O desenvolvimento do projecto de Deodato Guerreiro passa, em segundo lugar, pela explícita intenção de operar um alargamento do paradigma comunicacional. Isso não se deve a inquietações teóricas, mas a imperativos éticos.

A experiência vivida do autor e a especificidade do tema foram decisivas em tal orientação. De facto, a comunicação só tem a ganhar com a inclusão da problemática da cegueira, mas também de outras perturbações sensoriais, como a surdez ou a mudez. A cegueira desempenha um papel peculiar quando confrontada com o dispositivo óptico característico do Ocidente, cujos limites revela. Não será por acaso que a questão da cegueira metáfora foi tão importante nos filósofos modernos, como Diderot, Condillac, Leibniz, etc. Nos nossos dias Paul de Man, no seu livro *Blindness and Insight*, extraiu daí consequências fundamentais para a crítica da modernidade «iluminista» e à maneira como se constitui em toda a nossa cultura uma estranha economia do visível e do invisível, que está longe de ter sido verdadeiramente apreendida nos seus efeitos profundos; por outro lado, as linguagens especiais ou «artificiais» que se desenvolveram na «modernidade» e, com maior intensidade no século XIX, estão em fase de convergência com a linguagem digital dos computadores. A imensa plasticidade do digital permite «traduzir» os diversos sentidos e os diversos media, abalando

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

as distinções entre oral e escrito, entre imagem e som, entre audição e tacto. A alteração das relações entre visível e invisível e a capacidade de integrar os diversos sentidos correspondem a algo de novo.

Daí que seja bem-vinda a tese de que a excessiva centração sobre a visão é responsável por um desequilíbrio do paradigma comunicacional, exigindo um alargamento. O comunicacional fundamenta-se numa certa visão da intersubjectividade e numa dominância do logos; os seus efeitos perversos manifestam-se na série de oposições que se desdobra, por exemplo, entre «voz» e «escrita», entre «presença» e «ausência», entre «informação» e «comunicação», etc. Daí a crítica feroz à escrita, nomeadamente a tipográfica, com que se inaugura a modernidade. É típica neste contexto a posição de McLuhan no seu importante livro sobre a Galáxia Gutenberg, que recusa o tipográfico em nome de uma presença mais plena e uma comunidade sem rosto, baseada na oralidade e no táctil.

A dificuldade de McLuhan em aceitar a tipografia deve-se à tentativa de «inverter» o «menu de sentidos» ocidental, num momento em que este começa a entrar em crise. Que é a tipografia senão a inscrição do «óptico» no seio da própria linguagem? Se acrescentarmos a isso a contemporânea preponderância das «imagens», e a sua articulação com o texto, como mostrou Johanna Drucker, somos forçados a reconhecer uma evidentíssima crise no modelo dominante da comunicação, logo nos seus inícios modernos.

A proposta do autor passa pela «inclusão» na comunicação do «háptico» e, em geral, dos fenómenos ligados ao tacto e à quinesesia. Há alguma vantagem em tal inclusão, que não visa desierarquizar a experiência da visão, nem de lhe contrapor uma outra mais inefável da «voz» ou do «tacto», mas de alargar o comunicacional, enquanto forma de ampliar a experiência possível. Trata-se, assim, de ampliar, de alargar

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e estender a experiência, contra a estrutura que a limita. (...). A falta de correspondência entre todas as experiências possíveis «conduziu a um desprezo profundo pelo corpo»; como refere Deodato Guerreiro, que apela a um universo «multifacetado, complexo e pluridimensional» da experiência.

De maneira estimulante novos problemas surgem em catadupa. Estaremos perante um «simples» extensionamento? Está em causa apenas um «suplemento de visão», uma espécie de «visão protésica», prolongada por novos instrumentos e interfaces de proveniência tecnológica? O risco seria o de repetir o mesmo gesto que se critica, fazer com que o tátil e as sensações «hápticas» fiquem, agora, dependentes da «visão» tecnologicamente sustentada. O inaceitável seria fazer desaparecer uma forma de experiência, que alguns vivem em desespero, é certo, por um iluminismo exacerbado pelos computadores.

A última questão que queremos abordar tem a ver com as tecnologias da informação, cuja análise ocupa boa parte do livro.

Extremamente bem informado sobre a aplicação das tecnologias actuais à tiflogia, à tiflografia e às linguagens artificiais, o livro de Deodato Guerreiro insere esta problemática numa panorâmica histórica, minuciosa e pormenorizada, que se lê com inegável interesse. É verdade que o Ocidente procurou desde sempre inventar linguagens artificiais, e todas o são, pelo simples facto de serem «escritas». Aliás, Derrida mostrou na sua *Grammatologie* que no oral já está implícita a escrita. Todavia, as linguagens artificiais como o «Braille» vieram alterar profundamente, e quase despercebidamente, as bases da cultura ocidental, criando um primeiro espaço de comunicação sensorial, cujos efeitos estão a manifestar-se nos nossos dias. De acordo com o autor, o Braille foi o «meio de comunicação vital e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

principal propulsor da sociabilidade, da comunicabilidade, da interacção e consequente integração sócio-intelectual dos cidadãos» com deficiência. Ao mesmo tempo, o Braille implica uma primeira tradução do óptico em háptico, que ocorre por meio da escrita, que constitui uma primeira tecnologia «incorporal» e bem fundamental. Tocar nesta estrutura acarreta a crise de toda a metafísica ocidental que, desde o Fedro de Platão, se baseia na procura da autenticidade, contra a escrita, e próximo da «voz», o desejo da «interioridade», do «íntimo». O digital está a alterar profundamente toda esta estrutura.

Não se trata, portanto, de acrescentar o «tacto» ou a «audição», pois as coisas são mais complexas. A tecnologia actual tende a fazer comunicar todos os sentidos, através de próteses e interfaces específicos para cada um deles, articulando-os pela linguagem digital, que assim aparece como um «tradutor» generalizado.

Em toda a obra pode notar-se uma nítida inclinação para o Braille na sua versão digital, o que se explica pelo perfeito domínio dessa linguagem por parte do autor. As análises de Deodato Guerreiro sobre a tecnologização da tiflografia são assim de um interesse fundamental, quer teórico quer prático. Descreve com vigor a passagem das linguagens artificiais primitivas para o Braille e deste para uma tiflografia generalizada, que já não se centra apenas na transcrição tátil do visual, que o Braille histórico sempre foi. A passagem do Braille em papel para o Braille digital, electrónico, segue uma tendência conhecida, da progressiva passagem do analógico para o digital.

Tudo indica, portanto, que o Braille perde muito da sua omnipresença diante do desenvolvimento de tecnologias mais subtis, como as da digitalização da voz, da imagem e da escrita, dotadas de cada vez maior reversibilidade, como algumas das tecnologias analisadas comprovam. Caso, por

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

exemplo, da transcrição directa do escrito em «voz» sintética e da voz natural em «escrita» digital.

Tal como no paradigma comunicacional, mais do que um alargamento, estava em causa uma certa crise, criadora de novas possibilidades. Também no caso da tiflografia generalizada está-se a ir bem mais longe que a mera aplicação da informática ao Braille. No fundo é a própria essência da tecnologia que está aqui em causa. O que este estudo comprova é que a técnica actual não pode ser vista como simples «instrumento», mas como algo que afecta a totalidade da experiência humana. Trata-se de partir da experiência, e isso obriga a reconhecer, como faz o autor seguindo McLuhan, que «os meios de comunicação constituem autênticas próteses e extensões de infinito alcance para o homem». Em suma, as tecnologias, mais do que instrumentos, são configuradoras da experiência, podendo reforçar o humano, mas podendo também pô-lo em causa. Deste ponto de vista, elas têm de ser integradas num complexo que articule as tecnologias e os seus interfaces, como sustenta o autor, com os sentidos e o mundo.

Não se trata de uma questão técnica, nem de um suplemento dos sentidos, mas de usar as possibilidades técnicas para criar novas formas de experiência, novas formas de vida.

Estamos diante de uma obra aliciante, Para uma Nova Comunicação dos Sentidos e publicada em 2000, que coloca questões novas em domínios quase arqueológicos, com um entusiasmo e uma alegria por onde perpassa vida, e que não perdeu atualidade.

Agora, estamos perante uma outra obra, o Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral, que vem alargar a abrangência conceptual de Deodato Guerreiro, procurando e definindo diferentes caminhos para a concertação da caminhada teórico/empírica para a inclusão social de todas as pessoas com as mais diversas dificuldades,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conforme a amplitude das diferentes Entradas Temáticas que encontramos neste «menu cognitivo» Sistemático que constitui o importante e tão necessário Dicionário em referência, destinado à comunidade científica e a todos os que, por alguma razão, lhe reconhecem credível interesse investigacional e de consulta.

[Recortado o presente texto, em grande parte, do Prefácio de José A. Bragança de Miranda ao livro Para uma Nova Comunicação dos Sentidos: Contributos da Tecnologização da Tiflografia para a Ampliação dos Processos Comunicacionais, de Augusto Deodato Guerreiro, publicado pelo SNRIPD em 2000 e galardoado, no mesmo ano, com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" deste Instituto.].

(JBM)

### **\*COMUNICAÇÃO NÃO-VERBAL:**

Processo de interação humana que envolve vários intervenientes, utilizando formas de expressão não-verbais, como mímica, imagem, gesto, desenho, grafismo.

(ADG).

### **\*COMUNICAÇÃO ORAL:**

Processo interlocutivo/comunicacional nas relações interpessoais face a face ou a distância, utilizando a emissão vocálica de discursos e associando-lhe expressões paraverbais (débito, intensidade, altura, timbre, entoação da voz) e não-verbais (gestos, afastamento relativo entre os interlocutores, alternância na tomada da palavra, mímica).

(ADG).

### **\*COMUNICAÇÃO ORGANIZACIONAL INCLUSIVA:**

A Comunicação Organizacional Inclusiva é um processo pelo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

qual as organizações públicas, privadas ou sem fins lucrativos, de qualquer segmento ou porte, se comunicam com seus públicos internos e externos de forma acessível, utilizando estratégias inclusivas e recursos de acessibilidade com vista ao atendimento das necessidades comunicacionais de cada público.

A comunicação é crucial para qualquer organização, fazendo parte de sua estratégia com o fim de cumprir os objetivos planejados. E, para tanto, «deve ser integral, harmonizando todas as suas modalidades, desde a comunicação institucional, mercadológica, interna até à administrativa.» (KUNSCH, 2003 apud AFFONSO e SPALLANZANI, 2017), constituindo-se assim um «fator de Humanização das Organizações» (KUNSCH, 2010).

De acordo com Guerreiro (2002, p. 367), a comunicação é e sempre será uma necessidade primária do ser humano. Portanto, «Comunicar é viver, é dinamizar o progresso, é transformar mentalidades e o mundo em favor do bem-estar social e da felicidade de todos os cidadãos, sem discriminações, sem exclusões». A comunicação inclusiva, utilizando os recursos de acessibilidade, garante este direito a todos.

A Comunicação Organizacional Inclusiva une os dois conceitos (comunicação organizacional e comunicação inclusiva), com o objetivo de tornar todas as modalidades comunicacionais adotadas pelas organizações acessíveis a todos os seus públicos, independentemente de sua condição, deficiência, idade, característica ou perfil, respeitando e compreendendo as diferenças.

É importante ressaltar que, segundo a Organização Mundial da Saúde (com dados de 2011), dos 7 bilhões de habitantes no planeta, 1 bilhão possui algum tipo de deficiência (ONU, 2017), e este significativo contingente de pessoas encontra-se dentro e fora das organizações. São funcionários, acionistas,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

fornecedores, consumidores, servidores públicos, agentes da sociedade civil organizada, etc. «São homens, mulheres, gays, transgêneros, de diversas etnias, religiões». São ainda «mães, pais, crianças, adolescentes, idosos, namoram, se casam, compram produtos e serviços, vão à escola, ao supermercado, ao museu, ao cinema» (AFFONSO e SPALLANZANI, 2017). Entretanto, é uma parcela da sociedade quase desconhecida pelas organizações. Enfim, precisamos compreendê-los como realmente são: clientes, consumidores, decisores, influenciadores, seres humanos.

Neste contexto, comunicação interna inclusiva abrange os «públicos de entrada» da organização (SAUERBRONN, 2014), ou seja, seus colaboradores, fornecedores, acionistas, etc. e as comunicações a estes destinadas. No que tange a tais comunicações, podemos destacar aquelas relacionadas à produção; à área administrativa; institucional; intersetorial, bem como ao endomarketing, desde a captação e retenção de talentos (recrutamento, seleção, treinamento e desenvolvimento etc.), disseminação de cultura, clima organizacional, objetivos, metas, até à comunicação entre líderes, colaboradores, fornecedores etc.

A comunicação externa inclusiva abrange as modalidades destinadas aos «públicos de saída e sanção» (SAUERBRONN, 2014), tais como: consumidores, concorrentes, governo, agências reguladoras, grupos ativistas, mídias e meios de comunicação, sociedade em geral etc. Para tanto, são utilizados diversos formatos: relações públicas, assessoria de imprensa, serviço de atendimento ao cliente, suporte técnico, atendimento presencial e virtual, mediados ou não por tecnologia, publicidade, propaganda, redes sociais etc. No contexto mercadológico, cabe ressaltar que esta parcela da sociedade tem grande potencial consumidor, que atualmente é desperdiçado pela maioria das organizações, tendo em vista que suas comunicações de marketing

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(publicidade, propaganda, produtos etc.) não são acessíveis. Por fim, é possível observar que a Comunicação Organizacional Inclusiva engloba os níveis estratégico, tático e operacional.

Para que a Comunicação Organizacional Inclusiva efetivamente ocorra, é preciso focar tanto na «acessibilização dos conteúdos, formatos, meios e canais, quanto na eliminação das barreiras atitudinais das pessoas envolvidas» (AFFONSO e SPALLANZANI, 2017).

Sobre as questões e mudanças necessárias à comunicação inclusiva, as organizações devem ter atenção e respeito aos direitos das Pessoas com Deficiência (PcD) e Mobilidade Reduzida (idosos etc.) na busca de uma sociedade mais justa para todos. A Convenção Internacional dos Direitos das Pessoas com Deficiência propõe que se deve «fornecer, prontamente e sem custo adicional, às pessoas com deficiência, todas as informações destinadas ao público em geral, em formatos acessíveis e tecnologias apropriadas aos diferentes tipos de deficiência» (BRASIL, 2009). E, para isso, é necessária a utilização dos princípios do desenho universal e atenção aos requisitos básicos do processo comunicativo, ou seja, conhecer bem seu receptor: suas deficiências, limitações, características específicas e diferenças de cada público para construir uma mensagem que comporte linguagem e código adequados, que possam ser enviados por um canal acessível ao receptor e livre de ruídos, possibilitando assim a compreensão efetiva e o *feedback* coerente com os objetivos da comunicação. Cabe ressaltar que, se o público não tem acesso à comunicação de uma organização, esta dificilmente alcançará os resultados almejados. No contexto mercadológico, se a propaganda ou informações de um produto, por exemplo, não são acessíveis, a pessoa com deficiência ou mobilidade reduzida não consumirá tal produto.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Com relação aos recursos de acessibilidade, é preciso utilizar tecnologias acessíveis, língua de sinais (ou gestual), texto e legendas, Braille, fontes aumentadas, alto contraste, descrição de imagens e objetos, audiodescrição, informações táteis, visuais e sonoras que possam atender às necessidades comunicacionais específicas de cada público, sejam pessoas com deficiência motora, intelectual ou sensorial ou mobilidade reduzida.

No que tange à tecnologia, incluindo, mas não se restringindo, os dispositivos móveis, aplicativos, softwares, hardwares, realidade aumentada e virtual, entre outras, a acessibilidade é fundamental, inclusive na *web*. Já nas questões atitudinais, que se referem às relações humanas, mediadas ou não por tecnologias, é fundamental a eliminação do preconceito e a melhor preparação das pessoas envolvidas no ato comunicacional.

### Referências:

AFFONSO, D. D.; SPALLANZANI, A. M. *Comunicação Organizacional Inclusiva: uma perspectiva educacional para uma teoria e prática no Brasil*. IX SEMINÁRIO NACIONAL / MCATA - DCC - ECATI - ULHT / CPLP - As Pessoas Cegas e com Baixa Visão na CPLP: Educomunicação Inclusiva em Intervenção Precoce, Vida e Empregabilidade, Desafios e Propostas no Século XXI. Lisboa: Universidade Lusófona, 2017.

BRASIL. *DECRETO Nº 6.949, de 25 de agosto de 2009. Promulga a Convenção Internacional sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência e seu Protocolo Facultativo, assinados em Nova York, em 30 de março de 2007.*

Disponível

em:

<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2007-](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2007-)

2010/2009/decreto/d6949.htm>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

GUERREIRO, A. D. *Para uma comunicação mais inclusiva.*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Análise Psicológica, Vol. 20. nº. 3, p. 367-371, 2002.  
Disponível em:

<<<http://publicacoes.ispa.pt/index.php/ap/article/view/323/pdf>>>. Acesso em: 20 mai. 2017.

KUNSCH, Margarida Maria Krohling. *Planejamento de Relações Públicas na Comunicação Integrada. 4.ed. revisada, atualizada e ampliada*. São Paulo: Summus, 2003.

. *A Dimensão Humana da Comunicação Organizacional*. In: KUNSCH, Margarida Maria Krohling. (Org.). *A Comunicação como fator de humanização das organizações*. (Org.). São Caetano do Sul, SP: Difusão, 2010.

ONU - Organização das Nações Unidas. *A ONU e as pessoas com deficiência*. Disponível em:

<<https://nacoesunidas.org/acao/pessoas-com-deficiencia/>>>.

Acesso em: 20 jun. 2017.

SAUERBRONN, J. F.R. *Comunicação Integrada de Marketing*. São Paulo: Editora FGV, 2014.

(DDA).

### **\*COMUNICAÇÃO TOTAL:**

Abordagem socioeducativa e política que, numa tentativa de ultrapassar a dicotomia gestualismo versus oralismo, bem como de minimizar os impactos escolares e sociais que lhes estão associados, desenvolvem-se princípios e práticas educativos ancorados na noção de que a educação dos surdos deve recorrer (socorrer?) a todos os modos de comunicação disponíveis. Os processos educativos são focados, potenciando-as e desenvolvendo-as, nas diferentes capacidades comunicativas apresentadas pelos surdos: auditivas, visuais, orais, gestuais, escritas, entre outras. Destacam algumas das vantagens que subjazem às práticas educativas da comunicação total: a abrangência e flexibilidade dos processos comunicativos, a possibilidade de os estudantes e os agentes educativos optarem pelo modo de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

comunicação que lhes parece ser o mais adequado, a utilização de diferentes linguagens (corporal, visual, entre outras), o recurso a outras formas de expressão (dramática, mímica, plástica). Acresce uma outra: o reconhecimento das línguas gestuais, atribuindo-lhes, nas práticas educativas apresentadas, o papel de instrumento mediador das aprendizagens, habitualmente atribuído hegemonicamente às línguas orais e gestuais. A comunicação total sublinha ser necessário que os professores, as famílias e outros agentes educativos significativos desenvolvam competências multilinguísticas, possibilitando que, em determinados contextos e situações, possam optar por utilizar elementos das línguas gestuais acompanhados da respetiva oralização e vice-versa, e noutros apenas gestos ou palavras escritas e orais. A diversidade de opções que parece configurar a praxis educativa subjacente à comunicação total pode levar os estudantes, os agentes educativos, as famílias e outros significativos a confundir dois sistemas linguísticos autónomos e estruturalmente diferentes entre si (o gestual e o oral). Ao considerar as línguas gestuais como sendo a gestualização das línguas orais e estas como sendo a oralização daquelas, ocultam que estes processos, ao contrário de uma língua, não têm qualquer valor linguístico e, por conseguinte, qualquer função semântica, sintáctica e pragmática. São ambiguidades deste e de outros tipos que levam a considerar as práticas curriculares que subjazem à comunicação total versões travestidas do oralismo e do gestualismo, mantendo ou prolongando uma das ambiguidades mais notórias na educação dos surdos: o facto de que entre alunos e professores não se compartilhem nem as modalidades, nem as línguas, podendo levar a relações de poder assimétricas e excludentes. Assim, educativas subjacentes à comunicação total, como o sistema bimodal ou a palavra complementada, evidenciam que a comunicação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

total repete, no essencial, o preconizado pelo gestualismo e pelo oralismo: a incapacidade de desenvolver um currículo contra-hegemónico e, por isso, inclusivo.

(JM).

### **\*COMUNICAÇÃO VERBAL (Oral e Escrita):**

Interlocução ou interação comunicacional entre duas ou mais pessoas que, envolvendo vários intervenientes, utilizam a linguagem oral e/ou escrita para se relacionarem entre si, quer face a face quer a distância. Para se comunicar oralmente a distância, ultrapassando as dificuldades da interação comunicacional inerentes ao afastamento no tempo ou no espaço, utilizam-se os meios técnicos (media), sendo, entre os media mais importantes, a escrita, a imprensa, o telefone, a rádio, a televisão e as redes interativas - o processo de mediatização técnica/tecnológica mais atual.

(ADG).

### **\*COMUNICAR:**

É partilhar uma mesma ou mais experiências de vida (ou apenas qualquer informação, mesmo de índole simbólica, de cortesia e por intermédio das mais diversas manifestações) por pessoas que se reconhecem (ou não) como detentoras de uma identidade comum (ou não), bem assim numa dimensão multicultural ou intercultural/pluriétnica, multissensorial ou nas diferenças, independentemente de condicionantes comunicacionais impostas ou decorrentes das variadíssimas circunstâncias e estratégias humanas ou de especificidades de natureza sensorial, sociocognitiva (e patologias neurogénicas da comunicação), intelectual, psíquica, neuromotora e outras.

(ADG).

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*COMUNICAR É COMO RESPIRAR - TODOS TEMOS DE COMUNICAR:**

Todos temos de ser capazes de comunicar. Comunicar é como respirar. Ninguém vive sem respiração e sem comunicação, seja esta de que forma e tipologia for, sendo com ela que todos nos socializamos, nos relacionamos e interagimos, nos formamos humanamente e ajudamos a edificar, a eticizar e a humanizar o mundo da vida para todos. (ADG).

**\*CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS ORGANISMOS DE DEFICIENTES (CNOD):**

Fundada em Lisboa, em 14 de fevereiro de 1984, passando a UCNOD (União Coordenadora Nacional dos Organismos de Deficientes) em 17 de dezembro de 1996.

Ver site: [www.cnod.pt/](http://www.cnod.pt/)

**\*CONFERÊNCIA EUROPEIA «LINGUAGENS UNIVERSAIS - O GESTO, A PINTURA, A ESCULTURA, A DANÇA, A MÚSICA...»:**

Organizada pelo Gabinete de Referência Cultural da CML e realizada em 28 de Outubro de 1994 neste Gabinete, sob a direção de Augusto Deodato Guerreiro, em conjunto com a Biblioteca Municipal Camões, assinalando o nascimento do GRC (em Julho do mesmo ano) e o 4º Aniversário de «Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa».

(ADG).

**\*CONFERÊNCIA NACIONAL «O SOM E A INFORMAÇÃO»:**

Organizada pelo Gabinete de Referência Cultural da CML e realizada nos dias 11 e 12 de Dezembro de 1996 no Auditório do Montepio Geral, assinalando o 6º Aniversário de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

«Dinamização Cultural» e o 2º Aniversário do GRC, cujas resoluções/recomendações integram a génese da formulação à Assembleia da República da necessidade de se acessibilizar, em formato de texto, toda a informação dela emanada e disponibilizada na Internet, às pessoas cegas e deficientes visuais.

(ADG).

### **\*CONGRESSO NACIONAL «100 ANOS DE TIFLOLOGIA EM PORTUGAL»:**

Organizado pelo Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Câmara Municipal de Lisboa e realizado nos dias 24 e 25 de Junho de 2004 no Auditório da Biblioteca Municipal «Orlando Ribeiro», no qual se tendo registado intervenções singularmente importantes de investigadores especialistas na área.

Estiveram também presentes neste Congresso Nacional, pela primeira vez em conjunto, as empresas que, em Portugal, comercializam materiais tecnológicos específicos para pessoas com deficiência, em especial para pessoas cegas e com baixa visão.

Considerando a relevância histórico-científica do evento, transcrevemos (ipsis verbis) o respetivo Programa a seguir:

#### **PROGRAMA**

Dias 24 e 25 de Junho de 2004

#### **NOTA PRÉVIA**

Portugal tem vindo a assumir nos últimos anos uma atitude de enorme firmeza no que respeita à promoção da inclusão social. De resto, o próprio tema central da Presidência Portuguesa inaugurou uma nova etapa do desenvolvimento europeu, definindo um projecto de sociedade mobilizador, partilhado e dotado de uma orientação colectiva para um futuro de maior eficiência económica, maior equidade, mais justiça e coesão social,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conjugando-se esforços na apresentação de uma estratégia global coerente para o efeito.

Dentro desta lógica de pensamento, e com antecedentes que remontam ao século XIX, tem a Câmara Municipal de Lisboa vindo a promover e a incentivar políticas de inclusão, abrangendo todas as problemáticas relacionadas com minorias, a avaliar pelas preocupações manifestas em diversos eventos realizados, em favor da construção de uma sociedade plural que integre muito justamente as diversidades e o pluriétnico.

É nesta acepção que o Gabinete de Referência Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, como Pólo Interactivo de Recursos Especiais, se propôs organizar e realizar, nos dias 24 e 25 de Junho de 2004, o Congresso Nacional «*100 Anos de Tiflologia em Portugal*» a ter lugar na Biblioteca Municipal Orlando Ribeiro.

Com a realização deste Congresso Nacional, e atendendo à profunda ligação histórico-institucional da Câmara Municipal de Lisboa à problemática da deficiência visual, pretende-se proceder a um aprofundado levantamento e análise das essencialidades que têm ajudado, condicionado ou impedido a vida normal das pessoas cegas em Portugal, com a ausência, ou não, de contributos e incentivos públicos e/ou privados para a sua valorização, natural crescimento e emancipação pessoal, profissional e social, através da educação e cultura, do ensino/aprendizagem, da reabilitação/habilitação, do emprego e inserção/inclusão aos mais diversos níveis.

Integram, materializam e dignificam este evento científico 4 Comissões - Comissão de Honra, Comissão de Organização, Comissão de Apoio Técnico e Secretariado e Comissão de Resoluções/Recomendações -

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

, abaixo mencionadas.

Para se aferirem, analisarem e compendiarem sistematicamente os resultados obtidos nas diferentes vertentes tiflológicas, de forma a elaborar-se um registo em caracteres comuns e em formato digital que constitua uma grande e singular obra de referência na história da tiflogia portuguesa, foram escolhidas sete amplas áreas, com quatro temas cada uma (num total de 28 significativos domínios), para se resumirem, explicitamente, os âmbitos e objectivos, a política e estratégias, as linhas e os vários conteúdos programáticos definidores do universo tiflológico português que norteou a vida das pessoas cegas do nosso país durante cerca de cem anos, conforme a concretização dos objectivos adiante explanados.

Simultaneamente, estará patente ao público uma Exposição de Materiais Tiflotécnicos, a cargo das empresas que comercializam este tipo de equipamentos em Portugal, nomeadamente:

Anditec - Tecnologias de Reabilitação Ld<sup>a</sup>;

Ataraxia - Estudos e Serviços em Tecnologias de Informação Ld<sup>a</sup>;

Electrosertec - Electrónica e Serviços Técnicos Ld<sup>a</sup>;

Tiflotecnia - Consultoria e Distribuição;

Unidade de Equipamentos Tiflotécnicos, Ld<sup>a</sup>.

## 1. COMISSÕES

### 1.1. Comissão de Honra

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### - Presidente:

Dr. Pedro Santana Lopes, Presidente da Câmara Municipal de Lisboa

### Outros Membros:

- Vereadora da Cultura da Câmara Municipal de Lisboa, Dr<sup>a</sup> Maria Manuel Pinto Barbosa
- Secretária Nacional de Reabilitação, Dr<sup>a</sup> Cristina Louro
- Presidente da Direcção da Associação Promotora do Ensino dos Cegos, D. Maria Antónia de Oliveira Martins de Mesquita
- Professor Doutor José A. Bragança de Miranda (Director do Mestrado em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa)
- Professora Doutora Anna Maria de Albuquerque Feitosa (Coordenadora das Áreas de Epistemologia do Instituto Piaget, em Almada)
- José Branco Rodrigues (Filho do Tiflólogo e Professor José Cândido Branco Rodrigues)
- Dr<sup>a</sup> Pilar R. de Albuquerque e Castro (Viúva do Tiflólogo e responsável pelos fundamentos científicos da tiflogia em Portugal Professor J. de Albuquerque e Castro)
- Carolina Maria Filipe (Viúva do responsável pelos fundamentos da leitura tiflo-informática em Portugal Engenheiro Jaime Magalhães Filipe)
- Dr. Orlando de Jesus Monteiro (Membro de todas as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Comissões de Braille portuguesas, Presidente das últimas duas e ex-Secretário Nacional Adjunto de Reabilitação).

### 1.2. Comissão Organizadora

#### - Presidente:

Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro -  
Coordenador do Gabinete de Referência Cultural

#### Outros Membros:

- Maria Alice Valente Baptista Gomes - Técnica Profissional Especialista de Bibliotecas e Documentação no GRC
- Maria da Conceição Tomé Romano Santos - Técnica Profissional Especialista Principal de Bibliotecas e Documentação no GRC
- Maria de Lurdes Ribeiro Fernandes Guerreiro - Técnica Profissional Principal de Bibliotecas e Documentação na Biblioteca Geral da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNL

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Dr. Manuel Adolfo Baptista de Vasconcelos - Assessor Principal no Gabinete de Relações Internacionais e Protocolo da Assembleia da República e Presidente da Assembleia Geral da Associação Promotora do Ensino dos Cegos

### 1.3. Comissão de Apoio Técnico e Secretariado

- Custódia de Jesus Tavares Remédios - Técnica Profissional Especialista Principal de Bibliotecas e Documentação no GRC
- Dr. Diamantino Pires Santo - Técnico Superior de Filosofia no GRC
- Matilde Rodrigues Soares - Técnica Profissional Principal de Bibliotecas e Documentação no GRC
- Solange Marisa Figueiredo Ribeiro - ex-Estagiária do INET no GRC

### 1.4. Comissão de Resoluções/Recomendações

- Presidente:  
Professor Dr. José Joaquim da Silva Baptista

### Outros Membros:

- Mestre Francisco Rodrigues de Carvalho - Técnico Superior Assessor Principal no Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência e doutorando em Relações Internacionais,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### Especialidade de Ecologia Humana

- Mestre Maria Aurora Serrão - Especializada e pós-graduada em Educação Especial e docente no Campus Universitário de Almada.
- Profª Drª Maria Helena Guerreiro Cabrita - Especializada em Educação Especial, Deficiência Visual e ex-membro da Comissão de Braille, na qualidade de «Personalidade de Reconhecido Mérito».
- Drª Sónia de Jesus Pais Ramos - Gestora de Informação na AFID.

## 2. OBJECTIVOS

### 1) EDUCAÇÃO E CULTURA

- para se compilar, analisar e avaliar:
  - ☐ a legislação produzida e aplicada;
  - ☐ os diversos eventos de natureza educacional e cultural por parte da Administração Pública, central e local, bem como de entidades particulares, incluindo as iniciativas despoletadas ou incrementadas pelos contributos quer do Professor Branco Rodrigues quer do Professor Albuquerque e Castro;
  - ☐ a história e a actividade desenvolvida pelas escolas para cegos e dos efeitos educativos nestes cidadãos com a implementação da solução ensino especial/integrado/inclusivo;
  - ☐ a história e actividade desenvolvida pelas bibliotecas para cegos e consequentes especificidades inclusivas observadas em comportamentos de bibliotecas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

especiais e/ou regulares.

### 2) ASSOCIATIVISMO TIFLOLÓGICO

- para se proceder ao levantamento e análise aprofundada:
  - ☐ de paradigmas e conquistas na actividade associativa das diversas associações de e para cegos, e dos resultados da constituição e acção da ACAPO;
  - ☐ dos procedimentos das associações de e para cegos na acção desenvolvida na saúde e assistência, nos procedimentos de sustentabilidade económica e financeira em favor dos associados cegos;
  - ☐ da educação, cultura, desporto e lazer promovidos por aquelas associações;
  - ☐ da música e incremento de outras profissões, mediante o incentivo e valorização da música para as pessoas cegas, bem como no empenho na prospecção e promoção de outras profissões igualmente acessíveis.

### 3) REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL

- para se equacionar e avaliar a proficuidade da função:
  - ☐ do SNRIPD ao nível da história, actividade desenvolvida e projectos, no que se refere à deficiência visual;
  - ☐ dos Centros de Reabilitação, história, actividade desenvolvida e projectos, como recursos de reabilitação/habilitação e de reinserção e/ou de inserção/inclusão profissional das pessoas cegas;
  - ☐ da orientação e mobilidade, salientando o papel e o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

percurso da bengala branca ao cão-guia, como dispositivos auxiliares de mobilidade na integração/inclusão das pessoas cegas;

- ☐ das ajudas técnicas e incrementação científica nos planos político e académico, de incentivos e contributos investigacionais, infotecnológicos e de outra índole, públicos e de outras proveniências, para a educação/habilitação das pessoas cegas.

### 4) FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGABILIDADE

- para se discutir e avaliar a envolvimento do IEFEP e de outras instituições:
  - ☐ na formação profissional e no emprego das pessoas cegas;
  - ☐ história, actividade desenvolvida e projectos;
  - ☐ contextualização do leque de profissões e enquadramento legal;
  - ☐ tipos de empregos e cargos públicos e em empresas privadas.

### 5) A CEGUEIRA

- para se proceder a uma síntese avaliativa:
  - ☐ dos antecedentes históricos da cegueira em Portugal;
  - ☐ da profilaxia e contributo compensatório do Engº Jaime Filipe para a deficiência visual;
  - ☐ da história, actividade desenvolvida e projectos no âmbito da visão artificial;
  - ☐ da problemática da surdocegueira, génese e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento educacional.

### 6) EVOLUÇÃO DO SISTEMA BRAILLE

- para se proceder ao levantamento e análise circunstanciada dos diferentes sinais, respectiva significação e aplicação, abordando:
  - ☐ a história, actividade científica, técnica e projectos das Comissões de Braille;
  - ☐ a grafia braille aplicada à língua portuguesa, enquadrando a fonética e a estenografia;
  - ☐ a aplicação do braille à grafia científica, designadamente a matemática, química, física e informática;
  - ☐ a aplicação do braille à escrita da música, evolução e fixação das ajustadas simbologias.

### 7) IMPRENSA, RECURSOS ESPECIAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

- em que serão avaliados os conteúdos e resultados:
  - ☐ da impressão mecânica ao processamento informático;
  - ☐ das publicações, materiais e formatos utilizados;
  - ☐ dos leitores de ecrã (designadamente braille e voz);
  - ☐ das acessibilidades na Internet à estruturação dos livros falados.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### 3. PROGRAMA CIENTÍFICO

1º Painel — *Educação e Cultura*

2º Painel — *Associativismo Tiflológico*

3º Painel — *Reabilitação e Inserção Social*

4º Painel — *Formação Profissional e Empregabilidade*

5º Painel — *A Cegueira*

6º Painel — *Evolução do Sistema Braille*

7º Painel — *A Imprensa, Recursos Especiais e Novas Tecnologias*

### 4. CRONOGRAMA

DIA 24

09.00H — Recepção dos Participantes e Entrega da Documentação

09.30H — Sessão Solene de Abertura do Congresso sob a Presidência de Sua Excelência o Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, Dr. Pedro Santana Lopes,

10.00H — Coffee-Break

10.15H — 1. EDUCAÇÃO E CULTURA

— Sob a moderação da Dr<sup>a</sup> Ana Maria Runkel, Directora do Departamento de Bibliotecas e Arquivos da Câmara Municipal de Lisboa:

— «Legislação, Aplicação e Proficuidade», pelo Dr. Rui do Nascimento;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- «Iniciativas Públicas e Privadas: Contributos de Branco Rodrigues e de Albuquerque e Castro», pelo Mestre Fernando Jorge Alves Correia;
- «Do Ensino em Escolas Especiais ao Ensino Integrado/Inclusivo», pela Dr<sup>a</sup> Ana Maria Bénard da Costa;
- «Da Biblioteca para Cegos às Especificidades Inclusivas», pelo Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro.

### 11.15H — 2. ASSOCIATIVISMO TIFLOLÓGICO

- Sob a moderação da Mestre Margarida Gouveia, Assessora na Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa:
- «Associativismo: Paradigmas e Conquistas», por José Eduardo Gaspar Arruda;
- «Sustentabilidade Financeira, Saúde e Assistência», pelo Mestre Carlos Iglésias;
- «Educação, Cultura, Desporto e Lazer», pelos Dr. Isidro da Eira Rodrigues e Dr. José Manuel Valentim;
- «A Música e o Incremento de Outras Profissões», pelo Dr. Claudino Arieira Pinto.

### 12.15H — Debate

### 12.30H — Almoço

### 14.00H — 3. REABILITAÇÃO E INSERÇÃO SOCIAL

- Sob a moderação da Dr<sup>a</sup> Irolinda Oliveira, Secretária Nacional Adjunta de Reabilitação:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- «SNRIPD: História, Actividade Desenvolvida e Projectos», pela Dr<sup>a</sup> Maria do Pilar Mourão-Ferreira;
- «Centros de Reabilitação: História, Actividade Desenvolvida e Projectos», pela Mestre Maria Eduarda Pereira Dias;
- «Orientação e Mobilidade: da Bengala Branca ao Cão-Guia», pelo Dr. Júlio Damas Paiva;
- «Ajudas Técnicas e Incrementação Científica nos Planos Político e Académico», pelo Dr. Adalberto Fernandes.

### 15.00H — 4. FORMAÇÃO PROFISSIONAL E EMPREGABILIDADE

- Sob a moderação do Dr. Leonardo da Conceição, Director de Serviços de Programas de Inserção do Instituto de Emprego e Formação Profissional:
- «O IEFP na Formação Profissional e Emprego: História, Actividade Desenvolvida e Projectos», pelo Dr. José Sampaio;
- «Formação Profissional e Emprego: o Cerne da Questão», pelo Dr. Assis Milton;
- «Profissões e Enquadramento Legal», pelo Dr. José Adelino Figueira Guerra;
- «Empregos e Cargos Públicos e em Empresas Privadas», pelo Dr. Victor Calha.

### 16.00H — Debate

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

16.30H — Pausa para café

17.00H — Visita à Exposição de Materiais Tiflotécnicos

19.00H — «Porto de Honra» oferecido pela Câmara Municipal de Lisboa.

DIA 25

09.30H — 5. A CEGUEIRA

- Sob a moderação do Professor Doutor António Castanheira Dinis, Director do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto:
- «Antecedentes Históricos da Cegueira em Portugal», pelo Dr. Fernando Bivar Weinholtz;
- «Profilaxia e o Contributo Compensatório do Engº Jaime Filipe para a Deficiência Visual», pelo Prof. Doutor Ferraz de Oliveira;
- «Fisiologia da Visão e Visão Artificial: História, Actividade Desenvolvida e Projectos», pelo Dr. Miguel Castelo Branco;
- «A Surdocegueira: Profilaxia, Génese e Desenvolvimento Educacional», pelo Prof. Doutor António Rebelo.

10.30H — Debate

10.45H — Pausa para café

11.00H — 6. EVOLUÇÃO DO SISTEMA BRAILLE

- Sob a moderação da Drª Maria Trindade

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Colarejo, Coordenadora da Comissão de Leitura para Deficientes Visuais no âmbito do SNRIPD:

- «Comissões de Braille: História, Actividade Desenvolvida e Projectos», pelo Dr. Orlando de Jesus Monteiro;
- «Grafia Braille Aplicada à Língua Portuguesa», pelo Dr. Filipe Pereira Oliva;
- «Aplicação do Braille à Grafia Científica: o Estudo das Ciências por Deficientes Visuais», pelos Professor Dr. José Joaquim da Silva Baptista e Prof. Dr. Vítor Manuel Rodrigues Perfeito Bordalo Coelho;
- «Aplicação do Braille à Escrita da Música», pelos Prof. Dr. Francisco Fernandes e Prof. Dr. Renato Luís Espada.

12.00H — Debate

12.30H — Almoço

### 14.00H — 7. A IMPRENSA, RECURSOS ESPECIAIS E NOVAS TECNOLOGIAS

- Sob a moderação do Professor Doutor José A. Bragança de Miranda, Director do Mestrado em Cultura Contemporânea e Novas Tecnologias da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa:
- «Da Impressão Mecânica ao Processamento Informático», pelo Mestre Serafim Manuel da Silva Queirós;
- «Publicações, Matérias e Formatos», pela Dr<sup>a</sup>

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Cláudia da Anunciação Trigo;

□ — «Leitores de Ecrã: Braille e Voz Sintética»,  
pelo Dr. Jorge Fernandes;

— «Das Acessibilidades na Internet à  
Estruturação de Livros Falados», pelos Dr.  
Aquilino Rodrigues e Alexandre Rodrigues.

15.00H — Debate

15.15H — Pausa para café

16.00H — Apresentação das Resoluções/Recomendações

16.30H — Encerramento dos Trabalhos

17.00H — Concerto por Sebastião Antunes, da  
«Quadrilha»

20.00H — Jantar de Encerramento oferecido pela Câmara  
Municipal de Lisboa.

A propósito, lembrando e refletindo o alcance deste relevante  
evento histórico-científico, escrevemos:

«Sonho às vezes o passado, mesmo o mais longínquo,  
embrulho-me nessa amálgama de um instante, como se fora  
um revolto e nostálgico presente a futurizar expectativas que  
já não são.» (Augusto Deodato Guerreiro, Lisboa:  
22.03.2018).

(ADG).

### **\*CONGRESSO NACIONAL «ANTROPOLOGIA MARÍTIMA»:**

Este evento foi organizado sob a direção técnica e científica  
do Gabinete de Referência Cultural da CML e da  
Universidade Internacional para a Terceira Idade (UITI) e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

realizado nos dias 22 a 25 de Novembro de 1994 no Padrão dos Descobrimentos, em Lisboa, mediante o Protocolo Científico-Cultural outorgado entre aquela Universidade e a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do GRC.  
(ADG).

### **\*CONJUNTO FUNDAMENTAL (Braille):**

Formação de seis pontos que se agrupam em duas filas verticais e justapostas de três pontos cada.  
(FPO, OJM e VC).

### **\*CONJUNTO GERADOR (Braille):**

Ver **Conjunto Fundamental**.

### **\*CONSULTOR BRAILLE:**

Especialista em uma ou mais áreas da problemática do braille.  
(FPO, OJM e VC).

### **\*CONVERSÃO DE CASSETES PARA CD E DVD:**

Muitas organizações, em especial as bibliotecas, possuem um grande acervo de gravações áudio em suporte magnético, que correm o risco de se perderem se não forem convertidas para formato digital. O CEFAS pode executar os seguintes serviços:

- Cópia de cassete áudio (60 ou 90 min.) para CD-Áudio ou CD MP3.

Opções:

- Divisão em faixas;
- Impressão da superfície do CD.
- Cópia de cassete VHS para DVD.

(AR).

**\*CONVERSAS NA BIBLIOTECA»:**

O Gabinete de Referência Cultural da CML, num espírito inclusivo de atrair cada vez mais cidadãos às Bibliotecas Municipais de Lisboa e familiarizá-los com as diferentes problemáticas da deficiência, iniciou, na Biblioteca Municipal Central do Palácio Galveias, em 26 de Maio de 2003, o seu Projeto Mensal «Conversas na Biblioteca», com realização na última quinta-feira de cada mês, a partir das 18h00, e sempre com tradução simultânea em Língua Gestual Portuguesa, de cujo conjunto de temas apresentados em conferência destacamos, por ordem alfabética, os considerados mais importantes e respetivos oradores:

- "A Criança e a Poesia: Cancioneiro Infanto-Juvenil", pelo Professor e escritor Alexandre Castanheira.
- "Do Gesto à Palavra", pelo Dr. Adalberto Fernandes (INR, I.P.).
- "O Futebol na Cultura Popular", pelo Professor e escritor Manuel Xarepe.
- "Geologia ao Vivo", pelo Dr. José Manuel Brandão.
- "Lisboa: uma Cidade no Tempo", pelo médico e escritor Dr. Baltazar de Matos Caeiro.
- "O Mito do Dilúvio Universal", pelo Prof. Dr. Joaquim Lúgris Torres.
- "Museu Mestre João da Silva", pelo Dr. Quintanilha Mantas.
- "O Soneto: Esse Desconhecido", pelo poeta Carlos Domingos.

Estas sessões, em determinada altura, foram suspensas por razões logísticas e, depois de algum tempo de interrupção, foram retomadas em 2007, nas novas instalações do Gabinete de Referência Cultural, no 1º andar do nº 21 da Avenida da República, mas com outra denominação: «Quartas Culturais», porque as sessões começaram a ter lugar às

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

quartas-feiras, uma vez por mês e na última quarta-feira, a partir das 18h00, funcionando desde Outubro de 2007 até Março de 2010, no mesmo contexto inclusivo e com tradução simultânea em Língua Gestual Portuguesa.  
(ADG).

### **\*COPISTA BRAILLE:**

Aquele que copia para braille um texto a partir de uma edição em braille.  
(FPO, OJM e VC).

### **\*CPAC:**

Ver **Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille.**

### **\*CPLC:**

Ver **Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille.**

### **\*CPM:**

Ver **Centro de Produção de Material.**

### **\*CPR:**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

### **\*CUBALGÉBRICO (Braille):**

Cubo usado em álgebra, formado por três secções giratórias, apresentando cada uma quatro faces, sendo preenchidas três delas por um ponto da fila esquerda, o seu simétrico ou ambos, permitindo a composição de todos os sinais braille.  
(FPO, OJM e VC).

### **\*CUBARITMO (Braille):**

Utensílio para efectuar cálculos, preenchido por espaços quadrangulares, onde se colocam cubos.  
(FPO, OJM e VC).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*CUBO (BRAILLE):**

Sólido usado em aritmética, cujas faces apresentam os sinais da série superior e alguns da quinta e da sétima séries, consoante as posições em que se colocar.  
(FPO, OJM e VC).

### **\*CULTIVO DE FONTES:**

Expressão utilizada para designar o trabalho desenvolvido pelos Jornalistas para estabelecer relações de confiança com as fontes de informação. O conceito reproduz a tarefa dos jornalistas de manter um contacto duradouro com as suas fontes, de forma a que possam ganhar a confiança um do outro. Esta função é especialmente relevante numa altura em que o jornalismo passa por uma crise de credibilidade e os jornalistas sentem maior necessidade de assegurar a veracidade das informações recebidas.

Por outro lado, o cultivo de fontes é uma consequência da tendência para o jornalismo especializado. Nesta forma de jornalismo, o profissional da informação aprofunda o seu grau de conhecimento numa determinada área de interesse informativo, o que fomenta o estabelecimento de relações mais duradouras com as suas fontes. Este processo está igualmente associado à generalização da utilização de fontes anónimas, pois permite a formação de mecanismos que assegurem uma maior confiança na informação recebida desse género de fontes de informação.

[Recortado do "Dicionário de Ciências da Comunicação", sob a coordenação de Włodzimierz Józef Szymaniak, editado pela Porto Editora em 2000.].

### **\*CULTURA:**

Segundo Cícero, é aquilo que faz com que o Homem seja e se preocupe com o próprio Homem a fim de se transformar para

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

melhor. Presentemente entende-se cultura em duas acepções: a subjectiva-activa que implica a formação do Homem como Homem bem como a educação das suas faculdades físicas, intelectuais e morais; e a objectiva-passiva que remete para a hereditariedade e para a realização das capacidades humanas condicionada por determinados tipos de sociedades. A cultura toma o aspecto pessoal e criador da civilização sendo esta a sua materialização.

[Recortado do "Dicionário de Ciências da Comunicação", sob a coordenação de Włodzimierz Józef Szymaniak, editado pela Porto Editora em 2000.].

### **\*CULTURA DA PARTILHA:**

Sustentámos em Badajoz, na Universidade de Extremadura, no dia 15 de Setembro de 2017, que:

«A cultura emerge na circunstancialidade de afetos e berçaria em que começamos a abrir os olhos, a organizar o caos à nossa volta e a identificar-nos em consciência com o meio em que nos formamos. Assume as mais diversas formas de manifestação e de intervenção segundo o contexto do mundo da vida em que crescermos ou a que nos associarmos. A cultura está ou integra-se na necessidade inata do ser humano (o relacionar-se e o interagir), nessa medida assimilando-se por socialização, inclusive em convívios interculturais, cultivando-se, guardando-se ou tendo-se cá dentro em partilha. Não se inventa propriamente... O que se inventa e treina é a capacidade e a competência para a exercer, preferencialmente em cidadania, em solidariedade e partilha, com bom humor e dignidade no desenvolvimento humano e da humanização da vida para todos.».

O conceito de cultura inclusiva é redutor, estigmatizante, marginalizante. A expressão é segregacionista porque, ao pensarmos em cultura inclusiva, estamos a procurar "incluir" e, por inerência significacional do processo e da própria

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

expressão, "excluindo". O que seria mais ajustado e generosamente mais generalista (sem "incluir" nem "excluir" e que abrange simplesmente todos) será, em vez de "cultura inclusiva", "cultura da partilha". Isto porque, em cultura social, é pensarmos nos outros e agirmos em favor dos outros, aceitando os outros, reconhecendo-os e respeitando-os na diversidade humana, tendo sempre presente a partilha do conhecimento entre todos, criando-se as condições para esse efeito, abolindo palavras, conceitos e atitudes humilhantes de particularismos da sociedade humana. Ao mesmo tempo, com o desenvolvimento das relações entre os povos e as culturas, as sociedades modernas são cada vez mais multiétnicas e expostas à comunicação pluricultural, intercultural e multidiferente, gerando no seu seio pulsões ambivalentes entre as manifestações do universalismo e dos particularismos, o que nos faz caminhar para um tipo de interação social naturalmente mais alargado e escorreito e que possa contribuir para uma união cada vez mais sólida entre as pessoas de todas as nacionalidades e de todas as tipologias da deficiência. Para que possa atingir-se um tal objetivo, impende sobre nós a obrigatoriedade de termos imaginação, vontade e ação para transformar e acessibilizar tudo a todos. As Bibliotecas, como Arquivos Históricos e Museus, incluindo os mais diversos serviços culturais, são laboratórios de cultura e de ciência viva, que devem ser destinados a todos os cidadãos, sem exceções e sem rótulos. Os rótulos e categorizações é que impõem os estigmas sociais, as diferenças por incapacidades, a "exclusão" pelos fantasmas marginalizantes das desvantagens sensoriais, cognitivas, motoras e outras.

[Recortado de: GUERREIRO, Augusto Deodato (2012). Comunicação e Cultura Inclusivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT.].

(ADG).

**\*CULTURA ECLESIAL INCLUSIVA EM PORTUGAL  
- MOVIMENTO FÉ E LUZ:**

Conforme o recortado e alinhado a partir da Agência Ecclesia, Lisboa, no dia 15 de janeiro de 2018, o Movimento Fé e Luz veio a assinalar no passado dia 4 de fevereiro os 40 anos da Comunidade da Senhora da Conceição, no Porto, com uma celebração nacional presidida por D. Carlos Azevedo.

Em comunicado enviado à Agência ECCLESIA, a coordenadora da referida comunidade, Teresa Brito, destaca uma festa que viera a "reunir todas as Comunidades Fé e Luz do país" e membros do clero "ligados a este Movimento".

D. Carlos Azevedo, delegado do Conselho Pontifício para a Cultura, "um antigo pároco de Nossa Senhora da Conceição", também recordou a aludida responsável por esta "fecundidade" que tem marcado este projeto dedicado às pessoas com deficiência intelectual.

Foi marcada uma missa para as 10h30 do dia 4 de fevereiro, com o programa a prosseguir depois, com um "almoço partilhado" e uma "visita à exposição comemorativa" deste dia, intitulada "Do fruto à semente - história dos 40 anos".

As atividades, que contaram com a presença do vice-coordenador internacional do Movimento Fé e Luz, Raúl Izquierdo Garcia, terminaram com uma "cerimónia de envio". O Movimento Fé e Luz, que tem na sua génese o cuidado com as pessoas com deficiência intelectual, também as suas famílias, nasceu em 1971, em França, através da ação de dois leigos: o filósofo e teólogo Jean Vanier e a professora francesa Marie Helene Mathieu.

A primeira comunidade "Fé e Luz" em Portugal surgiu ligada à Paróquia da Ajuda, Diocese de Lisboa, em 1976, com o nome de "Nossa Senhora das Candeias".

O Movimento "Fé e Luz" tem vindo a estender-se a outras

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Dioceses em Portugal, sendo a mais recente a Diocese de Setúbal.

(ADG).

### **\*CULTURA ECLESIAL PARA TODOS:**

A Irmã Verónica Donatello, especialista italiana, defende (no contexto Igreja/Deficiência) «necessidade de superar "medo" e "preconceito comunitário"».

A Irmã Verónica Donatello passou por várias dioceses portuguesas (Faro, no dia 25.05.2018, Lisboa, no dia 26.05.2018, Braga, no dia 27.05.2018, Coimbra, no dia 28.05.2018) para apresentar trabalho de inclusão e valorização de todos nas paróquias católicas.

O «Jornalinho», no dia 27 de Maio de 2018, tendo recolhido informação sobre este assunto na Fonte Ecclesia, publicou a seguinte notícia, aqui transcrita "ipsis verbis":

A responsável pela catequese para pessoas com deficiência em Itália, irmã Verónica Donatello, disse hoje à Agência ECCLESIA que a Igreja Católica tem de superar um "preconceito comunitário" neste campo para conseguir incluir todos.

«É preciso trabalhar sobre a comunidade, não olhar apenas para o limite, o "cego", o "surdo". Não: é o Marco, o Francisco, a Isabel.

São pessoas e, pelo Batismo, são irmãos», defende.

A religiosa é filha de um casal de surdos e tem uma irmã com deficiência intelectual, tendo desde cedo aprendido o «desafio de comunicar de várias maneiras».

A irmã Verónica Donatello diz que é necessário superar uma visão dos «coitadinhos» e criar uma cultura eclesial «que inclua todos», sem comunidades «de segunda classe».

«Deus faz história com pessoas que nós teríamos descartado», sublinha.

Para esta especialista, uma das necessidades que se sente no

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

terreno é a de superar o «medo» nas comunidades perante as pessoas com deficiência e suas famílias, que «comunicam com outras linguagens, que têm comportamentos atípicos».

«Tenho de dizer que são pouquíssimas as pessoas que recusam, são mais os que nos perguntam como fazer», constata.

A religiosa questiona ainda a tendência de «medir a fé» apenas de um ponto de vista racional, porque «não basta compreender, a fé é um encontro, uma experiência».

No campo da Catequese, a irmã Verónica Donatello vê a presença das pessoas com deficiência como uma "alavanca" para a mudança», uma «provocação», ajudando a valorizar dimensões ligadas aos vários sentidos e evitando uma excessiva «cognitivização».

A responsável italiana elogia o trabalho desenvolvido por paróquias que «sujaram as mãos» e procuraram trabalhar a partir do terreno, dando como exemplo um «Evangelho tátil» feito por crianças de 6, 7 anos para uma colega cega.

«Não é preciso ser especialista, é preciso ter a coragem de despertar os sentidos, o corpo, e trabalhar com a comunidade», sustenta.

O «processo» de inclusão tem passado pela criação de instrumentos ligados à «legibilidade» da paróquia e das celebrações, com símbolos próprios para autistas, a aposta na língua gestual ou a produção de materiais em braille, por exemplo.

«A paróquia, nesta pluralidade de linguagens, descobre a beleza da Liturgia, que envolve todos os sentidos», realça a irmã Verónica Donatello.

A religiosa está em Portugal a convite do Serviço Pastoral a Pessoas com Deficiência, da Igreja Católica, e sublinha que não existe uma «varinha mágica» para a inclusão eclesial, mas um trabalho a partir da realidade concreta em cada contexto.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

«A comunidade torna-se mais rica», observa.

A irmã Verónica Donatello destaca a importância do «trabalho em equipa», sem compartimentar a catequese ou a vida escolar, fazendo pequenos gestos como «baixar uma mesa de matraquilhos» para que as crianças em cadeira de rodas possam jogar.

«A pessoa com fragilidade, com deficiência, obriga-nos a reconhecer que existe um limite, mas não é uma exceção negativa, é a possibilidade de todos habitarem a história».

A Conferência Episcopal da Itália tem desenvolvido instrumentos ligados às novas tecnologias, uma «bênção» para a responsável pela catequese para pessoas com deficiência, permitindo a «participação ativa» de todos.

«Na Itália, falamos de "Pastoral 3.0", que devolve uma visão comunitária. Muitas vezes pensamos num isolamento, mas é preciso educar, não dar apenas o instrumento e manter a relação», observa a irmã Verónica Donatello.

[Recortado de «Jornalinho», no dia 27 de maio de 2018, juntando alguma informação nossa, colhida presencialmente em Lisboa, em 26.05.2018].

### **\*CULTURA EMPRESARIAL:**

Conjunto dos valores, dos símbolos e sinais partilhados pelos membros de uma empresa e que marcam os seus comportamentos e as suas atitudes. Sobre ela agem tanto variáveis culturais externas como particularidades de cada empresa. É um conceito que se vulgarizou a partir de 1981, com a publicação de várias obras americanas relativas à excelência da gestão de certas empresas. Até 1985, coexistem duas orientações: a cultura como um dos elementos da empresa, ou seja, a empresa tem uma cultura, meio de aceder aos valores e comportamentos da mesma; a cultura como sinónimo da empresa, isto é, a empresa é uma cultura, sistema de conhecimentos e de valores a interpretar por cada

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

um dos seus membros. É esta segunda que se tem imposto ultimamente.

A cultura de empresa é aquele pequeno nada que faz com que toda a gente se reveja no todo ou na parte da sua actividade, nos membros, na publicidade e nos produtos. Não se decreta, vive-se. Ela recolhe e divulga os princípios, os valores e os objectivos da empresa. Entre os seus objectivos conta-se a homogeneização do espírito comum do grupo através da partilha de aspectos como a comunicação, a integração, a motivação e a animação.

[Recortado do "Dicionário de Ciências da Comunicação", sob a coordenação de Włodzimierz Józef Szymaniak, editado pela Porto Editora em 2000.].

### **\*CULTURA INCLUSIVA:**

Ver **Cultura da Partilha; Cultura para Todos.**

### **\*CULTURA PARA TODOS:**

No plano da cultura, depois da criação da primeira Biblioteca Pública para cegos (em Julho de 1963) e da primeira Biblioteca Inclusiva (Biblioteca Municipal Camões em Outubro de 1981), a Câmara Municipal de Lisboa deu, em 1990, mais um passo significativo e digno no alargamento da cultura a mais cidadãos, lançando a sua Revista Áudio "Dinamização Cultural" (que era distribuída gratuitamente a nível nacional, PALOP e no espaço ibero-americano, mas que viu interrompida a sua publicação em 2000), projecto reforçado com a posterior criação do Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais -, em Junho de 1994 (o qual também se encontra numa persistente luta contra uma estranha e alucinante "morte lenta" estranha), assente na lógica de que todos os munícipes, independentemente das suas dificuldades de índole sensorial, motora ou outra, idosos com as características dificuldades de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mobilidade e/ou de visão, devem ter acesso à informação e à cultura. Trata-se, na verdade, de um serviço de produção e utilização singular, considerando algumas das atribuições que lhe estavam conferidas, incluindo a área funcional consagrada à leitura domiciliária especial: o objetivo deste Serviço era assegurar diariamente na cidade de Lisboa, por extensão à área da Grande Lisboa, não só a entrega e a recolha de publicações em todos os suportes e formatos nos domicílios dos cidadãos com dificuldades ao nível da mobilidade e da visão - bem como nos locais de emprego ou em estabelecimentos hospitalares -, mas também (por intermédio de técnicos do Gabinete e de um núcleo de voluntários expressamente preparados para o efeito) a leitura de livros, artigos de jornal ou revista nas residências dos cidadãos afetados por disfunções sensoriais e motoras que lhes impedissem a autonomia e independência no acesso à informação e à cultura.

Este Serviço chegou a possuir uma viatura própria (oferecida pelo Montepio Geral) para essa distribuição na Área Metropolitana de Lisboa, assim cumprindo uma das suas áreas funcionais de relevância, a Leitura Domiciliária Especial.

Permitimo-nos, na altura, sonhar este Serviço numa perspetiva de cultura inclusiva, alargado a todos os cidadãos da Grande Lisboa, atendendo à conjuntura político-institucional de então. Sonhávamos com Lisboa a inclusão cultural. Sonhávamos com Lisboa a sublimidade da cultura para todos em futuros amplos e profícuos. Voávamos o devir, nos heróicos sublimares, as utopias e distopias doiradas nas asas do sol, do sol do novo mundo, vivo, livre e são: onde não coubessem obstruções ambientais, eletrónicas e comportamentais (que impedissem a total inclusão na vida em comunidade); onde se promovessem políticas generosas que respeitassem a dignidade de todos e atentando nos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

inerentes equilíbrio e benefícios que a diversidade exige, o calor do companheirismo, a alegria dos afetos partilhados, a excelsa beleza da Terra e do Universo em solidariedade e partilha; onde preponderasse essa solidária equidade em cidadania, direitos, deveres e oportunidades, na materialização do sonho da cultura da partilha, da cultura para todos.

Ver também Biblioteca Municipal Camões; Cultura da Partilha; Dinamização Cultural; Gabinete de Referência Cultural; Forum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida".

(ADG).

### **\*CULTURA POLÍTICA E INCLUSÃO:**

Em definição.

(JS).

### **\*CULTURA SURDA:**

Em definição.

(DA).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## D

### **\*DACTIFLOGRAFIA:**

Neologismo de Augusto Deodato Guerreiro para designar Dactilografia Braille.

Ver **Dactilografia Braille**.

(ADG).

### **\*DACTILOGRAFIA BRAILLE:**

Processo de escrita em máquinas adequadas, nas quais se primem simultaneamente as teclas correspondentes aos pontos necessários à formação de cada sinal.

O mesmo que Dactiflografia (neologismo nosso).

(ADG).

### **\*DACTILOLOGIA:**

Inteiramente baseado no livro Comunicar com a Pessoa Surdocega, de António Rebelo, publicado pela Casa Pia de Lisboa em 1996, parafraseando e citando este autor e investigador/autoridade neste domínio e problemática da surdocegueira, entende-se por dactilologia a representação das 26 letras do alfabeto, através de simbologia gestual. A dactilologia utilizada pelas pessoas surdas tem a designação de "dactilologia visual", porque o gesto é executado no ar e apreendido pela visão do receptor. Partindo deste princípio, os gestos foram adaptados à palma da mão, sendo esta forma de comunicação denominada "dactilologia na palma da mão", ou dactilologia "palmar". As configurações na palma da mão são praticamente iguais às visuais, com pequenas alterações, destinadas a aumentar a sua perceptibilidade pelo tacto palmar do receptor. Um exemplo disto é a letra "C", cujo gesto aéreo lembra a forma da letra "C", e o gesto palmar é feito com a polpa dos dedos na palma da mão.

Quando a visão residual da pessoa surdocega não permite o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

uso da "dactilologia visual", passa-se ao uso da versão "palmar" deste método comunicacional. A dactilologia utiliza-se para soletrar palavras quando estas não possuem um gesto próprio, ou quando o receptor não conhece a língua gestual.

No processo de aquisição da linguagem, continuando a secundar Rebelo (1996), tem-se sempre em conta o seguinte: a utilização da dactilologia e, para o efeito, da língua gestual ou outra representação simbólica, pressupõe que a pessoa surdocega adquiriu a linguagem. Isto nem sempre acontece, como nas pessoas surdocegas congénitas, e nesses casos, a comunicação é muito mais limitada.

Tendo em conta a sucinta informação aqui enunciada, remetemos o leitor interessado neste método comunicacional para o livro de referência acima indicado.

(ADG).

### **\*DAISY:**

O DAISY (Digital Accessible Information SYstem) é um formato aberto destinado a substituir os tradicionais audiolivros em cassete, com inúmeras vantagens:

- Estruturação do livro (em capítulos, sub-capítulos, secções, etc.).
- Colocação de marcadores.
- Pesquisa de texto (impossível num audiolivro convencional).
- Combinação de texto e áudio, facilita a leitura a quem tem dislexia ou baixa visão.

(AR).

### **\*DALTONISMO (Oftalmologia):**

No vulgo, dá-se o nome de Daltonismo aos defeitos da sensibilidade às cores, por, em 1794, John Dalton (químico) ter investigado uma protanopia de que ele próprio era

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

portador.  
(FBW).

### **\*DEFICIÊNCIA:**

Na Lei de Bases da Prevenção, Habilitação, Reabilitação e Participação da Pessoa com Deficiência, "Considera-se pessoa com deficiência aquela que, por motivo de perda ou anomalia, congénita ou adquirida, de funções ou de estruturas do corpo, incluindo as funções psicológicas, apresente dificuldades específicas susceptíveis de, em conjugação com os factores do meio, lhe limitar ou dificultar a actividade e a participação em condições de igualdade com as demais pessoas" (Artigo 2º da Lei nº 38/2004, de 18 de Agosto, que define as Bases Gerais do Regime Jurídico da Prevenção, Habilitação, Reabilitação e Participação da Pessoa com Deficiência, SNRIP).

Na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, "A deficiência é um conceito em evolução e a deficiência resulta da interacção entre pessoas com incapacidades e barreiras comportamentais e ambientais que impedem a sua participação plena e efectiva na sociedade em condições de igualdade com as outras pessoas" (Alínea e) do Preâmbulo da Convenção sobre o Direito das Pessoas com Deficiência, 13 de dezembro de 2006, adotada na Sessão da Assembleia Geral das Nações Unidas).  
(MSJA).

### **\*DEFICIÊNCIA AUDITIVA:**

Ver **Surdo**.

### **\*DEFICIÊNCIA COGNITIVA:**

A cognição por definição é o conjunto de processos mentais superiores que estão relacionados com a aquisição de conhecimentos e a aprendizagem. Estes processos envolvem

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

fatores como: a inteligência, o pensamento, a resolução de problemas, a criatividade, a linguagem, a memória, o raciocínio, entre outros, e que nos permitem aprender interagindo com o meio envolvente.

Segundo Fonseca (2001) a cognição compreende os processos e produtos mentais superiores, através dos quais percebemos, concebemos e transformamos o envolvimento. Não é uma coleção, mas um sistema complexo de componentes, sendo o cérebro por excelência o órgão da cognição.

Talvez este seja mesmo dos mais complexos processos que caracteriza a espécie humana. Como refere o autor a cognição possibilitou, do ponto de vista filogenético, a adaptabilidade criativa da espécie humana, que se operou no tempo passado, no tempo presente e no futuro e para que isso tenha sido possível foi necessário, em termos da ontogénese, uma multiplicidade de fatores: neurobiológicos, psicoemocionais e socioculturais com uma importância decisiva para a qualidade do desenvolvimento humano.

O melhor ou pior desenvolvimento cognitivo vai depender de fatores como: a organização neurológica, a atenção, a percepção e a conceitualização, a captação, o processamento e produção da informação, a interação com as pessoas, o comportamento, a motivação para ação, a personalidade, o envolvimento afetivo, o nível socioeconómico, a qualidade da nutrição, os estímulos e as experiências do meio, o apoio ao desenvolvimento e à aprendizagem nas diferentes áreas, etc.

Neste quadro as deficiências cognitivas ocorrem quando estes fatores apresentam disfuncionalidades, por via de lesões ou problemas desenvolvimentais (pré, peri e pós-natais) que podem causar perturbações no desenvolvimento e na aprendizagem, disfunções da linguagem, problemas ou privações sensoriais, problemas na receção no processamento e na expressão da informação, problemas e ou dificuldades na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

aprendizagem de que são exemplo as dislexias, as discalculias, as disgrafias e as disortografias. Encontram-se também deficiências cognitivas em grupos com limitações mais acentuadas do desenvolvimento como é o caso, por exemplo, das pessoas com Dificuldades Intelectuais e Desenvolvimentais.

Devemos ter presente de que os fatores descritos, anteriormente, funcionam de forma sistémica e interligada, pelo que havendo disfuncionalidades de uma das componentes o sistema, no seu todo, pode ficar comprometido, se bem que conforme Luria 1990 (citado por Fonseca 2001) pela multiplicidade dos sistemas funcionais pode-se conseguir que as funções sejam desenvolvidas por um sistema funcional alternativo.

Daí que atualmente se dê muito ênfase à educação cognitiva, que visa criar o máximo de condições, o mais precocemente possível, para que, através de processos de modificabilidade e de facilitação, se possam desenvolver métodos pedagógicos que pela sua intencionalidade, pelo envolvimento das famílias, das escolas e das instituições educativas possam ter efeitos preventivos e potencializadores do desenvolvimento e da aprendizagem. Para além disso não se devem descorar as melhorias na qualidade de vida e no bem-estar, que possam gerar igualdade de oportunidades e equidade, criando condições para que, independentemente das especificidades do desenvolvimento, se possa favorecer ao máximo o potencial biopsicossocial dos indivíduos.

Referências bibliográficas:

Fonseca, V. (2001). *Cognição e Aprendizagem*. Lisboa: Âncora

Fonseca, V. (2004). *Dificuldades de Aprendizagem - abordagem neuropsicológica ao insucesso escolar*. Lisboa: Âncora

(DR).

**\*DEFICIÊNCIA E CONSCIÊNCIA INCLUSIVA:**

A sucessão conjunta de realidades e a-realidades agradáveis e desagradáveis com que nos defrontamos, relacionamos e interagimos ao longo da vida, umas vezes de propósito e outras vezes inadvertidamente ou de forma inesperadamente surpreendente e por isso molestante... esse evolutivo somatório fortalece-nos a estrutura intrínseca e incentiva-nos à luta, cada vez mais acesa e eficaz, em dignidade e determinação para ultrapassar com êxito todas as antipatias obstrutivas ou quaisquer outros tipos de embates ou barreiras. Sofremos as incompreensões ou estranhas manifestações dos outros e a nossa própria mas grata paciência e inexcedível tolerância para suportá-las. Resta-nos a alegria de persistir em fazer aos outros o que, em nossa opinião, é mais sensato e bom.

Muitas vezes a nossa superficialidade, que é a aparência, toma-nos conta da essência, que é a ecografia biopsicossociológica e humana que somos, que às vezes se esconde, não se vê, não se interpreta, é frágil ou demasiado amorfa... A superficialidade, consoante determinadas circunstâncias, tem mais força, dá mais nas vistas, e impõe-se à essência, camuflando-a ou amordaçando-a. Mas não podemos baixar os braços perante esta constatação.

O mal escondido na grande maioria dos corações humanos pode surpreender-nos nas mais diversas formas, se a conscientização para a dignidade não tomar a tempo o seu lugar, desde o berço. Porque temos, numa generalidade, uma natural tendência bipolar para a crueldade e benevolência (por sermos essencialmente maus e bons), essa natureza cruel só é minimizável ou anulável através da ponderada, bem refletida e séria celebração estratégica de pactos sociais e políticos, religiosos, educacionais e culturais,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pedagógicos e de sensibilização pública, para o estabelecimento de entendimentos na ética e humanização da vida.

Somos um *megapuzzle* que nunca estará concluído, que está em permanente aperfeiçoamento, num percurso com lágrimas, dor, falhas, pedregulhos de diferentes naturezas nos nossos caminhos, condicionalismos, obstáculos igualmente da mais diversa espécie... As lágrimas são o arco-íris da alma, com as quais irrigamos a tolerância, "a melhor religião do mundo" (Victor Hugo), para que esta se mantenha viçosa, como as primaveras, mas transformando-se cada vez mais em aceitação mútua. Os pedregulhos de variada índole que nos surpreendem e nos magoam ao longo da vida, acabam por nos refinar a paciência, que tem mais poder do que a força (Plutarco), e ninguém cresce sem dificuldades, sem obstruções no caminho. Todos vamos crescendo mediante as falhas em que as circunstâncias nos fazem incorrer, mas é com essas falhas que vamos esculpindo aos poucos a nossa serenidade, crescemos em dignidade, tendo ou convivendo com algum tipo de dificuldade ou dor, o que nos pode até lapidar o prazer. Se não nos confrontarmos com obstáculos ao longo da vida, as janelas da nossa inteligência e dignidade permanecerão fechadas para sempre. Portanto, precisamos desses obstáculos para que essas janelas se abram amplamente.

Para que possamos ajudar a ser felizes crianças, adolescentes, jovens, adultos, seniores, temos que efetivamente ser capazes de amar e de saber fazer amar. O amor é uma competência que tem de estar sempre incondicionalmente disponível para intervir ao mínimo sinal de alerta. Quanto mais generosos formos em relação ao infundirmos nos outros à nossa volta felicidade, mais gratos nos podemos sentir à vida e à beleza que colocamos na vida das pessoas, em formação, desenvolvimento, bem-estar e qualidade de vida.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Assim, temos de cultivar em nós mesmos e exercitar em pleno mais uma virtude humana: a da compreensão dos sinais do comportamento dos que não têm dificuldades físicas ou de outra ordem face aos que apresentam desvantagens de naturezas diversas e vice-versa. Temos de semear e cultivar em nós mesmos generosidade e gratidão, porque, à medida que o conseguirmos fazer, no caso sob o ponto de vista humano e científico, também semeamos e cultivamos harmonia, solidariedade e partilha, envolvendo-nos e indissociando-nos naturalmente nesse processo recíproco de promoção de bem-estar, transformando a generosidade e a gratidão numa fonte inesgotável de participação social, de solidariedade, de partilha e abundância.

(ADG).

### **\*DEFICIÊNCIA MOTORA:**

São vários os autores que demonstram pelos seus trabalhos a importância do movimento no desenvolvimento humano. Exemplos disso são o caso de Wallon e Piaget: para Wallon o movimento é o primeiro instrumento do psiquismo, demonstrando a ação recíproca entre as funções mentais e as funções motoras; para Piaget o desenvolvimento processa-se por fases, sendo que numa primeira fase, com vários estádios, que definiu como o período sensório motor, onde se observa precocemente a imitação, a causalidade, o jogo através do comportamento motor.

O movimento depende do funcionamento do sistema motor que assegura as respostas a um conjunto de estímulos e que envolvem os órgãos sensoriais, o sistema nervoso central (SNC), o sistema nervoso periférico, os músculos e o esqueleto.

As deficiências motoras estão, por isso, relacionadas com disfunções nas diferentes componentes do sistema motor. As disfunções no SNC e centros reguladores (cérebro, cerebelo e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

tronco cerebral) estão relacionadas com Paralisias Cerebrais e Traumatismos crânio-encefálicos. As lesões ou malformações na espinal medula estão relacionadas com patologias como a Spina Bífida e os Traumatismos vertebro-medulares. As disfunções dos músculos e nervos estão relacionadas com as Distrofias Musculares Progressivas. As patologias do sistema esquelético podem causar artrites, pé boto, etc. Todo este conjunto, muito vasto e complexo, de problemas podem causar perda de capacidades que afetam diretamente a realização motora.

(DR).

### **\*DEFICIÊNCIA VISUAL:**

Ver **Classificação da Cegueira; Baixa Visão; Cego; Ambliopia.**

### **\*DEFICIENTE VISUAL:**

Ver **Classificação da Cegueira; Baixa Visão; Ambliopia; Cego; Cego ou Invisual.**

### **\*DEMOCRACIA "PARA TODOS":**

A palavra democracia, na forma mais multilateral de entendimento e aceitação uns dos outros, por uns e por outros, de mútua compreensão humana e humanizante da vida em sociedade, impulsiona o pensamento e a ação numa aparente irreversível caminhada livre, viva e de transformação de mentalidades, alimentando e iluminando a ideia da criação de lugar para todos na sociedade... Mas a sustentabilidade desta espécie de eutopia é inviabilizada pela distopia, que nos remete para o conceito de democracia (parafraseando Jorge Luís Borges) análogo a "um erro estatístico", porque, em "democracia decide a maioria" e essa "maioria" é constituída por "imbecis". Todavia, e porque a imbecilidade não para de surpreender e de se impor na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sombra, também pode a democracia constituir um sentimento por vezes ainda impreciso na ambivalência ou no conformismo consciente na prévia cumplicidade assumida por uns e por outros no voto e no posterior aproveitamento governativo do resultado desse voto, dos que passam a governar e dos que passam a ser governados, na equidade de deveres e direitos dos alternadamente eleitos e eleitores. É um *megapuzzle* humano de progressão infundável, cuja plenitude em perfeição só Deus sabe montar e fazer cumprir em verdade e liberdade, num contexto social digno onde todos têm efetivamente lugar. Ou deveriam ter lugar.

(ADG).

### **\*DEPARTAMENTO DE MATERIAIS PARA DEFICIENTES VISUAIS:**

Ver **Unidade de Equipamentos e Serviços Tiflotécnicos - Loja de Equipamentos para Pessoas Cegas e com Baixa Visão.**

### **\*DESBRAILLIZAÇÃO:**

Ato ou efeito de desbraillizar.

(FPO).

### **\*DESBRAILLIZADO:**

Que sofreu desbraillização.

(FPO).

### **\*DESBRAILLIZAR:**

Dificultar ou impedir a braillização.

(FPO).

### **\*DESENVOLVIMENTO HUMANO:**

Como se define desenvolvimento humano e que fatores o influenciam?

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

O termo «desenvolvimento humano» é definido por alguns autores como um processo de evolução biológica e psicológica, que ocorre desde o nascimento à idade adulta e que leva a que um indivíduo progrida de uma situação de dependência total para uma situação de autonomia (Accardo PJ et al. Cit por Mota, T & Fernandes, B., p. 12).

Neste sentido, trata-se de um processo complexo e dinâmico, com variações de indivíduo para indivíduo, influenciado por fatores que não são mutuamente exclusivos. Há assim influência dos fatores biológicos, culturais, sociais, ambientais no desenvolvimento de cada pessoa. Cada um destes fatores, de forma geralmente coincidentes, contribui para a harmonia do desenvolvimento da criança, sendo esses fatores responsáveis pelas alterações que possam surgir. Desde o seu nascimento, o bebé aprimora as suas capacidades através do contacto com experiências sensoriais, motoras, comunicacionais e relacionais. Essas experiências vão depender dos estímulos disponíveis e das capacidades motoras, perceptivas, cognitivas que ele é capaz de utilizar.

Quando o ambiente é favorável, mas a criança não consegue utilizar as suas habilidades para explorar esse ambiente, acontece a falha na interação entre o ambiente e as habilidades, provocando alterações no desenvolvimento. Também podem ocorrer alterações no desenvolvimento quando a criança tem potencial, mas os estímulos externos não são adequados ou suficientes.

Por exemplo, uma criança que vive num contexto de isolamento e de risco parental/ambiental, embora sem alterações a nível de fatores genéticos e/ou biológicos, está inserida num contexto de privação, o que só por si justifica alterações verificadas no seu desenvolvimento. Por outro lado, uma criança pode viver num contexto rico em experiências desenvolvimentais, mas igualmente apresentar alterações no seu desenvolvimento, porque está a passar ou

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

passou por situações condicionadoras da sua maturação neurológica e biológica.

Não será demais reforçar que «o desenvolvimento» resulta das transações mútuas, contínuas e dinâmicas entre o indivíduo e o meio, em que todos os ambientes e pessoas influenciam e são influenciados pelos comportamentos uns dos outros - decorre daqui a necessidade de entendermos o desenvolvimento humano numa perspectiva ecológica e transacional.

Em relação a alterações do desenvolvimento, com enfoque na dissociação, desvio e atraso:

Como sabemos, as aquisições são mais ou menos uniformes, embora possam sempre existir áreas mais fortes e áreas mais fracas em cada indivíduo. Apesar das grandes variações interindividuais, que tornam difícil a definição exata dos padrões de normalidade, as aquisições processam-se geralmente de uma forma uniforme e sequencial nas diversas áreas (por exemplo, primeiro segura a cabeça, depois senta-se), portanto, de uma forma previsível. Embora o esquema de desenvolvimento seja comum a todas as crianças, as diferenças de carácter, de potencialidades físicas e do meio ambiente explicam por que razão crianças da mesma idade podem desenvolver-se a ritmos diferentes. No entanto, quando existem diferenças significativas numa ou em várias áreas de desenvolvimento, falamos de alterações de desenvolvimento.

De forma genérica, são descritos na literatura três tipos de alterações de desenvolvimento:

- A Dissociação, que se refere a uma diferença significativa entre as várias áreas do desenvolvimento, com uma área mais gravemente afetada. Exemplo típico são as crianças com paralisia cerebral, com atraso significativo nas áreas motoras e desempenho adequado nas restantes áreas;
- O Desvio em que existe uma aquisição não sequencial de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

competências numa ou mais áreas do desenvolvimento, que poderá ter como base alterações neurológicas. Por exemplo, um bebé que, apresentando uma hipertonia dos membros inferiores, relacionada com uma paralisia cerebral, quando tracionado a partir de decúbito dorsal, passa para a posição de pé sem se sentar. Da mesma forma, uma criança que apresentar uma linguagem expressiva muito superior à compreensão, traduz claramente um desvio. Este facto pode refletir uma utilização não comunicativa da linguagem, característica das perturbações do espectro do autismo.

- O Atraso de desenvolvimento, em que existe um desfasamento entre as aquisições demonstradas em mais do que uma área do desenvolvimento e as aquisições previstas para a idade cronológica.

[Recortado de: FARIA, Mafalda (2017). A comunicação inclusiva em intervenção precoce na infância no atraso global do desenvolvimento. In: Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas / Organização e direção científica de Augusto Deodato Guerreiro. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT (em distribuição pela Amazon).].

(MF)

### **\*DESPERTAR - SEMANÁRIO EM BRAILLE PUBLICADO AOS DOMINGOS:**

Semanário Publicado aos Domingos. Publicação em braille e escrito à pauta, inicialmente sob a direção de José João de Sousa Ribeiro e sendo uma curiosa iniciativa de alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em São João do Estoril, que teve uma vida irregular desde 1947 a 1951.

(ADG).

### **\*DESPORTO ADAPTADO:**

O conceito é definido como uma atividade física e desportiva,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

informal e formal, que se destina a todos sem exceção, particularmente, a segmentos da população como especificidades próprias da diversidade humana, nas suas diferentes dimensões, mas que deve atender a quatro preocupações de cada pessoa: satisfazer os interesses e as motivações, estar adequado às capacidades, salvaguardar a integridade psicossomática e, fundamentalmente, deve garantir o sucesso e alcançar dos objetivos.

(JVC).

### **\*DESPORTO PARA CEGOS E COM BAIXA VISÃO:**

Conceito definido como prática de uma atividade física e desportiva, de preferência com gasto calórico, de uma forma informal mas regular ao longo do ciclo de vida, destinada a ambos os géneros e para todas as idades. A prática formal ou de competição destina-se exclusivamente aos que, segundo um sistema e método para agrupar os atletas de acordo com as suas capacidades visuais, participam numa classe de cegos com uma acuidade visual inferior ao LogMAR 2.6 e os praticantes com baixa visão, que poderão ser subdivididos em dois grupos, com acuidade visual que varia de LogMAR 1.5-1.0 inclusive e o campo visual reduzido a menos de 10 graus a 40 graus. A deficiência mínima estabelece quem é elegível para competir (que define quem pode competir) e classificado (que define como agrupar os atletas para a competição) e são excluídos os praticantes com a acuidade visual melhor do que LogMAR 1.0 e o campo visual igual ou superior a 40 graus.

(JVC).

### **\*DIAGRAMAÇÃO DE UM TEXTO:**

Configuração da escrita numa página, considerando por exemplo o número de linhas, o número de caracteres por linha e a disposição destas no espaço disponível.

(FAM e FPO).

**\*DIÁLOGO ENTRE AS COMUNIDADES SURDA E OUVINTE:**

Trata-se uma hipotética e simplista suposição para lhes melhorar a comunicação interpessoal e a intercompreensão.

O bilinguismo (sempre que possível multilinguismo) e o biculturalismo (também sempre que possível multiculturalismo) é um binómio coevolutivo que, consciente e devidamente exercitado e partilhado ao nível do desenvolvimento biopsicossocial, sociocognitivo e humano, poderá ajudar a proporcionar à comunidade surda a natural competência pessoal e social para lidar com a conceptualidade e com a abstração, em perfeita sintonia e diálogo com a comunidade ouvinte.

(ADG).

**\*DIAS, BALTAZAR:**

Português/Região Autónoma da Madeira, Século XVI. Dramaturgo e poeta cego.

(ADG).

**\*DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM ESPECÍFICAS:**

As Dificuldades de Aprendizagem (DA) são motivo de inquietude em muitos profissionais (médicos de várias especialidades, neuropsicólogos, psicólogos, pedagogos, professores, terapeutas e reeducadores, professores de português, professores de apoio pedagógico, professores especializados, explicadores, etc.), e em muitos responsáveis políticos da educação, não esquecendo obviamente a luta silenciosa e dolorosa dos pais, que não aceitam que os seus filhos sejam potencialmente condenados ao insucesso escolar e estigmatizados em múltiplos cenários de desintegração social.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Na nossa cultura desde os 3 anos, e fundamentalmente desde os 6 anos, a escola é o meio natural da criança, onde se joga o seu futuro, não apenas em termos de personalidade, como em termos de cidadania. Logo que a criança chega à escola, e não aprende no tempo previsto, várias opiniões emergem, sem que se defina com precisão, qual a causa, ou causas, e quais os sinais de risco mais relevantes.

Uma das clarificações a colocar, para além de muitas outras, deve situar prioritariamente, o que entendemos por DA, ou por dificuldades de aprendizagem específicas (DAE).

Desde os pioneiros aos novos messias, o campo das DA tem estado particularmente vinculado ao processo contínuo da linguagem, desde o 1º sistema simbólico, inerente à linguagem falada que se desenvolve em primeiro lugar em termos de maturação neuroevolutiva, até ao 2º sistema simbólico que emerge da linguagem escrita, normalmente aprendido posteriormente.

A emergência das DA deve ser estudada, quanto a nós, nesta continuidade de processos cognitivos, ou seja, na trajetória desenvolvimental do não simbólico ao simbólico, pois podem centrar-se quer na criança quer na interação com o seu envolvimento e contexto cultural, ou ainda na conjugação complexa dos dois fatores.

As DA constituem, consequentemente, dificuldades momentâneas e temporárias (quanto a nós, o termo problemas pode ser igualmente assumido), habitualmente referenciadas em termos clínico-pedagógicos como as "dis" (disgnosia, dispraxia, disfasia, disnomia, disartria, dislexia, disgrafia, disortografia, discalculia ou dismatemática), pois não podem ser confundidas com dificuldades definitivas, persistentes e permanentes como as que são evidenciadas por crianças com dificuldades desenvolvimentais ou intelectuais onde o parâmetro do quociente intelectual (QI) e do fator g, deve ser tomado em consideração.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

As DA constituem a parte visível do "iceberg", pois falta ainda muito por investigar sobre a sua parte submersa. As várias "dis" são sintomas, onde é necessário descobrir e identificar os mecanismos íntimos, subtis e camuflados do processo mais abrangente da aprendizagem humana, quer não simbólica e mais básica quer simbólica e mais complexa.

A nossa prática clínica sugere que as DA apontam para problemas cognitivos específicos, e não globais, que integram tal processo neurológico complexo na criança. Uma vez clarificada a avaliação dinâmica do seu perfil cognitivo de aprendizagem, é mais fácil implementar planos de intervenção psicoeducacional individualizados e mais fácil propor adaptações reeducacionais ou terapêuticas mais pertinentes e eficazes em termos de intervenção pedagógica.

As DA específicas constituem portanto um grupo heterogéneo de problemas cognitivos que ocorrem em crianças consideradas inteligentes (QI igual ou superior a 80), oriundas dum envolvimento familiar e cultural normal e com uma escolaridade também normal, mas que não aprendem a ler, a escrever e a calcular com base nos métodos de instrução que resultam para a maioria dos alunos.

Tal consideração leva-nos a distinguir as DA do chamado insucesso escolar (insucesso não específico), na medida em que as DA revelam a presença de problemas cognitivos específicos, enfocados em determinados processos e sub-processos cognitivos de aprendizagem, como são os problemas de consciencialização fonológica, de nomeação lenta, de défice de memória de trabalho e de longo termo, de dificuldades visuo-atencionais, de disfunções executivas, etc., e não, necessariamente, em todos eles.

Nalgumas áreas de conhecimento e nalguns processos de aprendizagem, estas crianças ou jovens podem mesmo apresentar rendimentos e performances normais ou mesmo talentos de excelência (são conhecidos muitos casos de DA

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

em figuras notáveis da literatura, da arte, da ciência, do desporto, da música, etc.) que ilustram o seu perfil de discrepância cognitiva já avançado por muitos estudos de caracterização clínica.

O insucesso escolar não específico, tão frequente e infelizmente tão banal na sociedade actual, pode resultar de muitas causas isoladas ou combinadas.

Este tipo de insucesso pode decorrer de:

- fatores psicodinâmicos pejorativos, momentâneos ou duráveis (desmotivação, baixa auto-estima, excesso de ansiedade, funções cognitivas empobrecidas, insucesso experiencial prolongado, etc.);
- fatores envolvimentoais pontuais ou estruturais (dispedagogia, escolarização atípica ou irregular, falta de mediatização familiar e cultural, pobre domínio de competências linguísticas, etc.), ou,
- défices intelectuais globais (dificuldades desenvolvimentais e intelectuais ligeiras, moderadas e ou severas).

Não nos cabe nesta definição de conceito tratar da deficiência mental ou do fator "g" de inteligência, mas não podemos perder de vista que qualquer aprendizagem humana para ser bem sucedida ou atingir um rendimento mínimo aceitável, requer a suficiência, e não a insuficiência ou inconsistência, de funções cognitivas básicas.

Sem as funções cognitivas básicas, como: a atenção, a percepção, o processamento de informação, a memória, a imagem, o raciocínio, a lógica, a classificação, a simbolização, a conceptualização, a planificação, a antecipação, a execução, a regulação e a expressão de respostas adaptativas, não é possível aprender a nadar, nem a ler ou escrever.

Para que qualquer processo de aprendizagem seja bem adaptado, útil e funcional, o ser humano necessita dum equipamento mental que disponha de tais ferramentas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

cognitivas a funcionar em harmonia e por meio da orquestração sistémica de módulos cerebrais especiais e adaptados a funções precisas.

Quando o cérebro como o órgão da aprendizagem, como o mais organizado do organismo não opera de forma funcional ou normal, isto é, não atinge a eficiência mental necessária, quer na evolução quer na aprendizagem, o sucesso adaptativo (como é o caso do sucesso escolar) não pode ser alcançado.

O fator "g" constitui assim uma propriedade neurobiológica do cérebro que é essencial à aprendizagem, sem esse fator intelectual básico, sem essas habilidades e processos cognitivos estruturais, as aprendizagens da leitura, da escrita e da matemática, como funções psíquicas superiores (as que exatamente ilustram as DAE) não serão possíveis de atingir com métodos pedagógicos tradicionais.

Apesar da suficiência mental ser uma das características das crianças e jovens DA que as distinguem das crianças e jovens com dificuldades desenvolvimentais e intelectuais, para além do seu perfil controverso de discrepância cognitiva, o seu ensino deve também obedecer à implementação de estratégias e metodologias inovadoras, bem diferentes da instrução curricular normal.

Se o sistema de ensino não atender à especificidade e diversidade das crianças e jovens DA, os seus insucessos e fracassos escolares perdurarão, as repetições de ano serão inevitáveis, os exames não serão bem sucedidos nem os diplomas serão obtidos, os seus futuros profissionais ficarão comprometidos e a sociedade dita de informação, cada vez mais exigente, não lhes encontrará lugar para se integrarem e desenvolverem como cidadãos.

Crianças e jovens DA, inteligentes, curiosos e ávidos de conhecimento e capazes de aprender em outros sectores da cognição, serão deixados de lado do sistema de ensino e da formação profissional qualificada. Abandonados a si próprios

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e a uma iliteracidade perigosa, que cobrará insuportáveis custos, as suas potencialidades cognitivas serão desperdiçadas sem qualquer benefício social.

Independentemente das frequentes controvérsias entre os profissionais sobre a interpretação das DA, a aposta no domínio da prevenção, do diagnóstico e da intervenção (ou reeducação), parece o caminho mais certo para um consenso necessário e urgente, razão esta mais que suficiente para estimular a criação de programas com tais objetivos.

Nas múltiplas razões apontadas, os sinais de risco que mais se distinguem nas crianças DA, que não são necessariamente exclusivos, são os seguintes: rendimento ou desempenho insuficiente ou desviante; imaturidade ou falta de disponibilidade para a aprendizagem; lentidão ou atraso na aquisição de competências escolares; prolongamento do insucesso; não integração dos pré-requisitos; falta de prática; dispedagogia; problemas psicoafetivos e socioculturais; desinteresse; desmotivação; inibição cognitiva; bloqueio emocional; etc., etc..

A hipótese das DA estarem fortemente correlacionadas com défices fonológicos é hoje sobejamente confirmada por inúmeras investigações, nacionais e estrangeiras. A dislexia, entendida como DAE mais comum e específica da aprendizagem da leitura, e não como DA generalizada, não deve confundir-se com aspetos inerentes à deficiência mental como já vimos atrás.

Também não deve ser confundida com crianças que revelam um perfil de má leitura ("poor readers"), na medida em que nestas crianças, as DA revelam-se não só na leitura, como noutros âmbitos disciplinares da aprendizagem escolar (o tal insucesso escolar não específico que abordámos em cima), com etiologias mais abrangentes reveladoras de complexas interações entre os processos genéticos (sobretudo com os genes estruturantes) e os envolvimentais.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

A prevenção das DA ou a sua reeducação (os norte-americanos denominam esta intervenção por remediação) só poderá ser alcançada com eficácia, quando a intervenção psicoeducacional tomar em consideração o perfil de competências emocionais cognitivas e linguísticas (áreas fortes e fracas) que cada criança revela na pré-escola, independentemente da sua origem social e cultural.

Identificar crianças em risco o mais cedo possível, é uma estratégia de combate ao insucesso escolar que tem de ser posta em prática nas escolas portuguesas, e para a qual todos os professores devem ser alertados. A informação clínica e investigativa que se alcançou nos últimos anos sobre a aprendizagem da leitura e da escrita tem sido enorme, basta agora divulgá-la pelas escolas de forma a evitar processos de instrução (dispedagogia) indutores de DA.

As crianças que, por razões sociais e culturais, são fracas na consciência fonológica, precisam de uma instrução mais sistemática e explícita em tal competência cognitiva básica. Sem tal intervenção prévia, o progresso futuro na fluência da leitura estará comprometido, evidência que é amplamente demonstrada pela investigação psicoeducacional. Sem atender a tal diferenciação na sala de aula, o ensino igual para todas as crianças criará muitas DA. Com fraco treino perceptivo, com fracos recursos de discriminação, de identificação, de focagem, exploração e escrutínio visuais, com débil especialização hemisférica a criança dificilmente aprenderá a ler e sofrerá emocionalmente.

Sem organizar precocemente, na pré-escola e no início do 1º ano de escolaridade as salas de aula face à instrução diferenciada e ao ensino clínico nestes domínios, como acabámos de descrever, estaremos por inércia a alargar o número de crianças candidatas ao insucesso escolar e social. A escola não pode continuar a resistir à mudança, tem de se adaptar à diversidade, precisa de novos recursos de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

prevenção, de avaliação dinâmica e de novos modelos de intervenção preventiva.

(VF).

### **\*DINAMIZAÇÃO CULTURAL - REVISTA ÁUDIO/DIGITAL DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA:**

Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa, sob a direção de Augusto Deodato Guerreiro, e produzida a matriz no Centro de Produção de Material do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo, edição mensal do Pelouro da Cultura e do Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais, uma publicação caracterizada por um amplo eclectismo, com especial destaque para a olisipografia e história de Portugal, para as problemáticas da deficiência em geral e da gerontologia, para a atualidade científica, técnica e cultural, e com distribuição gratuita em cassete a nível nacional e internacional, cujo número zero saiu em Novembro de 1990. Publicaram-se 112 números, os quais se encontram disponíveis em cassete e em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural.

(ADG).

### **\*DIOPTRIA:**

Unidade de potência das lentes, potência de uma lente com um metro de distância focal.

(FBW).

### **\*DIPLEGIA:**

Tipo de Paralisia Cerebral onde os dois membros inferiores estão mais envolvidos que os membros superiores. A sua prevalência pode ser de 10-20% dos casos identificados.

(VF).

**\*DISARTRIA:**

Perturbação motora da função da fala resultante da paralisia, da fraqueza ou da alteração da coordenação dos músculos responsáveis pela sua produção (incluindo os lábios, a língua, as pregas vocais e/ou o diafragma) devida a lesão das estruturas do sistema nervoso central ou periférico. A pessoa com disartria poderá ou não ver limitada a sua atividade comunicativa consoante o meio se apresente como barreira ou facilitador. Devido à incapacidade muscular das estruturas da cavidade oral, laringe ou do sistema respiratório, a pessoa com disartria pode ainda apresentar deficiência ao nível de funções como a voz, a respiração ou a deglutição. A área afetada do sistema nervoso faz variar o tipo e a gravidade da disartria e pode causar diferentes incapacidades, tais como: movimentos limitados da língua, lábios e mandíbula; fala arrastada ou muito rápida; alteração da intensidade da voz, podendo ser sussurrada ou demasiado alta; voz rouca, soprada ou nasalada; dificuldade em mastigar o alimento e em controlar a saliva dentro da cavidade oral. A incapacidade comunicativa da pessoa com disartria pode afetar os seus relacionamentos interpessoais, chegando a provocar o seu isolamento social.

(CR e APV).

**\*DISCALCULIA:**

A discalculia é uma incapacidade específica da aprendizagem da linguagem matemática de origem neurobiológica que pode variar de indivíduo para indivíduo.

A pessoa com discalculia apresenta uma dificuldade em compreender, aprender, refletir, avaliar e usar processos e tarefas que envolvam números, símbolos e/ou conceitos matemáticos.

A pessoa com discalculia tem um bom desenvolvimento cognitivo, não apresenta compromisso sensorial (e.g.:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

audição, visão), neurológico e/ou emocional e está envolvida num meio que lhe proporciona oportunidades de numeracia, de desenvolvimento e de ensino/aprendizagem adequado da matemática e do processo de cálculo.

A pessoa com discalculia pode apresentar como sinais e sintomas a dificuldade em contar, organizar e conhecer números, em reconhecer e comparar quantidades ou medidas, em resolver operações matemáticas, de cálculo mental e problemas matemáticos.

A discalculia pode ocorrer isoladamente ou pode co-existir com outras perturbações do desenvolvimento e da aprendizagem como disfasia (Ver **Disfasia**), dislexia (Ver **Dislexia**), dispraxia (Ver **Dispraxia**), disgrafia (Ver **Disgrafia**) e disortografia (Ver **Disortografia**).

(APV e CR).

### **\*DISCROMATAS (Oftalmologia):**

Os protanopes não têm sensibilidade à luz vermelha, confundem vermelhos, amarelos e verdes.

Os com deuteranope não têm sensibilidade à luz verde, misturam-na com vermelhos e azuis.

Os com tritanope não têm sensibilidade à luz azul, misturam-na com vermelhos e verdes.

(FBW).

### **\*DISFAGIA:**

Perturbação do processo de alimentação/deglutição que exige ao indivíduo mais tempo ou maior esforço para a realização das funções de introdução, manipulação, mastigação e deglutição do alimento sólido ou líquido. A disfagia pode surgir do processo de envelhecimento do indivíduo ou resultar de uma lesão da estrutura cerebral ou de outras estruturas envolvidas no processo de preparação e transporte do alimento, desde a cavidade oral até ao estômago. São

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sinais e sintomas da presença de disfagia: tosse durante ou após a deglutição de sólidos ou líquidos; dificuldade ou dor ao engolir; sensação de corpo estranho ou de comida presa após a alimentação; perda de alimento ou de saliva da cavidade oral; permanência de alimento na cavidade oral após a deglutição; escape do alimento pelo nariz; mudança na qualidade da voz após a alimentação; necessidade de cortar os alimentos sólidos em pedaços menores ou de evitar alguns tipos de alimentos; perda de peso inesperada; infeções respiratórias frequentes. Como resultado da disfagia o indivíduo pode apresentar: desnutrição ou desidratação; risco de aspiração (presença de alimento sólido ou líquido na via aérea), que pode levar a pneumonias recorrentes; menor prazer durante a alimentação e isolamento social nas situações que a envolvem.

(CR e APV).

### **\*DISFASIA:**

O conceito de disfasia (também conhecida por afasia do desenvolvimento) refere-se a uma incapacidade específica da aquisição, desenvolvimento e aprendizagem da linguagem verbal oral de origem neurobiológica e que pode variar de ligeira a severa. Este diagnóstico é de exclusão e aplica-se à criança que não apresenta problemas sensoriais (e.g. audição e visão), deficiência intelectual ou lesões neurológicas.

Em Portugal e nos países anglo-saxónicos o uso deste conceito tem vindo a ser pouco ou nada frequente enquanto que nos países francófonos é utilizado e faz parte do designado conjunto de perturbações de aprendizagem na criança - Troubles “DYS” que inclui: disfasia, dislexia, dispraxia, disgrafia, disortografia, discalculia.

A linha anglo-saxónica que Portugal tem vindo a adoptar desde a segunda metade dos anos 90 do séc. XXI inclui a designação de perturbação específica da linguagem (PEL)

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(Specific Language Impairment (SLI)) e perturbação específica do desenvolvimento da linguagem (PEDL).

Em 2012 o movimento, de origem anglófona, “Raising Awareness of Language Learning Impairments” (RALLI) iniciou um processo de clarificação e uniformização de definições e terminologia na área das perturbações da linguagem na criança que atualmente se designa de “Raise Awareness of Developmental Language Disorder” (RADL). Este trabalho culminou em 2017 com o consenso internacional no diagnóstico para as crianças com problemas de desenvolvimento da linguagem passando a designar-se “Developmental Language Disorder (DLD)” - Perturbação do Desenvolvimento da Linguagem (PDL). Assim o termo “Developmental Language Disorder (DLD) / Perturbação do Desenvolvimento da Linguagem (PDL)” realça o aspecto de “perturbação” (“disorder”) indicando um problema que deve ser levado a sério, coloca a perturbação da linguagem a par com as outras perturbações do neurodesenvolvimento (e.g.: perturbação do espectro do autismo (PEA), perturbação de hiperactividade e défice de atenção (PHDA)) e é compatível com os dois mais referenciados sistemas de diagnóstico - DSM-5 e ICD11.

O termo/diagnóstico Perturbação do Desenvolvimento da Linguagem (PDL) deve ser usado para crianças em que: (1) as dificuldades de linguagem criam obstáculos à comunicação ou aprendizagem na vida cotidiana, (2) é improvável que os problemas de linguagem se resolvam (ou não tenham sido resolvidos) até aos 5 anos de idade, e (3) os problemas não estão associados a uma condição biomédica conhecida como seja uma lesão cerebral, condições neurodegenerativas, condições genéticas ou distúrbios cromossómicos como Síndrome de Down, perda auditiva neurossensorial, Perturbação do Espectro do Autismo ou Deficiência Intelectual.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

A disfasia/perturbação do desenvolvimento da linguagem (PDL) pode ocorrer isoladamente ou pode co-existir com outras perturbações do desenvolvimento e da aprendizagem como dislexia (Ver **Dislexia**), discalculia (Ver **Discalculia**), dispraxia (Ver **Dispraxia**), disgrafia (Ver **Disgrafia**) e disortografia (Ver **Disortografia**).  
(APV, AGC e CR).

### **\*DISGRAFIA:**

A disgrafia é uma incapacidade para escrever, escrita manuscrita, referindo-se à função da mão e às letras formadas pela mão (caligrafia) - habilidades motoras finas, práxicas, assim como à sua coerência, podendo interferir na aprendizagem para soletrar palavras por escrito e na velocidade de escrita de texto. As pessoas com disgrafia apresentam com frequência cansaço evidente no processo de escrita manuscrita. De forma geral, a pessoa com disgrafia apresenta insegurança e pouca precisão na destreza manual, caligrafia pobre e lenta, papéis desarrumados e desorganizados, dificuldades em copiar, habilidades motoras finas pobres e dificuldades em lembrar os movimentos cinestésicos para formar as letras correctamente.

Alguns autores utilizam o termo disgrafia para as perturbações da linguagem escrita em geral, não separando a disgrafia da disortografia (Ver **Disortografia**). Outros dividem em componente motor (disgrafia) e processamento (disortografia).

A disgrafia pode ocorrer isoladamente ou pode co-existir com outras perturbações do desenvolvimento e da aprendizagem como a disortografia (Ver **Disortografia**), dislexia (Ver **Dislexia**), disfasia/perturbação do desenvolvimento da linguagem (PDL) (Ver **Disfasia**), discalculia (Ver **Discalculia**), dispraxia (Ver **Dispraxia**) e perturbações da

hiperactividade e défice de atenção (PHDA).  
(APV e CR).

**\*DISLEXIA:**

A dislexia é uma incapacidade específica da aprendizagem da linguagem escrita de origem neurobiológica que pode variar entre ligeira a severa.

A pessoa com dislexia apresenta uma dificuldade em aprender a ler embora tenha um bom desenvolvimento cognitivo, não apresente compromisso sensorial (e.g.: audição, visão), neurológico e/ou emocional e esteja envolvido num meio que proporcione oportunidades de literacia, de desenvolvimento e de ensino/aprendizagem adequado do processo de leitura.

A dislexia pode resultar de um défice na componente fonológica da linguagem ou de um défice percetivo e de atenção visual. O défice na componente fonológica da linguagem é considerado desproporcional face a outras funções e processos cognitivos e desenvolvimento cognitivo que é bom.

A pessoa com dislexia pode apresentar como sinais e sintomas uma leitura lenta, silabada, hesitante e com substituição, omissão, repetição e correção frequente de letras e/ou palavras, principalmente de palavras pouco frequentes e dificuldade na compreensão de material impresso por si lido, nomeadamente frases e textos.

A dislexia pode ocorrer isoladamente ou pode co-existir com outras perturbações do desenvolvimento e da aprendizagem como disfasia/perturbação do desenvolvimento da linguagem (PDL) (Ver **Disfasia**), discalculia (Ver **Discalculia**), dispraxia (Ver **Dispraxia**), disgrafia (Ver **Disgrafia**) e disortografia (Ver **Disortografia**).

(APV e CR).

**\*DISORTOGRAFIA:**

A disortografia é uma incapacidade específica da aprendizagem da linguagem verbal escrita.

Esta incapacidade manifesta-se em dificuldades na escrita, nomeadamente na gramática, revelando-se erros típicos como omissão de letras nas palavras, esquecimento de sinais diacríticos, substituição de sílaba tónica por sílaba átona, dificuldades na conversão fonema-grafema, entre outras.

Alguns autores utilizam o termo disgrafia para as perturbações da linguagem escrita em geral, não separando a disgrafia da disortografia (Ver **Disgrafia**). Outros dividem em componente motor (disgrafia) e processamento (disortografia).

A disortografia pode ocorrer isoladamente ou pode co-existir com outras perturbações do desenvolvimento e da aprendizagem como a disgrafia (Ver **Disgrafia**), dislexia (Ver **Dislexia**), disfasia/perturbação do desenvolvimento da linguagem (PDL) (Ver **Disfasia**), discalculia (Ver **Discalculia**), dispraxia (Ver **Dispraxia**) e perturbações da hiperactividade e défice de atenção (PHDA).

(APV e CR).

**\*DISPRAXIA:**

[Ver **Dispraxia Verbal de Desenvolvimento**, **Apraxia do Discurso** (**Apraxia Verbal ou da Fala**) e **Apraxia**].

**\*DISPRAXIA VERBAL DE DESENVOLVIMENTO:**

A dispraxia verbal de desenvolvimento é uma perturbação do desenvolvimento da fala frequentemente definida como uma dificuldade na programação das sequências de movimentos da fala. Pensa-se que haverá algum tipo de compromisso neurológico, mas desconhece-se a etiologia exata desta perturbação.

A caracterização desta perturbação derivou originalmente da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

apraxia do discurso nos adultos, uma categoria de perturbação baseada numa lesão cerebral que origina dificuldade na programação dos movimentos da fala. A aplicação do termo dispraxia às crianças baseou-se numa semelhança com os sintomas apráxicos adultos e esta analogia implicou uma etiologia neurológica que até hoje ainda não está definida e delineada de forma conclusiva, mesmo com o aumento de técnicas instrumentais que nos permitem compreender melhor as relações entre cérebro e comportamento.

São muitas e diversas as explanações teóricas sobre a dispraxia verbal de desenvolvimento quanto aos mecanismos subjacentes á perturbação, nomeadamente a existência de défices no planeamento motor e pré-motor da fala ou de défices na representação fonológica. Reflectindo estas diferentes visões sobre a causalidade, assim têm sido utilizados em inglês vários termos como *developmental apraxia of speech*, *developmental verbal dyspraxia* e *developmental articulatory dyspraxia*. Entre nós e em português é consensual o uso do termo dispraxia verbal de desenvolvimento para designar a alteração da fala na infância na ausência de comprometimento muscular ou neurológico evidente, e o termo apraxia destina-se a designar a alteração neurogénica adquirida da programação motora da fala, tipicamente na população adulta.

Do ponto de vista clínico a dispraxia verbal de desenvolvimento tem sido essencialmente definida por exclusão de uma perturbação funcional da fala ou de um atraso do desenvolvimento e utilizando um conjunto de sintomas, de correlatos comportamentais. Apesar da falta de consenso do ponto de vista das teorias explicativas, quanto à etiologia ou evidência empírica nos correlatos comportamentais, há um consenso, entre profissionais na prática clínica e investigadores, de que a dispraxia verbal de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento existe.

Vários critérios de exclusão têm sido sugeridos para um diagnóstico diferencial nas áreas da função motora periférica e sensorial, cognição e linguagem receptiva, nomeadamente (1) não existência de perturbação orgânica periférica (por exemplo fenda palatina), (2) ausência de défice sensorial (na audição ou visão), (3) ausência de fraqueza muscular ou disfunção (por exemplo disartria, paralisia cerebral), (4) QI normal, e (5) linguagem receptiva normal.

As alterações da fala nesta perturbação motora ocorrem essencialmente a três níveis: erros inconsistentes em vogais e consoantes, na produção de sílabas e palavras, na prosódia inadequada e na lentificação e dificuldades várias na coarticulação.

(AGC e APV).

### **\*DISPROSÓDIA:**

A prosódia é uma característica suprasegmental da comunicação que se refere aos contornos de entoação que são criados manipulando a frequência, o acento, a duração e o tom (Blake, 2018; Blake, 2013, Mateus et al., 2003, referido por Vital, 2018).

A prosódia, componente independente da linguagem, interage fortemente com os componentes da semântica e da sintaxe. A prosódia emocional influencia a interpretação da semântica e da expressão facial e a prosódia linguística as frases e palavras.

Existem outras classificações de prosódia como a de Peppé (2009, referida por Vital, 2018) que distingue quatro tipos de prosódia: indexical, afectiva, gramatical e pragmática.

A disprosódia/aprosódia é a perturbação (redução) da prosódia, representando na pessoa, ao nível da produção, uma fala “aplanada” ou monótona e ao nível da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

recepção/compreensão, dificuldades de interpretação das emoções e/ou da intenção veiculada através da prosódia (Kreitewolf et al. 2014, Baum & Dwivedi, 2003, referido por Vital, 2018). Os défices da prosódia ao nível da produção e da compreensão podem existir separadamente ou em simultâneo (Blake et al., 2013, referido por Vital, 2018).

Blake (2018, referido por Vital, 2018) define a prosódia emocional como um construto multifacetado que inclui diferentes valências (emoção positiva vs. negativa), tipos específicos de emoção (alegria, aversão, raiva/cólera, desprezo, medo, surpresa, tristeza), intensidade da expressão emocional e a influência da prosódia na interpretação da semântica e das expressões faciais.

Numa interação comunicativa normal a emoção é transmitida através da prosódia, da expressão facial, da linguagem corporal, da sintaxe e da semântica, modalidades que interagem e que se influenciam umas às outras.

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

### \***DOENÇA DE CROHN** (Tipo de doença rara):

É uma doença inflamatória crónica que atinge o intestino e os casos mais graves podem apresentar entupimento ou perfurações intestinais. Enfraquecimento, dores abdominais e nas articulações, perda de peso, diarreia com ou sem sangue, lesões na pele, pedra nos rins e na vesícula são alguns dos principais sintomas. Ela atinge tanto homens quanto mulheres, principalmente entre os 20 e 40 anos de idade e a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

incidência é maior em fumantes. Não se sabe ao certo quais são as causas dessa doença, mas há indícios de que ela surge por causa de problemas no sistema imunológico. Para fazer o diagnóstico é necessário realizar exames de sangue, clínicos, de imagem e analisar o histórico do paciente.  
(MSJA).

### **\*DOENÇA DE GAUCHER (Tipo de doença rara):**

Genética e hereditária, essa doença causa alterações no fígado e no baço. Os ossos ficam enfraquecidos e também podem ocorrer manchas na pele, cansaço, fraqueza, diarreia e sangramento nasal. A incidência da Doença de Goucher é um caso em cada 100 mil pessoas e pode atingir tanto crianças quanto adultos. É difícil diagnosticá-la, pois os sintomas podem confundir a análise clínica. O tratamento é feito a partir de medicamentos indicados por um especialista.  
(MSJA).

### **\*DOENÇA RARA:**

Segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS), é a doença que afeta até 65 pessoas em cada 100 mil, ou seja, 1,3 para cada duas mil pessoas. Na União Europeia, por exemplo, estima-se que 24 a 36 milhões de pessoas têm doenças raras. As doenças Raras são doenças crônicas e progressivas graves, muitas vezes com risco de vida. Para muitas doenças raras, os sintomas podem ser observados ao nascimento ou durante a infância, como é o caso da atrofia muscular espinhal proximal, neurofibromatose, osteogênese imperfeita, condrodismplasias ou síndrome de Rett, por exemplo. No entanto, mais de 50% das doenças raras manifestam-se na idade adulta, como é o caso das doenças de Huntington, Crohn e Charcot-Marie-Tooth, da esclerose lateral amiotrófica, do sarcoma de Kaposi ou do cancro da tireóide. Enquanto a maioria das doenças genéticas são raras, nem

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

todas as doenças raras são causadas por alterações genéticas. Existem por exemplo doenças infecciosas muito raras, bem como doenças auto-imunes e cânceros raros. Até ao momento, para muitas doenças raras, a causa permanece ainda desconhecida.

Quanto ao progresso previsto para o diagnóstico e tratamento de doenças raras, para todas as doenças raras, a ciência consegue fornecer algumas respostas. Centenas de doenças raras podem agora ser diagnosticadas através de um simples teste biológico. O conhecimento da história natural destas doenças é otimizado pela criação de registos para algumas delas. Os investigadores estão cada vez mais a trabalhar em redes, de forma a partilharem os resultados da sua investigação e avançando mais eficientemente. São levantadas mais esperanças com perspetivas oferecidas pelas legislações Europeia e nacionais (em muitos países Europeus) no campo das doenças raras.

(MSJA).

## E

### **\*E-BOOK:**

Um e-book é um livro em formato eletrónico. O formato de excelência para os e-books é o ePub, um formato aberto, baseado no standard de Internet HTML. O ePub possui estrutura em capítulos e secções, índice, imagens, links e outras facilidades. Do ponto de vista da acessibilidade, uma das mais importantes é a adaptação do texto ao tamanho do ecrã, permitindo que se ajuste o tamanho de letra sem se perder de vista partes do texto.

A produção de livros ePub simples é um processo simples ao alcance de qualquer utilizador, mas para se obter um resultado de qualidade é necessário conhecer algumas técnicas e ferramentas que vamos aprofundando no CEFAS. Quanto à leitura, existem diversas aplicações para computador e dispositivos móveis, com possibilidade de leitura do livro em voz alta.

(AR).

### **\*EDUCAÇÃO ESPECIAL:**

A nível histórico, o termo Educação Especial emergiu com acentuada antecedência em relação ao de Educação Inclusiva e se, entretanto, configurava o sentido de uma modalidade educativa distinta da educação regular, após o advento do movimento de inclusão, a sua concetualização tornou-se progressivamente mutável à medida que a filosofia, conceito e práticas inclusivas se iam estabilizando no contexto escolar. Em consequência, nos tempos correntes (2017), afigura-se desejável concetualizar a Educação Especial, como um recurso integrante de uma educação única e ativamente promotor da escola inclusiva. Nesta lógica, importa atentar que a consecução de uma escola inclusiva implica a adaptação da sua organização e funcionamento pedagógico à

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

diversidade dos seus alunos, a fim de garantir, a cada um e a todos, uma resposta pedagógica de qualidade. Por outro lado, se a referida expressão "diversidade dos seus alunos" possui uma semântica de coletivo, é crucial entrever que, a mesma, pressupõe a ideia de que - devido precisamente à "diversidade" não existem dois alunos iguais. Portanto, cada um, é um ser único, singular e irrepetível. Logo, a perspectiva homogénica em que tradicionalmente assentava a prática educativa, não tinha - e, assertivamente, não tem - suporte de veracidade, daí que tenha toda a legitimação, o uso da expressão "atenção à diversidade", como sinal semântico do paradigma da escola inclusiva.

Ora, os princípios e práticas da Educação Especial, ao longo dos tempos, têm privilegiado, sobremaneira, a individualização, ou melhor, a personalização, a nível de atendimento pedagógico. E reside, aqui, talvez o melhor fundamento para se avançar com um conceito de Educação Especial que se afigure adequado à contemporaneidade educacional: um conjunto de ações prestado por recursos humanos e materiais, com o objetivo de identificar necessidades educativas especiais apresentadas por cada criança e cada jovem, a fim de lhes assegurar a igualdade de oportunidades em termos de aprendizagem e de desenvolvimento integral. Deste modo, reconhece-se a criança, ou jovem, como sujeitos do seu processo formativo e cuja inclusão se procura salvaguardar através da referida igualização de oportunidades (ou, dito de outro modo, pela superação de barreiras à participação).  
(JMS).

### **\*EDUCAÇÃO INCLUSIVA:**

A educação inclusiva implica a eliminação de barreiras que na escola impedem os alunos de participar nas atividades escolares. A educação inclusiva tem, por isso, como

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

objetivos, criar condições a todos os níveis e para todos os alunos, os que têm necessidades educativas especiais e todos os outros, para que possam aceder com equidade ao processo de ensino-aprendizagem.

A Declaração de Salamanca (1994) dá indicações acerca de como podem as escolas favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os alunos, evitando a marginalização e a discriminação. O mesmo acontece com a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência (2006), subscrita por Portugal, que defende que é necessário que todas as crianças com necessidades educativas especiais tenham acesso à educação, sendo que o sistema de ensino lhes deve oferecer todas as condições necessárias.

O que está em causa no movimento da escola inclusiva é que o enfoque não se deve colocar apenas no aluno ou na criança, tendo em conta os seus problemas intrínsecos, mas antes no processo de transformação da escola para que, em vários domínios (organização, recursos, currículo, diferenciação pedagógica, envolvimento dos pais e da comunidade) possa responder à diversidade humana, concretizando o grande desígnio de ser uma escola para todos.

(JMS).

### **\*EDUCOMUNICAÇÃO:**

Conceito em que a comunicação educacional e a educação comunicacional se intercetam e naturalmente se intrinsecam uma na outra, formando um tipo de comportamento e de atuação, de relacionamento e interação, em que ambas se indissociam num qualquer contexto interpessoal, seja no plano interlocutivo ou noutra qualquer modelo de interação, configuração ou forma comunicacional, adotando os necessários e adequados procedimentos específicos e sempre com o objetivo de se eliminarem dificuldades de ordem sociocognitiva no estabelecimento de entendimentos e de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

consensos, tanto quanto possível universalmente aceites.

- O desenvolvimento biopsicossocial, multissensorial e humano, bem como do conseqüente progresso do mundo global, está dependente de um tipo de conciliação (que deveria ser natural) de sinergias teórico/empíricas e humanas em torno dos conceitos de sentir e atuar, promover e implementar vontades e realizações numa perspectiva educacional, pedagógica e cultural. Este vital itinerário, na universalidade cognitiva, sociocomunicacional, multiétnica, no relacionamento e interação, assenta num dinâmico polinómio inclusivo, cujas essência e substância se traduzem na sincronização propulsora de cinco rodas dentadas entrosadas umas nas outras, simbolizando a educação como inter-relação entre a educação e a comunicação, achando-se a educação e a comunicação recíproca e indissociavelmente implícitas uma na outra e, ao mesmo tempo, consubstanciando-se nelas a cultura e a pedagogia comunicacional, numa simbiose de valores humanos e de cidadania promotora do coevolutivo desenvolvimento humano e do progresso em geral.

- O polinómio inclusivo em referência centra-se na funcionalidade e operacionalidade do sistema educacional, pedagógico e cultural das cinco rodas dentadas seguintes: «"Educação" = "Educação/Formação" + "Comunicação/TIC" + "Cultura" + "Pedagogia comunicacional"», que deverá continuar a ser refletido, aprofundado e aplicado, com o necessário rigor científico, em domínios essencialmente do âmbito de intervenção precoce e de atuação dos profissionais da comunicação e da educação.

- Em cada uma destas áreas/rodas envolventes da central, a da educação, podem ligar-se, sucessivamente e de forma continuada e talvez infinita, tantas áreas/rodas quantas as que resultarem da evolução do nosso saber e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conhecimento. Para a consecução deste objetivo, há que envolver nele, de mãos dadas, educadores de infância, cuidadores, comunicólogos, pedagogos, sociólogos, antropólogos, psicólogos, professores e técnicos de reabilitação, interventores nas diferentes áreas e tipologias da deficiência, ajudando a formar (formando-se) educomunicólogos que possam vir a corresponder às prementes e graves carências educomunicacionais, pedagógicas e culturais dos cidadãos, desde o berço à adultez, que caracterizam, às vezes de maneira absolutamente marginalizante, "nichos" da sociedade e a própria sociedade pela apatia em que se acomoda.



- O polinómio em referência, formado por cinco rodas dentadas encaixadas umas nas outras, sendo a central a da "educomunicação" e as outras quatro envolventes ("educação/formação", "comunicação/TIC", "cultura" e "pedagogia comunicacional", todas rodam em simultâneo seja qual for a que inicie o movimento) constitui o logotipo da marca EDLARS - Educomunicação e Vida, registada no Instituto Nacional de Propriedade Industrial (INPI), desde 2002.

(ADG).

**\*EDUCOMUNICAÇÃO ESPECIAL:**

Processo educativo e formativo especializado que se aplica a alunos (pessoas de todos os níveis etários e de conhecimento) com necessidades especiais, visando a eliminação de barreiras, que os impedem ou condicionam na participação nas atividades escolares, e de obstruções comunicacionais, sociocognitivas e de outra natureza qualquer, que os possam privar da necessária intercompreensão em conversas informais ou formais e procurar deixá-los, tanto quanto possível, esclarecidos sobre o assunto ou assuntos em contexto. Processo de relacionamento e de interação no ensino-aprendizagem de alunos com necessidades especiais, utilizando uma ajustada educação numa adequada comunicação e comunicando numa apropriada dimensão educacional.

(ADG).

**\*EDUCOMUNICAÇÃO INCLUSIVA:**

Processo inclusivo de educação e formação de crianças ou alunos com necessidades educativas especiais, eliminando barreiras que, na escola, impedem estes alunos de participar nas atividades escolares, e obstruções comunicacionais e de outra ordem, que, numa conversa informal ou formal ou num qualquer trabalho em aula com estes alunos, os mesmos não fiquem sem a esclarecida informação sobre o assunto ou assuntos em contexto, evitando marginalizações e discriminações destes alunos. A educomunicação inclusiva tem, por isso, como objetivos, criar condições a todos os níveis e para todos os alunos, os que têm necessidades educacionais especiais e todos os outros, para que possam aceder com equidade ao processo de ensino-aprendizagem e enquadrar-se, naturalmente, num qualquer contexto de aula ou de convívio escolar. A intercepção da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

comunicação na educação e vice-versa deve processar-se sempre de forma inclusiva, educando com a ajustada comunicação e comunicando, com a adequada linguagem aos diferentes níveis cognitivos e de dificuldades de aprendizagem, consoante o observável no grau de exigibilidade da turma nesse processo de ensino-aprendizagem para todos.

Em 1994, a Declaração de Salamanca deu indicações acerca de como podem as escolas favorecer o desenvolvimento e a aprendizagem de todos os alunos, evitando a marginalização e a discriminação.

Em 2006, o mesmo aconteceu com a Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência, subscrita por Portugal, em que se defende a necessidade de todas as crianças com NEE terem acesso à educação e devendo o sistema de ensino oferecer-lhes todas as condições necessárias ao seu desenvolvimento.

O enfoque do movimento da escola inclusiva não deve colocar-se apenas no aluno ou na criança, de acordo com os seus problemas intrínsecos, mas, sobretudo, no processo de transformação da escola, nos vários domínios, como organização, recursos, currículo, diferenciação pedagógica, envolvimento dos pais e da comunidade, para que ela possa responder à diversidade humana e concretizar o grande desígnio de ser uma escola para todos.

(ADG).

### **\*ELECTROSERTEC-ELECTRÓNICA E SERVIÇOS TÉCNICOS LDA (MOSCAVIDE E PORTELA):**

Fundada em 1990, em Portugal, a Sertec, designação por que é mais conhecida atualmente, é uma empresa de tecnologias e produtos acessíveis, essencialmente para pessoas cegas e com baixa visão.

A Electrosertec tem, como missão, melhorar a qualidade de

vida das pessoas com problemas de visão ou mobilidade, através do fornecimento de tecnologias de apoio e de serviços de formação e assistência.

Ver site: [www.sertec.pt/](http://www.sertec.pt/)

---

**\*ELO - JORNAL DA ASSOCIAÇÃO DOS DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS:**

Jornal da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA). Publicação sob diversas direções, incluindo a de Patuleia Mendes, cujo primeiro número em suporte áudio (correspondente ao número 148 do 12º ano de publicação em caracteres comuns) saiu em Outubro de 1986, sendo a produção áudio da responsabilidade do Centro de Produção de Material do Centro Regional de Segurança Social de Lisboa e Vale do Tejo. (ADG).

**\*EMPASTELAMENTO (Brasil):**

Junção ou sobreposição parcial ou total de linhas, dificultando ou impossibilitando a leitura. (JBC, FPO e FAM).

**\*ENGENHARIA DE REABILITAÇÃO:**

Este conceito tem algumas variações de interpretação entre profissionais e organizações, ao longo do tempo. Segundo o Conselho de Engenharia do Reino Unido, a Engenharia "é a profissão orientada para a prática de criação e manutenção de serviços, sistemas, aparelhos, máquinas, estruturas, processos e produtos destinados a melhorar a qualidade de vida, de forma efectiva e eficiente".

Com este entendimento de engenharia, "verificamos que tanto a Engenharia como a Reabilitação concorrem para uma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

finalidade comum: a melhoria da qualidade de vida."

A Lei da Reabilitação dos EUA (1973) define Engenharia de Reabilitação da seguinte forma (Rehab Act 1973): "Engenharia de Reabilitação é a aplicação sistemática das ciências da engenharia para projectar, desenvolver, adaptar, testar, avaliar, aplicar e distribuir soluções tecnológicas para os problemas com que se confrontam as pessoas com incapacidade em áreas funcionais como a mobilidade, comunicação, audição, visão e cognição e em actividades associadas ao emprego, vida independente, educação e integração na comunidade."."

Esta definição de Engenharia de Reabilitação inclui parcialmente algumas atividades de engenharia (projetar, desenvolver, adaptar, testar, avaliar, aplicar e distribuir soluções tecnológicas) e apresenta o tradicional entendimento da atuação da Engenharia de Reabilitação com a finalidade de resolver problemas relacionados com a funcionalidade humana em duas vertentes:

**1** - Funções do corpo (mobilidade, comunicação, audição, visão e cognição);

**2** - Atividades e participação (emprego, vida independente, educação e integração na comunidade).

«Sendo a Reabilitação, e por consequência a Engenharia de Reabilitação, uma área de intervenção multidisciplinar, que lida com seres humanos e com fenómenos sociais, é necessário aplicar, para além das ciências da engenharia, conhecimentos científicos e técnicos dominados por outros profissionais que actuam neste campo. Há também ciências afins ou próximas da engenharia (ergonomia, design de produtos e comunicação, arquitectura, etc..) que desempenham por vezes um papel equivalente ou complementar. Desta forma, consideramos ser mais correcto entender esta actividade como a aplicação da Ciência e da Tecnologia, do que apenas a aplicação das Ciências de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Engenharia.».

O conceito atual de Engenharia de Reabilitação «deve ter como referência o paradigma biopsicosocial da Funcionalidade Humana da CIF (2001), considerando também os factores ambientais que a influenciam.» [...] «Os factores ambientais podem ser características arquitectónicas, produtos e serviços, entre outros, cuja presença ou ausência podem constituir facilitadores ou obstáculos (barreiras) às actividades e participação das pessoas na sociedade. Neste contexto, a promoção da Acessibilidade e a tecnologia (produtos e serviços) desempenham um papel central como facilitadores da participação social e por conseguinte da funcionalidade humana.».

«Engenharia de Reabilitação é a profissão ou actividade orientada para a aplicação da ciência e da tecnologia na melhoria da qualidade de vida das pessoas com necessidades especiais, nomeadamente pessoas com deficiência e idosos. Envolve a Funcionalidade Humana, a Acessibilidade e a aplicação de qualquer tipo de tecnologia.».

[Recortado da Tese de Doutoramento "Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal", defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD.].

(FG)

### **\*ENVELHECIMENTO ATIVO:**

Conceito introduzido em 2002 pela Organização Mundial de Saúde (OMS), que o definiu como o «processo de otimização das oportunidades para a saúde, participação e segurança, para melhorar a qualidade de vida das pessoas que envelhecem» (p. 12). Este deve ser promovido quer a nível individual quer a nível coletivo.

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER", 2017).

**\*ENVELHECIMENTO SAUDÁVEL:**

«Processo de desenvolvimento e manutenção da capacidade funcional que permite o bem-estar em idade avançada» (Organização Mundial de Saúde - OMS -, 2015).

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER", 2017).

**\*ERGOFTALMOLOGIA:**

É o capítulo da Oftalmologia que tem por objetivo estudar o mínimo de esforço, com o máximo de rendimento, para a função visual. A relação que se verifica nos olhos entre si, destes em relação ao corpo humano e, por sua vez, num todo com o meio ambiente. Como fatores primordiais, temos a iluminação e postura do indivíduo.

(FBW).

**\*ESCOLA DE CÃES-GUIA PARA CEGOS (Em Mortágua):**

1995 - Candidatura da Escola Profissional Beira Aguireira de Mortágua ao programa Horizon/Feder, durante o qual se formaram em França 2 educadores de cães-guia, se iniciou a construção das instalações da escola, se organizou a equipa de trabalho e se deu início à educação dos cães-guia.

2000 - Terminado o projeto comunitário, nasceu a ABAADV - Associação Beira Aguireira de Apoio ao Deficiente Visual, associação sem fins lucrativos que continuou as ações já iniciadas.

(JDP).

**\*ESCOLA INCLUSIVA, DIVERSIDADE E EQUIDADE:**

Escola inclusiva, diversidade e equidade são três conceitos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

chave da contemporaneidade educacional, praticamente, a nível mundial. Tal significa que se constata uma preocupação global em proporcionar às novas gerações - e, em princípio, a cada criança e a cada jovem - um processo educativo que os capacite para uma participação bem conseguida na complexa sociedade da informação e conhecimento.

Cada um dos conceitos em apreço tem gerado múltiplas interpretações, facto que, por um lado, comprova o envolvimento interessado de grande número de atores educativos, mas que, por outro - devido à ausência de entendimento consensualizado - terá vindo a fragilizar o impacto efetivo da ação educativa em contexto real. Porém - e apesar de tudo - a investigação tem evidenciado progressos sensíveis no modo como os sistemas educativos têm vindo a responder equitativamente à diversidade dos alunos, promovendo, em consequência, a sua inclusão. Todavia, se é certo de que já se fez bastante a verdade é que ainda há muito para fazer, pois como atesta a UNESCO (2016) cerca de 263 milhões de crianças e jovens entre os 6 e os 17 anos - na sua maioria meninas - atualmente, não frequentam, atualmente, a escola.

Num exercício de análise do papel ou do lugar que estes conceitos ocupam no quotidiano educativo, julga-se fundamentado assumir que a diversidade se refere às pessoas, a inclusão ao processo dirigido a essas pessoas e a equidade ao efeito a produzir no ato pedagógico (metodologias e recursos) para que a diversidade se sinta incluída.

Retornando à reflexão sobre a explicitação compreensiva subjacente aos conceitos em análise, adianta-se que no âmbito educacional sempre que se fala de diversidade humana, fala-se de diversidade cultural, porque a outra - diversidade biológica - não emerge com tal proeminência. Efetivamente é a diversidade cultural que se manifesta nas interações entre as pessoas as quais neste relacionamento

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

constroem, transmitem, modificam e compartilham significados, sendo estes percebidos, positiva, ou negativamente, por parte dos sujeitos em diálogo (Oquina, & Velásquez, 2012). É, pois, sob uma abordagem intercultural que se manifesta e entende a diversidade humana através de processos de comunicabilidade entre as pessoas. Deste modo fica patente o papel nuclear que a interação comunicativa detém no que concerne à diversidade e sua inclusão, ou marginalização no contexto escolar.

Uma pesquisa que se faça com o objetivo de identificar quais os países que melhor têm concretizado no campo educacional a triangulação articulada da inclusão, diversidade e equidade, evidencia que o Canadá se encontra nos lugares primeiros, mormente, pelo trabalho desenvolvido na região de Ontário. Neste enquadramento, os serviços locais de educação assumem a diversidade como uma ampla gama de qualidades e atributos humanos dentro de um grupo, organização ou comunidade. Para aqueles serviços as dimensões da diversidade integram cultura, etnia, identidade de gênero, idioma, capacidade física e intelectual, raça, religião, sexo, orientação sexual e *status* socioeconômico (MINISTRY OF EDUCATION/ONTARIO, 2009). Como já se frisou, antes, estas dimensões ganham identidade e evidência mediante os processos dialógicos emergentes no seio dos grupos, organizações ou comunidades.

Já *no* que respeita à equidade, os serviços do *Ministry of Education* de Ontário preconizam que através deste processo se pretende proporcionar condições que igualem oportunidades de participação bem-sucedida no processo de aprendizagem. Assim, a equidade consubstancia uma forma de tratamento justo, já que ativa situações de atendimento desigual, precisamente para apoiar mais a quem de tal necessita para ter acesso e sucesso curriculares.

Finalmente -e para os mesmos serviços - a educação inclusiva

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

assenta no princípio da aceitação e valorização de todo e qualquer aluno, flexibilizando o currículo de forma a ajustá-lo aos estilos de aprendizagem da diversidade discente. Criam-se, assim, condições pedagógicas favoráveis à otimização do potencial de aprendizagem de cada aluno, independentemente das suas características pessoais.

A educação inclusiva é apanágio da chamada escola compreensiva, entendendo-se esta, como uma organização de ensino-aprendizagem que valoriza e acolhe a diversidade, ao mesmo tempo que procura, tendencialmente, suprimir, tanto a seleção como a segregação de alunos (Calero & Pérez Benasco, 2015). Sob esta lógica, todo o aluno usufrui de oportunidades de experienciar um gratificante sentimento de pertença à comunidade de acolhimento, com reflexos positivos na sua autoestima, motivando-o, intrinsecamente, para a aprendizagem.

Paralelamente, importa atentar que:

A educação inclusiva, com seu objetivo geral de satisfazer as necessidades comuns e especiais dos alunos, é um processo exigente em que elementos de dois tipos são combinados. Por um lado, elementos relacionados com a cultura, políticas e práticas das escolas; e por outro, elementos relacionados com os recursos humanos e materiais disponíveis, (Calero & Pérez Benasco, 2015, p.8).

Os alunos (diversidade) configuram, o centro da atenção educativa da toda a comunidade escolar que prossiga os princípios da inclusão e da equidade. Neste contexto, o currículo prefigura o meio de concretização dos referidos princípios, desde que devidamente adequado aos diferentes estilos de aprendizagem inerentes à diversidade dos alunos. Mas - se bem que determinante - não é suficiente priorizar o foco curricular. Efetivamente, as instituições de formação inicial de professores também se devem esforçar no sentido de recrutar professores com deficiência, com diversidade

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

cultural, imigrantes e com outras tipologias. Ou seja, imperativo que os professores representem, eles próprios, a diversidade que a filosofia de inclusão pressupõe (UNESCO, 2017).

Em síntese, refere-se que uma escola se torna inclusiva quando adapta a sua organização e funcionamento à diversidade discente, assumindo o objetivo primordial de responder com qualidade às necessidades comuns e específicas da totalidade dos seus alunos. Neste quadro, figura a equidade como processo estratégico da consecução daquele objetivo

Fontes consultadas:

MINISTRY OF EDUCATION/ONTARIO (2009). Realizing the promise of diversity: Ontario's Equity and inclusive education strategy. Ontário; MINISTRY OF EDUCATION <<http://www.edu.gov.on.ca/eng/policyfunding/equity.pdf>> Acedido em 2 de maio de 2018.

Olina, F. & Velásquez, S. (2012). Equidad y diversidad en la Educación Obligatoria. Revista de Educación, 358. maio-agosto, pp. 12-16

UNESCO (2016). Relatório de Seguimento da Educação no Mundo. Paris: UNESCO

(JMS).

### **\*ESCORREITO:**

Ver **Normal**.

### **\*ESCRITA:**

Representação graficofonética dos signos linguísticos/oralidade, através dos diversos alfabetos ou formas e processos de representação.

(ADG).

**\*ESCRITA BALLU:**

Processo de escrever caracteres comuns através de pontos sulcados com um punção numa régua própria, baseado no formato da escrita de imprensa. Ver Régua Ballu. (ADG).

**\*ESCRITA INTERLINHAS (Brasil):**

Ver **Interlinhas**.

**\*ESCRITA INTERPONTADA (Brasil):**

Ver **Interponto**.

**\*ESCRITA EM RELEVO LINEAR:**

Processo de escrita em caracteres comuns sulcados em papel, inventado por Valentin Haüy (o primeiro dos geniais precursores de Louis Braille e o pai da institucionalização da educação das pessoas cegas no mundo), para a materialização de textos e livros em relevo linear que pudessem ser lidos por pessoas cegas.

Servindo-se de caracteres móveis, Lesueur (o primeiro aluno cego de Valentin Haüy e base referencial para o seu projeto) aprendeu a conhecer as letras e algarismos, a combinar os caracteres para formar palavras e números e a construir frases. Mas um dia, quando apalpava papéis que estavam sobre a secretária de Haüy, Lesueur encontrou um cartão de visita em que a impressão apresentava algum relevo e identificou logo um "o". Excitado com a descoberta, apressou-se a participá-la ao mestre, o qual, não menos entusiasmado, gravou no papel, com o bico do cabo da sua pena, diversas letras, que Lesueur reconheceu sem qualquer hesitação. E assim surgiu a ideia da impressão em relevo, que Valentin Haüy concretizou pouco depois, "fazendo fundir caracteres adequados e concebendo ainda um dispositivo especial para tintagem dos relevos, o que tornava os livros facilmente utilizáveis também pelos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

videntes. Com a produção destes livros pretendia dar a cada um dos seus alunos a possibilidade de constituírem a sua própria biblioteca e, por outro lado, esperava também que os cegos pudessem dedicar-se ao ensino de crianças videntes."

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

(ADG).

### **\*ESCRITA SIMPLIFICADA:**

Este é um conceito que está em fase emergente na Europa, e que consiste essencialmente na simplificação dos textos, para que possam ser entendidos por uma população mais vasta, que inclui:

- Pessoas com baixa literacia.
- Pessoas idosas.
- Pessoas com *deficit* cognitivo.
- Pessoas estrangeiras.

A transformação de textos em escrita simplificada obedece a um conjunto de regras e recomendações internacionalmente estabelecidas.

(AR).

### **\*ESPECTRO DO AUTISMO (Ou Perturbação do Espectro do Autismo):**

Termo usado como designação categorial de algumas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

perturbações do desenvolvimento infantil; sendo ampla a variação de manifestações do "autismo", causadas pelas diferentes combinações de influências genéticas e ambientais, o conceito de "espectro" veio refletir a diversidade de áreas de dificuldade e de competência, demonstradas pelas pessoas com o síndrome. Assim, a partir de 2013, com a publicação do manual de diagnóstico DSM-V (American Psychiatric Association (2013). *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders* (Fifth ed.). Arlington, VA: American Psychiatric Publishing), o termo "perturbação do espectro do autismo" passou a descrever um conjunto de condições clínicas que apresentam duas categorias-tipo de sintomas: "Défices na comunicação e interação social" e "padrões de comportamento, de interesses e de atividades, restritos e repetitivos". Redefiniram-se nosologicamente algumas perturbações do desenvolvimento infantil, de modo a integrar diferentemente, os anteriores diagnósticos de (DSM-IV-tr): Autismo, síndrome de Asperger, perturbação global do desenvolvimento não especificada de outro modo, perturbação desintegrativa da infância e síndrome de Rett; estas duas últimas categorias diagnósticas não estão atualmente incluídas no conceito de "espectro do autismo". Todas as perturbações referidas evidenciam défices sociais, dificuldades na comunicação, comportamentos e interesses repetitivos e estereotipados, reações sensoriais específicas e, em alguns casos, níveis de funcionamento cognitivo, dificultados. (EGP).

### **\*A ESPIGA - BOLETIM TRIMESTRAL DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DE EMPREGO DE DEFICIENTES VISUAIS:**

Boletim Trimestral da Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais (APEDV). Publicação sob a direção de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Assis Milton, editada em braille integral, em suporte áudio e a tinta, cujo primeiro número saiu em Julho de 1990. Publica essencialmente artigos de natureza tiflológica e muito em especial trabalhos da responsabilidade dos formandos desta Associação.

(ADG).

### **\*ESPIRAL - REVISTA DE DIVULGAÇÃO CULTURAL DA ACAPO:**

Revista de Divulgação Cultural. Publicação sob a direção de José Adelino Guerra e propriedade da ACAPO, de periodicidade trimestral, tendo o primeiro número (correspondente a Janeiro-Março) saído precisamente em Janeiro de 1995. Trata-se de uma publicação impressa em braille integral, em suporte áudio e também disponível em disquete, baseada fundamentalmente na recolha de textos em publicações especializadas impressas a tinta. É mais uma "Espiral" a juntar, designadamente, à "Espiral: Cadernos de Cultura: Movimento das Áreas Culturais de Língua Portuguesa", de António Quadros, à "Espiral", de Aguiar e Dias, e à "Espiral", da Associação Amigos Shalom.

(ADG).

### **\*ESTENOGRAFIA BRAILLE:**

Escrita braille em que os vocábulos se representam por sinais que significam grupos de letras, palavras e expressões (Grau 2).

(FPO, OJM, VC e CB).

### **\*ESTEREOTIPADO:**

Convertido em estereótipos.

(FPO).

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*ESTEREOTIPADORA:**

Máquina para estereotipar.  
(FPO).

**\*ESTEREOTIPAR:**

Imprimir por estereotipia, converter em estereótipos.  
(FPO).

**\*ESTEREOTIPIA:**

Ver **Estereotipia Braille**.

**\*ESTEREOTIPIA BRAILLE:**

Processo pelo qual se gravam placas em relevo braille (ou estereótipos), para a impressão de textos e outros relevos.  
(FPO, OJM, VC e JAB).

**\*ESTEREOTIPISTA:**

Aquele que procede à estereotipia.  
(FPO e JAB).

**\*ÉTICA NA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL E EM CIDADANIA INCLUSIVA:**

No âmbito de uma análise (que publicámos) do ponto de situação da auto regulamentação publicitária (que fizemos) em Portugal, separando, por um lado, algumas considerações sobre as necessidades de auto regulação e ética empresarial com incidência na atividade publicitária, e, por outro lado, a auto regulação da publicidade portuguesa, num estudo comparativo com Espanha e Inglaterra, emerge o conceito de ética da comunicação empresarial, sendo este conceito, de modo muito sucinto, objeto de reflexão para elaborarmos esta Entrada no Dicionário em referência.

Sendo, nos dias de hoje, a ética empresarial uma preocupação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

das empresas, essa preocupação faz-se sentir, de uma maneira especial, na publicidade. Neste domínio, a ética empresarial deve ser um dos elementos visíveis, pelas suas características de atividade comunicativa, junto dos públicos mais diferenciados (em que também devem ter-se em conta as condicionantes ou especificidades funcionais de natureza diversa de cada um), exigindo o respeito por padrões éticos, cuja definição não é fácil devido aos valores e interesses que podem ser antagónicos entre os diversos atores e organizações que se relacionam diretamente com a atividade. Por esta razão, os organismos de auto regulação em publicidade surgem tardiamente na Europa (no início da década de 80 do século XX), tendo sido a Inglaterra o primeiro país a implementá-los. Note-se, no entanto, que anteriormente existia já alguma auto regulação na publicidade, nos países que adotaram o manual de boas práticas comerciais da ICC (Internacional Chamber of Commerce), que contém alguns artigos relativos à publicidade, nomeadamente no que respeita às práticas de publicidade comparativa e enganosa.

Todos os sistemas de auto regulação publicitários na Europa são provenientes de um acordo tripartido entre os intervenientes do processo publicitário: Anunciantes, Agências de Publicidade e Meios de Comunicação. Estes organismos integram um Júri de Ética Publicitária, que tem de ser constituído por juristas e especialistas de publicidade que já não possuam ligações profissionais à atividade a fim de garantir a sua isenção na apreciação das queixas. Quer a constituição quer o funcionamento destes organismos obedecem a nítidas preocupações éticas.

A discussão em torno do conceito de ética já provém da antiguidade grega e, ainda hoje, continuam a surgir novas conceções no seu alcance, quer baseadas na filosofia quer em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

várias ciências, como na psicologia, na sociologia e na neurobiologia. Parafraseando Damásio (1994), ao pôr em evidência a base biológica da consciência, o problema da ética não é apenas uma questão cognitiva de fundamentação racional, numa teoria do ser, mas traduz-se numa questão que envolve sentimentos e emoções, que determinam interesses e valores, entre eles os valores morais.

Aceitamos a definição de ética, como um conjunto de princípios e valores morais que orientam a conduta do indivíduo e que, tendo origem social, podem variar consoante a cultura em que esse indivíduo está inserido, constatação que nos podia levar ao conceito de Intercultural Information Ethics, cada vez mais importante na globalização da comunicação e da própria atividade publicitária. Mas há alguns autores que distinguem "moral" e "ética", reservando para a "ética" o domínio dos valores que a ação deve respeitar para ser considerada justa e boa. No fundo, ética e moral têm uma inter-relação absolutamente indispensável e, em termos operacionais e funcionais na relação humana, parecem ser indissociáveis. Neste contexto, cabe também referir que entendemos o conceito de deontologia como sendo o conjunto de regras e de normas de comportamento que regulam o exercício de uma atividade profissional, concebidas pelas suas organizações de classe e aceites pelos seus membros como disposições vinculativas. É por isso que, na área da comunicação e da informação existem os códigos deontológicos dos jornalistas, publicitários e profissionais de relações públicas.

Também poderíamos implicar aqui um envolvimento ético-estético-cultural, sustentados em Hegel, Heidegger, Nietzsche, Thomas Mann, Benjamin, Calvino, mas, restringindo-nos à ética empresarial, baseando-nos em Charles Holme (2008), definimos a ética empresarial como

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

um conjunto de princípios morais que permite chegar a uma decisão acerca dos valores da organização. As empresas adotam esses princípios morais para conseguir maiores contrapartidas junto dos mercados onde atuam. Por analogia com uma distinção encontrada numa obra de Heidegger, a empresa pretende seguir uma moral como fator de recompensa, apresentando-se aos consumidores como uma empresa que possui estes valores, os quais contribuem para aumentar a sua credibilidade, evitando, por vezes, o sentimento de culpa (descrito pelo autor como o sentimento de alguém que deve algo a outro) das empresas menos responsáveis.

A questão da ética empresarial só é possível se houver uma formação de base nos colaboradores que a compõem, formação que, segundo Piaget, acompanha o desenvolvimento do indivíduo e que a escola poderá estimular, ajudando a criança a passar de heteronomia à autonomia moral. Porém, outras correntes da psicologia, como a de Kohlberg, consideram que o desenvolvimento moral prossegue na idade adulta e, por isso, faz todo o sentido que a universidade continue a formar moralmente os seus estudantes e, em especial, a prepará-los para uma reflexão crítica sobre os problemas deontológicos das suas futuras profissões. Neste sentido, gostaríamos de citar Donald Schön (1992) que afirma que a formação profissional da universidade deve incluir, pelo menos, três componentes: conhecimentos especializados na área de estudo em questão; habilidades técnicas de atuação; um marco de conduta profissional. Aceitamos em pleno esta afirmação, mas temos de admitir que esta necessidade não é transposta para a realidade. Derek Bok discute a questão de ser quase inexistente o ensino da ética nas universidades norte-americanas e os problemas que isso causa às profissões (situação comum aos outros países ocidentais). Afirma que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

«o principal âmbito de um curso não é dar respostas correctas, mas sim contribuir para que os estudantes sejam mais perceptivos ao identificar problemas éticos quando se apresentam melhor informados das melhores teorias morais acumuladas em pensamento ético, e mais equipados com razões sobre as dimensões éticas para fazer face à sua própria vida pessoal e profissional» (p. 73).

Também Augusto Hortal é desta opinião, ao afirmar que a universidade deve ajudar o estudante a refletir sistematicamente sobre o serviço (principais obrigações e possíveis conflitos éticos) com que irá confrontar-se, se quiser assumir responsavelmente o exercício da sua profissão em benefício da sociedade.

Os profissionais não podem ser pessoas passivas, que se limitam a executar acriticamente as decisões que outros tomam por si. São diversos os autores que explicam como a ética se funde em qualquer atividade profissional e que a sua formação universitária é deficitária. Podemos referir autores como Appenbaum, D., Lawton, S.V., *Ethics and the Professions*, N.J., Prentice Hall, 1990. Sockett, H., *The moral base for teacher professionalism*, N.Y., Teachers College Press, 1993. Altarejos, F., outros, *Ética Docente*, Barcelona, Ariel, 1998. Gostaríamos, ainda, de citar Simon que alerta para a dificuldade do ensino da ética nas escolas. Segundo este autor, a neutralidade do professor na formação ética dos estudantes, não só é uma ilusão, como uma abdicação da responsabilidade moral e da obrigação de atuar de uma forma moralmente apropriada. Ora, na formação universitária dos publicitários, essa formação ética é mais necessária, dado tratar-se de um domínio novo de estudos sem tradições estabelecidas nessa área e por se tratar de uma atividade que envolve grandes conflitos de valores, nem sempre de fácil resolução. Conflitos que envolvem não só discrepâncias de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

valores dos operadores, como põem em conflito a criatividade e o direito de livre expressão dos publicitários e algumas regras, por vezes arbitrárias, das várias entidades envolvidas.

Por isso, no que concerne à ética publicitária, são muitas as universidades que introduziram esta disciplina nos seus cursos de 1º ou 2º ciclo. Esta preparação profissional permitirá a construção de um ideal de serviço dos profissionais e definição de uma identidade profissional, o que se nos afigura ser uma condição importante para que os profissionais possam contribuir de maneira crítica e construtiva para a elaboração das normas de auto regulação das instituições que os representam.

Parece-nos pertinente referir, a propósito da defesa que fizemos da preparação universitária no domínio da ética, a obra de Cornélius Pratt. Comparando as aspirações profissionais do futuro de alunos universitários de publicidade, que frequentaram uma disciplina de ética, com as daqueles que a não frequentaram, conclui-se que é bem patente a diferença de perspectiva desses alunos, no que se refere ao seu futuro na atividade publicitária, manifestando os primeiros maior consciência da complexidade das situações e maior sentido da responsabilidade.

Poderíamos, neste contexto, aprofundar pormenores como:

**a)** Quando falamos de auto regulação da publicidade, emprestamos-lhe o sentido contido na definição de auto regulação publicitária da EASA (European Alliance for Standards of Advertising), que congrega todos os organismos de auto-regulação dos países europeus.

**b)** Sem nos esquecermos que vivemos num espaço comum europeu, assente em interesses económicos, mas também em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

partilha de valores, não podemos, também, esquecer que vivemos numa sociedade nacional com as suas particularidades culturais e económicas, o que determina que as mesmas regras originem cumprimentos e desvios diferentes.

Todavia, não nos desviando da essência comunicacional em que nos enquadrámos, a ética da comunicação empresarial, ou seja em que âmbito e circunstâncias for, deverá assumir sempre uma função preponderante na conciliação de princípios conducentes ao desenvolvimento e progresso das instituições, das organizações, das empresas, das sociedades civil e sociopolítica, à união saudável entre os povos. Princípios que possam conduzir-nos ao estabelecimento de consensos, visando a harmonia social e sociopolítica tão amplas quanto possível, itinerário que deve começar no berço, continuar na escola, na universidade, na empregabilidade, na sociedade, ao longo da vida, onde todos possam ter a natural legitimidade para viver, conviver, trabalhar, sem se sentir afetado pelo fenómeno da desvantagem social ou da marginalização infundada, decorrente da, por vezes, impreparação ética, moral, cultural, educativa, comunicativa e sociocognitiva. Onde haja equidade e o conceito de inclusão possa ter um alcance tão holístico quanto possível, em que a humanidade e a humanização aconteçam em cidadania e sem reservas.

"Quando agimos eticamente, devemos ser capazes de justificar o que estamos a fazer, e essa justificação deve ser tal que possa, em princípio, convencer qualquer ser razoável" (Singer, 2006: 308).

Referências Bibliográficas:

Bok, D. (1990), *Universities and the future of America*, Durham, Duke University Press

Damásio, A. (1994), *O Erro de Decartes*, Lisboa,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### Publicações Europa-America

Estrela, R., (2004). *A Publicidade no Estado Novo: Simplesmente Comunicando*. Lisboa: vols. 1 e 2.

Heidegger, M., (1987), *Being and Time*, Oxford, Basil Blackwell.

Hortal, A. (1994), *Seven theses on professional ethics*, nº3, Ethical Perspectives

Holme, C. (2008), *Business ethics: Does it Matter?*, *Industrial and Commerce Training*, vol 40.

James, E. Lincoln, Pratt, Cornelius B. (1994), *A Factor Analysis of Advertising Practitioners: Perceptions of Advertising Ethics*, nº4, *Journal of Mass Media Ethics*.

Schôn, D. (1992), *La formación de profesionales reflexivos*, Barcelona, Paidós.

Simon, R. (1994), *Neutrality and the academic ethic*, Boston, Rowman & Littlefield, pp. 97.

Singer, P., (2006). *Como Havemos de Viver?: A Ética numa Época de Individualismo*. Lisboa: Dinalivro.

Unesco, (1997) «*First internacional congresso of ethics, legal, and societal aspects of digital information*».

(RE).

### **\*EXPOSIÇÃO «JANGADAS, PIROGAS E EMBARCAÇÕES DO MUNDO»:**

Exposição do Mestre Elídio Carapeto realizada nos dias 24 de Novembro a 19 de Dezembro de 1994, no Padrão dos Descobrimentos, e organizada pelo GRC e UITI ao abrigo do Protocolo Científico-Cultural outorgado entre a CML e aquela Universidade.

(ADG).

**\*EXTEROCEPÇÃO:**

Conjunto de sentidos sensoriais aferentes e distais, ditos exteroceptivos, como a visão, a audição, o olfacto, o gosto, o tacto e o cinestésico (sentido do movimento), para além da pele e seus derivados, que são por definição: extrassomáticos, conscientes, observáveis e auto-controláveis.

A exterocepção envolve igualmente as sensações do tocar (sentido háptico), da pressão, da vibração, da temperatura, das dores, etc., que são transmitidas somatotopicamente e centripetamente, cujas aferências nociceptivas se propagam até ao córtex parietal (sentido táctilo-cinestésico), ao córtex occipital (sentido visual) e ao córtex parietal (sentido auditivo), passando previamente pelos núcleos da ponte e do tálamo.

No seu conjunto neurofuncional, tais sentidos captam e recebem estímulos fora do corpo e dão a informação ao cérebro que os seres humanos necessitam para atuar e interagir com o mundo exterior ou envolvente.

(VF).

## **F**

### **\*FEDRA:**

Ver Federação das Doenças Raras de Portugal.

### **\*FEDERAÇÃO DAS DOENÇAS RARAS DE PORTUGAL (FEDRA):**

A FEDRA é uma Federação de Associações de Doenças Raras, constituída em 2008 e encontra-se integrada na ALIBER e no EURRODIS.

Ver site: <https://fedra.pt/>

### **\*FEDERAÇÃO NACIONAL DE COOPERATIVAS DE SOLIDARIEDADE SOCIAL (FENACERCI):**

Fundada em abril de 1985, a FENACERCI é uma instituição de utilidade pública que representa as Cooperativas de Solidariedade Social, espalhadas por todo o país que facultam atendimento, direta ou indiretamente, a crianças, jovens e adultos com deficiência intelectual e/ou multideficiência.

Esta instituição nasceu dez anos depois da criação da primeira CERCI (Cooperativa de Educação e Reabilitação de Cidadãos Inadaptados).

Ver site: <https://www.fenacerci.pt/>

### **\*FEDERAÇÃO PORTUGUESA DAS ASSOCIAÇÕES DE SURDOS (FPAS):**

Criada em 20 de dezembro de 1993, a sua missão é promover, defender, realizar e apoiar ações que contribuam para o desenvolvimento das Associações de Surdos e da Comunidade Surda, para assegurar e efetivar a plena cidadania e a igualdade de oportunidades, e para suprimir as barreiras que impedem o exercício dos seus direitos e deveres.

Ver site: [www.fpasurdos.pt/](http://www.fpasurdos.pt/)

**\*FEDERAÇÃO PORTUGUESA DE AUTISMO (FPDA):**

Tem como missão a representação das Instituições suas filiadas, por forma a defender incondicionalmente os direitos das pessoas com Perturbações do Espectro do Autismo.

Ver site: [www.fpda.pt/](http://www.fpda.pt/)

**\*FENACERCI:**

Ver **Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social.**

**\*FERNANDO DA SILVA:**

Ver **Silva, Fernando da.**

**\*FILA DIREITA (Braille):**

O conjunto dos pontos que se formam no lado direito da célula braille.

(FPO, ADG, VC e JAB).

**\*FILA ESQUERDA (Braille):**

O conjunto dos pontos que se formam no lado esquerdo da célula braille.

(FPO, ADG, VC e JAB).

**\*FILIPE PEREIRA OLIVA:**

Ver **Oliva, Filipe Pereira.**

**\*FITA MAGNÉTICA:**

Ver **Bobina Aberta de Fita Magnética. Cassete Áudio.**

**\*FORMAÇÃO DE PROFESSORES EM EDUCAÇÃO ESPECIAL:**

Sendo a escola vista atualmente como uma escola compreensiva, onde se incluem TODOS os alunos, e cuja

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

ação educativa se centra na individualidade do aluno, na sua pessoa como sujeito e com um papel ativo na sociedade, e em que os professores fazem parte do processo de mudança da escola e do seu próprio papel nesta, o tipo de formação, para atingir estes objetivos, centra-se num modelo não categorial. Nesta perspetiva, os conteúdos teóricos são imprescindíveis e necessários, mas a componente prática tem de ser uma vertente não esquecida, dado que é também através dela que o futuro professor constrói o pensamento prático e a capacidade de compreender as situações complexas e ambíguas, emergentes da prática, para a tomada de decisões razoáveis, inteligentes e pensadas.

A prática, a reflexão e a investigação sob o trabalho diário aparecem como o ponto de partida e o eixo em torno do qual deve girar esta formação. Uma formação assente na lógica não categorial promove a “descategorização” da formação, focalizando-a nas necessidades individuais do aluno, numa perspetiva de reforçar as semelhanças, e centra as competências do futuro professor no ato educativo e não na deficiência da criança.

Os programas formativos não categoriais perspetivam a formação de professores em destrezas e habilidades necessárias para trabalhar no âmbito da educação inclusiva, como seja em métodos de ensino cooperativos, competências de conhecimento, que vão desde conteúdos e estratégias didáticas até competências mais específicas de intervenção, como adaptações de currículos entre outros.

Quer a formação inicial quer a contínua, deve ter por base as necessidades emergentes da prática, uma formação mais centrada na escola, na investigação-ação, na prática reflexiva e no desenvolvimento organizativo da escola. A escola é entendida como local de resolução dos problemas e os professores como práticos reflexivos, cujas estratégias a utilizar serão aquelas que promovam processos de formação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

num clima de cooperação e colaboração entre profissionais. Também a formação especializada deve ter como eixo fundamental o trabalho cooperativo e interdisciplinar, a prática, a reflexão e a investigação-ação sobre o trabalho diário do professor no ativo. (MHM).

### **\*FORMADOR DE LÍNGUA GESTUAL:**

Em definição.  
(MJF).

### **\*FONTE BRAILLE:**

Tipo de letra utilizável em computador para simular a escrita braille.  
(ADG, FPO, JAB e VC).

### **\*FONTE DE INFORMAÇÃO:**

Pessoa ou documento que fornece dados informativos para o trabalho do jornalista. Origem ou base de uma informação. A sua relação com os jornalistas tem sido objeto de numerosos estudos teóricos, pela complexidade de formatos que este relacionamento implica. A história do jornalismo moderno revela que há uma tendência de diversificação do perfil das fontes de informação.

[Recortado do "Dicionário de Ciências da Comunicação", sob a coordenação de Włodzimierz Józef Szymaniak, editado pela Porto Editora em 2000.].

### **\*FONTE OFICIAL:**

Modelo de fonte de informação legitimada para essa função pelo cargo hierárquico que ocupa numa organização. Durante muito tempo - e até às mudanças estruturais provocadas pela segunda vaga do Novo Jornalismo, na década de 60 - este era o único tipo de fontes de informação aceitável pela

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

generalidade dos meios de comunicação para servir de base à construção de um texto jornalístico. A possibilidade de poder responsabilizar as fontes oficiais pela veracidade das suas informações é um meio usado para tentar controlar a credibilidade do produto jornalístico. No jornalismo actual, as fontes oficiais desempenham cada vez mais apenas a função de expressão de posições institucionais sobre os assuntos tratados nos textos informativos.

[Recortado do "Dicionário de Ciências da Comunicação", sob a coordenação de Włodzimierz Józef Szymaniak, editado pela Porto Editora em 2000.].

### **\*FORMADOR DE LÍNGUA GESTUAL:**

Em definição.

(MJF).

### **\*FORMATO DAISY:**

Ver **DAISY**.

### **\*FORUM INTERACTIVO INCLUSIVO O "MUNDO DA VIDA":**

Sustentámos em 2007, e continuamos na mesma convicção, que "a humanidade tem de ser persistente e inovadora na transformação de mentalidades e das sociedades, na significação e legitimação do sentido social para a vida de todos os cidadãos. Para que esta prerrogativa se torne pragmática e eficaz, temos que nos assumir todos num fórum permanente e interactivo, inclusivo e produtivo, promotor e vivificante da vida onde todos possam ter naturalmente lugar."

Foi neste contexto que o Gabinete de Referência Cultural da CML criou o Fórum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida", tendo-se realizado a primeira edição *online* em 19 de Julho de 2007, considerando-se um relevante Projeto

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

municipal que envolvia sinergias institucionais para a inclusão, ocorrendo na primeira quinta-feira de cada mês, das 11 horas, ou mais cedo, às 13 horas, e sendo cada sessão constituída por uma conferência a cargo de um ou mais oradores/investigadores de reconhecida competência científica e pedagógica na matéria escolhida para abordar em cada sessão, com um debate de ideias no final, extensivo a todos os presentes in loco e via on-line, mas ficando sempre acedível num espaço da Internet para os interessados no assunto, que não podiam deslocar-se das suas casas, sobretudo por dificuldades de mobilidade. Todas as sessões tinham registo de som e imagem e tradução simultânea em Língua Gestual Portuguesa, e realizavam-se no Auditório da Biblioteca Municipal «Orlando Ribeiro». O evento abriu, na sua primeira sessão, com a Conferência "Desenvolvimento Social e o Reforço das Políticas de Inclusão e Solidariedade Activas", pela Dra. Rosa Maria Araújo, então Diretora do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa.

Na origem deste Forum, atendeu-se também ao facto de 2007 ser o "Ano Europeu para a Igualdade de Oportunidades" para Todos os Cidadãos e de Portugal ter a presidência da União Europeia no 2º semestre daquele ano, o que poderia ajudar, a nosso ver, a impulsionar - no plano das políticas de inclusão em discussão no nosso país, na Europa e no mundo - o esforço das sociedades, no sentido de adoptar as orientações comunitárias para promover a eliminação de todo o tipo de obstruções sociais, incrementando a consciencialização sobre os problemas das pessoas com deficiência.

Em nossa opinião, a comunicação é uma valência vital humana que aproxima as pessoas e as sociedades entre si e é a base principal que nos ajuda a compreender e a utilizar a necessidade inata (o relacionarmo-nos e o interagirmos) no trabalhar e promover todas as condições que nos possam fazer justificar a importância da inclusão a todos os níveis, o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

que acaba por se traduzir nesta emblemática iniciativa municipal, como contributo para uma Lisboa e um horizonte em banda larga mais inclusivos, refletindo o empenho da Câmara Municipal de Lisboa, numa singular parceria com o Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa, Colégio António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, bem como de outras universidades, associações de e para deficientes que viessem a estabelecer acordos de parceria nas áreas temáticas deste Forum. A efetiva realização deste evento deve-se ao solidário compromisso institucional interno, na confluência e partilha de contributos científicos e tecnológicos, técnico-culturais e de divulgação, entre o Gabinete de Referência Cultural (organizador) da Direção Municipal de Cultura, a Divisão de Novas Tecnologias do DMAGI, a Divisão de Projectos e Execução de Obras de Instalações Eléctricas e Mecânicas do DCCIE e a Divisão de Comunicação e Imagem de Apoio à Presidência da CML. Não podemos deixar de expressar aqui a nossa estranheza pelo facto do Forum ter saído do espaço em que estava localizado e da acessibilidade e usabilidade dos seus conteúdos, sobretudo pelas pessoas com dificuldades de mobilidade e comunicacionais especiais. Estava disponível, deixou de o estar em 2010, no sítio <http://mundodavida.cm-lisboa.pt> para os interessados e impossibilitados de estar presentes no tempo da respetiva transmissão, principalmente aqueles que têm dificuldades de mobilidade, autonomia e independência.

Tratava-se de um evento mensal *online*, fundado e sob a direção científica de Augusto Deodato Guerreiro, que funcionou de 2007 a 2010, sempre com introdução, enquadramento teórico/empírico, dinamização do debate e conclusão por parte do seu diretor.

Infelizmente, há um número crescente e inimaginável de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

peessoas, grupos e comunidades até, para cima de um milhão de pessoas em Portugal e mais de 50 milhões na Europa, que não podem deslocar-se das suas casas para assistir e participar em eventos devido a condicionamentos na sua mobilidade, autonomia e independência. Este Forum *online* foi concebido e posto em funcionamento para também permitir a essas pessoas a acessibilidade e participação em iniciativas culturais e eventos técnico-científicos do seu interesse, estando, de modo inclusivo, em plenos direitos de cidadania a partilhar naturalmente conhecimentos e saberes, relacionando-se, interagindo, comunicando.

Portanto, o objetivo deste Forum era contribuir para a ampliação da utensilagem mental de todos os cidadãos, em igualdade de circunstâncias e de oportunidades, num sistema dinâmico de equidade, apelativo e inovador para o acesso ao saber e conferência de saberes. Simultaneamente, o Forum funcionava como um instrumento/mais-valia de sensibilização pública para o esclarecimento e natural inclusão dos cidadãos com "desafios" (sensoriocognitivos, físicos e outros, que os colocam em desvantagem social e que os podem condicionar profundamente no relacionamento e interação, na comunicabilidade e vida em comum.

Há tanta gente isolada e triste em casa, numa solidão mortífera, privada do convívio social e da partilha de conhecimentos... sem a satisfação de poder falar ou desabafar com alguém... Bem se sabia, e sabe-se, que, por intermédio de dispositivos especiais, humanos e infotecnológicos devidamente testados e implementados para esta população comunicar e partilhar o que sabe com os outros, a mesma seria abrangida de forma adequada por este Forum...

Para podermos ter uma ideia dos diferentes temas abordados e respetivos preletores intervenientes neste Forum *online*, indicamos a seguir, por ordem alfabética, os títulos dos principais temas apresentados na forma de conferência:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "À Beira dos 200 Anos do Nascimento de Louis Braille: O Braille em Portugal", pelos Investigadores/Especialistas Dr. Orlando Monteiro, Dr. Filipe Oliva, Prof. Vítor Coelho e Prof. Deodato Guerreiro.
- "O Ano Europeu da Inovação e da Criatividade: Perspectivas", pelo Dr. Adalberto Fernandes (INR, I.P.).
- "Comportamento das Bibliotecas Públicas em Portugal como Objeto de Inclusão", pelo Professor Doutor Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva (ULHT).
- "Comunicação e Cultura Inclusivas e Qualidade de Vida", pelos Professores/Investigadores Deodato Guerreiro, com a comunicação "Competência Comunicacional e Cultural para Promover a Inclusão e Consequente Qualidade de Vida"; Bragança de Miranda, com a comunicação "Envolvência da ECATI/CICANT da ULHT nas Linguagens Especiais e Tecnologias de Apoio"; António Rebelo, com a comunicação "Importância do Desenvolvimento de Competências Comunicacionais Aumentativa e Alternativa para a Inclusão"; Jorge Serrano, com a comunicação "Efeitos Sociais na Qualidade de Vida e Inclusão das Competências Comunicacionais, Sensoriais e Cognitivas".
- "Comunicar com Autismos", pelo Professor Doutor Edgar Pereira (ULHT).
- "Comunicar com a Pessoa Surdocega", pelos Prof. Doutor António Rebelo, Dra. Fátima Martinho e Dra Helena Alves.
- "Conivência Indissociável Oftalmológica entre Portugal e Brasil", pelo Médico Oftalmologista e Investigador Dr. Fernando Bivar Weinholtz.
- "O Contributo da Fundação AFID Diferença para a Melhoria da Qualidade de Vida das Pessoas com Deficiência ou Incapacidades", pelo Dr. Domingos Rosa (Presidente do Conselho de Administração desta Fundação).
- "O Contributo de Portugal para a Igualdade de Oportunidades para Todos", pelo Dr. Adalberto Fernandes

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(INR, I.P.).

- "Um Coração para Todas as Idades: De Bebê Desejado a Centenário Activo - Manual de Instruções para Boas Práticas de Saúde", pelo Professor Doutor Fernando de Pádua.
- "Crianças e Jovens com Incapacidades no Âmbito da Convenção dos Direitos das Pessoas com Deficiência", pelo Dr. José Madeira Serôdio (INR, I.P.).
- "Criatividade e Inovação nas Organizações", pelo Professor Doutor João Pissarra (CML).
- "Da Diversidade Cultural à Inclusão: Dar Oportunidades às Diferenças/Qualificar o Diálogo Intercultural", pelo Dr. Adalberto Fernandes (INR, I.P.).
- "Desenvolvimento Social e o Reforço das Políticas de Inclusão e Solidariedade Activas", pela Dra. Rosa Maria Araújo (Diretora do Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa).
- "O Desporto e a Inclusão", pelo Professor Dr. Jorge Vilela de Carvalho (FMH/UTL).
- "Educação Ambiental e Cidadania", pelo Professor Doutor Francisco Carvalho (FCSH/UNL).
- "Os Estudantes Surdos e a Escola Inclusiva", pelo Professor João Alberto Ferreira (Presidente da Direção da APS).
- "Financiamento de Organizações Tiflológicas no Dealbar do Século XXI (Prémio Literário/Científico "Branco Rodrigues" atribuído em 2008)", pelo Dr. Fernando Abreu Matos (ex-Membro da Comissão de Braille e galardoado com o Prémio em referência).
- "Na Tiflogia em Portugal - O Dr. Filipe Pereira Oliva (1934-2009)", homenagem em 1 de Outubro de 2009 com intervenções do Dr. Francisco Motta Veiga (Diretor da Direção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa e que presidiu à sessão), Prof. Augusto Deodato Guerreiro, Dr. Fernando Abreu Matos, Dr. Isidro da Eira Rodrigues, Dr. Fernando Bivar Weinholtz, Dr. Armando

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Silva (em representação do Diretor-Geral da Biblioteca Nacional de Portugal) e, entre muitos outros, Senhora D. Isabel Oliva (viúva do grande tiflólogo e investigador homenageado).

- "Na Tiflologia em Portugal - Joaquim Guerrinha (1913-1976)", homenagem em 4 de fevereiro de 2010 com intervenções do Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro, Dra. Dalila de Jesus Guerrinha (filha do grande músico e tiflólogo homenageado), Dra. Aida Bruno Coelho, Prof. Francisco Fernandes e Dr. Isidro da Eira Rodrigues.

- "Na Tiflologia em Portugal - O Tiflólogo e Político de Reabilitação, Dr. Orlando de Jesus Monteiro (1931-2009)", Homenagem em 6 de maio de 2010 com intervenções do Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro, Dr. Francisco Pólvora (ex-Secretário Nacional de Reabilitação), Dra. Ana Salvado (Subdiretora do INR, I.P.), Dr. Rui Cunha (Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa), Dr. Francisco Motta Veiga (Diretor-Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa e que presidiu à sessão), Prof. Doutor Francisco Carvalho, Dr. Humberto Santos (APD), Dr. Elvis de Freitas (Fundação Raquel e Martin Sain), Comendador José Gaspar Arruda (ADFA), Dr. Isidro da Eira Rodrigues (Biblioteca Nacional de Portugal), Dra. Maria de Lurdes Machado Faria (ex-Diretora de Serviços no Secretariado Nacional de Reabilitação), Prof. Vítor Coelho (ex-Membro e "Personalidade de Reconhecido Mérito da Comissão de Braille), Dra. Alice Folgado Coelho (ex-Diretora de Serviços do Secretariado Nacional de Reabilitação), Dr. Francisco Rodrigues Alves (ex-Presidente da Direção Nacional da ACAPO), Dr. Claudino Arieira Pinto (BNPortugal), Dr. Fernando Bivar Weinholtz (Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto), Senhora D. Maria Lucília Rego Monteiro (viúva da personalidade homenageada).

- "No Ano Europeu da Inovação e da Criatividade - O Projeto

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

STREET para Tornar as Cidades mais Acessíveis", pelo Dr. Aquilino Rodrigues (Diretor da Electrosertec).

- "Um Século de Publicidade em Portugal: O seu Papel Enquanto Elemento da Globalização", pelo Professor Doutor Rui Estrela (ECATI/ULHT).

- "A Surdocegueira e os Processos de Inclusão", pelo Professor Doutor António Rebelo (Colégio António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa).

Este Fórum pretendia ser um contributo para a estruturação e implementação de estratégias metodológicas interativas a desabrocharem para o desenvolvimento, aplicação e utilização dos processos especiais de comunicação, ajudando a encaminhar o século XXI para o crescimento de sociedades baseadas no engrandecimento da dignidade humana e no conhecimento inclusivo. Mas quiseram as circunstâncias que este evento tivesse uma vida efémera e sem a concretização da política e estratégia para dotar as habitações da população em referência com os dispositivos online específicos: iniciou a sua atividade no dia 19 de Julho de 2007 e realizou a sua última sessão no dia 6 de Maio de 2010.

(ADG).

### **\*FOUCAULT, FRANÇOISE-PIERRE:**

François-Pierre Foucault (1797-1871) foi um antigo aluno da Institution Royale des Jeunes Aveugles, que conseguiu inventar o Rafígrafo, aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para os normovisuais.

Ver **Rafigrafia**.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologia da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).]. (ADG).

### **\*FPAS:**

Ver **Federação Portuguesa das Associações de Surdos.**

### **\*FPDA:**

Ver **Federação Portuguesa de Autismo.**

### **\*FUNDAÇÃO AFID DIFERENÇA:**

A Fundação AFID Diferença é uma Instituição de Solidariedade Social, criada a 23 de junho de 2005, pela Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa com Deficiência - AFID (1985), que se dedica a iniciativas de reabilitação, educação, formação e inserção socioprofissional de pessoas com deficiência. Desenvolve igualmente um conjunto de atividades de apoio à comunidade e serviços de proximidade nos domínios da assistência e solidariedade social, apoio à infância, à terceira idade e ambiente.

É a 1ª Instituição da área social, em Portugal, Certificada pelas Normas ISO 9001:2008, pela Marca ISS, Nível A e pelo EQUASS Excellence.

Atualmente, a AFID, na sua globalidade, atende mais de 1.800 pessoas - Infância (AFIDKids), Pessoas com Deficiência (AFIDReab) e Idosos (AFID Sénior) - e para as quais trabalham diariamente cerca de 213 colaboradores. Trata-se de uma das principais Instituições Sociais do País - pela dimensão, diversidade e complementaridade dos seus serviços e, sobretudo, pela qualidade impressa na gestão e intervenção técnica.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

O percurso da AFID tem sido pautado por uma Intervenção Social de Excelência a pensar sempre nos outros; tem sido nossa preocupação, ao longo dos anos, promover atividades e projetos que permitam partilhar desafios, experiências, conhecimento e melhorar as práticas de intervenção num setor cada vez mais relevante na vida de tantas pessoas.

A atividade desenvolvida pela Fundação AFID Diferença caracteriza-se pelo apoio a públicos diferenciados mantendo uma abrangência de intervenção que passa pela Infância, Idosos, Jovens, Pessoas com Deficiência, Adultos com necessidades de Qualificação e Adultos com necessidades de intervenção na área da Fisiatria.

Para 2018 é nossa intenção crescer, criando mais Respostas Sociais nas áreas de intervenção onde atuamos, na Região de Lisboa.

Ver site: <[www.afid.pt](http://www.afid.pt)>.

(DomRo).

**\*FUNDAÇÃO DORINA NOWILL PARA CEGOS** (No Brasil):

Ver site: [www.fundacaodorina.org.br](http://www.fundacaodorina.org.br).

**\*FUNDAÇÃO LIGA:**

Ver site: [www.fundacaoliga.pt](http://www.fundacaoliga.pt).

**\*FUNDAÇÃO NOSSA SENHORA DA ESPERANÇA:**

A vida e a obra da Fundação Nossa Senhora da Esperança (cuja génese remonta a 20 de Julho de 1863, com o instituidor João Diogo Juzarte de Sequeira e Sameiro do Asilo dos Cegos, a primeira instituição do género em Portugal, sob a invocação de Nossa Senhora da Esperança) são assuntos que, pela sua complexidade e multiplicidade de aspetos, podem ser considerados e desenvolvidos a partir dos mais diversos pontos de abordagem: o cultural, o religioso, o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

nacional, o social. Todos se ligam e se condicionam reciprocamente, para formar um quadro fascinante pela sua densidade humana, suas contradições, seu vasto alcance na História da Vila de Castelo de Vide e de Portugal.

A história da emancipação das pessoas cegas, em Portugal, tem aqui a sua origem, considerando a criação das primeiras oficinas para cegos e a música - as Oficinas "Branco Rodrigues", a Orquestra de grandes músicos cegos e uma Fanfarra com notável repercussão e fama a partir das suas muitas e bem sucedidas participações, em Castelo de Vide e noutros eventos a nível nacional, como, por exemplo, na Feira Industrial de 1897, no "Palácio de Crystal Portuense".

A Fundação Nossa Senhora da Esperança insere-se hoje no quadro legal de Instituição Particular de Solidariedade Social, trabalha com especial incidência na ajuda e assistência à terceira idade, designadamente no continuado acompanhamento de proximidade que proporciona aos seus utentes, nos dois equipamentos (lares de idosos), e mantém o compromisso assistencial inicial, assumido pela benemérita ação do instituidor, sendo esse o seu primordial e secular vetor de atuação.

Foi desta forma altruísta que o espírito humanista de devoção cristã, que na altura ali tomara lugar, inspiraria à proteção dos socialmente mais carenciados e desprotegidos, consubstanciando nesta ação o ensino e respetiva integração socioprofissional de pessoas cegas, passando estas a desempenhar múltiplas tarefas de alfabetização, apetrechando-se intelectual e culturalmente, onde a música viria a ganhar relevante posição, conforme o acima referido. Foi neste domínio e neste lugar que as pessoas cegas começaram a preparar-se para o duro combate contra a exclusão, rumo a possibilidades mais sustentadas, livres e abertas, na concepção de um futuro inclusivo e profícuo.

Na sequência das suas específicas atividades, a Fundação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Nossa Senhora da Esperança também estende a sua ação ao reconhecimento científico, literário ou artístico das pessoas cegas que se distingam num qualquer destes domínios, tendo criado, para esse efeito, o Prémio Fundação Nossa Senhora da Esperança. Pretende-se com a atribuição deste Prémio, dentro das áreas das ciências e das artes, estimular a criação e o desempenho de boas práticas por parte de pessoas cegas, no sentido de se galardoar a pessoa singular ou coletiva de nacionalidade portuguesa, em que se reconheça relevância e inovação investigacional e interventiva num daqueles domínios. O Júri constituído e nomeado pela Fundação para decidir da atribuição do Prémio, reuniu e atribuiu o Prémio pela primeira vez, em 2014, ao Doutor Arquiteto Carlos Tomás Morão Soares da Costa Pereira, cego, que lhe foi entregue no dia 20 de Julho do mesmo ano, numa cerimónia pública realizada expressamente para esse fim na sede da própria Fundação, em Castelo de Vide.

A Tese de Doutoramento em Arquitetura, defendida no Instituto Superior Técnico, insere-se na área disciplinar da arquitetura e explora métodos qualitativos de avaliação do uso do espaço construído, métodos alicerçados na percepção sensorial do utilizador cego. O objetivo da Tese, em que o investigador se envolve física e intelectualmente num aprofundado estudo científico, é a definição de requisitos espaço-funcionais inclusivos para requalificar o espaço banear marítimo no que concerne à sua adequação psicofisiológica e risco de lesionamento, constituindo um contributo muito importante para o conhecimento na área do desenho universal em termos da abordagem metodológica aplicada e da consistência dos seus resultados práticos fundamentados num extenso trabalho de campo centrado no espaço banear marítimo.

De entre os vários projetos atuais da Fundação Nossa Senhora da Esperança, destacam-se a criação da Casa da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Tiflologia, do Museu Tifológico Português (o primeiro nesta área em Portugal) e o Centro de Investigação em Tiflologia, Ciência, Cultura e Inclusão (CITCCI), organismo singular neste domínio, o qual já tem significativo trabalho realizado, no âmbito da CPLP, com projetos de investigação e trabalho científico em andamento.

Ver site: **[www.fnse.pt](http://www.fnse.pt)**.

(JP).

### **\*FUNDAÇÃO RAQUEL E MARTIN SAIN:**

A Fundação Raquel e Martin Sain é uma Instituição Particular de Solidariedade Social, instituída a 21 de Janeiro de 1959, pelo Decreto-Lei nº 42117, à luz dos seus Estatutos, tem como fim "a realização de uma obra de educação e ocupação tiflológicas, nomeadamente na formação profissional de cegos, com o fim especial de lhes assegurar possibilidades de trabalho remunerado". Por iniciativa dos seus fundadores, a Madame Raquel Sain e o Senhor Martin Sain, o propósito da sua constituição foi a educação e ocupação de pessoas cegas, tendo em atenção, sobretudo, assegurar-lhes possibilidades de trabalho remunerado, e, acessoriamente, quaisquer fins desinteressados, de natureza caritativa, educativa, cultural ou científica, relacionados com a situação dos cegos em Portugal.

Com mais de meio século de atividade, esta Fundação dedica-se principalmente ao desenvolvimento de ações de formação profissional dirigidas a pessoas cegas e ainda à dinamização de um Lar Residencial, especificamente para resposta à deficiência visual.

Ver **[www.fundacao-sain.pt](http://www.fundacao-sain.pt)**.

(ADG).

## G

**\*GABINETE DE REFERÊNCIA CULTURAL** - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Câmara Municipal de Lisboa:

O Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais (GRC) da Câmara Municipal de Lisboa resultou da autonomização da Secção Braille da Biblioteca Camões e foi aberto ao público em 8 de julho de 1994, no andar abaixo daquele em que funciona a Biblioteca Municipal Camões.

Ainda antes da constituição do GRC, devido a circunstâncias várias, para obviar à ausência desta valência na cidade de Lisboa, o Município lisboeta criou em Novembro de 1990 (no âmbito da Secção Braille que entretanto se autonomizara da Biblioteca Municipal Camões) a publicação «Dinamização Cultural: Revista Áudio da CML», editada mensalmente em cassette áudio e distribuída gratuitamente por instituições e pessoas individuais a nível nacional e internacional, sobretudo na CPLP. O GRC é destinado às pessoas com deficiência sensorial, cognitiva, motora e outras, cidadãos de níveis etários o mais alargados possível, bem como a estudiosos e investigadores interessados no aprofundamento destas problemáticas.

Infelizmente, para os utilizadores, o GRC encontra-se numa luta agonizante de sobrevivência e a revista «Dinamização Cultural» encontra-se adormecida desde 2000. Não obstante estas circunstâncias, julgamos ser importante destacar alguns dos muitos eventos científico-culturais realizados, como os seguintes:

O GRC, inicialmente na dependência da Divisão de Gestão de Bibliotecas da Câmara Municipal de Lisboa, chegou a estar na direta dependência da Direção Municipal de Cultura, houve uma forte tentativa para o reestruturar na adequada

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

inserção orgânica (nesta Direcção Municipal da CML), mediante o redimensionamento e ampliação das funções do GRC, incluindo as valências de biblioteca inclusiva e investigação científica no domínio das linguagens especiais, mobilidade e inclusão sociocomunicacional, tendo sido proposto que o mesmo passaria a ter a denominação Centro de Recursos Especiais e Investigação (CREI), sendo também um elucidativo suporte infotecnológico dos princípios e estratégias a implementar e a prosseguir nas Bibliotecas Municipais, no sentido da inclusão sócio-intelectual de todos os seus utilizadores.

Este Serviço passou por vicissitudes diversas, saiu do Largo do Calhariz e esteve instalado no nº 23 da avenida da República e hoje encontra-se a funcionar no edifício da BDteca Municipal, aos Olivais, infelizmente numa estranha forma de sobrevivência, como que, em morte lenta, em vias de desaparecimento.

Ver

site:

<<http://www.acessibilidade.gov.pt/accessmonitor/wcag20/see/?cD02MXxvPWF8cz0xMDR8dj1wYWdl>>

(ADG).

### **\*GABINETE DE SUBVISÃO - Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto:**

Gabinete fundado em 1990 por este Instituto, por iniciativa do médico oftalmologista e investigador Dr. Fernando Bivar Weinholtz, o qual dirigiu até Janeiro de 2017. Este Gabinete está equipado com Técnicos de Orientação e Mobilidade, um Psicólogo cego e Ensino Especial. Neste Gabinete existe também o Laboratório de Iluminação para testar as melhores condições nas diferentes tarefas pelas pessoas com problemas visuais.

(ADG).

**\*GALÁXIA - REVISTA SONORA VOCACIONADA À DIFUSÃO CULTURAL ENTRE OS DEFICIENTES VISUAIS:**

Revista Sonora Vocacionada à Difusão Cultural entre os Deficientes Visuais. Publicação em cassete áudio sob a direção de Isidro da Eira Rodrigues, edição da ex-Liga de Cegos João de Deus e cuja vida se traduziu em apenas seis números, publicados desde Março de 1986 a Setembro de 1988.

(ADG).

**\*GERONTOLESCÊNCIA E GERONTOLESCENTE:**

Gerontolescente - que é próprio da gerontolescência, que se encontra na gerontolescência, que está na gerontolescência ou que a ela se refere.

Gerontolescência - período da vida humana que se situa no final da idade da “Vida ativa” - idade da reforma. Caracterizado por um período muito mais longo do que a adolescência, que poderá durar 20, 30, 40 ou mais anos. Geração que já não vai envelhecer como os seus pais nem como os seus avós, porque têm um nível de saúde mais alto, um nível de educação superior e também têm uma maior capacidade financeira.

Caracterizado também pelo desempenho de uma autonomia e vontade de viver como e onde quiser, livre das responsabilidades ou compromissos profissionais já com os filhos criados, o que conduz as pessoas a fazerem o que realmente gostam, num estado de integridade e aceitação pessoais, num tempo, de liberdade, de experimentação, pode-se dispor da energia para continuar a contribuir para a sociedade.

Gerontolescência, do contexto das definições de adolescentes, adolescência e gerontes, surge o ensaio para as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

expressões gerontolescência e gerontolescentes, inspirado em Alexandre Kalache (2016, 2016a), médico e gerontólogo brasileiro, presidente do ILC - Centro Internacional de Longevidade - Brasil e também ex-diretor de envelhecimento na Organização Mundial da Saúde, tendo criado o programa da cidade amiga do idoso. (Kalache, 2016), que utiliza o termo “gerontolescentes” para definir os baby boomers - geração que nasceu no pós-guerra (1945-1964) e que atualmente tem mais de 50 anos - estão a revolucionar a velhice e a transformar o período em uma nova fase porque são em maior número, têm um nível de saúde e vitalidade maior e melhor formação do que as gerações que envelheceram antes deles.

Gerontolescência têm equivalência ao conceito de sénior na perspectiva de Daniel Serrão (2006, 2010, 2014), período que pode durar três décadas dos 65 aos 95 anos, mas, mais do que marcadores de idade, que estão em constante evolução, incorpora um novo estado de espírito nas pessoas idosas consideradas seniores. O sénior é independente e ativo: independente, capaz de cuidar de si próprio e de decidir como e onde quer viver; ativo, porque interveniente no tecido social, recusa toda e qualquer marginalização em função da idade. Esta recusa está em conformidade com a perspectiva de Salvato Trigo (in Moura et al., 2014) sobre o combate aos estereótipos, “olhar a longevidade como um estorvo é manifestação de indigência cultural e de desvario social, que uma política com ética precisa urgentemente de neutralizar”.

Esta nova conceptualização, só é possível graças ao extraordinário desenvolvimento da longevidade, a esperança de vida à nascença em Portugal (INE,2014) evoluiu apenas em 11 anos, de 74,1 para 80,9 anos, ganhámos quase 7 anos de vida nesta década, extrapolando, teremos ganho cerca de 20 anos em três décadas. Também em 30 anos, de 1981 para

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

2011, a percentagem da população com mais de 65 anos quase que duplicou, tendo passado de 11,4% para 19,1% de acordo com o censos (INE, 2011).

Assim, para suportar o conceito da Gerontolescência, estudos sobre o Envelhecimento bem Sucedido (Rowe, J. & Kahn, R., 1997 et Rowe, 2015), caracterizam as pessoas mais velhas com capacidade para oferecer: conhecimento acumulado; estabilidade; capacidade para sintetizar e resolver problemas; habilidade crescente para gerir conflitos e considerar perspectivas de diferentes grupos etários.

Também a OMS (2005) sobre o Envelhecimento Ativo considera a importância da aprendizagem ao longo da vida, da gestão e adequação de objetivos e ainda a manutenção física. A gestão e adequação de objetivos também tem enquadramento no estágio de vida de Erick Ericson (1968), da Integridade - aceitação, responsabilização - “É a aceitação do seu e único ciclo de vida e das pessoas que se tornaram significativas como algo que tinha de ser e que, por necessidade, não é possível alterar(...) uma aceitação do fato de que a vida é responsabilidade de cada um” Também é este o espírito dos gerontolescentes, aceitar o passado e participar na construção do futuro.

### REFERÊNCIAS:

- Carmo, A. (2017). *Projeto de Colaboração Intergeracional - "Encontro entre Gerações na sala de aula"*. Tese defendida em provas públicas para obtenção do grau de Doutor em Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação. Lisboa
- Erikson, E. (1968). *Identity: youth and crisis*. 1ª ed New York: W. W. Norton & Company
- INE (2011). *Censos 2011 - XV recenseamento geral da*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*população - V recenseamento geral da habitação - Resultados provisórios.* Lisboa: Instituto Nacional de Estatística, I.P.

INE (2014). *Destaque INE - Boletim à comunicação social - dia mundial da população 11 julho 2014.* Lisboa: Instituto Nacional de Estatística. Acedido 12 de dezembro de 2014 em [http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine\\_destaqu&DESTAQUESdest\\_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2](http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INE&xpgid=ine_destaqu&DESTAQUESdest_boui=218629052&DESTAQUESmodo=2)

Kalache, A. (2016). *Entrevista: Alexandre Kalache: "O brasileiro é preconceituoso com a velhice".* ZH - Vida e estilo - Jornal digital por Larissa Roso, 23/04/2016 - 03h08min | Atualizada em 28/04/2016 - 12h28min, acedido em <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/noticia/2016/04/alexandre-kalache-o-brasileiro-e-preconceituoso-com-a-velhice-5784325.html>>, em 11/ago/2016

Kalache, A. (2016a). *A Revolução da Longevidade - Entrevista com Alexandre Kalache, presidente do Centro Internacional de Longevidade Brasil*, Revista Pré.Univesp, n.º 59 - Gênero, Julho de 2016 acedido em <http://pre.univesp.br/a-revolucao-da-longevidade#.V6xazocHIU> <<http://pre.univesp.br/a-revolucao-da-longevidade>> em 11/ago/2016

OMS, (2005). *Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde*, Título original inglês: Active ageing: a policy Framework (2002). tradução Suzana Gontijo. - Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde

Moura, C., <[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Moura,%20CI%C3%A1ludia&term=Moura,%20CI%C3%A1ludia&ri=2&aspect=basic\\_search&menu=search&source=~!bnp](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Moura,%20CI%C3%A1ludia&term=Moura,%20CI%C3%A1ludia&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp)>  
Madeira, J.,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

<[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Madeira,%20Joaquina,%201946-&term=Madeira,%20Joaquina,%201946-&ri=2&aspect=basic\\_search&menu=search&source=~!bnp](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Madeira,%20Joaquina,%201946-&term=Madeira,%20Joaquina,%201946-&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp)>  
Trigo, S.,  
<[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Trigo,%20Salvato,%201948-&term=Trigo,%20Salvato,%201948-&ri=2&aspect=basic\\_search&menu=search&source=~!bnp](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Trigo,%20Salvato,%201948-&term=Trigo,%20Salvato,%201948-&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp)>  
Batalha, José B.,  
<[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Batalha,%20Jos%C3%A9%20Borges&term=Batalha,%20Jos%C3%A9%20Borges&ri=2&aspect=basic\\_search&menu=search&source=~!bnp](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Batalha,%20Jos%C3%A9%20Borges&term=Batalha,%20Jos%C3%A9%20Borges&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp)>Marques, V., et. al co-autor  
<[http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Marques,%20Viriato%20Soromenho,%201957-&term=Marques,%20Viriato%20Soromenho,%201957-&ri=2&aspect=basic\\_search&menu=search&source=~!bnp](http://catalogo.bnportugal.pt/ipac20/ipac.jsp?session=1M721316529J1.7624&profile=bn&uri=search=AL~!Marques,%20Viriato%20Soromenho,%201957-&term=Marques,%20Viriato%20Soromenho,%201957-&ri=2&aspect=basic_search&menu=search&source=~!bnp)>i  
a (2014). *Idadismo - Prioridade na Construção Social da Idade*. Editor: Cláudia Moura  
Rowe, J. & Kahn, R. (1997). *Successful Aging*, The Gerontologist, Vol. 37, No.4, pp. 433-440. The Gerontological Society of America. Acedido em 28/Jan/2016 em  
<<http://gerontologist.oxfordjournals.org/content/37/4/433.full.pdf+html>>  
Rowe, J. (2015). *Successful Aging of Societies*. Dædalus, the Journal of the American Academy of Arts & Sciences. © 2015 by the American Academy of Arts & Sciences. Acedido em 5 de fevereiro de 2016 em  
[http://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/DAED\\_a\\_0](http://www.mitpressjournals.org/doi/pdf/10.1162/DAED_a_0)

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

0325

Serrão, D. (2006). *Seniores: um novo estrato social*. In Paula Frassinetti (Ed.) *Intervenção social. Saberes e contextos*. Porto: Escola Superior de Educação Porto, pp. 129-137

Serrão, D. (2010) - *Seniores: um novo estrato social*. In Brotéria - Cristianismo e Cultura - Vol. 170 - n.º 1 (jan) - Brotéria - Associação Cultural e Científica (11-15) - Acedido em

<[http://www.broteria.pt/images/books/pdf/Broteria%20de%20Janeiro\\_2010.pdf](http://www.broteria.pt/images/books/pdf/Broteria%20de%20Janeiro_2010.pdf)> em 13-ago.

Serrão, D. (2014). *Questões Éticas no Envelhecimento Humano*. In C. Moura (Ed.), (pp. 31-42). Edições (AC).

### **\*GERONTOLOGIA:**

«A ciência geral sobre os idosos é a Gerontologia, que constitui um amplo campo científico dedicado ao estudo dos aspetos multidimensionais do envelhecimento (aspetos biológicos, psicológicos, sociais, educacionais, etc.), tendo como objetivo a explicação dos processos de envelhecimento, a prevenção e intervenção para a melhoria da qualidade de vida das pessoas idosas.

A Geriatria, Gerontologia Educativa, Psicogerontologia, Gerontologia Social, são alguns dos subdomínios desta ciência multidisciplinar, a Gerontologia.»

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhcer... SER", 2017).

### **\*GERONTOLOGIA EDUCATIVA:**

Subdomínio da Gerontologia. O «estudo e a prática dos empreendimentos educativos para e sobre as pessoas idosas e em processo de envelhecimento» (Sherron e Lumsden, 1978, p. 7, cit. por Oliveira & Figueiredo, 2016), englobando as seguintes áreas:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- 1) Os processos educativos para adultos idosos;
- 2) A formação do público em geral e de públicos mais específicos, sobre os processos de envelhecimento e a velhice;
- 3) A formação de técnicos que venham a prestar ou a desenvolver serviços para pessoas idosas.

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER", 2017).

### **\*GERONTOLOGIA - VOCÁBULOS ALUSIVOS:**

Os vocábulos mais utilizados para referência às pessoas mais velhas são de origem latina (Velho - vétulus; Ancião - antianus; Idoso - aetas; Sênior - sénex) e grega (Geronte - gérôn-ontos).

(SPB, Fonte: Agenda de Gerontologia "Aprender, Envelhecer... SER", 2017).

### **\*GERONTOTECNOLOGIA:**

«A consciência da importância da tecnologia para a qualidade de vida dos idosos tem sido historicamente associada e promovida em associação com o apoio a pessoas com deficiência, nomeadamente na União Europeia e na América do Norte. A Comissão Europeia tem apoiado durante muitos anos a investigação e desenvolvimento de produtos, serviços e conhecimentos para estes dois grupos (que por vezes são o mesmo: idosos com deficiência). [...]. Em 1997 foi criada a Sociedade Internacional de Gerontotecnologia que define esta área do conhecimento como: "Projecto de tecnologia e ambientes para a vida independente e participação social das pessoas idosas com boa saúde, conforto e segurança" (ISGerontechnology). Estes objectivos e a visão são em muito semelhantes ao papel que a Tecnologia e a Acessibilidade podem desempenhar para pessoas com

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

deficiência. Além disso, a maior parte das pessoas com deficiência são idosas. A deficiência aumenta em paralelo com a longevidade das pessoas. A Gerontotecnologia terá necessariamente que ter como público-alvo idosos com deficiência.

Nos EUA encontramos um Centro de Investigação em Engenharia de Reabilitação dedicado às pessoas idosas com deficiência que tem como lema "Optimização da Participação através da Tecnologia" (RERC AGING). A RESNA também possui um grupo de interesse em gerontologia.

As limitações de Autonomia, Vida Independente, Segurança e de Participação Social são aspectos em comum entre pessoas com deficiência e idosos sem deficiência que podem encontrar na tecnologia abordagens e estratégias semelhantes ou próximas.

Pelas razões referidas é legítimo considerar que o contributo da Engenharia de Reabilitação também se pode aplicar às pessoas idosas e inclui a aplicação da Gerontotecnologia.».

[Recortado da Tese de Doutoramento "Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal", defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD.].

(FG)

### **\*GESTA-MP:**

**Ver Grupo de Estudos Sociais, Tiflológicos e Associativos  
- Movimento Progressista.**

### **\*GESTÃO INCLUSIVA E QUALIDADE DE VIDA:**

A implementação de sistemas de gestão da qualidade deixou de ser somente uma preocupação das empresas industriais (fabricadoras de produtos), passando a constituir uma realidade para todas as organizações, principalmente as que têm como valores a «Inclusão».

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Estamos perante uma era de mudanças em diferentes setores, económico, social, político, fazendo com que nenhuma organização se possa manter estática. As organizações precisam de renovar as suas filosofias de gestão para poderem responder de forma eficaz à nova realidade.

As organizações sociais que pretendem ser inclusivas têm de possuir sistemas de gestão válidos, credíveis à semelhança das grandes e inovadoras empresas.

A Implementação de Sistemas de Gestão pela Qualidade em organizações sociais são fundamentais de modo a salientar e reforçar o empowerment das pessoas com deficiência, como instrumento potencializador da sua inclusão, permitindo deste modo garantir os direitos de cidadania e humanização, garantindo desta forma a melhoria contínua das organizações e consequentemente qualidade de vida dos clientes.

(SR).

### **\*GESTÃO ORGANIZACIONAL INCLUSIVA:**

Ver **Gestão Inclusiva e Qualidade de Vida.**

### **\*GESTUALISMO:**

Associado habitualmente a uma metodologia de ensino dos surdos, o gestualíssimo pode ser considerado como um paradigma sociopolítico e educativo cujos princípios e práticas assumem as línguas gestuais como "as línguas naturais dos surdos". O gestualismo advoga serem estas as mais adequadas, se não as únicas, ao desenvolvimento de funções mentais complexas como a língua e o pensamento, que são configurados e configuram a comunicação e as aprendizagens. Ao assumir que a mediação dos processos de ensino e de aprendizagem seja realizada através das línguas gestuais, contribui para que elas sejam consideradas, pelas sociedades, como legítimas. Contudo, quando levado ao

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

extremo, e ao associar as línguas orais a instrumentos ao serviço da colonização, da normalização e, até, do extermínio dos surdos, o gestualismo assume-as como ameaça à afirmação das culturas surdas, argumentando serem estas línguas um impedimento aos processos de desenvolvimento emocional e sociocognitivo dos surdos, bem como ao sucesso escolar e social. Tais crenças, atitudes e formas de atuação podem levar à proibição, à apropriação e à utilização das línguas orais em contextos institucionais de educação exclusivamente direcionados para os surdos, reduzindo e limitando os processos de ensino e de aprendizagem, bem como os processos comunicativos que lhes subjazem ao uso das línguas visuo-espaciais. Assumem formas de atuação de cariz oposicionista. Assumem, também, serem os professores e outros agentes educativos surdos os únicos capazes de, com propriedade, legitimamente educar os surdos. Todos os outros são considerados audistas, e como tal, como inimigos dos surdos e da sua comunidade. Tal como outras abordagens que subjazem à educação dos surdos, quando levado ao extremo, o gestualismo pode acentuar e ampliar formas de ação pouco propícias ao desenvolvimento de interculturalidade. Ao assim agir e reagir, o gestualismo divide, dicotomiza, separa, restringe, limita e exclui os surdos e os ouvintes - com maior prejuízo para os primeiros - de formas de participação legítima, ocultando e silenciando vozes que legitimamente devem ser consideradas.

(JM).

### **\*GESTUÁRIO E INCLUSÃO:**

Encontrámos um substancial artigo, "Do Gestuário à descoberta de novas oportunidades para a Língua Gestual Portuguesa: Pátria da Comunidade das Pessoas Surdas" (Fernandes, 2011: 181-188) e, ao longo do mesmo, uma tão clara e ajustada abordagem da expressão "Gestuário e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Inclusão", que não resistimos à necessidade de transcrevê-la, quase *ipsis verbis*, como definição deste conceito.

«O património histórico da Língua Gestual Portuguesa (LGP), como parte integrante da cultura da nossa sociedade, comporta extraordinários e significativos acontecimentos, que necessitam urgentemente de serem estudados e investigados, de acordo com critérios técnicos e científicos rigorosos, como um imperativo inadiável, em termos culturais e dos direitos dos cidadãos com surdez. Apesar de muitos e meritórios esforços dispersos, consubstanciados em livros, artigos, teses, entrevistas e reportagens nos MEDIA, de autores e instituições de referência obrigatória, confrontamo-nos com a exasperante ausência de uma verdadeira história da LGP. Tratando-se de um complexo trabalho, que passa obrigatoriamente pela pesquisa de arquivos, centros de documentação e bibliotecas, pressupõe a coordenação de múltiplas energias, além da disponibilidade de tempo e do correspondente apoio financeiro.». Porque o futuro da LGP depende da memória viva do seu passado, «importa visitar o desenvolvimento da LGP nos séculos XIX e XX, desde logo, através da história dos Surdos na Casa Pia de Lisboa, berço da língua gestual portuguesa, além designadamente do papel pioneiro da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, da Escola A-da-Beja e dos Institutos do Sistema da Segurança Social, do Instituto Bencanta de Coimbra da Fundação Bissaya Barreto, das Escolas do Ministério da Educação, das Associações de Pais para a Educação de Crianças Deficientes Auditivas, da Associação de Intérpretes de LGP e, sobretudo, das Associações de Surdos, em cooperação com outras associações intervenientes no universo dos direitos das Pessoas Surdas e suas Famílias, que, pioneiramente, têm vindo a dedicar o melhor das suas energias associativas na defesa, desenvolvimento e qualidade da LGP.». Anotando

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

dados mais recentes, na década de 80 do século passado, o movimento em defesa da LGP «conheceu, em Portugal, um impulso extraordinário, tendo o ex-SNR, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., dada a sua importante contribuição com a realização dos primeiros cursos de Língua Gestual Portuguesa, no nosso País.». No entanto, dada a necessidade de construir recursos pedagógicos oficiais para o ensino/aprendizagem da LGP, «designadamente um dicionário e uma gramática, como acontece nas línguas orais, foi, em 1991, celebrado um Protocolo entre o ex-SNR e a então Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário, hoje, Direcção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação.». [...].

«O mencionado protocolo possibilitou a produção do primeiro Gestuário, em papel, consolidando o essencial da LGP, na perspectiva de recurso pedagógico para o ensino/aprendizagem da LGP, no 1º ciclo, com a parceria das entidades oficiais e particulares, integrando uma Comissão criada para o efeito, com 16 membros:

António Vieira Ferreira - ex-DGEBS - coordenador;  
Adalberto Fernandes - ex-SNR - adjunto do coordenador;  
Sérgio Niza - Centro Regional de Segurança Social de Lisboa;  
Raquel Delgado Martins - Faculdade de Letras de Lisboa;  
José Bettencourt - Gestualizador;  
Joaquim Viana - Delegação do Porto da APS, hoje Associação de Surdos do Porto;  
Antero Maia - Instituto de Surdos de Bencanta/Coimbra;  
Elsa Viegas - Centro de Educação e Desenvolvimento Jacob Rodrigues Pereira da Casa Pia de Lisboa;  
Helena Carmo - Associação Portuguesa de Surdos;  
Isabel Carrasco - Núcleo de Apoio a Crianças Deficientes Auditivas/Escola 120 - Lisboa;  
José Alberto Correia - Associação de Surdos de Almada;  
José Madeira Serôdio - Associação de Intérpretes de LGP;  
Maria João Domingos - Equipa de Educação Especial Silva Gaio/Coimbra;  
Renato

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Pereira - Associação de Surdos da Amadora; Ana Maria Silva - Intérprete de LGP; Alberto Ferreira - Fotógrafo e Gráfico.».

«A heterogeneidade desta Comissão revelou, entre outros factores, a extraordinária complexidade deste trabalho. Após dois anos - 1991/1992 - de intensa e permanente pesquisa, investigação e negociação, com a imprescindível supervisão linguística e pedagógica do Laboratório de Linguística da Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, foi apresentado oficialmente o GESTUÁRIO, em papel, em 1992. Trabalhos desta natureza implicam necessariamente um extraordinário envolvimento de todos os colaboradores do projecto, bem como a sua elevada responsabilidade técnica e científica, em nome dos Direitos das Pessoas Surdas e do prestígio e qualidade da LGP e da cultura da comunidade surda. Com o GESTUÁRIO, em papel, que o INR já reeditou, excepcionalmente, por oito vezes, desencadearam-se novas dinâmicas, que levaram, entre outros resultados, ao reconhecimento da LGP na Constituição da República Portuguesa, em 1997, sendo Portugal o quarto país da União Europeia a fazê-lo. A República Checa em 1988, a Finlândia em 1995 e a Eslováquia em 1995.».

«Todo este processo de reconhecimento constitucional teve o apoio do Parlamento Europeu, que adoptou uma Resolução sobre Línguas Gestuais, em 1988, segundo a qual a Comissão Europeia incentivou os Estados-Membros a promoverem as suas línguas gestuais e a assegurarem que as Pessoas Surdas possam trabalhar e estudar na sua língua materna. De facto, o reconhecimento da LGP na CRP, acelerou as dinâmicas da Língua Gestual Portuguesa, na última década, em diferentes domínios, com particular destaque no âmbito do Ministério da Educação, do Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Comunicação Social. No Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior foram criadas diversas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

licenciaturas, no âmbito dos Institutos Politécnicos de Setúbal, Porto e Coimbra, formando intérpretes de LGP. Na comunicação social, designadamente nos canais abertos da RTP, SIC e TVI, além do canal Parlamento, foram conquistadas importantes horas de programação com Língua Gestual Portuguesa, colocando Portugal na linha da frente dos países da União Europeia.».

Cabe aqui referir ainda «o pioneirismo na década de 90 do século XX, do inovador Protocolo, ainda hoje em vigor, entre o Ministério da Justiça e o Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, assegurando a presença de Intérpretes de Língua Gestual no sistema judicial, na perspectiva da salvaguarda dos direitos dos surdos. Por outro lado, no âmbito do PAIPDI - Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiências ou Incapacidade - do XVII Governo Constitucional, mais concretamente na sua primeira revisão de 29 de Maio de 2008, foi inscrita a medida [...] "Promover o acesso à comunicação e à Informação" - a criação do Núcleo de Língua Gestual, com vista a promover o reconhecimento e o bom funcionamento da Língua Gestual Portuguesa. Com o futuro Núcleo de Língua Gestual serão asseguradas as necessárias condições para que o desenvolvimento qualificado da língua materna dos cidadãos surdos se oriente, de facto, por parâmetros técnicos e científicos rigorosos, ao mesmo nível que as línguas orais.».

«Portugal tem justificado orgulho dos desenvolvimentos da Língua Gestual, em tão pouco tempo, graças sobretudo ao trabalho das Associações das Pessoas Surdas, sob a supervisão da Federação Portuguesa das Associações de Surdos - FPAS, que tem vindo a organizar eventos sobre esta temática. Entretanto, a partir do Gestuário em papel, e graças ao apoio do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento da Comissão Europeia, a Associação de Pais para a Educação de Crianças Deficientes Auditivas,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

APECDA, através de um protocolo com o INR, I.P. construiu, recentemente, o Gestuário Digital da Língua Gestual Portuguesa, há muito tempo aguardado pela comunidade das Pessoas Surdas. Hoje, com o Gestuário Digital da Língua Gestual Portuguesa, é dado mais um sinal forte de urgência para a visibilidade, desenvolvimento e qualidade da Língua Gestual Portuguesa, que permitirá os maiores sucessos para a inclusão social dos nossos concidadãos surdos, em todos os sectores de vida em sociedade.».

No futuro da Língua Gestual, Portugal exigirá, assim, «maior envolvimento da comunidade científica para o aprofundamento das questões linguísticas e das metodologias pedagógicas de ensino/aprendizagem, sempre em estreita cooperação com a comunidade surda. Neste sentido, urge avançar para a consolidação da Língua Gestual Portuguesa, designadamente nas matérias das ciências matemáticas, filosóficas, comunicacionais, sociais e humanas, na perspectiva do sucesso académico dos estudantes surdos. A metodologia adoptada para a construção do Gestuário, parece ser, ainda, a mais adequada para resolver estes desafios. Aqui, os investigadores, sobretudo os mais jovens, desempenharão um papel crucial, em sinergia com as pessoas surdas, para projectarem ainda mais a Língua Gestual Portuguesa.».

«Hoje, a questão mais premente prende-se, sobretudo, com o imperativo da Qualidade da Língua Gestual Portuguesa, desde as primeiras idades e mais fortemente no seu ensino/aprendizagem nas Escolas. É através do marcador da qualidade da sua língua materna, que a comunidade surda se prestigiará em termos de visibilidade pública da sua cultura e de promoção da inclusão social. Está nas mãos dos líderes e dos comunicadores surdos esta provedoria da qualidade da LGP, como o recurso fundamental para o seu

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento pessoal, educacional e profissional. A vigilância permanente da sua pátria linguística é um desafio incontornável.».

«Neste sentido, a apresentação de uma Carta da Qualidade da Língua Gestual Portuguesa é cada vez mais urgente, em conjugação com um maior investimento nas acções comemorativas do Dia da Língua Gestual Portuguesa - 15 de Novembro. De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Linguísticos aprovada em Barcelona, no mês de Junho de 1996, “a maioria das línguas ameaçadas do mundo pertencem a comunidades não soberanas e que dois dos principais factores que impedem o desenvolvimento destas línguas e aceleram o processo de substituição linguística são a ausência de auto-governo e a política de Estados que impõem a sua estrutura político-administrativa e a sua língua. No universo das línguas ameaçadas encontram-se, naturalmente, as línguas gestuais», que, por força de fatores de marginalização e de exclusão social das Pessoas Surdas, «também são objecto de marginalização e de exclusão comunicacional.».

«Ainda segundo a referida Declaração, todas as línguas como expressão de uma identidade colectiva e de uma maneira distinta de apreender e descrever a realidade, como é o caso da LGP, “devem poder beneficiar das condições necessárias ao seu desenvolvimento em todas as funções”. Reforça, ainda, que todas as comunidades linguísticas têm o direito de organizar e gerir os seus próprios recursos, com vista a assegurarem o uso da sua língua em todas as funções sociais, dado que todas as comunidades linguísticas são iguais em direito. É já tempo de passar à prática este princípio da igualdade, tomando todas as medidas indispensáveis para que esta igualdade seja real e efectiva. Somente, assim, todos os membros da comunidade surda podem exprimir-se e serem atendidos na sua língua materna, em todos os sectores da vida

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

em sociedade.».

«Com o historial tão extraordinário da LGP, estamos convictos que as novas gerações darão um impulso extraordinário ao futuro desta Língua, como imprescindível ferramenta para a visibilidade das suas capacidades e potencialidades para transformar a sociedade. Será pelas trajectórias de desenvolvimento e de qualidade da LGP, que a comunidade surda dará notícia da sua vitalidade e da sua real importância na sociedade portuguesa. A LGP é parte importante da diversidade cultural de Portugal.».

[Recortado de: FERNANDES, Adalberto (2011). Do Gestuário à descoberta de novas oportunidades para a língua gestual portuguesa: Pátria da comunidade das Pessoas Surdas. In: Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência / Direção científica de Augusto Deodato Guerreiro. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, 2011; 181-188.].

(AF)

### **\*GLAUCOMA:**

Em definição.

(FBW).

### **\*GRAFIA ALFABÉTICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita de uma língua.

(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BÁSICA:**

Que serve de base. Diz-se da Grafia Braille para a Língua Portuguesa, por oposição a outras áreas de aplicação do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Sistema Braille, tais como Estenografia Braille da Língua Portuguesa, Grafia Matemática Braille, Grafia Química Braille e Grafia Fonética Braille.  
(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BRAILLE:**

Representação das escritas específicas das diferentes áreas de conhecimento através dos sinais do Sistema Braille.  
(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BRAILLE PARA A FONÉTICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita fonética.  
(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BRAILLE PARA A INFORMÁTICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita informática.  
(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BRAILLE PARA A MATEMÁTICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita matemática.  
(FPO e CB).

### **\*GRAFIA BRAILLE PARA A MÚSICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita da música.  
(FPO e CBO, OJM e VC).

### **\*GRAFIA BRAILLE PARA A QUÍMICA:**

Conjunto de símbolos braille e regras de aplicação utilizados na escrita química.  
(FPO, OJM, VC e CB).

**\*GRANDE REPORTAGEM - EDIÇÃO SONORA DA SECÇÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE ABRANTES:**

Edição Sonora dos Artigos mais Significativos retirados da Edição a Tinta da «Grande Reportagem». Publicação, sob a coordenação de Francisco Lopes, da Secção para Deficientes Visuais da Biblioteca Municipal de Abrantes, cujo primeiro número saiu em Novembro de 1991.

(ADG).

**\*GRANDEZA HUMANA:**

A grandeza humana está na humildade e gratuidade, na generosidade e simplicidade do ser e no fazer acontecer.

(ADG).

**\*GRC:**

Ver **Gabinete de Referência Cultural**.

**\*GRUPO DE ESTUDOS SOCIAIS, TIFLOLÓGICOS E ASSOCIATIVOS - MOVIMENTO PROGRESSISTA (GESTA-MP):**

Nesta Entrada citamos José Adelino Guerra e Filipe Pereira Oliva.

Apresentação, por José Adelino Guerra:

«Neste número, o primeiro dos "Cadernos Gesta", o "Editorial" designa-se "Apresentação". Antes de percorrermos as páginas deste "Caderno", dedicado ao Associativismo entre as pessoas portadoras de deficiência visual, impõe-se uma apresentação do conjunto, isto é, do projecto, para utilizar o termo habitual nestas circunstâncias.

Os "Cadernos Gesta", não são a folha oficial dos órgãos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sociais do GESTA-MP; aqui têm lugar todos os contributos que visem o desenvolvimento do pensamento e da acção tiflológica. Não se trata, tão pouco, da revista do Grupo, editada para noticiar as actividades do mesmo; essa informação deve ser conferida no sítio do movimento em <<http://www.gesta.org>>.

Os "Cadernos Gesta" são a concretização dum dos propósitos do GESTA-MP, expresso na "Carta de Princípios": "O GESTA-MP exerce a sua intervenção pela investigação, estudo e preparação de medidas concretas destinadas a contribuir eficazmente para a integração social dos deficientes visuais e para a correcta informação da sociedade em geral sobre a especificidade da deficiência visual" (Princípio da Intervenção Progressista).

A linha editorial tem por referência os valores e objectivos da "Carta de Princípios"; o estilo procurará assentar sempre na clareza do discurso, rigor, objectividade e afirmação fundamentada; o modelo é o de publicação temática, cada número dedicado a um assunto. Defenderemos a qualidade dos textos a publicar nos "Cadernos", porque se queremos a qualidade do exercício e da prática tiflológica (associativa ou não), precisamos de defender qualidade cultural e científica.

Este número, que é primeiro, foi dedicado ao associativismo entre os deficientes visuais, não ficando a observação do fenómeno circunscrita a Portugal, mas alargando-se também a outras latitudes, geograficamente distantes, todavia próximas de nós pelos laços afectivos, linguísticos e históricos.

"Quatro séculos e meio parece ter o associativismo entre os cegos em Portugal. Surgiu à sombra de instituições religiosas e aí se manteve até ao fim do século XIX, quando se estendeu também ao campo laico. Com toda a probabilidade não terão

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sido os cegos que o geraram; mas com a criação da ACLB começaram a preparar-se para o tomar nas suas mãos". Assim escreve Filipe Oliva, num criterioso, completo e actual estudo histórico sobre o movimento associativo dos cegos portugueses.

Em estilo impressionante e através da análise criteriosa, milimétrica, Fernando Matos ensaia, como ele mesmo declara, "a caracterização de certas estruturas vocacionadas para o atendimento de determinadas necessidades dos deficientes visuais, estruturas aqui designadas por 'organizações tiflológicas portuguesas'" cujo conceito se ensaia elaborar. Para além disso, busca igualmente inferir-se o papel de tais organizações na época actual, marcada por um dinamismo extremo. Este bem estruturado estudo sobre o associativismo de cegos nas vertentes organizacional, jurídica, social, teleológica, não termina sem desvendar caminhos possíveis no futuro.

Joana Belarmino, professora universitária e ensaísta de reconhecido mérito, define, em estilo saboroso, o âmbito e dimensão do movimento associativo dos cegos brasileiros, alargado pelo saber e experiência de Judith Varsavsky a outros países do continente sul americano. Os "Cadernos Gesta" prosseguem, em texto da nossa autoria, com a descrição sucinta das diversas associações de cegos dos PALOP, e encerram com o registo de um elenco de nomes, datas e siglas relacionadas com o movimento associativo dos cegos no Mundo, resultado de pesquisa efectuada por Cláudia Cardoso.».

[Recortado de: GUERRA, José Adelino (2001). Apresentação do Caderno I do GESTA-MP. In: «Cadernos GESTA», Ano I Nº 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm).].

«O despontar deste Movimento no seio da ACAPO e a sua

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

recente constituição em grupo organizado, que se define como "movimento cívico sem personalidade jurídica", parecem prefigurar-se como uma pedrada no charco. Com efeito, o GESTA-MP, pela pertinência dos princípios que enformam a sua ideologia, pela clarividência da análise que faz da situação actual e pela estratégia de intervenção adoptada, em que destacamos a investigação e a formação, potencia amplas e promissoras possibilidades de melhorar a participação dos deficientes visuais na construção de um desempenho associativo em que, segundo as palavras do Movimento, "Face aos múltiplos desafios presentemente colocados, não haverá participação consequente que não seja moldada em análises cuidadas, reflexões fundadas e propostas conscientes". Nesta convicção o Movimento propõe-se "partilhar com o maior número de pessoas os seus mais caros ideais de acção tiflológica e progressista, aspirando prosseguir os valores de uma tradição construída na defesa dos inalienáveis direitos dos cegos e amblíopes portugueses, e, bem assim, do fortalecimento da sua capacidade de iniciativa e de afirmação, tradição na qual assumem o plano mais elevado as figuras, o pensamento e as obras de José Cândido Branco Rodrigues e José de Albuquerque e Castro".

Finalmente à vista, pois, muito nos apraz sublinhá-lo, uma estrutura destinada a tratar a matéria tiflológica, reconhecendo a importância fulcral que tal matéria tem inevitavelmente de revestir para uma associação de deficientes visuais. Algumas foram, no passado recente, as vozes que se ouviram em reuniões magnas da ACAPO a notar a necessidade de, por forma organizada, se partir para o tratamento sério desta vertente. Ouviu-se mesmo, uma vez, um dirigente nacional afirmar que a Direcção Nacional se comprometia a estudar a criação de um espaço para debate da matéria tiflológica. Lamentavelmente, porém, tais palavras

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

não tiveram quaisquer consequências. Contudo, ao integrar este propósito nas suas finalidades, o GESTA-MP vem agora preencher esta lacuna, tão longamente desprezada, e, ao fazê-lo, posicionar-se para poder prestar aos deficientes visuais um serviço fundamental que os irá ajudar a criar a verdadeira consciência tiflológica, que até hoje tem faltado ao movimento associativo no nosso país. Este propósito, pelo contributo que irá trazer para ajudar a erradicar o que ainda resta da opinião expressa pelos vendedores de livros da Lisboa de setecentos e pelo que representa de essencial para a efectiva consecução das justas e legítimas aspirações de cidadania dos deficientes visuais portugueses, merece, sem qualquer dúvida, a mais ampla e esforçada colaboração.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001). O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos GESTA», Ano I N° 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm) <<http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm>>].

(FPO).

### **\*GUERRINHA, JOAQUIM:**

(Este texto não respeita o Acordo Ortográfico em vigor)

A ACAPO, associando-se às comemorações do centenário do nascimento de Joaquim Guerrinha, 01.02.2013, publica um texto da autoria de Dalila de Jesus Guerrinha, filha de um dos nomes incontornáveis da tiflogia em Portugal.

Posteriormente, pelo quadragésimo aniversário da sua morte, 21.02.2016, também a Acapo rendeu homenagem a Joaquim Guerrinha, divulgando no seu site um outro texto, da mesma autora, porventura mais amplo, porque fez memória algo detalhada, das suas grandes intervenções na sociedade. Assim sendo, nascerá agora um texto único, afinal, um compromisso entre ambos.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Passadas três décadas de silêncio após a sua morte, 21.02.1976, já muito foi dito sobre Joaquim Guerrinha desde 2005, a partir da publicação da sua Biobibliografia intitulada “Uma Luz na História / Joaquim Guerrinha 1913-1976/ Um verdadeiro impulsionador da causa dos Cegos em Portugal”, de que sou autora. Hoje, tornou-se um lugar-comum recordar a sua vida e obra.

Para quem se liga "on-line" o site da ACAPO e o "Lerparaver" têm sido a fonte informativa; em Braille, é a Poliedro e o Ponto e Som que dão essas referências; na imprensa, lê-se no Sineense, no Notícias de Sines, no Jornal O Leme (Santo André), no Litoral Alentejano (Santiago do Cacém), no Diário do Sul (Évora) e na Revista Memória Alentejana, pelo que o seu nome já não passa despercebido.

De entre os diversos Lançamentos, por Lisboa e Sines, cite-se, com o devido apreço, um que ocorreu nos USA, na Casa dos Açores em Fall River, a 30 de Outubro de 2005. De registar também algumas Conferências, Debates, Comunicações, Entrevistas a propósito da figura central deste livro; posteriormente, repetiram-se estas cerimónias a quando da ligação do seu nome à toponímia de Sines (25 de Abril de 2008), tal como ficou assinalado em placa:

### **RUA JOAQUIM GUERRINHA (1913-1976)**

#### **MÚSICO E TIFLÓLOGO**

No ano de 2013, comemoração do centenário do seu nascimento, o Diário de Notícias e toda aquela Imprensa Regional Alentejana deu reiteradamente voz a todos estes eventos, ao mesmo tempo que apresentava uma nota biográfica sobre o homenageado, ainda conhecido de muitos como um mito, em terras alentejanas.

Do mesmo modo, as Revistas Tiflológicas e os “sites” referidos, adoptaram a mesma política, ou seja, divulgaram os

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

acontecimentos e biografaram sempre Joaquim Guerrinha, nestes casos, mais como reflexão pedagógica que visaria sobretudo os mais novos, dando-lhes a conhecer em curtas, mas sintéticas linhas, a luta titânica que os primeiros cegos cultos enfrentaram para desbravar caminhos e proporcionar às novas gerações uma vida menos dura...

Como mera curiosidade, acresce dizer que, exactamente no dia 30 de Outubro de 2005, no Programa “As Escolhas de Marcelo”, na RTP1, o actual Presidente da República, na análise semanal de livros que fazia nessa época, comentou a referida Biobibliografia, definindo Joaquim Guerrinha “como um indivíduo notável, que esteve na origem de Associações de Cegos, atravessando tempos difíceis, pois era um Comunista na clandestinidade”.

Esta abordagem prévia significa, “*a priori*”, que, sendo tão diversificados, hoje em dia e, neste caso específico, os canais de informação ao serviço das pessoas com deficiência visual, só não acedeu quem não quis, só não se inteirou de toda esta dinâmica quem a excluiu, à partida.

Porém, e porque se cumpriram a 21 de Fevereiro de 2016 quarenta anos sobre a morte de Joaquim Guerrinha, importa reavivar memórias, tocando ao de leve nos pontos mais enriquecedores da sua formação e do seu desempenho como humanista, músico e tiflólogo.

Esta abordagem dirige-se, não só à habitual imprensa regional e tiflológica, como a todos os ouvintes e intervenientes deste novo modelo de comunicação, uma espécie de audioconferência, em que, com toda a seriedade, se debatem temas de interesse comum, neste caso específico, de natureza tiflológica. A 02.04.2016, numa singela homenagem, por sinal bastante participada, Joaquim Guerrinha esteve em foco durante cerca de 2h.

Seria meu objectivo que esta comunicação visasse sobretudo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

os mais jovens, aqueles que pisando hoje uma passadeira de esperança, encontram na sociedade actual uma resposta mais adequada e mais imediata às suas necessidades e, por isso, já não chegaram a confrontar-se com os porquês, o como e o quando de outras eras.

Assim sendo, e porque há alguma bibliografia que pode ser consultada sobre o homenageado, em diversos suportes: livro (a negro e em Braille), áudio e digital, passarei à frente o momento do seu nascimento, a 1 de Fevereiro de 2013, os desvarios que lhe causaram a cegueira irreversível aos 18 meses de idade, o seu crescimento no seio de uma família pobre, servindo os latifundiários alentejanos no auge da primeira guerra mundial e, finalmente, a sua mudança radical de vida pela transposição das portas do Alentejo pela mão de seu Padrinho de Baptismo, o que o levou até ao Instituto Branco Rodrigues, na zona de Lisboa, Estoril, com sete anos incompletos, seguindo-se a sua formação exemplar neste Instituto. Aproveito, aliás, a oportunidade para salientar o alto nível cultural que se praticava nesta Escola e que marcou de forma indelével todos os seus ex-alunos.

Quem lê, quem acede e, por isso, conhece... será agora confrontado apenas com uma curta retrospectiva de carácter biográfico, em que ousei recordar a nota brilhante de 19 valores no seu Curso Superior de Piano do Conservatório Nacional de Música de Lisboa, bem como o facto de ter sido o primeiro cego que ganhou o Prémio do Conservatório na disciplina de Piano; de como foi amparado por duas Instituições - a Associação de Beneficência “Louis Braille” e o “Rotary Club” de Lisboa e do Funchal, cidade esta em que se lançou, aos 23 anos de idade, como grande Concertista, noticiado em toda a Imprensa local por ter sido amplamente aplaudido nos melhores salões do Funchal, nomeadamente no Casino da Cidade e no Teatro Municipal Arriaga, posteriormente chamado Baltasar Dias; os mesmos êxitos se

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

repetiram no Continente - Lisboa, Évora, Região da Curia, Porto. Em simultâneo com estas actividades concertistas e com frequentes audições a Solo, noticiadas nos Boletins da Rádio, integra a formação do Sexteto de Cegos da Emissora Nacional, na qualidade de Pianista, entre 1938 e 1973, com audições semanais, (ou seja, entre os seus 25 e 60 anos de idade). Feitas as contas, num total de 35 anos e, sublinhe-se, sem qualquer direito a reforma!

Numa outra dinâmica, que decorreu em paralelo com a sua formação musical e o consequente desempenho, acima referido em instituições públicas, abraçou o tifoassociativismo de alma e coração, em diversas vertentes:

Pela via da escrita, entre 1936-38 publicou na Imprensa do Funchal e de Évora duas Séries de Artigos: a primeira, sobre a Vida dos Cegos Através dos Tempos, em 16 capítulos; a outra Sequência, 11 Artigos sobre a Vida Experiencial da Pessoa Cega.

Pela expressividade da sua comunicação oral, fez um número impreciso de conferências, debates, palestras e foi também entrevistado em todas as Rádios de Lisboa que desabrochavam na década de trinta e se consolidavam em quarenta.

Pelo seu sentir, pelo seu humanismo e pelo seu carácter impulsivo, dedicou-se à problemática da cegueira, inserindo-se, de corpo inteiro, na vida associativa: aos 22 anos já ocupava cargos de chefia na Associação de Beneficência “Louis Braille”, interrompidos pelas suas deslocações ao Funchal em 1936 e 1937, sendo, contudo, aguardado com ansiedade, para se entregar à resolução de problemas emergentes da classe.

De facto, por razões devidamente explicitadas na Biografia, só em 1941 se assumiu como Director desta Instituição, tendo trabalhado intensamente para a integração da pessoa cega na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Sociedade, pela via da cultura. Manteve-se nesta Associação durante 10 anos, ao fim dos quais, devido a uma cisão entre os associados, Joaquim Guerrinha encabeçou um movimento separatista e, em 23 de Julho de 1951, é co-fundador da Liga de Cegos “João de Deus” associação que, por ausência de instalações, esteve sediada durante os primeiros seis meses, na sua própria casa.

A “Liga”, como familiarmente todos chamávamos, tornou-se, devido à acção pedagógica e cultural de Joaquim Guerrinha numa casa de cultura, com o alvará do Ministério da Educação, onde se acolhiam estudantes de todos os níveis de ensino e onde aqueles que já tinham atingido níveis de formação mais avançados se iniciavam, eles próprios, na prática da docência, dirigida aos principiantes. Nesse sentido, para além das conhecidas Salas de Estudo, criaram-se condições para que o desempenho desses estudantes (professores e alunos) pudesse ser maximizado, pelo recurso permanente a gravações áudio e a leitores voluntários, bem como à produção possível da escrita Braille e recurso a copistas.

Em toda a sua vida, Joaquim Guerrinha usou sempre da palavra em festividades e aniversários oficiais das Colectividades. Na década de sessenta deu o seu contributo em Simpósios e Mesas Redondas, sendo-lhe reconhecido o mérito de abrilhantar relatos autênticos, alguns anteriores ao associativismo, mas devidamente enquadrados numa sequência cronológica, fruto da sua prodigiosa memória.

Como é do conhecimento geral, a ACAPO (Associação de Cegos e Amblíopes de Portugal) é hoje a herdeira dos destinos destas duas Associações, bem como da Associação de Cegos do Norte de Portugal, no Porto.

Para concluir esta visão de um homem multifacetado, que na Música foi um virtuoso, na Tiflologia, polivalente, permito-

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

me citar um pequeno excerto da sua Biografia, Capítulo 7, pág.93:

*“A TRAVESSIA DO SUCESSO*

*A bordo do Paquete **LIMA**, Joaquim Guerrinha fazia a travessia do Atlântico para*

*alcançar a Ilha da Madeira, a Pérola do Oceano, como os poetas a designavam. Vinte e dois anos sonhadores! Que expectativas teria este jovem?*

*Tornar-se, simplesmente, um Concertista afamado?*

*Continuar, isoladamente, a sua luta pela emancipação da pessoa cega?*

*Ou usar, conscientemente a **MÚSICA COMO VEÍCULO** para atingir este último objectivo?*

*É que ao revelar-se ele próprio ao público, consciente do seu bom desempenho e do seu exemplo, despertaria, quiçá, uma Sociedade adormecida, para, sem entraves, passar a reconhecer a igualdade de direitos da pessoa deficiente visual e descobrir-lhe potencialidades que lhe permitissem desempenhar um papel activo e responsável, em cooperação com os outros cidadãos, na construção dessa mesma Sociedade.*

*Então a sua ‘performance’ teria de ser excelente, a sua apresentação muito digna e, se possível, dar a conhecer a sua instrução e cultura, com a maior modéstia e humildade.”*

E foi assim o seu agir: a sua virtuosidade era geradora de emoção artística; pela Música se deu a conhecer, teve acesso à Imprensa, à Rádio, abriu caminhos para a inserção social das pessoas com deficiência visual pelos mecanismos culturais que desencadeou e, na sua dura e prolongada luta

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

associativa que durou 44 anos “abriu os olhos” a um país desinformado, mostrando que um cego culto pode ombrear com os que vêem.

Joaquim Guerrinha foi, indiscutivelmente, uma figura paradigmática.

Casou-se em Lisboa aos vinte e oito anos, com uma jovem madeirense da sua idade, que conheceu no Funchal em 1936, a quando dos seus Concertos e com a qual viveu uma linda história de amor. Teve três filhos, nascidos na década de 40, com quem partilhava toda a sua alegria. Mas... a intensidade da vida associativa veio a interferir profundamente no equilíbrio familiar. Contudo, ainda teve tempo para renovar aquele encantamento com os quatro netos que conheceu, sobretudo com os dois primeiros.

Nos últimos anos da sua vida ganhou prémios em vários Jogos Florais, promovidos à época pela Associação de Beneficência “Louis Braille” e pela Biblioteca Nacional, este, já como prémio póstumo.

Falando de Joaquim Guerrinha como humanista, todos quantos o conheceram o identificavam como uma alma mística e sensível; defendia o Comunismo desde jovem, como opção política, talvez em estreita relação com as suas origens. Curiosamente, nasceu em 1913, como Álvaro Cunhal e, movido pelos ideais comunistas, infiltrara-se numa célula do Partido, transportando nas suas algibeiras Jornais e Panfletos que distribuía na clandestinidade, não correndo tantos riscos, pelo facto da Pide não desconfiar de um Cego, assim dizia ele.

Este ideal comunista enquadrava-se, aliás, no seu perfil espiritual, de tendência esotérica que o acompanhou, desde muito jovem até ao fim dos seus dias. Portanto, esta entrega a um ideal político a que Guerrinha se consagrou também, era mais uma vertente da sua personalidade, que encaixava

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

perfeitamente naquele espírito de intelectual ousado e dinâmico, empreendedor e um tanto boémio, típico de um artista pobre e sonhador, que recebe com uma mão e dá com a outra!...

Frequentou organizações Místico-Filosóficas como a Ordem Rosa Cruz, Sociedades Teosóficas, Federação Espírita... Mas, pelos compromissos familiares e de trabalho teve que abandonar estas Reuniões; ocupava, porém, largas horas da noite a fazer Meditação... e a sua vida tornou-se uma entrega permanente de si próprio. Não sabia negar qualquer pedido, nunca construía uma frase na negativa, nunca se queixava e, também nessa óptica, ninguém o ouvia dizer “estou doente!”. Por isso, o seu enfarte fulminante nos deixou a todos perplexos e num luto amargo, mas que agora interpreto como uma bênção dos Céus, pois nem o seu corpo nem a sua mente conheceram a degradação física ou moral.

Muitos são os testemunhos que a seu tempo recolhi e que fazem jus à personalidade de Joaquim Guerrinha, ao seu carácter íntegro, ao seu perfil de Lutador/Vencedor, ao homem singular que foi, mas de uma dimensão plural, convergindo nele o Virtuoso do Piano; o Tiflólogo que, pelos mecanismos culturais que desencadeou, desbravou caminhos em prole dos Cegos portugueses; o Humanista de grandeza lapidar. Seleccionei três deles, para que não pareça tendenciosa a minha avaliação pessoal, na qualidade de filha.

O primeiro, um poema feito por Aida Bruno Coelho, a amiga que muito contribuiu, pela sua ajuda diária e constante, para que o nome de Joaquim Guerrinha saísse do anonimato em que mergulhara durante quase trinta anos. Foi esse poema que serviu de mote junto da Câmara Municipal de Sines e do Gabinete de Toponímia e que, face aos argumentos debatidos, ligou para sempre o nome de JOAQUIM GUERRINHA à terra que o viu nascer. Lê-se na Contracapa do livro “Uma Luz na História”; o segundo, assumiu o lugar

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

de Posfácio da referida Biografia, marcado também pela amizade e pelo conhecimento intrínseco do homenageado. Foi escrito pelo Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro; o terceiro, proveniente de outra fonte, inserido no Lançamento da Edição em Sistema Braille da Monografia de Joaquim Guerrinha “História da Associação de Beneficência Louis Braille desde a sua Fundação”, cerimónia essa que decorreu na Biblioteca Nacional em 31 de Maio de 2006, a assinalar os trinta anos da morte do seu autor. Teve a assinatura do Dr. Isidro Rodrigues, num compromisso entre a verdade histórica, o profundo reconhecimento, a marca da amizade e muita cumplicidade. Intitula-se “Nota explicativa da Edição Braille”

### *NADA MELHOR QUE ESCREVER!*

*Homenagem a um PAI*

*Que já partiu, está ausente!*

*Ausente, mas bem presente!*

*Da memória não se esvai!*

*Se o tempo ajuda a esquecer,*

*Nada melhor que escrever!*

*Seu nome, (pobre desejo)*

*Não a um Largo ou Alameda,*

*Mas a uma simples vereda*

*Nos campos do Alentejo,*

*Seu nome, quem dera ver,*

*P’ra recordar, reviver!*

*Recordar e reviver...*

*Não faz bem sempre, pois não!*

*Se entristece o coração*

*Faça o tempo então esquecer!*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*Mas se é bom, bom reviver,  
Nada melhor que escrever!*

A.B.C.

### POSFÁCIO

#### JOAQUIM GUERRINHA

*E se me lembro do Senhor Joaquim Guerrinha!*

*O Senhor Joaquim Guerrinha, era assim que nós, os mais novos, o tratávamos. Era um optimista, exibindo na voz o entusiástico e envolvente colorido de um carácter forte, da alegria e do saber, nunca se rendendo aos condicionalismos e efeitos do facto de ser cego. Conheci-o na Liga de Cegos «João de Deus» em 1965, tinha eu dezasseis anos de idade. Durante cerca de uma dezena de anos, por diversas vezes privámos. Assisti a várias intervenções suas e manifestações de natureza investigacional e de cultura, orais e escritas, as suficientes para que eu lhe deva uma grande consideração e admiração.*

*Honra-me e gratifica-me profundamente testemunhar algo do grande homem que foi Joaquim Guerrinha, com quem, aliás muito jovem, tive a feliz e frutífera oportunidade de partilhar a recepção de aulas nas áreas das então Secções de Letras e de Ciências do 5º ano, em que sempre emergiam as suas alicerçadas questões e densa sabedoria, pois, como já dizia Sócrates, «a sabedoria é a parte suprema da felicidade».*

*Homem de férrea vontade, de indómita perseverança, mais um exemplo vivo do muito que pode conseguir-se com tenacidade, persistência e boa vontade; de uma enorme generosidade e saberes partilhantes, de enriquecimento e propalação da problemática e do associativismo tiflológicos (pois também estava ciente, como*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*Helen Keller, de que «o maior problema que os cegos enfrentam é a falta de visão dos seus amigos que vêem»); nómada da razão e da inteligência emocional por ser capaz de se enquadrar nos surpreendentes contextos que por vezes o envolviam, possuidor de uma substancial utensilagem mental ao serviço de todos; batalhador inconformista e amante do progresso, já que «o conformismo», como sustentava John Kennedy, «é o carcereiro da liberdade e o inimigo do crescimento».*

*Parafraseando Platão e Cícero, preferia estar em desacordo com o mundo todo a estar em contradição consigo mesmo, prevalecendo o testemunho da sua consciência em relação às opiniões alheias a seu respeito. Numa dimensão aristotélica, era dono da sua vontade e escravo da sua consciência. Preferia, como Séneca, «molestar com a verdade» em vez de «agradar com adulações». Dava a entender, comedidamente, que «três coisas nunca voltam atrás: a palavra dita, a seta lançada e a oportunidade perdida» (provérbio chinês que bem se lhe ajusta).*

*Sempre que as circunstâncias anómalas ou adversas a isso o obrigavam, fazia-se ouvir num sorriso e humor sarcástico subtile, vituperando numa voz forte e bem timbrada, o correspondente, e tão caracteristicamente expressivo, número astronómico de «milhões de raios!».*

*Às vezes, num aparente paradoxo, mesclava a vida (como se de repouso se tratasse e em sintonia com Samuel Butler), vivendo-a como a música, compondo-a de ouvido, com sensibilidade e intuição, abstraindo-se de determinadas normas rígidas, mergulhando num bom copo, se necessário fosse, agruras e utopias, sendo um nato lutador, estudioso, profissional, além de exímio pianista. Confúcio dizia que «estudar é como polir a pedra» e que o «espírito» se purifica «pela cultura». E Joaquim Guerrinha estudava, investigava,*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*lia, para saber e não errar ou, pelo menos, errar o menos possível. «Quem não lê não quer saber, quem não quer saber quer errar» (António Vieira).*

*A sua vida e aposta na consolidação dos grandes valores humanos constituiu uma espécie de missão na realização da tolerância, solidariedade e esperança da socialização humana e da pacificidade em torno do associativismo tiflológico e da dignificação das pessoas cegas.*

*Já Jurgen Moltmann asseverava que «a meta da missão cristã não é simplesmente uma salvação individual, pessoal, nem tão-pouco espiritual; é a realização da esperança da socialização de toda a humanidade e da paz no mundo». Na verdade, «em cada um de nós há um segredo, uma paisagem interior com planícies invioláveis, vales de silêncio e paraísos secretos» (Saint-Exupéry). Joaquim Guerrinha vestia este semblante e tinha esta paisagem interior.*

*Oriundo da planície alentejana, tocou, cantou, triunfou nas asas dos sonhos, num paradisíaco arco-íris adejante em mares e terras «invioláveis», numa profícua ponte de Lisboa à «Pérola do Oceano», eternizando-se na memória dos tempos e, agora, neste nobre lugar dos signos que elucidam o sentido do mundo, a sublimidade biobibliográfica que um dos seus «rebentos» mui dignamente juntou, para que a História registe e nunca o esqueça.*

**AUGUSTO DEODATO GUERREIRO**

### **NOTA EXPLICATIVA DA EDIÇÃO BRAILLE DA**

### **“HISTÓRIA DA ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA LOUIS BRAILLE DESDE A SUA FUNDAÇÃO”**

*Decorridas que são três décadas após a morte de*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*Joaquim Guerrinha, é justo que esta monografia por ele carinhosamente gerada seja de novo colocada em Braille ao dispor dos que se interessam pelo tífloassociativismo em Portugal.*

*Em tempos idos foi este livro uma possível fonte de informação para todos; contudo, alguém - imprevidente - procedeu por forma a não salvaguardar o património que era pertença de todos, permitindo assim que apenas os privilegiados da oportunidade tenham acesso a informação que podem manipular à vontade sem terem a obrigatoriedade legal de referir as fontes. Doravante, esse privilégio não se manterá reservado para um restrito número de hábeis investigadores; todos passaremos a ter a mesma possibilidade de nos informarmos na fonte e de conhecermos os que, porventura, usem explanar ideias de outrem como se elas fossem suas.*

*Naturalmente que esta reposição tem ainda como objectivo central patentear o respeito que a geração dos nossos dias guarda pelos homens que, como Joaquim Guerrinha, se entregaram de alma e coração ao serviço de causas de cariz humanista. Ele foi, entre muitos que já partiram na viagem que não tem retorno, um caloroso entusiasta do tífloassociativismo, ele consubstancia, por assim dizer, a alma dos indómitos cidadãos que não se resignaram com a situação social envolvente, e tudo fizeram para que as pessoas com deficiência visual pudessem um dia alcançar a plena cidadania.*

**ISIDRO RODRIGUES**

Joaquim Guerrinha (1913-1976) cidadão de corpo inteiro, figura incontornável da Tiflogia em Portugal e músico distinto, talentoso para a Escrita - homem de letras e alma de poeta, conhecido pela sua inteligência e bondade, pelos seus ideais políticos e convicções esotéricas, soube conjugar todas estas facetas do seu perfil, usando-as como veículo para informar a Sociedade sobre as reais capacidades da pessoa cega e impor a sua integração nessa mesma sociedade, numa

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

luta associativa que durou quarenta e quatro anos.

A sua força interior era luminosa, avessa aos pensamentos negativos e o que verdadeiramente ressaltava no seu perfil psicológico era uma jovialidade constante e um optimismo inabalável; uma genuína bondade e um sorriso bonacheirão; um querer bem a toda a gente ... num amor incondicional ... Perdia-se pelos amigos... dava-se inteiramente.

Foi sempre pobre em recursos materiais, mas viveu a opulência da partilha e do amor!

Dalila Guerrinha

04.01.2018

### Bibliografia e Web-grafia consultada:

- GUERRINHA, Dalila de Jesus (2004). *Uma Luz na História: Joaquim Guerrinha (1913-1976), Um Verdadeiro Impulsionador da Causa dos Cegos em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri.
- GUERRINHA, Dalila de Jesus (2013). *Comemoração do Centenário do Nascimento de Joaquim Guerrinha (DJG)* Lisboa: Suporte Digital.
- GUERRINHA, Dalila de Jesus (2016). *Homenagem a Joaquim Guerrinha pelo quadragésimo aniversário da sua morte (DJG)* Lisboa: Suporte Digital.
- GUERREIRO, Augusto Deodato (2011). *Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflologia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal*. Lisboa: GRC/DMC/Câmara Municipal; Notas Longas IX, 1º Texto, de Dalila de Jesus Guerrinha, pp. 249-256; e 2º Texto, de Augusto Deodato Guerreiro, pp. 256-258.
- GUERREIRO, Augusto Deodato/GRC/CML (2010). *"Na Tiflologia em Portugal - Joaquim Guerrinha (1913-1976)"*, Homenagem da Câmara Municipal de Lisboa em 4 de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

fevereiro de 2010, com intervenções do Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro, Dra. Dalila de Jesus Guerrinha (filha do grande músico e tiflólogo), Dra. Aida Bruno Coelho, Prof. Francisco Fernandes e Dr. Isidro da Eira Rodrigues, realizada in loco e online pelo Forum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida", do Gabinete de Referência Cultural da Câmara Municipal de Lisboa, no Auditório da Biblioteca Municipal "Orlando Ribeiro" deste Município e então disponibilizada no sítio <http://mundodavida.cm-lisboa.pt>.

· RODRIGUES, Isidro (31.05.2006). *Nota Explicativa da Edição Braille “História da Associação de Beneficência Louis Braille desde a sua Fundação”* (IER): Suporte Braille (DJD).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## H

**\*HAÛY, VALENTIN (1745-1822):**

Pai da institucionalização do ensino das pessoas cegas em França, por extensão no mundo.

Ver também Escrita em Relevo Linear.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoadada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].  
(ADG).

**\*HELEN KELLER:**

Ver **Keller, Helen**.

**\*HEMERALOPIA (Oftalmologia):**

Cegueira noturna.

(FBW).

**\*HEMIPARÉSIA:**

Perda da sensibilidade aferente, ou de *input*, por lesão ou disfunção do córtex somato-sensorial, resultando numa perturbação na identificação e localização de estímulos sensoriais induzidos no hemicorpo contralateral, podendo, em simultâneo, afetar a elaboração de movimentos voluntários.

Distingue-se da hemiplegia, porque esta constitui uma lesão motora de um hemicorpo em consequência duma lesão da via

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

piramidal que liga os motoneurónios corticais aos motoneurónios medulares, provocando um défice motor ou paralisia, modificações nos reflexos e alterações tónico-musculares variáveis.

(VF).

### **\*HEMIPLEGIA:**

Tipo de Paralisia Cerebral onde uma parte, seja esquerda ou direita do corpo, está envolvida. A sua prevalência pode ser de 35-40% dos casos identificados.

(VF).

### **\*HEMOFILIA (Tipo de doença rara):**

É um distúrbio genético que afeta a coagulação do sangue. A hemofilia é hereditária e provoca sangramentos prolongados tanto na parte interna quanto externa do corpo. Pode haver sangramento dentro das articulações, nos músculos, na pele e em mucosas. O tratamento é feito com medicamentos indicados por um hematologista.

(MSJA).

### **\*HIPERDOTAÇÃO:**

Atitude particular, talento especial, génio singular ou capacidade sobredotada em qualquer área de desempenho performático, corpóreo, motor, desportivo, musical, artístico, linguístico, matemático, cognitivo ou criativo.

(VF).

### **\*HIPERDOTADO:**

Relativo a Hiperdotação. Ver Hiperdotação.

### **\*HUMANIZAR A VIDA EM CIDADANIA e NO PRAZER SOLIDÁRIO DE EXISTIR:**

Para o conteúdo desta Entrada, achámos por bem transcrever

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

aqui, quase *ipsis verbis*, o breve artigo subordinado ao tema que escrevemos para a «Revista Louis Braille», da ACAPO, e que foi publicado em 2018, no seu nº 24 (em suporte eletrônico), nas páginas 16-19.

Procurando corresponder ao amável desafio do meu velho e muito estimado Amigo, e companheiro seareiro de letras, Jerónimo Nogueira, depressa me encontrei, nessa medida, a escrever algo (numa obrigatória contenção em três ou quatro páginas) para a distinta Revista que agora mui dignamente dirige. Eu, como pessoa cega que também gosta de escrever, comecei, inadvertidamente, a garatujar umas ideias e a caminhar numa universalidade de olhares que mais se afigura ínvia do que clarividente... Mas eu tinha de iniciar um arrazoado qualquer, conducente a um sabe-se lá que tema para este assumido compromisso, ainda que submerso numa espécie de amena cavaqueira de café. Depressa cheguei à humanização da vida no prazer solidário de existir. E achei que o título escolhido "dá pano para mangas". Aliás, a minha prolixidade não costuma trair-me e a sua sistematização graficofonética sempre me empurra para uma semântica desejável das coisas e dos objetivos, mesmo que, à primeira vista, pareça de somenos importância. E devo dizer que, por vezes me perturba a ausência de tempo no tempo para escrever. Há ideias únicas que só nos ocorrem uma vez na vida, mas que se perdem nos paraísos do pensamento por falta de tempo para as acolher, tratar e registar em acondicionado lugar. Servindo-nos de um neologismo miacoutiano, temos de "*abensonhar*" a vida, seja na sublimidade do que nos proporciona seja nas adversidades com que nos molesta. A vida é um itinerário singularmente surpreendente e fascinante, como legado divino inviolável e fecundo que nos foi entregue para gerirmos, suportarmos e vencermos, em cada momento, todo o tipo de intempéries, com tristezas ou alegrias, vociferando ou sorrindo-lhes. A

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Impermanência física em que nos encontramos parece que, em simultâneo com inerentes obrigações pessoais e sociais, mais nos responsabiliza espiritualmente em gratidão por passarmos em consciência com os pés assentes na Terra (parafraseando o grande investigador e ensaísta Edgar Pereira). Só temos de agradecer e de reconhecer muito o estarmos vivos e o pugnarmos incessantemente por uma vida digna e inclusiva, onde todos tenhamos lugar e sem as obstruções invisíveis que, em geral, insistimos em esconder e que não hesitamos em exhibir numa qualquer circunstância mais oportunística que nos possa fragilizar e persuadir momentaneamente... Mas podemos negociar e exercitar dentro de nós mesmos resistências e competências pessoais e sociais que dão à emoção e à inteligência, à humildade e à tolerância, à coragem e à generosidade na solidariedade e na partilha, à sensibilidade e à cultura, à harmonia e à esperança, mais poder e mais força para sermos íntegros e indómitos nas nossas convicções e decisões.

Creio que ninguém consegue, deliberadamente, dar o seu significativo contributo para humanizar a vida se não tiver prazer solidário no existir, condignamente educando em partilha. O prazer de existir está na naturalidade do viver e conviver, do amar e do saber fazer amar. Embora, secundando Oscar Wilde (1854-1900), viver seja a coisa mais rara do mundo, porque "a maior parte das pessoas" se limita "a existir", a persistência, com empenho e sabedoria, na humanização da vida nunca pode adormecer nem adoecer. Até porque a sabedoria é a parte suprema da felicidade (Sócrates, 470/469-399 a.C.). Mas só podemos ter prazer no existir desde que sejamos solidários e felizes na partilha em diversidade e equidade... o que, nessa exata dimensão, e parafraseando Umberto Eco (1932-2016), só pareça ser "para cretinos" a felicidade completa. Não obstante esta afirmação, costumamos sustentar que não podemos deixar desmaiar o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sorriso da alma e do rosto, do coração e da própria pele... da lógica e da razão, da emoção e do sentimento... onde adormece, sonha e acorda o nosso bem-estar, estando sempre cientes e interventivos na justificação crítica dos nossos discursos e das nossas ações, palavras e ações de mãos dadas e a falarem sempre a mesma língua.

Quando temos alguma dificuldade ou disfunção sensorial que nos diferencia dos outros nossos semelhantes, se essa dificuldade nos inferioriza ou marginaliza no contexto normal das coisas na sociedade civil e sociopolítica, parece que nos sentimos menos aptos e determinados para vencer essas constatações. No sentido de estabelecermos consensos para a funcionalidade e operacionalidade de todos, no relacionamento e interação na sociedade de todos no mundo, vamos recorrendo às mais diversas habilidades e competências, essencialmente de ordem infocomunicativa e sociocognitiva, até diplomática, usando as nossas diferenças para a eliminação de barreiras e necessidades uns dos outros e promoção da harmonia, solidariedade, partilha, e do direito à participação social. Sabendo-se que as palavras e as ações nem sempre falam a mesma língua, é urgente cultivar e instaurar essa cumplicidade humana séria, sobretudo quando certas bocas (as da conveniência/"*politicamente correto*") se abrem em situações alusivas à inclusão. Somos, por vezes, o que oportunisticamente nos convém, não olhando a meios para atingir fins.

Em função do seu próprio umbigo, dificilmente se encontra alguém que "dê o braço a torcer", abdicando da sua razão. Mesmo quando esse alguém sente que essa razão se esvai na realidade incontestável de um comprovado processo cognitivo, estamos cientes de que não há ninguém que goste de errar, embora às vezes, mesmo assumindo o desempenho de um determinado trabalho com mais ou menos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

responsabilidade e êxito, nos confrontemos com enganos que se revelam frutíferos. Como dizia Vergílio Ferreira (1916-1996), «é preferível um erro fértil a um trabalho estéril». Na correção que faço das frequências, exames e trabalhos académicos dos meus alunos e dos resultados em notas que lhes atribuo, isso gera sempre entre eles dúvidas de naturezas diversas, provocando-lhes essas dúvidas, sobretudo quando se deixam incorrer em situações de insucesso, sentimentos mais de crueldade do que de benevolência, mais de inveja do que humilde assentimento... Verifica-se esta manifestação entre os próprios estudantes, os que andam a passear nas aulas e os que se empenham na aquisição de competências e concretização de saberes. Mas o avaliar competências é um trabalho de extrema complexidade, o qual muito me custa desempenhar, porque o que os estudantes sentem, sabem e exprimem verbalmente, escrevendo, nem sempre se traduz em pleno num certo momento de concretização dos seus saberes no que, efetivamente, conhecem e sabem.

«O homem é o melhor bem para o homem» (Espinoza, 1632-1677), mas também «pode ser encarado como o seu pior inimigo» (Lévi-Strauss, 1908-2009), podendo deixar-se vitimar por impulsivos desejos próprios, os quais, com a força da inveja e como crianças destemidamente exigentes, se podem tornar cada vez mais prementes e incansáveis, levando o homem a superar-se para o bem ou para o mal, consoante o grau de benevolência ou de crueldade que o motivar.

A inveja é como «uma dor causada pela sorte que bafeja pessoas que nos são semelhantes» (Aristóteles, c.<sup>a</sup> 384/383-322 a.C.). Seguindo Baruch Espinoza, a inveja é o ódio em si próprio, predispondo o homem para sentir gozo pelo mal do outro e tristeza pelo bem do outro. Isto porque, citando-o, «os seres humanos são invejosos por natureza, isto é, alegram-se com a fraqueza dos seus semelhantes e, ao contrário, entristecem-se com as suas virtudes. É por isso que cada um

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

se alegra mais com a contemplação de si mesmo, quando contempla em si mesmo qualquer coisa que pode negar aos outros. Ficaré triste se as suas ações, comparadas às dos outros, são de menor importância. Esforçar-se-á para afastar esta tristeza, interpretando mal as ações dos outros ou ornando as suas o mais que puder.». A inveja é considerada «uma tendência para observar com dor o bem dos outros, mesmo quando ele não traz qualquer prejuízo ao nosso próprio bem.» (Kant, 1724-1804).

Para nós, mais do que definir a inveja, até porque definir é rodear por um muro de palavras um terreno vago de ideias, ou seja, «uma definição limita a vastidão de uma ideia dentro de um muro de palavras» (Samuel Butler, 1835-1902), importa identificar em nós os sinais de um sentimento perturbador e daninho e procurar anulá-lo pela dignidade, num harmonioso e coeso desenvolvimento coletivo e humanizado, visto que invejar pode ser humano, mas, se estivermos humanizados nos grandes princípios e valores humanos, não alimentaremos a inveja nem outras nocividades humanas, que nos fazem cruéis e desumanos.

Todavia, cuidado com as circunstâncias que sempre somos, num contexto orteguiano, mas também sempre ganhamos competências cognitivas para permanecer na dignidade e na constância do bem dos outros e, em sequência, do nosso próprio bem. Aliás, a constância ou, no dizer de Arturo Graf (1848-1913), «a perseverança é a virtude pela qual todas as outras virtudes dão fruto.».

Na realidade, como escrevemos em 10.07.2012, «o mal escondido na grande maioria dos corações humanos pode surpreender-nos nas mais diversas formas, se a conscientização para a dignidade não tomar a tempo o seu lugar, desde o berço. Porque temos, numa generalidade, uma natural tendência para a crueldade e benevolência (por sermos essencialmente maus e bons), essa natureza cruel só é

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

minimizável ou anulável através da ponderada, bem refletida e séria celebração estratégica de pactos sociais e políticos, religiosos, educacionais e culturais, pedagógicos e de sensibilização pública, para o estabelecimento de entendimentos na ética e humanização da vida.».

Para dar o meu contributo à humanização da vida, sinto que tenho de, com um bom estado de humor e bem parecer, ser o mais possível igual aos meus pares normovisuais. E isso tem-me dado algum trabalho, sobretudo na envolvimento das mais ajustadas sinergias, umas que se conquistam naturalmente e outras que a curiosidade ou razões de índole diversa também acabam por motivar consensos nessa perspetiva. É uma questão que pesa entre a competência de absorção através da modalidade sensorial da visão e a competência de semelhante absorção por intermédio da suplência multissensorial, mais desenvolvida e potenciada na ausência do sentido da visão.

Neste contexto, convém ter em conta o que sustentámos em 22.06.2013: «As pessoas cegas só podem ter uma visão perfeita das coisas e da imensurabilidade universal, da objetividade e subjetividade, da abstração e conceptualidade, desde que nelas devidamente contextualizadas sob o ponto de vista sensoriocognitivo e sociocognitivo, inteligindo-as, experienciando-as e integrando-as, numa bem treinada, desenvolvida e aprofundada suplência multissensorial, constituindo esta capacidade e competência os seus olhos tiflopercepcionais e da inteligência, que lhes permitem ter e dominar, com a desejável precisão, o absorvente olhar analítico e abrangencial, da compreensão e intercompreensão na transformação de mentalidades e na humanização social.».

Portanto, ser feliz (nesta possível aceção sinto-me feliz) é ter prazer no fomentar prazer no existir em equidade. Adoro viver e procuro, no prazer de existir, instaurar alegria e bem-estar à minha volta. O grande psiquiatra, psicanalista,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pedagogo, investigador e humanista João dos Santos (1913-1987), a quem se aplica e atribui a expressão "prazer de existir", era feliz na sua naturalidade humanística, no seu saber humano e científico, na sua determinação e competência investigativa, na sua destemida ação e atuação interventiva, fomentando e promovendo investigação e desenvolvimento para o bem-estar e qualidade de vida à sua volta, muito em especial dos detentores de problemáticas severas da deficiência, que os condicionam ou impedem na sua sobrevivência normal, para poderem viver uma vida análoga à das pessoas epitetadas de escoreitas.

Amar é humanizar a vida. Todos nos temos de empenhar, com inegável e bem visível desempenho e êxito, na humanização da vida, acordando consciências e despertando comportamentos, assim criando e implementando metodologias estratégicas e humanas para o acolhimento e proteção, educação e formação dos cidadãos mais frágeis e carenciados de intervenção precoce, na infância e ao longo da vida (incluindo as respetivas famílias), deste modo propugnando pela cidadania e igualdade em direitos e oportunidades no bem-estar biopsicossocial e qualidade de vida de crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores com graves incapacidades e desvantagens sociais.

Amar e ser feliz é um privilégio humano e conceptual que nos acompanha e caracteriza desde o fundo dos tempos, mas em que temos por vezes dificuldade em embarcar e fazer dela o comboio em andamento permanente e vital das nossas vidas... da existência de todos nós. Todos temos de ser capazes de entrar nesse comboio, redimensionar-lhe a locomotiva (nela colocando a nossa enérgica compassividade e um vigoroso motor coevolutivo) e algumas carruagens abandonadas ou esquecidas (dotando-as todas da classe conforto e das específicas acessibilidade e usabilidade), para

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

que nelas todos, sem exceção, possamos viajar tranquilamente, em cidadania e equidade, procurando, um pouco inspirados em Proust (1871-1922), descobrir e aprofundar novas e frutíferas paisagens num novo olhar.

Para que haja prazer solidário no existir, temos de possuir sensibilidade, capacidade e competência, vontade e querer, determinação e irreversibilidade de ação e atuação, para sabermos condensar e concretizar virtudes afetivo-emocionais e/ou valências humanas produtivas (consciências que acordamos e sequentes comportamentos que despertamos) para provocar e motivar, promover e compartilhar saberes e felicidade à nossa volta. Temos de continuar a "aprender a aprender" (conforme o expresso por Vítor da Fonseca no seu livro *Aprender a Aprender a Educação Cognitiva*, 1995). Ninguém consegue ser feliz com infelicidade em seu redor. A propósito, vale a pena recordar o questionamento e convicção de Goethe (1749-1832): «Qual é, dentre os homens, o mais feliz? Aquele que sabe reconhecer os méritos dos outros e alegrar-se com o bem alheio como se fora seu». As dificuldades são fontes de solução. Basta que não nos deixemos vencer por elas. É assim que poderemos ser o Natal de cada um e de todos desde que, calorosamente, nos quisermos uns aos outros e nos amarmos sem medida numa justa festa para todos, numa perspectiva de equidade na justiça social, na paz, na esperança, na alegria, na generosidade... procurando ser uma luz permanente a iluminar os caminhos dos outros para que os nossos também tenham sol. Por isso é que o efetivo talismã de cada um de nós está no que cada um de nós é e no que, com esse amuleto promocional da vida, conseguirmos incendiar de bem e de bom à nossa volta, semeando e cultivando felicidade.

Nesta aceção, e sem pretendermos ser redundantes, o segredo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

da felicidade está na liberdade e na verdade, na coragem e no assumido compromisso humano para, de forma abnegada e natural, entendermos e incorporarmos em nós mesmos, promovermos e partilharmos no meio envolvente esse polinómio em interajuda permanente também com aqueles que, pelo menos de algum modo, e independentemente das suas desvantagens ou maleitas, interagimos, interagem connosco... ou fazemos interagir consigo próprios e com a vida.

Para humanizarmos a vida temos de ser capazes de conciliar, entusiasticamente, todas estas sinergias (endógenas e exógenas), valorizando, eticizando e solidarizando-nos na invenção e partilha de metodologias estratégicas e humanas interventivas para nos humanizarmos mais e humanizarmos mais a vida.

Amar e fazer amar é humanizar a vida e, assumindo de maneira indómita e interventiva essa prerrogativa, ser feliz é ter inquestionável prazer no existir para levar os outros a serem felizes e a realizarem felicidade, o sonho de todo o ser humano, com a necessária e adequada ousadia, a qual, como também asseverara Goethe, «tem genialidade, poder e magia». Assim, em sintonia com Leonardo da Vinci (1452-1519) e Goethe, embelezar a vida, ou conferir-lhe beleza, é gostarmos do que temos de fazer nesse sentido, mas fazermos! Isto apesar de, sabemo-lo bem e secundando David HUME (1711-1776) e Einstein (1879-1955), a beleza das coisas estar no espírito de quem as contempla e residir no coração de quem contempla a beleza. Contudo, viver e saber viver bem, habitualmente só é possível nos lugares cimeiros e desde que bem colocados e/ou, ainda que na base da pirâmide social, nos encontremos confiantes nas autoridades que nos governam e nas instituições financeiras de que dependemos, beneficiando de um *per capita* digno e confiantes num

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Governo sensato que nos garante e comprova para onde é canalizado o dinheiro dos nossos impostos. O grande segredo desta competência para acreditarmos e para promovermos essa credibilidade começa, disso estamos convictos, no usufruto do sério trabalho da formação dos professores e da atividade de ensino/aprendizagem, do esclarecimento e encaminhamento pedagógico dos próprios professores, como catequistas sociais, ensinando a ensinar a aprender e ensinando a aprender a aprender.

Em suma, só amamos a vida e temos prazer solidário no existir,

**a)** Sobrepondo a generosidade e a gratidão, a inteligência emocional e a salutar promoção da consensualidade, a justiça e a paz às intempéries da desordem e dos desentendimentos, dos totalitarismos e fundamentalismos...

**b)** Sobrepondo, implicitamente também, o amor e os afetos, a liberdade e a verdade, a esperança e a tranquilidade, a solidariedade e a partilha aos egoísmos, oportunismos e avarezas...

Neste sentido, defendemos em 20.09.2011 que, «para que a humanidade se ache em dignidade e frutifique em amor neste mundo de dúvida, complexo e perplexo, só temos que amar e fazer amar! Mas para que este sentimento dinamizador, ou este sentimento e esta ação intrinsecados um no outro resultem, temos de alicerçar esta realidade, o amar e fazer amar, numa determinação segura e disciplinadora, impulsionadora e reguladora desta convicção ativa e benéfica.».

O que hoje se nos apresenta e entendemos como real e bom para todos, amanhã será diferente. A galáxia ou as galáxias em permanente descoberta (num ritmo de aparente multiplicação imparável) e, nelas, os inúmeros *megapuzzles*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(infindáveis nos seus aparecimentos e nas suas montagens) com que cada um de nós, também igual *megapuzzle*, vai interagindo e à medida redimensionando conhecimentos e saberes, vamo-nos ajustando a um constante reequacionar de consciências e de comportamentos... «A vida afigura-se-nos, por vezes, demasiadamente curta para a entendermos a tempo como passagem regeneradora e frutificante, e nela conseguirmos sobreviver com as necessárias dignidade, esperança e fé, cientes da fisicalidade efémera e da espiritualidade eterna, que nos provoca, testa e purifica.» (Escrito por nós em 17.01.2018). É que nascemos humanos, mas temos de nos conseguir humanizar em cidadania e equidade, em generosidade e nos grandes valores humanos, que são as nobres e dignas virtudes geradoras de abundância no relacionamento e interação sociais. «Para além das circunstâncias que somos ou do que nos fazem, somos o que lemos, o que conhecemos, o que sabemos e o que pensamos.» (Sustentado por nós em 21.01.2018).

O segredo da felicidade está na liberdade e o segredo da liberdade está na coragem (Tucídides, 460-404 a.C.). O segredo da felicidade, para além do contributo de tantos outros pensadores ao longo da história, está no contribuir para a felicidade dos outros (Confúcio, 551-479 a.C.); na nossa alegria na alegria dos outros (Herculano, 1810-1877); num problema individual, em que nenhum conselho é válido, devendo cada um procurar por si tornar-se feliz (Freud, 1856-1939); no reencontrar-se feliz e com prazer ao despertar e reconhecer-se como a pessoa que gosta de ser (Paull Valéry, 1871-1945); no amar e colocar a própria felicidade na felicidade do outro (Chardin, 1881-1955); na própria casa, entre as alegrias da família (Tolstoi, 1881-1955); no amor, pois quem sabe amar é feliz (Hermann Hesse, 1877-1962); na constatação que satisfaz verdadeiramente, acompanhada pelo completo exercício das nossas faculdades e pela compreensão

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

plena do mundo em que vivemos (Russel, 1872-1970); num perfume que não podemos derramar sobre os outros sem que caiam algumas gotas sobre nós (Ralph Emerson, 1803-1882)... Para nós (defendemo-lo em 09.06.2015), «a felicidade é um sentimento de bem-estar de alma e biopsicossocial que cultivamos e exercitamos de forma partilhada num coletivo infinitamente crescente, que nos habituamos a viver com uma fundada, sistematizada e fecunda determinação humana e humanizada.».

Mesmo que um pressagiado pós-humanismo possa vir, desmedidamente, a surpreender-nos no tempo, na representatividade educ comunicativa, pedagógica e cultural, para que a informatização/robotização global e cosmopolita nos catapulte (felizmente com o contributo das cidades educadoras, inteligentes, inclusivas), penso que nunca deixaremos de sonhar e de concretizar humanização em toda a dimensão cognitiva da dignidade. Como escrevemos em 23.01.2018, «sonhamos o que os sóis no peito e na razão nos sorriem.».

Mas é lançando-nos no mundo e sofrendo nele, que nos vamos definindo aos poucos (Sartre, 1905-1980). De novo pegando em alguns enunciados deste grande pensador existencialista do século XX, só temos a possibilidade de criar obra-prima quando a nossa sobrevivência está em causa, revelando-nos na nossa essência mais pura quando desafiamos e corremos riscos, quando damos tudo por tudo e nos pomos à prova para lá dos limites da nossa resistência. Ora, no alcance deste pensamento, e apesar de Confúcio ter sustentado que cada um de nós, ainda que aja sempre com dignidade não melhorará o mundo, apenas será menos um canalha na terra, se nos excedermos em dignidade e humanização para além dos nossos limites, pode ser que contrariemos e ampliemos esta premissa confuciana.

Só humanizamos a vida em cidadania, em vontade e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

convicção epistémica, constância e paixão, «nada de grande se cumpre no mundo sem paixão» (Hegel, 1770-1831), tendo e promovendo prazer solidário no existir em inclusão, na diversidade e equidade, na partilha, comunicando e educando em dignidade, com humor e justiça social, perspectiva e determinação em cidadania no desenvolvimento humano e no progresso global e cosmopolita.

(ADG).

### **\*HUMOR E INCLUSÃO:**

É sorrir sempre à vida, com bom humor e determinação contagiante, e sobrepondo as nossas potencialidades às nossas fragilidades, mesmo perante a incompreensão dos nossos iguais.

Sorrir às diferentes obstruções e intempéries sociais é uma forma de socialização e de comunicar: é um processo feliz de vencer. rir e sorrir, menosprezando os egoísmos e oportunismos sociais que se sobrepõem à solidariedade e à partilha, prolonga-nos a vida com saúde. Escrevemos em Junho de 2005, em Lisboa, que «os egoísmos denunciam: supremacia estulta ou ausência de generosidade; audácia fútil ou solidariedade fruste; fragilidade ou perversidade no culto e defesa dos grandes valores humanos; inconsistentes capacidade crítica e resoluta determinação na interactividade e sociocomunicabilidade perante as reais e impositivas evidências e potencialidades dos outros». Rir e sorrir, riso e sorriso, não são a mesma coisa, bem o sabemos. Mas abstraindo-nos da sua diferença conceptual, já está provado que, rindo-nos da vida, isso contribui para a prolongarmos e torná-la mais agradável, numa atitude contagiante que ajuda a estabelecer uma mais imediata inter-relação e sociocomunicabilidade entre pessoas, mesmo com as mais diversas desvantagens sensoriais, cognitivas, motoras,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

comunicacionais e de culturas diferentes.

Todos nós somos detentores, naturalmente, do impulso de imitar, podendo o riso ser mais um exemplo da irresistível vontade de imitarmos os outros que todos os humanos têm, como animais altamente sociais que somos. Os amigos adquirem muitas vezes os mesmos hábitos, gestos e sentido de humor, em certas ocasiões para termos a sensação de pertencer ao grupo, o que pode servir de explicação ao que acontece sempre que alguém começa a rir-se, abafando o riso, numa reunião ou qualquer situação enfadonha, e a risota alastra, imparável, a todos os presentes, que passam a rir mesmo desconhecendo a piada motivadora. As nossas manifestações no rosto são influenciadas pelos sons de alegria, de tristeza, das gargalhadas que, por qualquer razão, surjam à nossa volta.

Não podemos deixar que a nossa imagem, hipoteticamente desvalorizada por qualquer tipo de disfunção, como as efectivas ou aparentes mazelas do nosso corpo, nos molestem a mente, o espírito, a inteligência, a consciência.

«A vida ganha renovado sentido desde que sejamos capazes de "viajar" no fascínio dos efeitos do mundo multidiferente e multicultural». Mas é preciso que o façamos em consciência, imaginando a necessária predisposição e adequada saúde psíquica para suportar, resistindo e ultrapassando com bom humor e sorriso estampado no rosto. Todas as manhãs, ao acordar e ao levantar-se, diga bom dia, Vida! Viva a Vida! Tenha, pois, bom humor e sorria, mesmo às incompreensões dos outros. Será mais útil e viverá mais tempo, feliz e com saúde, influenciando assim positivamente os outros à sua volta, o que contribuirá para um processo de inclusão mais despreconceituado e exorcizado de fantasmas, mais dinâmico e consolidado, mais generoso e apelativo, mais natural e fecundo.

[Recortado de: GUERREIRO, Augusto Deodato (2007).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Humor e Inclusão. Jornal «Elo». Lisboa: Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), Junho; p. 13.].

«Todos vamos crescendo mediante falhas ou surpresas obstrutivas em que as circunstâncias e os contextos nos vêm fazendo incorrer, sendo com essas ocorrências que vamos esculpindo aos poucos a nossa serenidade, aperfeiçoando-nos em dignidade, tendo ou convivendo com algum tipo de dificuldade ou dor, servindo a dor, por vezes até, para lapidar o prazer. Se não nos confrontarmos com obstáculos ao longo da vida, as janelas da nossa inteligência emocional, da inteligência e dignidade permanecerão fechadas para sempre. Portanto, precisamos desses confrontos para que essas janelas se abram amplamente, de modo a que, também nessa medida, possamos ajudar a ser felizes crianças, adolescentes, jovens, adultos, seniores, sentindo prazer no existir, sendo capazes de saber amar, amar e fazer amar, assim nos tornando também felizes. Quanto mais generosos formos em relação ao infundirmos nos outros à nossa volta felicidade, mais gratos nos podemos sentir à vida e à beleza psicossocial e qualidade de vida que vamos colocando na vida dessas pessoas.

Deste modo, e para que esta aceção aconteça e prossiga com a desejável sustentabilidade, temos de semear e cultivar em nós mesmos generosidade e gratidão, porque, à medida que o conseguirmos fazer, no caso sob o ponto de vista humano e científico, também semeamos e cultivamos harmonia, solidariedade e partilha, envolvendo-nos e indissociando-nos naturalmente nesse processo recíproco de promoção de bem-estar, transformando a generosidade e a gratidão numa fonte inesgotável de participação social e de abundância.

É neste contexto que nos devemos manter cientes de que nada de grande poderemos cumprir no mundo sem paixão (numa paráfrase hegeliana), mas também, implicitamente, continuando a ganhar capacidade e competência para sabermos ser capazes de agir sempre na dinâmica da fórmula

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

trinomial dos três cês: Coração quente + Cabeça fria + Capacidade de humor. Se enraizarmos em nós estas três competências, mergulhadas na competência amor (e com humor), tudo poderá ser resolvido com mais serenidade, êxito, inclusão e alegria.»

[Recortado de: GUERREIRO, Augusto Deodato (2017). Para uma teoria inclusiva educacional e cultural em intervenção precoce na cegueira. In: Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT. Livro cuja distribuição também está a fazer-se através da Amazon.].  
(ADG).

## I

### **\*ILUMINÂNCIA:**

Irradiação dum foco luminoso.  
(FBW).

### **\*IMAGEM AUDITIVA:**

A imagem auditiva é aquela que resulta de uma concertada e aliciante descrição oral, em que a colocação da voz, que descreve ou audiodescreve uma imagem visual, é sentida e habilidosamente exercida, sugerindo a quem ouve todo um fascinante colorido biopsicológico, pondo-nos a imaginar o que poderíamos estar a ver com os olhos. O locutor de rádio tem de possuir esta cultura profissional, cultivando-a em todos os contextos que tem de transmitir no formato áudio, e só podem ser entendidos através do ouvido.

A audiodescrição da imagem visual pode representar a imagem auditiva.

Na voz individual ou em interlocução, a cor ou cores, a imagem ou imagens sonoras, pululam e evidenciam-se nas palavras, na comunicação expressiva, nos diálogos.

(ADG).

### **\*IMAGEM SONORA:**

Ver **Imagem Auditiva**.

### **\*IMAGENS TÁCTEIS:**

Quando é preciso transmitir informação gráfica a uma pessoa cega, as imagens tácteis, ou relevos, são uma solução. O CEFAS possui uma grande experiência de produção de relevos, tendo realizado trabalhos para exposições, museus e escolas. Existem várias técnicas de impressão disponíveis:

- Imagens tácteis em papel braille normal. Esta técnica utiliza a impressora háptica Emprint e tem o custo por cópia mais

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

baixo.

- Imagens tácteis em papel microcapsulado, um papel especial que produz imagens de excelente qualidade e muito duráveis. O custo por cópia é um pouco mais elevado.
- Imagens tácteis em plástico flexível ou rígido, a partir de um processo industrial. Este é o processo mais caro, mas também o mais durável.

Todas as técnicas permitem combinar na mesma página as imagens em relevo, braille e tinta (a cores).

Geralmente, as imagens originais a tinta precisam ser transformadas para que se tornem legíveis e perceptíveis ao tacto. O custo do serviço é grandemente influenciado pela quantidade de trabalho necessário nesta fase.

Exemplos de Aplicação:

- Gráficos e diagramas.
- Seres vivos e partes do corpo.
- Plantas e fachadas de edifícios.
- Mapas.
- Fotografia.

(AR).

### **\*IMPRESSÃO:**

Ver **Impressão Braille**.

### **\*IMPRESSÃO BRAILLE:**

Ato ou efeito de reproduzir em papel textos em braille, gravados em placas de metal ou plástico, ou processados em ficheiros informáticos.

(FPO e CB).

### **\*IMPRESSORA BRAILLE:**

Máquina que imprime em braille os dados de saída de um sistema de processamento.

(FPO e CB).

**\*IMPRESSORA BRAILLE COMPUTADORIZADA (Brasil):**

Ver **Impressora Braille**.

**\*INCLUSÃO:**

É uma doutrina/filosofia ou postulado sociocomunicacional e cultural, que se anseia e tem de se cultivar essencialmente de olhar e empenho pedagógico universalizante e socializante sobre todo o ser humano (no seu relacionar-se e interagir), promovendo, sem reservas, a aceitação mútua, domínio e generalização do conhecimento das diferenças próprias de cada indivíduo com problemas e o saber interagir com elas (sejam essas diferenças de natureza social, étnica e cultural, ou resultantes de características físicas, sensoriais, cognitivas, motoras, psíquicas, intelectuais e outras), numa perspectiva que vise o natural bem-estar da pessoa com problemas na sua participação na família e na escola, na sociedade e na vida em geral, sendo compensada, consoante as suas necessidades, com os adequados apoios educativos e formativos, ajustados imperativos institucionais estes que também a têm de acompanhar no desempenho da sua actividade profissional e no viver com qualidade de vida, sendo esta a forma de vencer em si mesma e na consciência dos outros os efeitos infundados e negativos da tipologia das suas dificuldades ou incapacidade.

O conceito de inclusão é, infelizmente muitas vezes ainda, um fantasma de rosto incrédulo e um vendaval de ideias que determinadas circunstâncias e inerentes oportunismos soltam, provocando autênticos e momentâneos *tsunamis* de confusão social, mas que depressa se esbatem na prudência emocional inteligente, investigacional e desenvolvimental, no prazer de sobreviver às intempéries sociais e no amar os adequados resultados inclusivos que essa prudência acautela, prossegue

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

e promove.

A Inclusão é o empenho e desempenho, no propósito de se ir criando as adequadas condições para o desenvolvimento consolidado do caminho conducente a esse objetivo, uma caminhada que deverá ser feita de mãos dadas, entre os cidadãos cegos e normovisuais, entre as pessoas com deficiência e as pessoas sem deficiência, sociedade civil e sociedade sociopolítica, Estado e sociedade, nos mais variados domínios do conhecimento, inclusive da publicidade, mesmo na sua dimensão infocomunicacional confusional: expressiva e representativa. É neste âmbito que também se reconhece a premente necessidade de, no dealbar deste século XXI, se encontrarem as adequadas soluções plorais que possam garantir às pessoas limitadas ou condicionadas aos níveis nomeadamente sensorial, neuromotor, sociocognitivo, sociocomunicativo... a necessária acessibilidade e usabilidade, em analogia com as pessoas sem esses condicionalismos, da diversidade de conteúdos nas áreas de intervenção publicitária ou da publicidade, usufruindo da universalidade e da pluralidade de informação, bens e serviços a disponibilizar cada vez mais para todos os cidadãos, numa justa e sistematizada solidariedade inclusiva em cidadania e equidade.

Mas a inclusão só acontecerá quando, naturalmente, se deixar de utilizar esse conceito com o peso significacional, restritivo, rotulativo e marginalizante, em que o conhecemos e o aplicamos.

(ADG).

### **\*INCLUSÃO E BEM-ESTAR:**

Inclusão e Bem-Estar são estados de consciência.

Inclusão é uma experiência de pertença voluntária e satisfatória. Resulta num sentimento de protecção e cuidado que pode ser inconsciente e/ou consciente e acontecer por

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

decisão interna ou externa, sempre com o consentimento do incluído.

Ser humano é estar incluído num grupo familiar e social.

A exclusão é desumanizante.

O homem é um ser prático, eminentemente cultural, aberto ao mundo, aos outros e à transcendência. O homem existe e humaniza-se no outro.

O homem nasce indivíduo e torna-se pessoa, no contacto expressivo e afectivo com os outros e consigo mesmo.

Bem-Estar é um estado de consciência decorrente de um processo consciente de equilibração dos relacionamentos Intra, Inter e Transpessoais, num determinado contexto sócio-cultural.

Bem-Estar é, portanto, um estado e um processo de adaptação constante e dinâmico, evolutivo e transcendente ao meio interno (pessoal, consciencial e íntimo) e externo (sócio-cultural).

(AMAF).

### **\*INCLUSÃO E DEMOCRACIA:**

Vivemos numa sociedade paradoxal. Enquanto uma cultura pós-moderna derruba as “apartheids” de vária ordem e as fronteiras deixam de ter sentido como barreiras passando a ser cada vez mais vistas como pontes, elos de ligação, o individualismo fundamentalista e intolerante parece crescer cada vez mais. Esta sociedade já caracterizada como uma “sociedade do conhecimento e da informação” está também a ser perspectivada por alguns analistas como uma «era do vazio» (Lipovetsky, 1983) ou como uma «sociedade do risco» (Beck, 1986).

O individualismo é cada vez mais acentuado principalmente nos países mais industrializados. O indivíduo aparece cada vez mais desprendido das relações tradicionais que certamente o condicionaram mas que, por outro lado, lhe

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

davam segurança e integração social, a inclusão (do latim *inclusionem*) que está na base da democracia (do grego *democracia*).

O fenómeno do individualismo pode levar ao desinteresse pelo outro numa busca permanente de felicidade e de realização pessoal. Pode conduzir à intolerância, ao ódio, à violência contra aqueles que são percebidos como ameaça à própria felicidade. O antónimo de inclusão é a exclusão. E a exclusão pode conduzir à guerra, tornar-se uma ameaça à vida e à paz.

(ASM).

### **\*INCLUSÃO EDUCOMUNICACIONAL:**

Significa incluir, comunicando num adequado processo e registo educacional e educando numa dimensão igualmente comunicacional. Agir, relacionar-se e interagir intrinsecando nessa atuação a comunicação educacional na educação comunicacional, numa natural perspectiva de viva inclusão social, ajustando as diversas formas e modelos de comunicação e de educação às pessoas com as diferentes tipologias de deficiência e/ou de personalidade.

A intercompreensão estabelece-se mediante a permuta comunicacional educativa e, em simultâneo, a permuta educacional comunicativa.

Ninguém educa sem utilizar uma metodologia estratégica comunicacional adequada às diferentes capacidades e competências cognitivas e discursivas dos seus interlocutores. Ninguém comunica, sob o ponto de vista pedagógico, sem o contexto educomunicacional inteligente dos seus interlocutores.

(ADG).

**\*INCLUSÃO ESCOLAR:**

Em definição.

(DavR).

**\*INCLUSÃO SOCIAL:**

Quando se fala de inclusão social, o que está em causa é uma perspectiva de solidariedade social com o envolvimento dos vários segmentos da sociedade, que se mobilizam para o desenvolvimento de políticas sociais, em que o estado e a sociedade se devem envolver de modo a contrariar os fenómenos de exclusão. A inclusão social caracteriza-se por ser um processo pelo qual a sociedade se adapta para poder incluir, nos seus sistemas sociais gerais, as pessoas com necessidades especiais e, simultaneamente, estas se preparam para assumir os seus papéis na sociedade. A inclusão social constitui, então, um processo bilateral no qual as pessoas excluídas e a sociedade procuram equacionar problemas, decidir sobre soluções e criar condições para uma oportunidade para todos.

Este processo exige uma forte componente de participação e de exercício da cidadania, pois exige-se que os próprios interessados sejam parte ativa na procura das melhores soluções, do desenvolvimento das políticas e da concretização das medidas que possam contrariar a marginalização e o estigma social.

A inclusão social ganhou grande importância pelos movimentos que as organizações de e para pessoas com deficiência têm vindo a desenvolver e pode ser a melhor forma de defender a diversidade do ser humano e um caminho que as sociedades, mais avançadas, estão a percorrer no sentido de mudar "o estado de coisas", de construir uma sociedade inclusiva com níveis mais elevados de respeito e de exercício dos direitos do homem.

(DR).

**\*INCLUSÃO SOCIOPOLÍTICA:**

A inclusão sócio-política é imprescindível para a construção da paz.

É necessário operar uma profunda mudança nas atitudes e comportamentos das pessoas. Exige-se uma nova maneira de pensar e de agir. Temos que aprender a viver como vizinhos, como companheiros de um peregrinar comum. Educar para valores como a solidariedade, a tolerância, a verdadeira autonomia.

São necessárias novas políticas que permitam pôr o progresso científico e tecnológico ao serviço da pessoa humana no sentido da construção de uma sociedade onde a coesão e solidariedade social, a inclusão, sejam um facto. Temos que respeitar os valores espirituais mais sublimes, facilitando a emergência de uma sociedade inclusiva, mais humana, mais justa e mais fraterna.

A globalização é um novo modelo de «*design societal*» que exige saberes e conhecimento, alimentados por informação adequada, que possam fazer emergir competências que levem as pessoas a serem incluídas no grupo dos vencedores. Os outros, os excluídos, serão lixo social dificilmente reciclável.

Os excluídos, como afirmou o Papa Francisco (Evangeli Gaudium, 2013), são «resíduos», são «sobras», fruto da «globalização da indiferença», da «cultura do descartável».

A inclusão representa o respeito pela dignidade da pessoa humana, a aceitação das suas diferenças, a certeza de que, como afirmou Teilhard de Chardin (O Fenómeno Humano, 1970) «a unidade está na diversidade».

(ASM).

**\*O INDEPENDENTE - REVISTA MENSAL EM BRAILLE:**

Revista Mensal em Braille Integral. Publicação, sob a coordenação de Fernando Ribeiro da Cruz, produzida pelo Centro Prof. Albuquerque e Castro, por prestimosa iniciativa do semanário "O Independente", compreendendo os textos considerados de valor informativo mais estável e menos dependente da circunstancialidade quotidiana publicados no semanário em cada mês, cujo primeiro número em braille saiu em Maio de 1988.

(ADG).

**\*INFOCIÊNCIA NA SOCIOCOMUNICABILIDADE E INCLUSÃO:**

**- Dissertações de Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio Defendidas na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.**

• «Aquisição e Desenvolvimento da Leitura e Escrita em Crianças Surdas» (Defendida em 2013) - Inês Filipa Tomás Duarte.

• «O Bebê Cego no Primeiro Ano de Vida: Intervenção Precoce no Desenvolvimento Sensorial e Cognitivo e na Sociocomunicabilidade» (Defendida em 2009) - Maria Manuela Varela Pereira Cardoso.

• «C-Braille: Representação das Cores CMYK para Braille: Estudo para a Criação de uma Norma para Aplicação na Deficiência Visual» (Defendida em 2015) - Mariana Grilo Caetano da Silva.

• «A Coesão Funcional e Interventiva do Trinómio Equipas-Materiais-Grupo de Crianças no Sucesso da Estimulação Precoce das Crianças com Deficiência para a sua Inclusão

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Escolar» (Defendida em 2014) - Joana Pelicano.

- «A Comunicação na Televisão para Crianças Surdas Através da Legendagem» (Defendida em 2014) - Shaiza Sadrudin Jethá (Surda).

- . «Construção do DVD DIELPA e Avaliação do Grau de Satisfação dos Utilizadores: Parte I - Compreensão» (Defendida em 2015) - Ana Mafalda Fernandes.

- . «Construção do DVD DIELPA e Avaliação do Grau de Satisfação dos Utilizadores: Parte II - Expressão Verbal» (Defendida em 2015) - Marta Filipa Prates dos Reis.

- «As Conversas Informais no Desenvolvimento Humano através dos Sistemas de Comunicação Alternativa: Para um Estudo Preliminar dos seus Fundamentos Comunicacionais» (Dissertação em Português e em Inglês defendida em 2015) - Raquel Lourenço António.

- «A Criança Cega no Ensino Básico num Processo Inclusivo de Aquisição de Competências Pessoais e Sociais: Estruturar e Potenciar um Ambiente Pessoal de Aprendizagem e Promover as Inerentes Relação Interpessoal e a Cooperação Comunicativa de Espaços Virtuais com e para a Criança Cega» (Defendida em 2012) - Luísa Maria Pires Miguel.

- «Dialeto Gestuais em Portugal» (Defendida em 2012) - Maria de Lurdes da Graça Gonçalves (Surda).

- «Gestuar a História: Terminologia Específica e Interpretação em Língua Gestual Portuguesa» (Defendida em 2013) - Cláudia Sofia Carvalho Valadares.

- «O Impacto da Comunicabilidade da Pessoa com Afasia na sua Participação: um Mundo para Além das Palavras» (Defendida em 2009) - Catarina Lopes Brás de Ataíde

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ramos.

- «A Importância do Judo Adaptado no Desenvolvimento Sociocomunicacional e Psicomotor da Pessoa com Défice Visual: Estudo Exploratório» (Defendida em 2016) - Vera Lúcia da Conceição Pradiante.
- «A Inclusão da Comunidade Surda na Escola e na Sociedade: Estudo Exploratório na Atualidade» (Defendida em 2013) - Sílvia Manuela Cunha Rodrigues (Surda).
- «A Interação Familiar e o Desenvolvimento da Criança com Problemas Visuais: Os Pais como Instrumento Promotor do Desenvolvimento Saudável da Criança e da Qualidade de Vida Familiar (da Gestação aos 10 Anos de Idade)» (Defendida em 2010) - Aquilino Eurico Lopes Rodrigues.
- «Intérprete de Língua Gestual Portuguesa: Um Caminho para a História da Acessibilidade Comunicativa (Defendida em 2016) - Elsa Catarina Cordeiro da Silva.
- «A Letra e o Gesto: Estruturas Linguísticas em Língua Gestual Portuguesa e Língua Portuguesa» (Defendida em 2013) - Tânia Margarida Marques de Mendonça Martins.
- «Necessidades Educativas Especiais e Qualidade de Vida: Estudo Exploratório no Âmbito da Deficiência Motora» (Defendida em 2010) - Ana Cristina Barata Alcaçarenho Rosa.
- «Olhos que Ouvem... Mãos que Falam: Proposta de um Guia Didático de Língua Gestual Portuguesa para Alunos Ouvintes» (Defendida em 2012) - Gabriela Cristina Ribeiro Silva.
- «O Papel da Comunicação como Suporte à Gestão da Qualidade em Organizações Prestadoras de Serviços»

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(Defendida em 2008) - Sónia de Jesus Pais Ramos  
(Defendida em 2008).

- «A Pessoa Cega e a Acomodação/Apatia, no Acesso Presencial à Informação e Cultura, em Portugal e no Espaço Europeu» (Defendida em 2010) - Cristina Maria de Sousa e Menezes Matias.

- «A Qualidade de Vida de Adolescentes com Cegueira Congénita ou Precoce em Portugal: Implicações na Construção da Personalidade e da Vida Adulta» (Defendida em 2012) - Nuno Filipe da Silva Marques (Cego).

- «A Qualidade de Vida na População Idosa do Concelho da Sertã: Estudo Exploratório» (Defendida em 2011) - Susana Isabel Antunes Chamusca da Cunha e Santos.

- «Qualidade de Vida dos Cuidadores de Crianças com Multideficiência: Estudo Comparativo» (Defendida em 2015)  
- Ana Rita da Cruz Cardoso Rosa.

- «Qualidade de Vida dos Cuidadores de Crianças com Perturbação do Espectro do Autismo: Estudo Comparativo» (Defendida em 2015) - Fedra Sofia Coelho.

- «Qualidade de Vida Infantil e Deficiência Auditiva: Estudo Exploratório» (Defendida em 2010) - Débora Maria Palma Pereira Padescas.

- «Signwriting: um Sistema de Escrita das Línguas Gestuais - Aplicação à Língua Gestual Portuguesa» (Defendida em 2012) - Rafaela Cota da Silva.

- «Todos à Procura de um Caminho: Acessibilidades e Usabilidade da Cidade para Deficientes Visuais (Defendida em 2016) - Susana Albertina Juzarte Costa.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- «O Uso das Tecnologias de Apoio à Comunicação Aumentativa e Alternativa no Desenvolvimento das Competências Comunicativas numa Criança com Problemas Neuromotores» (Defendida em 2010) - Maria Manuela Gomes Pereira Martins.

(ADG).

### **\*INR, I.P.:**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

### **\*Instituto de Cegos Branco Rodrigues:**

O Instituto de Cegos Branco Rodrigues foi fundado pelo próprio José Cândido Branco Rodrigues no ano de 1900, em Lisboa, inicialmente com a designação Escola Intelectual e Profissional de Cegos, utilizando instalações da Escola Comercial Rodrigues Sampaio cedidas por Despacho Ministerial, instituição que, depois de sucessivos locais de instalação, veio a fixar-se definitivamente, com o nome Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em São João do Estoril, no ano de 1913, em edifício construído para o efeito, num terreno que, exclusivamente para tal finalidade, havia sido doado pela benemérita Maria Vitória Florinda Leal), durante os anos mais difíceis da Primeira Grande Guerra. O Instituto Branco Rodrigues surge na sequência dos resultados obtidos na publicação do «Jornal dos Cegos», criado por Branco Rodrigues em 1895 e que foi editado até 1920. O produto da venda desta publicação destinou-se sucessivamente à Associação Promotora do Ensino dos Cegos (que ajudou a fundar em 1887, com a responsabilidade de ensinar às pessoas cegas portuguesas, para além de outras incumbências, o Sistema Braille), às Oficinas Branco Rodrigues (que fundou em Castelo de Vide) e à Escola «Jornal dos Cegos», originária do Instituto Branco Rodrigues.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Esta publicação tornou-se rentável a partir da altura em que os trabalhos de impressão começaram a fazer-se na Imprensa Nacional a expensas do Estado, mas, por vicissitudes diversas, as receitas acabaram por vir a reverter só a favor da instituição Escola «Jornal dos Cegos» e, por consequência, do próprio Instituto Branco Rodrigues.

Nas décadas de 60-70 do século XX, o Instituto entrou em dificuldades de sobrevivência, até ser encerrado e a ser praticamente destruído por um incêndio.

Por morte do seu instituidor, o Instituto passou a ser administrado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML). Passando a posse do edifício por mãos diferentes das da SCML, o seu espólio veio a ser transferido para outras instalações, também da SCML, com a designação de Lar Branco Rodrigues, na Parede, como residencial temporária de pessoas cegas que pretendessem estudar em Lisboa, ou por qualquer outra razão que merecesse a concordância da SCML.

Em 20 de Maio de 2017, passando em frente ao espaço outrora ocupado pelo Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em São João do Estoril, a memória e a constatação fizeram-nos remontar no tempo... E escrevemos:

«Aqui jaz uma Memória sublime... o seu desmedido espírito filantrópico e edificador de grandes valores humanos, a sua finalidade e fisionomia arquitetónica... numa nostálgica e profundamente contristante mágoa histórica, e humana, na tiflogia em Portugal, porque, institucionalmente, lhe permitiram mudar o destino e configuração visual interior. Porém, este lugar, para além de outros no nosso País, guardará sempre a Memória do destemido empenho e desempenho do paladino da causa tifológica portuguesa, do mérito humanista, professor e jornalista, filantropo, tiflófilo, tiflólogo e tiflopedagogo José Cândido Branco Rodrigues. A

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

doação e construção de raiz imponente e vivificante, que ele próprio fomentara e promovera tão dignamente, mas que desviaram do seu grandioso e nobre objetivo, para simplesmente ser vendida e capitalizada em muito dinheiro. A fortuna tiflológica e humana projetada nesta doação e nos frutíferos benefícios dela resultantes foi assaltada pela força dos desenfreados interesses da alta finança. O que era uma Escola para a emancipação cultural e social das pessoas cegas (que porventura poderia vir a transformar-se num justo Centro ou Fundação para a investigação e ciência em tiflogia) virou sumptuoso "condomínio fechado". Mas eternamente aberto, ainda que em silêncio e no escuro, no coração das pessoas cegas e do rico e revitalizante património histórico da tiflogia em Portugal.».

(ADG).

### **\*INSTITUTO DE CEGOS DA BEIRA EM MOÇAMBIQUE:**

Em definição.

(AR).

### **\*INSTITUTO NACIONAL PARA A REABILITAÇÃO, I.P.:**

Conforme o legislado e publicado desde a criação da CPR até à constituição do atual INR, I.P., achamos pertinente enunciar aqui uma brevíssima síntese desta evolução.

A Lei nº 6/71, de 8 de Novembro, da Presidência da República, que promulgou as bases relativas à reabilitação e integração social dos indivíduos deficientes, previa no nº 2 da Base VI a criação de um "secretariado nacional de reabilitação" ou de um outro organismo equivalente, sendo que até à sua criação funcionaria uma comissão interministerial.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Em 25 de Setembro de 1973, pelo Decreto-Lei nº 474/73, em cumprimento da Lei de Bases, foi criada, na Presidência do Conselho, a Comissão Permanente de Reabilitação (CPR), que teria por missão coordenar as atividades dos Ministérios e serviços interessados na aplicação dos princípios e métodos da reabilitação, bem como dirigir, a nível nacional, o planeamento das medidas a executar neste domínio.

A Comissão era composta por presidente, vice-presidente e vogais, e dispunha de serviços técnicos e administrativos.

Após o 25 de Abril de 1974, a Comissão foi objeto de reestruturação, passando a dispor de autonomia administrativa, e era constituída por um presidente, dois vice-presidentes e vogais representantes de Ministros e Secretários de Estado, e dois vogais em representação da Associação Portuguesa de Deficientes (APD) e Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), conforme Decreto-Lei nº 425/76, de 29 de Maio.

Com o Decreto-Lei nº 346/77, de 20 de Agosto, foi criado na Presidência do Conselho de Ministros, sob a dependência do Primeiro Ministro o Secretariado Nacional de Reabilitação (SNR) que sucedeu à Comissão Permanente de Reabilitação, com autonomia administrativa e financeira e património próprio, que possuía como órgãos o secretário nacional (coadjuvado por dois secretários-adjuntos), o Conselho Nacional de Reabilitação e o conselho administrativo. O SNR tinha por objeto ser o instrumento do Governo para a implementação de uma política nacional de habilitação, reabilitação e integração social das pessoas com deficiência, assente na planificação e coordenação das ações em ordem à concretização do artigo 71º da Constituição da República Portuguesa.

A orgânica do SNR foi alterada pelo Decreto-Lei nº 355/82, de 6 de Setembro, mantendo autonomia administrativa e financeira e os seus órgãos, passando, no entanto, o secretário

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

nacional a ser coadjuvado por apenas um secretário-adjunto.

Na sequência da escritura de doação da Quinta da Malvazia, foi criado, pelo Decreto-Lei nº 176-B/88, de 18 de Maio, o Centro de Investigação e Formação Maria Cândida Marques de Sousa Beirão da Veiga Cunha, e consequentemente a orgânica do SNR passou a integrar o serviço "Centro Maria Cândida da Cunha".

A Lei nº 9/89, de 2 de Maio, da Assembleia da República, aprovou as Bases da Prevenção e da Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, revogando a Lei nº 6/71, de 8 de Novembro.

Com o Decreto-Lei nº 184/92, de 22 de Agosto, o SNR é dotado de nova orgânica, passando a ser um organismo com apenas autonomia administrativa, sob tutela do Ministro do Emprego e da Segurança Social, dispondo como órgãos o secretário nacional (coadjuvado por dois secretários-adjuntos), o Conselho Nacional de Reabilitação, o Conselho de Investigação em Reabilitação e o conselho administrativo.

Pelo Decreto-Lei nº 35/96, de 2 de Maio, o SNR foi extinto, dando lugar ao Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (SNRIPD), cuja orgânica foi publicada pelo Decreto Regulamentar nº 56/97, de 31 de Dezembro. O SNRIPD era um organismo dotado de autonomia administrativa e património próprio, sob tutela do Ministro da Solidariedade e Segurança Social, e possuía como órgão um conselho diretivo composto por um secretário nacional e dois secretários nacionais-adjuntos.

Pelo mesmo Decreto-Lei nº 35/96, de 2 de Maio, foi criado o Conselho Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência (CNRIPD), enquanto órgão de consulta do Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social para a definição e execução da política de reabilitação e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

integração das pessoas com deficiência. Até esta data, o Conselho Nacional de Reabilitação era um órgão do SNR presidido pelo Secretário Nacional.

A Lei nº 38/2004 <[http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/lei\\_38\\_2004.htm](http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/lei_38_2004.htm)>, de 18 de Agosto, da Assembleia da República, veio definir as bases gerais do regime jurídico da prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência, revogando a Lei nº 9/89, de 2 de Maio, e dispondo, no artigo 17º, a necessidade de existência de uma entidade coordenadora.

Na sequência das orientações definidas pelo Programa de Reestruturação da Administração Central do Estado (PRACE), e pela orgânica do Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social (Decreto-Lei nº 211/2006, de 27 de Outubro), o SNRIPD foi reestruturado, dando lugar ao Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P. (INR).

Com a orgânica aprovada pelo Decreto-Lei nº 217/2007 <[http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/dl\\_217\\_2007.htm](http://www.inr.pt/bibliopac/diplomas/dl_217_2007.htm)>, de 29 de Maio, o INR, I.P. foi um instituto público dotado de autonomia administrativa e património próprio, sob tutela e superintendência do Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, que tem por missão assegurar o planeamento, execução e coordenação das políticas nacionais destinadas a promover os direitos das pessoas com deficiência. O INR, I.P. tinha como órgãos: o diretor (coadjuvado por dois subdiretores) e o conselho científico.

De acordo com a orgânica aprovada pelo Decreto-Lei nº 31/2012 <[http://www.inr.pt/uploads/docs/inr/DL%2031-](http://www.inr.pt/uploads/docs/inr/DL%2031-2012-)

[Organica%20Instituto%20Nacional%20para%20a%20Reabilitacao.pdf](http://www.inr.pt/uploads/docs/inr/DL%2031-2012-Organica%20Instituto%20Nacional%20para%20a%20Reabilitacao.pdf)>, de 9 de Fevereiro, o INR, I.P. é um instituto público, integrado na administração indireta do estado, dotado de autonomia administrativa e património próprio, sob

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

superintendência do Ministério da Solidariedade e da Segurança Social e tutela do respetivo ministro. O INR, I.P. possui como órgãos o conselho diretivo, composto por um presidente e um vice-presidente.

Os Estatutos do INR, I.P. foram aprovados pela Portaria nº 220/2012

<[http://www.inr.pt/uploads/docs/inr/Estatutos\\_INR.pdf.pdf](http://www.inr.pt/uploads/docs/inr/Estatutos_INR.pdf.pdf)>, de 20 de Julho, tendo sido publicados em anexo ao referido diploma.

(ADG).

### **\*INTEGRAR - PUBLICAÇÃO ACESSÍVEL DO INSTITUTO DE EMPREGO E FORMAÇÃO PROFISSIONAL e do SECRETARIADO NACIONAL DE REABILITAÇÃO:**

Publicação inicialmente sob a direção de António Charana e propriedade do Instituto de Emprego e Formação Profissional e do Secretariado Nacional de Reabilitação, disponível em caracteres comuns e em disquete e, a partir de Junho de 1995, também publicada em braille integral, sendo o Centro de Produção e Formação Profissional da ACAPO o responsável pela impressão, neste suporte, de todos os números, incluindo os anteriormente publicados.

(ADG).

### **\*INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL:**

A Inteligência Artificial (IA) é um conceito, uma disciplina académica e uma área de investigação científica e tecnológica, que procura simular, mimetizar, reproduzir em equipamentos eletrónicos a inteligência humana, natural. O conceito arrasta consigo, portanto, toda a dificuldade definicional que o conceito de inteligência envolve. Geralmente, comunicar, aprender, raciocinar, planear, resolver problemas (problem solving) mas também jogar,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

brincar ou exprimir sentimentos, cabem no âmbito mais lato da IA. E em última instância, a capacidade biológica de reproduzir-se, de replicar-se como um todo, naquilo que as espécies biológicas se reconhecem naturalmente, como ter filhos e procurarem "perpetuar-se", faz também parte das potencialidades gerais da IA, dita neste caso strong AI (IA, na versão forte).

A possibilidade da inteligência humana ser simulável numa máquina levanta problemas filosóficos e éticos consideráveis. Por isso, inteligências muito respeitadas e famosas, como o matemático Stephen Hawking, terão sustentado que a Inteligência Artificial pode ser a última conquista da inteligência natural, humana. Mas suscita também enormíssimas preocupações quanto à sua natureza e quanto ao futuro.

Nas últimas décadas, as investigações científicas e tecnológicas em sistemas ou "agentes" inteligentes, designadamente em "aprendizagem máquina" (machine learning) ou em biónica levaram a resultados conceptuais e industriais extraordinários, como sejam os carros conduzidos autonomamente, sem condutor, os drones, a aprendizagem profunda ou a chamada IoT, a internet das coisas.

A IA está, assim, a ajudar ao desenho do futuro da humanidade e do entendimento das coisas. Mas esse desenho conceptual e industrial do futuro é também uma oportunidade para cumprir um grande desígnio, uma responsabilidade especial do esforço civilizacional da humanidade, que consiste em levar todos para esse presumível patamar de maior felicidade e bem estar em construção; levar todos, incluindo aqueles que por razões diversas manifestam deficiências várias.

(MCL).

**\*INTERGERACIONALIDADE:**

Intergeracionalidade - É uma prática que permite a troca intencional e contínua de recursos e aprendizagem entre as gerações com mais idade e aquelas com menos idade para [alcançar] benefícios individuais e sociais. Ajuda a desenvolver capital social e coesão social nas nossas sociedades envelhecidas. Contribui para desenvolver aprendizagens recíprocas com benefícios individuais e sociais ao nível do conhecimento e dos valores.

Intergeracionalidade é uma das formas de aprendizagem ao longo da vida, proporcionando aprendizagens recíprocas.

Há várias dimensões em que a intergeracionalidade é considerada:

- Quanto às idades para as práticas intergeracionais, embora existam referências entre gerações com idades inferior a 25 anos e superiores a 50, não existe uma idade precisa, sendo que o que é importante é que seja realizado entre gerações não adjacentes, existindo pelo menos a distância de uma geração entre ambos. Se considerarmos a idade que separa os avós dos netos, poderá haver uma grande variação de idades entre as pessoas no âmbito da intergeracionalidade. Considerando as identificações sobre as gerações X, Y e Z, verificamos que há uma oscilação de aproximadamente 15 anos entre cada uma delas, logo para a prática da intergeracionalidade, teremos que ter pessoas com um distanciamento etário de no mínimo 15 anos. Relevante também para a separação geracional, as características ou vivências comuns de cada uma das idades, em cada um dos contextos, que conduzem à sua identificação;

- A intergeracionalidade é diferente da multigeracionalidade, pelo facto de esta última incluir pessoas de gerações adjacentes ou intermédias, sendo que ainda assim se consideram relações intergeracionais, quando estas funcionam como mediadoras ou facilitadoras das atividade

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

intergeracionais.

- Em relação às atividades intergeracionais familiares, considera-se que a sua prática é menos eficaz, ainda que esteja incluído em poucas referências a sua exclusão.

O conceito surge no âmbito de questões relacionadas com aprendizagem intergeracional, práticas ou programas intergeracionais. Em torno da aplicação da intergeracionalidade: consegue-se preencher lacunas entre as diferenças de idade melhorando a transmissão de valores culturais e promovendo o valor de todas as idades; comprovando-se que, quer os jovens que aprendem com idosos, quer os idosos que aprendem com os jovens, ambos possuem atitudes mais positivas e realistas quanto à outra geração; contribuindo assim para desmistificar mitos e combater preconceitos, estabelecer entre as gerações, novos papéis sociais e novas perspetivas, promover maior conhecimento, compreensão, crescimento e auto-estima. O desenvolvimento das relações intergeracionais contribui ainda para a resolução de problemas sociais que levam à adoção de políticas mais adequadas.

Intergeracionalidade encerra em si, ainda, uma perspetiva de inclusão, no sentido em que estabelece equilíbrios para ultrapassar a segregação social, sendo a aprendizagem intergeracional um meio para promover a solidariedade intergeracional e uma resposta às alterações demográficas e à longevidade.

Nota: desenvolvido a partir de vários autores que se encontram em:

Carmo, A. (2017). Projeto de Colaboração Intergeracional - “Encontro entre Gerações na sala de aula”. Tese defendida em provas públicas para obtenção do grau de Doutor em Educação. Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias - Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração, Instituto de Educação. Lisboa

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Professor se achar conveniente adicione lista de referências que conduzem à intergeracionalidade:

Britto & Weller (2010). Apresentação: A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sociológica. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010 (p. 175-184), Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília do Instituto de Ciências Sociais - Campus Universitário Darcy Ribeiro, Centro B-1 408 CEP 70910-900 - Brasília - DF - Brasil, acedido em 5-mai-2018 em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/02.pdf>>

Britto & Weller (2010a). A atualidade do conceito de gerações na pesquisa sobre o envelhecimento. Revista Sociedade e Estado - Volume 25 Número 2 Maio / Agosto 2010 (p. 225-250), Departamento de Sociologia da Universidade de Brasília do Instituto de Ciências Sociais - Campus Universitário Darcy Ribeiro, Centro B-1 408 CEP 70910-900 - Brasília - DF - Brasil, acedido em 5-mai-2018 em <<http://www.scielo.br/pdf/se/v25n2/05.pdf>>

EMIL (2013). Concept paper: Intergenerational Learning and Lifelong Learning, European Map of Intergenerational Learning, acedido em 16 de Abril de 2013 <<http://www.emil-network.eu/res/documents/resource/Intergenerational%20Learning%20and%20Lifelong%20Learning.pdf>>.

Hahn, J et Andor, L. (2013). Guide to Social Innovation. European Commission. Acedido em [http://www.ies.org.pt/content/files/social\\_innovation\\_2013.pdf](http://www.ies.org.pt/content/files/social_innovation_2013.pdf), em 9-5-2013

Hatton-Yeo, A. et Watkins, C. (2009). Algunos principios generales del desarrollo comunitario intergeneracional. Espai Social - Revista del col·legi oficial d'educadors i educadores socials de la comunitat valenciana, Monogràfic: La intergeneracionalitat, n.º 9 II Època Hivern 2009, 21-24, acedido em 27 de maio de 2014, em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

<[http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai\\_social\\_09.pdf](http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai_social_09.pdf)>

Hatton-Yeo, A. et Watkins, C. (2009). Algunos principios generales del desarrollo comunitario intergeneracional. Espai Social - Revista del colegi oficial d'educadores i educadors socials de la comunitat valenciana, Monogràfic: La intergeneracionalitat, n.º 9 II Època Hivern 2009, 21-24, acedido em 27 de maio de 2014, em <[http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai\\_social\\_09.pdf](http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai_social_09.pdf)>

Hatton-Yeo, A. & Ohsako, T. (Eds.)(2001). Intergenerational programmes: public policy and research implications. An International Perspective. Stoke-on-Trent: The Beth Johnson Foundation.

Hernandis, S. (2009). Benefícios de los programas intergeracionales. Espai Social - Revista del colegi oficial d'educadores i educadors socials de la comunitat valenciana, Monogràfic: La intergeneracionalitat, n.º 9 II Època Hivern 2009, 13-16, acedido em 27 de maio de 2014, em <[http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai\\_social\\_09.pdf](http://www.espaisocial.net/docs/revistas/espai_social_09.pdf)>

Martínez, M et Conde, P. (2005). Los programas intergeneracionales in Hernandis, S. et Martinez, M (1995). Gerontología - Actualización, innovación y propuestas. Pearson - Prentice Hall

Melville, J. et Hatton-Yeo, A. (2013). European Year 2012 Roundtable Events: Final report - European Map of Intergenerational Learning. Reino Unido: Beth Johnson Foundation.

OMS, (2005). Envelhecimento Ativo: Uma Política de Saúde, Título original inglês: Active ageing: a policy Framework (2002). tradução Suzana Gontijo. - Brasília: Organização Pan-Americana da Saúde

Pinto, T., Hatton-Yeo, A., et Marreel, I. (2009). Guia de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ideias para Planear e Implementar Projectos Intergeracionais - juntos: ontem hoje e amanhã - Projecto MATES - Mainstreaming Solidariedade Intergeracional. Portugal: Teresa Almeida Pinto - Associação Valorização Intergeracional e Desenvolvimento Activo, acedido em 5 de Novembro de 2013 em <[http://www.matesproject.eu/GUIDE\\_21\\_versions/Portuguese.pdf](http://www.matesproject.eu/GUIDE_21_versions/Portuguese.pdf)>

Springate, I., Atkinson, M. et Martin, K. (2008). Intergenerational Practice: a Review of the Literature (LGA Research Report F/SR262). Slough: NFER. Acedido em 10/Fev/2014 em <<http://www.nfer.ac.uk/publications/LIG01/LIG01.pdf>> (AC).

### **\*INTERLINHAS:**

Processo de escrever ou imprimir braille nas duas faces de uma folha em que as linhas de uma página não coincidem com as da página inversa.  
(FPO).

### **\*INTEROCEPÇÃO:**

Conjunto de sentidos sensoriais proximais, ditos interoceptivos, como os órgãos internos que regulam as funções vitais da circulação, da digestão, do sono, da vigilância e da respiração, que são por definição intrassomáticos, viscerais, inconscientes, automáticos, inobserváveis e não controláveis. No seu conjunto neurofuncional, tais sentidos captam e recebem estímulos dentro do corpo e dão a informação dos órgãos internos ao tronco cerebral que os seres humanos necessitam para integrar e processar atividades sensório-motoras básicas para se adaptarem ao mundo exterior ou envolvente.  
(VF).

**\*INTERPONTO:**

Processo de escrever ou imprimir braille nas duas faces de uma folha em que os pontos de uma página não coincidem com os da página inversa.  
(FPO).

**\*INTERPONTOS:**

Ver **Interponto**.

**\*INTÉRPRETE DE LÍNGUA GESTUAL:**

Profissional que recebeu formação adequada para o desempenho da sua função, de acordo com a legislação em vigor. A sua função é traduzir e interpretar entre uma língua gestual e uma língua oral, ou escrita, e vice-versa, equalizando uma situação de comunicação, respeitando as normas do seu código de ética e deontológico, de modo a que as pessoas surdas e ouvintes tenham acesso a todas as informações emitidas e possam comunicar tudo aquilo que desejarem. Domina a língua gestual e a língua oral do país em que desempenha as suas funções, bem como as estratégias e técnicas de tradução e interpretação entre estas duas línguas de modalidades diferentes (espaço-visual e oral-auditiva), nas suas diferentes variedades: gestual, oral e escrita. Pode, ainda, dominar outras línguas gestuais, ou orais, e gestos internacionais. Em Portugal o reconhecimento oficial da profissão de ILGP - Intérprete de Língua Gestual Portuguesa foi feito pela Lei 89/99, de 5 de Julho, da Assembleia da República, e estes profissionais comemoram o seu dia a 22 de Janeiro, data da constituição, em 1991, da primeira Associação representativa desta classe profissional.  
(MJF).

**\*INTERVENÇÃO PRECOCE:**

Pela investigação desenvolvida e pelos conhecimentos que se foram reunindo sobre o desenvolvimento da criança é hoje possível afirmar que o investimento feito ao nível da saúde da educação e do apoio social nas idades precoces é uma das melhores formas de garantir um desenvolvimento equilibrado e harmonioso, bem como o progresso das sociedades.

Entende-se por intervenção precoce todas as formas de proporcionar às crianças em idades precoces (entre os 0 e os 6 anos) e às suas famílias os apoios e os recursos necessários de forma a potencializar ao máximo o processo de desenvolvimento e o funcionamento familiar pela importância que o mesmo tem no desenvolvimento da criança.

A intervenção precoce visa intervir a três níveis: como forma de prevenção dos problemas desenvolvimentais, intervindo mesmo antes do nascimento e desde os primeiros anos de vida; como forma de minorar os danos desenvolvimentais, intervindo logo que os problemas e as necessidades sejam detetados, favorecendo a precocidade da deteção dos fatores de risco; e, como forma de acompanhar e desenvolver programas de intervenção que possam contribuir para potencializar ao máximo as capacidades e competências da criança, tendo em conta as suas necessidades especiais.

Os autores têm chamado a atenção para o número de casos crescente que emergem da identificação precoce das crianças e das famílias em risco e para a necessidade de se implementarem modelos de atendimento que enquadrem as situações de risco e as crianças com necessidades especiais por via das perturbações desenvolvimentais, recomendando-se que se estructurem modelos de atendimento multidisciplinares que incluam, numa ação concertada, as famílias, os técnicos, os cuidadores e a comunidade em geral. (DR).

**\*INTERVENÇÃO PRECOCE NA INFÂNCIA:**

Ver **Intervenção Precoce**.

**\*INVIDENTE:**

Ver **Cego**.

**\*INVISUAL:**

Ver **Cego ou Invisual**.

**\*IRMANDADE DO MENINO JESUS DOS HOMENS CEGOS:**

«É hábito entre nós situar no fim do século XIX o aparecimento em Portugal do associativismo entre os cegos, traduzido pela fundação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos, APEC, que teve lugar em Lisboa, em 1887. Contudo, a realidade apresenta-se algo diferente, como poderemos verificar se compulsarmos alguns documentos sobre os primórdios deste movimento.

Segundo Joaquim Guerrinha (1968), uma associação de cegos destinada a defender os interesses dos que se dedicavam à venda "de folhetos, das generalizadas Comédias de Cordel, bem como de diversos artigos de quinquilharias e bijuterias", foi fundada em Lisboa no tempo de Baltazar Dias (provavelmente a meio do século XVI), o que não pode deixar de causar enorme surpresa. Esta afirmação é feita num escrito a que o autor deu o título de "Monografia para a História Geral da Associação de Beneficência Luís Braille desde a sua Fundação". Ainda segundo o mesmo texto, a referida associação, não obstante os favores régios de que chegou a beneficiar, teve uma existência curta por falta de capacidade dos seus membros, que eram analfabetos, para a dirigir. No entanto, o autor não refere as fontes em que se apoiou, o que nos obriga a encarar as suas afirmações como

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

não documentadas e, por isso, a deixá-las sob a maior reserva.

Mas já não suscita qualquer reserva a existência da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos. Esta Irmandade, com sede na igreja paroquial de S. Jorge e depois na de S. Martinho, foi criada em Lisboa, em 1749, como escreve Manuela D. Domingos (2000), cujas obras a nossa intelectualidade sempre acolhe com manifesto apreço, em "O Mercado do Livro: Mecanismos e agentes". "Por provisão de D. João V, de 7 de Janeiro daquele ano", acrescenta a referida investigadora, "tinha o privilégio da venda exclusiva de folhinhas, histórias, relações, reportórios, comédias portuguesas e castelhanas, autos e livros usados".

Esta Associação, depois designada também apenas por Irmandade dos Cegos, sustentou repetida e prolongadamente conflitos com os livreiros, que se queixavam dos prejuízos causados pelo protecçãoismo régio dispensado à Irmandade. Estas pugnas tomavam por vezes violento calor, conduzindo à exposição nua e crua da opinião negativa dos representantes dos vendedores de livros sobre os "irmãos", que reflectia seguramente muito do espírito da época, como se pode ver num requerimento a que a seguir nos referiremos, também transcrito por Manuela D. Domingos na obra já mencionada.

Trata-se de um requerimento dos vendedores de livros de Lisboa, à Rainha, de 7 de Agosto de 1779, em que os requerentes pediam para ser ouvidos na regulação das questões de concorrência com os livreiros e a Irmandade dos Cegos. E sobre estes escreveram: "Os segundos porque sendo os cegos a classe de homens mais inerte, e menos inteligentes deste mundo tanto em razão da sua cegueira, que os priva de semelhantes conhecimentos, como em razão dos seus anteriores exercicios, e ignorancia crassa, mal poderem desempenhar com satisfação do publico hum negocio em que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

he necessario ao commerciante ter ao menos huma não leve noticia do merecimento das obras, dos seus impedimentos, ou liberdades, do numero de tomos de cada jogo, da superioridade das ediçoens, e de outras coizas semelhantes.

"Alem disto os cegos são huma classe de homens, que pela sua summa pobreza, e pela miseria em que os constituiu a sua molestia, não tem forças, nem dinheiros para manejarem hum trafico de tanto custo, de que rezulta que por mais exuberantes que sejam os seus privilegios nunca estes podem deixar de andar importunando a Republica, e viver da caridade do seu proximo. Por esta forma a sua miseravel condição os faz incapazes de poder recahir sobre elles com proveito seu e do publico, a beneficentissima liberalidade de V. Magestade.

"De trezentos individuos, que poderá conter aquela confraria apenas tres, ou quatro cegos (não são mais) se achão pela cidade com suas tendinhas volantes, onde expõem à venda huma mão cheia de livros truncados, e insignificantes, ficando todo o resto às escuras sem ao menos poder a esse infructifero recurso.

"Se pois a graça de V. Magestade não pode fazer feliz ao menos o todo daquela Irmandade, e se apenas trez, ou quatro cegos, se aproveitão de humas sombras della, parece que por tão pouco não devem ficar perdidas tantas familias, como as dos supplicantes, e o publico tão mal servido. Quanto mais que ainda esses trez, ou quatro cégos que vendem livros em tendas volantes não são prejudicados, porque os supplicantes nunca pertenderão, que os cégos não vendão, ou não commerceem, pelo modo que lhes for possivel. O que os supplicantes unicamente querem he que este negocio seja cummulativo, e franco."

Apesar de toda esta conflitualidade a Irmandade dos Cegos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

não só conseguiu sobreviver ao longo de várias décadas, como pôde também alargar os privilégios de que beneficiava. No princípio do século XIX estes "irmãos" continuavam a fazer parte da buliçosa multidão de mendicantes e vendedores ambulantes de serviços e de produtos que fervilhava pelas ruas de Lisboa. Em "Ruas de Lisboa 1826", de Manuel da Silva Godinho (1994), notável colecção de gravuras, entre as figuras do aguadeiro, mariola, moço de fretes, caiador, barqueiro, almas santas, cego filarmónico, vendedores de peixe, de legumes, etc., lá encontramos também o cego da Irmandade, acompanhado de uma criança, com o seu pregão "compra folhinhas". Na introdução a esta obra, de M. Graça Garcia, pode ler-se: "(...) Os cegos pertencentes à Irmandade do Menino Jesus dos homens cegos, cujos irmãos se dedicavam ao pequeno comércio dos papéis volantes, dos "folhetos pello meudo", sem loja, com tenda volante por vezes. Detentora de privilégio exclusivo daquelas vendas desde D. João V e, andado o tempo, também autorizados a vender "livros pequenos" (de 4º para baixo) ou usados, ou de valor inferior a 120 réis."

Assim, alguns cegos puderam actuar como agentes do mercado do livro, embora nem sempre fosse muito fácil distinguir onde terminava a prestação de um serviço e começava o apelo à caridade. Seja como for, como outros cidadãos, os cegos puderam pela primeira vez desempenhar uma função socialmente reconhecida e regulada, ganhando nela o magro sustento das suas pobres vidas.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001). O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos GESTA», Ano I N° 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm).].

(FPO).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## J

### **\*JESUS, JOÃO JOAQUIM DE:**

(Este texto não respeita o Acordo Ortográfico em vigor)

João Joaquim de Jesus nasceu no Funchal a 3 de Outubro de 1904, na Freguesia de S. Pedro. Filho mais velho de uma família de poucos recursos viu, desde cedo, o seu destino marcado pelas sequelas de terrível doença, a Varíola que, só no séc. XX matou mais de quinhentos milhões de pessoas. A epidemia grassava avassaladora por volta de 1907 e os dois filhos mais velhos do casal, aliás, os únicos nascidos até então, foram vitimados de forma irreversível. O bebé, Agostinho Joaquim de Jesus, não resistiu e morreu; João Joaquim, ao tempo com dois anos e meio, cegou e o seu rosto ficou para sempre marcado pelas cicatrizes dessas bexigas negras. Entre 1908 e 1923 nasceram mais sete irmãos de João, sendo ele o mais velho e, pela sua cultura, desempenhou na Família, ao longo da vida, as funções de pedagogo, tendo sido por todos respeitado até aos seus últimos dias.

Pela sua Caderneta Escolar, que vim a descobrir, concluiu a 12 de Agosto de 1918 o exame de Instrução Primária do 2º grau, no Liceu de Cascais, onde ficou aprovado com distinção. Teria nessa época catorze anos incompletos, o que fará supor que tenha saído da Ilha da Madeira nos seus dez anos para, só então ingressar, no Continente, no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, na zona de Lisboa, em S. João do Estoril. Quanto ao seu percurso escolar, o que está documentado é a aprovação em dois exames, no ano de 1924: o primeiro deles, a 31 de Julho, Exame Singular de Português com 16 valores; o segundo, a 2 de Agosto, Exame Singular de Francês com 17 valores. Estes exames são o culminar do curso completo do Instituto Branco Rodrigues, equivalente ao

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

antigo 5º Ano dos Liceus, que obteve prestes a atingir os 20 anos de idade.

Por não se ter especializado em qualquer instrumento musical, como era timbre desta Escola, apesar de ser exímio executante de Bandolim, foi transferido para o Asilo de Cegos Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide, onde adquiriu formação em Artes e Ofícios, nas Oficinas deste Centro Escolar.

Ignora-se em que data regressou à sua terra, mas, através dos Periódicos Madeirenses - Diário da Madeira e Diário de Notícias da Madeira é facultada a informação de que João Joaquim de Jesus fundara, no Funchal, em Janeiro de 1932, o Instituto de Cegos Luz nas Trevas, à imagem do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, onde fora educado e do qual conservava saudosa memória.

As vicissitudes por que passou aquela Escola foram muitas, visto que o seu fundador não tinha bens próprios e o Estado não era sensível aos seus apelos. Secundou-se dos vários elementos da sua numerosa Família para trabalharem na obra, especialmente seu Irmão, mais novo quatro anos, Américo Joaquim de Jesus que passou a ser Director do Instituto. Aprende o Sistema Braille e descobre um engenhoso processo de imprimir livros, o que deu origem a uma Revista Portuguesa para Cegos, dirigida por João Joaquim de Jesus, mas que é suspensa um ano após a sua publicação por falta de meios.

Em 1936, recebe, durante alguns meses, a ajuda de seu amigo e ex-colega do Instituto Branco Rodrigues, na leccionação dos alunos da sua Escola e não só. Joaquim Guerrinha, terá ido ao Funchal expressamente para dar um Concerto cuja receita reverteria por inteiro para os cofres do Instituto *Luz nas Trevas*, o que deu oportunidade a que mais crianças cegas pudessem aí ser admitidas, até que, passados meia dúzia de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

anos, se viu forçado a encerrar as suas portas por não haver orçamento que suportasse o regime de internato dos alunos.

Em 1947 há notícia de João Joaquim de Jesus na capital para apadrinhar o baptizado de sua sobrinha Dalila, que assina este artigo. Passado um ano regressa ao Funchal e, de novo, retorna a Lisboa em 1954 para acompanhar sua Mãe, Pacífica da Conceição de Jesus que procurava, na capital, a cura para uma doença grave. Por cá permanece até ao fim dos seus dias, a 8 de Novembro de 1974, vítima de AVC. As suas cinzas encontram-se no Cemitério do Alto de S. João, em Lisboa.

João Joaquim de Jesus, detentor de uma profunda cultura literária, lia e falava esmeradamente o Francês e dominava o Esperanto, estabelecendo contacto frequente com um grupo de falantes com os quais trocava missivas. Dedicava-se, nos seus tempos livres, a traduzir pequenos livros e textos seleccionados para esperanto e encontrava no seu Irmão mais novo Carlos Isidoro de Jesus um excelente interlocutor. Era seu projecto traduzir para Esperanto «Os Lusíadas», mas a vida difícil que trilhou nos últimos anos e a doença que o atingiu deixaram essa tarefa incompleta, tendo-se ficado pelo Canto Segundo.

Abordava a Matemática com uma flexibilidade de pensamento, como se tivesse seguido carreira académica nessa área e dominava a Astronomia com tal destreza que surpreendia todos os amigos.

A sensibilidade que está patente na sua obra poética Frutos da Mocidade é o resultado de longos períodos de reflexão associados ao conhecimento de muitos autores e que se traduz numa densidade de sentimentos fortes que exprime com ritmo e musicalidade. Usando a terminologia de Camões foi, de facto, um poeta com engenho e arte, isto é, com forte inspiração e uma técnica da linguagem e do verso que sabe

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

combinar maravilhosamente. Usa a cor e o som em paisagens sublimes, aliadas a uma musicalidade que embala, como no Poema *Lili* que dedica a sua afilhada. Também se adivinha a existência de uma personagem idealizada, um amor platónico que perpassa em vários poemas.

Na publicação deste pequeno livro, foi coadjuvado por sua dedicada Irmã, Gabriela Conceição de Jesus, como, aliás, o autor refere na Dedicatória.

Bibliografia consultada:

GUERRINHA, Joaquim. *Os Cegos através dos tempos: desde a Antiguidade Oriental à Actualidade*.

In: «Diário da Madeira». 5.02.1936; 19.02.1936.

«Jornal dos Cegos». Nº 7, 1902.

«Diário da Madeira» (1932-1940).

«Diário de Notícias da Madeira» (1932-1940).

(DJG).

### **\*JOÃO JOAQUIM DE JESUS:**

Ver **Jesus, João Joaquim de**.

### **\*JOAQUIM GUERRINHA:**

Ver **Guerrinha, Joaquim**.

### **\*JORNAL DE NOTÍCIAS - BIMENSÁRIO DE CULTURA E INFORMAÇÃO EM BRAILLE:**

Um Bimensário de Cultura e Informação em Braille Integral. Produzido pelo Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, sob a coordenação de João Ogando, e que resulta da seleção da informação tida como mais significativa deste matutino portuense em cada dois meses e um pouco à semelhança do critério adotado pelo semanário "O Independente", tendo o primeiro número saído em Maio de 1994. Trata-se de uma meritória iniciativa do próprio "Jornal de Notícias", integrada na comemoração do seu 106º

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

aniversário. Esta empenhada preocupação com o acesso da generalidade dos cidadãos à informação e à cultura conferiu também a este órgão de comunicação social a dimensão de "jornal eletrónico" que, a partir de 25 de Julho de 1995, se encontra diariamente disponível na rede Internet (com duas atualizações por dia, uma às zero e outra às dezassete horas), acessível a toda a gente, incluindo as pessoas cegas que dispuserem da tecnologia informática específica. A este novo suporte multimédia da informação, em formato eletrónico, outras publicações periódicas portuguesas têm vindo a afluir, como por exemplo "o Público", disponível na Internet desde 22 de Setembro de 1995, o "Expresso", disponível desde Janeiro de 19 de Julho de 1997, e outros que se lhe têm seguido.

(ADG).

### **\*JORNAL DOS CEGOS:**

Publicação impressa em caracteres comuns, de 1895 a 1920, sob a direção e propriedade de José Cândido Branco Rodrigues, tendo sido publicado um número especial e único em cinco línguas e em braille integral em 1898, mediante a utilização de caracteres em braille móveis concebidos e utilizados para este efeito na Imprensa Nacional pelo próprio Branco Rodrigues. Todos os números do «Jornal dos Cegos» se encontram também gravados e disponíveis nos suportes áudio e digital, na Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal.

O «Jornal dos Cegos» foi gravado em fita magnética, neste local, na voz do grande e generoso tiflófilo Dr. Manuel Adolfo Baptista de Vasconcelos, gravação disponível em 28 cassetes de 90 minutos e em suporte eletrónico, num total de 70 horas e 23 minutos.

Acresce referir a propósito, e fazemo-lo com profundo apreço, gratidão e estima, que este filantropo e Amigo das

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

peessoas cegas tem livros gravados com a sua voz na Área de Leitura para Deficientes Visuais da BNP, cujo número de horas ronda as três centenas. Está ligado à causa tiflológica desde os princípios de 1970, com excelente e visível empenho e desempenho no tifoassociativismo e de outras tipologias da deficiência, integrando órgãos sociais; cofundador da ACAPO; durante muitos anos, Presidente da Mesa da Assembleia Geral da Associação Promotora do Ensino dos Cegos - Instituto António Feliciano de Castilho; continua, pessoal e institucionalmente, no digno desempenho de funções tifoassociativas.

(ADG).

### **\*JORNALINHO - PARTILHA DE CONHECIMENTO DE TODOS E PARA TODOS:**

O Jornalinho é um grupo de notícias por e-mail, criado na plataforma dos grupos do Google, a 4 de Março de 2011, por Aires Alves.

Este grupo nasceu do gosto que tenho desde pequeno pelo jornalismo, e pela necessidade que senti de proporcionar àqueles que pensei serem o seu público-alvo, pessoas com deficiência visual, muita da informação que não lhes era dada pelos órgãos de comunicação social tradicionais, nomeadamente rádio e televisão.

Muitas das pessoas que conhecia tinham dificuldades em movimentar-se no "mundo da Internet", a que se juntavam dificuldades económicas que as impediam de aceder a certos conteúdos pagos, e por isso assumi o compromisso de lhes levar até casa, via e-mail, artigos que abrangessem todos os ramos do conhecimento, exceptuando, tanto quanto possível, assuntos directamente relacionados com a política.

Outro dos principais objectivos que levou à criação desta comunidade de amigos foi dar a conhecer actividades em que estivessem envolvidos os seus membros ou realizadas por

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

estes, pois sabia que muitos tinham capacidades escondidas, principalmente ao nível da actividade literária.

Também investi fortemente no noticiário relacionado com a deficiência, à medida que este foi sendo cada vez mais visível na rede. Actualmente somos procurados pelas próprias organizações de pessoas com deficiência, sinal de que o nosso trabalho, embora voluntário e nem sempre satisfatório para nós próprios, é reconhecido como sendo uma mais-valia. Este grupo sempre esteve aberto à participação de quem achasse por bem fazê-lo, transformando-se numa comunidade de todos e para todos.

Em 2015 alargámos horizontes até ao outro lado do Atlântico, criando o Jornalinho Brasil, que no entanto não teve a projecção que esperávamos ao nível do número de subscritores, actualmente cerca de 50.

O Jornalinho cresceu e as ideias de torná-lo cada vez maior e melhor nunca deixaram de surgir.

Primeiro criámos uma página no Facebook, Jornalinho365, onde só veiculamos noticiário relacionado com a deficiência, e que tem tido grande aceitação.

Depois, e como forma de homenagear todos aqueles que conosco colaboraram ao longo dos anos com os seus trabalhos literários, e também com a necessidade que sentimos de dar um novo impulso à utilização do Sistema Braille por parte dos seus potenciais utilizadores, decidimos editar, exclusivamente nesse suporte, duas colectâneas, uma de poesia e outra de contos, totalmente compostas com trabalhos de membros do Jornalinho, projecto que está neste momento em curso.

Outras ideias vão fervilhando, pois a vontade de servir a comunidade de cidadãos com deficiência visual, sempre foi um objectivo de vida.

Temos como lema: "O conhecimento de uns é fundamental para o enriquecimento de todos" e é esse propósito que nos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mantém de pé, no sentido de dar aos cerca de 400 subscritores do Jornalinho cada vez mais aquilo que procuram.

Os perto de 24 mil e-mails que já enviámos até hoje, lidos por muitos mais dos que directamente estão inscritos no nosso grupo, as mensagens constantes de apoio que recebemos, nos bons e nos maus momentos que temos vivido ao leme deste projecto, dão-nos força para continuar, oxalá não nos falte a força para tal.

[JORNALINHO: Partilha de conhecimento de todos e para todos.

Envie-nos os seus contributos para:  
redacao.jornalinho@gmail.com

<mailto:redacao.jornalinho@gmail.com>

Solicite a sua inscrição, enviando um e-mail completamente em branco para:

jornalinho+subscribe@googlegroups.com

<mailto:jornalinho+subscribe@googlegroups.com> ou

jornalinho\_brasil+subscribe@googlegroups.com

<mailto:jornalinho\_brasil+subscribe@googlegroups.com>

As nossas páginas no Facebook: Jornalinho365 e JornalinhoDesporto.].

(AFA).

**\*JOSÉ ÁLVARES DE AZEVENO:**

Ver Azevedo, José Álvares de.

**\*JOSÉ CÂNDIDO BRANCO RODRIGUES:**

Ver Rodrigues, José Cândido Branco.

**\*JOSÉ DE ALBUQUERQUE E CASTRO:**

Ver Castro, José de Albuquerque e.

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*JOSÉ DE SOUSA:**

Ver **Sousa, José de.**

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## K

### **\*KELLER, HELEN:**

«Helen Keller, de nacionalidade norte-americana, nasceu em Tuscumbia (no Estado de Alabama) a 27 de Junho de 1880 e faleceu em Arcan Ridge a 1 de Junho de 1968.

Foi uma criança normal e sem problemas sensoriais até aos 19 meses de idade, altura em que uma doença (mal diagnosticada) a fez ficar surdocega. Teve como professora Ana Sullivan, que a instruiu através do método dactilológico. Apesar das inúmeras e variadas vicissitudes por que passou ao longo da vida, conseguiu formar-se, em 1904, no Radcliffe College ligado à Universidade de Harvard.

Recebeu algumas condecorações: o Rei Alexandre da Jugoslávia distinguiu-a com a medalha de Santa Salva; as Universidades de Harvard e de Glasgow conferiram-lhe o grau de Doutor Honoris Causa; em 1936, foi-lhe atribuída, e à sua Professora, a medalha Roosevelt, para premiar uma "realização cooperativa de carácter único e significação extraordinária". Em 1952, em cerimónia comemorativa do primeiro centenário da morte de Louis Braille, foi feita cavaleiro da Legião de Honra.

Escreveu vários artigos para jornais e também livros, designadamente "Lutando contra as Trevas", "Professora", "Canção do Muro de Pedra", "Do Fundo das Trevas", "A Minha Religião".

Deu muitas conferências para mostrar o processo da sua aprendizagem e outras (a nível internacional) no sentido de sensibilizar o mundo para a problemática da cegueira.

Está na origem da criação da American Foudation for the Blind. Percorreu inúmeros países, tendo estado em Portugal a passar uma semana de férias, de 22 a 27 de Março de 1956, não deixando de manifestar à imprensa portuguesa, na altura, a sua mágoa pelo pouco que se fazia em favor dos cegos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

deste país.

Tem uma forte responsabilidade na evolução e na consolidação de questões de fundo no equacionamento da problematidade da tíflogia universal.».

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

(ADG).

## L

### **\*LAR BRANCO RODRIGUES:**

Em 1970, transferência das instalações do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, S. João do Estoril, para novas instalações, na Parede, aí tomando em 1978 a designação de Lar Branco Rodrigues.

A nova sede do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, S. João do Estoril, está agora localizada na Parede, tendo aí sido inaugurada com o Provedor da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa e o presidente do Conselho de Ministros professor Marcelo Caetano, mantendo a sua ação no âmbito do ensino especial.

À época, os alunos continuavam a viver em regime de internato e do seu plano curricular constavam as disciplinas de língua portuguesa, língua francesa, língua inglesa, história e geografia, matemática, ciências naturais e música e, ainda, aulas específicas de ginástica, mobilidade, catequese, estenografia braille de língua portuguesa, terapia ocupacional e uma área equivalente ao que hoje se designa de estudo acompanhado. A partir da terceira classe, eram introduzidas as disciplinas de estenografia braille, atividades da vida diária, dactilografia e expressão corporal. Do património do Instituto de Cegos Branco Rodrigues de então faziam parte variados tipos de mapas em relevo, materiais de estudo científico, inúmeros instrumentos de sopro, de cordas e de percussão e uma importante biblioteca.

A partir de 1975, o início das alterações na estrutura curricular, a criação de equipas de educação especial e o início do ensino integrado na década de 80, mudaram a história do Instituto. Os alunos passaram a residir no Instituto, mas integrados nas escolas de ensino regular.

Em 1978, ao deixar de ser tutelado pela Santa Casa da Misericórdia de Lisboa (SCML), o Instituto de Cegos Branco

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Rodrigues passa para a gestão do Estado, para o Centro de Educação Especial de Lisboa, passando a ter a designação de Lar Branco Rodrigues, focando a sua ação no apoio a estudantes integrados no ensino secundário e superior.

A partir da década de 90, com o início das formações profissionais direcionadas para as pessoas com deficiência visual, o Lar Branco Rodrigues estendeu o apoio residencial à população que frequenta formação profissional.

Após ter estado sob a gestão do Estado, em 2011 o Lar Branco Rodrigues passa de novo para a gestão da SCML.

O Lar Branco Rodrigues, também constitui uma resposta social, destinada a acolher e acompanhar jovens adultos e adultos cegos ou com baixa visão, que se encontrem impedidos temporariamente de residir no seu meio familiar/social, desde que frequentem o ensino secundário/técnico profissional, universitário ou outro.

É um estabelecimento de âmbito nacional que, em acréscimo ao Apoio Residencial, desenvolve práticas de intervenção inclusiva, centrando a sua ação na intervenção pós-reabilitação/ formação e nos Serviços abertos à comunidade.

A Pós-Reabilitação/Formação entende-se como o apoio à autonomia integrada em contexto social, com encaminhamento pós-educação ou formação, na integração laboral, familiar e comunitária.

A Qualificação profissional das pessoas com deficiência visual passa por Curso de Massagem de Relaxamento e Bem-Estar, serviços abertos à comunidade.

A Biblioteca Literária e Musical Branco Rodrigues, inaugurada a 6 de maio de 2013 com o Provedor da SCML, Dr. Pedro Santana Lopes, é um Serviço público de natureza informativa, dirigida à pessoa cega ou com baixa visão, às comunidades tiflológica e em geral, tendo como missão

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

contribuir para a formação de cidadãos com deficiência visual e apoiar investigadores, pedagogos, professores e encarregados de educação. O seu fundo bibliográfico, herdado da Biblioteca do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, é constituído por mais de 3000 volumes, correspondentes a cerca de 600 títulos divididos entre diferentes áreas do saber, de vários periódicos agrupados em centenas de números, fotografias da época, testemunhos, instrumentos musicais, utensílios para escrita e aritmética e jogos. Promove atividades de cooperação com outras bibliotecas e organismos culturais, exposições, colóquios, visitas guiadas, tertúlias e sessões de leitura e a aprendizagem do sistema braille.

Também disponibiliza um Serviço de Produção Documental, que foi divulgado e aberto à comunidade em 2014, é um serviço de natureza informativa e formativa, destinado a responder às solicitações da população com deficiência visual e aos diversos públicos interessados e envolvidos nas áreas da educação e da cultura. Tem a sua origem no Centro de Produção de Material do Centro de Educação Especial de Lisboa, oficializado em 1977, e possui um importante espólio cartográfico das diferentes áreas de conhecimento e equipamento técnico específico para a operacionalização das suas atividades. Promove atividades de cooperação com entidades, organismos culturais e comunidade, contribuindo através de projetos de "Acessibilidade Inclusiva" para a adaptação dos ambientes, equipamentos culturais e serviços turísticos na criação de novas fontes de informação e condições de acessibilidade de forma a torná-los inclusivos e acessíveis aos visitantes e utilizadores com deficiência visual. (APSSS).

**\*LCJD:**

**Ver Liga de Cegos João de Deus.**

**\*LEITURA FÁCIL:**

Ver **Língua Fácil**.

**\*LIBRAS:**

Significa Língua Brasileira de Sinais, sendo uma expressão utilizada no Brasil para designar a língua natural da comunidade surda. O mesmo que Língua Gestual ou Língua dos Sinais.

(ADG).

**\*LIGA DE CEGOS JOÃO DE DEUS (LCJD):**

«Em 1951, quando a ACLB já existia há 24 anos, na sequência da cisão a que atrás nos referimos, foi fundada a Liga de Cegos João de Deus, LCJD. Em consequência desse facto, a ACLB adoptou para com a nova Associação uma atitude de hostilidade declarada, punindo mesmo com a suspensão de todos os direitos associativos os que se filiassem na LCJD. Esta adoptou o modelo organizativo da ACLB, mas inseriu-se na área de tutela do Ministério da Educação Nacional evitando assim, estrategicamente, diziam os seus responsáveis, situar-se na mesma área de tutela da sua congénere hostil e, simultaneamente, evidenciar a vertente educativa na sua vocação. Contudo, não mais de meia dúzia de anos depois, transitava para a mesma área de tutela da ACLB.

Mas também não foram fáceis os primeiros tempos de vida na LCJD. A ânsia de animar a actividade na associação, em que escasseavam os sócios cegos, e realizar receitas fáceis, conduziu uma Direcção a um momento de fraqueza em que se deixou seduzir pela prática de jogo clandestino na sede, o que levou a colectividade à beira da extinção. Entretanto, ultrapassadas estas dificuldades, começava a ser constituída uma biblioteca, realizavam-se algumas actividades

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

recreativas, procurava-se empenhadamente aumentar o número dos sócios cegos para dilatar o conteúdo da vida associativa. Pouco antes de 1960 começou a LCJD a ser frequentada por cegos universitários que, atraídos pela disponibilidade de espaço e pela tranquilidade do ambiente de que ali se desfrutava, depressa criaram o hábito de fazer da LCJD o seu local de estudo onde passaram a trabalhar com colegas normovisuais. Um grupo de jovens recém-saídos do Instituto Branco Rodrigues no início dos anos sessenta, pelo seu número, veio imprimir especial animação a esta actividade contribuindo assim para dar à LCJD o aspecto de uma Instituição quase académica.

Entre os cegos generalizara-se entretanto o interesse em passarem a possuir habilitações iguais às do cidadão comum, pondo-se assim termo a um período de quase meio século em que a música foi a única actividade de estudo e de trabalho proporcionada. Esta transformação fez surgir na LCJD as salas de estudo, que a Instituição manteve durante quase vinte anos, onde muitos sócios aprenderam, e alguns ensinaram, as disciplinas dos vários ciclos do ensino liceal. Estava assim criada na vida associativa uma dinâmica tão viva que, por vezes, fazia sentir saudade da tranquilidade dos primeiros tempos.

Alguns anos mais tarde foi tomada nova iniciativa, então já com a colaboração da ACLB, que entretanto abandonara a sua posição de hostilidade, iniciativa essa que contribuiu para se intensificar ainda mais o movimento associativo. Foi a instalação de um refeitório onde passaram a ser servidos almoços e jantares a preços sociais.

Ao relancear a história da LCJD, não se pode deixar de referir uma iniciativa de importância indiscutível para o nosso associativismo. Foi ela a abertura às organizações internacionais de cegos. A meio da década de setenta a LCJD

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

filiou-se na Federação Internacional dos Cegos, IFB; e este acto marcou decisivamente o início do relacionamento regular do meio associativo português com as instituições congéneres estrangeiras e internacionais. Ao mesmo tempo contribuía-se para o reforço do novo espírito associativo que imperava entre nós, tendo a LCJD modernizado também nesse sentido os seus Estatutos.

Nos anos oitenta a LCJD contraiu responsabilidades empresariais: adquiriu uma fábrica de malhas e instalou e pôs a funcionar um centro de formação na área do artesanato. Estas iniciativas, porém, não foram acompanhadas da criação das estruturas necessárias para as sustentar, pelo que a fábrica de malhas ficou desactivada desde 1985 e o centro de formação teve que suspender a actividade em 1987.».

[Recortado de: OLIVA, Filipe Pereira (2001). O associativismo entre os cegos em Portugal. In: «Cadernos GESTA», Ano I N° 1 Julho 2001. [www.gesta.org/gesta01/indice.htm](http://www.gesta.org/gesta01/indice.htm).].

### **\*LÍNGUA DE SINAIS:**

Expressão utilizada em diversos países para designar a língua natural da comunidade surda. O mesmo que Língua Gestual. (ADG).

### **\*LÍNGUA FÁCIL:**

É uma simplificação da informação escrita, tornando-a clara e fácil de ler e de compreender pelos utilizadores, de modo a sentirem-se mais bem informados e a terem acesso a uma aprendizagem mais acessível, podendo assim participar com mais eficácia e utilidade na sociedade, conhecer os seus direitos e defendê-los. A língua fácil é mais usada pelas pessoas com deficiência intelectual e baixa literacia. Para evitar a exclusão, o artigo 9º da Convenção das Pessoas com

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Deficiência diz que "as pessoas com deficiência têm o direito de receber informação acessível".

(SJ).

### **\*LÍNGUA GESTUAL:**

Língua natural da comunidade surda, sendo um processo de comunicação e interação humana que utiliza os gestos como comunicação e manifestação, envolvendo vários intervenientes que usam formas de expressão não-verbais, numa dimensão linguisticamente estruturada.

(ADG).

### **\*LÍNGUA GESTUAL INTERNACIONAL:**

Em definição.

(JM).

### **\*LINHA BRAILLE:**

Linha constituída por um variável número de células.

Ver também **Mostrador Braille**.

(FPO).

### **\*LITERACIA BRAILLE E INCLUSÃO INTELECTOSSOCIAL:**

Antes de tudo, a criança cega, e de todos os níveis etários, tem o mesmo direito de aprender a ler e a escrever como as outras crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores normovisuais. A literacia braille está para os dedos e desenvolvimento da motricidade fina, intelectual, sociocognitivo e da personalidade da pessoa cega, como a literacia em carateres comuns está para os olhos e desenvolvimento intelectual da pessoa normovisual.

Secundando investigação séria realizada no domínio da escrita manual, Virginia Berninger, professora de psicologia educacional na Universidade de Washington e principal

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

autora de um artigo publicado no Journal of Learning Disabilities, e Laura Dinehart, professora de educação da 1ª infância na Universidade Internacional da Florida, num artigo publicado no Journal of Early Childhood Literacy, o escrever à mão desenvolve o cérebro.

A questão do desenvolvimento do cérebro através da escrita à mão, em que a boa caligrafia se coloca para as pessoas normovisuais e o bom ponto braille para as pessoas cegas, o manusear é um processo mais indispensável ainda para as pessoas cegas porque lhes associa também o desenvolvimento da motricidade fina e da coordenação de processos cognitivos, motores e neuromusculares, razão por que os professores de educação especial na área da disfunção visual têm de contrariar a tendência que há para descartar a escrita à mão, em pauta braille ou em máquina dactilográfica própria, tendo em conta os alertas de investigadores nesta especialidade.

Nunca esquecer ou negligenciar a vital importância da literacia, incluindo a braillística, a tecnológica e a mediática, sobretudo para as pessoas cegas e com baixa visão. A literacia braille está para o desenvolvimento biopsicossocial, biossociocognitivo e humano, sociocomunicabilidade e interação, relacionamento e inclusão, aquisição de conhecimentos e saberes, de competências pessoais e sociais, de empregabilidade e qualidade de vida das pessoas cegas, incomparavelmente mais ainda do que está a literacia em caracteres comuns para as pessoas normovisuais. Isto porque falta, às pessoas cegas, a modalidade sensorial mais absorvente de todas, que é o sentido da visão. É o saudável exercício e usufruto literário que nos permite adquirir cultura e cultivar hábitos culturais que nos dignificam como pessoas. É na cultura que encontramos a significação da sociedade e legitimamos o sentido da vida humana em sociedade. As competências literária, linguística e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

comunicativa constituem a essência e o móbil desenvolvimental por excelência para o estudo e escolha de um caminho fértil, que consequencialize a descoberta de etapas para a determinação e consolidação desse caminho, visando a inclusão sociocomunicacional, educacional e formativa, no sentido mais abrangente que possamos imaginar.

Há quem defenda que os livros gravados em fita magnética, audiolivros, e-books ou a leitura de textos em caracteres comuns através de leitores de ecrã em voz sintética, são processos que substituem (menosprezando ou injustificando o braille) os livros em braille ou a utilização de leitores de ecrã em braille para aceder aos textos a tinta. O ouvir ler e o dizer não é a mesma coisa que, simplesmente, ler e escrever. Escrever e ler é viajar dentro de nós e lá fora, é conceber e materializar criatividade e inovação, razão por que também os grafemas braille "são sementes de luz levadas ao cérebro pelos dedos, para germinação do saber" (Helen Keller), na genialidade fonética e alfabética, por meio de pontos táteis, porta sonográfica (o ponto) inventada por Barbier de la Serre e, graficofonética e alfabeticamente, redimensionada, sistematizada e escancarada por Louis Braille à acessibilidade e usabilidade das pessoas cegas do mundo inteiro, em relação a todo o tipo de conhecimento. Nesta aceção, a literacia braille, como contributo educomunicacional, intelectossocial e sociocognitivo para a humanidade, veio emancipar as pessoas cegas, promover a sua inclusão em todas as áreas do conhecimento e abrir-lhes uma infinidade de caminhos no mundo do saber, com desafios e propostas sem fim, também através das outras e sequentes literacias, progressivamente inclusivas.

Neste contexto, a literacia braille tem de ser mais premente e assumir, quanto antes neste século XXI, uma efetiva, permanente e justa função formativa (ensino/aprendizagem),

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

ao mesmo tempo alargando também este propósito à realização de Cursos de reciclagem, sobretudo para professores de educação especial na área da disfunção visual, envolvendo esta tipologia literária no ensino, na educação, na construção identitária e inclusão da pessoa cega.

[Texto recortado e adaptado por ADG, em grande parte dos seguintes livros:

GUERREIRO, Augusto Deodato (2012). Comunicação e Cultura Inclusivas. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT. (Com apoio do CICANT, FCT e Ministério da Educação).

GUERREIRO, Augusto Deodato (2011). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflologia, Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal. Lisboa: Câmara Municipal - DMC/GRC.].

(ADG).

### **\*LITERACIA EM SAÚDE:**

Literacia em saúde (LS) corresponde a comunicar informação de saúde de forma clara e a entender corretamente informação de saúde de modo a ser possível a ação, a interação e a tomada de decisão de forma esclarecida, consciente, autónoma e benéfica para a pessoa e para a comunidade. Neste sentido a LS é relevante e transversal a todos os aspetos e atores do contínuo dos cuidados, desde o bem-estar e saúde à promoção da saúde, à deteção e prevenção da doença, ao diagnóstico e tomada de decisão, ao tratamento, ao autocuidado e à prestação de cuidados (Ramos & Vital, 2015).

A LS foi definida por Ratzan e Parker (2000) como “o grau em que os indivíduos podem obter, processar e compreender

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

a informação básica de saúde e os serviços de que necessitam para tomar decisões de saúde adequados.” (Selden *et al.*, 2000). Esta definição foi mais tarde adotada pelo *Healthy People 2010* (2008) e pelo Institute of Medicine (IOM) em 2004 no relatório *Health Literacy: A Prescription to End Confusion* (2008). Berkman *et al.* (2011) realçam que o conceito de LS representa uma variedade de habilidades necessárias para ser possível funcionar de forma eficaz no contexto dos cuidados de saúde e agir adequadamente em informação dos cuidados de saúde e que incluem a literacia de impressão (capacidade de ler e compreender texto e localizar e interpretar informações em documentos), a matemática (capacidade de usar informação quantitativa) e a literacia oral (capacidade de falar e ouvir de forma eficaz). Nutbeam (2000) e Milne *et al.* (2010) (citados por Berkman *et al.*, 2011) incluem na definição de LS, um conhecimento de trabalho (*working knowledge*) dos processos da doença, a capacidade de usar a tecnologia, a capacidade funcionar em rede e interagir com os outros socialmente, a motivação para a ação política em relação às questões de saúde assim como a autoeficácia. Rothman *et al.* (2006, citados por Berkman *et al.*, 2011) referem a numeracia - capacidade para compreender e usar os números na vida do dia-a-dia, como uma componente importante da literacia em saúde.

O desenvolvimento de competências em LS é um processo ao longo da vida, sendo a LS um fator determinante de saúde, os níveis limitados de LS, estão associados com elevados custos no sistema de saúde (Kickbusch *et al.*, 2013). Assim, a LS: (1) é comunicar e entender informação de saúde de forma clara e correta de modo a ser possível a ação, a interação e a tomada de decisão de forma esclarecida, consciente, autónoma e benéfica para a pessoa e para a comunidade; (2) é o grau em que os indivíduos podem obter, processar e compreender a informação básica de saúde e os serviços de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

que necessitam para tomar decisões de saúde adequados; (3) implica competências ao nível da literacia de impressão, literacia oral, numeracia, conhecimento de trabalho e motivação para a ação; (4) é uma responsabilidade partilhada entre quem recebe e presta cuidados em que ambos devem comunicar por formas que o outro possa compreender; (5) é transversal a todos os aspetos e atores do contínuo dos cuidados, desde o bem-estar e saúde à promoção da saúde, à deteção e prevenção da doença, ao diagnóstico e tomada de decisão, ao tratamento, ao autocuidado e à prestação de cuidados (Ramos & Vital, 2016). A ação em literacia em saúde implica a comunicação efetiva entre os intervenientes no processo.

### Referências:

BERKMAN, N.D., SHERIDAN, S.L., DONAHUE, K.E., et al. (2011). *Health Literacy Interventions and Outcomes: An Updated Systematic Review*. Rockville (MD): Agency for Healthcare Research and Quality (US); 2011 Mar. (Evidence Reports/Technology Assessments, No. 199.). Disponível em <<http://www.ncbi.nlm.nih.gov/books/NBK82423/>>. Último acesso a 01 de março de 2015.

IOM (2008). *Institute of Medicine. Health literacy: a prescription to end confusion - executive summary*. [2008 November 26]. Disponível em <<http://www.nap.edu/catalog/10883.html>>.

KICKBUSCH, I., PELICAN, J., APFEL, F. & TSOUROS, A. (2013). *Health Literacy. The solid facts*. World Health Organization: WHO Regional Office for Europe. Disponível em <<http://www.euro.who.int/pubrequest>>

RAMOS, C. & VITAL, A.P. (2015). *Literacia em Saúde: Conhecimento sobre Afasia da População Portuguesa Adulta*. Actas do 13º Colóquio Internacional de Psicologia da Educação: Diversidade e Educação: Desafios Atuais, Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa, Portugal.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

RAMOS, C. & VITAL, A.P. (2016). *Literacia em Saúde: A participação da Pessoa com Afasia*. Poster apresentado na Convenção Multidisciplinar da Associação Portuguesa de Terapeutas da Fala, Lisboa, Portugal.

SELDEN, C.R., ZORN, M., RATZAN, S. & PARKER, R.M. (2000). *Health Literacy: January 1990-1999*. NLM Publication # CBM2000-1. Bethesda, MD: National Library of Medicine. Disponível em [www.nlm.nih.gov/archive/20061214/pubs/cbm/hliteracy.pdf](http://www.nlm.nih.gov/archive/20061214/pubs/cbm/hliteracy.pdf), último acesso a 01 de março de 2015.

(APV e CR)

### **\*LITERACIA EM SAÚDE INCLUSIVA:**

Literacia em saúde corresponde a comunicar informação de saúde de forma clara e a entender corretamente informação de saúde de modo a ser possível a ação, a interação e a tomada de decisão de forma esclarecida, consciente, autónoma e benéfica para a pessoa e para a comunidade (Ramos & Vital, 2015). A literacia em saúde implica, portanto, a compreensão e a produção de informação oral, escrita, numérica e não verbal de forma a ser entendida por todos os intervenientes no processo.

A literacia em saúde deverá ser pelo seu próprio conceito inclusiva, no entanto, é importante salientar que o envolvimento de todos só será real se forem consideradas as competências do receptor da informação em saúde, as competências do emissor dessa informação, a interação que resulta entre ambos e o meio em que ocorre essa interação. Em última análise, literacia em saúde inclusiva, é o desenvolvimento de uma cultura de conhecimento em saúde e empoderamento pessoal e social através da comunicação efetiva.

Assim, devem ser consideradas, medidas de literacia da saúde inclusiva que promovam a participação efetiva da pessoa com

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

restrições ao nível da comunicação, aumentando assim a segurança do paciente e os resultados, reduzindo os erros e os custos e aumentando a satisfação do paciente em todo o contínuo de cuidados de saúde e incluem: (1) promover a acessibilidade comunicativa oral à informação, usando estratégias facilitadoras, por exemplo, planejar a forma de transmissão da informação usando uma linguagem simples e frases curtas, falando pausadamente com pausas naturais no discurso, o dar tempo para a pessoa responder incentivando qualquer tipo de resposta e apoiada pela linguagem não verbal; (2) promover a acessibilidade comunicativa à informação impressa, através de materiais *friendly* que poderão ajudar a suportar a mensagem transmitida oralmente ou ser por si só a forma de transmissão, por exemplo, materiais que sejam construídos usando palavras simples e frases curtas, com letra de tamanho grande, salientando as palavras chave e com fotografias ou imagens simples relevantes; (3) promover a utilização de sistemas de comunicação aumentativa e alternativa, tecnologias de apoio, Braille, intérpretes de língua gestual; (4) fomentar a formação de base e contínua dos profissionais que exercem funções na área da saúde, contribuindo para o desenvolvimento de atitudes positivas para a pessoa com restrições a este nível; (5) divulgar informação em saúde sobre as patologias com impacto ao nível da comunicação do indivíduo, uma vez que é desta forma que todos nós podemos tomar decisões conscientes e informadas e por outro lado, é o conhecimento destas que poderá ser a chave para uma mudança dos parceiros de comunicação; (6) envolver os seus cuidadores formais e informais e as associações, uma vez que estes têm o dever e a responsabilidade de ouvir e de se fazer ouvir de forma a estabelecer uma plataforma de diálogo para que as suas necessidades das pessoas com restrições ao nível da comunicação sejam cobertas, atendidas e solucionadas, uma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

vez que o acesso à informação é um direito de todos e construído por todos; (7) desenvolver ambientes *friendly*, considerando o uso de sinalética, mas também os níveis de ruído ou o excesso de informação visual que dificultam a recepção ou a transmissão de uma mensagem e (8) criar a existência de um provedor do utente/doente com patologia da comunicação (Ramos & Vital, 2016).

É na tríade entre a responsabilidade individual, a responsabilidade dos outros e a responsabilidade conjunta que deve ser construído o conceito de inclusão em saúde, ou seja, considerando a participação efectiva de todos independentemente da sua condição biopsicoeducosociocultural e do contexto onde ocorre essa participação porque só assim a pessoa terá acesso ou dará informação sobre a sua condição de saúde (saber informar e compreender o seu estado de saúde, equacionar e decidir as opções de tratamento ou saber que medicamento tomar, quanto tomar, como e quando tomar); conseguirá navegar no sistema dos cuidados de saúde (incluindo o preenchimento de formulários e a procura e localização de serviços); poderá recolher informação de como promover a sua saúde, compreendendo estimativas e riscos, e sabendo identificar sinais ou comportamentos promotores de saúde e poderá compreender os seus direitos e agir individual ou coletivamente para melhorar o acesso à informação em saúde (Ramos & Vital, 2016).

### Referência:

- RAMOS, C. & VITAL, A.P. (2015). Literacia em Saúde: Conhecimento sobre Afasia da População Portuguesa Adulta. «Actas do 13º Colóquio Internacional de Psicologia da Educação: Diversidade e Educação: Desafios Atuais, Instituto Superior de Psicologia Aplicada (ISPA), Lisboa, Portugal.
- RAMOS, C. & VITAL, A.P. (2016). Literacia em Saúde Inclusiva. Comunicação oral apresentada no VIII Seminário

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Nacional do Mestrado Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio «Literacias Inclusivas e Tecnologias de Apoio: Impacto Educomunicacional no Direito à Participação Social e Qualidade de Vida das Pessoas com Deficiência», Universidade Lusófona, Lisboa, Portugal. (APV e CR).

### **\*LITERACIA FINANCEIRA INCLUSIVA:**

Segundo um conceito mais amplo, «literacia financeira é ter cidadãos instruídos e informados sobre temas e conceitos financeiros básicos e úteis à gestão do dinheiro e orçamento familiar para que possam tomar decisões económicas e financeiras fundamentadas e acertadas» - in sítio web da Associação Portuguesa de Bancos, em [www.apb.pt/educacao\\_financeira](http://www.apb.pt/educacao_financeira)

<[http://www.apb.pt/educacao\\_financeira](http://www.apb.pt/educacao_financeira)> (consultado a 13-04-2016). Assim, literacia financeira inclusiva será a aptidão para dominar e interagir com temas, conceitos e ferramentas que permitam, de forma inclusiva, tomar decisões económicas e financeiras fundamentadas e acertadas, de forma livre, esclarecida e autodeterminada.

Com efeito, a economia, enquanto ciência de administração e afetação de recursos, pressupõe um processo constante de escolhas e opções, muito baseadas na maximização da disponibilidade de recursos. Sendo os recursos financeiros a principal moeda de troca nos dias que correm, fazer escolhas informadas e conscientes pressupõe um correto domínio da moeda, como símbolo de trocas, e de todos os sistemas de representação da mesma (notas e moedas, dinheiro eletrónico, títulos representativos de valores financeiros, entre outros).

Literacia financeira inclusiva começa, desde logo, por uma educação inclusiva que assente no domínio de temas e conceitos relativos à boa administração de recursos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

financeiros, com vista à capacitação do indivíduo para tomar, de forma esclarecida, autónoma e autodeterminada, decisões impactantes na sua esfera económica.

Literacia financeira inclusiva pressupõe não só que a informação sobre a representação dos recursos financeiros está livremente disponível para todas as pessoas, mas também que a sua exata representação é também compreensível por todos. A literacia financeira inclusiva é, pois, a capacidade de compreender e manusear os conceitos, mas também a capacidade de obter, de forma autónoma e autodeterminada, a informação relevante sobre os temas e conceitos financeiros essenciais a uma adequada gestão dos recursos desta natureza.

Para além da compreensão, a literacia financeira passa também pela capacidade de, com base na informação e no correto domínio dos conceitos, estar apto a manusear, de forma autónoma e autodeterminada, as ferramentas essenciais ao manuseio dos recursos economicamente relevantes, designadamente através da identificação e manuseio autónomos de notas, moedas, ferramentas de gestão de moeda eletrónica e/ou de títulos representativos de recursos financeiros (incluindo sistemas de pagamento, ou sistemas de negociação de instrumentos financeiros), sendo disso exemplo as funcionalidades presentes em sistemas de banca à distância ou presenciais, bem como a capacidade para tomar, de forma livre e informada, decisões vinculativas com impacto na esfera económica relevante. Para tanto, impõe-se também o acesso e manuseio, de forma autónoma e autodeterminada, de todos os instrumentos contratuais e de vinculação que permitam auxiliar a tomada de decisões com relevo económico, sejam eles destinados a uso pessoal ou profissional. Referimo-nos, neste capítulo, à capacidade de escolher, de forma autónoma, livre e informada, quando e como ficar vinculado por decisões com relevo económico,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mas também à disponibilização, de forma acessível, de ferramentas auxiliares à gestão dos recursos com impacto financeiro, como sejam folhas de cálculo ou outras ferramentas de planeamento económico.  
(RS).

### **\*LIVRO ÁUDIO:**

Ver **E-Book. Audiolivro. Livro Digital. Livro Sonoro.**

### **\*LIVRO BRAILLE:**

Livro impresso em braille.  
(FPO).

### **\*LIVRO DIGITAL:**

Livro original em caracteres comuns digitalizado, podendo ser lido através de leitores de ecrã (braille ou voz sintética), ou num computador equipado com estas valências.  
(ADG).

### **\*LIVRO SONORO:**

Livro gravado em estúdio, reproduzindo o livro original em fita magnética ou em suporte digital, lido de viva voz por um profissional, preferencialmente por um locutor de rádio, ficando a edição áudio disponível e acessível sobretudo a quem não pode ler com os olhos.  
(ADG).

### **\*LOUIS BRAILLE:**

Ver **Braille, Louis.**

### **\*LUÍS BRAILLE - REVISTA OFICIAL DA ACAPO:**

Revista Oficial da ACAPO. Publicação, sob a direção de José Adelino Guerra, e propriedade da Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, cujo primeiro número (com título

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

diferente) saiu em Abril de 1991. Trata-se de uma publicação que, por imperativos institucionais, teve de alterar o seu título inicial "Traço-de-União: Órgão Oficial da ACAPO" para "Luís Braille: Revista Oficial da ACAPO", sendo editada trimestralmente em braille integral, em suporte áudio, caracteres comuns e, a partir de Janeiro de 1995, também em disquete. Atualmente, disponível em suporte digital e distribuída *online*.

(ADG).

### **\*LUMINÂNCIA:**

Quociente da intensidade luminosa emitida por uma superfície.

(FBW).

### **\*LUX (Oftalmologia):**

Unidade de iluminação. Equivalente à iluminação numa superfície que recebe normalmente, numa maneira uniformemente repartida, um fluxo luminoso de 1 lúmen por metro quadrado.

(FBW).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## M

### **\*MÁQUINA BRAILLE:**

Máquina dactilográfica mecânica ou elétrica provida de um conjunto de teclas para escrever o braille caráter a caráter. (FPO).

### **\*MÁQUINA DE ESTEREOTIPIA:**

Ver **Estereotipadora**.

### **\*MARANATA - REVISTA EVANGÉLICA DE CULTURA E RECREIO EM BRAILLE:**

Revista Evangélica de Cultura e Recreio. Publicação em braille integral, sob a direção de Eugénio Martins da Silva, e propriedade da Associação Luz nas Trevas (Obra para Evangelização e Ajuda Espiritual aos Cegos), cujo primeiro número saiu em Janeiro de 1980. (ADG).

### **\*MARCOS CRONOLÓGICOS IMPORTANTES NA ÁREA DA DEFICIÊNCIA:**

- **1749** - Criação da Irmandade do Menino Jesus dos Homens Cegos, em Portugal.
- **1823** - Criação, em Lisboa, da primeira escola para pessoas com deficiência, o malogrado Instituto Real dos Meninos Cegos e Surdos-Mudos, fundado por D. João VI, constando que, para o efeito, foram mandados vir da Suécia professores para desenvolverem o ensino de desenho e artes mecânicas, essencialmente aos surdos. Em 1834, este Instituto foi incorporado na Casa Pia de Lisboa, mas sendo extinto em 1860.
- **1829** - Apresentação pública da 1ª edição de Procédé pour

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Écrire les Paroles, la Musique et le Plain-Chant au Moyen de Points, à l'Usage des Aveugles et disposés pour Eux, da autoria de Louis Braille, na Institution Royal des Jeunes Aveugles, em Paris, numa edição em braille, não obstante constar que Louis Braille já tivesse concluído este projeto em 1825.

- **1848** - Fundação do Asilo dos Cegos em Lisboa, ficando instalado no Convento dos Cardaes, iniciativa que ficou a dever-se à Viscondessa de Valmor.

- **1854** - Oficialização do Sistema Braille em França, dois anos após a morte do seu autor.

- **1863** - Criação do Asilo de Cegos em Castelo de Vide, por iniciativa do instituidor João Diogo Juzarte de Sequeira e Sameiro, hoje Fundação Nossa Senhora da Esperança, desde 1957.

- **1870** - Em toda a Europa, começa a ser recomendada a adoção do Sistema Braille como meio internacional para o ensino de alunos cegos, o que só veio a tomar forma em 1878, embora a sua triunfante assunção só tenha vindo a concretizar-se no século XX.

- **1884** - O poeta João de Deus teria mandado vir ou, mesmo, trazido de França os primeiros livros em braille para Portugal, integrando um elenco de personalidades, como Branco Rodrigues, Madame Sigaud Souto e a Duquesa de Palmela, dando prova de um elevado altruísmo na fundação da APEC e do Asilo-Escola António Feliciano de Castilho.

- **1887** - Criação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos, em Portugal.

- **1894** - Oficialização do ensino dos cegos em Portugal, aprovado por Decreto publicado no «*Diário do Governo*», nº

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

292, do dia 22 de Dezembro do mesmo ano, por influência de José Cândido Branco Rodrigues.

- **1895** - Criação do «Jornal dos Cegos» por Branco Rodrigues, em Portugal.

- **1898** - José Cândido Branco Rodrigues realizou as primeiras impressões em braille no nosso país, fazendo imprimir na Imprensa Nacional, em caracteres móveis ideados por si, um número especial do seu «Jornal dos Cegos» para comemorar o 4º Centenário do Descobrimento do Caminho Marítimo para a Índia, sendo a primeira espécie impressa em braille em Portugal, em cinco línguas: português, francês, italiano, inglês e alemão.

- **1899** - José Cândido Branco Rodrigues elaborou um "Método Estenográfico Braille para a Língua Portuguesa".

- **1900** - Criação do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, em Portugal.

- **1903** - Criação do Instituto de Cegos Branco Rodrigues do Porto, pelo próprio Branco Rodrigues, hoje denominado Instituto de S. Manuel.

- **1913** - Início do Funcionamento do Instituto de Cegos Branco Rodrigues em edifício próprio e construído de raiz, por doação, em São João do Estoril.

- **1927** - Criação da Associação Luís Braille, em Portugal.

- **1930** - Oficialização do Sistema Braille em Portugal, pelo Decreto nº 18373, do então Ministério de Instrução Pública, de 14 de Abril, e publicado no «Diário do Governo» em 22 de Maio do mesmo ano.

- **1933** - Criação da publicação «Revista dos Cegos», impressa em braille (com uma impressora oferecida pela

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

American Braille Press), revista propriedade da Associação Promotora do Ensino dos Cegos - Asilo-Escola António Feliciano de Castilho, em Portugal, hoje Associação Promotora do Ensino dos Cegos - Instituto António Feliciano de Castilho.

- **1938** - Criação da Organização Nacional de Cegos de Espanha (ONCE).
- **1951** - Criação do Conselho Mundial para a Promoção Social dos Cegos.
- **1951** - Criação da Liga de Cegos João de Deus, em Portugal.
- **1956** - Criação do Centro de Produção do Livro para o Cego, hoje Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, em Portugal.
- **1956** - Criação de «Poliedro: Revista de Cultura e Tiflogia», do Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille da Santa Casa da Misericórdia do Porto.
- **1958** - Criação da Associação dos Cegos do Norte de Portugal.
- **1958** - Criação do Curso Liceal no Instituto de Cegos Branco Rodrigues.
- **1959** - Criação da Fundação Raquel e Martin Sain, em Portugal.
- **1962** - Criação do Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, atualmente na dependência da Santa Casa da Misericórdia de Lisboa.
- **1963** - Criação da primeira Biblioteca Pública para Cegos em Portugal, sob a égide da Câmara Municipal de Lisboa.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- **1964** - Criação da Federação Internacional dos Cegos.
- **1968** - Criação de «Rosa-dos-Ventos: Revista Infanto-Juvenil», do Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille da Santa Casa da Misericórdia do Porto.
- **1969** - Criação do Serviço para Cegos da Biblioteca Nacional, hoje Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal.
- **1970** - Criação do Lar Branco Rodrigues, na Parede, devido à transferência das instalações do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, do seu edifício (que lhe fora doado) em São João do Estoril, para novas instalações na Parede, aí tomando a designação de Lar Branco Rodrigues.
- **1971** - Criação da Biblioteca Sonora da Biblioteca Pública Municipal do Porto.
- **1972** - Criação da primeira escola para o atendimento de cegos em Angola, por sugestão do médico oftalmologista Jorge Dário dos Santos Lapa e do escritor cego Oscar Ribas.
- **1974** - A Associação de Cegos do Norte de Portugal foi a primeira das Associações de Cegos em Portugal a ter uma Direção presidida por um associado cego, António José Mourão, mas não eleito para esse cargo, tendo-o apenas assumido, pouco tempo, devido à demissão do Presidente normovisual eleito.
- **1974** - Criação da Associação dos Deficientes das Forças Armadas (ADFA), em Portugal.
- **1974** - Nascimento de «Ponto e Som» (em braille estenografado), boletim trimestral bibliográfico e bibliofónico e de informação tiflológica em geral, da atual Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, encontrando-se, presentemente,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

também disponível em braille integral e nos suportes papel, áudio e digital.

- **1976** - Pela primeira vez na história das associações de cegos em Portugal, é eleita uma Direção presidida por uma pessoa cega, Isidro da Eira Rodrigues, no caso, da então Liga de Cegos João de Deus.
- **1977** - Filiação da Liga de Cegos João de Deus na Federação Internacional de Cegos.
- **1980** - Criação da Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais, em Portugal.
- **1980?** - Finais da década de 70 princípios da década de 80, filiação da Associação de Cegos Luís Braille no Conselho Mundial para a Promoção Social dos Cegos.
- **1981** - Criação da primeira Biblioteca Inclusiva em Portugal, a Biblioteca Municipal Camões da Câmara Municipal de Lisboa.
- **1981** - Reporta-se a este ano a ideia de se criar em Moçambique uma associação de cegos, no Ano Internacional do Deficiente, promovido pelas Nações Unidas.
- **1982** - Criação, por alguns alunos do Instituto Nacional do Deficiente Visual da Beira, liderados por Raul Honvana, da Organização Nacional de Cegos de Moçambique (ONACEMO), a qual se manteve sem reconhecimento oficial durante alguns anos.
- **1984** - Criação da União Mundial de Cegos.
- **1989** - Criação da Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal, nela integrando a Associação de Cegos Luís Braille, a Liga de Cegos João de Deus e a Associação de Cegos do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### Norte de Portugal.

- **1989** - Criação da Associação dos Deficientes de Moçambique (ADEMO), estrutura associativa abrangente, na qual se integram os deficientes visuais.
- **1990** - Criação de «Dinamização Cultural: Revista Áudio/Digital da Câmara Municipal de Lisboa», veio a extinguir-se em 2000 deixando publicados 112 números na posse do Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais, do mesmo Município.
- **1990** - Criação da Associação Nacional dos Deficientes da Guiné Bissau, a qual integrava os deficientes visuais.
- **1992** - Criação da Associação Nacional dos Cegos e Amblíopes de Angola (ANCAA), sediada nas instalações do Instituto Oscar Ribas, com o objetivo de auxiliar a escola e encaminhar os cegos para o emprego, desde que capacitados pelos programas de preparação profissional. A ANCAA é filiada na União Mundial de Cegos e foi uma das entidades cofundadoras da CDAC - Comissão para o Desenvolvimento das Associações de Cegos dos Países de expressão portuguesa, estrutura criada para fomentar a cooperação e o associativismo no espaço lusófono.
- **1992** - Criação do Museu Tiflológico da ONCE, em Madrid.
- **1993** - Criação da Associação dos Deficientes Visuais de Cabo Verde (ADVIC).
- **1993** - Criação da Associação de Cegos e Amblíopes de S. Tomé e Príncipe (ACASTEP), como resultado do empenho de técnicos normovisuais ligados à área da oftalmologia.
- **1994** - Criação do Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Câmara Municipal de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Lisboa.

- **1995** - Criação da Associação dos Cegos e Amblíopes de Moçambique (ACAMO), com o apoio financeiro da Associação Norueguesa de Cegos.
- **1996** - Criação da Associação de Cegos e Amblíopes da Guiné Bissau (ACAGB).
- **2000** - Criação da Escola de Cães-Guia e da instituição-suporte, Associação Beira Agueira de Apoio ao Deficiente Visual (ABAADV), em Portugal.
- **2006** - Criação do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, na Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, em Portugal.
- **2007** - Criação do Forum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida", evento científico *online* do Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Câmara Municipal de Lisboa, em parceria com o Centro Distrital de Segurança Social de Lisboa, Colégio António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa e Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.
- **2007** - Publicação, pela Organização das Nações Unidas, da Convention on the Rights of Persons with Disabilities.
- **2012** - Aprovação, pela IFLA, de um Manifesto for libraries serving persons with a print disability.
- **2012** - Criação, em França, da Bibliothèque Numérique Francophone Accessible, resultante dos esforços conjuntos da Association Braillet, do Groupement des Intellectuels Aveugles ou Amblyopes e da Association pour le Bien des Aveugles et des Malvoyants de Genève.
- **2013** - Criação, no âmbito do World Intellectual Property Organization (WIPO), do Marrakesh Treaty to Facilitate

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Access to Published Works for Persons Who Are Blind, Visually Impaired or Otherwise Print Disabled.

- **2013** - Publicação, pelo Ministério da Educação e Ciência de Portugal, da implementação do sistema DAISY, no plano nacional de acompanhamento às escolas.

- **2015** - Pela primeira vez em Portugal, criação da Secretaria de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência, do XXI Governo Constitucional, sendo a respetiva Secretária de Estado Ana Sofia Antunes, pessoa cega, também sendo a primeira vez que a eleição de uma pessoa cega para o executivo governamental acontece em Portugal.

- **2017** - No seguimento de preocupações, pessoais e institucionais, e da realização de trabalhos em relação à progressiva abrangência de aplicação do Sistema Braille, foi aprovado pela Assembleia da República, no dia 10 de agosto do mesmo ano, o *Decreto-Lei* que institui o Sistema Braille vigente em Portugal.

- **2017** - Publicação do Decreto-Lei nº 126/2017, de 4 de outubro, que institui o Sistema Braille vigente em Portugal, em que se definem "as condições adequadas ao enquadramento, estruturação, normalização e orientação do emprego do Braille".

**\*MARGENS** (Esquerda, Direita, Superior e Inferior):

Espaços compreendidos entre os limites máximos (esquerdo, direito, superior e inferior) da escrita e os bordos da folha de papel.

(FPO e CB).

**\*MARKETING E INCLUSÃO:**

Em definição.

(SR).

**\*MARTINS, ABÍLIO (PADRE JESUÍTA):**

O Padre Abílio Martins nasceu a 7 de março de 1906, na freguesia da Zibreira (Torres Novas), onde os pais, Abílio Martins e Maria do Carmo Gonçalves eram professores primários. Teve mais três irmãos na Companhia de Jesus: os Padres Mário, Diamantino e Jacinto Martins. Faleceu com 78 anos incompletos, na Residência da Rua da Lapa (Lisboa) no dia 5 de fevereiro de 1984.

Foi um inextinguível Amigo das pessoas cegas, nos planos individual e institucional, incentivador e participante ativo no desenvolvimento tiflológico e na vida cultural e religiosa das pessoas cegas em Portugal. Fundou em Lisboa, na Brotéria, o Centro Cultural dos Cegos (CCC), aí gravou em fita magnética, com a sua própria voz, importantes livros e artigos de conceituadas revistas, dirigiu o Centro até ficar impossibilitado por questões de saúde, devido a doença prolongada.

Reproduzimos a seguir um texto a ele alusivo, publicado no Boletim "Jesuítas", Março (1984) n. 101, assinado pelo Padre António Leite S. J.:

«Desde muito cedo o P. Abílio, que era o mais velho dos irmãos, começou a dar inícios de vocação sacerdotal, pelo que, depois de terminada a instrução primária, entrou no Seminário Patriarcal de Santarém, onde desde o início revelou grandes dotes intelectuais. Terminado o 1º ano de Teologia, sentiu-se chamado à vida religiosa, entrou no Noviciado da Província Portuguesa da Companhia de Jesus, a 19 de Setembro de 1924, que então se encontrava em Oya (Potevedra, Espanha), devido às leis persecutórias de I República Portuguesa.

Ali, após os dois anos de Noviciado, estudou Humanidades e repetiu o curso de Filosofia. O curso de Teologia fê-lo primeiramente no teologado da Província Alemã, em Valkenburg (Holanda) e depois no de Lovaina (Bélgica).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Entretanto recebia a ordenação sacerdotal em Braga, no dia 24 de Agosto de 1936. Completou a sua formação religiosa com a "Terceira Provação" em Santo André, Levanta (Áustria).

Logo a seguir, no verão de 1939, foi destinado à casa de Escritores, de Lisboa, como redactor da Revista Brotéria. Aqui havia de permanecer, com pequena interrupção, até fins de 1978. Durante estes anos publicou dezenas de artigos sobre temas muito vários, especialmente de divulgação científica, a que o P. Abílio era muito dedicado. Entre os seus trabalhos merecem destaque os que consagrou às fontes árabes e judaicas do Livro da Corte Imperial (séc. XIV), que lhe mereceram o ingresso na conceituada "Sociedade Luliana" de Palma de Malhorca. Durante bastantes anos manteve o seu cargo, na Brotéria, uma apreciada secção de "Revista das Revistas", em que resumia, e por vezes apreciava criticamente, artigos de maior interesse, publicados em outras revistas nacionais ou estrangeiras.

A par desta actividade literária, o P. Abílio exerceu também notável apostolado. Primeiramente em numerosos retiros que deu ao clero, religiosas e leigos, geralmente com grande aceitação. Também era muito procurado para confissões e direcção espiritual. Durante largos anos foi capelão e assistente espiritual de uma casa de mães solteiras, às quais muito ajudou espiritualmente e a reintegrarem-se na sociedade.

Também se dedicou com grande zelo e dedicação ao apostolado com os cegos, para o que fundou o "Centro Cultural dos Cegos", com que procurou ajudá-los não só religiosamente, mas também gravando inúmeras "cassetes" com temas religiosos e culturais que depois distribuía aos invisuais, a quem auxiliava ainda de outras formas.

Em fins de 1978, já bastante alquebrado e com princípios do mal que o viria a vitimar, foi transferido para a Residência da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Lapa, onde continuou as suas obras de apostolado, na medida em que o permitiam as suas forças.

Os últimos tempos, com o agravamento da doença, foram de grande sofrimento que ele aceitou com muita resignação.».

Já anteriormente o Prof. José de Albuquerque e Castro lhe fizera alusão, num artigo seu intitulado Afirmção e Confirmação, publicado em «Poliedro», no nº 62, em novembro de 1962, a propósito do artigo Cegos, Humanismo e Profissão, do Padre Abílio Martins, publicado na «BROTÉRIA», NOS nºs 2-3, em agosto-setembro de 1962, referindo que o Dr. Abílio Martins nos dá, «embora a largos traços mas com nitidez e vigor, o panorama de quase toda a problemática tiflológica do nosso tempo».

O Padre Abílio Martins, para além do muito que publicou em variadas Revistas, inclusive científicas, também publicou em «Poliedro» o artigo Atitudes perante os Cegos, no nº 90, em agosto-setembro de 1965.

Ver também: Cassete da Semana - Edição Sonora do CCC e da LCJD; Centro Cultural dos Cegos.

(ADG).

### **\*MASCARÓ, ANICETO:**

Aniceto Mascaró, médico oftalmologista espanhol, nascido em 1842 e falecido em 1906. Elaborou em Lisboa o seu Método de Leitura e Escrita para pessoas cegas e normovisuais, gizado com duas componentes (uma visual e outra tátil), por meio de pontos e a partir do "Conjunto Fundamental" (Braille) formado pelos seis pontos que se agrupam em duas filas verticais e justapostas, com três pontos cada.

Pela importância histórico-cultural que reconhecemos no texto a minha visão de Aniceto Mascaró, de Isidro da Eeira Rodrigues, transcrevemo-lo a seguir:

«Abrindo a pasta em que nos tempos idos tenho encofrado

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

documentos que elaborei e trouxe a público ou mantenho no segredo dos Deuses, veio-me à falangeta um despretençioso texto que me fora solicitado para integrar o catálogo duma exposição que a Biblioteca Nacional de Portugal levou a efeito em 2007.

Ao revê-lo pareceu-me descobrir nele algum interesse para os leitores de Ponto e Som, e, neste entendimento, reproduzo-o aqui, deixando à vossa disposição a oportunidade de o conhecer e lhe dispensar o classificativo que na vossa justa opinião ele mereça. A propósito, devo lembrar principalmente aos mais atentos a temas deste teor, que no Ponto E Som nº 12 de janeiro de 1982, foi publicado um artigo de Filipe P. Oliva focalizando este insigne oftalmologista.

Eis pois, o texto na sua forma original:

«As mãos da escrita

25º Aniversário do Arquyvi de Cultura Portuguesa  
Contemporânea

BNP

Biblioteca Nacional de Portugal

Pp. 371-373

Camões em Alfabeto Mascaró»

«No espólio de Brito Aranha aparece guardada uma folha que contém o célebre soneto de Camões "Alma minha gentil, que te partiste", no ponteadado singular do sistema gráfico de leitura inscrita para deficientes visuais e normovisuais, e a própria cercadura do documento identifica: "escripta dos cegos: systema mascaró" [ver nº 197]. Traz a data de Setembro de 1895, certificada pelo próprio Brito Aranha e a indicação "Para a Camoniana", indiciando que aquele ilustre bibliógrafo, a braços com o sempre incompleto Diccionário Bibliográfico, entendia que o documento tinha valia de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

espécie bibliográfica a incluir numa futura, e também sempre incompleta, Camoniana. Vale a pena explicar de que se trata.».

«O Alfabeto Mascaró Sistema Gráfico de Leitura e Escrita para Deficientes Visuais e Normovisuais

É sabido que ao longo de vários séculos, os esforços desenvolvidos para que as pessoas com deficiência visual pudessem ter a possibilidade de ler e escrever estiveram quase sempre orientados para a adopção de um processo que tivesse a possibilidade de ser usado, em simultâneo, por estas e pelas de visão normal. Assim, esta tendência, de raízes bem profundas e seculares, foi geradora de resistências à implantação do Sistema de Leitura e Escrita Braille, que somente em pleno século XX foi possível debelar. Os adeptos da corrente defensora de um Sistema para todos levantaram inúmeras barreiras à progressão do invento de Louis Braille, considerando-o uma solução aberrante para o problema em análise.

Limitados, por determinação pessoal, a referir as tentativas das quais se tem alguma informação, diremos que as primeiras menções a um processo de leitura em relevo, próprio para ser usado também por pessoas com deficiência visual, remontam a 1575 e surgiram na Itália. Nos subsequentes séculos, muitos foram os que, na Europa Ocidental (França, Inglaterra, Espanha e Portugal), se empenharam na procura de solução para o problema, porém, sem sucesso, apesar de, às vezes, a imaginação revelada ter sido bastante engenhosa. De entre os estratagemas realizados, pode salientar-se a escrita com letras de madeira - semelhantes às que observamos hoje a marcar os botões dos elevadores, letreiros em relevo nas estações de comboios e outras, em edifícios públicos -, letras formadas por pregos miudinhos espetados em placas perfuradas, caracteres

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

formados por fios ou finos arames, letras desenhadas em relevo em folhas de metal maleável e de papel.

Foram muitas as tentativas para se inventar um sistema de escrita eficaz para ser lida quer por pessoas com deficiência visual quer por normovisuais; todavia, os esforços sempre resultaram em insucesso. O traço é para o tacto mais difícil de detectar e identificar do que o ponto. Daí, o sucesso obtido pelo Sistema Braille. Seis pontinhos, formando um rectângulo constituído por duas colunas paralelas verticais de três pontos cada, formam um byte de seis bits, perfeitamente detectável e decifrável, ao primeiro toque, pela falangeta que o cobre por completo. Com este conjunto de seis bits, representando os pontos presentes os positivos e os ausentes os negativos, podem formular-se sessenta e quatro caracteres simples e n caracteres compostos por dois ou mais bytes. Mesmo assim, o sonho de se encontrar um sistema de caracteres legíveis por todos, sejam deficientes visuais ou não, manteve-se vivo e foi alvo da atenção especial de um aluno de Louis Braille (chamado Ballu), que usando régua semelhantes àquelas com que se escreve o Braille, mas de pontinhos miudinhos, em colunas verticais de nove ou dez, que permitem desenhar, por pontos contínuos, os contornos de todos os caracteres comuns.

Também em Portugal o sonho de se descobrir um sistema utilizável por todos não se extinguiu e, por se tratar do nosso país, a tentativa para o conseguir converte-se no alvo de um pouco mais de curiosidade. Assim sendo, consideremos, ainda que em breves palavras, o obreiro deste feito que se desenvolveu nos últimos vinte anos do século XIX, quando o tiflopedagogo José Cândido Branco Rodrigues liderava um escol de humanistas - constituído por, entre outros, João de Deus, Madame Sigaud Souto, a Duquesa de Palmela, Madame Frondoni, o dramaturgo Fernando Palha - prosseguia na sua missão de abrir as portas da escolarização e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

da cultura para os deficientes visuais, que começavam a ser iluminados pela luz interior, a luz intelectual que supera, muitas vezes, a falta do sentido da visão.

Esse obreiro era espanhol, oftalmologista de profissão e de nome Aniceto Mascaró; nasceu em 1842 e faleceu em 1906, em Lisboa, onde se havia fixado em 1870 e abrira uma clínica da sua especialidade.

Anteriormente tinha exercido a sua profissão nos Estados Unidos da América do Norte e em Cuba, onde, ao que consta, o fez com muito êxito. Mascaró fundou, em 1889, na sua casa, sita na rua do Alecrim, nº 20, o Instituto Médico-Pedagógico para Cegos, no qual, além das consultas oftalmológicas, se dedicou aos estudos necessários à elaboração do seu Método de Leitura e Escrita para Cegos e Pessoas de Visão Normal e à preparação de professores para ensinarem os deficientes visuais por meio do método a que ele se votara de alma e coração. Como acréscimo às actividades referidas, em 1898, o Instituto promovia a edição de um periódico, denominado Revista Mascaró para Cegos e Videntes, do qual desconhecemos o tempo de vida e quantos números foram editados. Mascaró faleceu em Abril de 1906, e com a sua morte acabou também o Instituto que, a manter-se activo, prolongaria a vida do seu fundador na memória colectiva.

Cingindo-nos agora apenas ao seu invento, entendemo-lo como uma reorganização dos seis pontos em que assenta o Sistema Braille. Os pontos são os mesmos (pontos 1, 2, 3, formando, do topo para a base, a coluna vertical esquerda; pontos 4, 5, 6, formando, também do topo para a base, a coluna direita), o rectângulo e as dimensões deste são as mesmas. No que concerne aos equipamentos para produzir esta grafia, não consta que alguma vez se tenha preocupado com um novo invento, pois sempre usou as pautas e régua Braille e os vulgares punções para nelas produzir as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

minúsculas bossas que formam os caracteres. Parece mesmo que estas foram a fonte da sua inspiração.

Quanto às componentes em que alicerçou o seu Sistema de Escrita, são fundamentalmente duas: uma visual e outra tátil. A primeira consiste na acomodação do formato das letras maiúsculas ao espaço do rectângulo Braille; a segunda é constituída por conjuntos de pontos do Sistema Braille, os quais, na nossa óptica, têm apenas uma muito vaga afinidade figurativa com as letras que representam. "Com efeito, os nexos através dos quais se estabelecem estas relações vão desde uma ponderosa sugestão de forma, conseguida por um conjunto de pontos que definem no essencial o contorno dos caracteres, até uma função meramente mnemónica, em que os pontos representam apenas o princípio e o fim dos caracteres, como acontece, por exemplo, com o "S" (ponto 3, marcando o início do traço, em baixo, à esquerda, e ponto 4, marcando o fim do mesmo, em cima, à direita), ou com o "U" (ponto 1, marcando, no topo, o início da haste esquerda, e ponto 4, marcando, no topo o fim da haste direita). No essencial, Mascaró utiliza o Sistema Braille, mas com outro reagrupamento dos pontos. Enquanto os pontos 3-4 no seu sistema representam um "S" e os pontos 1-4 representam um "U", no Sistema Braille representam, respectivamente, um "í" e um "c". Tal como o Sistema Braille, o seu representa o alfabeto, os sinais de pontuação, os números e sinais matemáticos, e mesmo as notas musicais."

Em Abril de 1906, realizou-se em Lisboa um congresso internacional e, quando nele Mascaró fazia a apresentação do seu método, foi acometido por uma apoplexia que prematuramente lhe ceifou a vida.

Com a morte do Homem, cujos méritos eram justamente reconhecidos pelos que apreciavam a sua talentosa actividade em prol do bem comum e, designadamente, pelo Governo Francês, que o agraciara com a *Ordem de Instrução Pública*,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

acabou também o Instituto que, a manter-se activo, prolongaria a vida do seu fundador na memória colectiva.».

Ver também **Alfabeto Mascaró**.

(ADG).

### **\*MATERIAIS EM RELEVO:**

Produtos de apoio em relevo táctil, os mais diversos e nos mais variados contextos.

(MLRFG).

### **\*MATRIZ:**

Lâmina dupla de metal ou plástico estereotipada para impressão.

(FPO e FAM).

### **\*MÁXIMA - REVISTA FEMININA EM BRAILLE:**

Revista Feminina numa Edição Especial em Braille Integral. Publicação em Braille sob a coordenação de Augusto Hortas, impressa no Centro de Produção e Formação Profissional da ACAPO por iniciativa e a expensas da própria revista "Máxima" (em caracteres comuns), tendo o primeiro número, e único, saído em Outubro de 1994.

(ADG).

### **\*MENTE SURDA:**

Em definição.

(DA).

### **\*MÉTODOS DE ENSINO - Teoria Fröebeliana na Educação da Infância Cega:**

Um dos métodos utilizados para a educação da infância cega nos países europeus, e particularmente em Portugal, no final do século XIX e começo da centúria de novecentos consistiu na aplicação do pensamento de Fröebel, com foco no

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento dos trabalhos manuais.

O elemento essencial do seu pensamento é a teoria dos trabalhos manuais (também chamados de jogos manuais), aos quais atribuiu o nome de dons e ocupações e que deveriam ser praticados por meio de uma coleção de objetos, tendo como finalidade principal o cultivo e/ou a formação integral da criança.

Estes jogos representavam para a infância cega a possibilidade de compreensão de um mundo que estava vedado aos seus olhos. Através do desenvolvimento de outros sentidos, nomeadamente o tato e a audição permitiram ao cego interpretar o mundo à sua volta e possibilitaram o acesso às noções do belo e das paixões da alma, respectivamente.

Deste modo, estes sentimentos deveriam propiciar uma educação que previa na atividade criadora a formação integral do sujeito. Para garantir tal formação, estes jogos ou trabalhos manuais consistiam na seguinte ordem: sólido - plano - linha - ponto. Esta prática estabeleceu os princípios dos dons e das ocupações. O primeiro, baseava-se no conhecimento do mundo da criança através da manipulação dos jogos e o segundo, a produção de artefatos, cujo objetivo era educar o intelecto por meio da destreza manual, produzia na criança cega uma experiência sinestésica do sensível em relação à forma, proporcionando-lhe a experimentação do mundo.

Partindo da teoria fröebeliana, o programa de estudos, que encontramos em algumas instituições que formaram cegos em Portugal, passou a compreender a leitura e a escrita em pontos salientes, segundo o sistema braile, a ortografia, o cálculo, o estudo pelo tato dos objetos usuais, as lições de coisas, a geografia por meio de mapas em relevo e globos especiais, as narrações mais importantes da história nacional, a biografia dos grandes homens, os exercícios de recitação, as

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

explicações das palavras, a música. Aos 13 anos, e depois de um exame das disciplinas que aprenderam, os alunos entravam para a oficina.

Fontes: Jornal dos Cegos: Revista de typhlogia. Revista de educação e ensino intelectual e profissional dos cegos. Lisboa: Escriptorio da Livraria Catholica - Rocio, 1895 - 1920.

Referências Bibliográficas:

ALMEIDA, Aline Martins de. *Ritos e rituais na escolarização da infância em São Paulo*. (1896 -1912). Dissertação (Mestrado em Educação) - PUC, São Paulo, 2013.

BORDES, Juan. *La infancia de las vanguardias. Sus profesores desde Rousseau a la Bauhaus*. Madrid, Cátedra, 2007.

FRÖEBEL, Friedrich. *La educacion del hombre*. Traducion del aleman por Luis de Zuleta, s/l, Daniel Jorro Editor, 1913. (HH e AA).

**\*MOBILIDADE** (No plano da Orientação e Mobilidade):

Em definição.

(JDP).

**\*MODALIDADE AUDITIVA:**

O mesmo que Sentido da Audição.

(ADG).

**\*MODALIDADE GUSTATIVA:**

O mesmo que Sentido do Gosto ou Paladar.

(ADG).

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*MODALIDADE ODORÍFERA OU OLFATIVA:**

O mesmo que Sentido do Olfato ou do Cheiro.

(ADG).

**\*MODALIDADE SENSORIAL:**

Referente ao prefixo enunciativo de qualquer um dos sentidos. Modalidade Sensorial Auditiva, Modalidade Sensorial Gustativa, Modalidade Sensorial Olfativa, Modalidade Sensorial Táctil, Modalidade Sensorial Visual ou da Visão.

(ADG).

**\*MODALIDADE TÁCTIL:**

O mesmo que Sentido do Tacto.

(ADG).

**\*MODALIDADE VISUAL OU DA VISÃO:**

O mesmo que Sentido da Visão, sob o ponto de vista clínico.

(ADG).

**\*MODIFICABILIDADE:**

Habilidade cognitivo-comportamental para alterar e modificar condutas visando o enriquecimento cognitivo e a capacidade flexível e criativa de resolução de problemas.

(VF).

**\*MONTEIRO, ORLANDO DE JESUS:**

Português, nascido a 28 de Maio de 1931 e falecido a 4 de Outubro de 2009. Tiflólogo e político de reabilitação cego, dirigente associativo e Secretário Nacional Adjunto de Reabilitação.

Homenageado pela Câmara Municipal de Lisboa, no Fórum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida", no dia 6 de Maio de 2010, 09h30-13h00, disponível no

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

<http://mundodavida.cm-lisboa.pt>

Na Tiflogia em Portugal, o Tiflólogo e Político de Reabilitação, Dr. Orlando de Jesus Monteiro (28.05.1931-04.10.2009), texto de Augusto Deodato Guerreiro.

Tive a terrível consternação de me obrigar a ter a força para, no momento da oração da sua partida, de apresentar à Ex.ma Família e a muitos amigos do Dr. Orlando Monteiro presentes, as mais sentidas condolências, na forma de elegia. Acabei a minha oração quase cambaleante, mas profundamente grato pela coragem e pela energia do sentimento de gratidão que não sei de onde surgiu, mas que penso que só a amizade sincera e o apreço, a grande estima e consideração, o eterno reconhecimento, acabam por nos conferir essas potencialidades e capacidades, essas competências e concretizações inimagináveis.

No dia 4 de Outubro de 2009, nesse mesmo dia já havia reações no estrangeiro de manifestações de pesar pela partida do Dr. Orlando Monteiro.

A vida e a obra do Dr. Orlando Monteiro constituem matéria muito importante e única para a justa elaboração de um grande livro para a História da Tiflogia em Portugal.

É natural de Setúbal e teve um percurso de vida cheio de luta em muitas frentes, sempre com o objetivo de criar soluções para a eliminação de barreiras e de obstruções impeditivas da evolução social, a todos os níveis, das pessoas com deficiência.

Iniciou os seus estudos no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, integrou a célebre tríade tifológica: Vítor-Orlando-Oliva, ainda temos, graças a Deus, entre nós o Prof. Vítor Coelho, e que nos dará a honra de usar da palavra neste evento.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

No plano das suas habilitações académicas e profissionais, obteve

- A Licenciatura em Filologia Germânica, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- O Curso de Ciências Pedagógicas, na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa;
- O Curso de Bibliotecário-Arquivista, na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra;
- O Curso Superior de Piano, no Conservatório Nacional de Lisboa;
- O Curso de Professores e Educadores de Crianças e Adolescentes Portadores de Deficiência Visual, no Centro de Formação e Aperfeiçoamento de Pessoal do Ministério da Saúde e Assistência;
- O Curso para Dirigentes da Administração Pública, no Instituto Nacional de Administração.

Foi um homem de muitos talentos, culto, empreendedor e fazedor de ideias e de realizações inteligentemente conducentes a grandes decisões, mesmo sociopolíticas, e ao bem-estar sob o ponto de vista social e humano.

Exímio pianista e que, também com essa faceta, a arte de exprimir sentimentos ou impressões por meio de sons, bem promovia a consolidação do relacionamento humano e o estabelecimento de novas amizades.

Sempre em busca de mais e melhor, foi a primeira pessoa cega a fazer o Curso de Bibliotecário-Arquivista em Portugal, pós-graduação, conforme o acima referido, e foi também o primeiro Bibliotecário cego no país, diplomado com a formação específica, curiosamente na Câmara Municipal de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Lisboa, Município a que se deve a criação da primeira Biblioteca Pública para Cegos em Portugal, da qual tomou conta, como responsável, em 1965, na sequência da sua responsabilidade pelo nascimento do primeiro Sector

de Braille que viria a originar um trabalho mais sistemático naquela primeira Biblioteca Pública para pessoas cegas, sobretudo a partir de Maio de 1965.

Um grande e inquestionável ideólogo, promotor e realizador de grandes projetos nacionais, ouvi várias vezes pessoas dizerem-lhe diretamente em eventos que ele era efetivamente um homem de projeto, e eu próprio também pude pessoalmente comprová-lo.

Integrou a primeira Comissão Permanente de Braille; foi Presidente das duas últimas Comissões de Braille; esteve na base da criação de diversas instituições em Portugal destinadas à deficiência, como da própria Fundação Raquel e Martin Sain, neste caso com a sua esposa e o Prof. Vítor Coelho, e esteve ligado desde sempre aos assuntos tiflológicos, tendo um papel extremamente preponderante sobre o nascimento da Associação Portuguesa de Deficientes, cuja primeira Direção também integrou; co-fundador do Secretariado Nacional de Reabilitação, no qual foi Diretor de Serviços desde o início e, no final, também Secretário Nacional-Adjunto de Reabilitação, o mais alto cargo público desempenhado por uma pessoa cega em Portugal até hoje.

Também se lhe deve a criação da primeira Biblioteca Pública Inclusiva em Portugal, a Biblioteca Municipal Camões, em 1981, apesar de, nessa altura, já se encontrar destacado como Diretor de Serviços no Secretariado Nacional de Reabilitação. Mas foi uma iniciativa que ele próprio já tinha deixado preparada e em andamento antes de sair para desempenhar aquelas funções no Secretariado.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Tem trabalho publicado de relevo, referenciado em Portugal e no estrangeiro, no âmbito das suas altas funções no SNR e das Comissões de Braille, bem como nas comissões a nível mundial para a deficiência, como Delegado de Portugal eleito nas mesmas; foi um grande e hábil político de reabilitação, na verdadeira acepção da palavra, a quem a tiflogia e as pessoas cegas, bem como as pessoas com deficiência em geral de Portugal muito devem, porque deixou obra feita.

Escreveu um artigo extremamente importante, que pouca gente conhece, que não está dependente da circunstancialidade quotidiana e que, por isso, tem permanente atualidade: trata-se de A cultura: base da integração social dos cegos, publicado em «Ponto e Som», o boletim informativo da Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, nºs 2 e 3, Julho-Outubro de 1974; páginas 23-39, páginas 55-79, num total de 40 páginas.

Não escrevia para publicar, mas escrevia muito. Escreveu bastante música e letra também. Cheguei a fazer um poema, a seu pedido, para ele próprio musicar. Há excelentes trabalhos seus publicados na forma de CD, incluindo a sua própria interpretação em piano, a solo e em acompanhamento, com orquestração perfeita.

Tem referências muito significativas, sob o ponto de vista da sua grande importância, em contextos muito diversos. Por exemplo, em União Mundial de Cegos: entrevista com o delegado de Portugal, Dr. Orlando Monteiro, conduzida por F. P. Oliva, publicada no nº 44 de «Ponto e Som», da então denominada Área de Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, em Janeiro de 1985, nas páginas 3-24.

Homenagem póstuma por Pilar R. de Albuquerque e Castro, publicada em «Poliedro», em Agosto-Setembro de 1967: podemos ler que o Dr. Orlando Monteiro fez em Lisboa a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

gravação da última lição dada pelo Prof. Albuquerque e Castro aos alunos do Curso de Especialização de Professores e Educadores de Crianças e Adolescentes Portadores de Deficiências Visuais, aulas que, conforme o referido também por Pilar R. de Albuquerque e Castro, noutro artigo, Uma obra em marcha, publicado em «Poliedro» em Dezembro de 1968, o Dr. Orlando Monteiro iria iniciar aulas idênticas, o que veio a acontecer efetivamente, cursos no âmbito da então Direcção-Geral da Assistência.

O Dr. Orlando Monteiro, um excelente e inextinguível grande Amigo, a quem devo o meu percurso profissional e académico, como à sua ex.ma esposa e à própria Câmara Municipal de Lisboa, porque me aceitou na então Biblioteca Pública para Cegos, em 1973, por intercessão da sua Ex.ma Esposa, a Senhora D. Maria Lucília Rego Monteiro, que foi minha Professora de Braille em 1966, no Centro de Reabilitação de Nossa Senhora dos Anjos, durante o meu estágio de reabilitação psico-sensorial que aí realizei. Foi uma Professora que me marcou imenso no meu desenvolvimento sociocognitivo e háptico, na minha educação e formação intelectual, tive a sorte de esta ilustre senhora Professora e grande Amiga ter falado com o senhor seu marido no início de 1973 sobre a possibilidade de eu ingressar na Biblioteca Pública para Cegos que funcionava na Biblioteca Municipal de Belém, o Dr. Orlando Monteiro aceitou-me e entrei para a Câmara Municipal de Lisboa em 16 de Abril de 1973, onde permaneci ao serviço até 31 de Março de 2010; entrei para a CML pela mão do Dr. Orlando Monteiro, saí da CML, fazendo homenagear o Dr. Orlando Monteiro por este Município.

O Dr. Orlando Monteiro apoiou-me sempre, incentivou-me sempre, foi um AMIGO com todas as letras maiúsculas que também, como a Ex.ma Senhora sua Esposa, me marcou

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

profundamente no plano do profissionalismo, da dignidade humana e da amizade.

No dia 4 de Outubro de 2009, no dia em que nos despedimos em relação à sua partida física, fiz alusão ao que escrevi em 12.11.2006:

«Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida que nos conduz para Deus Pai Todo Poderoso e Vida Eterna! Cada um de nós também tem de ser, por necessidade e obrigação em consciência, um caminho esclarecido e esclarecedor inexpugnavelmente apelativo de todos os caminhos perspectivantes, estruturantes e conducentes ao Caminho para a Salvação da humanidade».

Ora, o Dr. Orlando Monteiro foi um grande e decisivo caminho para mim, e estou certo de que para muita gente também. Nunca o esquecerei. Nunca será esquecido. Só poderá estar concerteza em muito bom lugar, porque foi um homem complacente e instigador da inovação e da criatividade, da valorização humana, do desenvolvimento e do progresso, foi um grande homem com alegria de viver, bom vivan, que incentivava os outros também à alegria, foi um grande homem sob o ponto de vista da grandeza humana e das grandes realizações para a promoção da humanidade.

Todos guardamos dele a alegria que sempre teve e que sempre soube transmitir a quem com ele tinha o privilégio de conviver.

Resumindo e concluindo a minha singela, mas profundamente sentida intervenção, o Dr. Orlando Monteiro está bem presente nas nossas memórias:

- Quer na CML, como Técnico Superior (chegando à categoria de Assessor Principal de Bibliotecas e Documentação) com destacadas funções sobretudo em favor

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

dos munícipes com deficiência a partir de 1965, na Primeira Biblioteca Pública para Cegos criada em Portugal pela Câmara Municipal de Lisboa em 1963, e fundador da Primeira Biblioteca Inclusiva no País, também sob a égide da CML, em 1981, a Biblioteca Municipal Camões que, entretanto, por vicissitudes conturbadoras estranhas e inadmissíveis no contexto sociopolítico da Primeira Câmara do País, com indiscutível responsabilidade em matéria referente às pessoas com deficiência, deixou para trás a valência que a fez nascer com essa denominação;

- Quer no então Secretariado Nacional de Reabilitação (hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.), a partir de 1977, como cofundador do mesmo e no qual chegou a ser Secretário Nacional-Adjunto de Reabilitação;

- Quer pelo facto de sempre se ter envolvido com proficiência e proficuidade em múltiplas ações de carácter tiflológico e braillológico, educativo e reabilitacional, político, autárquico, sindical, desportivo (principalmente no escaquismo, xadrez inclusivo, foi ele quem importou para Portugal o xadrez para cegos, traduziu do inglês para português muita literatura sobre xadrez, concebeu mesas e tabuleiros próprios para pessoas cegas poderem jogar com pessoas normovisuais, sem que se apercebessem das intenções das pessoas cegas, devido ao facto de terem de tocar nas peças, constituiu na Biblioteca Camões uma área destinada a atividades circumbibliotecárias e circum-escolares, de extensão cultural, onde o xadrez tinha lugar e onde se realizaram campeonatos de grande importância) e associativo;

- Quer pelo facto de sempre se ter mantido permanentemente atualizado sobre todos os assuntos de cultura susceptíveis de influenciar a promoção social das pessoas deficientes em geral e das pessoas deficientes visuais em particular;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

· Quer ainda pelos elevados cargos que ocupou e bem desempenhou no âmbito do SNR, ao serviço de Portugal, a nível nacional e internacional, no mundo das problemáticas da deficiência e da reabilitação, sempre como inquestionável persistente lutador pela dignificação das pessoas com deficiência/incapacidades.

Quando, no princípio do mês de Abril de 2010, me despedi, num Abraço, da Câmara Municipal de Lisboa, de executivos municipais, de colegas e amigos, também necessariamente enviei esse Abraço à Senhora D. Maria Lucília Rego Monteiro e ao Senhor Dr. Orlando de Jesus Monteiro, pessoas bem evidenciadas nesse Abraço.

«Desculpem o tempo que, eventualmente, vos possa ter feito perder, mas desígnios muito dignos e indómitos, inclusivamente da memória e reconhecimento eterno a Pessoas Grandes que me colocaram na CML em 16 de Abril de 1974, fizeram com que vos deixasse este sincero Abraço, a minha forma de evidenciar, muito justamente, memórias e as tantas cores que caracterizam essas múltiplas e sublimes memórias!

Um Abraço Forte de razão e emoção, de lógica e pensamento, de saudade e de felicidade, de sucesso e de vida, horizonte vital em que, graças a Deus, continuo envolvido e activo.

Um até sempre e um Bem-Haja do tamanho do mundo a todos os que me incentivaram e trabalharam comigo, directa ou indirectamente, partilhando saber e conhecimento, cultura, desenvolvimento e progresso social e humano na CML!».

[Extraído quase *ipsis verbis* de GUERREIRO , Augusto Deodato (2011). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia, Tiflogia,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal. Lisboa: GRC/DMC/Câmara Municipal; 1º Texto, de Augusto Deodato Guerreiro, das Notas Longas X; pp. 259-266. Ainda sobre o Dr. Orlando Monteiro, recomendamos a leitura do 2º Texto nestas mesmas Notas Longas, de Francisco Carvalho, pp. 266-277].

(ADG).

### **\*MOON, WILLIAM:**

Britânico, cego desde os vinte e um anos de idade, nascido em 1818 e falecido em 1894. Inventou o seu próprio alfabeto, para pessoas cegas, sistema este que ficou conhecido pelo seu apelido. Numa forma simplificada, conserva letras do alfabeto latino e compõe-se de nove caracteres, cujo significado se determina pela posição em que são utilizados.

Ver **Alfabeto Moon**.

(ADG).

### **\*MOSTRADOR BRAILLE:**

Do Inglês Braille Display. Dispositivo eletrónico constituído por um determinado número de células braille normalmente incorporado num equipamento informático.

(FPO).

### **\*MOTRICIDADE:**

Característica adaptativa fundamental de todos os seres vivos do reino animal que garante a sua autonomia e a sua interação com o seu "habitat" específico, assim como a sua exploração dinâmica, tendo em vista a sua sobrevivência e reprodução.

Supõe a existência de músculos (células efectoras) como sistemas contrácteis que mobilizam energeticamente o corpo do animal através de redes neurossensoriais (proprioceptivas e exteroceptivas) características de cada espécie. Tais redes cerebrais fornecem referências externas espaciais e temporais

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

que permitem a cada animal desenrolar um programa motor centrífugo (áreas corticais motoras secundárias e primárias) integrado, adaptado e reajustado ao meio envolvente. (VF).

### **\*MOTRICIDADE HUMANA:**

Conjunto de expressões corporais, gestuais, posturais, somatognósicas e práxicas que sustentam e suportam as funções mentais humanas, assegurando a sua regulação e produtividade criativa. A motricidade humana pode ser concebida epistemologicamente como o meio privilegiado de pôr todos os fins, objectivos, desejos e sonhos humanos em prática. No sentido mais lato, distingue-se da motricidade animal por consubstanciar a superação das suas limitações morfológicas e fisiológicas de sobrevivência, transcendendo a sua função de adaptação natural para atingir uma função de fabricação de instrumentos com que transformou a face da Natureza e iniciou a evolução civilizacional. A motricidade humana envolve maior número de substratos neurológicos frontais suplementares, sejam: piramidais, extrapiramidais, reticulares, cerebelosos e espinais, nomeadamente do córtex pré-frontal que permitem a antecipação e a planificação motora, ou seja, pensar antes de agir, estimando e avaliando a execução motora em termos das suas consequências e dos seus efeitos (sistema de reaferências), ou seja, implicando um maior número de conexões entre as áreas sensoriais, associativas e motoras do cérebro.

A motricidade humana, para além de envolver conquistas adaptativas e libertações morfológicas únicas da espécie, como:

- a postura, a locomoção bípede, a caça e a exploração do planeta (macromotricidade);
- a praxia fina, a bimanualidade e a fabricação de objetos (micromotricidade);

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- a pletera de processos de comunicação gestual e não-verbal (mímica facial, atenção visual direcionada, interação, imitação, empatia, etc.);

- a emergência da fala (oromotricidade); e posteriormente, da arte e da escrita (grafomotricidade),

está envolvida na gênese da complexidade do cérebro e na origem da história civilizacional da Humanidade.

Em síntese, a evolução da espécie humana é inconcebível sem a evolução da sua motricidade, trata-se do triunfo evolutivo que resultou e resulta da auto-organização e auto-regulação do ser humano. A cultura, a tecnologia e o conhecimento não seriam alcançados sem a sua integração, planificação e execução.

(VF).

### **\*MULTILINGUISMO:**

Paradigma sociopolítico e educativo emergente de contextos interculturais que sublinham a necessidade de não mais poderem os sistemas educativos e sociais considerar como fatalista e inevitável o doloroso e oneroso fracasso escolar e social vivenciado pelos surdos, devendo a Escola repensar os sistemas linguísticos e comunicativos de educação destes estudantes, sublinhando a importância das línguas gestuais como o meio de comunicação privilegiado entre os surdos, deverá ser reconhecida, e garantir-se-á que os surdos tenham acesso à educação nas línguas gestuais e orais, dos respetivos países. Superando as dicotomias inerentes ao bilinguismo, as práticas educativas que configuram o multilinguismo assenta:

**a)** No reconhecimento e valorização das línguas gestuais e orais;

**b)** No acesso atempado e consistente a estas línguas;

**c)** Na afirmação de ambientes formais e institucionais educativos e sociais multiculturais e multilingues,

**d)** Na mediação dos processos de desenvolvimento

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

emocional e sociocognitivo e das aprendizagens através das línguas gestuais e orais;

e) No desenvolvimento de um currículo que propicie interculturalidade e inclusividade,

f) Na emergência de processos identitários positivos consistentes e

g) Na valorização da diversidade linguística e cultural dos indivíduos, bem como dos contextos em que participam, significando propiciar às famílias e a outros significativos uma apropriação atempada das línguas (gestuais e orais), afirmando-se, também elas, multilingues e multiculturais.

Neste sentido, impõe-se que a Escola e as sociedades reconfigurem os modos como se desenvolvem as interações Escola/Família, particularmente as respeitantes às transições entre e inter-comunidades, entre e interculturais, cumprindo um dos princípios que ilumina os sistemas educativos e sociais inclusivos: assumir todos e cada um como elementos ativos e críticos das sociedades em que participam.

(JM).

### **\*MUSEOLOGIA E ACESSIBILIDADE - A ARTE NOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA - AO ALCANCE DAS MÃOS:**

No dia 29 de setembro de 2008, no Seminário Internacional ao Alcance das Mãos - Informação Tátil nos Museus e Centros de Ciência (o primeiro seminário sobre informação tátil nos museus e centros de ciência), nesta data realizado no auditório do Pavilhão do Conhecimento-Ciência Viva, apresentámos a comunicação «A arte nos Museus e Centros de Ciência: "Ao alcance das mãos" - utopia e realidade», cujo resumo (elaborado em 25.06.2008 e enviado ao Centro de Ciência Viva/Parque das Nações/Lisboa) transcrevemos a seguir:

· Utopia e Realidade - a indissociabilidade encorajadora de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sensações que me assaltam ao entrar num Museu e poder tocar e explorar peças de arte. Poderei orientar a inteligência para o belo, acabando o material que percepciono com o tacto por ser suficiente para, por intermédio da elaboração imaginativa, penetrar no território da experiência estética. A vivência da arte e da beleza, ou da beleza na arte, não se mantém no plano exclusivamente sensorial; a sua culminância ocorre na inteligência, sendo graças à actuação protagonista do intelecto que a experiência estética pode pertencer ao património vivencial de todo o ser humano, mesmo daqueles que não vêem nem ouvem, dando-se a compensação dessa dupla ausência sensorial através da utilização mais intensa do intelecto.

- Os museus, como bibliotecas, arquivos históricos e outros equipamentos culturais, são autênticos laboratórios de conhecimento, de cultura e de ciência viva que devem estar acessíveis a todos os cidadãos, independentemente das suas mais diversas desvantagens/incapacidades, sem rótulos ou categorizações estigmatizantes.

- O barómetro/espelho de um país ou de um povo é o conjunto das suas sensibilidades na cultura da partilha, na inteligência emocional e de interacção; é o seu universo de valores e intercompreensão na diversidade humana; é uma dignidade que se conquista (humanidade) e que se avalia pelo número, pela qualidade e regular utilização daqueles "laboratórios de ciência viva", entendidos como recurso básico do sistema educativo, da cidadania e da partilha positiva. É um processo que ajudará a promover e a dinamizar a mudança de mentalidades, desde que com perspectiva e revolução no debate de ideias, transformando pessoas e instituições.

- Como pessoa cega e investigador também nos domínios do desenvolvimento da suplência sensorial e cognitiva, da tifloperceptibilidade e sociocomunicabilidade e da tactologia,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desejo partilhar com a comunidade científica e com os estudiosos da problemática da acessibilidade tátil da informação nos Museus e Centros de Ciência o que me é indispensável, quando visito um Museu, de forma a poder fruí-lo com interesse, autonomia e independência, imaginação e alegria, e alargar o meu conhecimento no âmbito da Arte, a expressão mais sublime do ser humano.

O conhecimento é um bem público, seja em que domínio for, que deve ser partilhado por todos os cidadãos, independentemente dos seus "desafios" físicos, sensoriais, cognitivos, motores... O acesso das pessoas cegas aos Museus tem sido inadmissivelmente ignorado, inclusive por agentes sociopolíticos do poder estabelecido, negligentes ou omissos nesta matéria.

Os Museus são espaços permanentes de conservação, estudo, valorização pelos mais diversos modos, exposição de coleções de interesse artístico, histórico e técnico, de cultura, cada vez mais presentes na nossa sociedade, sobretudo para deleite e educação do público, como arautos patrimoniais que perpetuam e vivificam múltiplas formas de arte, valores, conhecimento, a história. "O horizonte próximo que nos limita aprende-se a ver com a ponta dos dedos. O horizonte longínquo que nos liberta é o que se toca com o uso da palavra que nos permite vê-lo e ultrapassá-lo e com o falar que nos permite perceber o que ouvimos" (João dos Santos, 1913-1987).

O que falta nos nossos Museus para que a pessoa cega sinta que vale a pena visitá-los e revisitá-los? Falta imaginação, vontade e acção para que se acessibilizem em relevo imagens e esquemas, réplicas e maquetes, informação em Braille conciliada com diferentes processos de áudio-descrição, associados a uma adequada sinalética essencialmente tátil e audível, incluindo a colocação de pontos em relevo no pavimento, delimitadores e referências facilitadores da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

orientação e mobilidade, independência e autonomia, da pessoa cega nas visitas aos Museus. São elementos básicos indispensáveis para que o visitante cego ou com deficiência visual possa viver, compreender e fruir toda a riqueza oferecida pelo Museu, seja qual for a sua especificidade. Existem várias formas para se comunicar toda esta informação, mesmo de carácter lúdico-intelectual, como ver (melhor que tocar), tocar (melhor que ver...), tocar... e ver...

Pensar, suportando-nos no conceito de "cultura inclusiva", é redutor, estigmatizante, marginalizante. A expressão é segregacionista porque, ao pensarmos em "cultura inclusiva", estamos a procurar "incluir" e, por inerência do processo, "excluindo". O que seria mais ajustado e generosamente mais generalista (sem "incluir" nem "excluir" e que abrange simplesmente todos) será, em vez de "cultura inclusiva", cultura da partilha. Isto porque, em cultura social, é pensarmos nos outros e agirmos em favor dos outros, aceitando os outros, reconhecendo-os e respeitando-os na diversidade humana, tendo sempre presente a partilha do conhecimento entre todos, criando-se as condições para esse efeito, abolindo palavras, conceitos e atitudes humilhantes de particularismos da sociedade humana. É termos imaginação, vontade e acção para transformar e acessibilizar tudo a todos. Os Museus, como Bibliotecas e Arquivos Históricos, são laboratórios de cultura e de ciência viva, que devem ser alargados a todos os cidadãos, sem excepções e sem rótulos. Os rótulos e categorizações é que impõem os estigmas sociais, as diferenças por incapacidades, a "exclusão" pelos fantasmas marginalizantes das desvantagens sensoriais, cognitivas, motoras e outras.

Sem pretender ser redundante, mas o espelho de um país ou de um povo é o conjunto das suas sensibilidades, o seu universo de valores na diversidade humana, o que se avalia pelo número e qualidade das suas Bibliotecas, dos seus

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Arquivos Históricos, dos seus Museus, entendidos como recurso básico do sistema educativo e da cidadania. Este sentimento, devidamente reflectido e fundamentado, com a força da vontade e da acção na relação na diversidade, ajudará a promover e a dinamizar a mudança de mentalidades e a natural cultura da partilha, numa dimensão humana globalizante.

O título "Ao Alcance das Mãos - Informação Táctil nos Museus e Centros de Ciência" é uma premissa feliz para a promoção e desenvolvimento da cultura da partilha e, nessa medida, ampliativa da acessibilidade do conhecimento a mais cidadãos, àqueles que estão privados da modalidade sensorial mais absorvente do ser humano - a visão. "Toda a inteligência passa pelos sentidos. Todos os sentidos passam pelo tacto" (Jacob Rodrigues Pereira, 1715-1780).

### Bibliografia:

BRAILLE, Louis (1829). *Procédé pour Écrire les Paroles, la Musique et le Plain-Chant au Moyen de Points, à l'Usage des Aveugles et Disposés pour eux*. Paris: Institution Royal des Jeunes Aveugles.

[Disponível na Association Valentin Haüy].

BROWNELL, Lucy Pearce (1942). *O sentido do Tacto*. "Revista dos Cegos". Lisboa: Associação Promotora do Ensino dos Cegos, nº 27 Julho; 26-28.

[Disponível também em braille na Biblioteca Ciências da Educação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos e no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

CASTRO, José Alberto Barbosa de Moura e (1994). *Estudo da Influência da Capacidade de Resistência Aeróbia na Orientação e Mobilidade do Cego*. Lisboa: Secretariado Nacional de Reabilitação.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

CASTRO, J. de Albuquerque e (1976). *Os Cegos como Cidadãos e como Homens*. Porto: Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille.

[Conferência realizada no Clube Fenianos Portuenses, em 21 de Outubro de 1948, e impressa em caracteres comuns pela Imprensa Social, Secção da Coop. do Povo Portuense, em 1951].

CASTRO, J. de Albuquerque e (1963). *Bivalência do esquema integrador dos cegos na vida social*. "Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura". Porto: Centro de Produção do Livro para o Cego, nº 68 Junho; 1-10.

CASTRO, J. de Albuquerque e (1961). *Subsídios para o estudo do sentido dos obstáculos*. "Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura". Porto: Centro de Produção do Livro para o Cego, nº 50 Agosto-Setembro; 1-9.

CASTRO, J. de Albuquerque e (1938). *A voz humana como expressão de carácter*. "Revista dos Cegos". Lisboa: Associação Promotora do Ensino dos Cegos, nº 20 Abril; 14-24.

[Disponível também em braille na Biblioteca Ciências da Educação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos e no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

CASTRO, J. de Albuquerque e (1936). *A independência de movimentos como condição essencial à actividade dos cegos*. "Revista dos Cegos". Associação Promotora do Ensino dos Cegos, nº 23 Julho; 2-10.

[Disponível também em braille na Biblioteca Ciências da Educação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos e no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

CYRULNIK, Boris (1991). *O Nascimento do Sentido*.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Lisboa: Instituto Piaget.

DIAS, Maria Eduarda Pereira (1998). *Ver, Não Ver e Conviver*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência.

FONSECA, Matoso da (1935). *Sobre o sentido dos obstáculos*. "Revista dos Cegos". Lisboa: Associação Promotora do Ensino dos Cegos, nº 10 Outubro; 2-10

[Disponível também em braille na Biblioteca Ciências da Educação da Associação Promotora do Ensino dos Cegos e no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GRIFIN, H.C. & GERBER, P.J. (1996). *Desenvolvimento táctil e suas implicações na educação de crianças cegas*. "Revista Benjamin Constant". Nº 5.

GUERREIRO, António (1995). *Ver e conhecer*. "Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa". Lisboa: Gabinete de Referência Cultural, nº 59 Outubro

[Texto extraído do suplemento do jornal "Expresso", de 24 de Julho de 1995, também disponível nos suportes áudio e digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERREIRO, Augusto Deodato (2007). *A Arte e a Vida vistas através da deficiência*. "Cadernos de Tertúlia". Feijó: Tertúlia do Moinho, Nºs 4-5 Verão-Outono; 7-9

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERREIRO, Augusto Deodato (2005). *Para um horizonte comunicacional de banda larga*. "Medialogias: Jornal do Departamento de Ciências da Comunicação, Artes e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Tecnologias da Informação". Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, nº 4 Primavera; 3

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERREIRO, Augusto Deodato (2001). *Cultura dos sentidos e ampliação do paradigma comunicacional: uma vertente especial na interlocução e interacção humana*. "Caleidoscópio: Revista de Comunicação e Cultura". Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas, nº 1 2º semestre; 97-107

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERREIRO, Augusto Deodato (2000). *Para uma Nova Comunicação dos Sentidos*. Lisboa: Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência [Galardoado com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do SNRIPD].

GUERREIRO, Augusto Deodato (1992). *Mais uma exposição para cegos em Lisboa: Escultura para Tocar*. "Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa". Lisboa: Pelouro da Cultura / Biblioteca Municipal Camões, nº 19 Junho

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERREIRO, Augusto Deodato (1992). *Um voo pelo património, exposição táctil de maquetes organizada pelo Convento dos Cardaes*. "Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa". Lisboa: Pelouro da Cultura / Gabinete de Referência Cultural, nº 36 Novembro

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

GUERRINHA, Dalila de Jesus (2004). *Uma Luz na História: Joaquim Guerrinha 1913-1976 um Verdadeiro Impulsionador da Causa dos Cegos em Portugal*. Lisboa: Edições Colibri

[Disponível também em suporte digital no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

HARRISON, F. & CROW, M. (1996). *Living and Learning with Blind Children*. Toronto: University of Toronto Press.

LEONHARDT, M. (1992). *El Bebé Ciego: Primera Atención: un Enfoque Psicopedagógico*. Barcelona: Masson.

MOURÃO, Deolinda B. (1982). *Necessidade de um bom sentido do tacto*. "Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura". Porto: Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, nºs 269-270 Novembro-Dezembro; 1-9 e 1-13

[Comunicação apresentada nas "Jornadas Braille" realizadas pela Área de Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional, em Lisboa, de 6 a 10 de Abril de 1981].

NOGUEIRA, Jerónimo (1992). *O Tacto do Sentido: Contornos Tiflológicos de um Filosofema*. Lisboa: Centro de Produção de Material

[Edição em braille disponível no Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Direcção Municipal de Cultura da Câmara Municipal de Lisboa].

OCHAÍTA, Esperanza (1982). *El Conocimiento del Espacio en los Niños Ciegos*. Madrid: Universidad Autónoma.

OCHAÍTA, Esperanza (1984). *Una Aplicación de la Teoría Piagetiana al Estudio del Conocimiento Espacial en los Niños Ciegos*. "Infancia y Aprendizaje". Vol. 25; 81-104.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

OCHAÍTA, Esperanza & HUERTAS, J. A. (1988). *Conocimiento del Espacio: Representación y Movilidad en las Personas Ciegas*. "Infancia y Aprendizaje". Vol. 43; 45-58.

OLIVEIRA, João Vicente Ganzarolli de (1999). *Sobre a experiência estética de pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem semiaristotélica*. "Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura". Porto: Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, nº 452 Junho; 1-37

[Palestra, com o título original Handicapped people and the experience of beauty: a quasi aristotelian approach, pronunciada no dia 3 de Setembro de 1998, na cidade eslovena de Ljubljana, por ocasião do XVI International Congress of Aesthetics].

PASSINI, R. & PROULX, G. (1988). *Wayfinding without vision: an experiment with congenitally totally blind people*. "Environment and Behavior". Vol. 20 nº 2 March; 227-252.

PEREIRA, Leonor Moniz (1993). *Estruturação Espacial e Equilíbrio: Estudo com Crianças de Visão Nula ou Residual*. Lisboa: Instituto Nacional de Investigação Científica.

SANTIN, S. & SIMONS, J.N. (1996). *Problemas das crianças portadoras de deficiência visual na construção da realidade*. "Revista Benjamin Constant". Nº 2 Janeiro.

SANTOS, João dos (1982). *Ensaio Sobre Educação-I: A Criança Quem é?*. Lisboa: Livros Horizonte.

SANTOS, João dos (1983). *Ensaio Sobre Educação-II: Falar das Letras*. Lisboa: Livros Horizonte.

VEIGA, J. Espinola (1946). *A Vida de Quem não Vê*. Belo-Horizonte: Livraria José Olympio.

VIÑAS, Pilar Gómez (2004). *La Educación de las Personas Sordociegas: Diferencias y Proceso de Mediación: la Sordoceguera: una Análisis Multidisciplinar*. Madrid: ONCE.

(ADG).

**\*MUSEOLOGIA E ACESSIBILIDADE - A CASA DO BRINQUEDO E DA BRINCADEIRA - UM MUSEU PARA TODOS:**

A Casa do Brinquedo e da Brincadeira constitui o núcleo central da atividade desenvolvida pela ADOL-Associação Domingos de Oliveira Lopes, instituição privada de direito público sem fins lucrativos criada por ato notarial no dia nove de Dezembro de 2011.

A defesa do património material e imaterial que nos brinquedos e nas brincadeiras se consubstancia constitui a preocupação primordial de todas as atividades aí desenvolvidas.

Numa exposição permanente e contando, para este efeito, com uma prestimosa parceria com o Museu dos Biscainhos, sediado em Braga, amostra-se um importante núcleo de brinquedo português cruzando toda a última centúria, que se apresenta em três dimensões: brinquedo feito pela criança ou pelo seu adulto significativo, brinquedo tradicional saído das mãos de artesãos brinquinheiros e das brinquinharias de pequena dimensão socioeconómica, hoje de existência quase residual, e brinquedo industrial que retrata o esplendor e grande dimensão de uma atividade que em Portugal atingiu alguma expressão no terceiro quartear do século passado.

Num amplo espaço *outdoor* é possível desenvolver um conjunto de práticas lúdicas repositórias de jogos e brincadeiras tradicionais infantis que até nós chegaram, algumas vindas do fundo dos tempos (e.g., jogo do pião, do arco, da corda, da macaca, do galo, corrida de roda e gancheta, jogo das caricas ou sameirinhas ou berlindes).

*Locus* para públicos de todas as idades, a Casa do Brinquedo e da Brincadeira assume-se como fiel depositária de um património cultural relevante, que merece, como tal, ser guardado, mostrado, praticado e estudado, tal qual intentamos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

fazer com o I Congresso de Brinquedo Português, que nos finais de outubro de 2017 realizamos em parceria com o Museu dos Biscainhos.

A Casa do Brinquedo e da Brincadeira está instalada no nº 205, da Rua Padre Avelino Alves, na sede do concelho de Vila Verde e vive por agora um tempo de crescimento ajustado ao que lhe vai sendo socialmente exigido pelo manifesto interesse que a sua existência vivencial reclama todos os dias.

(ANS).

### **\*MUSEOLOGIA E ACESSIBILIDADE: O MUSEU ETNOGRÁFICO DE VILARINHO DA FURNA - UM MUSEU PARA TODOS:**

Nascer, Viver e Brincar em Vilarinho da Furna: uma perspetiva histórico-sociológica.

Tendo-me sido solicitado um texto para o “I Congresso de Brinquedo Português”, o que muito me honra, logo pensei em «NASCER, VIVER E... BRINCAR EM VILARINHO DA FURNA», a minha terra natal.

Também, em sequência, tendo-me sido pedida uma Entrada sobre o assunto para o Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão, aceitei corresponder a tal solicitação com este texto quase *ipsis verbis*.

E, ao falar em NASCER, não há como começar pelo nascimento da própria aldeia submersa, em 1971, pelas águas de uma albufeira.

#### 1 - Enquadramento histórico-natural da aldeia

A aproximação do termo da construção da barragem, que haveria de destruir Vilarinho da Furna, nos princípios dos anos setenta, do século passado, levou Manuel de Azevedo Antunes a estabelecer um programa de salvaguarda do património cultural dessa aldeia comunitária. Daí surgiu a ideia da construção do Museu Etnográfico de Vilarinho da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Furna.

Não foi tarefa fácil, como se pode imaginar. E todos os esforços foram poucos para levar por diante esta iniciativa, devido à conjuntura sócio-político-económica por que Portugal passou.

Nesse sentido, foram encetadas conversações, a partir de 1967/68, com a Câmara Municipal de Terras de Bouro, Parque Nacional da Peneda-Gerês, Centro de Antropologia Cultural, Secretaria de Estado da Informação e Turismo, Fundação Calouste Gulbenkian, Governo Civil de Braga, Junta Distrital de Braga, Companhia Portuguesa de Electricidade, e tantas outras entidades. Mas o mais importante foi ter-se contado com o apoio da gente de Vilarinho, que ofereceu os objetos mais representativos da vida e cultura desta povoação e se disponibilizou para a recolha fotográfica, gravação sonora e cinematográfica dos seus usos e costumes.

Vários anos se passaram e o Museu, feito com as próprias habitações da aldeia submersa, foi, finalmente, construído, pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, segundo projeto dos Arq.ºs João e Delmira Rosado Correia, a escassos Kms da antiga povoação de Vilarinho. A inauguração do edifício foi feita pelo, então, Primeiro Ministro, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, em 14 de maio de 1989, umas duas décadas depois do início deste processo.

Nesse Museu pretende-se, principalmente, documentar a vida de Vilarinho da Furna, nas suas semelhanças e diferenças com a das outras aldeias vizinhas. E fazer dele um Centro de Cultura polivalente, com as necessárias infraestruturas para o desenvolvimento cultural e científico, ao serviço das populações da região em que se insere.

Além da exposição permanente, deverão ser organizadas, no Museu, exposições temporárias, quer com o acervo do próprio Museu, quer com outras peças etnográficas e/ou

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

obras de arte. E, para possibilitar a investigação, terá de haver uma Biblioteca e Centro de Documentação, com os meios apropriados.

Nas instalações do Museu estão também a funcionar a sede d'AFURNA - Associação dos Antigos Habitantes de Vilarinho da Furna - e as Portas do PNPG, com uma exposição sobre a serra do Gerês.

Está na altura de se proceder a uma ampliação das coleções existentes, com novas recolhas a ser levadas a cabo entre os antigos habitantes de Vilarinho da Furna e na generalidade das povoações do Concelho de Terras de Bouro.

Por outro lado, há necessidade de continuar a estudar cientificamente a documentação etnográfica existente, bem como avançar com a pesquisa arqueológica, histórica, económica, biológica, demográfica, etc., da região.

E, com a organização regular de palestras, colóquios, seminários, congressos, far-se-á do Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna uma verdadeira instituição cultural e científica, ao serviço da sociedade em que se insere, nesta zona que bem carece de fomentar um coerente desenvolvimento regional, ao serviço das populações que aí habitam.

Mas, para que este Museu seja mesmo um Museu Para Todos, importa melhorar as acessibilidades ao 1.º andar, pondo em funcionamento o elevador, há muito previsto, e equipar o espaço com sistema de audiodescrição, um recurso infocomunicacional importante a usar para pessoas com deficiência intelectual, disléxicas, com dificuldades visuais, de baixa literacia e idosos.

Neste momento, é muito gratificante verificar que, em torno do Museu de Vilarinho, já se constituiu um interessante Núcleo Museológico com as Portas do PNPG e o Museu da Geira, assim como surgiram algumas empresas, nas redondezas, com uma excelente oferta turística, aproveitando

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

os recursos desta região. Além do Museu Subaquático de Vilarinho da Furna, em funcionamento regular desde 2001, com largas de dezenas de mergulhadores a visitar, anualmente, a antiga aldeia submersa.

Vilarinho da Furna era uma pequena aldeia da freguesia do Campo do Gerês, situada no extremo nordeste do concelho de Terras de Bouro, distrito de Braga, vizinha de Espanha.

Segundo a tradição, teria começado a sua existência por ocasião da abertura da estrada da Jeira, a XVIII via do Itinerário de Antonino, que, de Braga, se dirigia a Astorga, num percurso de CCXV milhas, uns 318 Km. Estava-se, segundo a opinião mais provável, pelos anos 70 da nossa era.

Já lá vão quase dois mil anos!...Passado obscuro, quase sem história, é o passado de Vilarinho da Furna. Não fosse a sua riqueza etnográfica e a construção da barragem que pôs termo à sua existência, e Vilarinho seria, hoje, uma aldeia esquecida, anónima como o seu passado, qual pérola perdida na vastidão das serras do Minho. Mas tal não aconteceu porque os olhos dos etnólogos descobriram em Vilarinho uma relíquia da velha organização comunitária, hoje agonizante, mas, outrora, muito difundida na Europa. Mesmo sem ser um caso único, o comunitarismo de Vilarinho era, pelo menos, um caso invulgar.

Fruto, em grande parte, do condicionalismo imposto pela serra áspera e vasta a um povo sedentário e agrícola, possivelmente havia pouco saído do nomadismo pastoril, esse sistema comunitário conseguiu sobreviver, até aos nossos dias, devido à sua organização interna e ao isolamento a que a aldeia de Vilarinho ficou votada durante longos séculos.

Engastada entre montanhas, sem outros horizontes que não fossem os píncaros da serra erguidos para o céu azul, Vilarinho era, no dizer de Orlando Ribeiro, “uma espécie de «ilha» da Ribeira no oceano revolto das agrestes montanhas graníticas” (Ribeiro, 1948, p. XII).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Este, em traços gerais, o quadro natural em que Vilarinho nasceu, viveu e morreu (Antunes, pp. 9-14).

### 2 - As raízes comunitárias da Peneda-Gerês

Como é sabido, quando a conquista romana da Península Ibérica se inicia, em 218 a.C., com o desembarque das tropas de Cneu Cipião, em Ampúrias, já a Península era habitada por diversos povos. E, no que viria a ser o território português, encontram-se, por essa altura, três grandes grupos étnicos: os Conii, a sul do Tejo; os Lusitanos, entre o Tejo e o Douro; e os Calécios, a norte do rio Douro (Alarcão, 1988, p. 14).

Foi, aliás, a Callaecia, juntamente com a Astúria e a Cantábria, a última zona do atual território português, a ser conquistada por Roma, nas campanhas de 26 e 25 a.C., cerca de duzentos anos após o início da ocupação romana da Península Ibérica.

A posterior romanização desta vasta área trouxe consigo, além das transformações político-administrativo-culturais, uma profunda modificação no regime de propriedade.

De facto, com o deslocamento das populações castrejas, onde dominava a propriedade comunitária, para as terras férteis dos vales, junto aos rios, deu-se uma ocupação individualista do solo, bem típica do modo de produção romano.

Haverá que esperar pelas invasões germânicas, a partir dos princípios do séc. V da nossa era, para voltar ao incremento do comunitarismo, de que ainda restam alguns traços, por estas terras.

A primeira grande leva de germanos, constituída por Vândalos, Suevos e Alanos, chegou à Península no ano de 409. Repartidos entre eles os territórios a ocupar, pela Peneda-Gerês ficaram, principalmente, os Suevos, que estabeleceram a sua capital em Braga, de onde estenderam o seu reino para o sul, vindo a nele incorporar toda a orla ocidental da Lusitânia até ao Tejo.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

De entre os Suevos, um grupo merece especial atenção. Trata-se dos Búrios que, originários da Germânia, dos vales superiores dos rios Óder e Vístula, se vieram estabelecer entre os rios Homem e Cávado. A própria toponímia ainda hoje assinala a presença deste povo: Santa Maria de Bouro, Santa Marta de Bouro, Carrazedo de Bouro, etc., etc., enfim, Terras de Bouro (Silva, 1988).

Com os Búrios e demais germanos, radica-se o comunitarismo por estas terras. É que, ao contrário dos romanos, exímios defensores da propriedade privada, os germanos valorizavam, sobretudo, a propriedade coletiva. Da síntese dos dois modos de produção (romano e germânico) resultou o sistema de vida comunitário, que ainda hoje mantém alguns dos seus traços característicos, nestas comunidades montanhesas (Antunes, 1994, pp. 9-13).

Os traços fundamentais deste sistema comunitário situam-se ao nível das condições económicas e da organização social (Antunes, 1994, pp. 13-19).

As condições económicas desta área têm a ver, essencialmente, com a distribuição/exploração da propriedade. Assim, no que respeita à posse da terra, nas comunidades rurais, depara-se com uma propriedade privada, diferentemente repartida por vários detentores. Mas este tipo de propriedade tem, no entanto, o seu complemento numa outra propriedade coletiva, constituída pelos logradouros comuns, onde todos os moradores vizinhos podem apascentar os seus gados, roçar os matos, cortar lenhas, etc., de acordo com normas previamente definidas e democraticamente aceites.

Mas esta estrutura agro-pastoril foi-se tornando cada vez mais insuficiente para satisfazer as necessidades crescentes de uma população que, durante séculos, vivera em quase completa autossuficiência.

A crescente pressão demográfica levava a uma excessiva

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

divisão da propriedade minifundiária, acompanhada de um encarecimento dos prédios, que ocasionara uma supervalorização inoportuna para a rentabilidade da terra ou do trabalho. E os estímulos, que os atuais meios de comunicação também aqui fizeram chegar, suscitaram o aparecimento de novas necessidades, que o rendimento dos recursos locais nem sempre permitem satisfazer. O que, aliado às agressões político-administrativas do exterior, levou muitos a procurar um complemento económico noutras atividades, nomeadamente na emigração, do séc. XIX a esta parte, nas obras públicas, no turismo, enfim, nos setores secundário e terciário. O que acarretou, naturalmente, alterações no sistema comunitário destas gentes.

### 3 - A organização social

As atividades económicas destas comunidades serranas, entre as quais se contava Vilarinho da Furna, desenvolveram-se num quadro típico de organização social, intimamente ligado às condições ambientais. Embora a natureza não exigisse uma única forma de adaptação, a escolhida, com as suas variantes, foi, certamente, das mais adequadas.

A base dessa organização assenta na assembleia dos representantes das várias famílias da povoação, que reunia com uma certa periodicidade. Em Vilarinho reunia-se, geralmente, às quintas-feiras, embora o pudesse fazer noutros dias, sobretudo de noite, se assim o exigissem as circunstâncias.

Essa assembleia, chamada Junta, Acordo, Conselho, etc., é a herdeira do antigo *conventus publicus vicinorum* (assembleia pública dos vizinhos) do reino visigótico. É nessa assembleia que se analisam, até à exaustão, os problemas que a todos dizem respeito, e se decidem, por vontade expressa da maioria, as soluções a adotar (Antunes, 1994, p. 16).

A Junta era a mais perfeita expressão da democracia.

Essa assembleia era dirigida por um Juiz, Zelador, Juiz de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Vintena, Procurador, Mordomo, Chamador, que tanto podia ser eleito como escolhido rotativamente, entre os membros da assembleia, por um determinado período.

Em Vilarinho da Furna, o Juiz ou Zelador, totalmente independente das autoridades administrativas oficiais, era obrigatoriamente escolhido para um período de seis escassos meses, entre os homens casados da Junta, segundo a lista dos seus casamentos.

Era ao Juiz que competia convocar a Junta, através de um toque convencional de buzina, ou chifre de boi, e fazer a chamada. Um secretário improvisado anotava as presenças e ausências. Aquele que, sem justificação, não estivesse presente à segunda chamada, era multado. Caso a ausência se prolongasse por todo o dia, a multa, além de ser maior, implicava, geralmente, um dia de trabalho, que o multado devia dar à comunidade.

Feita a chamada, o Juiz passava à aplicação das multas àqueles que transgrediram a partir da última Junta. A estas multas nem o próprio Juiz se podia furtar. No entanto, era sempre garantido a qualquer um o direito de defesa e de acusação públicas.

Vinha, depois, a apresentação dos problemas. Todos, um de cada vez, iam ser animada e calorosamente discutidos, chegando-se sempre a uma solução prática a tomar, de acordo com a vontade expressa da maioria. Em caso de empate, cabia ao Juiz tomar a decisão.

Quando fosse preciso estabelecer novas multas, era aos Seis, espécie de câmara legislativa auxiliar do Juiz, formada por seis membros, e, como ele, escolhidos por um período de seis meses, que cumpria determinar a quantia e as condições das mesmas.

As penas mais graves podiam ir até à expulsão de vizinho, verdadeira condenação ao ostracismo, em casos de manifesta rebeldia no acatamento das normas da terra.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Eram muitos e variados os trabalhos que se apresentavam à Junta, periódicos uns, extraordinários outros. Assim, ela tinha que tomar medidas acerca da reparação e abertura de caminhos, organização da vida pastoril, distribuição das águas de rega, divisão dos matos a roçar, madeiras a cortar, montarias aos lobos, marcação das vindimas, etc., etc., e, nos últimos anos da vida de Vilarinho, es-tabelecer a melhor estratégia de luta contra a companhia con-strutora da barragem, o único inimigo que se lhe apresentou como invencível.

Esta organização, que, durante séculos, na Peneda-Gerês, passou de geração em geração, através dos usos e costumes, foi, a partir do séc. XVIII, objeto de contratos por escrituras públicas dos moradores de diversas povoações, feitas em tabelião. Assim aconteceu, por exemplo, em: Seara, Rio Caldo, em 1778; Paredes, Rio Caldo, em 1800; Covide, em 1802 e 1861; Rio Caldo, em 1811 e 1884; Vilarinho da Furna, em 1841; S. João do Campo, em 1857; etc. (Capela, 1992, pp. 92-111). São já os efeitos da centralização político-administrativa, também aqui, a se fazer sentir.

### 4 - A decadência comunitária

A partir do séc. XIX, estas comunidades rurais começam também elas a ser cada vez mais objeto de uma profunda transformação sócio-político-económica.

O espírito individualista da época, a par do reforço dos poderes político-jurídico-administrativos do Estado e dos Municípios, também aqui fez chegar as suas consequências. E o crescimento demográfico, aliado à expansão agrícola, teve a sua quota parte de responsabilidade neste processo.

Neste contexto, são sintomáticas as palavras de Alexandre Herculano (1898, p. 33): “A existência de baldios municipais, dos pastos comuns, é um dos mais graves embaraços ao progresso da agricultura entre nós”.

Este pensamento fisiocrático-liberal levou à produção da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mais diversa legislação sobre os baldios, toda ela apontando para a sua desintegração: divisão dos baldios pelos moradores vizinhos e transferência da administração dos baldios para as Câmaras Municipais (Alvará de 27/11/1804, Alvará de 11/04/1815, Código Administrativo de 1842, Lei de 26/07/1850, Lei de 26/08/1869, etc.).

Como se isso não bastasse, é o próprio Estado que, a partir de 1888, inicia a usurpação, pela força das armas, dos 10.000 hectares da serra do Gerês, tentando arrancá-los às populações que os geriam e fruía desde tempos imemoriais (Revista Ilustração Portuguesa, 1908).

Esta política de usurpação foi continuada até aos nossos dias, com o alargamento dos Serviços Florestais pela área da Peneda-Soajo-Amarela-Gerês, sobretudo a partir da década de 40, do século passado. E o próprio Parque Nacional da Peneda-Gerês (PNPG), criado em 1971, para realizar "(...) um planeamento científico a longo prazo, valorizando o homem e os recursos naturais existentes, tendo em vista finalidades educativas, turísticas e científicas (...)" (Preâmbulo do Decreto n.º 187/71, de 8/05/1971), não concretizou nenhum desses objetivos, quase se limitando a proibir e/ou dificultar a iniciativa local.

Pior ainda foi a construção de várias barragens, nos rios Cávado, Rabagão, Homem e Lima, com a destruição de aldeias inteiras, sem quaisquer benefícios para as populações locais, constituindo a machadada final no sistema comunitário, nos sistemas ecológicos, enfim, no milénar equilíbrio Homem/Natureza, nessa vasta região.

Mesmo as comunidades ainda sobreviventes estão, neste momento, encurraladas entre a água das albufeiras e os pinheiros dos florestais (Araújo, 1988, p. 8). Nestas condições, não há cultura, não há ecossistema, não há ambiente, não há desenvolvimento, não haverá Parque Nacional que resista!

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### 5 - Brincar em Vilarinho da Furna

Segundo Carlos Neto (1998, p. 161), “o jogo é um fenómeno natural que desde o início tem guiado os destinos do mundo: ele manifesta-se nas formas que a matéria pode assumir, na sua organização em estruturas vivas e no comportamento social dos seres humanos”. Ainda para este autor (1998, p. 167), o jogo é uma das formas mais importantes do comportamento humano, desde o nascimento até à morte, sendo essencial na formação da sobrevivência e no processo de desenvolvimento do homem.

E, relativamente às crianças, “jogar/brincar é uma das formas mais comuns de comportamento durante a infância (...)” (Neto, 2001, p. 194).

No entanto, deve ter-se em conta que, ao longo da história, a ideia de criança e infância passou por várias etapas, e foi-se consolidando de acordo com a época, o contexto socioeconómico e cultural, variando conforme o período, imprimindo na infância uma significação que se vincula às condições sociais, políticas e culturais (Sousa, 2009, p. 3).

Como refere Francineide Mesquita de Sousa (2010, p. 14):

"O conceito de criança nem sempre esteve relacionado com o de infância. Enquanto ser criança constitui um quadro que vai desde o nascimento até aos 12 anos de idade, a infância é uma construção social que está ligada a fatores de determinantes sociais, culturais, políticos e económicos que só passou a ser considerada a partir dos séculos XVII e XVIII. Sabe-se que os fatores dessa mudança são vários, incluindo aí a própria evolução histórica da sociedade".

No caso de Vilarinho da Furna, não havia grande variedade de brincadeiras ou brinquedos. E, desde cedo, as crianças começavam a imitar os adultos nas suas tarefas, num processo de socialização. Mesmo assim, algumas brincadeiras havia, geralmente diferenciadas por género. Para os rapazes, as brincadeiras mais usuais eram jogar: à

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

bola de trapos; ao pão; ao pau; às cartas; ao arco; à caça aos pássaros, com fisgas e até com armas de fogo artesanais, feitas com canos de guarda-chuva; às corridas com “motas” (uma espécie de tricículo feito de madeira); às barragens, no rio, simulando a barragem que havia de vir.

Numa foto do autor alusiva, de 1969, regista-se a brincadeira de dois irmãos, em que o mais velho conduz o mais novo, num carrinho de madeira. Mas, além da brincadeira, há aqui o aspeto do cuidar do irmão mais novo, que está todo confiante no mano mais velho, todo feliz com a brincadeira.

Entre as raparigas, as brincadeiras mais frequentes eram: bonecas de trapos; cabra-cega, macaca; escondidas; jogo da roda; jogo à corda.

Numa segunda foto alusiva, do autor, também de 1969, documenta-se três meninas a lavar, na água do rego, que passava pela aldeia, procurando imitar as mães, que lavavam no rio.

Era, sobretudo, nos domingos e nas festas do Senhor e da Imaculada Conceição que as pessoas de Vilarinho mais se divertiam.

Nesses dias, os jovens aproveitavam a tarde para dançar a chula, vira ou cana-verde, nas eiras da aldeia, ao som de uma concertina, que também podia acompanhar cantares à desgarrada (Antunes, 1985, p. 55).

Além daquelas festividades, o Natal era a grande festa da família. E a passagem do ano era assinalada com o cantar das janeiras pela miudagem, que percorria as ruas da povoação a cantar de porta em porta. No dia seguinte, Dia de Ano Novo, fazia-se o peditório, cujo produto de milho, batatas, cebolas e chouriços dava o suficiente para uma jantarada e mandar celebrar algumas missas pelas Almas do Purgatório (Antunes, 1985, p. 56).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

A Visita Pascal, era festa para toda agente da aldeia. Acompanhado da sua comitiva, o Sr. Abad distribuía Aleluias por todas as casas (Antunes, 1985, p. 56).

O casamento era também um momento de grande festa. Todos participavam na solenidade que iria fazer surgir um novo chefe de família, com os direitos e obrigações daí decorrentes (Antunes, 1985, p. 56).

Embora, não fosse, por natureza, um povo muito expansivo, a gente nova gostava de cantar, cantigas mais ou menos regionais das redondezas e outras mais recentes, vindas de mais longe. Não raro se ouviam as vozes dos rapazes ou raparigas a cantar pelo meio dos milheirais ou pelos montes da serra e a ecoar pelos recantos da montanha. Mas a forma mais típica era o canto à desgarrada, ao som de uma concertina (Antunes, 1985, p. 58).

### 6 - A destruição de Vilarinho da Furna

Os planos para um aproveitamento nacional dos rios portugueses datam das primeiras décadas do século XX. Mas é apenas com o Estado Novo que são lançadas as grandes obras de engenharia para a regularização dos principais cursos de água do país. Como refere Tiago Saraiva (2006, p. 0):

"A partir dos anos 30, inicia-se assim uma autêntica colonização interna de Portugal, com o Plano de Hidráulica Agrícola a prometer o povoamento de grandes áreas do território nacional. Nos anos do pós-guerra a tendência para pensar o país desde os gabinetes dos engenheiros em Lisboa intensifica-se, com os Planos de Fomento a financiarem não apenas ambiciosos projectos de irrigação como o Plano de Rega do Alentejo, mas sobretudo a canalizarem verbas para a construção de grandes barragens hidroeléctricas nas bacias do Cávado e do Zêzere.

Em 1936 foi criada a Junta de Colonização Interna (JCI), pelo Decreto-Lei n.º 27207, de 16 de Novembro de 1936, em cujas competências se incluía efetuar o reconhecimento e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

estabelecer a reserva dos terrenos baldios, terrenos públicos e até de propriedades privadas, beneficiárias de infraestruturas hidráulicas, para incrementar a atividade agrícola, com pessoas de áreas sobrepovoadas, na metrópole e nas colónias. Falhada a colonização das terras do sul, onde não houve um único latifúndio dividido para a formação de colonatos, a Junta de Colonização Interna voltou-se, essencialmente, para o norte do Tejo, Angola e Moçambique (Saraiva 2006, p. 8). No que a Vilarinho mais diretamente respeita, é emblemática a criação da Aldeia Nova do Barroso, a partir de 1944, convertendo baldios de uso comum em propriedade privada, com a reconversão da economia local para a produção especializada de batata.

Como sintetiza Tiago Saraiva (2006, p. 10):

"A conversão das populações locais à produção de batata foi um grande êxito, com a produção de batata e semente certificada a ganhar um lugar crucial na economia da região, finalmente integrada na economia nacional. Mas em 1957, 13 anos apenas após o início da colonização do Barroso, a pia retórica da colonização interna seria substituída pelo discurso da auto-suficiência energética. Uma grande barragem foi anunciada para a zona inundando os melhores terrenos dos recém-chegados colonos".

Outras barragens se lhe seguiram, no sistema Cávado, Homem, Rabagão, onde foram construídas, 8 barragens, sendo a última a de Vilarinho da Furna, inaugurada em 1972. Embora, desde finais de anos de 1940, se falasse na possibilidade da construção de uma barragem em Vilarinho da Furna, a decisão só foi tomada na década de 1960, depois do povo de Vilarinho ter ganho, em tribunal, um processo contra o Estado português (Antunes, 2005, pp. 193-197).

Por essa altura, também o presidente do conselho de administração da, então, Hidroeléctrica do Cávado (HICA), Eng.º José Albino Machado Vaz, assumiu a pasta do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ministério das Obras Públicas (12/4/1967-27/4/1968), do governo de Salazar.

Finalmente, o espectro da barragem que pairava sobre Vilarinho caiu sobre a povoação como um abutre esfaimado.

A companhia construtora da barragem chegou, montou os seus arraiais e meteu mãos à obra. Esta surgiu progressiva e implacavelmente.

O êxodo do povo de Vilarinho pode localizar-se entre setembro de 1969, quando, na aldeia, foram afixados os editais a marcar o tapamento da barragem, e outubro de 1970. A barragem foi tapada em fevereiro de 1971. Mas só foi inaugurada, com pompa e circunstância, em 21 de maio de 1972.

Segundo A. Lopes de Oliveira (s/d, p. 118):

"Após a bênção das novas instalações por D. Francisco Maria da Silva, Arcebispo Primaz, o Chefe do Estado dirigiu-se para a sala das máquinas, na companhia dos engenheiros Machado Vaz e Ivo Gonçalves. Às 12,40, o Chefe do Estado premiou o motor de arranque da central e assim iniciou, oficialmente, a vida de mais esta barragem".

Foi o mesmo Machado Vaz, que, na década anterior, havia trocado a presidência do conselho de administração da HICA pelo Ministério das Obras Públicas, para, logo de seguida, apressar o processo da construção da Barragem de Vilarinho da Furna.

Os habitantes de Vilarinho foram dispersos pelas mais variadas terras dos concelhos de Braga, Viana do Castelo, Ponte da Barca, Ponte de Lima, Barcelos, Vieira do Minho, Terras de Bouro, etc., etc., onde encontraram novas gentes, novos costumes.

Da vida e recantos da aldeia comunitária não resta mais que um sonho. Sonho que é continuado no Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna, construído com as próprias casas da aldeia comunitária, que se espera venha a ser um importante

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Centro de Cultura (Antunes, 1994, pp. 23-25).

### 7 - Para a valorização do património comunitário de Vilarinho da Furna

Apesar da destruição da aldeia, que ocasionou a dispersão da população, a morte transformou-se no princípio de uma vida nova para os “Desenraizados de Vilarinho da Furna”.

Os anos passaram e, hoje, essa população está organizada na Associação dos Antigos Habitantes de Vilarinho da Furna (AFURNA), criada em outubro de 1985, que tem por objetivo a defesa, valorização e promoção do património cultural, coletivo e/ou comunitário do antigo povo de Vilarinho.

Esse património de Vilarinho é, fundamentalmente, constituído pelas componentes histórico-cultural e socioeconómica. Daí as tarefas e/ou ações a desenvolver nas áreas da cultura, da formação, da investigação científica e do desenvolvimento económico-social. O que trará consigo, além do mais, a criação de um polo de desenvolvimento regional, com assinaláveis benefícios para o próprio país.

A aproximação do termo da construção da barragem, nos finais dos anos sessenta, levou o autor deste texto a estabelecer um programa de salvaguarda do património cultural de Vilarinho. Daí surgiu a ideia da construção do Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna. Vários anos se passaram e o Museu, feito com as próprias habitações da aldeia submersa, foi, finalmente, construído, pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, segundo projeto inicial dos Arqºs João e Delmira Rosado Correia, a escassos Km da antiga povoação de Vilarinho. A inauguração do edifício foi feita pelo, então, Primeiro Ministro, Prof. Doutor Aníbal Cavaco Silva, em 14 de maio de 1989.

Nesse Museu pretende-se, principalmente, documentar a vida de Vilarinho da Furna, nas suas semelhanças e diferenças com a dos outros povos da região. E fazer dele um Centro de Cultura polivalente, com as necessárias infraestruturas para o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento cultural e científico, ao serviço das populações da região em que se insere.

Neste momento, é muito gratificante verificar que, nas redondezas do Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna, já surgiram algumas empresas, com uma excelente oferta turística, aproveitando os recursos desta região.

Apesar de fortemente afetado com a barragem, o património de Vilarinho da Furna ainda conta com cerca de 2000 hectares de terrenos, dispersos pelas serras da Amarela e do Gerês. São terrenos comunitários que, devido às lutas contra as investidas dos Serviços Florestais, desde finais do séc. XIX, acabaram por se transformar numa propriedade privada dos descendentes dos outorgantes, naturais de Vilarinho, que constam de uma escritura de aforamento dos respetivos terrenos, feita pela Câmara Municipal de Terras de Bouro, em 17 de agosto de 1895.

Presentemente, é preocupação dos antigos moradores de Vilarinho da Furna proceder a um aproveitamento integral desse património. Para o que se prevê: a valorização dos referidos terrenos; a dinamização do Museu Subaquático de Vilarinho da Furna; um aproveitamento turístico que defenda e valorize o património ecológico existente.

Por tudo isso, é de crer que o conhecimento e divulgação do mundo rural desta região trará a sua promoção, levando os seus habitantes a conservarem os seus valores culturais, ao mesmo tempo que incentivará as populações locais a permanecerem na região, quando aí puderem encontrar postos de trabalho devidamente condignos. A melhoria das condições económicas acarretará a melhoria das condições de vida.

Tanto mais que, em torno do Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna, já se veio a constituir um Núcleo Museológico que, juntamente com o museu original, compreende uma das Portas do Parque Nacional da Peneda-Gerês, o Museu da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Geira e o Museu Subaquático de Vilarinho da Furna, além de todo o espaço museal, onde, além do mais, se faz a conservação da herança romana (com a sua via e marcos miliários), da rede dos trilhos pedestres, das cabanas dos pastores, do fojo do lobo, nas serras Amarela e Gerês (Antunes, 1985, 1994, 2005).

A implementação deste projeto, nas suas diversas componentes, reveste-se de singular interesse.

De facto, trata-se de um projeto integrado, que transformará esta zona num importante polo de desenvolvimento regional sustentável, com inestimáveis benefícios, não apenas para as populações aí residentes, mas para o próprio país, com inegáveis repercussões internacionais (Antunes, 1994, pp. 25-32).

### Conclusão

O meio rural, com o seu tradicional modo de vida, está hoje seriamente ameaçado por toda a Europa. A destruição, pura e simples, da aldeia comunitária de Vilarinho da Furna é disso um exemplo típico. Mas, parte do seu património conseguiu sobreviver. É esse mesmo património que os antigos habitantes de Vilarinho se propõem salvaguardar e valorizar. Protegendo a natureza, desenvolvendo a cultura e a ciência, criando postos de trabalho, melhorando as condições de vida das populações locais, com um projeto museológico de desenvolvimento sustentável. No interesse do nosso povo. Para benefício do país (Antunes, 1994, 32).

### Bibliografia:

AFURNA. Acedido em 19 junho de 2016, em <<http://www.citidep.pt/ngo/afurna/>>

Alarcão, J. (1988). *O domínio romano em Portugal*.

Mem Martins: Publicações Europa-América.

Alvará de 11 de Abril de 1815.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Alvará de 27 de Novembro de 1804.

Antunes, M. A. (2005). *Vilarinho da Furna: memórias do passado e do futuro* (2.<sup>a</sup> ed.). Lisboa: CEPAD/ULHT.

Antunes, M. A. (1994). *Requiem por Vilarinho da Furna: uma aldeia afundada*. Lisboa: Biblioteca da Universidade Lusófona.

Antunes, M. A. (1985). *Vilarinho da Furna: uma aldeia afundada*. Lisboa: A Regra do Jogo, Edições.

Araújo, J. A. (1988). Prefácio. In D. M. Silva, *Os Búrios. Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro*.

Capela, M. C. R. P., & Capela, J. V. (1982). *A gestão do património e actividades económicas nas comunidades agro-pastoris da serra do Gerês: Perspectivas dos regimentos dos séculos XVIII e XIX*. In A. V., *Terras de Bouro: o homem e a serra* (pp. 92-111). Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro.

Código Administrativo de 1842.

Decreto nº 187/71, de 8/05/1971

Decreto-Lei nº 27207, de 16 de Novembro de 1936.

Dias, J. (1948). *Vilarinho da Furna: uma aldeia comunitária*. Porto: Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Herculano, A. (1898). *Breves reflexões sobre alguns pontos da economia agrícola* (1.<sup>a</sup> ed. 1849). Opusculos (T. VII, pp. 21-44). Lisboa: Tavares Cardoso & Irmão, Editores.

Lei de 26 de Agosto de 1869.

Lei de 26 de Julho de 1850.

*Museu da Geira*. Acedido em 19 junho 2016, em <<https://www.facebook.com/MuseuDaGeira>>

*Museu Etnográfico de Vilarinho da Furna*. Acedido em 19 de junho de 2016, em <<http://www.cm-terrasdebouro.pt/index.php/2014-09-18-15-01-10/2014-09-18-14-49-48/museu-etnografico>>

Neto, C. (2001). *Aprendizagem, desenvolvimento e jogo de*

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

*actividade física*. In G. Guedes (Ed.), *Aprendizagem Motora: problemas e contextos* (pp. 193-220). Lisboa: Edicoes FMH.

Neto, C. (1998). *O desenvolvimento da criança e a perspectiva ecológica do jogo*. In R. Krebs, F. Copetti & T. Beltram (Eds.), *Discutindo o Desenvolvimento Infantil* (pp. 161-164). Santa Maria - Brasil: SIEC - Santa Maria.

Oliveira, A. L. (s/d). *Terras de Bouro*. Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro.

*Preâmbulo do Decreto n.º 187/71*, de 8 de Maio de 1971.

*Revista Ilustração Portuguesa*. Lisboa: 1908.

Ribeiro, O. (1948). *Prefácio*. In J. Dias, *Vilarinho da Furna: uma aldeia comunitária*, Porto: Instituto para a Alta Cultura, Centro de Estudos de Etnologia Peninsular.

Saraiva, T. (2006). *Paisagem tecnológica: as grandes barragens e a colonização do território português no século XX*. Comunicação apresentada ao 5.º Congresso Ibérico Gestão Planeamento da Água, Faro, Fundação Nova Cultura da Água / Universidade do Algarve, 4-8 dezembro.

Silva, D. M. (1988). *Os Búrios*. Terras de Bouro: Câmara Municipal de Terras de Bouro.

Sousa, F. M. (2010). *A brincadeira e o movimento: elementos fundamentais para o desenvolvimento social e psico-motor na educação infantil*. Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Educação Infantil, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

Sousa, F. M. (2009). *O movimento e a brincadeira, uma combinação que dar certo para o desenvolvimento da criança como ser ativo e participativo no "seu mundo" e para o mundo*. Manuscrito não publicado, Universidade Estadual do Rio Grande do Norte-UERN.

(MAA).

### **\*MUSEOLOGIA E INCLUSÃO:**

Sucintamente, deverá abranger estratégias de locomoção,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

visando a acessibilidade, orientação e mobilidade; tecnologias adaptativas/aplicativos eletrônicos de apoio; ergonomia/luminosidade; pavimentos táteis; audiodescrição; réplicas táteis; mapas em relevo; braille; LGP; SPC; meios humanos complementares de apoio; aperfeiçoamento e aplicação do "sapato GPS" para pessoas cegas, "luva para Língua Gestual", etc.

Visitar um museu, deambular por ele, "ver" e apreciar tudo o que o constitui, é "olhar" para esse todo com a multissensorialidade devidamente treinada e, claro está, na sua suplência substancialmente aumentada e complementada pela adequabilidade, em acessibilidade e usabilidade, dos recursos oferecidos pelo museu, sobretudo ao nível das competências inclusivas dos seus recursos humanos. (ADG).

### **\*MUSEOLOGIA INCLUSIVA:**

Ver **Museologia e Acessibilidade**.

Ver também **Museologia e Inclusão. Museu Inclusivo e Museologia Mundializada**.

### **\*MUSEU INCLUSIVO E MUSEOLOGIA MUNDIALIZADA:**

A abordagem nestes termos, e usando o conceito de "museu inclusivo" que surgira anteriormente, deve-se a François Mairesse, professor de Economia da Cultura e Museologia na Université Sorbonne Nouvelle-Paris e presidente do Comité Internacional de Museologia (ICOFOM) desde 2013, o qual tem vindo a publicar numerosos artigos e livros nas áreas da museologia, economia da cultura e mediação cultural.

A este propósito, transcrevemos a seguir parte do trabalho de análise de Maria José dos Santos Alves (ver site indicado infra):

«O termo museu inclusivo foi utilizado primeiro na língua

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

inglesa. Esse termo surgiu a partir dos anos 1990 na literatura para evocar a relação entre museu e visitantes deficientes e outros conjuntos de públicos normalmente excluídos do museu. Estes temas foram abordados no 21º encontro do ICOFOMLAM. A língua inglesa passou a ocupar um lugar de relevância na Museologia a partir da 2ª Guerra Mundial, mesmo o ICOM conservando sua sede em Paris, seu primeiro presidente foi um americano e a revista *Museum* era publicada em francês e inglês.

A influência francófona na Museologia internacional também é importante, através de Rievière e Varine, no desenvolvimento do pensamento museológico, na Museologia latina e na Nova Museologia. Os países do leste foram outros influenciadores, através da presença de seus profissionais no ICOM e no ICOFOM.»

[Ver site:  
<https://museologiafabico.blogspot.com/2017/05/resumo-o-museu-inclusivo-e-museologia.html>].

### **\*MUSEU TIFLOLÓGICO PORTUGUÊS:**

**Em preparação no âmbito da Casa da Tiflogia da Fundação Nossa Senhora da Esperança em Castelo de Vide.**

A Fundação Nossa Senhora da Esperança (FNSE), cuja génese remonta a 20 de Julho de 1863, graças ao instituidor João Diogo Juzarte de Sequeira e Sameiro do Asilo dos Cegos, com sede em Castelo de Vide, reconhecendo um grande interesse histórico-cultural, infocomunicacional e educativo no espólio museológico único na área da tiflogia que tem conseguido conservar, achou por bem público e de cidadania (necessariamente inclusiva) criar o Museu Tiflológico Português, na Casa da Tiflogia desta Fundação.

Considerando o estado avançado dos trabalhos em realização para, o mais rapidamente possível, se abrir ao público este

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Museu, e cientes da imensurável e valiosíssima informação (em suportes e formatos, acervos e espólios de variada natureza), no que se refere a pessoas cegas e com baixa visão e a instituições tiflológicas, à diversidade de materiais e objetos, dispersos no nosso país, tem vindo a FNSE a solicitar a possível colaboração a todas as instituições de e para pessoas com disfunção visual (ajuda imprescindível à luz dos objetivos em vista) para o enriquecimento intelectual, patrimonial e humano do Museu em referência em favor da causa da tiflogia em Portugal, sobretudo nas áreas da ciência, da cultura e da inclusão.

Neste sentido, para poder exhibir em espaço físico próprio e colocar (de forma acessível e interativa) na sua plataforma museológica, sem fronteiras, todas as instituições de e para pessoas cegas em Portugal e no estrangeiro, com as respetivas denominações, localizações, fins e *links* de partilha, tem a FNSE vindo a pedir informações e a disponibilidade de cada uma dessas instituições para o fornecimento ou empréstimo (ou disponibilizar o acesso em linha) de materiais como:

1. Cartaz ou cartazes, fotografia ou fotografias, logotipo, endereços postal e eletrónico, telefone e *fax* de cada uma das instituições.
2. Publicações (livros, revistas, jornais, em caracteres comuns, braille, áudio ou digital, áudio-livros) de e sobre pessoas cegas.
3. Livros e artigos de autores cegos e/ou livros e artigos sobre cegos de autores normovisuais.
4. Cartazes ou fotografias (imagens) de eventos para pessoas cegas e com outras limitações associadas, realizados em lugares físicos e/ou em linha/*online*.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

5. Cartazes ou fotografias (imagens) de Concursos realizados para pessoas cegas ou simultaneamente para pessoas cegas e normovisuais.
6. Fotografias de eméritos tiflófilos e tiflólogos normovisuais e cegos.
7. Biobibliografias e/ou fotografias de pessoas cegas ou normovisuais que devam ser recordadas na História da Tiflogia.
8. Materiais em relevo e audiotáteis ou fotografias dos mesmos.
9. Material braillográfico, pautas-braille, régua-braille, régua-ballu, punções, cubarismos... impressoras braille (mecânicas ou eletrônicas) ou fotografias alusivas.
10. Equipamentos tecnológicos e processos/meios complementares de leitura e escrita para cegos (cartazes ou fotografias alusivas).
11. Partituras de música em braille, livros de música em braille, instrumentos musicais ou fotografias dos mesmos.
12. Réplicas táteis ou audiotáteis de monumentos e/ou objetos diversos, mapas em relevo (*Thermoforme* ou material de outra natureza).
13. Exemplares ou fotografias de *Hardware/software* e tecnologias específicas/leitores de ecrã e formatos alternativos/imagens táteis e áudio-descrição para pessoas cegas e com baixa visão.
14. Cartazes ou fotografias alusivos a qualquer iniciativa ou acontecimento de caráter inclusivo.
15. Algo que mereça ser acautelado na área da tiflogia e com interesse museológico.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Isto porque, e servindo-nos da necessária redundância para melhor clarificar a ação museológica em referência, o Museu Tifológico Português pretende acessibilizar ao público em geral e às pessoas cegas e com baixa visão em especial assuntos e materiais que cubram as seguintes áreas e itinerários na tiflogia e inclusão:

### **16. Da Tiflogia à Braillogia/Braillologia?**

- Dos engenhosos e elementares processos de leitura e escrita para cegos à invenção do braille.
- Tiflogia, dactilografia e tiflotecnologia.
- Equipamentos elementares, tecnológicos e processos/meios complementares de leitura e escrita para pessoas cegas e com baixa visão.

### **17. Tiflogia, Tifloassociativismo, Infotecnologia, Equipamentos Culturais em Portugal:**

- Material biobibliográfico disponível nos arquivos da FNSE.
- Material braillográfico, pautas-braille, régua-braille, régua-ballu, punções, cubarítmicos e outros materiais.
- Livros em braille, livros/pautas de musicografia braille, livros de música em braille, livros de mapas em relevo tátil, os mais diversos.
- Instrumentos musicais, os mais diversos, fotografias (incluindo as da orquestra e das oficinas nos antecedentes da FNSE).
- Produtos fabricados por pessoas cegas (escovas e outros) nos antecedentes da FNSE.
- Réplicas de objetos diversos, animais embalsamados, mapas em relevo (búfalos, peixes, aves...), *Thermoforme*, *termoplástico* e outros.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Impressoras braille, equipamentos mecânicos e tecnológicos.
- Material audiotátil e relevos táteis diversos.
- Polivalência do Sistema Braille na leitura e escrita, na linguística e notação científica.
- *Hardware/software* e tecnologias específicas/leitores de ecrã e formatos alternativos/imagens táteis e audiodescrição para pessoas cegas e com baixa visão.
- Publicações em caracteres comuns de e sobre pessoas cegas em Portugal.
- Publicações em braille e áudio/sonoras, em suporte eletrónico/e-books disponíveis em Portugal.
- Eventos para pessoas cegas e com outras limitações associadas realizados em equipamentos fixos e em linha/*online*.
- Equipamentos culturais para pessoas cegas e com baixa visão existentes em Portugal (bibliotecas, museus, arquivos históricos, cinema, teatro...);
- Associações de e para pessoas cegas em Portugal.
- Centros de reabilitação e formação profissional de pessoas cegas em Portugal.
- Concursos para pessoas cegas em Portugal.
- Fotografias de eméritos tiflófilos e tiflólogos normovisuais e cegos em Portugal.

**18.** Espaços Biobibliográficos de Personalidades na Área da Tiflogia (em permanente alargamento e atualização):

**18.1.** Baltazar Dias (Dramaturgo e poeta cego da Ilha da Madeira - Século XVI).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**18.2.** José de Sousa (Erudito e poeta cego português - Séculos XVII-XVIII, Academia dos Anónimos).

**18.3.** António Feliciano de Castilho (Poeta, prosador, historiador, crítico, polígrafo, eminente vulto das letras portuguesas, cego desde os 6 anos de idade - Nascido em 28 de Janeiro de 1800 e falecido em 18 de Junho de 1875).

**18.4.** José Cândido Branco Rodrigues, normovisual português (Investigador e jornalista, humanista, tiflólogo, tiflopedagogo, fundador das primeiras Oficinas para Cegos em Castelo de Vide, de entre muitas iniciativas de indiscutível relevância - Nascido em 18 de Outubro de 1861 e falecido em 18 de Outubro de 1926).

**18.5.** Aniceto Mascaró (médico oftalmologista espanhol, tiflófilo e tiflólogo em Portugal - Nascido em Lladó, Gerona, na Catalunha, em 1842, e falecido em Lisboa em Abril de 1906).

**18.6.** José de Albuquerque e Castro (Professor, investigador e tiflólogo cego português - Nascido em 23 de Janeiro de 1903 e falecido em 15 de Abril de 1967).

**18.7.** Joaquim Guerrinha (Músico e tiflólogo cego português - Nascido em 1 de Fevereiro de 1913 e falecido em 21 de Fevereiro de 1976).

**18.8.** Fernando da Silva (Tiflólogo cego português - Nascido em 25 de Outubro de 1930 e falecido em 1 de Dezembro de 2008).

**18.9.** Assis Milton (Tiflólogo cego português, de nome completo Assis Milton Ovídio Rodrigues - Nascido em 27 de Agosto de 1942, na Cidade de Pangim, capital de Goa, e falecido em Lisboa no dia 20 de Março de 2006).

**18.10.** Filipe Pereira Oliva (Investigador e tiflólogo cego português - Nascido em 5 de Outubro de 1934 e falecido em 7 de Junho de 2009).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**18.11.** Orlando de Jesus Monteiro (Tiflólogo e político de reabilitação cego português - Nascido em 28 de Maio de 1931 e falecido em 4 de Outubro de 2009).

**18.12.** José António Lage Salgado Baptista (Tiflólogo e investigador cego português - Nascido em 26 de Junho de 1940).

**18.13.** Carlos Tomás Mourão Soares da Costa Pereira (Arquiteto cego, doutorado em Arquitetura, na área disciplinar da arquitetura e exploração de métodos qualitativos de avaliação do uso do espaço construído, métodos alicerçados na percepção sensorial do utilizador cego - Nascido em 26 de Julho de 1970, 1º Galardoadado com o “Prémio Fundação Nossa Senhora da Esperança, em 2014).

**18.14.** Fernando Bivar Weinholtz, normovisual (Médico Oftalmologista, investigador na área da visão/tiflogia, fundador e responsável pelo Gabinete de Subvisão do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto até Dezembro de 2016 - Nascido em 15 de Julho de 1947).

**19.** O Museu Tifológico Português Procurará ainda Integrar no seu Recheio Réplicas dos mais Diversos Monumentos Nacionais e Estrangeiros, no "Espaço **Réplicas Audiotáteis**".

**20.** Imediatamente, Procurará Elaborar e Disponibilizar no seu "Espaço Réplicas Audiotáteis" as Réplicas dos Seguintes Monumentos (para além de outros a ponderar), ao Abrigo de Projetos de Financiamento:

- Planta ou Maqueta Audiotátil de Castelo de Vide (assinalando em relevo e em áudio descrição o Castelo, o Convento de S. Francisco/FNSE...).
- Planta ou Maqueta Audiotátil de Coimbra (assinalando em relevo e em áudio descrição a Universidade e pontos/monumentos/ícones importantes e visitáveis).
- Planta ou Maqueta Audiotátil de Évora (assinalando em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

relevo e em áudio descrição o Templo de Diana e outros monumentos considerados importantes e visitáveis).

- Planta ou Maqueta Audiotátil de Lisboa (assinalando em relevo e em áudio descrição as sete colinas, Castelo de S. Jorge, Igreja da Sé, Panteão Nacional, Casa dos Bicos, Elevador de Santa Justa, Ruínas do Carmo, Centro Cultural de Belém, Fundação Champallimaud, Mosteiro dos Jerónimos, Padrão dos Descobrimentos, Palácio da Ajuda, Aqueduto das Águas Livres...).

- Planta ou Maqueta Audiotátil do Porto (assinalando em relevo e em áudio descrição a Torre dos Clérigos e outros monumentos considerados importantes e visitáveis).

- Selecionar e maquetizar, numa configuração audiotátil, um monumento histórico/ícone por Distrito (não esquecendo o Cristo Rei), que reúna interesse histórico e cultural e motivos de atração turística.

(ADG).

### **\*MUSIBRAILLE:**

O Musibaille trata da importância da partilha de informação junto ao código de música em braille, mais concretamente, na criação de uma plataforma digital de acesso a partituras em tempo real na comunicação com os professores de música, instrumentistas, Escolas de Música e Universidades, devendo estar acessíveis às pessoas cegas para facilitar o aprendizado da musicografia braille e a interação com músicos de visão normal, reforçando as práticas da infocomunicação inclusiva. Palavras-chave: infocomunicação, musicografia braille, plataforma digital, Musibaille.

(DT).

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

**\*MUSICOGRAFIA BRAILLE:**

Ver **Grafia Braille para a Música**.

**\*MÚSICA E INCLUSÃO:**

Em definição.

(CAP).

**\*MUSICOTERAPIA:**

Em definição.

(JPC).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## N

**\*NAPDV:**

**Ver Núcleo de Apoio ao Professor Deficiente Visual.**

**\*NBMCL:**

**Ver Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura.**

**\*NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS:**

Na história da educação especial, gradualmente, e sobretudo depois da generalização do modelo social da deficiência tem sido muito significativa e marcante a mudança do enfoque no "caso" para o enfoque no ambiente. Nesse quadro foi um marco histórico em Inglaterra a divulgação do Warnok Report Special Education Needs, publicado em 1978 e legislado em 1981 pelo "Education Act". Foram grandes as mudanças introduzidas pelo comité de investigação constituído para este estudo coordenado por Helen Mary Warnock, desenvolvendo um trabalho de estudo e pesquisa, entre Setembro de 1974 e Março de 1978, onde as propostas apresentadas são muito avançadas para a época, a saber:

- 1 -** Substituir o paradigma médico e adotar o paradigma educativo, através da identificação e avaliação das necessidades especiais;
- 2 -** Substituir a designação de deficiência pelo conceito de necessidades educativas especiais onde se incluem todas as crianças com ou sem deficiências que apresentem dificuldades ao longo do seu percurso escolar;
- 3 -** Mobilizar meios, técnicas especiais e métodos de ensino especializados para que os alunos possam aceder ao currículo normal;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- 4 -** Dar apoio a todas as crianças independentemente do carácter temporário ou permanente das suas dificuldades;
- 5 -** Promover, quando necessário, modificações do currículo de modo a adaptá-lo às necessidades, apoio educativo e materiais específicos necessários face à problemática apresentada;
- 6 -** Promover modificações arquitetónicas, reduzir o número de alunos nas classes, de modo a facilitar a frequência das escolas regulares;
- 7 -** Prever mudanças na formação dos professores;
- 8 -** Tomar em devida nota a importância da prevenção e da intervenção precoce;
- 9 -** Prever, a seguir, ao período de escolaridade, o desenvolvimento de competências necessárias à autonomia e à integração social, de modo a consolidar as aprendizagens, desenvolvendo processos de transição para a vida ativa.

Em Portugal, conforme as indicações do Woarnock Report, também foi introduzido o conceito de Necessidades Educativas Especiais (NEE), publicando-se, em Agosto de 1991, o Decreto-lei 319/91 que introduz o referido conceito, bem como descremina as NEE de tipo temporário e permanente. Esta mudança legislativa acabou com a categorização de âmbito médico, até aí muito utilizada. A educação das crianças com NEE foi gradualmente assumida pela escola regular e atribui um papel mais interventivo às famílias, definindo, ainda, um conjunto de medidas que se destinavam a aplicar no Plano Educativo Individual, instrumento de seguimento e organização dos recursos a mobilizar para fazer face às necessidades especiais.

Este processo de rutura com a categorização foi um passo muito importante para os direitos à educação das crianças e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

jovens com necessidades especiais, pois já, desde os anos 90, Rodrigues (1991), fazia uma crítica muito contundente à categorização e à segregação que a mesma arrastava. Dizia, então:

- a)** Que as categorias são educacionalmente irrelevantes, pois fornecem um número muito restrito de informação que ajudem ao programa educativo;
- b)** Os agrupamentos de categorias sobrepõem-se, pois as crianças não se enquadram em categorias únicas pela multifactorialidade dos seus problemas;
- c)** As categorias rotulam as crianças como "deficientes", concluindo que o problema se encontra unicamente na criança;
- d)** As estratégias educacionais a utilizar não são exclusivas de uma determinada categoria;
- e)** A formação de professores baseada em categorias implicava uma hiper especialização que cria barreiras dentro da profissão;
- f)** Os padrões de financiamento, baseado nas categorias, conduzem à perpetuação do enfoque médico centrado na categorização.

Estas mudanças abriram caminho à integração das crianças nas escolas regulares, a um ensino mais individualizado, a uma concepção de que a escola é um espaço de heterogeneidade e de que será necessário encontrar processos para que todos possam ter condições de aprendizagem ajustadas às suas necessidades e potencialidades. As adaptações curriculares, as ajudas técnicas, a acessibilidade à escola, o contacto das crianças e jovens uns com os outros, o ajustamento dos professores à nova realidade transformou a escola num espaço mais democrático, mais aberto e de maior

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

respeito pelo direito à educação.

Como nota final, é necessário deixar bem claro que necessidades educativas especiais não significa que as crianças são "especiais" pelas suas características específicas, mas o que é enfatizado é que os meios, os recursos, a mobilizar é que são especiais, são os adequados, favorecendo o acesso à educação e às experiências educativas, reforçando-se que é determinante o envolvimento social e as atitudes como fatores favoráveis aos processos educativos.

### Referências Bibliográficas:

RODRIGUES, D. (1991). *As Necessidades Educativas Especiais e a Intervenção*. Em David Rodrigues (org.), *Métodos e Estratégias em Educação Especial* (pp. 41-57). Lisboa: Universidade Técnica de Lisboa - Faculdade de Motricidade Humana.

(DR).

### **\*NECESSIDADES ESPECIAIS:**

Ver **Necessidades Educativas Especiais**.

### **\*NEGLECT:**

O "*Neglect*", referido na literatura como negligência unilateral, heminegligência, negligência hemi-espacial, hemi-inatenção, negligência visuo-espacial, corresponde a uma redução no processamento de e na resposta a um estímulo contra-lesional (i.e., para a lesão do hemisfério direito estímulos do lado do hemicorpo à esquerda) e é um défice muito frequente e habitual após lesão do hemisfério direito. Embora o *neglect* seja mais comumente referido na literatura como um défice de atenção dirigida, outras teorias de défices perceptuais, representacionais e sensoriomotores

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

têm apresentado explicações deste fenómeno que estão para além do défice de atenção (Blake, 2018; Kerkhoff, 2001, referido por Vital, 2018).

São descritos na literatura, três formas de *neglect*, em termos de região e espaço (Appelros et al., 2007; Buxbaum et al., 2004, referido por Vital, 2018):

- pessoal (próprio corpo), que resulta em vestir-se, pentear-se apenas do lado direito do corpo;
- peripessoal (espaço ao alcance de um braço), resulta em défices na leitura, escrita, cópia, desenho, tarefas de cancelamento (e.g. linhas), etc.
- extrapessoal (espaço para além do alcance de um braço), resultando em dificuldades com a navegação (colidindo com objectos que estejam do lado esquerdo) ou problemas a encontrar objectos que estejam posicionados no lado esquerdo de uma sala.

Os três tipos de *neglect* podem coexistir, sendo mais comum o *neglect* peripessoal. É de realçar que alguns autores associam os *neglect* peripessoal e extrapessoal numa única categoria que designam *neglect* extrapessoal (Blake, 2018, referido por Vital, 2018).

Existe um *neglect* específico relacionado com a função da leitura - negligência disléxica, em que ocorrem erros restritos ao lado esquerdo das palavras ou linhas de texto, relacionados com a percepção e o processamento inicial da forma das letras (devem-se colocar de parte défices nos processos de leitura central fonológicos ou grafémicos). A negligência disléxica envolve erros de omissão, substituição, adição (mais raro) de letras (Vital.2018).

A negligência disgráfica é uma perturbação da escrita que se caracteriza pela repetição de letras ou pelo acrescentar à letra traços que lhe são característicos, omissões, linhas inclinadas de palavras ou texto, utilização apenas do lado direito da página, erros de divisão de palavras, entre outros (Vital,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

2018).

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

### **\*NICHOLAS SAUNDERSON:**

Ver **Saunderson, Nicholas**.

### **\*NICTALOPIA (Oftalmologia):**

Nos países de língua não inglesa significa Cegueira diurna, o oposto de Hemeralopia.

Em Portugal tem os dois significados.

(FBW).

### **\*NORMAL (No plano físico e mental):**

Atribuído ao estado de uma pessoa que não tem deficiência. Conceito anómalo, análogo a escorreito, geralmente usado e aplicado a um ser vivo, em regra humano, sem problemas (incapacidades de ordem diversa) que o identifiquem com algum domínio da problemática da deficiência.

(ADG).

### **\*NORMOVISUAL:**

Neologismo para designar a pessoa que tem o sentido da visão normal.

(FPO).

**\*A NOSSA VISIBILIDADE, AUDIBILIDADE E SENSORIALIDADE NO QUE SOMOS E OBSERVAMOS:**

São conceitos e constatações sensitivas que estão, no seu conjunto, nas nossas facetas sensíveis, verbais, paraverbais e nos mais diversos processos e manifestações comunicacionais: na voz ou nos gestos em que se espelha a alma dos quereres, alegrias, loucuras, fascínios e tristezas... Na escrita e nos outros veículos de comunicação e cultura, que nos perpetuam, e em que se grafa, pinta, arquiteta, monumentaliza e reflete a nossa marca, razão, emoções e ações...

(ADG).

**\*NOTA DE TRANSCRIÇÃO:**

Ver **Nota do Transcritor**.

**\*NOTA DO TRANSCRITOR:**

Registo feito em qualquer parte de um texto para dar esclarecimentos ou orientações quando se atribui significado a um determinado símbolo braille não convencionado, ou para justificar uma omissão necessária, para descrever dados visuais, e ainda noutras situações.

(FPO).

**\*NOTAÇÃO CIENTÍFICA:**

Símbolos braille e respetivas regras de aplicação utilizados na escrita das diversas ciências.

(FPO).

**\*NUMERAÇÃO DOS PONTOS BRAILLE:**

Ver **Ordem dos Pontos Braille**.

**\*NÚCLEO DE APOIO AO PROFESSOR DEFICIENTE VISUAL (NAPDV):**

(Este artigo não respeita o Acordo Ortográfico em vigor)

Napdv - Uma Experiência Pioneira na Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário

Procuramos delinear, numa síntese possível, todo um conjunto de acções e de actividades desenvolvidas pelo Núcleo de Apoio ao Professor Deficiente Visual (NAPDV), entre 1980 e 1990, período em que fez parte do Organigrama da Direcção de Serviços do Ensino Preparatório (DSPRE) na Divisão de Apoio Pedagógico (DAP) da Direcção-Geral do Ensino Básico e Secundário (DGEBS).

Claramente, nunca foi nossa pretensão esgotar o tema. A sua complexidade e vastidão teriam permitido estudos aturados a vários níveis, bem assim uma abertura a experiências diversificadas que, no entanto, por escassez de tempo, não nos foi dado analisar em profundidade nem sujeitar a posterior divulgação e debate entre todos os intervenientes no processo educativo.

A formação daquele Núcleo partiu da acentuada necessidade de oferecer aos professores deficientes visuais do Ensino Preparatório, nas disciplinas em que leccionavam (Português, Francês, Inglês, História, Educação Musical) melhores condições de exequibilidade no seu trabalho, pela criação de estruturas de base que proporcionassem, se não as mesmas, pelo menos algumas das possibilidades de que desfrutavam os outros docentes e ainda um conjunto de medidas que ajudassem a transpor a sua deficiência.

Isso não anula nem desprestigia, antes torna mais dignificante o trabalho levado a cabo por vários professores deficientes visuais que, tendo singrado desde longa data na carreira docente, sem quaisquer apoios oficiais, (portanto, muito antes da criação do NAPDV) obtiveram, ano após ano, a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

confirmação de que a sua opção fora correcta, de que os resultados obtidos os instigavam a que prosseguissem, a certeza, afinal, de que a deficiência visual não era factor impeditivo na docência, mas que impunha, isso sim, um trabalho exigente e muito pessoal de superação.

O Núcleo de Apoio ao Professor Deficiente Visual iniciou a sua acção em Setembro/Outubro de 1980, começando do nada, sob a coordenação de **Dalila de Jesus Guerrinha**, destacada para o efeito, por vivenciar os problemas da deficiência visual, quer na generalidade, quer no caso específico dos indivíduos que, com habilitação própria, concorreram ao ensino e cuja inserção acompanhava de perto. Logo então, definiu objectivos de acentuada prioridade e que é oportuno registar aqui:

1. Integrar o Professor Deficiente Visual no ensino, permitindo-lhe o acesso a cursos, reciclagens, encontros... para actualização pedagógico-didáctica;
2. Proceder à divulgação de todo o apoio documental que pareça prioritário, para que o professor esteja, à partida, em pé de igualdade com os restantes professores;
3. Tentar solucionar, nuns casos individualmente, noutros a nível de grupo, a elaboração de material didáctico;
4. Ajudar o professor, sobretudo o inexperiente, a encontrar a forma mais adequada de trabalho com os alunos;
5. Mentalizar as Escolas, no sentido de se estabelecer cooperação entre o professor deficiente visual, de acordo com as suas competências (Membro do Conselho Directivo, Director de Turma, Delegado de Disciplina, Professor Efectivo, Professor em Profissionalização, Professor Provisório, com ou sem habilitação própria) e os restantes elementos do corpo docente.

Para dar pleno cumprimento a estes objectivos traçados, e na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sua oportunidade, iniciou-se uma tarefa árdua e difícil para a qual, permitimo-nos afirmar, conscientes do esforço realizado, nenhum contributo material compensaria o empenhamento no trabalho, a alegria de o apresentar a tempo e horas, a certeza de que iria ser útil.

Mas, só se tornaram possíveis os passos mais consistentes nesta iniciativa, graças à colaboração da colega Aida Bruno Coelho que, por se ter integrado neste Núcleo como professora cega que era, procurou, durante os dois primeiros anos, dar a sua colaboração totalmente espontânea e gratuita, num ritmo sem horários e sem descanso, após o cumprimento diário do seu horário lectivo. Só aceitou destacamento no NAPDV a partir do terceiro ano (1982-83), mas exigindo sempre uma turma na Escola.

Também algumas entidades souberam corresponder prontamente à nossa solicitação:

1. O Centro de Produção de Material de Lisboa emprestou várias resmas de papel “Termophorm”;
2. A Escola Preparatória de Francisco Arruda facultou as primeiras termocópias;
3. A Divisão do Ensino Especial emprestou papel e um “Termophorm”;
4. A Câmara Municipal de Lisboa e o Centro Infantil Helen Keller puseram ao nosso dispor máquinas de Braille Perkins.

Do mesmo modo, os superiores hierárquicos de então - Dr<sup>a</sup> Maria Helena Valente Rosa (Directora-Geral), Dr. Vítor Barros (Director de Serviços) e Dr<sup>a</sup> Aura Goulão (Chefe de Divisão da Acção Pedagógica) - souberam compreender a dimensão deste trabalho, dando seguimento a propostas para aquisição da maquinaria que nos tinha sido provisoriamente facultada, pelo que passou a fazer parte do NAPDV um

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Termophorm, sete máquinas Perkins, dois gravadores de cassettes, conjuntos de recortilhas e outros utensílios para efectuar os relevos; posteriormente, adquiriu-se uma Guilhotina e uma Máquina de Encadernação. Como material de desgaste (resmas de Papel Termophorm, resmas de cartolina para escrever na Perkins, vários blocos de cassettes virgem e Argolas de diferentes dimensões para as brochuras.

Toda a actividade desenvolvida pelo Núcleo, durante o primeiro ano lectivo, procurou atender as necessidades mais prementes dos professores em profissionalização, sem esquecer, obviamente, os restantes, para os quais enviou, entre outra documentação, aquela que ia sendo distribuída nas diferentes reciclagens promovidas pela Direcção-Geral do Ensino Básico.

Mas, para além deste material que se insere no âmbito de didácticas específicas, houve também, desde o início, o cuidado de seleccionar e transcrever alguns textos de conteúdo psicopedagógico, comumente mencionados pelos professores que valorizavam a sua actualização científica.

E situamo-nos, de momento, nos conteúdos do segundo objectivo definido “Proceder à divulgação de todo o apoio documental que pareça prioritário, para que o professor esteja, à partida, em pé de igualdade com os restantes professores”. Para lhe dar cumprimento mais amplo, numa tentativa já de corresponder às primeiras solicitações, passaram a ser divulgadas em braille convocatórias para reuniões e respectivas agendas de trabalho, circulares, excertos do Diário da República e todas as informações referentes à Profissionalização em Exercício, bem como os diferentes projectos específicos, todos eles recheados de relevos e gráficos realizados pela Coordenadora do NAPDV e testados pela Professora Aida Bruno Coelho.

Os 37 Boletins da Profissionalização, pela sua extensão, foram enviados em suporte audio.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Contudo, aquelas tarefas de escrita e de revisão, aliás, demasiado morosas e altamente desgastantes, remetiam-nos para uma outra problemática que, num parêntesis, nos permite lançar uma reflexão sobre a forma como então se estava a processar a aprendizagem do braille pelos nossos jovens deficientes visuais. A quem as culpas?!

Escrever um texto em braille correspondia a uma exigente “leitura/ditado” com transcrição simultânea, num sistema de estenografia, assaz complexo, mas que reduzia sensivelmente a metade a extensão do documento. E escrever em braille tornava-se uma exigência do quotidiano, quase uma obsessão. A revisão só fazia sentido em termos de rentabilidade de trabalho, se houvesse uma troca de impressões acerca dos erros detectados para que se não repetissem.

Os passos seguintes eram a duplicação, o alceamento a encadernação e o envio, no total seis etapas também elas supervisionadas pela professora Aida Bruno Coelho e que, no seu todo, absorviam de tal modo o tempo, que impediam muitas vezes a reflexão e a implementação de novas actividades. Tudo se processava num ritmo verdadeiramente galopante como se o NAPDV pretendesse, num escasso período de tempo, compensar os professores deficientes visuais de toda a ausência de documentação a que tinham sido votados em todo o seu trabalho anterior.

Importa salientar que todo este processo, ainda que limitado pelos condicionalismos referidos e por um sistema burocrático de contratação experimental na base da tarefa que, na verdade, não conferia estabilidade a qualquer nível, não impediu, contudo, que este Núcleo tivesse concretizado ao fim do primeiro ano de actividade um apreciável número de brochuras, que resultou de um trabalho em equipa, pedido com instância e realizado com dedicação e entrega.

E, na orientação do trabalho dos tarefeiros, a par de Aida Bruno Coelho, parece chegada a oportunidade para sublinhar a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

colaboração da colega Maria Olívia F. A. Dias Nogueira, cujo trabalho anterior e sentido de responsabilidade nos foram dados conhecer; também o seu contributo foi oferecido, sem reservas e a qualquer hora, tendo assumido determinadas responsabilidades que, paulatinamente, a foram sensibilizando para todas as actividades do Núcleo; mais tarde, sentida a necessidade de integrar mais um elemento no NAPDV, pareceu-nos justo, na hora própria, propor o seu destacamento.

O encadear desta exposição projectou-nos para o segundo objectivo, porque, na verdade, ele está em permanente interacção com o primeiro: “Integrar o Professor Deficiente Visual no ensino, permitindo-lhe o acesso a cursos, reciclagens, encontros... para actualização pedagógico-didáctica”.

De facto, a própria orgânica do NAPDV promoveu encontros regulares entre os professores deficientes visuais, proporcionando a muitos, talvez, a primeira oportunidade de participação numa reciclagem, com exigências até de deslocação e recurso à guia de marcha ou preenchimento de boletim itinerário.

Ainda que as diferentes agendas de trabalho tenham tido, porventura, um cunho muito específico, a linha metodológica seguida não se afastou do comum: exposição, debate, trabalho de grupo, conclusões.

Nestes encontros, habitualmente de três dias em regime fechado, um em 1980, três em 1981 e um por ano desde 1982 a 1987 inclusive, procurámos que tomasse lugar a habituação por uma intervenção sistematizada e oportuna, num clima adequado de inscrições pelo direito à palavra.

No que respeita à actualização pedagógico-didáctica que preconizámos, cremos que estes dez Encontros geraram, pelo menos, disponibilidade interior para exigir informação, numa verdadeira luta para tocar aquela meta, já que, pela primeira

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

vez, os professores cegos puderam receber, sessão a sessão, textos, documentos e até mesmo uma pequena lista bibliográfica, em braille.

Todavia, esta prática conseguiu ultrapassar o âmbito dos referidos encontros, pois que, numa jogada que procurou ser de antecipação, graças a um contacto atento e permanente com os diferentes gabinetes da DSPRE nas disciplinas em que leccionavam professores deficientes visuais, tínhamos acesso prévio às agendas de trabalho e respectivas convocatórias que, imediatamente transcritas em braille e enviadas, chegavam quase sempre primeiro às Escolas do que as que seguiam as vias habituais. A complementar esta acção, e por idêntico processo, conseguíamos distribuir ao professor deficiente visual, integrado em qualquer curso, os mesmos elementos documentais que os seus colegas recebiam na hora própria, dando assim pleno cumprimento aos dois primeiros objectivos, em mútua relação, como já se referiu.

Alongaria demasiado este Artigo, discorrer sobre as diferentes Agendas de Trabalho que se enquadraram em três grandes grupos: Cursos de Didácticas Específicas (Educação Musical e de Português); Acções de Formação de Carácter Psicopedagógico e Didáctico; Acções de carácter específico, inerentes à Deficiência Visual. Do mesmo modo, fica em aberto uma definição do perfil de cada monitor em todos estes Encontros. Apenas uma palavra imprescindível para Aida Bruno Coelho que monitorizou, entre muitas outras, acções sobre as técnicas de manipulação dos meios auxiliares: Projector de Diapositivos e Máquina de Filmar de 16mm com audições comentadas.

Quanto ao terceiro objectivo, “Tentar solucionar, nuns casos individualmente, noutros a nível de grupo, a elaboração de material didáctico” foi também uma preocupação que nos impusemos, mas que urgiu ser previamente repensada em todos os pormenores, antes de passarmos à sua execução.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Relativamente à disciplina de Educação Musical, sem querermos, contudo, fazer tábua rasa de uma longa experiência na elaboração de material didáctico, não recusámos outros contributos, pelo que, em Junho de 1981 nos deslocámos oficialmente junto do colega Renato Luís Espada, professor efectivo de Educação Musical na Escola Preparatória de Portimão, para um estudo minucioso e análise do seu projecto, relativo à construção de material didáctico na área da disciplina que leccionava.

Para tal, houve um intercâmbio da experiência deste professor com a da professora Aida Bruno Coelho que, no decurso da sua prática lectiva anterior tinha vindo a utilizar material didáctico diferente, o que naturalmente suscitou vivo debate e um caminho mais criterioso.

Deste ajuste que foi importante fazer-se, resultou um material mais bem concebido e completo, que não oferecia aos professores deficientes visuais quaisquer dificuldades de manipulação na sua prática lectiva diária, além do mais, esteticamente aliciante, não só para eles próprios, como também e, sobretudo, para as nossas crianças.

Contudo, o empenhamento por mais esta tarefa, igualmente absorvente, redundou numa procura exaustiva de matéria prima adequada, borracha magnetizada, e num precioso dispêndio de tempo para a sua confecção, para que cada professor pudesse receber, quanto antes, o seu conjunto de figuras musicais magnéticas e de símbolos instrumentais, a aplicar num quadro igualmente magnetizado e com pautas de música, cujo relevo era feito em fita dymo.

Ainda sobre este material magnético e respectivos quadros, cuja produção foi assumida, num ritmo absolutamente invulgar, pela professora Maria Olívia Nogueira, de acordo com o estudo e as orientações da professora Aida Bruno Coelho e, por esta, permanentemente testado, começou por ser manual - mais de 4000 figuras recortadas na tal borracha

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

magnetizada; passou, depois, a ser “tirado” em prensa e com moldes devidamente estudados e corrigidos pelas três professoras intervenientes no NAPDV. Por falta de tempo e também de ambição, não foi registada a patente deste material que circulou em todo o País, para benefício dos Professores Deficientes Visuais que leccionavam Educação Musical e de todas as crianças suas alunas.

Cite-se o testemunho de Aida Bruno Coelho, em reunião de grupo na sua Escola, onde era Delegada de disciplina de Educação Musical: “na minha prática lectiva, uso este material musical aderente a um quadro magnético, por mim manuseado, pois é ao professor que compete superar, pelos seus próprios recursos, as lacunas da escrita no quadro. Assim, posso trabalhar as músicas que me interessam, recorrendo a um *stock* variado de figuras musicais, por sinal bem atraentes, porque têm cor e, do mesmo modo, aceder a um ritmo para percussão corporal ou instrumental, com base nos símbolos que coloco sobre as figuras, desde as palmas às clavas, ao prato, aos ferrinhos, à caixa chinesa, etc. Na sua relação e contacto no dia-a-dia, a criança sente-se tão à vontade na aula, que esquece que o seu professor é deficiente visual.”

In, Acta de disciplina, Março de 1982

Quanto à disciplina de Português, comum aos professores que leccionavam também Francês, Inglês ou História, preparou-se diverso material para ser manipulado pelos professores em condições de sucesso, com recurso ao Retroprojector e a uma colecção de acetatos, sobre temáticas integrantes no programa da disciplina: Banda Desenhada, Documentos diversos de uso nos CTT, Árvore Genealógica. O professor recebia em braille o traçado exacto de cada um dos documentos, podendo guiar o aluno no preenchimento funcional dos mesmos, de acordo com o exercício que lhe era solicitado. Na disciplina de História, criaram-se diversos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mapas de Portugal com colagens e relevos, de acordo com o manual utilizado em cada Escola e como suporte do mesmo. Também estes instrumentos de trabalho afectos ao Português e à História, foram discutidos pelas Professoras que integravam o NAPDV e realizados por Maria Olívia Nogueira.

O quarto objectivo “Ajudar o professor, sobretudo o inexperiente, a encontrar a forma mais adequada de trabalho com os alunos” era de todos, talvez, o mais virado para as potencialidades de cada uma de nós como professoras, porque nos projectaria directamente na função docente, ao fazermos veicular a nossa experiência, porventura mais longa no contacto com os alunos.

Porém, esta actividade que não recusaríamos, só a teríamos exercido se para tanto fôssemos solicitados, dado que é de extrema susceptibilidade abordar um professor, para com ele planificar determinada etapa do seu “programa” de aulas. De facto, assim veio a acontecer anos mais tarde, e foi-nos grato ajudar a situar, a transmitir experiências e, enfim, a introduzir em toda a dinâmica do processo educativo alguns colegas menos experientes, porque recentemente colocados.

Todavia, e vendo ainda a relação pedagógica sob outro prisma, definimos, logo de início, uma linha de rumo que nos permitiu auscultar determinadas carências dos professores e às quais procurámos responder.

É que no seu sentido englobante, só se pode falar de relação empática professor/alunos quando tiver sido criada na turma uma estabilidade emocional a todos os níveis, que se vincula, necessariamente, a um bom relacionamento afectivo e a uma franca afirmação de capacidades. Por exemplo, a forma inteligente como o professor manipula e faz manipular o livro adoptado na Escola e que os alunos, porque o compraram, gostariam de utilizar na sua aula é, muitas vezes, o segredo do sucesso. Só quem entendeu esta dimensão, poderia

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

também compreender a angústia de alguns professores que, pela especificidade da sua própria deficiência, se sentiam impedidos de folhear, conhecer, ou fazer consultar o livro que não possuíam em braille.

Foi neste sentido que o NAPDV oficiou junto do Centro de Produção de Material de Lisboa e de Coimbra, a fim de obter para os nossos professores, a preço de capa e não a preço de página, como estava instituído e saía caríssimo, os livros já existentes (feitos expressamente para crianças com deficiência visual) e que também a eles eram necessários porque adoptados nas suas Escolas. Assim se requisitaram, ano após ano, de acordo com as necessidades de cada professor e com a listagem de material existente, diferentes manuais em Braille, em texto ampliado ou em “cassette”.

Mas, para a disciplina de Educação Musical, nenhum Centro de Produção de Material, nem mesmo a Imprensa do Porto produzira qualquer manual em vigência nas Escolas, pelo que o NAPDV resolveu dar início a uma longa e árdua tarefa - a de transcrever em braille o livro “Eu e a Música” Nº 1, na altura o mais solicitado pelos nossos professores.

Experiência totalmente nova e aparentemente irrealizável, por estar este manual mais consagrado ao desenho do que à palavra, mais à escrita por relatividade, do que à escrita com Clave definida, isto é, valor absoluto dos sons.

Não há lugar para o exagero se ficar aqui registado quanto cada palavra, cada desenho, cada gráfico, cada página, cada sessão foram, individualmente e no seu conjunto, cuidadosamente estudadas, calculadas, experimentadas, rascunhadas e, finalmente aprovadas, mercê de um esforço extraordinário que implicou totalmente duas colegas durante o ano lectivo 1980-81, Aida Bruno Coelho e Maria Helena Redol. Esta, há longos anos ligada ao Ensino Especial, soube executar, com todo o carinho e o mais fielmente possível, um trabalho a que ninguém recusará um verdadeiro cunho

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

artístico; aquela, que soube orientar e sugerir, mercê de um profundo sentido estético e extraordinária sensibilidade, o mais pequeno pormenor de um texto, quase todo dedicado à imagem, numa feliz, exigente e harmoniosa adaptação que pudesse ser percebida quer pelo professor, quer pelo aluno cego.

Oportuno ainda referir, por ser de extraordinário realce, que até mesmo um qualquer professor de Educação Musical, tendo na sua aula uma criança cega, poderia, analisando comparativamente os dois livros, orientar o seu aluno de forma mais adequada. E é assim que a criança, apalpando determinadas texturas, consciencializa a forma correcta das figuras que os seus colegas vêem e desenhavam.

Sublinhe-se que este trabalho pioneiro foi devidamente apreciado por um grupo itinerante de pedagogos e especialistas suecos, a convite do NAPDV, por estarem de visita a Portugal ao Centro de Recursos da Divisão do Ensino Especial, sitiado na DSPRE, tendo sido considerado uma obra única na Europa, senão no Mundo, em termos de adaptação gráfica e de análise comparativa entre os dois exemplares.

No ano seguinte, feita uma avaliação ao trabalho implementado no ano anterior e, no tocante à disciplina de Educação Musical, foi consensual concluir a tarefa iniciada, e assim “Eu e a Música” Nº 2 começou a crescer, impulsionado por uma alegria interior serena, mas racional, pelas muitas solicitações que nos chegavam das escolas, diríamos mesmo, pelos aplausos recebidos que estimulavam o ego.

Em função do resultado, outros dois autores de manuais desta disciplina, diligenciaram junto do NAPDV que os seus livros também fossem adaptados ao Sistema Braille, o que teve de ficar sem resposta pela falta de tempo real para mais essa tarefa.

E, finalmente, no sentido de dar prosseguimento ao quinto

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

objectivo definido “Mentalizar as Escolas, no sentido de se estabelecer cooperação entre o professor deficiente visual de acordo com as suas competências (Membro do Conselho Directivo, Director de Turma, Delegado de Disciplina, Professor Efectivo, Professor Provisório, com ou sem habilitação própria) e os restantes elementos do corpo docente”, muito pouco se conseguiu, de início.

Por um lado, e com base no Ofício 0002751 de 16 de Janeiro de 1981, enviado às Escolas, encaminhavam-se, para apoio ao professor deficiente visual no seu local de trabalho, os professores ao abrigo do artigo 20, como a seguir se transcreve: “...Considerando que existem em várias escolas professores efectivos colocados ao abrigo do artigo 20 do Decreto-Lei nº 290/75, com tarefas ainda não completamente definidas; (...) Determina-se, ao abrigo do disposto no citado artigo 20 do Decreto-Lei nº 290/75 de 14 de Junho, conjugado com os artigos 2º e 3º do Decreto-Lei nº 68/77 de 24 de Fevereiro, que esses professores ocupem as suas horas de trabalho, parcialmente ou na totalidade, dando apoio aos professores deficientes visuais nas tarefas burocráticas que estes considerem necessárias e que seja definido pelo Conselho Directivo horário para esse apoio”, o qual se pedia nos fosse enviado (horário do professor deficiente visual, acrescido dessas horas complementares).

Contudo, nalgumas escolas esse apoio não pôde existir, ou porque nenhum professor estava abrangido por esse artigo ou porque havendo, a sua perturbação de ordem psíquica não era compatível com qualquer forma de trabalho responsável.

Posteriormente, a seriação de apoiantes tornou-se mais ampla, visto que, na ausência ou na incompatibilidade do artigo 20, (substituído pelo Decreto 109) no momento da elaboração dos horários em cada escola onde havia um professor deficiente visual, ficavam logo cativas 2 h de um Professor com horário incompleto, destinadas a esse dito

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

apoio.

Por outro lado, o NAPDV prestou assistência directa a alguns professores em profissionalização, nos aspectos burocráticos relativos à Direcção de Turma, tarefa essa que, no decurso do ano lectivo, passou a ser coadjuvada pelos professores apoiantes. Estabeleceu ainda em várias escolas contactos com os Conselhos Directivos, donde se extraíram algumas sugestões para a melhor prossecução dos trabalhos no Núcleo. Este diálogo que se travou, deixou sempre transparecer, excepto num caso ou noutro, referências abonatórias, ainda que muito superficiais acerca do professor deficiente visual e da sua integração no meio escolar. Claro que se justificava este visível desconhecimento das potencialidades de um professor deficiente visual, porque tanto os Conselhos Directivos como os restantes elementos do pessoal docente, nunca tinham privado com um colega cego.

A este propósito, importa deixar bem vincado o seguinte lema do NAPDV: a deficiência visual não impede de realizar actividade lectiva competente. É ao professor que compete superar, pelos seus próprios recursos, as lacunas que possam surgir, de forma a que os alunos não saiam prejudicados no processo de ensino-aprendizagem. O empenhamento que possa demonstrar como professor - a dinâmica de aula, a relação professor/aluno e professor/turma, a criatividade, enfim, a segurança e a presença na sala de aula - são variáveis que diferem de professor para professor, quer seja ele ou não portador de deficiência. A comunicação através do olhar, os registos sistemáticos no quadro, a correcção de fichas, testes e outras provas sumativas são problemas cuja solução o professor sabe encontrar, vencendo assim o seu “handicap”, por forma a poder acompanhar os demais professores, por exemplo, na escalada competitiva de um estágio, de uma profissionalização ou de uma formação em serviço.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Não se ignora, no entanto, que à semelhança do que se passa com os professores em geral, haja entre os professores deficientes visuais casos de insucesso. Também se constata que a imagem negativa de um professor deficiente, qualquer que seja a deficiência, generaliza-se mais facilmente do que a imagem negativa de centenas de professores, perdidos na multidão dos docentes.

Eventualmente, em Escolas de província, cujo condicionamento geográfico permita um estreitamento de relações, o professor deficiente torna-se mais conhecido ele próprio e conhecido também o seu trabalho, pelo que é mais fácil, então, apreciá-lo em termos relativos. Quando se trata de Escolas muito grandes de cidade, o professor poucas vezes consegue sair do anonimato e, ainda que tenha uma boa dinâmica de aula e seja junto das crianças um modelo “ideal” de professor, a Escola dos “adultos”, fervilhando de emoções no seu ritmo acelerado, continua a ignorá-lo, olhando-o com uma permanente interrogação ou mesmo indiferença.

E, quando a Escola é vulgarmente invadida por problemas disciplinares, cujas razões nós todos conhecemos, e que atingem indiscriminadamente quaisquer professores, se está um professor cego envolvido numa dessas situações, logo se remete exclusivamente para a sua deficiência os factos ocorridos.

Mas que não se pretenda, “inocentemente”, relacionar sequer o insucesso escolar com a actividade docente dos professores deficientes visuais. Seria ridicularizar todo o Sistema, como o fez um médico de uma Delegação de Saúde, ao recusar passar o Certificado de Robustez Física a uma jovem deficiente visual que dava, então, os seus primeiros passos no Ensino, alegando esse médico que “era por isso que o Ensino estava num caos...”

O NAPDV demarcou-se claramente, tal como o fazia sempre que surgiam posições extremadas e respondeu da seguinte

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

maneira, em ofício saído da DSPRE: “Claro, confirmamos nós, o Ensino está num caos, mas não por isso; assim sendo, teríamos que demonstrar por uma dialéctica do absurdo, que os docentes deste país têm sido maioritariamente cegos.”

É que a imagem que se tem do professor cego é “*a priori*” negativa, para falarmos agora e apenas dos docentes, porque qualquer professor, atribuindo-se momentaneamente a cegueira física, sentir-se-ia incapaz de conduzir uma aula; assim, estabelece de imediato um paralelo obviamente incorrecto, porque abstraiu na totalidade de toda uma vivência e caminhada diferentes que aquele professor realizou. Pouco lhe importa, ou provavelmente nem sequer lhe ocorre se ele tem feito uma carreira no ensino, se fez um estágio, isto é, se no seu contacto com os alunos, foi observado passo a passo por outros colegas, como equacionou a relação pedagógico-didáctica com os seus problemas específicos, como mereceu, enfim, uma valorização profissional e uma opinião muito concreta de quem o avaliou...

Encarado por este prisma, torna-se uma presença “ausente” nos diálogos da Sala de Professores e no Bufete e, só quando tem a coragem de se integrar e de participar ocasionalmente nalgumas conversas, lhe passa a ser reservado um “lugarzinho”.

- “Sente-se aqui, colega!” - e a ser-lhe dirigida uma saudação:

- “Bom dia/Boa tarde, colega!”

Entre o pessoal da Escola, quando dele se fala, utilizam-se, por vezes, diminutivos pouco conformes ao seu tamanho e à sua capacidade. Mas, lentamente, nas diferentes reuniões em que tem assento, o professor vai deixando a sua marca indelével e, como tal, vai deixando também de ser apontado e cerimoniosamente designado por “colega”. Tomando então nome próprio, passa a ser como os outros, o “Zé”, o “Manel”, a “Maria”...

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Porém, o ano lectivo chega ao fim; os concursos alteram os quadros, em constante mutação, procurando cada professor o seu melhor. Geograficamente, a Escola até pode ser a mesma, mas... psicologicamente há que procurar coragem para uma nova inserção noutra quadro humano.

Também o NAPDV quis ser em cada Escola, nuns casos presença esclarecedora, noutros casos resposta para estes problemas que todos sentem, mas dos quais poucos falam. Orgulha-nos saber que as acções que pôs em prática nos seus dez anos de vigência, contribuíram gradualmente para uma integração mais perfeita de todos e de cada um no seu mundo de trabalho.

Mas este documentário não pode chegar ao fim sem que seja claramente exposta uma questão que foi veiculada em quase todos os Encontros do NAPDV e que se insere no tema “Que prática lectiva? - Horário lectivo completo ou recurso ao Decreto 109?”

O NAPDV, enquanto coordenador no âmbito da DSPRE, defendeu sempre, nos contactos com os professores deficientes visuais, uma política de total integração na Escola e nunca deixou de manifestar a sua discordância para com aqueles que, servindo-se da sua deficiência, solicitavam Junta Médica para obterem o velho Artigo 20, substituído pelo Decreto 109. E discordávamos, porquê? Porque ao candidatar-se ao Ensino, o indivíduo já era portador de deficiência visual e o referido Decreto tinha como objectivo beneficiar aqueles professores que, por doença adquirida, chamada profissional, ou por qualquer tipo de doença que, eventualmente, ocorresse, os impedia de cumprir um horário normal. Para esses, e de acordo com avaliação médica, estavam instituídas reduções na componente lectiva, na ordem dos 25%, 50%, 75% ou mesmo 100%.

Obviamente, um professor cego pode vir a acumular problemas de garganta, de audição, de coluna, de rins, de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

esgotamento, etc... Pois então, e só nesse momento, deverá solicitar Junta Médica, invocando apenas os handicaps surgidos no decurso da sua prática lectiva.

Nunca achámos de bom tom, e dissemo-lo sempre, que o professor deficiente visual tivesse como objectivo profissionalizar-se, ou seja, garantir o seu futuro para, logo depois, tirar partido das reduções lectivas ou então recorrer às Equipas de Ensino Integrado, que o libertavam do confronto com a Turma e com a inserção no meio escolar, facto que, aliás, se tornou bastante frequente no Ensino Secundário.

Por vezes, as Escolas - Conselhos Directivos e/ou Pedagógicos - segundo nos era referido, davam o seu aval a estas medidas, acreditamos que por sã camaradagem, encaminhando o Professor para a Junta Médica ou para as Equipas de Ensino Integrado.

Em contraste, o NAPDV, ainda que malquisto por aqueles, nunca abdicou da sua máxima “a deficiência visual não impede de realizar actividade lectiva competente” e aconselhou sempre o professor a não cair nesse erro, nesse facilitismo. Fazendo-o, estava a destruir a imagem que se quer dignificar do Professor Deficiente Visual, demonstrando que ele só pode ou só quer trabalhar a meio tempo, a um quarto de tempo, a um oitavo de tempo, enfim, diminuindo-se a si próprio, evidenciava, irreflectidamente, que a integração plena é impossível, prejudicando todos quantos tiveram e têm tido um bom desempenho e são valorizados por isso.

Faça-se jus ao ditado: “Quem não quer ser lobo, não lhe vista a pele!”

### Bibliografia Consultada:

. *Escola Democrática*, Lisboa, Janeiro 1988, Ano IX, Nº3

“Uma experiência pioneira na Direcção-Geral do Ensino Básico”

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Apoio ao Professor Deficiente Visual do Ensino Preparatório

Dalila de Jesus Guerrinha e colaboração musical de Aida Bruno Coelho

. Jornal de Notícias, Porto, 15.07.1988, Página Educação  
“Estatuto da Carreira Docente do Ensino Não-Superior”  
Recrutamento e selecção do Pessoal Docente  
Dalila de Jesus Guerrinha

. “*Como Dignificar o Professor Deficiente Visual?*”, Lisboa, 1983

In Revista Poliedro, Porto, Julho 1988

. “Curriculum Vitae”, Lisboa, Novembro 1992

“Aida Bruno Coelho - Educação Musical”

Professora do Quadro de Nomeação Definitiva da Escola Preparatória de Damião de Góis

Aida Bruno Coelho

(DJG).

### **\*NÚCLEO PARA O BRAILLE E MEIOS COMPLEMENTARES DE LEITURA (NBMCL):**

Constituição do Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura - Despacho nº 12966/2009.

A Lei nº 38/2004, de 18 de Agosto, define as bases gerais do regime jurídico da prevenção, habilitação e participação da pessoa com deficiência.

O artigo 3º da citada lei estabelece como finalidade a realização de uma política global, integrada e transversal na área da deficiência que promova o acesso a serviços de apoio.

Considerando que, nos termos do citado diploma legal, compete ao Estado promover de forma transversal e pluridisciplinar o desenvolvimento da política nacional de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

prevenção, habilitação, reabilitação e participação da pessoa com deficiência;

Considerando o princípio constitucional da igualdade e da não discriminação em razão da deficiência, plasmado no artigo 71.º da Constituição da República Portuguesa;

Considerando que o método de leitura e escrita através do sistema braille para uso das pessoas cegas e amblíopes é uma das formas de acesso daquelas pessoas à informação e ao conhecimento intelectual nas várias áreas culturais e científicas;

Considerando os interesses dos utilizadores do método de leitura e escrita através do sistema braille;

Considerando que é necessário definir as condições adequadas ao enquadramento, estruturação, normalização e desenvolvimento do emprego do braille, bem como rentabilizar ao máximo os meios disponíveis, no sentido de se elaborarem e cumprirem em tempo oportuno programas de produção bibliográfica adequados às reais necessidades das pessoas cegas e amblíopes;

Considerando que os Ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Cultura são parceiros fundamentais na valoração e aprofundamento do emprego do braille, pela sua responsabilidade específica no que concerne ao processo de desenvolvimento e qualificação das pessoas cegas e amblíopes:

Assim, considerando a prioridade dada pelo XVII Governo à promoção da igualdade de oportunidades das pessoas com deficiência como forma de combater a discriminação e a exclusão de que são alvo e os objectivos e medidas de acção multisectoriais definidos no Plano de Acção para a Integração das Pessoas com Deficiência ou Incapacidade

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(2006-2009);

Considerando, ainda, que o artigo 50º da citada Lei nº 38/2004, de 18 de Agosto, manda o Governo aprovar as normas necessárias ao desenvolvimento das suas disposições.

Manda o Governo, pelos Ministros do Trabalho e da Solidariedade Social, da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Cultura, o seguinte:

**1** - É constituído o Núcleo para o Braille e Meios Complementares de Leitura, adiante designada por Núcleo Braille.

**2** - O Núcleo Braille funciona no âmbito da estrutura do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., e prossegue os seguintes objectivos:

**a)** Garantia da obtenção de padrões elevados de qualidade quanto à concepção, uso, aplicação, modalidades de produção e ensino do sistema braille e meios complementares de leitura para pessoas cegas ou amblíopes;

**b)** Avaliação e controlo do sistema braille e dos meios complementares de leitura.

**3** - São competências do Núcleo Braille:

**a)** Assegurar a articulação e optimização das actividades das entidades que se dedicam à produção ou utilização de materiais especiais de leitura em braille;

**b)** Emitir parecer sobre quaisquer questões relacionadas com a definição e aplicação do braille e de outros meios complementares de leitura para as pessoas cegas ou amblíopes;

**c)** Propor medidas de harmonização da produção de materiais

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

de leitura para as pessoas com deficiência visual, e de uniformização dos critérios de utilização, ensino e aprendizagem e produção do braille em Portugal;

**d)** Prestar apoio técnico a entidades públicas e privadas sobre questões relativas ao uso do sistema braille e de outros meios complementares de leitura para as pessoas cegas ou amblíopes;

**e)** Avaliar e adaptar a simbologia braille face à evolução técnico-científica;

**f)** Propor a aprovação das diferentes grafias e novas simbologias braille, por si elaboradas, aos membros do Governo que tiverem a seu cargo as áreas da deficiência, da educação e da ciência, tecnologia e ensino superior;

**g)** Recomendar, com base em pesquisas, estudos, tratados e convenções, procedimentos que envolvam conteúdos, metodologias e estratégias de acções de ensino e aprendizagem do sistema braille com carácter de especialização, formação e reciclagem de professores e técnicos, cursos destinados a utilizadores e à comunidade em geral;

**h)** Acompanhar a aplicação dos recursos tecnológicos com vista à sua adequada utilização e rentabilização;

**i)** Elaborar anualmente, até 30 de Junho, um relatório relativo às actividades realizadas, contendo propostas normativas e administrativas, bem como recomendações às entidades públicas e privadas sobre a harmonização, desenvolvimento, produção e ensino do sistema braille e dos meios complementares de leitura para pessoas cegas ou amblíopes.

**4 -** O relatório anual, referido na alínea i) do número anterior, é submetido à consideração do director do Instituto Nacional

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

de Reabilitação, I.P., que após aprovação o envia ao membro do Governo com competência para definir a política nacional de participação e integração das pessoas com deficiência que, por sua vez, o enviará aos membros do Governo que tutelam a área da educação, da ciência, tecnologia e ensino superior e da cultura.

**5** - O Núcleo Braille é constituído pelos seguintes membros:

**a)** Um representante designado pelo director do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., que coordena o Núcleo;

**b)** Um representante designado pelo Ministério da Educação;

**c)** Um representante designado pelo Ministério da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior;

**d)** Um representante designado pelo Ministério da Cultura, ligado à área de leitura especial da Biblioteca Nacional de Portugal;

**e)** Um representante da Organização Não Governamental das pessoas cegas ou amblíopes de âmbito nacional;

**f)** Três individualidades de reconhecido mérito com competência técnico-científica em qualquer das áreas ligadas ao braille ou meios complementares de leitura.

**6** - No prazo máximo de 30 dias após a publicação do presente despacho no Diário da República, os representantes dos Ministérios da Educação, da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior e da Cultura são indicados ao Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

**7** - Os restantes representantes são designados pelo director do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

**8** - O Núcleo Braille reúne de acordo com o plano de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

actividades definido anualmente e aprovado pelo director do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

**9** - O director do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., sempre que necessário, pode convocar reuniões do Núcleo Braille, solicitar a colaboração de especialistas indispensáveis à prossecução dos seus objectivos e constituir grupos de trabalho específicos.

**10** - O Instituto Nacional de Reabilitação, I.P., garante o apoio técnico e administrativo à actividade do Núcleo Braille.

1 de Abril de 2009. - O Ministro do Trabalho e da Solidariedade Social, José António Fonseca Vieira da Silva. - A Ministra da Educação, Maria de Lurdes Reis Rodrigues. - O Ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, José Mariano Rebelo Pires Gago. - O Ministro da Cultura, José António de Melo Pinto Ribeiro.

Ver também **Comissões de Braille em Portugal**.

(Texto organizado por ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## O

**\*ODOR:**

Ver **Modalidade Odorífera.**

**\*OLFATO:**

Ver **Modalidade Olfativa.**

**\*OLHAR SURDO:**

Em definição.

(DA).

**\*OLIVA, FILIPE PEREIRA:**

Português, nascido a 5 de Outubro de 1934 e falecido a 7 de Junho de 2009. Investigador e tiflólogo cego, articulista, dirigente associativo, fundador e responsável do Serviço para Cegos (atual Área de Leitura para Deficientes Visuais) da Biblioteca Nacional de Portugal.

Homenageado por Augusto Deodato Guerreiro/GRC/Câmara Municipal de Lisboa no Fórum Interactivo Inclusivo o "Mundo da Vida", no dia 1 de Outubro de 2009, 09h30-13h00, na altura disponibilizado no site <http://mundodavida.cm-lisboa.pt>

Homenagem subordinada ao tema "Na Tiflogia em Portugal, o DR. Filipe Pereira Oliva (05.10.1934-07.06.2009)".

Foi a denominação que achámos mais adequada para homenagear este grande e distintíssimo tiflólogo, investigador e ensaísta, cuja atividade tão reconhecidamente profícua é inegável entre nós. E houve várias razões que nos impulsionaram para esta solene manifestação: entre elas, estamos a assinalar o bicentenário do nascimento de Louis Braille no mundo inteiro, em Portugal a efeméride acontece

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sob a coordenação da Biblioteca Nacional de Portugal no âmbito da Área de Leitura para Deficientes Visuais, como vimos, o próprio Dr. Oliva, no Fórum há pouco referido e com a sua intervenção, venceu a necessidade de Portugal se associar a estas comemorações, o que veio a acontecer. Ele próprio integrava a Comissão Organizadora das comemorações em Portugal, Comissão que integrava vários organismos nacionais, incluindo o Gabinete de Referência Cultural (GRC) da CML, a ACAPO e outras instituições e pessoas individuais.

Desenvolveu trabalho de vulto, incluindo a tradução para português da Vida e Obra de Louis Braille, de Pierre Henri. O Dr. Oliva é uma figura de inquestionável relevo nacional, com projecção além fronteira, por isso, muito justamente, a Câmara Municipal de Lisboa (CML), no âmbito da então Direcção Municipal de Cultura e através do GRC, decidiu promover este evento em sua memória. Até porque o Dr. Oliva participou em inúmeros eventos promovidos no Município lisboeta, tendo tido o cuidado de, na década de 70 do século passado, referir que foi sob a égide da Câmara Municipal de Lisboa que surgiu em Portugal a primeira Biblioteca Pública para Cegos, em 1963, que veio a originar a actual Biblioteca Municipal Camões e, mais tarde, o Gabinete de Referência Cultural.

Referiu também as preocupações que o Município de Lisboa teve em relação às pessoas cegas deste nosso país, desde o século XIX sobretudo, bastando pensar que, em 1888, nasceu em Portugal a primeira Associação para Cegos, cujo Presidente da Direcção foi Fernando Pereira Palha, ao tempo simultaneamente Presidente do Município de Lisboa. Estas e outras razões, que enunciei na minha intervenção durante aquela manhã, e outras que foram apresentadas pelos restantes oradores e na forma de testemunhos de outros

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

interventores, constituem, no seu conjunto, muito justamente matéria altamente relevante e digna para que a Câmara Municipal de Lisboa lhe tenha resolvido dedicar esta homenagem, partilhando, numa heterogeneidade de saberes, de convicções, de manifestações de amizade e de apreço humano e científico por parte de tantas pessoas que o desejam fazer in loco e on-line, uns que nesta sessão não puderam estar, outros que não foi possível avisar a tempo; mas, sobretudo, esta manifestação aconteceu para que a História não esqueça o relevante contributo investigacional e de ação tiflológica e associativa que o Dr. Filipe Oliva legou a Portugal e às pessoas cegas portuguesas.

Uma homenagem é um preito, uma prova de veneração conferida a alguém que, merecida e muito justamente, se enquadre nesse alcance de considerações, de propósitos, de grande e sentida dignidade humana.

Dizia Aristóteles que "a dignidade não é receber honras mas merecê-las". O Dr. Oliva merece inquestionavelmente honras e esta homenagem, muito sentida por todos nós, numa forma digna de falarmos de si próprio, como grande homem sob o ponto de vista humano, técnico, investigador e ensaísta, principalmente na forma de aprofundados artigos a propósito da tiflogia e do Sistema Braille, como acérrimo defensor deste processo natural de leitura e escrita para as pessoas cegas no mundo, dos direitos das pessoas cegas, contribuindo com todo o rigor, com o rigor pessoal que todos lhe reconhecemos, na realização de tanto trabalho que deixou feito e que nos legou.

[Extraído quase *ipsis verbis* de GUERREIRO , Augusto Deodato (2011). Literacia Braille e Inclusão: Para um Estudo Histórico-Cultural e Científico da Tiflografia , Tiflogia , Infotecnologia e Equipamentos Culturais em Portugal . Lisboa: GRC/DMC/Câmara Municipal; 1º texto, de Augusto

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Deodato Guerreiro, das Notas Longas VIII; pp. 243-244. Ainda sobre o Dr. Filipe Oliva, recomendamos a leitura do 2º Texto nestas mesmas Notas Longas, de Isidro Rodrigues, pp. 245-248].

(ADG).

### **\*OPTACON:**

Representa os caracteres impressos e manuscritos num pequeno mostrador de vibradores tácteis. Este aparelho, que foi um sucesso comercial, veio a ser substituído por um novo modelo que incorpora tecnologia atual e que converte automaticamente, na placa táctil, a letra normal impressa para braille. A vantagem em confiar ao leitor o reconhecimento dos caracteres consiste em que o aparelho não fique limitado a um reduzido conjunto de tipos.

No que se refere aos equipamentos informático-tecnológicos que, progressivamente e com enorme vantagem, têm vindo a proporcionar às pessoas cegas a acessibilidade à informação e à cultura, desde a década de 70 que começaram a surgir em Portugal, designadamente, máquinas de leitura próprias, sendo a primeira o Optacon, cujo primeiro exemplar foi adquirido por uma pessoa cega em Setembro de 1973 pelo montante de noventa mil escudos.

O Optacon é um aparelho que torna possível às pessoas cegas a leitura de textos impressos em quaisquer caracteres tipográficos (mesmo manuscritos) usados pelas pessoas normovisuais, derivando a designação deste transformador óptico-táctil ("Optacon") da forma abreviada que resulta da articulação das sílabas iniciais das palavras que constituem o nome completo do aparelho: "optical-to-tactile converter".

O Optacon (cuja origem se deve ao português Jaime Filipe, mas que é oficialmente tida como norte-americana devido à falta de apoio financeiro para o registo da patente em Portugal e no mundo) compõe-se de três partes: uma pequena

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

câmara formada por várias células fotoelétricas, uma secção de conversão eletrónica e um mostrador ou placa tátil. Para utilizar o Optacon, o leitor segura a câmara com a mão direita e fá-la percorrer as linhas que deseja ler, conservando o indicador da mão esquerda pousado no mostrador (placa tátil), para identificar as letras em relevo que, uma a uma, aí se vão sucedendo, regulando-se o tamanho da letra, a espessura do seu traço e a intensidade vibratória, rodando-se mais ou menos cada um dos dois botões à direita da placa tátil com o polegar da mão esquerda.

O uso deste processo de leitura reveste-se, porém, de uma grande complexidade, visto que o rápido reconhecimento dos caracteres implica um elevado grau de desenvoltura tátil e, além disso, como no mostrador só se verifica o aparecimento de uma letra de cada vez, a nossa memória tem de estar devidamente exercitada na retenção dos caracteres até ser possível a elaboração da síntese representativa das unidades vocabulares. Assim, para se atingir um rendimento satisfatório no uso do Optacon é necessária longa e intensa aprendizagem seguida de prática continuada, sob pena de se perder facilmente a destreza obtida na frequência de um curso específico. A título de curiosidade, várias pessoas cegas (principalmente nos Estados Unidos) chegaram a ultrapassar as 120 palavras por minuto, em textos de boa impressão. Nós mesmos, num curso de Optacon que fizemos, utilizando textos bem impressos e com uma normal dimensão de letra, conseguimos ler 120 palavras por minuto.

A propósito da utilização do Optacon, cabe aqui citar José Bento (cego e a exercer advocacia em Faro), num artigo seu publicado em 1993: "Desde cedo compreendi que era necessário apostar fortemente nas novas tecnologias para que me fosse possível, ao nível profissional, responder às grandes exigências de quem quiser progredir em qualquer ramo do conhecimento. Foi assim que, em meados da década de 80,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

adquiri um Optacon e com ele comecei a fazer todos os treinos que me permitissem ler com a maior desenvoltura possível.". "Posso dizer que - afirma ainda José Bento (1993) -, com o Optacon, após muitas horas de leitura, após um treino aturado, comecei a ter acesso a livros e outros documentos que até então me era impossível. Direi ainda hoje que o sistema de leitura do Optacon é aquele que permite ao deficiente visual maior autonomia, no ponto de vista em que é um sistema directo, um sistema em que o aparelho reproduz para relevo com fidelidade aquilo que está no papel; e, por isso, o leitor não está dependente de ninguém, nem sequer das insuficiências dum programa informático de leitura.". E é curioso que, depois de ler durante tantas horas e de tantas páginas lhe passarem pelos dedos, o modo de José Bento pensar as letras, sustenta, "modificou-se radicalmente" e, quando hoje imagina mentalmente a grafia das palavras, os caracteres que lhe surgem já não são os caracteres braille, mas a forma dos caracteres que lhe era dada pelo Optacon, a forma dos caracteres comuns. E acrescenta: "Mas a leitura que o Optacon me permitia era lenta, isto apesar de eu ter conseguido atingir os cento e trinta caracteres por minuto. Seria necessário atingir-se, pelo menos, o triplo desta velocidade, sendo muito difícil que, com o Optacon, "se consiga ler mais de 160 caracteres por minuto.".

Contudo, o Optacon é uma máquina que proporciona uma extrema autonomia ao seu utilizador, não necessitando este de qualquer ajuda exterior, é portátil, eficaz para quem domina o alfabeto em caracteres comuns e resistente.

Sabemos que, para simplificar este processo de leitura, foi ensaiado um outro aparelho, o "Transicon", que, muito embora concebido à semelhança do Optacon, tinha a particularidade de apresentar na placa táctil os caracteres braille correspondentes às letras (só de imprensa) cujas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

imagens fossem captadas pela câmara. "A simplificação proporcionada pelo Transicon teve de ser obtida, todavia, à custa de dois sacrifícios importantes: o primeiro diz respeito às características portáteis do aparelho; o segundo resulta da impressionante redução da quantidade dos caracteres representados, pois, enquanto o Optacon possibilita tantas representações quantos os caracteres tipográficos existentes (são actualmente mais de 300.000), o Transicon terá a sua capacidade de representação necessariamente condicionada pelas limitadas possibilidades do sistema Braille."

Posteriormente, baseados nos princípios do Optacon e do Transicon, outros aparelhos, mais aperfeiçoados e mais acessíveis à sensibilidade tátil, têm vindo a surgir para as pessoas cegas, como o "Delta: Dispositif electronique de lecture de textes pour aveugles" e, mais recentemente, o Manager Braille.

Surgiram, entretanto, outras máquinas de leitura e de impressão (umas com vida efémera, outras que sobreviveram ajustando-se cada vez mais às necessidades dos utilizadores e ao progresso), designadamente a Digicassete, que foi uma máquina (com vida efémera) que também abriu às pessoas cegas grandes/falsas perspectivas, o Braillex, um sofisticado computador e terminal alemão, altamente funcional, dotado de ambientes DOS e WINDOWS e cada vez mais promissor, a Impressora Braille Interpontos, que permite imprimir (de forma perfeitamente legível) em braille uma folha nos dois lados, o Simul Braille, o Videmo-Esite Braillena, o Versa-Braille, - o Alva, a princípio apenas como terminal de computador e mais tarde como P.C. e terminal, o Braille'n Speack, a Mountbatten Brailier. Etc.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).]. (ADG).

### **\*ORALISMO:**

Numa conceção mais abrangente, o oralismo corresponde a um paradigma sociopolítico e educacional, cujos princípios e práticas educativas, epistemológicas, culturais e ideológicas assumem as línguas orais como o único elemento mediador das aprendizagens e do acesso dos surdos ao sucesso escolar e social. Materializa um dos princípios que subjazem ao paradigma médico-terapêutico dos surdos: as línguas gestuais não são consideradas verdadeiras línguas, mas uma mistura pantomina e de sinais icónicos que se expressam através do movimento das mãos. Ocultando, limitando e proibindo as línguas gestuais em contextos educativos e institucionais, o oralismo não reconhece os surdos como participantes de uma cultura com especificidades sociolinguísticas próprias, ancorando a praxis no desenvolvimento de umas formas e atuação e de um currículo hegemónico de cariz oralizante e remediador. Em nome do empowerment dos surdos, o oralismo alega que só a apropriação das línguas orais pode propiciar processos de desenvolvimento emocional e sócio-cognitivo, bem como de reintegração educativa e social. Assim sendo, os únicos que, com legitimidade e propriedade, podem educar os surdos são os ouvintes, ou quanto muito, os surdos oralizados ao serviço dos ouvintes que, quais agentes colonizadores, focam a praxis não no desenvolvimento de um currículo intercultural, mas na reabilitação dos surdos,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desmutizando-os, remediando-os, normalizando-os ou oralizando-os. Em contexto educativo, o oralismo preconiza o desenvolvimento de um currículo monocultural e de cariz hegemónico, com a diferença que, aqui, o sistema linguístico que o origina e desenvolve é o oral, visando transformar os surdos em ouvintes. Tal como o gestualismo, o oralismo esquece a noção de que as interações sociais e os processos comunicativos que subjazem aos processos educativos dos indivíduos que, como os surdos, participam em diferentes culturas, só em situações excecionais e restritas, são configurados pelo uso exclusivo de um único modo de comunicação: o oral.

(JM).

### **\*ORDEM BRAILLE:**

Sequência lógica dos sinais simples do Sistema Braille universalmente adoptada.

(FPO, OJM e VC).

### **\*ORDEM DOS PONTOS BRAILLE:**

Numeração que permite estabelecer a posição relativa dos pontos no conjunto fundamental do Sistema Braille, correspondendo a fila vertical esquerda aos pontos 1,2,3 e a fila vertical direita aos pontos 4,5,6.

(FPO, OJM e VC).

### **\*ORIENTAÇÃO E MOBILIDADE:**

É a atividade centrada no ensino das pessoas com deficiência visual, a caminhar com segurança e eficácia no mundo construído para as pessoas com visão.

Orientação: É o conjunto das atividades necessárias para que cada um possa estabelecer uma relação do seu corpo com os

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

objetos e pessoas com significado que estejam à sua volta.

**Mobilidade:** É a capacidade de caminhar com segurança de uma posição fixa, em direção a um objetivo que se pretende atingir.

(JDP).

### **\*ORIENTAÇÃO TÁCTIL:**

Sinalética saliente, pontos em relevo no pavimento que se pisam e indicações escritas em braille ou noutro processo táctil em sítios acessíveis às mãos.

(ADG).

### **\*ORLANDO DE JESUS MONTEIRO:**

Ver **Monteiro, Orlando de Jesus**.

### **\*ÓSCAR RIBAS:**

Ver **Ribas, Óscar**.

## P

**\*PÁGINA BRAILLE - BOLETIM TRIMESTRAL DE INFORMAÇÃO BIBLIOGRÁFICA E CULTURAL REGIONAL DA SECÇÃO PARA DEFICIENTES VISUAIS DA BIBLIOTECA MUNICIPAL DE COIMBRA:**

Boletim Trimestral de Informação Bibliográfica e Cultural Regional. Publicação em braille integral, sob a direção de José Adelino Guerra, da Secção para Deficientes Visuais da Biblioteca Municipal de Coimbra, produzida pelo Centro Prof. Albuquerque e Castro, cujo primeiro número saiu em Maio de 1988.

(ADG).

**\*PAPEL BRAILLE:**

Papel com consistência adequada à durabilidade dos pontos.

(FPO, OJM e VC).

**\*PARÁGRAFO COMPACTO:**

Processo de economizar espaço no texto em braille, iniciando-se o parágrafo na mesma linha, três espaços após a pontuação, continuando o texto na linha seguinte, no terceiro espaço.

(FPO, OJM e VC).

**\*PARALISIA:**

Condição caracterizada por lesão em qualquer nível da espinal medula, envolvendo perda de poder muscular e de movimento.

(VF).

**\*PARALISIA CEREBRAL:**

Condição caracterizada por uma paralisia, fragilidade, incoordenação ou outras disfunções tónico-motoras associadas, devido a uma lesão do cérebro ocorrida antes da sua maturação. Não se trata duma doença, não é uma condição contagiosa, nem sequer progressiva. A Paralisia Cerebral pode fazer parte duma síndrome complexa de que podem fazer parte não só disfunções motoras, mas igualmente disfunções psicológicas, convulsões e desordens emocionais e comportamentais. Alguns indivíduos com esta condição podem apenas revelar deficiência motora, outros porém, podem demonstrar combinações de sintomas, que se podem manifestar de forma ligeira ou profunda, onde se podem detetar dificuldades moderadas ou mesmo incapacitantes.

De acordo com o tipo de lesão cerebral, a Paralisia Cerebral pode ser classificada como: piramidal ou espástica (lesão no córtex motor ou nas vias piramidais ideocinética, causadora de hipertonía), extrapiramidal ou coreo-atetósica (lesão nas vias extrapiramidais ou nos gânglios basais, causadora de hipotonía), mista (lesão das regiões piramidais e extrapiramidais) ou atáxica (lesão do cerebelo).

(VF).

**\*PARALISIA CEREBRAL E INCLUSÃO:**

Paralisia Cerebral e Inclusão emerge das reflexões sobre os elementos empíricos da Tese de Doutoramento de Camalhão (2018), com o título Estratégias de Ensino/Aprendizagem dos Docentes de Ensino Regular e Educação Especial de Alunos com Paralisia Cerebral.

A disfunção Paralisia Cerebral (Miller, 2002) tem origem em lesões cerebrais que acontecem antes do nascimento, durante e nos primeiros dias ou meses de vida. Em consequência disso, o bebé é afetado principalmente pelo aspeto motor, não

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sendo raro existirem ou aparecerem outros comprometimentos a nível sensorial. Na Tese acima referida, os casos narrados apresentam uma variedade de expressões de deficiência, desde aqueles que estão totalmente paralisados, sem expressão comunicacional, aos que apresentam apenas uma expressão motora muito ligeira. No campo da inclusão, este aspeto tem um papel importante, no sentido de que, quanto mais o portador de deficiência se aproximar das características do cidadão dito normal, melhor se achará incluído na escola e na sociedade.

O termo inclusão (Hodkinson, 2016) na escola, e transposto para a sociedade, consiste no criar meios, cedências, adaptações para que todos possam estar, o mais possível, ao nível de igualdade. De uma forma muito clara, dentro da escola e na sociedade, é uma questão/problema social, que não é pacífica, faltam meios/recursos nas escolas, docentes e também o indispensável apoio às famílias, faltas estas que comprometem o desenvolvimento biopsicossocial e humano destes alunos, bem como a própria qualidade de vida.

Mais importante que falar dos problemas é referir aquilo que pode levar à verdadeira inclusão. A base é a família. Em regra, encontram-se nesta base quatro tipos de famílias: as sem recursos materiais e sem capacidade para lidar com a deficiência; as com recursos materiais, mas não sabendo lidar com a deficiência; as sem recursos materiais e capacidade para lidar com a deficiência; as com recursos materiais e capacidade para lidar com a deficiência.

Certo é que, quanto mais cedo se intervier e investir na recuperação de capacidades motoras e sensoriais, melhor será o desenvolvimento da criança e melhor, quando adulto, se encontrará incluído na sociedade. Portanto, cabe à sociedade e às suas instituições, tal como à escola, proporcionar o necessário apoio às famílias em referência, o mais cedo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

possível.

A escola é um lugar especial, protegido, se lhe atribuírem os recursos suficientes, podendo ser a ponte entre famílias e instituições na desejável obtenção dos ajustados recursos. No campo escolar, turmas grandes e docentes com fraca formação na área da deficiência, leva a que muitas vezes os alunos com Paralisia Cerebral sejam o campo de análise e intervenção do Docente de Educação Especial.

Um ensino igual para todos não exclui o aluno diferente ou com deficiência. Os próprios alunos, quando providos da necessária competência cognitiva, só têm que ser exigentes, na escola e na sociedade, no que respeita à reivindicação da satisfação dos seus direitos em cidadania e equidade, de modo a que, cada vez mais, a própria escola e a sociedade, de mãos dadas com as famílias das crianças com Paralisia Cerebral, se responsabilizem e progridam no contexto da inclusão social, dando a suficiente autonomia e independência a estes alunos para que o seu futuro possa ser feliz.

A prioridade na educação e formação das crianças com Paralisia Cerebral começa no básico, com as fisioterapias, os equipamentos, as famílias e todo um investimento devidamente estudado e aplicado, mantendo esses apoios, se for preciso, até ao ensino superior... E, se necessário, ao longo da vida, incluindo também às vezes, em questões de empregabilidade, no próprio mercado de trabalho. Quanto mais precoce for o investimento nos cidadãos com Paralisia Cerebral, melhor será a sua natural inclusão e bem-estar na sociedade, que é de todos. Mas temos de contar sempre com a função eficaz da escola inclusiva, sem reservas, das famílias, da formação específica de docentes e das adequadas tecnologias de apoio.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### Bibliografia:

CAMALHÃO, I. (2018), *Estratégias de Ensino/Aprendizagem dos Docentes de Ensino Regular e Educação Especial de Alunos com Paralisia Cerebral* [Tese de Doutorado não publicada]. Lisboa: Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias.

HODKINSON, A. (2016). *Key Issues in Educational Needs & Inclusion* (2nd Ed.). London: Sage Publications, Ltd.

MILLER, G. (2002). *Paralisias Cerebrais: Uma Visão Geral*. In: Miller, G. & Clark, G. D. (Org.) *Paralisias Cerebrais: Causas, Consequências e Condutas* (D. M. Bittar, Trad., pp. 1 - 39 ). São Paulo. Editora Manole.

(IFC).

### **\*PARAPLEGIA:**

Tipo de Paralisia Cerebral onde os dois membros inferiores estão envolvidos. A sua prevalência pode ser de 10-20% dos casos identificados.

(VF).

### **\*PARAPLÉGICO:**

Que tem Paraplegia.

(VF).

### **\*PARESIA:**

Enfraquecimento muscular, leve ou temporário, sem provocar paralisia completa de origem central, podendo envolver perda de sensibilidade aferente e reaferente.

(VF).

### **\*PATOLOGIA NEUROGÉNICA DA COMUNICAÇÃO:**

Patologia neurogénica refere-se a qualquer distúrbio resultante do comprometimento estrutural, *e.g.* devido a lesão cerebral, ou bioquímico do sistema nervoso central ou

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

periférico, ou seja, alterações da estrutura e/ou funções do corpo (Ramos & Vital, 2017). O conceito de patologia neurogénica da comunicação pode enquadrar-se ao nível do componente atividade e participação entendendo-se como a interação entre os factores pessoais de um indivíduo, a limitação da sua funcionalidade comunicativa resultante da incapacidade cognitiva, motora, sensorial e/ou linguística devido ao comprometimento neurológico das partes anatómicas do corpo e suas funções e, como ninguém comunica sozinho, as restrições à participação impostas pelo contexto em que a pessoa comunica (Ramos & Vital, 2017). São exemplos de patologias neurogénicas que podem comprometer a comunicação: a paralisia cerebral, as perturbações do espectro do autismo, os traumatismos crânio-encefálicos, os tumores, as doenças degenerativas e o acidente vascular cerebral.

### Referência:

RAMOS, C. e VITAL, A.P. (2017). Patologia Neurogénica da comunicação na Criança: Navegar à Vista? in Guerreiro, A.D. (Org.). Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas. Lisboa: Edições Lusófonas/ULHT. ISBN-10:1546686568; ISBN-13: 978-1546686569

(CR e APV)

### **\*PAUTA:**

Ver **Pauta Braille**.

### **\*PAUTA BRAILLE:**

Dispositivo, constituído por uma placa sulcada ou com cavidades circulares e por uma régua ou placa dividida em rectângulos, para escrever braille ponto a ponto, da direita

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

para a esquerda, de modo que ao voltar-se o papel a leitura se faça da esquerda para a direita.

(FPO e VC).

### **\*PAUTA BRAILLE POSITIVA:**

Dispositivo para escrever ponto a ponto, cujo uso a prática não consagrou, constituído por uma placa coberta de pontos em relevo e por uma régua dividida em retângulos. O relevo era obtido pela compressão de um papel especial produzida pelos pontos em relevo contra uma concavidade existente na ponta do punção, o que permitia escrever da esquerda para a direita deixando a escrita na posição de leitura.

(FPO, OJM, VC, JAB e CB).

### **\*PAUTA DE BOLSO:**

Utensílio de dimensões reduzidas para escrever braille ponto a ponto da direita para a esquerda.

(FPO, OJM, VC, JAB e CB).

### **\*PAVIMENTO TÁCTIL:**

Sinalética colocada no chão representada por pontos salientes ou outras referências rugosas, facilmente tacteáveis com os pés e/ou com a bengala, que servem de orientação e mobilidade para as pessoas cegas num determinado lugar. Ver também Orientação Táctil.

(ADG).

### **\*PEDAGOGIA DO BRAILLE:**

Metodologia e técnicas para o ensino/aprendizagem do braille, tendo como destinatários crianças, jovens e adultos.

(FPO, ADG e CB).

### **\*PERKINS BRAILLE:**

Máquina dactilográfica mecânica provida de um conjunto de

teclas para escrever o braille carácter a carácter.  
(ADG).

**\*PERTURBAÇÃO DA COMUNICAÇÃO SOCIAL:**

A perturbação da comunicação social (“Social Communication Disorder (SCD)”) é caracterizada por dificuldades no uso verbal e não-verbal da linguagem com propósito social, tendo como principais dificuldades a interação social, a cognição social e a pragmática, considerando-se que esta definição é consistente com o DSM-5 da American Psychiatric Association (2013) (ASHA, s.d., referido por Vital, 2018).

A perturbação da comunicação social pode ser um diagnóstico diferencial ou pode co-ocorrer com outras condições, como: deficiência intelectual, atraso de desenvolvimento, dificuldades de aprendizagem, perturbações da linguagem falada, perturbações da linguagem escrita, perturbação de hiperatividade e défice de atenção (PHDA), traumatismo cranioencefálico (na infância e no adulto), afasia, demência e lesão do hemisfério direito.

No caso da perturbação do espectro do autismo (PEA), as perturbações da comunicação social são uma característica definidora desta condição, juntamente com padrões de comportamento restritos e repetitivos, assim a perturbação da comunicação social não pode ser diagnosticada em conjunto com PEA.

**REFERÊNCIA:**

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

**\*PERTURBAÇÕES COGNITIVO-COMUNICATIVAS:**

A American Speech-Language-Hearing Association (ASHA) define Perturbações Cognitivo-Comunicativas (“Cognitive-communication disorders (CCD)”) como dificuldades em qualquer aspecto da comunicação que é afetado pela disrupção da cognição. Os processos cognitivos envolvidos podem incluir a atenção, a memória, a organização, a resolução de problemas/raciocínio e as funções executivas (ASHA, 2005; CASLPO, 2015, MacDonald, 2017, referido por Vital, 2018). Os problemas nessas áreas podem afetar a comunicação verbal e não verbal com impacto negativo em diversas funções como falar, ouvir, ler, escrever e competências pragmáticas (interação social), com consequências directas na participação social e atividades da vida diária e no desempenho académico e profissional.

As Perturbações Cognitivo-Comunicativas afectam crianças e adultos com lesões do hemisfério direito, traumatismo crânio-encefálico, distúrbios genéticos, anóxia cerebral e tumores cerebrais.

**REFERÊNCIA:**

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

**\*PERTURBAÇÕES DA COMUNICAÇÃO APÓS LESÃO DO HEMISFÉRIO DIREITO (PCLHD):**

O hemisfério direito tem um papel importante e estruturante

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

na comunicação humana acrescentando valor à experiência humana do uso da linguagem, papel predominante do hemisfério esquerdo, no entanto, as consequências das lesões cerebrais do hemisfério direito (LHD) não têm tido a mesma atenção e relevância na abordagem clínica e na investigação como as lesões do hemisfério esquerdo (LHE) (Vital, 2018).

"Síndrome do hemisfério direito" é com frequência utilizado para se referir ao conjunto de défices associados às lesões cerebrais do hemisfério direito que podem incluir *neglect* visuo-espacial e outros problemas de atenção, dificuldades de memória, alterações das funções executivas (capacidade de resolução de problemas, raciocínio, planeamento, organização), autoconsciência e diversos problemas de comunicação com impacto negativo ao nível do desempenho funcional nas várias áreas e nos vários contextos da vida diária da pessoa (Vital, 2018). Não existindo um rótulo específico para o conjunto destes défices pós LHD, como existe para os défices pós LHE -afasias (Ver **Afasia**), existe grande debate relativo ao enquadramento desta condição nas Perturbações Cognitivo-Comunicativas ("Cognitive-communication disorders (CCD)") e/ou nas Perturbação da Comunicação Social ("Social Communication Disorder (SCD)").

As etiologias mais frequentes das lesões cerebrais do hemisfério direito são o acidente vascular cerebral (AVC), traumatismo crânio-encefálico (TCE), condições oncológicas (tumores cerebrais), infecciosas, tóxicas ou outras doenças neurológicas.

As consequências funcionais das lesões do hemisfério direito são ao nível de:

- défices de atenção: excitação, orientação, vigilância, atenção sustentada, atenção selectiva;
- "*neglect*" (heminegligência ou negligência unilateral): atenção reduzida para os *inputs* do lado esquerdo, uso

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

reduzido dos membros do lado esquerdo, consciência e reconhecimento reduzido das partes do corpo do lado esquerdo, anosognosia (reduzida autoconsciência da doença/défices);

- défices visuo-perceptivos: atenção visual, integração visual, memória visual, orientação espacial, orientação topográfica;

- défices cognitivos e de comunicação: compreensão e produção do discurso, eficiência e especificidade comunicativa, capacidade para processar inferências complexas, capacidade para processar significados alternativos (segundo sentido) ou ambíguos, significado metafórico, sensibilidade para a informação contextual, sensibilidade para o tom emocional, utilização da informação prosódica (disprosódia), apreciação reduzida do conhecimento partilhado, reflexão reduzida (respostas superficiais e/ou conteúdo vazio), dificuldade em manter o tópico, dificuldade no raciocínio e na tomada de decisões enquanto comunica, e

- défices afectivos e emocionais: Uso da expressão facial para mostrar/transmitir emoção, sensibilidade às expressões faciais dos outros, uso da prosódia para manifestar emoção, compreensão da prosódia emocional, estado confusional, delírio, psicose (raramente).

As LHD têm como consequências perturbações da comunicação que afectam a intenção comunicativa seja através da forma verbal (e.g. palavras, frases, discurso) como não-verbal (e.g. expressão facial, linguagem corporal, prosódia). Os processos básicos da linguagem - fonologia, morfologia, sintaxe, não estão tipicamente afectados após uma LHD. Exclui-se desse quadro a situação específica da designada “afasia cruzada” em que um doente dextro (pressupõe dominância para a linguagem no HE) após uma LHD apresenta sinais afásicos.

As perturbações da comunicação após lesão do hemisfério

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

direito e as funções cognitivas relacionadas com a comunicação são áreas de avaliação e de intervenção terapêutica dos terapeutas da fala, atuando numa equipa multidisciplinar, junto do próprio doente e da sua família.

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV).

### **\*PICTOGRAMAS:**

A escrita pictográfica baseia-se no uso de um conjunto pré-definido de símbolos que representam objetos ou conceitos. É uma técnica utilizada na comunicação com pessoas que têm déficit cognitivo, ou que sofrem de alguma patologia da fala. A construção de frases ou expressões com pictogramas pode ser feita em papel ou em suporte digital, existindo diversas aplicações para o efeito.

(AR).

### **\*PIRILAMPO MÁGICO NA VIDA DAS CRIANÇAS E DOS JOVENS COM PROBLEMAS AO NÍVEL INTELECTUAL:**

Ao elaborar um sucinto historial sobre o projeto "Pirilampo Mágico", já nos encontramos a considerar algumas hipóteses de específicas capacidades e competências que eventualmente poderão vir a ser desempenhadas por este grupo populacional.

Neste sentido, começamos por nos questionar:

Poderão as crianças e jovens com deficiência intelectual desenvolvimental e multideficiência adquirir e treinar

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

competências pessoais e sociais que lhes permitam vir a ter uma vida autónoma e independente?

O projeto "Pirilampo Mágico" contribuirá para esse objetivo e para a inclusão social desta população de crianças e jovens? Estamos cientes de que a nossa aprendizagem é como um projeto de vida que nos pode ser imposto a partir do berço e que nós, à medida que crescemos, vamos, aos poucos, ganhando nesse processo formas de organizar a desordem cognitiva em relação a tudo à nossa volta, com mais ou menos ajuda, assim adquirindo as necessárias ou as possíveis competências pessoais e sociais e, naturalmente, irmos modificando ou mesmo transformando por completo o nosso modo de estar na vida e de a podermos tornar acessível, interessante e feliz para todos, para nós e para os outros. Trata-se de um processo que será tanto mais saudável e promissor quanto mais envolver a adequada intervenção precoce (familiar ou noutra dimensão institucional), consoante sejamos entendidos como “normais” ou soframos de alguma dificuldade ou desvantagem que nos possa condicionar no nosso relacionamento e interação na família, na escola, na comunidade, no emprego e na vida em sociedade. Não podemos prescindir de estimulação sensorial e cognitiva, motora e sociocognitiva, com recurso a jogos diversos, jogos didáticos, ao lúdico-intelectual, a testes de natureza desenvolvimental, etc. É um trajeto em que nos colocam, ou em que nos colocamos, para podermos compreender o "eu" e o "outro", num contexto de aquisição e promoção de competências pessoais e sociais.

**Do Pequenino se Pode Fazer Grande: o Exemplo do Efeito do "Pirilampo Mágico"**

Na noite de 2 para 3 de setembro de 1986 estava no ar uma entrevista para o Programa "Arte de Bem Madrugar", na RDP-Antena 1, abordando-se alguns dos problemas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

financeiros com que se defrontava na altura a CERCILisboa, bem assim alguns projetos em que esta se encontrava envolvida.

Altamente sensibilizados os elementos desta estação emissora para a situação, imediatamente se iniciaram contactos no dia seguinte entre a FENACERCI e o Diretor de Programas da RDP-Antena 1, Senhor José Manuel Nunes, que logo propôs a esta Federação a realização de uma campanha nacional de solidariedade em favor de todas as CERCI's. Ainda temos no ouvido a entusiástica voz do locutor João Paulo Dinis, emprestando à causa uma contagiante forma de a promover, envolvendo-nos nela, através da sua voz radiofónica e cativante.

E nasceu nesta decisão a Campanha "Pirilampo Mágico", oficialmente aberta em 11 de março de 1987. Tornou-se na mais participada campanha de solidariedade de Portugal, a do "Pirilampo Mágico".

Definiram-se os objetivos da campanha, a primeira Campanha tornou-se audível a nível nacional a partir de um poema de Maria Alberta Meneses, musicado para o efeito, originando o "Pirilampo Mágico", "a mascote adotada, como objeto de venda, destinado à angariação de fundos para a "criação de respostas sustentadas e de qualidade destinadas à população com deficiência mental e multideficiência.". "... Eu conheço um Pirilampo

Que vive muito lampeiro  
dentro dos Olhos da gente".

O "pirilampo Mágico" é hoje o maior símbolo de solidariedade social no nosso país, como apoio a crianças e jovens com deficiência intelectual desenvolvimental e multideficiência, num notável trabalho desenvolvido pelas CERCI's a nível nacional.

A familiaridade e laços afetivos estabelecidos com os cidadãos portugueses há para cima de três décadas conferem

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

ao ícone "Pirilampo Mágico" um "estatuto de grande credibilidade e impacto mediático que muito tem contribuído, por via da angariação de fundos, para o sucesso das intervenções que vêm sendo desenvolvidas junto deste tipo de população."

Acresce aqui também fazer uma referência especial à colaboração dos media, de figuras públicas ligadas às artes e às letras, às empresas e também à indispensável adesão voluntária de milhares de pessoas, sem as quais o objetivo e o sucesso desta campanha ficaria comprometido, como "um propósito tão digno e tão importante" para a prossecução do tanto que já tem vindo a ser conquistado no que respeita aos direitos inalienáveis das crianças e jovens em referência.

A Federação Nacional de Cooperativas de Solidariedade Social (FENACERCI) tem como missão promover a qualidade e sustentabilidade das respostas disponibilizadas pelas 52 Associadas e, nesta perspetiva, a promoção dos direitos das pessoas com deficiência intelectual desenvolvimental e multideficiência por estas apoiadas, através de processos de representação e formação sustentadas em lógicas de reconhecimento, validação e acreditação na comunidade e junto dos interlocutores institucionais.

Isto porque, em sintonia com os objetivos do projeto em referência, a integração das \*pessoas com deficiência intelectual desenvolvimental e multideficiência\* é um valor a defender, a \*sua diferença\* um valor a respeitar e a \*rentabilização do seu potencial\* um valor a considerar. É um processo em que reconhecemos a implicitação do exercício (ainda que muito limitado) e valorização de algumas competências pessoais e sociais das crianças e jovens condicionadas pelo seu tipo de dificuldades e de desvantagens no relacionamento e interação com os outros, os habitualmente chamados de "normais".

Tem sido graças ao crescente contributo das campanhas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

"Pirilampo Mágico" que se tem vindo a conseguir promover, de algum modo, nestas crianças e jovens, a aquisição e o desenvolvimento de algumas competências pessoais e sociais. É nesse sentido que a Campanha já envolve cerca de 100 Organizações sem fins lucrativos, que mobilizam milhares de pessoas, entre familiares, técnicos e cidadãos anónimos, com os seguintes objetivos:

- Angariação de Fundos em favor das CERCIs e outras organizações congéneres.
- Informação e sensibilização da opinião pública sobre a problemática da pessoa com deficiência mental e multideficiência, procurando salvaguardar o direito à igualdade de oportunidades e o exercício da cidadania plena deste tipo de população.

Com esta angariação de fundos, informação e sensibilização pública, as entidades beneficiárias da Campanha "Pirilampo Mágico", têm vindo a conseguir conferir certas competências pessoais e sociais a esta população de crianças e jovens, de acordo com a seguinte caracterização funcional e operacional: são instituições privadas, sem fins lucrativos, que prestam atendimento direto ou indireto a pessoas com deficiência intelectual desenvolvimental e multideficiência, ao nível de estruturas educativas, centros de formação e apoio ao emprego, unidades de emprego protegido, centros de atividades ocupacionais "destinados a desenvolver actividades socialmente úteis para pessoas com deficiência profunda, Unidades Residenciais, apoio Domiciliário e Intervenção Precoce."

Em conclusão, e porque não nos consideramos especialistas nesta área, temos ainda um conhecimento bastante aligeirado (reconhecemo-lo bem) sobre a graduação e eficácia do tipo de competências pessoais e sociais que podem ser adquiridas por esta população de crianças e jovens. Toca-nos, numa dimensão muito profunda, o tentarmos imaginar a forma de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

se ultrapassarem as possivelmente terríveis dificuldades ao nível da sua capacitação para uma socialização e comunicação, funcionais no seu relacionamento e interação com as coisas, os objetos, as outras pessoas, com os lugares onde se encontram, com o tipo de tarefas que são chamados a desempenhar, umas vezes em estreita colaboração com os técnicos ou familiares, outras vezes já conseguindo alguma concretização individualmente... Sentimo-nos bem longe ainda de uma verdadeira compreensão da grave realidade com que se confrontam estas crianças e jovens e os profissionais especializados nesta problemática. Sobre o tipo de intercompreensão que podem estabelecer com esta população, com o sucesso desejável. Sobre a vocação, vontade e querer trabalhar com esta população, para, com profissionalismo e carinho, sensibilidade e força intrínseca, saúde mental e física, competência e proficiência, saber gostar do outro, saber ajudar o outro, saber considerar o outro como pessoa humana e com os mesmos deveres e direitos de cidadania que os seus, saber ser capaz de amar o desenvolvimento humano e o progresso do seu envolvimento, as coisas difíceis e complexas para as poder entender e procurar ultrapassar no sentido do bem do outro e de si próprios, sem sofrimento psíquico e com alegria. Como escreveu Lord Byron (1788-1824), "Só teremos alegrias se as repartirmos: a felicidade nasceu gémea".

Sebastião da Gama também simboliza esta incontestável verdade no poema seguinte:

Pelo sonho é que vamos,  
Comovidos e mudos.  
Chegamos? Não chegamos?  
Haja ou não haja frutos  
Pelo sonho é que vamos.  
Basta a fé no que teremos.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Basta a esperança naquilo  
Que talvez não teremos.  
Basta que a alma dêmos,  
Com a mesma alegria,  
Ao que desconhecemos  
E ao que é do dia-a-dia.  
Chegamos? Não chegamos?  
- Partimos. Vamos. Somos.

Sabemos que, nesta população, embora com grandes dificuldades, pode haver comunicação verbal, nas formas de interlocução ou escrita. Pode haver paraverbalidade (produção de sons com intensidades, timbres, alturas e entoações de voz muito variados) e interação não-verbal (mímica, gestos, desenhos, grafismo...) nas relações interpessoais entre as crianças e os jovens. Há a possibilidade de estas crianças e jovens emitirem sons articulados e palavras organizadas com sentido, também há a possibilidade de estas crianças e jovens conseguirem rabiscar diversificados ou uniformizados sinais, com um singular mas desconhecido sentido, ou sem sentido para a generalidade das pessoas, podendo acontecer com algum sentido por vezes. Podem chegar mesmo a ser capazes de representar através da escrita signos linguísticos seus e dos outros. Também há as que são capazes de exercitar e de utilizar a Língua gestual, que é a língua natural da comunidade surda, ou seja, o processo de comunicação e interação humana que utiliza os gestos como comunicação e manifestação, envolvendo formas de expressão não-verbais numa dimensão linguisticamente estruturada.

Também conseguem, em certas circunstâncias, vencer algumas barreiras, internas e externas, nas diferenças de cada um, na sua diversidade com a diversidade do mundo que os rodeia. Podem ser de natureza religiosa, cristã, muçulmana,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

evangélica, etc.; no país e cultura onde se situam, nas diferentes regiões onde habitam (por exemplo o Minho é diferente do Alentejo), barreiras que se podem traduzir para cada um deles e para cada um de nós na diversidade dos valores que nos pertencem e que se vão transformando à medida que as mutações pessoais e sociais se vão modificando também.

Temos de ter em conta ainda e ao mesmo tempo os fatores na comunicação que podem ser cultivados e que podem auxiliar estabelecimento da intercompreensão, como a habilidade comunicacional, as atitudes, o nível de conhecimentos, o sistema sociocultural. As funções da comunicação também podem exercitar-se adequadamente nos planos da informação, da persuasão e da motivação, da educação, da socialização, da distração. Todavia, estamos cientes de que as dificuldades ou condicionalismos comunicacionais, ao nível interpessoal, no relacionamento e interação, são na grande maioria dos casos absolutamente inultrapassáveis individualmente, carecendo de ajudas ajustadas e diferenciadas, consoante o grau mais ou menos severo da problemática que afeta estas crianças e estes jovens.

Web-Grafia:

<<http://www.fenacerci.pt/>>

<<http://www.rtp.pt/antena1/>>

<<http://fundacao.telecom.pt/>>

<<http://ww3.scml.pt/>>

<<http://www.rtp.pt/>>

<<http://www.suzuki.pt/automoveis/>>

<<http://www.ctt.pt/>>

(MLRFG).

**\*POLIEDRO - REVISTA DE TIFLOLOGIA E CULTURA, EDIÇÃO MENSAL EM BRAILLE DO CENTRO PROF. ALBUQUERQUE E CASTRO:**

Revista de Tiflogia e Cultura. Publicação fundada e dirigida inicialmente por Albuquerque e Castro e tendo vindo a ter sucessivas direções até aos dias de hoje, propriedade do Centro Prof. Albuquerque e Castro, edição mensal em braille, cujo primeiro número saiu em Setembro de 1956.

(ADG).

**\*POLÍTICA E INCLUSÃO:**

Consiste na promoção ativa da representação e participação transversal dos cidadãos na atividade política, conferindo-lhe o mais alargado espectro de diversidade democrática. Numa sociedade politicamente desenvolvida, todos devem ver reconhecido o seu legítimo direito a uma representação direta junto dos órgãos de soberania nacionais e dos órgãos autárquicos. Esta representação direta deve ser não apenas reconhecida na Constituição e na Lei, mas estimulada ativamente, através dos mecanismos jurídicos adequados, por forma a suprir a sub-representação de determinados grupos de cidadãos, como é o caso das pessoas com deficiência. A inclusão através da política deve ainda ser estimulada do ponto de vista da participação, como forma de incutir nos cidadãos maior consciência dos seus direitos e sobre o respetivo exercício, o que apenas será viável promover mediante o desenvolvimento da autorrepresentação de todos e de cada um junto das múltiplas instâncias democráticas nacionais.

(ASA).

**\*PONTO:**

Ver **Ponto Braille**.

**\*PONTO BRAILLE:**

Grafema ou elemento-base do Sistema Braille, que, segundo Barry Hampshire, deverá ter 0,43mm de altura e entre 1mm e 1,52mm de diâmetro na base.

(ADG).

**\*PONTO E SOM - BOLETIM TRIMESTRAL BIBLIOGRÁFICO E BIBLIOFÓNICO E DE INFORMAÇÃO TIFLOLÓGICA EM GERAL DA ÁREA DE LEITURA ESPECIAL DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL:**

Boletim Trimestral Bibliográfico e Bibliofónico e de Informação Tiflológica em Geral. Sob a direção de Filipe Pereira Oliva, propriedade da Área de Leitura Especial da Biblioteca Nacional de Portugal, cujo primeiro número saiu em Abril de 1974, em braille estenografado e encontrando-se, presentemente, também disponível em braille integral e nos suportes áudio e digital.

(ADG).

**\*PONTO EM RELEVO:**

Ver **Ponto Braille**.

**\*PONTO SÓLIDO (Braille):**

Ponto que resulta da aplicação de uma substância moldável aderente ao papel.

(FPO).

**\*PONTOS A MAIS (Braille):**

Ver **Pontos a Mais, a Menos**.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*PONTOS A MAIS, A MENOS (Braille):**

Pontos em excesso ou em falta nos caracteres braille.  
(FPO).

### **\*PONTOS A MENOS (Braille):**

Ver **Pontos a Mais, a Menos**.

### **\*PONTOS APAGADOS (Braille):**

Aqueles cujo relevo se apresenta deteriorado, dificultando a leitura tátil.  
(FPO).

### **\*PONTOS BAIXOS (Braille, no Brasil):**

Pontos de relevo inferior ao correntemente empregado numa publicação.  
(JBC).

### **\*PRAGMÁTICA:**

A pragmática refere-se ao uso funcional da linguagem em contexto e envolve, com frequência, o uso simultâneo de mecanismos verbais e não-verbais no contexto comunicativo. As definições de pragmática encontradas na revisão de literatura incluem, com frequência, aspectos do discurso (organização e eficiência da produção da linguagem) assim como aspectos não-verbais da comunicação (prosódia, expressão facial, contacto visual) que devem ser usados de forma contextualmente apropriada (Blake et al., 2013, referido por Vital, 2018). O contexto pode incluir pistas linguísticas e pistas sociais (e.g. familiaridade com a comunicação do parceiro, estatuto social do falante e do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

parceiro (Blake et al, 2013; Ferré, et al., 2011; Myers, 1999, referido por Vital, 2018).

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2018). *Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito* in Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV)

### **\*PREFIXO DE UM SÍMBOLO (Braille, no Brasil):**

Ver **Prefixo de um Sinal**.

### **\*PREFIXO DE UM SINAL (Braille):**

Alguns conjuntos dos pontos 3456 que precedem um sinal para lhe alterar a significação original.

(FPO).

### **\*PRIMEIRA BIBLIOTECA INCLUSIVA EM PORTUGAL:**

A primeira Biblioteca Inclusiva em Portugal tem a designação de Biblioteca Municipal Camões, resultou da primeira Biblioteca Pública para Cegos em Portugal, foi aberta ao público no dia 6 de Outubro de 1981 e a sua Secção Braille veio a originar o atual Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais.

Esta biblioteca começou por servir utilizadores cegos e normovisuais nas mesmas salas de leitura e disponibilizando os mesmos instrumentos de pesquisa a utilizadores cegos e normovisuais, visando uma integração intelectossocial e sociocultural das pessoas cegas, com uma naturalidade inclusiva até então inexistente no país, e no mundo, de acordo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

com os resultados de investigação por nós encontrados. Havia indicações em braille na ombreira da porta de entrada do edifício, na rua, ao longo do interior do edifício, mesmo nas mesas, cadeiras e estantes de livros nas salas de leitura. Fora instalada uma plataforma elevatória no r/c para que os utilizadores com dificuldades de mobilidade, incluindo os em cadeira-de-rodas, pudessem subir ao 1º andar, onde se localiza a Biblioteca. Em menos de uma dezena de anos, o que é extremamente estranho, as valências desta Biblioteca desapareceram, passando a mesma a disponibilizar publicações só em caracteres comuns e a servir no local, em termos de leitura de presença, só utilizadores normovisuais. Claro que há utilizadores cegos que solicitam a esta Biblioteca obras em caracteres comuns, que não existem em braille nem noutro qualquer tipo de suporte e formato, para lerem nos seus domicílios ou noutro qualquer lugar, com os olhos de alguém normovisual, ou para scanear, de forma a, se necessário, poderem ler em suporte digital. (ADG).

### **\*PRIMEIRA BIBLIOTECA PÚBLICA PARA CEGOS EM PORTUGAL:**

Deve-se este acontecimento à Câmara Municipal de Lisboa, que começou a preocupar-se com a enorme percentagem de analfabetismo e pobreza cultural da população lisboeta, desde a segunda metade do século XIX. Pensamos que, como fruto da política de Passos Manuel e do Setembrismo relativamente ao ensino, inscrevera esta Câmara, no seu Orçamento para 1862, a primeira verba destinada à instrução, se bem que, desde princípios da Idade Moderna, e à semelhança de outros Municípios do nosso País, tenha procurado corresponder, de algum modo, à necessidade de ensino às classes populares, pagando tença anual a «mestres de ler, escrever e contar». Neste sentido, veio a abrir em 1875 as suas duas primeiras

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

escolas primárias, como resultado das suas intenções em prol da instrução manifestadas em 1872, dotando nos anos a seguir os diferentes bairros da cidade de Lisboa com escolas primárias, principalmente na década de 80, num trabalho paralelo com a criação de pequenas bibliotecas para uso exclusivo de professores e alunos das escolas respetivas. Cria, em 1895, a sua primeira biblioteca pública, a Biblioteca Municipal de S. Lázaro, junto da Escola Municipal nº 1, ambas a funcionar ainda hoje no mesmo local. Foi a partir desta altura que este Município começou a esforçar-se por difundir a cultura pelos diferentes bairros de Lisboa.

É nesta sequência de preocupações que este Município funda, em em 14 de Junho de 1963, a Primeira Biblioteca Pública para Cegos em Portugal, graças à oferta de cerca de meia centena de monografias e publicações periódicas, feita pela Embaixada do Brasil em Portugal, a qual viria a originar a primeira biblioteca inclusiva no país, a Biblioteca Municipal Camões, em 6 de Outubro de 1981, e o Gabinete de Referência Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais, em 8 de Junho de 1994.

Presentemente, tem este Município espalhadas pela cidade 18 Bibliotecas (incluindo uma itinerante, a Hemeroteca Municipal e o Gabinete de Referência Cultural), cujo objetivo primordial é fornecer à população de Lisboa os instrumentos necessários à sua valorização cultural, científica, técnica e profissional e promover, na medida do possível, atividades de extensão cultural, como conferências, colóquios, exposições, jogos didáticos, exibição de filmes, recitais de poesia, hora do conto... servindo os diversos níveis etários e de conhecimento dos utilizadores.

Na realidade, depois da invenção do sistema braille, têm sido criadas inúmeras bibliotecas para cegos no mundo inteiro, a nível estatal e das autarquias locais, das associações tiflológicas e de outras Organizações Não Governamentais.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Como já atrás referimos, só em junho de 1963 nasceu em Portugal, por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa, a primeira biblioteca pública para cegos, no Jardim da Estrela, com leitura de presença, mas cujo acervo documental depressa se revelou insuficiente, dado que as pessoas cegas conhecedoras do braille rapidamente o leram duas e três vezes. Esta crescente fome de leitura, por parte das pessoas cegas em Lisboa, fez com que viessem a fazer-se mais ofertas de livros em braille à Câmara, a partir de pequenas bibliotecas em braille pessoais que os seus detentores desejavam partilhar com os mais carenciados de saber. Neste sentido, a Câmara mandou imprimir em braille na única imprensa braille portuguesa, o Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille (na altura denominado Centro de Produção do Livro para o Cego), alguns exemplares de obras de autores mais consagrados portugueses, havendo estabelecido um contrato, por um preço simbólico, em que se comprometia esta imprensa a enviar à Câmara dois exemplares de cada obra nova que ia produzindo em braille. Os livros em questão eram destinados à Biblioteca para Cegos, sendo um processo de aquisição de livros que ainda hoje se pratica, com o Gabinete de Referência Cultural.

Esta biblioteca passou por vicissitudes complexas, tendo o fundo bibliográfico transitado em 1965 do Jardim da Estrela para parte das instalações da Biblioteca Municipal de Belém; posteriormente foi instalada em Pedrouços, voltou depois às mesmas instalações em Belém. Passou depois pela Rua de S. Pedro de Alcântara (ao Bairro Alto) em 1973 e veio a instalar-se nesse mesmo ano no 1º andar esquerdo de um imóvel de utilidade pública, sito no nº 17 do Largo do Calhariz, aí originando o nascimento da primeira Biblioteca Inclusiva, a Biblioteca Municipal Camões, que depressa perdeu essa valência, e tendo nascido no mesmo edifício o atual Gabinete de Referência Cultural, o qual,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

sucessivamente, também tem vindo a mudar de instalações em Lisboa, localizando-se hoje nos Olivais.

Esta Biblioteca fez um percurso algo irregular e complexo. Os seus utilizadores com deficiência visual passaram a aceder à leitura através da modalidade de leitura domiciliária a partir de 1965. Começaram a poder requisitar livros pelo telefone, por intermédio de outras pessoas ou pessoalmente. A entrega e recolha dos livros era feita nos domicílios dos leitores por um funcionário da Biblioteca. Posteriormente, alargou-se esta modalidade de leitura a nível nacional, passando os livros a ser enviados, deste modo, pelo correio.

Sendo bastante escassas as fontes bibliográficas em braille, veio a adotar-se nos diversos países a criação de serviços de transcrição para braille das obras mais significativas impressas a tinta, como o processo mais eficiente, junto das bibliotecas para cegos. Por este processo e pela inovação tecnológica entretanto verificada, existem fundos bibliográficos, em bibliotecas para cegos de determinados países, que rondam o milhão de volumes, ultrapassando mesmo, nalgumas delas, este número em largas centenas de milhar.

Apesar dos seus poucos recursos materiais, humanos e económicos, também esta Biblioteca iniciou os trabalhos de transcrição em meados de 1973.

Passou a ter, neste contexto, as tarefas de:

- Transcrição de assuntos da mais variada índole e fornecimento de cópias (desde elementos de grafia e de simbologia braille, passando por textos em francês, inglês e alemão, artigos de enciclopédias e de dicionários, até aos extratos das diferentes obras);
- Tradução para português de textos em francês, inglês e alemão, e respectiva transcrição em braille, para apoio a estudantes universitários;"
- Gravação em fita magnética (embora sem condições

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

acústicas) de obras, de extratos de artigos de enciclopédias e de dicionários.

Assim, de forma a poder corresponder aos utilizadores com a necessária precisão e rapidez, no que respeita ao fornecimento de cópias e de fonocópias dos mais variados assuntos, de informações bibliográficas e de súmulas das diversas matérias, foi preciso começar a adquirir-se e a atualizar-se um fundo bibliográfico de livros em caracteres comuns, o mais diversificado possível, para apoiar os serviços de transcrição e de gravação, chegando a atingir-se os 10 000 volumes em caracteres comuns e 5000 volumes em braille, totalizando 15000, em braille e a tinta. E foi o facto de se ter atingido um fundo documental a tinta tão significativo que fez nascer a ideia de transformar esta Biblioteca para Cegos numa Biblioteca que pudesse servir ao mesmo tempo pessoas cegas e normovisuais, incluindo as com mobilidade reduzida ou condicionada, com a designação de "Biblioteca Camões", a aludida primeira biblioteca inclusiva em Portugal.

(ADG).

### **\*PROBLEMAS COGNITIVOS:**

Ver **Cognição e Problemas Cognitivos**.

### **\*PROBLEMÁTICA DA DEFICIÊNCIA:**

Ver **Deficiência**.

### **\*PRODUTOS DE APOIO:**

Ver **Tecnologia Assistiva. Tecnologia de Apoio**.

### **\*PRONTO:**

Bloco de notas braille portátil equipado com Windows

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Mobile e compatível com os atuais sistemas Microsoft Windows Vista e Office.

(ADG).

### **\*PROPRIOCEPÇÃO:**

Conjunto de sensações emanadas (inputs) dos músculos, dos tendões, das articulações e dos receptores cutâneos do próprio indivíduo que comunicam ao cérebro, particularmente ao tronco cerebral, ao cerebelo e ao lobo parietal, como se deve ativar, inibir e ajustar a motricidade adaptativa ao envolvimento gravitacional permanente. A propriocepção opera nos processos de contractibilidade e de extensibilidade tônico-muscular, nos processos de encurtamento e de alongamento tendinoso e na rotação e compressão das articulações que no seu conjunto harmonioso produzem e sustentam a resposta motora adaptativa, integrando necessariamente o controlo postural em que participa a regulação vestibular.

O conjunto das informações de interface com o mundo provocadas pela pele, pelo corpo e pela sua motricidade, permite ao córtex pré-frontal conhecer onde cada componente do corpo se encontra no espaço e permite planificar e executar a ação de acordo com as exigências da situação onde o indivíduo se encontra, ou de acordo com as exigências de manipulação do objeto que o indivíduo controla.

(VF).

### **\*PSICOMOTRICIDADE:**

Campo inter e transdisciplinar que estuda, investiga, identifica e intervém nas relações e influências recíprocas e sistémicas entre o psiquismo e a motricidade, enfocando-a nas estruturas, nas funções e disfunções neurodesenvolvimentais do cérebro e na sua organização íntima, assim como nos instrumentos cognitivos e no

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conjunto do funcionamento mental que a integram, planificam e executam, entendendo-a como resposta adaptativa e como interface com que o ser humano interage com o envolvimento. Dentro deste contexto, a motricidade humana é entendida como o conjunto de expressões corporais, gestuais, posturais, somatognósicas e práxicas que sustentam e suportam as funções mentais, assegurando a sua regulação e produtividade criativa.

Nos domínios da educação, a psicomotricidade visa otimizar a ontogénese em todas as suas dimensões, sejam: emocionais, relacionais, mentais, corporais e expressivas, enquanto no domínio da clínica e das terapias visa identificar sinais de distúrbio ou de dificuldades, nomeadamente quanto às competências básicas de desenvolvimento e de aprendizagem e procura elaborar e criar novas práticas que possam ser combinadas com práticas já comprovadas, ampliando o potencial relacional e neurofuncional do indivíduo em todas as suas idades.

(VF).

### **\*PUBLICIDADE E INCLUSÃO:**

Quando analisamos os fatores que transformaram as sociedades avançadas ao longo do último século, não podemos deixar de notar o papel de destaque que a publicidade tem exercido como fator de mudança.

Prática económica e social, mas também reflexão e teorização dessa prática, a publicidade apresenta-se como um fenómeno complexo que não se esgota na dimensão essencialmente económica que melhor a caracteriza, mas assume outras dimensões - comunicativa, psicológica, sociocultural, ideológica - dimensões interrelacionadas e apoiadas em domínios técnico-científicos que a tornam mais eficiente para a sociedade em geral. Daí a dificuldade em se encontrar uma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

definição que não seja redutora, mas, sim, integradora dessa multidimensionalidade. Daí, também, a força transformadora da publicidade, cujos efeitos não são apenas económicos, mas também sociais, culturais e políticos. Com efeito, se a publicidade tem sido um fator de desenvolvimento das empresas, de criação de riqueza e emprego, de globalização da economia, tem sido também um fator de mudança social, ao contribuir para a mudança de atitudes, comportamentos e valores que levam a uma cultura de consumismo e a uma certa uniformização de tendências, gostos e aspirações (Caetano, Estrela, 2004). Consequentemente, tem interferido nas relações das classes sociais, nas relações familiares (Jhaly, 1995), e tem reforçado as relações de poder ligadas ao capitalismo e à ideologia que o sustenta (Cazeneuve, 1999). Acompanha a nossa vida diária e pode mesmo mudar o ambiente físico em que ela decorre, tornando-o mais alegre ou menos sombrio (Sánchez Guzmán, 1993).

A publicidade, desde a sua consolidação como ferramenta empresarial a partir da revolução industrial, assume um papel de "porta-voz valorizador de toda a sociedade contemporânea" (Gonzalez Martin, 1996). A publicidade é um processo criador e condicionador da cultura que, através da sua componente pragmática, condiciona e é condicionada pela cultura de massas. A elaboração da mensagem publicitária surge das estruturas económicas, sociais e culturais, assim como também as expressa...

A Publicidade constitui um dos fatores condicionantes da produção, assim como de muitas vertentes do consumo, invadindo todo o espaço comunicativo da sociedade pós-moderna (Baudrillard, 2016).

A publicidade é um espelho fiel, e por vezes deformante, da sociedade e é precisamente a sua perversão ideológica (Gallo, 1973), a sua interpretação valorativa dos acontecimentos que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

revela as motivações profundas do seu desenvolvimento. A Publicidade passou de um instrumento comercial a uma forma de comunicação que expressa toda a estrutura social, assumindo-se como critério de análise das diferentes condutas de consumo e como objeto mais cultural, que integra múltiplos meios expressivos para provocar um efeito integrador máximo (Gonzalez Martin, 1996). A publicidade ascendeu a um plano de proeminência na sociedade moderna "enquanto discurso através e acerca dos objectos" (Cazeneuve, 1999). Ela exprime, difunde e reforça a ideologia da sociedade de consumo de massa. Na sociedade pós-moderna, o consumo objectualiza as pessoas e personaliza os objectos (Gonzalez Martin, 1996).

O fim último da publicidade, como instrumento da sociedade de consumo, é a funcionalização do próprio consumidor, a monopolização pragmática de todas as suas necessidades (Braudrillard, 2008).

Com enfoque neste contexto da abrangencialidade conceptual e da aplicação da Publicidade, e tendo em conta o instrumento de pesquisa a que se destina esta reflexão, cabe aqui referir ainda, e a propósito, o seguinte:

A Publicidade tem origem numa burguesia proveniente da Revolução Industrial que a utilizava como uma ferramenta individual, tornando-se homogénea na sociedade pós-moderna. No entanto, ao longo da sua progressiva ampliação e aplicação, para designar os mais diversos processos de promoção dos mais variados bens e serviços, por intermédio de textos ou de imagens nos diferentes formatos e suportes, criados por especializados publicitários e empresas. Neste século XXI, procuram-se encontrar soluções mais plurais que possam também "garantir às pessoas limitadas ou condicionadas aos níveis nomeadamente sensorial, neuromotor, sociocognitivo, sociocomunicativo... a

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

necessária acessibilidade e usabilidade, em analogia com as pessoas sem esses condicionalismos, da diversidade de conteúdos nas áreas de intervenção publicitária ou da publicidade, usufruindo da universalidade e da pluralidade de informação, bens e serviços a disponibilizar cada vez mais para todos os cidadãos, numa justa e sistematizada solidariedade inclusiva em cidadania e equidade" (Guerreiro, 2017).

Referências Bibliográficas:

BRUDRILLARD (2008). *O Sistema dos Objectos, Perspectiva*.

BRAUDRILLARD, J. (2016). *Cultura y Simulacro*, 9ª ed, Kairós

CAZENEUVE, J. (1999). *Guia Alfabético das Comunicações de Massa*, Edições 70

CAETANO, J. & ESTRELA, R. (2004). *Introdução à Publicidade*, Edições IPAM

GALLO, M. (1973). *L’Affiche: Miroir de l’histoire. Miroir de la vie*. Laffont

GONZALEZ MARTIN (1996). *Teoria General de la Publicidad, Fondo de Cultura Económica*

GUERREIRO, A.D. (2017). *Inclusão*. In: Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral (Suporte eletrónico com o ISBN 978-972-95206-8-6). Formato PDF no Blog: [deodatoguerreiro.blogspot.pt](http://deodatoguerreiro.blogspot.pt)

JHALLY, S. (1995). *Códigos da Publicidade*, Edições Asa.

SANCHEZ GUSMAN (1993). *Teoria de la Publicidad, Tecnos*.

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(RE).

**\*PUNÇÃO (Braille):**

Estilete para produzir pontos em relevo em pautas e em régua.

(FPO).

## Q

### **\*QUADRIPLÉGIA:**

Tipo de Paralisia Cerebral onde os quatro membros estão envolvidos. A sua prevalência pode ser de 15-20% dos casos identificados.

(VF).

### **\*QUALIDADE DE VIDA:**

O uso precursor do atual conceito de Qualidade de Vida (QV) emerge nos Estados Unidos da América, após a Segunda Guerra Mundial, em ordem a qualificar o nível de vida dos cidadãos, sobretudo no aspeto financeiro. A partir da década de sessenta do século XX, os investigadores descobriram não serem os indicadores económicos os que melhor retratavam a perceção das pessoas sobre o que entendiam por CV, mas, determinadas variáveis psicológicas, como, por exemplo, o bem estar subjetivo e a satisfação com a vida.

A evolução semântica de QV enveredou por caminhos diversificados, originando um sentido substancialmente polissémico para o conceito em questão. Esta variedade de significados advém do facto de a QV se ter tornado num conceito multidisciplinar e alvo de interpretações diferenciadas conforme seja abordado em cada uma das três áreas em que é prioritariamente alvo de aplicação científica: economia, medicina e ciências sociais.

Atualmente, o recurso à investigação em QV, como processo de aferição do nível de felicidade das pessoas, afigura-se como o mais significativo. Nesta perspetiva, a QV assume um sentido multidimensional, como sustentam, dois dos investigadores internacionalmente mais reconhecidos - Schalock e Verdugo (2003) - ao elencaram oito dimensões: bem-estar emocional, bem-estar físico, bem-estar-material, autodeterminação, desenvolvimento pessoal, inclusão social,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

relações interpessoais e direitos individuais.  
(JMS).

### **\*QUALIDADE DE VIDA RELACIONADA COM A COMUNICAÇÃO:**

A qualidade de vida relacionada com a comunicação é definida pela medida em que os actos de comunicação da pessoa permitem uma participação com significado nas situações da vida, estando esses actos influenciados pelos factores pessoais e ambientais/contextuais e filtrados através da perspectiva da própria pessoa (Paul *et al.* 2004, referido por Vital, 2018).

Não havendo dúvidas sobre o impacto da comunicação humana e social no bem-estar e qualidade de vida da pessoa, esta deve ser uma área de avaliação e intervenção obrigatória, tendo presente a comunicação como um direito humano (Vital, 2018). A OMS (WHOQCL Group, 1995) define a Qualidade de Vida (QV) como a percepção dos indivíduos da sua posição na vida, tendo em conta o contexto cultural e o sistema de valores no qual vivem e em relação com os seus objectivos, expectativas, padrões e preocupações (referido por Vital, 2018).

#### **REFERÊNCIA:**

Vital, A.P. (2018). Alterações da comunicação após lesão do hemisfério direito *in* Fonseca, J. (Coord.). Afasia e Comunicação após Lesão Cerebral. Definição, Classificação e Reabilitação. Lisboa: Papa-Letras. ISBN: 978-989-8214-65-2.

(APV)

**\*QUARTAS CULTURAIS:**

Desde Julho de 2007 até Abril de 2010, o GRC da CML retomou, na Avenida da República, a iniciativa Conversas na Biblioteca, mas com a designação de Quartas Culturais. Eram tardes culturais, que tinham lugar na quarta quarta-feira de cada mês, a propósito de um qualquer tema histórico e social que reunisse o impacto suficiente para merecer a afluência do público à sua realização e participação nos debates de ideias que sempre aconteciam a seguir a cada colóquio ou conferência.

«Quartas Culturais» foi, assim, mais um dos importantes Projetos do GRC, atraindo às suas sessões um significativo número de cidadãos com perfis culturais e níveis de interesse variados. Para que possamos ficar com uma ideia dos diferentes temas abordados e respetivos preletores intervenientes, ordenamos de seguida, por ordem alfabética, os títulos dos principais temas apresentados na forma de conferência:

- "António Aleixo: um Poeta Moderno", pelo Dr. Ezequiel Ferreira.
- "Causas e Consequências da Ida da Corte de D. João VI para o Brasil em 1808", pela Dra. Maria da Conceição Lemos.
- "Ciência e Religião: Encontros e Desencontros", pelo Professor Doutor José Augusto Mourão.
- "A Cultura ao Alcance de Todos?", pelo Dr. Adalberto Fernandes.
- "A Espiritualidade e a Vida", pelo especialista Vítor Esteves.
- "A Globalização Versus Multiculturalidade", pelo Prof. Dr. Eduardo Miranda.
- "In Memoriam: o Pogrom de Lisboa de 1506", pelo Dr. João Maria Nabais.
- "Línguas Ibéricas", pelo Prof. Dr. Joaquim Lúgris Torres.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "O Museu Nacional Ferroviário ao Alcance de Todos?", pelo Prof. Dr. Jorge Custódio.
- "A Pedra e o Espírito", pelo General Eduardo Mateus da Silva.
- "O 40º Aniversário da Grande Luta Nacional dos Ferroviários"; "Poesia do Real" e "A Poesia e a Paz", pelo poeta e politólogo Carlos Domingos.
- "Só o Regresso da Ética pode Resolver a Actual Crise Financeira", pelo Dr. João Miguel Sousa Paiva.
- "A Solidariedade de Aristides de Sousa Mendes", pelo Prof. Dr. António Moncada de Sousa Mendes.
- "Todas as Coisas Visíveis e Invisíveis: 12 Questões para a Discussão de um Problema", pelo Prof. Jerónimo Nogueira. (ADG).

### **\*QUEREMA:**

Em definição.

(AFR).

## R

### **\*RAFIGRAFIA:**

A partir do momento em que as pessoas cegas já podiam corresponder-se entre si, por intermédio do Sistema Braille, era necessário inventar-se uma nova forma de se escreverem os caracteres a tinta, que facilmente lhes permitisse corresponderem-se também com os normovisuais, sem que estes fossem obrigados a aprender o Sistema Braille. Louis Braille "pensava que isso era possível, desde que os contornos dos tipos de letra, maiúscula ou minúscula, dos algarismos, da pontuação, fossem rigorosamente determinados", tendo efetuado várias tentativas, mas sem êxito. E foi um antigo aluno da Institution Royale des Jeunes Aveugles, François-Pierre Foucault (1797-1871), quem conseguiu inventar um aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para os normovisuais. Trata-se do "rafígrafo", que foi utilizado pelos indivíduos cegos durante cerca de trinta anos, que se usou no seu ensino, e que constava de uma série de dez teclas com a extremidade terminada em agulha, com o qual se gravavam as letras num papel previamente estendido sobre uma peça metálica horizontal.

Foi a primeira vez na História que se criou um processo mecânico para que as pessoas cegas pudessem escrever para os normovisuais, através da Ráfigrafia, que é a arte de traçar os caracteres, nomeadamente latinos, com ponteiro ou agulha, também como meio para ensinar às pessoas cegas a escrita comum.

Ver também **Foucault, François-Pierre**.

(ADG).

### **\*RAFÍGRAFO:**

Aparelho que possibilitava às pessoas cegas escreverem para

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

os normovisuais inventado por François-Pierre Foucault, que foi utilizado no ensino das pessoas cegas e para que estas também se pudessem corresponder com as pessoas normovisuais. O rafígrafo constava de uma série de dez teclas com a extremidade terminada em agulha, com o qual se gravavam as letras num papel previamente estendido sobre uma peça metálica horizontal.

Ver **também Rafigrafia.**

(ADG).

### **\*REABILITAÇÃO:**

A Organização Mundial de Saúde estabeleceu em 1969 o conceito de Reabilitação, como ação médica orientada para o desenvolvimento das capacidades funcionais e psicológicas do indivíduo afetado e explorar os seus mecanismos de compensação a fim de permitir-lhe o usufruir de uma vida autónoma e dinâmica. Mantendo-se, de algum modo, o objetivo subjacente a esta conceção, os processos da sua consecução - graças ao progresso dos princípios da equidade e dignificação de toda e qualquer pessoa - evoluíram significativamente. Assim, o papel dos profissionais de reabilitação subordina-se a um vínculo ativo com a pessoa integral e não com a sua limitação específica, reabilitando os contextos sociais para incluir, mediante a disponibilização de apoios que viabilizem o direito à participação autónoma de todas as pessoas, sem discriminação de qualquer espécie.

(JMS).

### **\*REFERENCIAL DE ORIENTAÇÃO:**

Ver **Orientação Táctil. Pavimento Táctil.**

### **\*REFERENCIAL DE POSIÇÃO (Braille):**

Designação que toma o conjunto fundamental quando se

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

antepõe a um sinal da quinta ou da sétima série para lhe determinar a posição.

(FPO).

**\*REGLETE (Brasil):**

Ver **Pauta Braille**.

**\*RÉGUA BALLU:**

Dispositivo para escrever caracteres latinos, letra de imprensa, em que se escreve ponto a ponto da direita para a esquerda, constituído por uma placa sulcada ou com cavidades circulares e por uma tampa dividida em linhas de retângulos.

(ADG).

**\*RÉGUA BRAILLE:**

Dispositivo em que se escreve ponto a ponto, da direita para a esquerda, constituído por uma placa sulcada ou com cavidades circulares e por uma tampa dividida em linhas de retângulos.

(FPO).

**\*RÉGUA DE PAUTA:**

Peça com duas ou três linhas e número variável de retângulos, que se desloca entre o topo e o fundo da pauta.

(FPO).

**\*RÉGUA PARA ESCRITA EM FITA DYMO (Braille):**

Dispositivo com uma linha de retângulos em que se escreve braille ponto a ponto, da direita para a esquerda, constituído por uma placa com cavidades circulares e por uma tampa dividida em retângulos (cabendo em cada um a representação do conjunto fundamental braille), numa peça única em que se articula a tampa com a placa mediante uma dobradiça que as une entre si.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Em geral, usa-se este dispositivo para marcar em fita dymo a identificação de qualquer objeto ou sinalizar qualquer lugar.  
(ADG).

### **\*REHABILITATION ENGINEERING SOCIETY OF JAPAN (RESJA):**

Criada em 1988, define-se como uma organização vocacionada para a aplicação da ciência e da tecnologia no processo de reabilitação.

[Recortado da Tese de Doutoramento "Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal", defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD].

(FG).

### **\*RELEVO BRAILLE:**

Diferentes graus de saliência dos pontos do texto braille.

(FPO).

### **\*RELEVO LINEAR:**

Ver **Escrita Linear em Relevo**.

### **\*RELÓGIO BRAILLE:**

Relógio para pessoas cegas, com os pontos tácteis indicativos do tempo no mostrador, com uma tampa de vidro.

(CB).

### **\*RELÓGIO FALANTE:**

Relógio para pessoas cegas com voz sintética.

(CB).

**\*RÉPLICA AUDIOTÁCTIL:**

Reprodução em relevo tátil (desenho, grafismo, fotografia, pavimento, maquete, objetos/produtos miniaturizados em dimensões que cabem numa mão ou nas duas mãos, etc.), reforçada com a adequada audiodescrição (oral e/ou escrita), de forma a proporcionar à pessoa cega uma imagem audiotáctil da representação como estando a ser visualizada em termos de configuração, imagem, design, cor.  
(ADG).

**\*RÉPLICA EM RELEVO:**

Ver **Réplica Audiotáctil e Réplica Táctil**.

**\*RÉPLICA TÁCTIL:**

Qualquer reprodução tátil concebida e materializada para ser observada e devidamente entendida por uma pessoa cega.  
(ADG).

**\*RESJA:**

Ver **Rehabilitation Engineering Society of JAPAN**.

**\*RESTITUIDOR DE SIGNIFICADO DE BASE (Braille):**

Ver **Sinal Restituído do Significado Original**.

**\*RETÂNGULO:**

Ver **Célula Braille**.

**\*RETRO-VERSO (Braille):**

Ver **Interlinhas**.

**\*REVISÃO:**

Ver **Revisão Braille**.

**\*REVISÃO BRAILLE:**

Verificação da correção e fidelidade da transcrição do texto braille.

(FPO, OJM, VC, ADG e CB).

**\*REVISOR BRAILLE:**

Especialista na revisão do texto braille.

(FPO, OJM, VC, ADG e CB).

**\*REVISTA BRANCO RODRIGUES - PUBLICAÇÃO EM BRAILLE DE JOÃO JOAQUIM DE JESUS:**

Publicação em braille, sob a direção e propriedade de João Joaquim de Jesus, de que se publicaram (ao que consta na Ilha da Madeira e através de uma impressora artesanal sua) alguns números em nos princípios dos anos 30 do Século XX. (ADG).

**\*REVISTA CLUBE UNIVERSON - PUBLICAÇÃO SONORA VOCACIONADA PARA ASSUNTOS DE NATUREZA METAFÍSICA:**

Publicação Sonora Vocacionada para Assuntos de Natureza Metafísica. Publicação dirigida e editada por Jorge António da Silva Tavares Teixeira, em Matosinhos, fonocopiada e distribuída pelo Gabinete de Referência Cultural: Pólo Interactivo de Recursos Especiais da Câmara Municipal de Lisboa, cujo primeiro número saiu em Janeiro de 1994, mas sem continuidade.

(ADG).

**\*REVISTA DA IMPRENSA DIÁRIA - EDIÇÃO SONORA DO SERVIÇO PARA CEGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL:**

Publicação, sob a direção de Filipe Pereira Oliva, edição sonora do então Serviço para Cegos da Biblioteca Nacional (hoje Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal), publicação que sobreviveu de 1971 a 1972, de periodicidade semanal e constituída a partir de artigos selecionados (durante a semana) num matutino e num vespertino de maior tiragem.

Cabe aqui anotar, a propósito, que o registo de informação em suporte áudio se iniciou nos Estados Unidos nos princípios de 1930 e que essa prática só chegou a Portugal cerca de trinta anos mais tarde.

(ADG).

**\*REVISTA DOS CEGOS - PUBLICAÇÃO EM BRAILLE E EM CARACTERES COMUNS DA ASSOCIAÇÃO PROMOTORA DO ENSINO DOS CEGOS:**

Publicação em braille integral e em caracteres comuns, sob a direção de Matoso da Fonseca, e propriedade da Associação Promotora do Ensino dos Cegos, editada desde Maio de 1933 a Outubro de 1948, publicada em braille através de uma impressora oferecida pela American Braille Presse, impressora esta que veio a ser enviada para o Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille da Santa Casa da Misericórdia do Porto.

(ADG).

**\*RIBAS, ÓSCAR:**

Ponto e Som já por mais de uma vez prestou homenagem «àqueles Deficientes Visuais que, pela obra realizada ao longo de suas vidas, se vão da lei da morte libertando». Hoje,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

recuando a 2004, avivamos a memória colectiva com Um Olhar Sobre Óscar Ribas.

Óscar Ribas, fruto da miscigenação sanguínea de Arnaldo Gonçalves Ribas (natural da Guarda) com Maria da Conceição Bento Faria Ribas (mulher angolana natural de Luanda), lançou nos ares, a 17 de Agosto de 1909, o seu primeiro grito de alerta, ao aspirar as primeiras golfadas do ainda puro ar africano do hemisfério Sul, e exalou o seu último tranquilo suspiro, no Estoril, a 19 de Junho de 2004, com a provecta idade de 94 anos.

Os seus pais premiaram-lhe a existência com dois irmãos (Mário e Joaquim) e uma irmãzinha, que se findou quando tinha somente 7 anos. Crescendo no seio de uma família onde se respirava saudável serenidade, tranquilizante segurança, amor reconfortante; onde os pais geravam um clima propício ao saudável crescimento físico e intelectual dos filhos; onde o conforto material e o bem-estar eram palpáveis, Óscar Ribas apurou a sua sensibilidade, moldou a sua personalidade nos princípios da tolerância, da aceitação do diferente, do humanismo bebidos na escola familiar, no meio social circundante e no Seminário de Luanda, onde fez os seus estudos liceais desde o primeiro ao último ano.

A sua infância e adolescência, os primeiros anos de homem adulto foram vividas em condições promissoras de um futuro risonho, feliz. Brincou, estudou, amadureceu intelectualmente. Foi funcionário na Fazenda de Luanda, onde o seu pai era Director Geral. Porém, aos 21 anos de idade bateu-lhe à porta a mão do infortúnio, anunciando-lhe o início da perda gradual do sentido da vista do qual ficou privado por completo, quando tinha já feitos 36 anos de idade. Apesar deste contratempo, que o obrigou a corrigir a trajectória na estrada da vida terrena, compreendendo, tal como Bernardo Santareno me afirmou um dia em amena troca de impressões acerca da problemática inerente à

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

deficiência visual, que a cegueira física não destrói o indivíduo, não o anula; porém, ela constitui uma barreira que tem de ser contornada. Ele soube assumir que a luz do espírito, sendo devidamente estimulada, alimentada pelo pão da cultura, da sabedoria, supera em muito os limites impostos pela falta de percepção da luz física do mundo circundante.

Foi nesta encruzilhada da vida, em que tudo parece desmoronar-se, que conheceu o Oftalmologista Santos Lapas que, doravante, vai com ele colaborar intimamente. Ambos fundam anos mais tarde o Instituto Óscar Ribas, com o propósito de proporcionar aos deficientes visuais angolanos a escolarização, a habilitação profissional, bem como a incentivá-los nos caminhos do acesso à cultura, à informação, aos saberes que facilitam a conquista da integração social e abrem portas à cidadania integral.

Nesta caminhada aprendeu a ler e a escrever pelo sistema que o genial francês, Louis Braille, nascido em 1809, inventou, rasgando assim, para os cegos de todo o mundo, novos horizontes, novas perspectivas de vida, a possibilidade de realizações até então não sonhadas.

Este filho legítimo de Angola (de pai branco e mãe negra) permaneceu na sua Pátria amada, até 1983, ano em que se fixou, com sua mulher, Maria Cândida (também já deficiente visual), no Estoril, num lar da Cruz Vermelha. Aí viveu com ela (como ele próprio afirma na dedicatória, no seu livro *Ilundu*) dias de alegrias e de tristezas, onde, em 1986, dela se despediu até à Eternidade.

Com a partida de sua mulher, na viagem que não tem retorno, o Escritor ficcionista, que muito tem de etnólogo, perde, além da companheira, da amiga, da fonte dos afectos que lhe adoçam a vida e do alvo da sua ternura, a colaboradora insubstituível que, por um lado, o ajudara na recolha de tanta literatura oral angolana, em vias de irremediável desaparecimento, por serem cada vez menos os seus

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

guardiães, os anciães e principalmente as anciãs das sociedades tribais, e, por outro, dera o seu prestimoso contributo, sugerindo modificações de natureza diversa, propondo cortes, acrescentos ou substituições nos documentos publicados que salvaram da morte certa aspectos da rica cultura angolana que havia sido transmitida oralmente de pais para filhos, ao longo de séculos, milénios.

Dando agora um pouco de atenção à herança literária que legou à posteridade, salienta-se de imediato o facto de aos 17 anos direccionar o seu interesse para os aspectos culturais do povo simples, das gentes indiferenciadas que trabalham, que labutam arduamente para ganhar o pão com o suor de seus rostos, que alimento o espírito com lendas e mitos, com crenças e fetiches, que respeitam e amam as tradições, os ritos e religiões transmitidos oralmente de geração para geração desde os tempos que se perdem na bruma do passado longínquo que só os adivinhos, os cultores de magias e seus congéneres conseguem visionar. Na sequência deste seu interesse, inicia a tarefa de recolha dos ingredientes da cultura popular com que, no seu laboratório, em cadinhos misteriosos, dá forma ao livro de contos infantis, intitulado «Nuvens que Passam», que publica em 1927, quando tem 18 anos de idade.

Desde então, esta sua faceta de amante da cultura popular foi-se evidenciando exponencialmente, à medida que trazia a público obras como «Sunguilando: Contos Tradicionais Angolanos» (transcrito para Braille pela Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal, em 1997), «Ilundu: Espíritos e Ritos Angolanos» (também transcrito para Braille pela ALDV da BNP, em 1998), e tantas outras como «Alimentação Regional Angolana», «Uanga», «Ecos da Minha Terra», «Temas da Vida Angolana e suas Incidências».

Este seu labor constante a favor da fixação em escrita da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

cultura oral foi eminentemente apreciado pelos seus contemporâneos. São demonstrativas do facto as condecorações com que foi agraciado, designadamente, «Medalha Margaret Wrong», atribuída, em 1952, pelo prémio do concurso promovido pelo International Committee on Christian Literature for Africa; «Comenda da Ordem do Infante» (Grau de Oficial da Ordem do Infante), atribuída, em 1963, pelo Governo Português; «Medalha Gonçalves Dias», atribuída, em 1968, pela Biblioteca Nacional do Rio de Janeiro.

[Texto de Isidro da Eira Rodrigues, recortado de «Ponto e Som», Editorial ].  
(IERO).

### **\*RISCAR (em braille):**

Converter em conjuntos de seis pontos dois ou mais caracteres.  
(FPO, ADG e CB).

### **\*RISO, SAÚDE E INCLUSÃO:**

O riso é um comportamento humano e social, expressão visual e sonora, envolvido na aprendizagem comunicativa desde o nascimento e ao longo da vida com formas, ritmos e intensidades que se vão ajustando à vivência experiencial em função dos contextos pessoais e ambientais (Vital, 2011).

O Riso é uma parte essencial da comunicação humana - comunicação não-verbal.

O Riso do “eu” não deixa o “tu” indiferente, mobiliza-o para a interação e contagia-o para uma dinâmica de “eu” com “tu” aqui e agora presentes, no mesmo momento, focados, envolvidos numa atividade séria que nos coloca em paridade (Vital,2011).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

As pessoas levam o seu riso do trabalho para casa, de casa para o trabalho, de casa para os amigos, dos amigos para casa. O Riso é dinâmico e há tantos risos quanto pessoas.

O Riso está a ser utilizado na área social, laboral, da educação e da saúde em todo o mundo e é um factor determinante de inclusão social (Vital, 2014).

No contexto da saúde as intervenções com o riso podem ser usadas com objetivo preventivo (medicina de estilos de vida) ou como opção terapêutica complementar ou alternativa a outras estratégias terapêuticas estabelecidas (Mora-Ripoll, 2013).

O riso vigoroso estimula - aumenta a frequência cardíaca, a pressão e a circulação sanguínea, melhora a eficácia da circulação da substância imunitária, a ventilação pulmonar e o estado de alerta e exercita os músculos. Após o riso há um breve período em que a pressão arterial desce e a frequência cardíaca, respiratória e a atividade muscular diminuem resultando em relaxamento (Fry, 1994 citado por Mahony *et al.*, 2002).

As técnicas mente-corpo têm como objectivo fazer com que o corpo e a mente relaxe e assim possa reduzir os níveis de hormonas do stresse no organismo, de modo a que o sistema imunológico seja mais capaz de combater a doença. As técnicas mente-corpo podem ser úteis em muitas condições de doença e de deficiência, porque para além de incentivarem o relaxamento, melhoram a capacidade de adaptação à doença (*coping*) e suas consequências, reduzem a tensão e a dor, e diminuem a necessidade de medicação. Os sintomas de ansiedade e depressão também respondem bem às técnicas de mente-corpo.

O Yoga do Riso (YR) tem a capacidade de sincronizar ambos corpo e mente, mantendo uma harmonia mútua.

Os cinco benefícios do Riso apontados por Kataria (2012) incluem:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

1. Aumenta o ânimo, estado de espírito: YR muda o ânimo, estado de espírito em minutos pela libertação de endorfinas das células do cérebro. Isto permite sentir-se bem e uma vez com bom ânimo consegue-se fazer qualquer coisa e fazê-la bem. Também faz com que ao longo do dia se esteja bem-disposto, animado, alegre.
2. Benefícios para a saúde: YR reduz o stresse e fortalece o sistema imunitário. Se o sistema imunitário está forte não ficamos doentes tão rapidamente e numa situação de saúde com uma condição crónica ajuda no tratamento mais rápido.
3. Benefícios laborais /negócio / empresa: Para um funcionamento ótimo o cérebro precisa de 25% mais oxigénio. Os exercícios do riso podem aumentar o fornecimento de oxigénio ao corpo e ao cérebro ajudando a aumentar a eficiência e o desempenho. Sente-se energético e será capaz de trabalhar mais do que normalmente sem se sentir (tão) cansado.
4. Conector social: A qualidade de vida depende da qualidade dos nossos amigos e das nossas relações. O riso é um grande conector de pessoas e traz muitos bons amigos com relações de partilha, de carinho e de cuidar.
5. Rindo através de Desafios: Qualquer um consegue rir quando os tempos são bons, mas o YR ensina as pessoas a rir incondicionalmente para que consigam rir mesmo quando os tempos são maus ou difíceis. O riso fornece força na adversidade, é um mecanismo de coping para ajudar as pessoas a manter uma atitude mental positiva apesar e independentemente das circunstâncias.

[Recortado o presente texto, em grande parte, de Vital, A.P. (2014). *Coaching de Riso*. Manual de Formação. Braga: Qualitividade, Tecnin Training, S.A.]

### REFERÊNCIA:

Vital, A.P. (2014). *Coaching de Riso*. Manual de Formação.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Braga: Qualitividade, Tecnin Training, S.A.

(APV).

### **\*ROBOBRAILLE - EM PORTUGAL E NO MUNDO:**

Na sociedade atual, o acesso à informação e à comunicação é indispensável. No entanto, para algumas pessoas, esse acesso pode ser condicionado devido a limitações funcionais, coarctando as suas possibilidades de participação social. Existem, contudo, variadas tecnologias que permitem ultrapassar este tipo de obstáculos, havendo alternativas disponíveis, apresentando o caso particular do projeto RoboBraille. Trata-se de um projeto desenvolvido ao abrigo de uma iniciativa comunitária, cujo produto final foi a disponibilização de um Serviço de Conversão de Documentos para Braille e/ou voz sintética, já disponível em sete línguas. O Serviço é dirigido prioritariamente a pessoas com deficiência visual, mas também a outros tipos de público com dificuldades de acesso à informação escrita, nomeadamente analfabetos, disléxicos, etc. Para além dos utilizadores individuais, o Serviço está pensado para ser usado por instituições, tanto públicas como privadas, as quais darão sustentabilidade ao Serviço, permitindo manter a gratuidade de utilização para os particulares, condição basilar do projeto. «O serviço RoboBraille propõe uma solução para um problema universal: colocar a informação em formato texto acessível a pessoas que de outro modo não lhe poderiam aceder, devido à sua deficiência ou dificuldades de leitura. À medida que a sociedade se torna mais dependente da informação, o problema da informação textual inacessível a pessoas com incapacidades de leitura aumenta. O RoboBraille é um Serviço baseado em correio electrónico capaz de converter documentos de, e para, Braille abreviado, e para voz sintética. Os utilizadores enviam documentos em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

formato digital (ficheiros de texto, documentos de Word, páginas HTML), como anexos em mensagens de correio electrónico para endereços pré definidos consoante a função pretendida. Em poucos minutos, o serviço responde ao utilizador através de correio electrónico retornando o resultado pretendido, como por exemplo, uma hiperligação para o utilizador aceder ao ficheiro convertido para áudio em formato mp3, ou ficheiro codificado para Braille. O serviço RoboBraille estava já em funcionamento como protótipo na Dinamarca desde Agosto de 2004. O objectivo do Projecto, financiado pela Comissão Europeia, foi o de validar o serviço RoboBraille Dinamarquês em cinco países adicionais: Chipre, Irlanda, Itália, Portugal e Reino Unido. Desta forma o Projecto propunha-se a provar a viabilidade Pan-Europeia do serviço tanto do ponto de vista técnico, como do ponto de vista comercial. Para esta validação foram definidos como público-alvo primário, os indivíduos com deficiência visual. Posteriormente, estando o serviço universalmente disponível, o grupo, definido como secundário, das pessoas sem acesso à informação escrita (analfabetos, disléxicos e outros) também usufruirá do serviço. Os países participantes do projecto foram seleccionados principalmente por possuírem sistemas Braille bem definidos e terem motores de síntese de voz disponíveis. Chipre em particular foi convidado a juntar-se ao projecto devido às particularidades relativas à língua Grega provocadas pelo uso de um alfabeto diferente.».

«Para o desenvolvimento do Projecto foi criado um consórcio composto por sete organizações de seis países Europeus. O consórcio foi liderado pelo Synscenter Refsnaes, uma instituição pública Dinamarquesa que foi a criadora do protótipo do serviço RoboBraille no mercado Dinamarquês. As seguintes organizações que participaram no consórcio:

- . Synscenter Refsnaes (coordenador) - Dinamarca
- . ANS Associazione Nazionale Subvedenti, ONLUS - Itália

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- . National Council for the Blind of Ireland - Irlanda
- . St. Joseph's School for the Visually Impaired - Irlanda
- . Royal National College for the Blind - Reino Unido
- . Pagkypria Organozi Tyflon - Chipre
- . Centro de Inovação para Deficientes - Portugal

Os parceiros foram seleccionados pelo seu conhecimento e contacto próximo com membros do grupo alvo primário do serviço, bem como pela sua competência técnica no que diz respeito aos sistemas nacionais de Braille, sistemas de conversão Braille e motores de síntese de voz.

O projecto foi iniciado em Julho de 2006 e decorreu até 31 de Dezembro de 2007.».

«O RoboBraille permite ainda ao utilizador tornar-se menos dependente de terceiros para aceder à informação. Com base em entrevistas com potenciais clientes da indústria farmacêutica, da área financeira e sector público, os utilizadores institucionais tendem a valorizar a relação custo/eficiência, bem como a qualidade e precisão do serviço. As maiores vantagens do RoboBraille para os utilizadores institucionais serão:

- . Boa relação custo/eficiência relativamente a meios tradicionais de conversão, tais como:

- (1) investimento em tecnologia e competências internas; ou
- (2) fazer outsourcing de produção de áudio e Braille.

- . Facilidade de adaptação e integração. Não é necessário proceder a alterações ao funcionamento da instituição para implementar o serviço, nem são necessárias competências adicionais. Permite também à entidade cumprir com requisitos legais obrigatórios com a maior qualidade e a um baixo custo.

- . Responsabilidade Social. O uso do serviço permite à instituição demonstrar o apoio da empresa à criação de uma sociedade de informação inclusiva.».

[Recortado de: LIMA, Benedita, e GUERRA, João (2011).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Robobrilie em Portugal e no Mundo. *In: Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência / Direção científica de Augusto Deodato Guerreiro. Lisboa: Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, 2011; 445-462.].*

### **\*RODRIGUES, ASSIS MILTON OVÍDEO:**

Assis Milton Ovídio Rodrigues nasceu a 27 de Agosto de 1942, na Cidade de Pangim, capital de Goa, onde frequentou a escola primária. Em Bombaim, estudou na St. Stenislau High School até regressar a Goa em 1956. De novo na sua terra natal, estudou na People's High School até ao sexto ano, altura em que a visão deixou de lhe permitir ler livros e fazer os seus trabalhos.

Depois da anexação de Goa pela Índia, veio para Portugal. Em Lisboa, fez a sua reabilitação na Fundação Raquel e Martin Sain. Depois do curso liceal, ingressou na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, onde frequentou o curso de Germânicas.

Em 1969, interrompeu os estudos e rumou a Moçambique, fixando-se na Cidade da Beira.

Em 22 de Julho de 1969, fundou o Instituto Assis Milton, a primeira Instituição moçambicana vocacionada a prestar apoio aos deficientes visuais para a sua educação, reabilitação e formação profissional. Em 1971, quando da sua passagem por Luanda, fomentou ativamente o surgimento de um estabelecimento em prol dos deficientes visuais, que culminou com a criação da Escola Óscar Ribas, com o apoio da ROTARY CLUB.

Regressou a Portugal em 1976.

Em Inglaterra, frequentou e concluiu o curso do College of

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

the Teachers of the Blind, assim como o da Faculty of Education of the University of Birmingham.

No extinto Instituto António Aurélio da Costa Ferreira, foi docente entre 1979 e 1989.

Em 1984, concluiu a Licenciatura em Línguas e Literatura Modernas, na Universidade Clássica de Lisboa.

Em 1980, fundou a Associação Promotora de Emprego de Deficientes Visuais (APEDV), para a formação profissional de deficientes visuais e sua colocação no mercado do trabalho.

Publicou vários artigos na imprensa nacional e estrangeira. Participou em vários Congressos e Seminários sobre a formação profissional, reabilitação e emprego de deficientes visuais.

No âmbito da missão que abraçou, visitou Macau, Hong-Kong, Laos, Suíça, Áustria, Alemanha, Inglaterra, França, Espanha, Finlândia, Suécia, Brasil, Estados Unidos, Canadá, Angola, Cabo Verde e Moçambique.

Ao longo do seu aperfeiçoamento académico, foi bolseiro da Fundação Calouste Gulbenkian, da Comissão Fulbright, Christoffel Blindenmission, CAFORD e Catholische Blindenwerk.

Assis Milton publicou o livro "Estrelas no meu Céu Escuro", o qual foi lançado durante o Seminário Comemorativo dos 25 anos da APEDV, que se realizou no dia 30 de Setembro de 2005, na Biblioteca Nacional de Portugal.

Pai de quatro filhos: Aquilino, Alexandre, Dânia e Daniela.

O Dr. Assis Milton faleceu em Lisboa no dia 20 de Março de 2006, após uma doença prolongada.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### Referência Bibliográfica:

MILTON, Assis (2005). Estrelas no meu Céu Escuro. Lisboa: APEDV.

(AR).

**\*RODRIGUES, BRANCO** (Nome completo José Cândido Branco Rodrigues:

Português, nascido a 18 de Outubro de 1861 e falecido a 18 de Outubro de 1926. Grande humanista, professor e jornalista, filantropo, tiflófilo, tiflólogo e tiflopedagogo, que colocou na sua intervenção na cegueira todas as suas capacidades e aptidões, numa devotada entrega à causa para arrancar as pessoas cegas à condição de sub-humanidade em que se encontravam no nosso país, o que o tornou digno do venerador respeito das pessoas cegas e normovisuais, e do próprio país. Fomentou e promoveu o desmoronamento de barreiras sociais e culturais colocadas às pessoas cegas, abrindo-lhes caminhos de emancipação social na preparação profissional e intelectual, propugnando por que as mesmas passassem a ser consideradas capazes de contribuir para a vida das suas comunidades, com igual competência social à das pessoas normovisuais.

(ADG).

**\*ROSA-DOS-VENTOS - REVISTA INFANTO-JUVENIL, EDIÇÃO MENSAL EM BRAILLE DO CENTRO PROF. ALBUQUERQUE E CASTRO:**

Revista Infanto-Juvenil. Publicação, que nasceu sob a direção de Pilar R. de Albuquerque e Castro, e que, sucessivamente, tem vindo a ter outras direções, propriedade do Centro Prof. Albuquerque e Castro, edição mensal em Braille, cujo primeiro número saiu em Janeiro de 1968.

(ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## S

### **\*SATISFAÇÃO COM OS CUIDADOS DE SAÚDE:**

A satisfação com os cuidados de saúde é um conceito multidimensional dado que os pacientes/utentes têm diferentes pontos de vista de diferentes aspetos do seus cuidados de saúde, tais como o comportamento, comunicação e atitude do profissional de saúde em relação a eles, a informação fornecida, as habilidades técnicas do profissional de saúde, a acessibilidade e a qualidade dos serviços de cuidados de saúde entre outros aspetos. A satisfação com os cuidados de saúde é o resultado major da interacção profissional de saúde-utente, envolvendo uma avaliação cognitiva e uma reacção emocional/afectiva aos cuidados de saúde recebidos e é uma medida e indicador de qualidade da prestação dos cuidados de saúde, nomeadamente da eficácia da comunicação (Vital, 1999). Sabe-se que níveis de satisfação mais altos estão relacionados com maior adesão ou *compliance* com os tratamentos ou orientações/aconselhamento dado pelos profissionais de saúde e que níveis altos de insatisfação estão associados a informação insuficiente e baixo nível de compreensão das orientações médicas ou de outros profissionais de saúde (Vital, 1999).

#### Referência:

VITAL, A.P. (1999). *Comunicação Médico-Utente. A importância da comunicação e satisfação com a consulta médica para a população utente em geral*. Dissertação de Mestrado na especialidade de Psicologia da Saúde, Instituto Superior de Psicologia Aplicada, Lisboa, Portugal.  
(APV)

**\*SAUNDERSON, NICHOLAS:**

Nicholas Saunderson nasceu em Janeiro de 1682 em Thurlstone, Inglaterra. Cego desde o ano de idade como consequência de varíola, recebeu uma educação acadêmica e musical excecional, que o conduziu a estudos superiores. Frequentou a escola regular de Penniston, onde aprendeu Latim, Grego, Francês, Música e Matemática, tendo desenvolvido o estudo desta última disciplina a partir dos seus 18 anos com o professor William West. O seu conhecimento de Matemática tornou-se de tal forma destacado que em 1707 se dirige a Cambridge onde acaba por ficar como professor, encarregue da cadeira Lucasiana, nela sucedendo a Newton e William Whiston, ensinando as matérias de filosofia newtoniana, hidrostática, mecânica, ótica, som e astronomia. Foi inventor de instrumentos de cálculo, geometria e ótica para sua utilização e demonstrações aos alunos. Em 1728 foi agraciado com o grau acadêmico de Legum Doctor por George II durante uma sua visita a Cambridge. Destacam-se as suas obras *Elements of Algebra* e *The Method of Fluxions applied to a Select Number of Useful Problems, together with the Demonstration of Mr. Cotes's forms of Fluents in the second part of his Logometria, the Analysis of the Problems in his Scholium Generale, and an Explanation of the Principal Propositions of Sir Isaac Newton's Philosophy*. É-lhe ainda atribuído o teorema de Bayes. Foi distinto membro da Royal Society e da Spitalfields Mathematical Society. Casou com a filha de William Dickons, reitor de Boxworth, tendo tido um filho e uma filha, John e Anne, que publicaram postumamente alguns estudos do seu pai. Morreu de escorbuto em 19 de abril de 1739. Em 1761 foi publicada anonimamente a obra *Select Parts of Professor Saunderson's Elements of Algebra for Students at the Universities*. O seu destaque acadêmico na área das ciências e no ensino superior - não obstante a sua

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

condição de cegueira - levaram Denis Diderot a inspirar-se em Saunderson para descrever uma personagem ficcional para a sua obra Carta Sobre os Cegos para Uso das Pessoas que Veem, em 1749, obra que mudaria para sempre a percepção da sociedade sobre os cidadãos cegos. (MRA).

### **\*SECRETARIADO NACIONAL DE REABILITAÇÃO (SNR):**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

### **\*SEMINÁRIO INTERNACIONAL AO ALCANCE DAS MÃOS - INFORMAÇÃO TÁCTIL NOS MUSEUS E CENTROS DE CIÊNCIA VIVA:**

No dia 29 de setembro de 2008, teve lugar no auditório do Pavilhão do Conhecimento-Ciência Viva o primeiro seminário sobre informação táctil nos museus e centros de ciência.

O objetivo deste evento foi aferir e encontrar soluções para que os museus e centros de ciência possam otimizar a visita de cidadãos cegos e com baixa visão, o que existe e o que ainda falta nesses espaços para que este público sinta que vale a pena visitá-los e revisitá-los.

Vários especialistas, investigadores e profissionais de museus, nacionais e estrangeiros, debateram estas e outras questões, analisando também o que já foi feito em Portugal nesta matéria e o que se pode fazer no futuro, recorrendo a parcerias com instituições representativas dos cidadãos cegos e com baixa visão.

O seminário (com tradução simultânea em inglês, francês e português) foi dirigido aos profissionais dos museus e ao público em geral interessado nesta temática.

Este seminário foi realizado em parceria com a Câmara Municipal de Lisboa, no âmbito do Gabinete de Referência

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Cultural - Pólo Interactivo de Recursos Especiais, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio da ECATI, Electrosertec e APEDV.

Este evento envolveu especialistas de Inglaterra, Itália e Portugal, dividido pelos três painéis seguintes:

1º Painel - Comunicação, Percepção e Informação Tátil (com a participação dos investigadores na área e professores universitários A. Hoelle Corvest e M. Weisen, de Inglaterra, Augusto Deodato Guerreiro, de Portugal, e Fábio Levi, de Itália).

2º Painel - Técnicas, Materiais e Recursos: Exemplos de Algumas Empresas/Instituições que têm trabalhado com materiais tácteis no domínio em referência (designadamente Electrosertec, Marquetry, Ministério da Educação).

3º Painel - Experiências no Terreno: Exemplos de Museus com Experiências Concretas (Museu de Loures, La Cité des Sciences et de l'Industrie/Pavilhão do Conhecimento-Ciência Viva).

No âmbito deste seminário esteve patente uma exposição de fotografia tátil, da autoria do fotógrafo Paulo Abrantes.

(ADG).

**\*SEMINÁRIO «LISBOA NO RIO** - Humor, Poesia, História, Música...»:

Evento organizado pela Secção de Deficientes Visuais da Biblioteca Municipal Camões, para assinalar o 1º Aniversário de «Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa» e realizado em 26 de Setembro de 1991 a bordo do barco "Marvila", no Rio Tejo, sob a direcção de Augusto Deodato Guerreiro.

(ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*SEMINÁRIO «LISBOA - As Palavras e a Música»:**

Evento organizado pela Secção de Deficientes Visuais da Biblioteca Municipal Camões e realizado em 26 de Setembro de 1993 a bordo do navio "S. Jorge", no Rio Tejo, assinalando o 3º Aniversário de «Dinamização Cultural: Revista Áudio da Câmara Municipal de Lisboa», sob a direção de Augusto Deodato Guerreiro, iniciativa que mereceu destaque televisivo, tendo sido transmitido no Canal 2 da RTP um programa alusivo com a duração de cerca de 25 minutos.

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (X):**

«Literacias, Tecnologia e Inclusão» (Com tradução simultânea em LGP e Áudio-Descrição). Organizado pelo Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (MCATA) do Departamento de Ciências da Comunicação (DCC) da Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 7 de Junho de 2018.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento (Reitor da ULHT, Professor Catedrático Doutor Mário Moutinho; Diretor do Departamento de Ciências da Comunicação da ECATI da ULHT, Professor Catedrático Doutor Luís Cláudio Ribeiro; Presidente do Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., Dr. Humberto Santos; Presidente da Federação Portuguesa das Associações de Surdos, Dr. Pedro Costa), foram apresentados e debatidos neste Seminário Nacional - nos dois Painéis «Legislação Inclusiva, Literacias e Comunicação em Saúde no Desenvolvimento Humano» e «Escola Inclusiva,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Diversidade e Equidade, Cidades e Literacias no Desenvolvimento Humano» -, os seguintes temas, conforme o Programa que passamos a transcrever:

09h40 - 1º Painel (1ª Parte) - Legislação Inclusiva, Literacias e Comunicação em Saúde no Desenvolvimento Humano

Moderação: Dr. Miguel Ferro, Coordenador do Núcleo de Braille e Meios Complementares de Leitura (NBMCL)/Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.

09h40: "O braille no horizonte tecnológico inclusivo", Aquilino Rodrigues (Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Investigador e Diretor da Sertec/CEFAS).

10h00: "A grafia braille em linguística", Alice Ribeiro (Universidade do Porto e Personalidade de reconhecido mérito no Núcleo Braille e Meios Complementares de Leitura / Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.) e Luís Filipe Cunha (Investigador no Centro de Linguística da Universidade do Porto).

10h20: Debate, seguido de Pausa para Café

10h50 - 1º Painel (2ª Parte)

Moderação: Professor Catedrático Doutor Manuel da Costa Leite (Investigador e Docente na ULHT)

11h10 "Audiodescrição: para uma sociocomunicabilidade mais inclusiva", Susana Juzarte (Professora de Educação Especial, Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e Doutoranda em Ciências da Comunicação).

11h30 "Literacia e comunicação em saúde", Catarina Ramos (Professora do ensino superior e Investigadora, Terapeuta da Fala e com o título de Especialista em terapia da fala - área terapia e reabilitação) e Paula Vital (Professora do ensino superior e Investigadora, Terapeuta da Fala e com o título de Professora Especialista em Terapia da Fala - área de Terapia e Reabilitação).

11h50 "Literacia em cidadania e humanização da vida no

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

prazer solidário de existir", Augusto Deodato Guerreiro (ULHT e Personalidade de reconhecido mérito no Núcleo de Braille e Meios Complementares de Leitura / Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.).

12h10 Debate.

12h30 Almoço (livre).

14h00 - 2º Painel (1ª Parte) - Escola Inclusiva, Diversidade e Equidade, Cidades e Literacias no Desenvolvimento Humano  
Coordenação: Dr. Pedro Costa (Presidente da FPAS)

14h00 "A escola inclusiva: diversidade e equidade", Jorge Serrano (Professor Universitário e Investigador, Doutor em Estudos da Criança/Educação Especial)

14h30 "A literacia/dactilologia no desenvolvimento sociocognitivo da pessoa surdocega", Sandra Barbosa (Técnica Superior do Centro de Educação e Desenvolvimento António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa).

14h50 "A literacia/imagem na educação bilingue da pessoa surda", Dina Almeida (Professora de Educação Especial na Escola Avelar Brotero/Coimbra e Especialista na área da educomunicação de surdez) e Amílcar (Professor de LGP Na Escola Avelar Brotero/Coimbra).

15h10 "A importância dos multimédia no olhar surdo", Grupo Alma Surda da Brotero (Grupo sob a direção da Professora Dina Almeida).

15h40 Debate.

16h00 - 2º Painel (2ª Parte)

Coordenação: Professor Catedrático Doutor Augusto Deodato Guerreiro (MCATA/ULHT)

16h00 "A literacia/SPC no desenvolvimento sociocognitivo da pessoa autista", Maria Manuela Cardoso (Professora de Educação Especial, Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio) e Cláudia Sofia Macedo de Araújo Moreira (Professora de Educação Especial, Especialização em Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

16h20 "Cidades: literacias e inclusão", Domingos Rasteiro (Doutor em Ciências da Educação, Professor e Investigador no Instituto Piaget/Almada).

16h50 Debate.

17h00 Sessão de Encerramento

Presidente do Instituto Nacional para a Reabilitação: Dr. Humberto Santos

Presidente da FPAS: Dr. Pedro Costa

Diretor do Departamento de Ciências da Comunicação: Professor Catedrático Doutor Luís Cláudio Ribeiro (Em representação da ECATI e da ULHT)

Organização do evento: Professor Catedrático Doutor Augusto Deodato Guerreiro.

### Objetivos:

Com a realização deste X Seminário Nacional, no âmbito do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, este ano subordinado ao tema «Literacias, Tecnologia e Inclusão», pretende-se produzir e refletir o impacto educomunicacional, pedagógico, cultural e de sensibilização pública no direito à participação social e qualidade de vida dos cidadãos com deficiência, através da consecução dos seguintes objetivos:

- Contribuir para um alargado e aprofundado debate científico sobre as literacias inclusivas e tecnologias de apoio, salientando o impacto educomunicacional no direito à participação social e qualidade de vida das pessoas com deficiência, com vista à compensação e/ou eliminação das problemáticas complexas da comunicação e da educação inclusivas, mediante intervenção precoce na infância e ao longo da vida, bem como das suas implicações na vida familiar, escolar e social das crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores, com deficiência e/ou em situação de risco de a poder vir a adquirir;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Provocar um amplo entendimento, intercompreensão e divulgação dos conceitos e práticas educomunicacionais interventivas no ensino/aprendizagem das diferentes literacias e meios complementares de leitura e de acesso à informação, aplicáveis nas diversas tipologias da deficiência e nos vários níveis etários e de conhecimento;
- Sensibilizar as famílias, profissionais, professores e investigadores, as instituições, os media e as sociedades civil e sociopolítica, o Estado, para a vital importância do processo da inclusão no desenvolvimento humano e da humanização da vida, com especial enfoque nas crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores com deficiência e/ou em risco de a vir a adquirir;
- Providenciar e fundamentar a necessária consensualidade educomunicacional para uma aprofundada reflexão e consequente atuação e desempenho na estruturação de metodologias e estratégias que, em intervenção precoce e ao longo da vida, promovam a vital importância e compreensão, acessibilidade e usabilidade das literacias inclusivas e tecnologias de apoio, visando o desenvolvimento biopsicossocial, educomunicacional e sociocomunicacional, sócio educativo e sociocognitivo, promotor de competências pessoais e sociais e fomentador da natural inclusão e qualidade de vida das crianças, adolescentes, jovens, adultos e seniores com necessidades especiais e respetivas famílias.

### Comissão Científica

Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro (MCATA/ULHT).

Prof. Doutor Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva (Investigador e Professor/ULHT).

Prof. Dr. Aquilino Rodrigues (Mestre em Comunicação

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Alternativa e Tecnologias de Apoio, Investigador e Diretor da Electrosertec/CEFAS).

Professora Especialista Ana Paula Vital (Professora universitária e Investigadora - Especialista na área da Terapia da Fala e Reabilitação).

Professora Especialista Catarina Ramos (Professora universitária e Investigadora - Especialista na área da Terapia da Fala e Reabilitação).

Prof. Doutor José A. Bragança de Miranda (Direção/ECATI/ULHT).

Prof. Doutor José Gomes Pinto (Direção/ECATI/ULHT).

Prof. Doutor Luís Cláudio Ribeiro (Direção/DCC/ECATI/ULHT).

Prof. Manuel José Damásio (Administrador Adjunto/ULHT).

Prof. Doutor Manuel da Costa Leite (Investigador e Docente/MCATA/ECATI/ULHT).

Dr. Pedro Costa (Presidente da Federação Portuguesa das Associações de Surdos).

Prof. Doutor Rui Estrela (Investigador e Diretor dos Cursos de Comunicação Aplicada e Organizacional/ULHT).

## Comissão de Resoluções/Recomendações

Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro.

Prof. Doutor Artur Olímpio F. Gonçalves da Silva (Investigador e Professor/ULHT).

Prof. Doutor Manuel da Costa Leite.

Dra. Maria de Lurdes R.F. Guerreiro.

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Dr. Miguel Ferro (Presidente do NBMCL/INR, I.P.)

Doutoranda Susana Juzarte.

Comissão Organizadora e Secretariado

Dra. Sónia Luís.

Dra. Maria de Lurdes Guerreiro.

Doutoranda Susana Juzarte.

Alunas do 1º Ciclo de Comunicação Aplicada, unidade curricular Teorias e Modelos da Comunicação, Beatriz Fabião, Catarina Fonseca e Madalena Soares.  
(ADG).

**\*SEMINÁRIO NACIONAL (IX e também I Internacional):**

«As Pessoas Cegas e com Baixa Visão na CPLP: Educomunicação Inclusiva em Intervenção Precoce, Vida e Empregabilidade, Desafios e Propostas no Século XXI» (Com tradução simultânea em LGP e Áudio-Descrição). Organizado pelo Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio (MCATA) da Escola de Comunicação, Arquitetura, Artes e Tecnologias da Informação (ECATI) da Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias (ULHT) e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, nos dias 1, 2 e 3 de Junho de 2017.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento (Secretária de Estado da Inclusão das Pessoas com Deficiência, Dra. Ana Sofia Antunes; Professora Doutora Arlinda Cabral, em representação da Secretária Executiva da CPLP; Vice-Reitor da ULHT, Professor Catedrático Doutor Carlos Poiães, em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

representação do Magnífico Reitor; Engenheiro Faria Ferreira, Membro da COFAC em representação do Administrador; Diretor da ECATI e Assessor Científico da ULHT, Professor Catedrático Doutor José A. Bragança de Miranda. Vice-Presidente do INR, I.P., Dra. Marina Vanzeler, em representação do Presidente deste Instituto Nacional, Presidente do Conselho de Administração da ONGD Causa Maior, Professor Catedrático Doutor Trovão do Rosário), foram apresentados e debatidos neste Seminário Internacional - nos quatro Painéis «Nas Políticas e Estratégia da CPLP: Realidades, Propostas e Desafios na Área da Tiflologia», «Profilaxia e Educação/Dificuldades de Aprendizagem nas Crianças com Problemas Visuais: Visão Lions e Rotary em Portugal», «Investigação, Metodologias e Tecnologias de Apoio: Realidades Inclusivas em Portugal e no Brasil» e «ONGD Causa Maior em Articulação com Outras Instituições no Desenvolvimento de Projetos Educativos/Formativos (Também na Área da Tiflologia) em Portugal e na CPLP» -, os seguintes temas:

- "Uma proposta educ comunicativa de articulação/parceria ULHT-UFRJ-CPLP" / Professor Catedrático Doutor Augusto Deodato Guerreiro (Diretor do Mestrado em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio.

Neste contexto, apresentou o livro Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas, publicado pelas Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, em distribuição pela Amazon, e o Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral, a disponibilizar online, no Blog [deodatoguerreiro.blogspot.pt](http://deodatoguerreiro.blogspot.pt), em migração para a Página EDLARS - Educomunicação e Vida, marca de Augusto Deodato Guerreiro, no INPI, desde 2002.

- "Investigação e tecnologias assistivas na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) - perspetivas/propostas de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

parceria com a ULHT e CPLP" / Professor Doutor José António dos Santos Borges (Professor e Investigador na UFRJ e Chefe do Laboratório de Pesquisa e Desenvolvimento de Tecnologia Assistiva do Instituto Tércio Pacitti de Aplicações e Pesquisas Computacionais da mesma Universidade).

- "O que sabemos sobre a educação e a vida das pessoas cegas na CPLP - 1ª perspectiva/vertente" / Jornalista Dr. Jorge Gonçalves (Diretor da RDP África).

- "As pessoas cegas e com baixa visão em Portugal: educomunicação inclusiva em intervenção precoce, vida e empregabilidade, desafios e propostas no século XXI" / Professor Mestre Fernando Abreu Matos.

- "O que sabemos sobre a educação e a vida das pessoas cegas na CPLP - 2ª perspectiva/vertente" / Professor Mestre Aquilino Rodrigues (Docente no MCATA/ULHT, Diretor da Electrosertec e Fundador do CEFAS).

- "A Áudio-Descrição: uma proposta tiflológica inclusiva em Portugal e na CPLP" / Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e doutoranda em Ciências da Comunicação Susana Zuzarte.

- "Histórico da relevância de uma eficiente comunicação e colaboração de teorias pedagógicas nas primeiras Escolas para cegos e amblíopes do Ocidente moderno: casos de exemplo do Brasil e de França" / Professora Doutora Maria Romeiras Amado (Investigadora e Docente no Instituto Superior de Educação da Universidade de Lisboa).

- Apresentação do livro Cantinho Itinerante do Escritor, de Augusto Deodato Guerreiro, pelo Professor Catedrático Doutor António Mendes, Coordenador do II Painel, Rotary e Past-Governador Rotary.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Os Rotary e a educação inclusiva de crianças/alunos cegos: o Centro Helen Keller" / Dr. Roberto Carvalho (Diretor da Instituição, Membro do Rotary Clube Cascais-Estoril e atual Presidente da Comissão Distrital dos Serviços à Comunidade do Distrito 1960 do Rotary Internacional) e Dra. Lénia Ferreira (Terapeuta da Fala no Centro Helen Keller).
- "Ergoftalmologia e melhoria da visão" / Investigador e Médico Oftalmologista Dr. Fernando Bivar Weinholtz (Membro Honorário Lions\_Monsanto).
- "Bem ouvir e ver para melhor aprender" / Comandante Fernando Medeiros de Sousa (Rotary Clube Lisboa-Estrela).
- "Comunicação organizacional inclusiva: uma persspetiva educacional para uma Teoria e Prática no Brasil" / Professora Dra. Dolores Affonso (Rio de Janeiro).
- "Musibaille: meio tecnológico educacional inclusivo para profissionais cegos e normovisuais no exercício e ensino da música no Brasil e CPLP" / Professora Doutora Dolores Tomé (Brasília-FL/UPorto, Pós-Doutoranda/ULHT-UFRJ).
- "Estratégias e metodologias dinamizadoras de ensino/aprendizagem a alunos com dificuldades visuais" / Professor Doutor Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva (Investigador, Doutor em Ciências da Informação e em Ciências da Educação, Docente na ULHT).
- "Tecnologias móveis de apoio, que tendências? - O Projeto MobFRIEND" / Professor Catedrático Doutor Manuel da Costa Leite (Investigador e Professor na ULHT e no MCATA desta Universidade).
- "As influências de José Álvares de Azevedo para a Educação dos cegos no século XIX" / Doutoranda Aline Martins de Almeida (PEPG em Educação: História, Política,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Sociedade da PUC-SP-Pontifícia Universidade Católica de São Paulo) e Professor Doutor Hélder Henriques (Instituto Politécnico de Portalegre e CEIS20/Universidade de Coimbra).

- "ONGD Causa Maior: propostas e desafios em Portugal e na CPLP" / Professor Catedrático Doutor Trovão do Rosário (Presidente do Conselho de Administração da ONGD Causa Maior).

- "FNSE: realidades e desafios tiflológicos em Portugal e já com impacto em Cabo Verde" / Advogado e Mestre em Direção e Gestão dos Sistemas de Segurança Social Dr. João Palmeiro (Presidente do Conselho de Administração da Fundação Nossa Senhora da Esperança).

- "Orientação e mobilidade de pessoas cegas em Portugal e na CPLP: uma proposta e um desafio" / Professor Mestre Júlio Damas Paiva (Investigador, Mestre em Educação Especial e Fundador da Escola de Cães-Guia de Mortágua/Portugal).

- "O desporto para cegos na CPLP" / Professor Dr. Jorge Vilela de Carvalho (Faculdade de Motricidade Humana da UTLisboa).

- "Estrutura de intervenção/ajuda tiflológica em Cabo Verde" / Professora Doutora Fernanda Bessa (Secretária-Geral da ONGD Causa Maior).

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (VIII):**

«Literacias Inclusivas e Tecnologias de Apoio: Impacto Educomunicacional no Direito à Participação Social e Qualidade de Vida das Pessoas com Deficiência» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 16 de Abril de 2016.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos dois Painéis «Literacias/Comunicação e Qualidade de Vida» e «Literacias/Media/E-Learning/Web Inclusivos» -, os seguintes temas:

- Lançamento do livro *Safras da Olhalva*, de Augusto Deodato Guerreiro, apresentado pelo Dr. João Palmeiro, Advogado, Mestre em Direção e Gestão dos Sistemas de Segurança Social e Presidente do Conselho de Administração da Fundação Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide.
- "Qualidade de vida e processo comunicacional" / Francisco Ramos Leitão (Doutorado em Educação Especial, Professor na ULHT e no MCATA da mesma Universidade).
- "Interligação de sistemas de comunicação em Portugal" / Poster e Texto de Aquilino Rodrigues (Mestre em CATA e Docente do MCATA) e Ana Bandeira, Dina Coelho, Mara Ramos e Marta Oliveira (alunas do MCATA).
- "A musicografia braille na era digital" / Aquilino Rodrigues (Mestre em CATA e Docente do MCATA).
- "Literacia em saúde inclusiva" / Catarina Ramos (Mestre em CATA e Professora Especialista em Terapia da Fala e Reabilitação e Docente do MCATA) e Paula Vital (Professora Especialista em Terapia da Fala e Reabilitação e Docente da UAtlântic).
- "Impacto das literacias inclusivas no desenvolvimento da pessoa cega na sociedade" / Augusto Deodato Guerreiro (Doutor em Ciências da Comunicação e Diretor do MCATA).
- "Exemplos comunicacionais inclusivos: comunidades surda e ouvinte num conto de Sophia de mello Breyner Andresen" / Dina Almeida (Professora de Educação Especial) e Amílcar Cabral (Professor de LGP).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Para uma literacia web mais inclusiva" / Sérgio Neves (Mestre em Engenharia Informática) e Susana Juzarte (Mestre em CATA e Professora de Educação Especial).
- "E-Learning e inclusão" / António Neto (Engenheiro Informático e Mestre em Gestão), Sérgio Neves (Mestre em Engenharia Informática) e Susana Juzarte (Mestre em CATA e Professora de Educação Especial).
- "Literacia mediática e inclusão" / Dolores Affonso (Professora e Investigadora, Vídeo enviado do Rio de Janeiro e apresentado no evento).
- "Literacia em 3D e inclusão" / Maria Romeiras Amado (Doutora em Ciências da Educação e Investigadora no Instituto Superior de Educação da Universidade de Lisboa).
- "Literacia financeira inclusiva" / Rodrigo Santos (Jurista na FCT e Membro da Direção Nacional da ACAPO). (ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (VII):**

«Comunicação Inclusiva em Intervenção Precoce na Infância: Desafios e Propostas» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 18 de Abril de 2015.

As Actas deste evento estão publicadas (em livro, com o mesmo título do Seminário e sob a Direção científica de Augusto Deodato Guerreiro) pelas Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, estando também a ser distribuídas pela Amazon.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos dois Painéis «Comunicação e Intervenção Precoce na

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Infância» e «Qualidade de Vida de Crianças e Famílias e Impacto da IPI» -, os temas seguintes:

- Conferência "Intervenção precoce na infância: passado, presente e futuro" / Professora Doutora Teresa Nunes Marques (Psicóloga, Doutorada em Psicologia do Desenvolvimento, Especialidade em Intervenção Precoce, Coordenadora da Subcomissão Regional de Lisboa e Vale do Tejo do SNIPI e Subcomissária representante do MSESS para a RLVT do SNIPI).
- "Para uma teoria inclusiva educomunicacional e cultural em intervenção precoce na cegueira" / Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro (Diretor do MCATA/ECATI/ULHT).
- "Patologia neurogénica da comunicação da criança: navegar à vista?" / Professoras Especialistas Catarina Ramos e Paula Vital (Terapeutas da fala e docentes na UATlân~t).
- "Uso de dispositivos móveis na educação de deficientes visuais: importância e impacto na aprendizagem, interação e inclusão social" / Professora Dra. Dolores Affonso (Investigadora e Consultora na área da deficiência em geral).
- "Quando a criança descobre que fala com as mãos... uma proposta" / Dra. Helena Alves (psicóloga e Docente no ISPA) e Dra. Otília Gama (Psicóloga e Mestre em Intervenção Precoce).
- Conferência "Qualidade de vida de crianças e famílias: o impacto da comunicação emocional" / Professor Doutor Jorge Serrano (Professor e Investigador no Instituto Piaget de Almada).
- "Intervenção precoce na surdocegueira: uma via fundamental para a comunicação" / Dra. Fátima Martinho (Psicóloga na Casa Pia de Lisboa) e Dra. Ana Ferreira (Formadora de LGP na Casa Pia de Lisboa).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Brincar e interagir: as competências sociocomunicacionais nos primeiros anos de uma criança cega" / Mestre Aquilino Rodrigues (Professor no MCATA.ECATI.ULHT).
- "Diagnóstico e intervenção precoce na paralisia cerebral" / Dra. Teresa Folha (Enfermeira no Centro de Paralisia Cerebral Caloute Gulbenkian).
- "Comunicação nas perturbações do espectro do autismo" / Professora Doutora Maria do Carmo Vale (Pediatra do Neurodesenvolvimento, Subcomissária da Saúde para a RLVT do SNIPI).
- "A comunicação inclusiva em IPI no atraso global do desenvolvimento" / Dra. Mafalda Faria (Psicóloga na Fundação Liga e Equipa Local de Intervenção Precoce de Lisboa Central/Ocidental do SNIPI).
- "E quando não há alteração estrutural/funcional mas existe o perigo, que intervenção?" / Dra. Noémia Crucho (Técnica de Serviço Social e Coordenadora da Equipa Local de Intervenção Precoce em Coruche/Salvaterra de Magos).

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (VI):**

«Educomunicação e Cultura Inclusivas» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, nos dias 27 e 28 de Junho de 2014.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos quatro Painéis «Perspetivas Educomunicacionais: Estratégias e Metodologias, Tecnologias e Competências,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Media e Inclusão», «Educomunicação: Abordagem Teórico/Empírica, Pedagógica e Cultural», «Educomunicação para a Vida em Sociedade, Psicomotricidade, Literacia e Desenvolvimento Humano» e «Educomunicação em Rede: Cooperação Organizacional em Portugal» -, os temas seguintes:

- Lançamento do livro História Breve dos Meios de Comunicação: da Imanência Pensante à Sociedade em Rede, de Augusto Deodato Guerreiro, Com apresentação do Professor Doutor Rui Estrela, editado em Almada por EDLARS - Educomunicação e Vida, com apoio do CICANT.
- "Estratégias metodológicas para trabalhar as competências comunicativas" / Professor Doutor Josè María Ruiz Ruiz (Doutor em Educação e Professor Titular na Universidade Nacional de Madrid).
- "Novas tecnologias para comunicação e educação: alicerces para a funcionalidade, andaimes para a inclusão" / Professor Doutor Jaime Ribeiro (Investigador e Professor/Instituto Politécnico de Leiria).
- "Os dilemas de Maria: a adaptação de metodologias às pessoas com deficiência" / Professora Mestre Maria Isabel Ferreira Camalhão (Professora de Educação Especial/Doutoranda em Educação no Instituto de Educação/ULHT).
- "Media e inclusão" / Dr. Sérgio Gomes da Silva (Diretor de Serviços de Assessoria, Conceção e Avaliação/Gabinete para os Meios de Comunicação Social e Coordenador do Grupo de Reflexão Media e Deficiência).
- "A inclusão hoje: o imperativo do retorno ao essencial" / Professor Doutor Francisco Ramos Leitão (Investigador e Professor/ULHT, também no MCATA, nesta Universidade).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Dados de investigação: testemunho para a consagração da escola inclusiva" / Professora Doutora Maria Odete Pereira da Silva Emygdio da Silva (Investigadora e Professora no Instituto de Educação/ULHT).
- "Para um novo paradigma educomunicacional inclusivo: polinómio coevolutivo para uma teoria do desenvolvimento humano e social" / Professor Doutor Augusto Deodato Guerreiro (Investigador, Professor na ECATI/ULHT e Diretor do MCATA).
- "Invisibilidade, espaço e comunicação" / Professor Doutor Arquiteto Carlos Mourão Pereira (Investigador e Professor universitário, Doutorado em Arquitetura).
- "Educomunicação bilingue e bicultural da criança surda: pressupostos e desafios" / Professora Especialista Maria José Freire (Co-coordenadora dos Cursos de LGP da ESE/IPSetúbal).
- "A constituição da República Portuguesa e os direitos efetivos das pessoas surdas à educomunicação inclusiva" / Mestre Telmo Fernandes (Advogado Surdo).
- "Comunicação consciente: uma experiência de educação para a vida" / Professora Doutora Anna Maria Albuquerque Feitosa (Investigadora e Professora universitária).
- "Psicomotricidade e inclusão" / Professor Dr. Jorge Vilela de Carvalho (Investigador e Professor universitário, Diretor do Departamento de Desporto do Instituto Português de Desporto e Juventude).
- "Desenvolvimento tátil e literácito como processo vital para o sucesso escolar e social dos estudantes cegos" / Mestre Ana Paula Sousa (Investigadora e doutoranda em Educação no Instituto de Educação/ULHT).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Federação das Associações de Paralisia Cerebral no desenvolvimento humano" / Dra. Eulália Calado (Neuropediatra e Presidente da FPAPC).
- "Representação tátil das tentações de Santo Antão de Hieronymus Bosch" / Dra. Adelaide Lopes (Museu Nacional da Arte Antiga) e Mestre Aquilino Rodrigues (Electrosertec).
- "A Rede Nacional CONVIDA e um novo paradigma para a inclusão na visão" / Dra. Teresa Vaz (AAICA) e Carla Braz (Fundação Raquel e Martin Sain).

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (V):**

«Especificidades Comunicacionais na Educomunicação no Século XXI: Relacionamento e Interação no Desenvolvimento Humano Inclusivo» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, nos dias 14 e 15 de Junho de 2013.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos quatro Painéis «Educomunicação, Media e Inclusão», «Educomunicação, Literacia e Linguagens Especiais, Ambientes Pessoais de Aprendizagem», «Educomunicação e Cultura, Tecnologias e Acessibilidades/Mobilidade» e «Um Novo Paradigma Educomunicacional para as Pessoas Surdas: Língua Gestual Portuguesa, Formação Bilingue e Bicultural, Direitos e Informação Política e Partidária» -, os temas seguintes:

- "Educomunicação inclusiva no século XXI: desafios e propostas" / Augusto Deodato Guerreiro

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

(MCATA/ECATI/ULHT).

- "A comunicação como sintoma: nem doença nem remédio" / David Rodrigues (UTL e ISEIT).
- "Educação informal e comunicação: que desafios?" / Catarina Ramos (Universidade Atlântica).
- "Supervisão educomunicacional" / Paula Vital (Universidade Atlântica).
- "Cuidados ergoftalmológicos e de iluminação/luminância nos espaços educativos e culturais" / Fernando Bivar Weinholtz (Médico Oftalmologista e investigador, fundador e Diretor do Gabinete de Subvisão do Instituto Oftalmológico Dr. Gama Pinto).
- "O impacto inclusivo dos trabalhos do GRMD - Grupo de Reflexão Media e Deficiência" / Sérgio Gomes da Silva (Diretor de Serviços de Assessoria, Conceção e Avaliação/Gabinete para os Meios de Comunicação Social e Coordenador do GRMD).
- "A Missão Descobrir: o seu papel na informação, educação e inclusão social das pessoas surdas" / Helder Duarte (Docente de LGP no MCATA/ECATI/ULHT e Gerente da Missão Descobrir).
- "A comunicação aluno-aluno e professor-aluno: a perceção dos professores" / Francisco Ramos Leitão, Mariana Grilo, Sara Catalão e Sara Leonardo (Professor e Alunas do MCATA/ECATI/ULHT).
- "A negociação e a comunicação professor-professor: a perceção dos professores" / Francisco Ramos Leitão, Iolanda Sousa, Lurdes Guerreiro e Rosário Lourenço (Professor e Alunas do MCATA/ECATI/ULHT).
- "A criança cega no ensino básico: um processo inclusivo de aquisição de competências sociocomunicativas num ambiente pessoal de aprendizagem" / Luísa Maria Pires Miguel (Mestre em CATA/ECATI/ULHT).
- "A importância da tecnologia na comunicação da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

criança/jovem com paralisia cerebral e baixa visão: o teste da Grounded Theory" / Isabel Ferreira Camalhão (Professora de Educação Especial/Ministério da Educação e Doutoranda em Educação/ULHT).

- "Projeto braille inclusivo no século XXI" / Ana la Feria (Arquiteta e investigadora na área de produtos especiais).

- "Matemática, braille e informática: integração e perspectivas" / Aquilino Rodrigues (Mestre em CATA, investigador e Docente no MCATA/ECATI/ULHT, Diretor da Electrosertec - Equipamentos Tecnológicos Especiais), Alberto Mendonça (Técnico Revisor de Braille na Direção Geral de Educação), Rosa Branca Henriques (Técnica Revisora de Braille na Direção Geral de Educação) e Teresa Correia Mendes (Educação Especial na Escola Secundária Maria Amália Vaz de Carvalho).

- "Para uma didática do Sistema Braille e o desempenho dos alunos com deficiência visual na disciplina de Língua Portuguesa" / Ana Paula Sousa (Investigadora e Doutoranda em Educação/ULHT).

- "A coesão funcional e interventiva do trinómio equipas-materiais-grupo de crianças no sucesso da estimulação precoce das crianças com deficiência para a sua inclusão escolar" / Joana Pelicano (Educadora de Infância/Ministério da Educação e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).

- "As conversas informais no desenvolvimento humano através dos sistemas de comunicação alternativa" / Raquel António (Terapeuta da Fala e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).

- "Recentes tecnologias de apoio: o caso das APPS" / Manuel da Costa Leite (ECATI/MCATA/ULHT).

- "Se eu não cuidar de mim, quem cuidará de nós? - A importância da qualidade de vida dos cuidadores de crianças com PEA/multideficiência" / Ana Rita Rosa e Fedra Coelho (Terapeutas da fala e Mestrandas em CATA/ECATI/ULHT).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "A importância da inclusão digital na terceira idade" / Carla Sofia Cardoso Lopes (Formadora de Multimédia e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).
- "Museologia acessível: teorias e boas práticas em Portugal" / Ana Moutinho (Doutoranda em Museologia/ULHT) e Susana Zuzarte (Professora de Educação Especial e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).
- "Turismo acessível: teorias e boas práticas em Portugal" / Manuel da Costa Leite (Professor ECATI/MCATA/ULHT) e Margarida Vieira (Intérprete de LGP e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).
- "Orientação/mobilidade e desenvolvimento sociocognitivo e profissional das pessoas com deficiência visual" / Júlio Damas Paiva (Professor de Educação Especial, investigador e fundador da Escola de Cães-Guia/Mortágua).
- "Educação bilingue e bicultural da criança surda: pressupostos e sugestões" / Maria José Freire (Professora Especialista e Co-coordenadora dos Cursos de LGP da ESE/IPSetúbal).
- "Sem ruídos visuais: a mudança necessária na educação das pessoas surdas" / Dina Almeida (Professora de Educação Especial/Ministério da Educação e Doutoranda em Educação/ULHT).
- "Signwriting: aplicação à LGP" / Rafaela Cota da Silva (Intérprete de LGP e Mestre em CATA/ECATI/ULHT).
- "Olhos que ouvem... Mãos que falam: proposta de um guia didático de LGP para alunos ouvintes" / Gabriela Cristina Ribeiro Silva (Docente de LGP e Mestre em CATA/ECATI/ULHT).
- "A letra e o gesto: estruturas linguísticas em Língua Gestual Portuguesa e Língua Portuguesa" / Tânia Martins (Intérprete de LGP e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).
- "Dialeto gestuais em Portugal" / Maria de Lurdes da Graça Gonçalves (Professora de Educação Especial/Ministério da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Educação e Mestre em CATA/ECATI/ULHT).

- "Gestuar a história: terminologia específica e interpretação em Língua Gestual Portuguesa" / Cláudia Sofia Carvalho Valadares (Intérprete de LGP e Mestranda em CATA/ECATI/ULHT).

- "O papel/importância dos *Canais Parlamento* na informação parlamentar, política partidária das pessoas surdas" / Filipe Venade de Sousa (Presidente da Assembleia Geral da FPAS e Doutorando em Direito/Universidade do Minho).

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (IV):**

«Comunicação e Cultura no Desenvolvimento Humano: Teorias e Boas Práticas Inclusivas» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, nos dias 15 e 16 de Julho de 2012.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos dois Painéis «Comunicação/Informação e Educação Inclusivas no Desenvolvimento Humano: 1ª Sessão - Transmissão Cultural; uma Escola de Referência; Tatologia/Braillologia; Tiflogia/Conceitos. 2ª Sessão - Documentação em Formatos Acessíveis/Literacia; Perturbações Comunicacionais; Qualidade de Vida; LGP no Direito. 3ª Sessão - Cultura/Tecnologia/Educação; Ética e Desporto; Acessibilidades Comunicacionais na Sociedade do Conhecimento» e «Teorias e Boas Práticas Inclusivas: 1ª Sessão - Inclusão/Gestão de Conflitos Educativos; Cultura Comunicacional/Desenvolvimento Sustentável;

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Linguística/Pedagogia na Surdez;  
Reabilitação/Orientação/Mobilidade. 2ª Sessão - Media e  
Deficiência/Mediação/Tecnológica; Música/Musicografia  
Braille e Diversidade Humana/Intervenção Artística» -, os  
temas seguintes:

- Lançamento do livro "Comunicação e Cultura Inclusivas",  
de Augusto Deodato Guerreiro, com apresentação do  
Professor catedrático Doutor José A. Bragança de Miranda.

- "Comunicação e cultura no desenvolvimento humano: o  
papel da transmissão cultural" / Vítor da Fonseca  
(FMH/UTL).

- "Comunicação, educação e cultura inclusivas na escola de  
referência para alunos cegos e com baixa visão: uma  
promessa inclusiva de proficuidade pedagógica e de  
desenvolvimento biopsicossocial?

Uma Orquestra de intenções, sem Maestro entrosado na  
Orquestra, escassa de músicos, de instrumentos e desafinada?  
Uma alucinação legal disfarçada de missão que só promove a  
diferença na exclusão?

Como repensar, reformular e transformar esta Orquestra  
numa escoreita e bela Sinfonia Humana Inclusiva, sob uma  
Batuta comunicacional e educacional missionária, sem  
oportunismos e sem fronteiras?" / Augusto Deodato  
Guerreiro (ECATI/ULHT).

- "Tato eficazmente estimulado: meio ambiente melhor  
conhecido e braille eficientemente aprendido: a proficiência  
do tato do desenvolvimento formativo e educativo de  
crianças com deficiência visual" / Ana Paula Sousa  
(Doutoranda em Educação Especial/IE/ULHT) e Rita  
Rodrigues (Especializanda em Alunos Cegos e com Baixa  
Visão).

- "Comunicação: braille - uma prática inclusiva!..." / Rosa

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Brochado (Educação Especial).

- "Leitura e escrita em braille na idade adulta: um estudo preliminar" / Aquilino Rodrigues (ECATI/ULHT e Electrosertec).
- "Cego ou invisível? Algumas reflexões" / Francisco Carvalho (ECATI/ULHT e Piaget/Almada).
- "A importância dos livros em formatos acessíveis no desenvolvimento da literacia: a situação na RAM" / Isabel Ribeiro (Educação Especial/RAM).
- "Perturbações da comunicação na criança e adolescente" / Cristina Saraiva (ECATI/ULHT).
- "Perturbações da comunicação nos idosos" / Horácio Saraiva (ULusíada).
- "Surdocegueira adquirida: situação laboral e qualidade de vida" / António Rebelo (Casa Pia de Lisboa e Piaget/Almada).
- "O direito fundamental à Língua Gestual como meio de comunicação *conditio sine qua non*" / Filipe Venade de Sousa (Jurista).
- "Os alunos com NEE e participação cultural inclusiva" / Adalberto Fernandes (INR, I.P.).
- "O braille: fator de desenvolvimento humano" / Graça Gerardo (Professora/3º ciclo).
- "A importância da tecnologia na comunicação da criança com paralisia cerebral e baixa visão" / Isabel Ferreira Camalhão (Educação Especial).
- "Removendo as 'pedrinhas' do caminho: aprender, fazendo boas práticas de educação inclusiva" / Isabel Sanches (ICE/ULHT).
- "Para uma ética de inclusão no e pelo desporto" / Jorge Vilela de Carvalho (FMH/UTL).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Acessibilidades, comunicação e informação, na sociedade do conhecimento" / Margarida Fragoso (Fundação LIGA).
- "Inclusão, gestão de conflitos e qualidade do processo educativo" / Francisco Ramos Leitão (ULHT).
- "O papel da aprendizagem comunicativa na construção da cultura comunicacional" / Catarina Ramos (Universidade Atlântica).
- "Coaching: uma boa prática de comunicação na educação para o desenvolvimento sustentável" / Paula Vital (Universidade Atlântica).
- "A formação de professores e reabilitadores em orientação e mobilidade: necessidade de um programa (Nacional-Europeu?)" / Júlio Damas Paiva (Educação Especial).
- "O olhar surdo numa perspetiva cultural, linguística e pedagógica" / Dina Almeida (Educação Especial).
- "Comunicar com o outro: Língua Gestual Portuguesa e inclusão" / Isabel Correia (ESE/Coimbra).
- "Grupo de reflexão media e deficiência: da constatação de uma necessidade à busca de soluções" / Sérgio Gomes da Silva (GMCS).
- "Mediação tecnológica no desenvolvimento humano: casos e práticas inclusivas" / Manuel da Costa Leite (ECATI/ULHT).
- "Quatro janelas de oportunidades inclusivas" / Carla Lopes-Joana Pelicano-Margarida Vieira-Raquel António (Mestradas CATA/ECATI)
- "A mesma música - dois contextos comunicacionais diferentes: a musicografia braille no contexto do apoio a alunos cegos" / Renato Espada (Educação Musical).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Diversidade humana e intervenção artística" / Rafael Alvarez (Casa das Artes da Fundação Liga).

(ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (III):**

«Comunicação e Educação Inclusivas: Metodologias e Estratégias» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 2 de Junho de 2011.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos dois Painéis «Comunicação Inclusiva» e «Educação Inclusiva» -, Os Seguintes Temas:

- Lançamento e apresentação do livro "Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência" (sob a direcção científica de Augusto Deodato Guerreiro), pelo Professor Doutor Manuel José Damásio?.

. "Literacia e inclusão" / Deodato Guerreiro (ECATI/ULHT).

. "A audiodescrição ao serviço de uma visão multissensorial" / Josélia Neves (Instituto Politécnico de Leiria).

. "Comunicação e inclusão: os diferentes níveis sistémicos" / Francisco Ramos Leitão (Faculdade de Educação Física e Desporto e MCATA/ULHT).

. "Inclusão, escola e comunidade: o papel da interacção e da comunicação no desenvolvimento da qualidade de vida de pessoas com deficiências severas e profundas" / Isabel Amaral (ESE/Instituto Politécnico de Setúbal e MCATA).

. Princípios e práticas para uma educação intercultural

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

inclusiva" / Jorge Serrano (ESEAG/ULHT).

- "Materiais bilíngues: uma área de intervenção prioritária / Paulo de Carvalho e Marta Morgado (CED Jacob Rodrigues Pereira/CPL).

- . "Educação inclusiva: estratégias de actuação em sala de aula" / Isabel Sanches (ICE/ULHT).

- . Educação inclusiva e comunicação: alguns solistas e um grande coro" / David Rodrigues (Instituto Piaget/Almada). (ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (II):**

«Comunicação, Inclusão e Qualidade de Vida: Desafios e Propostas» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 24 de Junho de 2010.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos três Painéis «Teorias Comunicacionais Inclusivas: Intervenção Precoce, Inclusão e Qualidade de Vida», «Comunicação-Escola-Sociedade: Acessibilidade e Inclusão» e «Multidimensionalidade Comunicacional Inclusiva no Desenvolvimento Sensorial e Cognitivo: Inclusão e Qualidade de Vida» -, os seguintes temas:

- "Estratégias sociocomunicacionais para incluir e melhorar a qualidade de vida: inteligência emocional positiva / interventiva ↔ humor e pedagogia" / Augusto Deodato Guerreiro (ECATI/ULHT).

- "Vinculação, experiência comunicacional precoce e desenvolvimento" / Francisco Ramos Leitão (Faculdade de Educação Física e Desporto e MCATA/ULHT).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "O braille e a motivação sociocognitiva da pessoa surdocega" / António Rebelo (Colégio António Aurélio da Costa Ferreira/Casa Pia de Lisboa e Instituto Piaget/Almada).
- "Sistemas de comunicação a distância para pessoas com deficiência na fala" / Paulo Alexandre Lucas Afonso Condado (Universidade do Algarve).
- "Física e química na LGP: formalização gestual de conceitos para uma comunicação mais exacta" / César Baptista Marques (Escola Profissional/Almada e mestrando em CATA).
- "Competências de comunicação e intervenção na área da multideficiência" / Isabel Amaral (ESE/Instituto Politécnico de Setúbal).
- "O impacto comunicacional dos estudos da qualidade de vida infantil na construção da escola inclusiva" / Jorge Serrano (Director da ESEAG/ULHT).
- "Programa MAKATON: um sistema multimodal" / Ana Tavares (Terapeuta da Fala/Ministério da Educação e mestranda em CATA) e Suzana Meneses (Educação Especial/Ministério da Educação).
- "A escola centrada na competência comunicacional" / Fernanda Trigo (Educação Especial/Ministério da Educação e mestranda em CATA).
- "Ensino do português L2 a pessoas surdas: propostas para uma inclusão efectiva" / Isabel Correia (ESE de Coimbra).
- "As pessoas com deficiências ou incapacidades e o acesso à sociedade de informação na Região Autónoma da Madeira" / Isabel Ribeiro (Educação Especial/Direcção-Regional da Região Autónoma da Madeira e mestranda em CATA).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- "Contribuições das ciências cognitivas para a inclusão: aprendizagem e inclusão - interpretação neurocognitiva de exemplos quotidianos" / Manuel da Costa Leite (ECATI/ULHT).
- "Da especulação à prática: a música no processo humano de formação cognitiva e sensorial" / José Maria Pedrosa Cardoso (Universidade de Coimbra).
- "O teatro e a inclusão" / Marco Paiva (Director Artístico/Teatro Crinabel).
- "A arte e a inclusão" / Domingos Rosa (Presidente da Fundação AFID Diferença).
- "O desporto e a inclusão" / Jorge Vilela de Carvalho (FMH/UTL).
- "A pessoa com trissomia 21: sociocomunicabilidade e interacção" / Isabel Ferreira Camalhão (Educação Especial/Ministério da Educação).
- "O corpo e a comunicação multidimensional" / Anna Maria Albuquerque Feitosa (Sociedade Portuguesa de Motricidade Humana/Sociedade Internacional de Motricidade Humana). (ADG).

### **\*SEMINÁRIO NACIONAL (I):**

«Capacidade para Comunicar e Interagir: Um Novo Paradigma para o Direito à Participação Social das Pessoas com Deficiência» (Com tradução simultânea em LGP). Organizado pelo MCATA/ECATI/ULHT e realizado no Auditório Agostinho da Silva desta Universidade, no dia 11 de Julho de 2009.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

As Actas deste evento estão publicadas (em livro, com o título Comunicar e Interagir e sob a Organização de Augusto Deodato Guerreiro) pelas Edições Universitárias Lusófonas/ULHT, com apoio do CICANT, FCT e Ministério da Educação.

Para além das presenças e intervenções nas Sessões de Abertura e de Encerramento, foram apresentados e debatidos - nos quatro Painéis «Linguagem e Comunicação, Sociabilidade e Interação», «Capacidade para Relacionar-se, Comunicar e Interagir», «Vida Independente, Direito à Participação Social e Cidadania, Qualidade de Vida e Novas Lógicas de Apoio» e «Comunicação: Tecnologias Adaptativas, Novo Paradigma de Inclusão e Qualidade de Vida/Universalização de Conteúdos Digitais» -, os temas seguintes:

- "Tifloperceptibilidade avançada vs sociocomunicabilidade, inclusão e qualidade de vida" / Augusto Deodato Guerreiro (Doutor em Ciências da Comunicação, Especialidade em Comunicação e Cultura, Agregado em Ciências da Comunicação, na Especialidade em Comunicação e Cultura Inclusivas, Professor Catedrático Agregado na ECATI/ULHT e Diretor do MCATA, nesta Universidade).
- "O Bebé cego no primeiro ano de vida: intervenção precoce no seu desenvolvimento e interação" / Maria Manuela Varela Cardoso (Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Pós-Graduada em Educação Especial, Licenciada em História de Arte, Professora de Educação Especial).
- "Factores de Risco no desenvolvimento de uma criança cega ou com baixa visão" / Aquilino Rodrigues (Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio e Licenciado em Matemática Aplicada, Investigador/conferencista convidado no MCATA/ULHT,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Diretor das Electrosertec e Compensar, fundador e diretor do CEFAS).

- "Linguagem e comunicação: filogénese, sociogénese e ontogénese" / Vítor da Fonseca (Doutor em Motricidade Humana, Especialidade Educação Especial e Reabilitação, Professor Catedrático Agregado da FMH/UTL, Investigador/ensaísta, Pedagogo/psicomotricista, consultor psicoeducacional).

- "Desenvolvimento linguístico da criança surda" / António Rebelo (Deutorado em Psicologia do Desenvolvimento, Professor/conferencista convidado no MCATA/ECATI/ULHT, Professor Titular no Colégio António Aurélio da Costa Ferreira da Casa Pia de Lisboa, Professor no Instituto Piaget de Almada, Membro do Management Comettee da Deafblind International).

- "Comunicação e interacção da pessoa surda" / Carmen Patrícia Sobral Padilha Pinheiro de Melo (Doutoranda em Educación Infantil y Familiar na Universidade de Málaga, Investigadora na área da Multideficência Sensorial e Surdocegueira Congénita, Docente do 1º Ciclo do Ensino Básico e Diretora do Jardim-Escola João de Deus).

- "Do Gestuário à descoberta de novas oportunidades para a Língua Gestual Portuguesa: Pátria da comunidade das Pessoas Surdas" / Adalberto Fernandes (Técnico Superior Assessor no Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P., Chefe de Divisão do Centro de Investigação e Formação "Maria Cândida da Cunha" do então Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, 1999-2007, Membro do Conselho Editorial do Magazine Televisivo "Consigo" da RTP2, Membro do Painel de Avaliação do Concurso "Inclusão Digital" da Unidade Missão, Inovação e Conhecimento, UMIC, do Ministério da

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Coordenador da Revista "Integrar" e do Grupo de Trabalho "Perfil Profissional dos Futuros Docentes de Língua Gestual Portuguesa", Responsável do projecto "Gestuário" da Língua Gestual Portuguesa por parte do INR, I.P.).

- "Comunicar com autismos" / Edgar Gonçalves Pereira (Doutorado em Psicologia Clínica, área da Comunicação no Autismo, Professor e Investigador na ULHT, Conselheiro Científico para as Escolas A.B.A., para Crianças com Autismo, da ABC Real Portuguesa, Diretor Pedagógico do Centro da APPDA em Lisboa).

- "Afasia sem fronteiras" / Catarina Lopes Brás de Ataíde Ramos (Licenciada em Terapia da Fala, Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Investigadora/Conferencista no MCATA/ECATI/ULHT, Professora na Universidade Atlântica).

- "Comunicação na ausência da linguagem oral: o caso das crianças com multideficiência" / Isabel Amaral (Doutorada em Psicologia, área do Desenvolvimento e da Educação, Professora Coordenadora do Instituto Politécnico de Setúbal).

- "O movimento da vida independente e a história da inclusão: reflexos sociocomunicacionais de conquista, tecnologia, empreendedorismo e inovação" / Pedro Nuno de Oliveira (Licenciado em Ciência Política e Relações Internacionais, Pós-Graduado em Políticas de Ciência, Tecnologia e Inovação, analista de políticas públicas de ciência e tecnologia e inovação aplicadas à área da sustentabilidade, na Unidade de Produção-Consumo Sustentável do Laboratório Nacional de Energia e Geologia).

- "Os menores na Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência das Nações Unidas: a relevância da comunicação" / José Madeira Serôdio (Licenciado em

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Direito, ramo de Ciências Jurídico-Económicas, Pós-Graduado em Legística e Ciência da Legislação, Professor no Curso de Pós-Graduação em Direito da Inclusão e Protecção de Menores no Centro de Direito da Família da Faculdade de Direito/Universidade de Coimbra, e outros, Assessor da Carreira Técnica Superior e Chefe de Divisão do Gabinete de Apoio Técnico do INR, I.P.).

- "Deficiência, inclusão e qualidade de vida: evolução conceptual e novas lógicas de apoio" / Jorge Serrano (Doutor em Estudos da Criança/Educação Especial, Professor na ESEAG e na ECATI/ULHT, Director Científico da ESEAG/Grupo Lusófona).

- "Da acessibilidade ao ambiente edificado à acessibilidade electrónica: interdependências e complementaridades" / Francisco Carvalho (Doutor em Relações Internacionais, Especialidade em Ecologia Humana/Educação Inclusiva, Professor na ECATI/ULHT, Professor conferencista convidado da da FCSH/UNL, Investigador Permanente do CICANT/ECATI/ULHT).

- "Semear comunicação para colher qualidade: o papel da comunicação como suporte aos sistemas de gestão da qualidade em organizações prestadoras de serviços" / Sónia de Jesus Pais Ramos (Mestre em Comunicação Alternativa e Tecnologias de Apoio, Licenciada em Estatística e Gestão da Informação, Gestora de Informação e Qualidade na Fundação AFID Diferença e Associação Nacional de Famílias para a Integração da Pessoa Deficiente, Investigadora/colaboradora no CICANT/ECATI/ULHT).

- "Parceiros de comunicação: ética e humanização" / Ana Paula Vital (Terapeuta da Fala, Mestre em Psicologia da Saúde, Professora Adjunta da Universidade Atlântica e Coordenadora do Curso de Terapia da Fala na mesma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Universidade).

- "Acessibilidade dos conteúdos web dos município portugueses 2009 (Estudo qualitativo sobre a aplicação das WCAG 1.0 do W3C)" / Jorge Fernandes (Especialista em Reabilitação/Deficiência Visual, Coordenador Executivo do Programa Acesso da UMIC, Presidente do Conselho Fiscal da SUPERA).

- "Sistematização de tecnologia aumentativa e alternativa para pessoas com limitações visuais severas" / João Pedro Ruivo Beirante (Mestre em Engenharia Electrotécnica e Computadores, Professor responsável pela área de Electrónica da ULHT, Professor convidado na FMH/UTL, fundador e administrador da Ataraxia, Investigador/colaborador no CICANT/ECAT/ULHT).

- "Robobrilie em Portugal e no mundo" / Benedita Lima (Psicóloga, Mestre em Ciências da Educação, Especialidade Educação de Adultos, Professora convidada na ECATI/ULHT, Professora no ISPA com responsabilidade na área científica das Ajudas Técnicas e Novas Tecnologias em Reabilitação e Inserção Social, Gestora de projectos no âmbito da UE, Investigadora/colaboradora no CICANT/ECATI/ULHT) e João Guerra (Formador na área de Informática a Pessoas com Deficiência Física e Sensorial, participação em diversos Projectos Comunitários Transnacionais na área da Formação e da Deficiência na sua componente de desenvolvimento informático, Foi Coordenador Nacional do Projecto Robobrilie, Responsável pelo desenvolvimento de Portais de Internet, mantendo actividade como Formador para SISEP e IEFPP).

- "Universalização de conteúdos digitais: o novo paradigma de integração" / Maria Romeiras (Licenciada em História,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Mestre em História da Educação, Doutoranda em Ciências da Educação/História da Educação e da Cultura Escrita, professora convidada no MCATA/ULHT, Bolseira da FCT) e Rui Fontes (Formação universitária em Organização e Gestão de Empresas, Fundador e Gerente da firma Tiflotecnia, Acessibilidade e Informática, Responsável em Portugal pelos produtos adaptivos da Freedom Scientific, Inc., entre outras, Responsável pela tradução e adaptação para português dos softwares e firmwares dos produtos das empresas representadas).

(ADG).

### **\*SÉRIE BRAILLE:**

Cada uma das sequências de sinais que integram a ordem braille, caracterizadas pela posição dos sinais no rectângulo ou pela existência dos pontos 3 e/ou 6.

(FPO, OJM, VC, ADG e CB).

### **\*SERRE, NICOLAS MARIE CHARLES BARBIER DE LA:**

Francês, nascido em 1767, em Valenciennes, norte de França, e falecido em 1841, em Paris. Foi o genial precursor de Louis Braille. Criou o ponto tátil. Inventou a escrita sonográfica por meio de pontos que podiam ser tacteados às escuras para decifrar mensagens criptográficas em tempo de guerra.

Ver também **Sonografia Barbier**.

(ADG).

### **\*SERVIÇO PARA CEGOS DA BIBLIOTECA NACIONAL DE PORTUGAL:**

Ver **Área de Leitura para Deficientes Visuais da Biblioteca Nacional de Portugal**.

**\*SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS DA EMISSORA NACIONAL:**

(Este texto não respeita o Acordo Ortográfico em vigor)

Em breve síntese, dir-se-á que este Sexteto actuou nos Estúdios da Emissora Nacional durante trinta e três anos, entre 2 de Novembro de 1938 e 7 de Outubro de 1971, ininterruptamente, tendo efectuado mais de 1700 recitais, com carácter semanal. Apenas por necessidade de programação do Posto Radiofónico, mereceu acertos ao longo dos tempos, quanto ao dia da semana e à hora de transmissão. Pode orgulhar-se de ter sido o agrupamento do género que mais longamente exerceu a sua actividade em qualquer Emissora Nacional ou Estrangeira.

Pelos caminhos da História, vivia-se o ano de 1938. Em S. João do Estoril, no Instituto “Branco Rodrigues”, um grupo de alunos ainda internados, pretendeu formar um agrupamento musical, independente da Orquestra do Instituto. Eram todos notáveis na sua Arte. Faltava-lhes o Pianista que os igualasse em perícia, pelo que convidaram o velho amigo Guerrinha, então com 25 anos, mas que tinha saído do Instituto com 19 e apenas com o primeiro ano do Curso Superior. Fizera no exterior um percurso distinto, um exemplo, afinal, de energia e tenacidade para a concretização de um sonho, pois que em 4 de Julho de 1935, com 22 anos de idade, conclui o CURSO SUPERIOR DE PIANO DO CONSERVATÓRIO NACIONAL DE MÚSICA DE LISBOA, com 19 valores e ganha o 1º Prémio do Conservatório na disciplina de Piano em 28 de Outubro do mesmo ano. Nos três anos seguintes, faz carreira de Concertista, em vários Salões e Casinos no Funchal e no Continente, tendo aceitado de bom grado o convite dos ex-colegas.

Assim se formou o SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS e, deste modo, Joaquim Guerrinha, seis anos mais tarde,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

regressa à Escola onde fora educado e da qual saíra abruptamente.

Estas diligências para a constituição do Sexteto, fiquei a sabê-las através de uma Entrevista feita ao próprio JOAQUIM GUERRINHA, trinta e dois anos mais tarde, pelo PADRE JESUÍTA ABÍLIO MARTINS, a propósito da morte do Director do Sexteto, AUGUSTO COELHO, a 5 de Novembro de 1970.

“Em 1938, eu, que já não pertencia à Escola BRANCO RODRIGUES, fui chamado para o seu seio, a fim de ser possível a organização do SEXTETO.”

Vejamos, então, a composição do referido agrupamento:

AUGUSTO COELHO - 1º VIOLINO

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CHARRUADAS - 2º VIOLINO

ANTÓNIO PATRÍCIO NUNES - VIOLA D’ARCO

JOAQUIM DA SILVA BOLOTA - VIOLONCELO

LUÍS AMORIM - CONTRABAIXO

JOAQUIM GUERRINHA - PIANO

Nessa mesma Entrevista, ele dá conta, de forma muito sintética, dos problemas a vencer sempre que se pretende constituir um agrupamento musical.

“Só quem está a par das dificuldades para a organização deste grupo, é que pode avaliar, justamente, o que era exigido. Cada um de nós estudava por si, aquilo que, diariamente, julgava necessário para decorar as MÚSICAS, mas o conjunto, tínhamos que ensaiar 4 horas diárias. Estávamos todos numa Escola, tínhamos as refeições à ordem, tínhamos COPISTAS, tínhamos PAPEL, tínhamos DITADOR DE MÚSICA, tudo grátis... tínhamos INSTRUMENTOS, não tínhamos quaisquer preocupações.”

Que pensará o leitor, alheio à problemática da cegueira, deste avolumar de problemas para se constituir um agrupamento musical? Não esqueça que, sendo cegos os Músicos, não podiam recorrer, em plena execução, à leitura das partituras,

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

pelo que se impunha que as decorassem previamente, num trabalho individual.

Por outro lado, Guerrinha sublinha o factor disponibilidade, não só porque facilita a conjugação de horários dos diferentes elementos, como também para evidenciar que a luta para assegurar o pão de cada dia é tão ingrata para um deficiente, sabe-o por experiência própria, que seria difícil, num grupo de seis, cada um à mercê de si próprio, obter-se a paz de espírito necessária para se produzir um trabalho que, antes de mais, requer concentração e qualidade.

Noutro contexto, protesta ainda contra a tendência das Escolas que, ao longo dos anos, foram deixando de ministrar MÚSICA aos alunos, numa inversão total de posições em relação ao seu tempo de estudante e demonstra a impossibilidade de qualquer elemento do Sexteto ser substituído, em caso de doença ou morte:

“O SEXTETO DE AUGUSTO COELHO, que conta 31 anos de existência, não poderá continuar se um dos seus elementos ficar incapacitado. Não é a braços com as dificuldades da vida, que se podem organizar agrupamentos deste género, mas sim nas Escolas, onde outras preocupações não apoquentam os alunos, a não ser os Estudos.”

Conferência O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES E A ACÇÃO DAS ESCOLAS, J. G., 1969

In Simpósio sobre o Problema da Cegueira - Ateneu Comercial de Lisboa

Também não se sabe, em total rigor, por quanto tempo os elementos do Sexteto residiram no Instituto Branco Rodrigues mas, segundo Manuel Ferreira Guilhermino, ao tempo, aluno desse Instituto, deverão ter-se mantido por lá até aos finais de 1940, o que parece coincidir não só com a informação dada por Guerrinha no Capítulo VIII da HISTÓRIA GERAL DA ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA LOUIS BRAILLE DESDE A SUA

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

FUNDAÇÃO, como também com um curto comentário ao Sexteto, já em actividade, inserido no RÁDIO NACIONAL que, por sua vez, recuperou a notícia do DIÁRIO DA MANHÃ:

“O “Diário da Manhã” terminava a notícia por dizer que era justo o elogio (ao Sexteto) e acrescenta:

‘Com o auxílio do Instituto de Cegos Branco Rodrigues e da Misericórdia de Lisboa se organizou o Sexteto e os que o compõem conseguiram, com quatro horas diárias de ensaio durante dois anos, decorar 230 músicas entre selecções de Ópera e Opereta, zarzuelas, suites, serenatas e muitos outros trechos.’”

RÁDIO NACIONAL, 23 . 11. 1941

“Corria o ano de 1941, ano em que a Associação de Beneficência “Louis Braille” teve oportunidade de patentear, evidentemente, a felicidade da sua existência, para Cegos que abandonavam a esfera de acção escolar: o «Sexteto de Cegos» dirigido por Augusto Coelho e que actuava na Emissora Nacional, tinha necessidade absoluta duma dependência da Sede para poder efectuar os seus ensaios. Não houve a mínima objecção por parte dos Directores, nem os sócios se mostraram contrariados com a entrada em actividade dos novos elementos. De certo modo, os ensaios do SEXTETO além do benefício que proporcionavam aos seus componentes, constituíam também um importante factor de propaganda dos fins da Colectividade.”

J. G. , OBRA CITADA

Com este gesto, o Sexteto encontrara o espaço e o instrumental necessário para que os Artistas pudessem ensaiar condignamente. Quanto tempo durara esta benece? Talvez a década de quarenta, já que em 1951, devido à criação da Liga de Cegos “João de Deus”, ocorre uma cisão entre os sócios cegos e, no mínimo, dois dos seus elementos, Joaquim Guerrinha e Luís Amorim, são fundadores desta

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

nova Instituição e ficaram impedidos de frequentar a Associação de Beneficência “Louis Braille”. Ter-se-ão, então, transferido provisoriamente para uma sala da LIGA estes ensaios?

O que se sabe é que, desde longa data, passaram a fazer-se unicamente na Emissora, no ESTÚDIO B, antes da própria audição em directo, ou gravada.

Recuando a 1938, urgia que os Músicos prestassem provas, como era de lei, para serem integrados numa Emissora do Estado, e fizeram-no de facto, sob o patrocínio da Associação de Beneficência “Louis Braille”:

“Os ensaios são realizados na Associação de Cegos “Louis Braille”, Instituição que apresentou estes Artistas na Emissora Nacional, em Dezembro de 1938, onde realizaram as respectivas provas.”

RÁDIO NACIONAL - Nº 570 - 3. 07. 1948

Como resultado das minhas investigações nos Boletins da Rádio, especificamente o Rádio Nacional (órgão da Emissora Nacional, cujo primeiro número saiu a 1 de Agosto de 1937 e se manteve até meados da década de sessenta) constatei que em 1938, a primeira e única audição do Sexteto se fez a 2 de Novembro, 4ª Feira, num período de 30 minutos, ainda com o nome de Sexteto do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, cujo programa se apresenta:

4ª Feira, 2 de Novembro de 1938

13.05 - Concerto pelo Sexteto do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, sob a direcção do Violinista Augusto Coelho: “Marcha militar francesa”, Saint-Saens; “Egmont”, abertura, Beethoven; “Cavalaria rusticana”, selecção da ópera, Mascagni; “Serenata”, Moszkowsky.

13.35 -

A designação de SEXTETO DE CEGOS dirigido pelo Violinista AUGUSTO COELHO aparece integrado pela primeira vez na programação da EMISSORA NACIONAL

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

no ano de 1939, a 22 de Janeiro, DOMINGO, num período de 35 minutos, com as peças seguintes:

Domingo, 22 de Janeiro de 1939

13.10 - Concerto por um Sexteto de Invisuais dirigido pelo Violinista Augusto Coelho:

Abertura da ópera "O Barbeiro de Sevilha", Rossini; Adágio Cantabile da "Sonata Patética", Beethoven; Selecção da ópera "Baile de Máscaras", Verdi; "Au Printemps", Grieg; "Serenata", Júlio Almada; Selecção da zarzuela "Alegria de la Huerta", Frederico Chueca.

13.45 -

Durante algumas semanas o nome do Sexteto foi passando por pequenas alterações: Sexteto de Invisuais; Sexteto constituído por Artistas Cegos; Sexteto constituído por Cegos; Sexteto de Cegos, atingindo, finalmente, a identificação definitiva, em 12 de Março de 1939: CONCERTO PELO SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS, dirigido pelo Violinista Augusto Coelho. A partir desta data e até 7 de Outubro de 1971, como já foi referido, decorrem mais de 1700 audições, num ritmo constante, sujeitas apenas a ajustes horários.

Comprovei estes dados ao extrair dos Boletins da Rádio todos os Programas Semanais executados pelo Sexteto de Artistas Cegos da Emissora Nacional que, cada sete dias... ano após ano, reproduziu uma imensa colecção de obras musicais, onde, apenas de vez em quando, se repetia uma ou outra peça. Ressalve-se, no entanto, que a partir do ano 1955 o RÁDIO NACIONAL, sujeito, porventura, a outras limitações de tempo e espaço, tenha passado a eliminar a maior parte dos Programas, fazendo, nesses casos, apenas o registo da hora do Recital e do nome do Sexteto.

“O ordenado era ridículo - era de 50\$00 por pessoa e ainda pagávamos as deslocações do ESTORIL para LISBOA e de LISBOA para o ESTORIL, de maneira que, nessas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

condições, nunca seria possível adaptar qualquer músico, sem interesses reais, a este agrupamento. Mais tarde, fomos progressivamente sendo aumentados, mas um aumento sensível data, apenas, de há uns quatro anos, em que fomos aumentados 50%. Ainda assim mesmo, os nossos “cachets” cifram-se, na razão de 300\$00 por cada CONCERTO, o que não é ideal para que um elemento, sem ter actuações garantidas, se dedique a estudar uma coisa que, verdadeiramente, lhe não dá quaisquer proveitos.”

ENTREVISTA A J. G., PELO PADRE JESUÍTA A. M.

(TEXTO EXTRAÍDO DE GRAVAÇÃO)

E, na sequência desta perturbadora informação, importa pelo menos sublinhar que o Sexteto, enquanto agrupamento musical, não estava vinculado com exclusividade à Emissora. Tinha liberdade de acção para se exhibir onde quer que fosse solicitado. Neste sentido, vemo-lo a actuar já em 1939, a 24 de Agosto, no CASINO DE SANTO AMARO DE OEIRAS e em 1941, a 2 de Fevereiro, na Associação de Beneficência “Louis Braille”, informações que recolhi no ARQUIVO MUSICAL PORTUGUÊS de César Leiria e onde encontrei igualmente os Programas respectivos desses Concertos, que passo a explicitar:

OEIRAS - Concerto em TRÊS PARTES realizado por um Sexteto de Artistas Cegos:

PRIMEIRA PARTE: Sete Peças pelo Sexteto

SEGUNDA PARTE: Dois Solos de Violoncelo, Dois Solos de Violino, Duas Peças para Canto

TERCEIRA PARTE: Quatro Peças pelo Sexteto

LISBOA - Concerto de propaganda às habilitações profissionais dos Cegos

Organizado por JOAQUIM GUERRINHA

Vejamos, então, os respectivos programas:

CASINO DE SANTO AMARO DE OEIRAS - 1ª PARTE -  
SETE PEÇAS PELO SEXTETO

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

I - Iphigenie in Aulides (Abertura) - Gluck; II - Polonaise solemnelle - César Cui;

III - Canzonetta - Godard; IV - Guitarra - A. Keil; V - Cigany (Czardas) - Michielis;

VI - Berceuse - Chopin; VII - Marcha militar - Schubert

2ª PARTE - VIII - DOIS SOLOS DE VIOLONCELO - Por Joaquim da Silva Bolota

a) Elegia - Fauré; b) Rondo - Boccherini

IX - DOIS SOLOS DE VIOLINO - Por Augusto Coelho

a) Canto amoroso - Samartini; b) Prelúdio e allegro - Pugnani-Kreisler

X - DUAS PEÇAS PARA CANTO - Por António Patrício Nunes

a) In questa tomba oscura - Verdi; b) Largo - Haendel

3ª Parte - XI - QUATRO PEÇAS PARA SEXTETO - Acompanhamentos ao piano por JOAQUIM GUERRINHA

a) Dança e Fado - Ruy Coelho; b) Serenata galante - Ranzato

c) La Verbena de la Paloma - Breton; d) De Barco - Debussy

ARQUIVO MUSICAL PORTUGUÊS

LISBOA - ASSOCIAÇÃO DE BENEFICÊNCIA “LOUIS BRAILLE”

I - SEXTETO

a) Raymond (Abertura) - Ambroise Thomas; b) Minueto - Boccherini; c) Sevilha - Albeniz

d) Mazurka - Ruy Coelho; e) Cigany - Czardas - Michieles

II - ALGUMAS PALAVRAS “O ENSINO DOS CEGOS EM PORTUGAL” Por Joaquim Guerrinha

III - VIOLINO Por Augusto Coelho

a) Souvenir - Drdla; b) Dança espanhola - Roefeld

IV - CANTO Por António Patrício Nunes

a) J’ai pardonné - Schumann; b) In questa tomba oscura - Beethoven

V - VIOLONCELO Por Joaquim Bolota

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

a) Élégie - Fauré ; b) Tarantela - Squire

VI - PIANO Por Joaquim Guerrinha

a) Berceuse - Chopin; b) Polonaise - Liszt

VII - SEXTETO

a) Polaca em lá maior - Chopin; b) Vito - Viana da Motta

c) Capriccietto - Neuparth; d) Marcha militar francesa - Saint-Saëns

Componentes do Sexteto

AUGUSTO COELHO

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CHARRUADAS

ANTÓNIO PATRÍCIO NUNES

JOAQUIM DA SILVA BOLOTA

LUIZ DE AMORIM

JOAQUIM GUERRINHA

Outras actuações do Sexteto, extra Emissora Nacional, ocorreram sem sombra de dúvida e creio até que terão sido noticiadas, mas sem pontos de referência na investigação, é difícil comprová-las. Por exemplo, na Liga de Cegos “João de Deus”, pelo menos, nas comemorações de um Aniversário, 23 de Julho, presumivelmente no ano de 1963, o Sexteto actuou, tendo ficado registada a sua participação através de uma fotografia.

No ano de 1942, integra-se ao Sexteto um novo elemento - o Saxofonista GRACIANO MARTINS DA SILVA que passa a colaborar ocasionalmente. A primeira vez que participa é no dia 7 de Junho, depois a 28 de Julho. Mais tarde, a 6 de Setembro, após a audição do Sexteto, tem lugar um SOLO de SAXOFONE, acompanhado ao PIANO por Joaquim Guerrinha. Assim, intervindo de uma maneira ou de outra, Graciano Martins da Silva, passa a ser mais um Artista em quase todos os Recitais, o que, de algum modo, transforma o SEXTETO em SEPTETO, como, aliás, ficou na memória de algumas pessoas.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

“Un secteur d’aveugles (instruments à cordes et piano), donne un concert à Radio-Lisbonne chaque dimanche après-midi.”

### LE MESSENGER SUISSE DES AVEUGLES

Nº 1 - JANVIER, FÉVRIER, MARS 1942

Se, por um lado, é gratificante saber que o Sexteto ultrapassou fronteiras, por outro é importante registar duas Imprecisões cometidas pelo redactor da Revista Suiça. Não se tratava da Radio-Lisbonne, mas sim da Emissora Nacional. Além disso, sendo referenciado como Septeto, havia que incluir o Instrumento de Sopro (Instrument à Vent).

Em todo o percurso do Sexteto, uma vida, trinta e três anos, alguns reveses se fizeram sentir. Por exemplo, nunca houve contratação o que, obviamente, conferia pouca segurança aos Artistas. Como Músicos que eram, deitavam mão a todas as oportunidades que ao tempo se lhes ofereciam e o fraco “cachet” pago na Emissora, ajudaria a equilibrar as suas vidas. Porém, a Emissora Nacional também nunca “rescindiou esse contrato verbal”, sabe-se lá porquê ?!... De facto, trinta minutos de arte, a um bom preço...era uma dádiva para os radiouvintes!!

E assim, o Sexteto manteve-se activo até que a morte começou a ceifar algumas vidas, de entre os seus músicos.

Em face das explicações dadas por Guerrinha na sua Conferência “O PAPEL DAS ASSOCIAÇÕES E A ACÇÃO DAS ESCOLAS”, em 1969, compreende-se este final agonizante do Sexteto.

Numa palavra, não havia músicos com o necessário “background” para substituírem os elementos que iam desaparecendo e se coordenarem com os restantes.

Deste modo, a morte de JOSÉ JOAQUIM ROSA, em Setembro de 1971, assinalou também o funeral deste agrupamento, de todos o mais longo na História da Rádio, nacional e estrangeira.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Mas, vejamos como, no decurso do tempo, foram sendo superadas as diferentes perdas, numa época em que ainda havia possibilidade de contornar o problema e estudar alternativas:

Em 3 de Julho de 1948, o Sexteto ainda mantinha os elementos iniciais, segundo informação colhida no RÁDIO NACIONAL Nº 570, mas nos finais dessa década, a morte do Violoncelista Joaquim da Silva Bolota leva à sua substituição por JOSÉ JOAQUIM ROSA. Alguns meses depois, o Viola D'Arco António Patrício Nunes termina também os seus dias. Procede-se então a alterações internas: o Contrabaixo Luís Amorim muda para Viola D'Arco, ficando o seu primitivo lugar entregue a um novo elemento ANTÓNIO MIMOSO DA ENCARNAÇÃO.

Assim remodelado, o Sexteto mantém-se em exercício de funções até 5 de Novembro de 1970, data da morte do seu Director Augusto Coelho, ainda substituído, a título excepcional, por um Violinista com vista AMÉRICO LOPES DOS SANTOS, que fora Professor destes mesmos Músicos, enquanto alunos no Instituto Branco Rodrigues.

Vejamos então a remodelação:

AUGUSTO COELHO - 1º VIOLINO

JOSÉ DA CONCEIÇÃO CHARRUADAS - 2º VIOLINO

LUÍS AMORIM – VIOLA D'ARCO

JOSÉ JOAQUIM ROSA - VIOLONCELO

ANTÓNIO MIMOSO DA ENCARNAÇÃO -

CONTRABAIXO

JOAQUIM GUERRINHA - PIANO

O Estúdio B - Emissora Nacional - Rua do Quelhas - Lisboa, foi o espaço reservado à transmissão, em directo, do Sexteto e, posteriormente, à gravação, passando o Programa a ser ouvido em diferido.

Retomemos agora o percurso do Sexteto na sua fase final, assinalado pelo tom grave das palavras de Guerrinha:

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

“A notícia do JORNAL, infelizmente, foi verdadeira. Nós estávamos perto de iniciar a GRAVAÇÃO, estávamos numa conversa amena e íamos recomençar o ensaio, para terminar a última PEÇA. De repente, sentimos um baque... supusemos que fosse uma cadeira defeituosa que caísse e que o AUGUSTO COELHO se tivesse simplesmente aleijado... procurámos levantá-lo, mas ele não pronunciou mais nenhuma palavra.”

ENTREVISTA A J. G., PELO PADRE JESUÍTA A. M.

(...)“Augusto Coelho faleceu quando, no dia 5 deste mês de Novembro, ensaiava o Sexteto na Emissora Nacional. Que Deus guarde a sua alma em paz!”

JOAQUIM NUNES PINTO

JORNAL “A VOZ”, 12. 11. 1970

O final do SEXTETO dispensa quaisquer palavras minhas, uma vez que integro neste momento uma Carta escrita por Joaquim Guerrinha, meu Pai, em 2 de Fevereiro de 1972, quando acabara de completar 59 anos, apelando para o Presidente da Direcção da Emissora Nacional de Radiodifusão, no sentido de ser concedido aos cinco músicos existentes, algo equiparado a uma Reforma, mercê do trabalho prestado, sujeito a uma programação semanal. É conveniente dizer que esta Carta ficou sem resposta.

Lisboa, 2 de Fevereiro de 1972

Ex.mo Senhor Presidente da Direcção da Emissora Nacional de Radiodifusão

Av: Engº Duarte Pacheco, 5

LISBOA

“O abaixo-assinado pede vénia para apresentar ao esclarecido critério de V. Exª a seguinte exposição, uma vez que, tendo feito entrega duma idêntica ao Senhor Eduardo Loureiro, nos fins de Outubro p.p. igualmente dirigida a V. Exª, até à data, ainda não obteve resposta o que prova não ter sido entregue.

Durante cerca de 33 anos, o Sexteto de Cegos, geralmente

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conhecido pela designação de Augusto Coelho, seu Director, até fins de 1970, data do seu falecimento, apresentou-se com a máxima regularidade nos Stúdios da Emissora Nacional, tendo efectuado mais de mil e setecentos recitais, com carácter semanal.

Graças à extrema benevolência de V. Ex<sup>a</sup>, este Sexteto pôde continuar a sua actividade durante mais um ano, devido à autorização de V. Ex<sup>a</sup> em permitir que um elemento com vista, Américo Lopes dos Santos, passasse a substituir o Director falecido.

Como em Setembro findo falecesse o Violoncelista do grupo, José Joaquim Rosa e não se pudesse contar com um Cego para o seu lugar, o Sexteto terminou as suas actuações em 7 de Outubro.

Foi então que, trocando impressões com os Senhores Nóbrega e Sousa e Eduardo Loureiro, decidiu-se apresentar a V. Ex<sup>a</sup> um pedido por escrito, na intenção de solucionar a situação dos cinco sobreviventes, em cujo número se incluía o colaborador Saxofonista Graciano Martins da Silva.

Sugeria-se então a ideia da possível concessão duma pensão ou reforma, dado que não era já possível a actuação do Sexteto, tanto mais que o ensino musical nas escolas portuguesas para cegos, passou a ser praticamente inexistente.

É do nosso conhecimento que não temos qualquer direito a uma reforma no verdadeiro sentido do nome, visto que nunca descontámos para ela, pelo simples motivo de nunca a Emissora ter exigido os respectivos descontos; todavia, como trabalhámos tantos anos que, justamente podemos orgulhar-nos de ter sido o agrupamento do género que mais longamente exerceu a sua actividade em qualquer Emissora Nacional ou estrangeira, acalentamos a esperança de V. Ex<sup>a</sup> poder encontrar maneira de resolver a nossa crítica situação, o que, em nome de todos os elementos do extinto grupo, mui

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

penhoradamente agradece a V. Ex<sup>a</sup>.

De V. Ex<sup>a</sup>, com a mais elevada consideração

Respeitosamente me subscrevo.

Joaquim Guerrinha”

Mas, nem só de reveses foi feita a história do Sexteto!

Os Boletins da Rádio teceram-lhe rasgados elogios e, quiçá a Imprensa, onde não tive o privilégio de localizar notícias, dada a vastidão da “oferta” ocasional e, portanto, imprevisível. De qualquer modo, passo a citar todos os testemunhos que, mesmo assim, consegui recolher, a maior parte deles inseridos no RÁDIO NACIONAL. Ressalve-se, contudo, logo o primeiro testemunho, no RÁDIO SEMANAL, Boletim que, infelizmente, teve uma curta duração:

▪ Na Capa deste Boletim - RÁDIO SEMANAL - de 11 de Fevereiro de 1939, sugere-se a leitura de um Artigo sobre “A Radiodifusão e os Músicos” - na 2<sup>a</sup> Página:

A Radiodifusão e os Músicos

O SEXTETO DE CEGOS DA EMISSORA NACIONAL

“Raramente se fazem comentários na Imprensa à actividade musical dos cegos. E, no entanto, quanto esforço e quanta inteligência é necessária a um “invisual”, como se diz agora, para tocar com propriedade um instrumento! E se tantas faculdades são necessárias quando toca só, em conjunto todas as complicações aumentam.

Para a Emissora, como nos noticiou o Regente do Sexteto de invisuais que lá trabalha, entrou recentemente esse grupo. O facto merece-nos algumas palavras, porque nos merecem simpatia excepcional os cegos que vivem de uma profissão tão difícil como é essa de tocar violino, piano, violoncelo... em conjunto, tudo estudado antecipadamente, com persistência até estar de cor. Geralmente supõe-se que o cego executa música de ouvido, mas essa ideia é absolutamente falsa e só pode crer nela quem não souber nada de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

interpretação musical. Cada um, individualmente, pelos processos de leitura dos cegos, lê antes a música e, por essa leitura, a vai traduzindo na execução.

Se esse trabalho, isolado, é enorme e com ele alguns cegos executantes de instrumentos têm ido até ao ponto de tirarem os cursos de Piano e Violino no Conservatório, imagine-se a série de dificuldades a vencer até se conseguir um “Sexteto de Cegos”, isto é, um conjunto de seis instrumentos que têm de tocar, cada um, uma parte isolada, diferente das outras... E cada papel, ou cada parte instrumental, não pode ser de fantasia ou improvisado, mas tal como foi escrita para o instrumento pelo autor da obra interpretada.

Diz-nos o Regente do Sexteto: “Se não fosse esse gesto da parte de dirigentes da Emissora Nacional jamais nos organizaríamos. Graças à preciosa esfera de acção da Emissora Nacional concebemos o projecto da criação do “Sexteto”.

A função social das emissoras, ou antes, o poder social da radiodifusão, que em todos os países contribuiu tão poderosamente para lutar contra a crise do desemprego da classe musical, que tanto foi prejudicada com a máquina moderna do sonoro e da própria radiofonia, levou a vida e o pão a muitos milhares de músicos, no estrangeiro e, em Portugal, a uma boa centena.

É consolador saber que a essa centena de músicos profissionais, um SEXTETO DE CEGOS, com Cursos e Prémios do Conservatório, conquistou também “o pão de cada dia”, da Rádio, que levará a música deles, tão sincera, tão sentida e tão estudada, com longo e difícil trabalho, por esse país, transformada em “pão para o espírito” dos que a ouvem.”

Ruy Coelho

▪ No RÁDIO NACIONAL de 7 de Janeiro de 1940, na CAPA, é, pela primeira vez publicada uma fotografia do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Sexteto em actuação, presumivelmente, em fase de Ensaio prévio, em cuja legenda se pode ler: “O SEXTETO DE CEGOS DIRIGIDO POR AUGUSTO COELHO”

▪ Veja-se, agora, o testemunho sentido de um estrangeiro, que veio a lume no DIÁRIO DA MANHÃ e que, por sua vez, foi veiculado no RÁDIO NACIONAL:

### O SEXTETO DOS CEGOS

O “Diário da Manhã”, de 24 de Novembro de 1941, informava que o Sr. Augusto Coelho, “que dirige o Sexteto de Cegos e que todos os domingos dá um Concerto na Emissora Nacional, recebeu há dias esta carta do Sr. Diego Martinez”:

“Para tudo ser maravilhoso neste belo País, até existe um Sexteto de Cegos, dirigido por um Cego, o que não encontrei em parte nenhuma da Europa. Lamento ter de me utilizar de um intérprete, pois desejaria poder expressar-vos a minha admiração pelos Concertos de 19 de Outubro e de ontem, que foram os que me foi possível ouvir. Se tornar a passar por Portugal, farei toda a diligência para vos conhecer pessoalmente e para vos felicitar, assim como à direcção da Emissora Nacional”.

O “Diário da Manhã” terminava a notícia por dizer que era justo o elogio, e acrescenta:

“Com o auxílio do Instituto de Cegos Branco Rodrigues e da Misericórdia de Lisboa se organizou o “Sexteto” e os que o compõem conseguiram, com quatro horas diárias de ensaio durante dois anos, decorar 230 músicas entre selecções de Ópera e Opereta, zarzuelas, “suites”, serenatas e muitos outros trechos. Bem merecem, portanto, ser ajudados no exercício da profissão a que tão utilmente se dedicam.”

▪ No Boletim Nº 309 do RÁDIO NACIONAL - 27 de Junho de 1943, novamente uma imagem do Sexteto, também na capa, por entre uma miscelânea de fotografias, com legenda destacada:

“O SEXTETO DE CEGOS dirigido por Augusto Coelho TOCANDO NA EMISSORA”

▪ No Boletim Nº 323, igualmente do RÁDIO NACIONAL - 3 de Outubro de 1943, outra fotografia do Sexteto, ocupando a Capa, portanto, em grande plano, e em cuja legenda se lê:

“O SEXTETO DE CEGOS, QUE TODAS AS TERÇAS-FEIRAS, ÀS 13.15, DÁ UM CONCERTO NOS ESTÚDIOS DA E.N.”

▪ Ainda no mesmo Boletim, a 13 de Abril de 1945, Pág. 8, sai um belíssimo Artigo, intitulado:

Colaboração dos Cegos na Música

“Muitas vezes se tem ouvido, em transmissões da Emissora Nacional, o Sexteto de Cegos dirigido pelo Violinista Augusto Coelho, que se apresenta sempre com notável apuro, mostrando quanto vale a vontade bem dirigida e a tendência musical do seu director e mais componentes, o que é agradável registar no campo da educação artística. No Concerto da semana passada em que foram tocados diferentes números, com bem marcada correcção, tomou parte o Saxofonista Graciano Martins da Silva, que executou uma Romanza, acompanhado ao piano por Joaquim Guerrinha, e que se evidenciou um Concertista de esplêndidas qualidades. Emite som muito agradável em todos os registos e interpreta o sentido musical com apreciável expressão, agradando muito. Entre as peças executadas pelo Sexteto, não podemos deixar de destacar a “Dança Húngara Nº 5” de Brahms, a Selecção da “Verbena de la Palónia e a “Prece Infantil” de António de Sousa, que foram traduzidas com muita compreensão e completa harmonia no conjunto, resultando efeitos bem marcados. O Violinista Augusto Coelho, além da sua competência técnica, é artista de grande sensibilidade musical e muito honesto nas suas interpretações, de forma que é sempre com grande prazer que se ouve o Sexteto que dirige. Temos muito prazer em lhe prestar a nossa

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

homenagem, pelo seu merecimento e pelo esforço que representa o seu estudo e o dos seus companheiros, muito desejando que faça cada vez mais e melhor, para prestígio pessoal, dos seus colegas e da Instituição que os preparou para a vida e para a Arte.”

A.P.

▪ O próximo testemunho que encontrei sobre a intervenção do SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS, vem confirmar o que atrás foi dito relativamente às actuações fora do seu meio natural, a EMISSORA NACIONAL, e data de 28 de Junho de 1946, quando, no SÃO LUÍS-CINE, participa na Festa de Apresentação de Alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues.

É o Professor Joaquim Nunes Pinto que profere as palavras de abertura:

“Renova-se hoje, depois de interrompida há alguns anos, a tradicional Festa de Apresentação de Alunos do Instituto de Cegos Branco Rodrigues, (...). Incumbido de proferir algumas palavras para servirem de abertura ao espectáculo que vai seguir-se, (...) Da acção beneficente desenvolvida por esta entidade assistencial, (Santa Casa da Misericórdia) dentro do Instituto, terão V. Ex.as oportunidade de apreciar, ouvindo, na primeira parte deste programa, o Sexteto de Artistas Cegos, dirigido por Augusto Coelho e o Saxofonista Graciano Martins da Silva, tido como um dos primeiros saxofonistas do país, todos ex-alunos do Instituto, actuando, semanalmente na Emissora Nacional e que vêm prestar o seu concurso à festa em benefício da casa que os educou. Na terceira parte, os solos nos diversos instrumentos e o orfeão, em que tomam parte os actuais alunos.”

Pode concluir-se, então, que nesta festa a decorrer no Cinema São Luís, vinte anos depois da morte de BRANCO RODRIGUES, o SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS colabora duplamente: cerimónia de apresentação dos novos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

alunos e sentida homenagem ao fundador do Instituto, ouvindo-se primeiro o Sexteto e, depois, cada instrumento em separado.

▪ Voltando ao RÁDIO NACIONAL - Nº 570 - de 3 de Julho de 1948, mais uma fotografia do Sexteto, na Capa onde, pela primeira vez, se vê incluído o Saxofonista Graciano Martins da Silva.

Sob a fotografia, em jeito de legenda, lê-se o seguinte texto:

“Desde Janeiro de 1939 que a Emissora Nacional transmite, semanalmente, durante 30 minutos, um programa pelo Sexteto de Artistas Cegos. Acontecimento muito pouco vulgar em Emissoras, tanto nacionais como estrangeiras, tem merecido dos nossos ouvintes o maior carinho e atenção. A transmissão destes programas não é um acto de ternura puramente. A competência, o trabalho e os estudos dos executantes do Sexteto mereciam, na realidade, que fossem acolhidos na nossa estação oficial da Rádio. Senão vejamos: Augusto Coelho, 1º Violino e Director do Sexteto, possui o Curso Superior de Violino e Piano do Conservatório e foi discípulo de Viana da Motta; José da Conceição Charruadas, 2º Violino, com o Curso Superior do Conservatório; António Patrício Nunes, Viola, habilitado com o Curso Geral do Conservatório; Joaquim Bolota, Violoncelo, diplomado com o Curso Superior do Conservatório; Luís Amorim, Contrabaixo, também com o Curso Geral do Conservatório e Joaquim Guerrinha, Pianista, também como os seus colegas, diplomado com o Curso Superior do Conservatório. Foi aluno do Professor Varella Cid e foi primeiro Prémio do Conservatório em 1935. Em quase todos os Programas, colabora o Saxofonista Graciano Martins da Silva. Os ensaios são realizados na Associação de Cegos ‘Louis Braille’, Instituição que apresentou estes Artistas na Emissora Nacional, em Dezembro de 1938, onde realizaram as respectivas provas.”

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

- Exactamente no ano de 1948, o RÁDIO NACIONAL utiliza um grafismo diferente, uma espécie de logotipo para anunciar o Sexteto. Trata-se do desenho estilizado de um instrumento, com ou sem músico, que varia ao longo das semanas: piano, violino, violoncelo, etc. Esta apresentação mantém-se em 1949 e nos primeiros meses de 1950, altura em que regressa ao enunciado normal.

- A partir de Novembro de 1950 e durante todo o ano de 1951, este Boletim da Rádio dá um relevo extraordinário ao Sexteto. Apresenta a programação normal à quinta-feira, que, por sua vez, já tinha sido anunciada no domingo anterior, através de um reclame em grande estilo e com um excelente logotipo.

- Acresce que, para além destes destaques, o RÁDIO NACIONAL, na semana de 21 a 27 de Janeiro de 1951, anuncia o Concerto para o dia 25, com uma pequena informação prévia. Portanto, nessa semana publicita-se o Sexteto em três locais diferentes...

“HÁ MUITO QUE A EMISSORA NACIONAL transmite todas as semanas, um Concerto pelo Sexteto de Artistas Cegos dirigido pelo Violinista Augusto Coelho e com a colaboração do Saxofonista Graciano Martins da Silva. Este Concerto vai para o ar todas as quintas-feiras, às 12.15h e tem conquistado entre os radiouvintes, grande número de simpatias. O Concerto desta semana será preenchido pela ‘Primeira Rapsódia de Contos Populares Portugueses’; ‘Serenata Galante’; ‘Rondo’; ‘Berceuse’; ‘Mazurca’; ‘Cármén’.”

- Nos anos de 1952, 1953 e 1954, cada recital é duplamente publicitado:

Para além da programação normal, onde se lê, às 19.05 - **CONCERTO PELO SEXTETO DE ARTISTAS CEGOS DIRIGIDOS PELO VIOLINISTA AUGUSTO COELHO**, seguido da enumeração das peças que serão tocadas, aparece

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

também, todas as semanas, noutra página, um texto simples, com título em maiúsculas, anunciando o Sexteto e onde se refere a colaboração de Graciano Martins da Silva e se repete a lista das obras seleccionadas.

- Em Setembro de 1953, uma referência isolada, que demonstra, contudo, a existência de um auditório silencioso que aplaude o Sexteto.

“Nos programas da Emissora Nacional figuram, naturalmente, com regularidade os agrupamentos musicais e conjuntos vocais do País que mais interessa fazer ouvir dentro e fora de Portugal. (...) Entre estas apresentações, são dignos de registo os habituais concertos pelo Sexteto de Cegos, dirigido pelo Violinista Augusto Coelho, conjunto musical que conta largo auditório no nosso País.”

### RÁDIO MOÇAMBIQUE

- Em 1955 e 1956, por condicionamentos internos deste Boletim, desaparece quase toda a programação, no entanto, anuncia-se à mesma e, em grande destaque, o nome do Sexteto e a hora da audição.

Assim acontece até ao final de 1963, quando deixa de ser facultada a consulta ao Boletim.

- Curiosamente em 1960, o Boletim retoma práticas anteriores, podendo ler-se, em duas audições, ambas no mês de Novembro, 5ª Feira, respectivamente a 17 e a 24, os programas respectivos.

Outro aspecto que pretendo realçar é o facto da programação do Sexteto ser sempre um momento seleccionado, nomenclatura que varia de Boletim para Boletim. Assim:

### RÁDIO SEMANAL

#### EMISSIONES RECOMENDADAS

O Sexteto teve início a 22 de Janeiro de 1939 e, a partir de 26 de Fevereiro o seu tempo de antena, figurou sempre como rubrica recomendada, numa recolha de âmbito europeu, até que o Boletim terminou, em 3 de Setembro de 1939.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### RÁDIO NACIONAL OIÇA DE PREFERÊNCIA

Rubrica criada e extinta em 1946. Nesse período, os programas foram recomendados. Este Boletim teve início em 1937 e terminou em 1972, se bem que a consulta ao público, esteja interdita desde 1964.

### RÁDIO MUNDIAL PROGRAMAS QUE RECOMENDAMOS PARA HOJE SELECÇÕES DOS PROGRAMAS NACIONAIS E ESTRANGEIROS

Boletim de curta duração (1947-1948). Desde o seu início até deixar de ser editado, a audição do Sexteto também foi sempre recomendada.

Que aqui fique escrito também, antes de encerrar este Artigo, que a RADIODIFUSÃO PORTUGUESA, legítima herdeira dos destinos da Emissora Nacional, não conserva qualquer registo das actuações do Sexteto, o que, à primeira vista parece indesculpável. Porém, se retrocedermos aos primeiros anos, tudo se compreende porque o recital era transmitido em directo, situação que se manteve, sensivelmente até aos anos sessenta. A partir daí, as audições do Sexteto passaram a ser gravadas em bobines de aço que, segundo me confirmou a Chefe dos Arquivos, eram regravadas e, mais tarde, vieram mesmo a ser compradas pelos Estados Unidos da América do Norte, não ficando vestígios, em registo sonoro, deste agrupamento musical.

Valha-nos, ao menos, que os Boletins da Rádio não foram vendidos aos americanos e que as nossas Bibliotecas centrais os conservam, em ARQUIVO!!

Sublinhe-se ainda a universalidade do Sexteto que, graças à projecção dos Boletins da Rádio, foi notícia em vários números de Revistas no Sistema Braille afectas à Fundação Valentin Haüy (França), à Once (Espanha) e ao Brasil.

Concluindo, uma das coisas que mais me fascinou nesta

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

busca exaustiva aos Programas do SEXTETO, foi exactamente descobrir essa dimensão universal que o agrupamento conquistou, sugerida pela própria Emissora Nacional que, programa a programa, ano a ano, o seleccionava como um Conjunto Musical de excelência, não só entre nós - RÁDIO NACIONAL, como entre toda a programação europeia - RÁDIO SEMANAL, como ainda numa dimensão bem mais ampla - RÁDIO MUNDIAL, o que ficou bem assinalado, como acabámos de ver nos diferentes Boletins da Rádio referenciados.

Em última análise, este panorama real que pretendi desdobrar aqui, em escassas páginas, acaba por demonstrar aos incrédulos e, sobretudo àqueles que não possuindo sensibilidade musical apurada, preferiram, de algum modo, subestimar o valor inequívoco e artístico do Sexteto, pelo que os fui confrontando com opiniões verdadeiramente abalizadas.

Fica claro, obviamente, que não sou eu que o valorizo, já que, nesta matéria, os meus conhecimentos são ínfimos.

Limitei-me a fazer uma pesquisa profunda e a lançar os dados que investiguei e recuperei para que este percurso não se dilua no tempo e se torne História.

Bibliografia consultada:

(Nota - Todos os textos, desde Jornais a Boletins da Rádio e a Arquivos Musicais, desde Entrevistas a Conferências e também a História da Associação Louis Braille desde a sua Fundação, da autoria de Joaquim Guerrinha, encontram-se na íntegra na obra em referência)

. GUERRINHA, Dalila de Jesus (2004). *Uma Luz na História: Joaquim Guerrinha (1913-1976)*, Um Verdadeiro Impulsionador da Causa dos Cegos em Portugal. Lisboa: Edições Colibri.

(DJD).

**\*SIGNO BRAILLE:**

Ver **Símbolo Braille**.

**\*SILVA, ARTUR OLÍMPIO FERREIRA GONÇALVES DA:**

Natural de Vila Franca de Xira, nascido no dia 1 de abril de 1946. Professor do Ensino Básico, Secundário e Universitário. Licenciado em Matemática. Doutorado em Ciências da Informação e em Ciências da Educação, na Especialidade Didática da Matemática. Fez dois Doutoramentos na Universidade Complutense de Madrid, sendo:

1. Doutor em Ciências da Informação, por aquela Universidade, com a Tese intitulada "As Pessoas Deficientes Visuais e o Acesso à Informação nas Bibliotecas Municipais de Portugal" [Doctorado en Ciencias de la Información, Documentación, Fundamentos, Tecnología y Aplicaciones], Departamento de Biblioteconomía Y Documentación de la Facultad de Ciencias de la Información de la Universidad Complutense, defendida no dia 11 de maio de 2007 e tendo sido aprovado por unanimidade com a classificação Sobresaliente cun Laude.
2. Doutor em Ciências da Educação, Especialidade Didática da Matemática, também por aquela Universidade, com o título "Ensino da Matemática a Alunos com Necessidades Visuais: Estratégias e Metodologias Dinamizadoras da Aprendizagem" [Doctorado Europeo en Innovación Didáctica en la Sociedad del Conocimiento], Departamento de Didáctica y Organización Escolar de la Facultad de Educación de la Universidad Complutense, defendida no dia 9 de abril de 2015 e tendo sido aprovado por unanimidade com a classificação Sobresaliente.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Neste contexto, também publicou, em 2015, O Sistema Braille: um meio fundamental para a inclusão socioprofissional das pessoas cegas, em R-LEGO - «Revista Lusófona de Economia e Gestão das Organizações». Lisboa: ULHT, nº 1 outubro; ISSN 2183-5845; pp. 127-146.

Artur Olímpio Silva soube agarrar, com grande sensibilidade, interesse e saber científico, *a oportunidade* de investigar e estudar, para levar ao mais alto nível académico parte das suas preocupações na área da deficiência, formulando hipóteses e problemas, que bem alicerçaram os resultados inovadores obtidos. Como defendia Bachelard (1884-1962), *"as coisas devolvem-nos o que nelas procuramos"*. Artur Olímpio encontrou no terreno as respostas que pretendia ver esclarecidas e, nessa medida, equacionou soluções que também nos devem incentivar a não perder *a oportunidade* de as analisar nas suas teses e de refletirmos a sua enorme importância, viabilizando *a igualdade de oportunidades para todos os cidadãos*, o que pode impulsionar o esforço social, no sentido de se enquadrarem nas orientações comunitárias para a eliminação de barreiras, de qualquer natureza, incrementando a consciencialização e trabalho efetivo para a solução dos problemas das pessoas com deficiência.

Nas suas duas teses houve um empenho e enfoque desmedidos para as levar a julgamento científico em douto "Tribunal", com o êxito desejável. Como sustentou Ortega y Gasset (1883-1955), *"a vida ganha sentido quando se faz dela uma aspiração a não renunciar a nada"*. E nós, que também conhecemos bem esta realidade, podemos afirmar que o investigador em referência não renunciou a nada daquilo a que reconheceu importância para ser considerado e equacionado nas suas excelentes e inovadoras teses de Doutoramento.

Em suma, pesquisou, investigou e aprofundou, com incansável desempenho, em ambas as Teses de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Doutoramento, questões cientificamente pertinentes na área da tiflologia, e já se encontrava na senda educacional, pedagógica e cultural como Membro do Centro de Investigação e Formação em Tiflologia, Ciência, Cultura e Inclusão (CITCCI), da Fundação Nossa Senhora da Esperança, em Castelo de Vide.

Professor e Investigador na Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, com relevantes projetos de investigação desenvolvidos e do conhecimento público, o Professor Bidoutor Artur Olímpio Ferreira Gonçalves da Silva, académico inextinguível em generosidade intelectual e na amizade pura, tinha aquela dignidade que cada um deverá ser, sendo o seu trabalho e o respetivo resultado da consensualidade frutífera que cada um consegue para o bem dos outros e de si próprio, não olhando a meios para atingir fins em favor dos outros.

À medida que somos generosos e gratos, sob o ponto de vista humano e científico, semeamos e cultivamos a união da generosidade e da gratidão, envolvemo-nos nessa substância formada por ambas e indissociamo-nos dela, dessedentando-nos e saciando-nos a nós mesmos e aos outros com essa bela e inesgotável fonte de bem-estar e de abundância. O Professor Artur Olímpio era esta pessoa, continuará a ser esta pessoa porque o nosso "avatar" físico e biológico acaba, mas o nosso astral, o nosso espírito, é imperecível. A sua infausta partida, de forma absolutamente surpreendente no dia 23 de maio de 2018, deixou-nos profundamente consternados com a sua irreparável perda, a ausência física de um irmão académico e Amigo, de coração grande, generoso, e com trabalho científico singular realizado ao nível da tiflologia.

(ADG).

**\*SILVA, AUGUSTO ROQUE MEDINA DA:**

Augusto Roque Medina, nome por que era mais conhecido, consta que de nacionalidade caboverdeana, foi a primeira pessoa cega a licenciar-se em Portugal. Licenciouse em Românicas, na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa, em 1954.

Como forma de angariar dinheiro para a sua sustentabilidade, tocava violino nas ruas de Lisboa.

Após a licenciatura, os seus colegas em colaboração com a então Associação de Beneficência Luis Braille (hoje integrada na ACAPO) prestaram-lhe uma justa homenagem na Sociedade de Geografia, em Lisboa, no dia 2 de Agosto de 1954. Nessa Sessão Solene, estiveram presentes professores e colegas seus, os quais, uns e outros, lhe renderam os mais rasgados elogios sobre a sua capacidade intelectual e inteligência, tendo-se realizado, no final desta cerimónia pública, um igualmente memorável concerto de canto pelo tenor Vítor Manuel Rodrigues Perfeito Bordalo Coelho (cantou "Ernesto de Curtis - Torna a *Surriento*" e "Cottrau - Santa *Lucia*"), amompanhado ao piano por José Luís Rocha da Silva.

Veio a ser professor no Instituto de Cegos Branco Rodrigues, estagiou na Alemanha e escreveu vários artigos, entre os quais destacamos: Finalidade da educação: de um Relatório à Fundação Calouste Gulbenkian, publicado em «Poliedro», nº 75, em fevereiro-março de 1964; Preparação de professores para o ensino de cegos na Alemanha: de um Relatório à Fundação Calouste Gulbenkian, publicado em «Poliedro», nº 83, em dezembro de 1964; Os voluntários e os profissionais da educação dos deficientes visuais, publicado em «Poliedro», nº 109, em julho de 1967.

Ver também Centro de Cultura Tiflológica.

(ADG).

**\*SILVA, FERNANDO DA:**

Português, nascido a 25 de Outubro de 1930 e falecido a 1 de Dezembro de 2008. Tiflólogo, investigador e articulista cego, Diretor do Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille e de «Poliedro: Revista de Tiflogia e Cultura». Porto: CPAC - Edições Braille.  
(ADG).

**\*SÍMBOLO BRAILLE:**

Qualquer significado gráfico atribuído a um sinal braille.  
(FPO, ADG e CB).

**\*SÍMBOLO REFERENCIAL DE POSIÇÃO** (Braille, no Brasil):

Ver **Referencial de Posição**.

**\*SÍMBOLOS EXCLUSIVOS DO BRAILLE** (Brasil):

Ver **Sinais Exclusivos da Escrita Braille**.

**\*SINAL:**

Ver **Sinal Braille**.

**\*SINAL BRAILLE:**

Qualquer das 64 combinações de pontos que integram o Sistema Braille.  
(FPO e CB).

**\*SINAL COMPOSTO (Braille):**

Sinal braille formado pela combinação de dois ou mais sinais simples.  
(FPO, OJM, VC e ADG).

**\*SINAL DA FILA DIREITA (Braille):**

Ponto ou pontos da fila vertical direita do sinal fundamental.  
(FPO, OJM e VC).

**\*SINAL DA FILA ESQUERDA (Braille):**

Ponto ou pontos da fila vertical esquerda do sinal fundamental.  
(FPO, OJM e VC).

**\*SINAL DE TRANSPAGINAÇÃO:**

Sinal que se utiliza em braille para indicar a mudança de página nos livros ou outros documentos impressos em caracteres comuns.  
(FPO, OJM e VC).

**\*SINAL EXCLUSIVO DA ESCRITA BRAILLE:**

Ver **Sinais Exclusivos da Escrita Braille**.

**\*SINAL FUNDAMENTAL (Braille):**

Ver **Conjunto Fundamental**.

**\*SINAL GERADOR (Braille, no Brasil):**

Ver **Conjunto Fundamental**.

**\*SINAL INFERIOR (Braille):**

Sinal em cuja constituição não entram os pontos um nem quatro.  
(FPO e CB).

**\*SINAL RESTITUIDOR DO SIGNIFICADO ORIGINAL:**

Sinal que precede um símbolo braille para fazer cessar qualquer significado específico ou ocasional que lhe tenha sido atribuído.

(FPO e CB).

**\*SINAL SIMPLES (Braille):**

Aquele que é formado numa só célula.

(FPO e CB).

**\*SINAL SUPERIOR (Braille):**

Sinal em cuja constituição não entram os pontos três nem seis, mas em que figuram os pontos um e/ou quatro.

(FPO e CB).

**\*SINAL UNIVERSAL (Braille, no Brasil):**

Ver **Conjunto Fundamental**.

**\*SINAIS EXCLUSIVOS DA ESCRITA BRAILLE:**

Conjunto de sinais específicos para significar convencionalmente aspectos da escrita comum que não têm representação directa em braille.

(FPO, OJM, VC e CB).

**\*SINDICALISMO E INCLUSÃO:**

Em definição.

(AT).

**\*SISTEMA BRAILLE:**

Sucintamente, é o conjunto de 64 sinais, agrupados em sete séries, estruturados a partir das combinações dos seis pontos (1,2,3,4,5,6).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

No sentido lato, é o sistema signográfico composto de grafemas tácteis (com as dimensões preferíveis de cada um de 0,43mm de altura e entre 1mm e 1,52mm de diâmetro na base) dispostos e ordenados numa sequência lógica de 64 sinais simples, designado por Sistema Braille, que constitui o universalmente adoptado instrumento literário e intelectossocial polivalente para a representação graficofonética de todos os domínios do conhecimento, como o flume fecundo e imensurável de sonhos e do desenvolvimento sensoriocognitivo, autónomo e de independência, da sociocomunicabilidade e interação, da legitimação do sentido e qualidade de vida das pessoas cegas no mundo.

(ADG).

### **\*SISTEMA CRIPTOGRÁFICO:**

Ver **Sonografia Barbier**.

### **\*SISTEMA PIC:**

Ver **Sistemas Pictográficos de Comunicação**.

### **\*SISTEMAS PICTOGRÁFICOS DE COMUNICAÇÃO:**

Em definição.

(MMC).

### **\*SNR:**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

### **\*SNRIPD:**

Ver **Instituto Nacional para a Reabilitação, I.P.**

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*SOBREDOTAÇÃO:**

Em definição.

(HS e CS).

### **\*SOBREDOTADO:**

Relativo a sobredotação.

### **\*SOCIOCOGNIÇÃO:**

Em definição.

(ADG).

### **\*SOCIOCOMUNICABILIDADE:**

Capacidade e competência para comunicar numa dimensão social e socializante intercompreensiva.

(ADG).

### **\*SOCIOCOMUNICACIONAL:**

Forma intercompreensiva de comunicar numa dimensão social e socializante.

(ADG).

### **\*SOLIDEZ COGNITIVA E DE INTERCOMPREENSÃO:**

A nossa solidez cognitiva e de intercompreensão, bem como a beleza interior, não pode confundir-se com o por vezes mau estado da película que nos suporta a imagem, cuja visibilidade nunca corresponde ao que efetivamente significamos e somos.

(ADG).

**\*SOM DA VIDA - REVISTA SONORA DE CULTURA E ENTRETENIMENTO DO TEMPO LIVRE, DA ASSOCIAÇÃO LUZ DA VIDA PARA A EVANGELIZAÇÃO E AJUDA ESPIRITUAL DOS CEGOS:**

Revista de Cultura e Entretenimento do Tempo Livre. Publicação sonora, sob a direção de Carlos Araya Severino, e propriedade da Associação Luz da Vida para a Evangelização e Ajuda Espiritual dos Cegos, cujo primeiro número saiu em Setembro de 1988, mas com duração efémera.

(ADG).

**\*SONOGRAFIA BARBIER:**

Este sistema veio a consagrar-se na história como «Sonographie Barbier», sonografia, porque é formada por sinais representativos de sons, sendo constituída, portanto, por trinta e seis sinais que representavam os sons mais frequentemente usados na língua francesa. Estes trinta e seis sinais distribuem-se por seis linhas, contendo cada uma seis sinais, formando igual número de colunas.

[Recortado da Tese de Doutoramento em Ciências da Comunicação, na Especialidade Comunicação e Cultura "As Vantagens da Tecnologização da Tiflografia: Contributos Tiflológicos para um Alargamento do Paradigma Comunicacional", defendida por Augusto Deodato Guerreiro na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, no dia 28 de Janeiro de 1999. (Galardoada em 2000 com o Prémio de Mérito Científico "Maria Cândida da Cunha" do Secretariado Nacional para a Reabilitação e Integração das Pessoas com Deficiência, hoje Instituto Nacional para a Reabilitação, IP.).].

(ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*SOUSA, JOSÉ DE:**

Português, séculos XVII-XVIII, erudito e poeta cego, consando que, diversas vezes, tenha sido Presidente da Academia dos Anónimos.

(ADG).

### **\*SPC:**

Ver **Sistemas Pictográficos de Comunicação**.

### **\*SUBVISÃO:**

Situação deficitária de todo o indivíduo que, em condições normais, no uso de óculos ou lentes de contacto e de iluminação, não consegue competir de igual para igual com o "normovisual".

(FBW).

### **\*SUPERAVID (Sensorialidade):**

Em definição.

(HS e CS).

### **\*SUPLÊNCIA MULTISSENSORIAL:**

Modalidades sensoriais devidamente investigadas, estudadas, treinadas e potenciadas, sob o ponto de vista cognitivo e sociocognitivo, permitindo, essencialmente à pessoa cega, utilizar a sua bem exercitada multissensorialidade em sintonia com a sua utensilagem mental, de forma a suprir, tanto quanto possível, a ausência da modalidade sensorial mais absorvente de todas, que é o sentido da visão.

(ADG).

### **\*SUPLÊNCIA SENSORIAL:**

Potenciação e ampliação das modalidades sensoriais e da intuição, especialmente no que se refere às capacidades e competências das pessoas cegas no relacionamento e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

interação com outras pessoas e/ou contextos, os mais diversos.

(ADG).

### **\*SURDEZ:**

Ver **Surdo**.

### **\*SURDO:**

Do ponto de vista médico-terapêutico, é considerado surdo o indivíduo que apresenta uma perda ou *deficit* auditivo, que pode ir de ligeira a profunda, sendo o grau de surdez classificado de ligeiro (cujos valores se situam entre 20-40 dB), moderado (entre 40-70 dB), severo (entre 70-90 dB) ou profundo (superior a 90 dB). De acordo com a localização da lesão, identificam-se dois tipos de surdez: de transmissão e de percepção. Autores há que optam por categorizar a surdez de transmissão por condutiva e a surdez de percepção por neurosensorial. Outros há que preferem utilizar ambas as designações e categorias simultaneamente. Apesar das divergências, todos realçam: considerados como deficientes auditivos, quanto mais elevado é o grau de surdez dos indivíduos, menores são as probabilidades de ouvirem, de distinguirem e de atribuírem sentido aos sons, vindo aumentadas as probabilidades de ocorrerem barreiras no acesso à língua oral, bem de ocorrerem obstáculos à comunicação e às interações sociais mediadas pelas línguas orais, com impactes na inclusão escolar e social. Como forma de minimizar estes e outros impactes, aos indivíduos são propostas prescrições/procedimentos médico-terapêuticos, que podem ir desde a utilização de próteses auriculares e implantes cocleares, a terapias da fala e de reabilitação, tornando-os o mais possível próximo dos indivíduos que não revelam perda auditiva. Contrariamente a esta abordagem, emerge um outro paradigma sobre os surdos, havendo autores

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

que utilizam a grafia "Surdo" em vez da de "surdo", para os conceber já não como indivíduos deficitários que importa reabilitar ou curar, mas como participantes de minorias culturais e de línguas gestuais. Salienta-se a necessidade de se reconhecer aos surdos direitos tidos agora como de todos e não privilégio de alguns. Valorizam-se os elementos identitários que configuram e são configuradores das culturas surdas, sublinhando-se serem as línguas gestuais imprescindíveis ao desenvolvimento social, cognitivo e emocional dos indivíduos. Destaca-se não se limitarem esses processos ao input auditivo e respetivos suportes linguísticos. Valoriza-se o input visual, propiciando a emersão numa ou mais línguas espaço-visuais. Assume-se que os surdos devem ter acesso atempado a sistemas linguísticos diversificados e adequados, culminando na dimensão multicultural dos surdos.

(JM).

### **\*SURDOCEGO:**

Pessoa privada ao mesmo tempo da visão e da audição, na totalidade ou parcialmente, atuando nela esta dupla incapacidade não como uma simples junção de incapacidades mas numa categoria única e distinta, o que a torna surdocega, razão por que comunica com o mundo sobretudo através do tacto...

Tendo em conta o facto da "população surdocega" ser muito heterogénea, quer pela própria etiologia quer pela idade em que se ficou surdocego, pelo sistema de unicação anteriormente desenvolvido ou pela ausência de qualquer sistema de comunicação, é exigido aos técnicos "especialização, actualização permanente em novas técnicas de comunicação e de meios alternativos práticos e eficazes na transmissão de informação a uma pessoa que tem o sentido do tacto, como o meio mais privilegiado, ou na maioria dos

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

casos, como o único meio para receber conhecimentos do exterior." (Rebelo, 1996).

Para uma mais aprofundada abordagem sobre esta problemática, recomendamos a consulta do livro Comunicar com a Pessoa Surdocega, de António Rebelo, publicado pela Casa Pia de Lisboa em 1996.

(ADG).

### **\*SURDOCEGUEIRA:**

Designação da dupla incapacidade, ausência total ou parcial da visão e da audição, que atua numa pessoa privada destas modalidades sensoriais como categoria única e distinta e não como uma simples junção de incapacidades, sendo essa pessoa surdocega.

A propósito, recomendamos a consulta do livro Comunicar com a Pessoa Surdocega, de António Rebelo, publicado pela Casa Pia de Lisboa em 1996.

(ADG).

### **\*SURDOCEGUEIRA E INCLUSÃO:**

**Em definição.**

(AFR).

## T

### **\*TABELA DE SINAIS BRAILLE:**

Relação de símbolos braille (significantes e significados), colocada, em geral, no início de uma obra transcrita, para esclarecimento do leitor.

(FPO, FAM e CB).

### **\*TACTO:**

Ver **Modalidade Tátil**.

### **\*TACTOLOGIA:**

Capacidade e competência para sentir e identificar em qualquer ponto da superfície da pele objetos, manifestações, situações, constatações, numa dimensão háptica essencialmente desenvolvida pelas e nas pessoas cegas. Perceptibilidade tátil ou sensorialização tátil de algo.

(ADG).

### **\*TÉCNICO DE BRAILLE:**

Especialista que garante a boa qualidade do braille aos diversos níveis de intervenção, que domina e ensina o Sistema Braille, nas suas diferentes grafias (linguística e notação científica), e que participa na transcrição e revisão de documentos em braille.

(ADG).

### **\*TECNOLOGIA ASSISTIVA:**

Tecnologia Assistiva é um termo utilizado para identificar o conjunto de Recursos e Serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência com o intuito de aumentar a qualidade de sua interação com o mundo e de fomentar uma vida independente.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Pode ser mais amplamente definida como uma área do conhecimento, de característica interdisciplinar, que engloba produtos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivam promover a funcionalidade, relacionada à atividade e participação de pessoas com deficiência, incapacidades ou mobilidade reduzida, visando sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social.

Ver também Tecnologia de Apoio.

(AB).

### **\*TECNOLOGIA DE APOIO:**

Uma Tecnologia de Apoio é qualquer dispositivo técnico ou telemático, máquina, utensílio, instrumento, equipamento ou sistema - adquirido comercialmente, modificado ou personalizado -, usado para aumentar, manter ou melhorar as capacidades e competências funcionais de uma pessoa com deficiência. Em alternativa, uma Tecnologia de Apoio pode ser qualquer tecnologia que ajuda a diminuir o hiato entre as capacidades de uma pessoa com deficiência e as exigências que lhe são colocadas numa atividade e no contexto em que esta pessoa se pretende realizar. Os investigadores Cowan e Turner-Smith (1999) definem Tecnologia de Apoio como um termo que abrange qualquer dispositivo (produto de apoio) ou sistema que permite a um indivíduo realizar uma tarefa que não conseguiria realizar de outra forma, ou que aumenta a facilidade ou segurança com que a tarefa pode ser realizada. Nestas definições coloca-se uma ênfase nas capacidades funcionais das pessoas com deficiência e na importância da utilização de estratégias e habilidades adequadas que levem ao sucesso nos mais diversos contextos das atividades dinâmicas que essas pessoas pretendem exercer. É, neste sentido, que os dispositivos (Produtos de Apoio) integrados nas referidas estratégias se podem definir mais globalmente

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

como Tecnologias de Apoio. Note-se que é a atividade a realizar que deve motivar a utilização de uma Tecnologia de Apoio e é a eficácia no desempenho de uma determinada função a única medida de sucesso pela qual as tecnologias de apoio devem ser avaliadas. Por outro lado, a referência das pessoas com deficiência nas duas primeiras definições acima tem por detrás a noção de que cada forma de utilização/integração de uma tecnologia de apoio no domínio da Reabilitação é única. Não há duas aplicações iguais, pois, cada utilizador é único nas suas necessidades e capacidades, nas atividades que pretende realizar e no contexto em que a aplicação das tecnologias de apoio é feita (Cook & Polgar, 2008).

Ver também Tecnologia Assistiva.  
(MSJA e ADG).

### **\*TECNOLOGIAS E INCLUSÃO:**

A evolução das tecnologias da informação e da comunicação (TIC) imprimiu uma dinâmica de transformação na educação e na escola pública. A escola pública contribuiu para atenuar a exclusão digital, porém a formação dos professores nestas matérias deve ser considerada prioritária, designadamente no apoio a alunos com necessidades educativas especiais (NEE), já que as TIC na educação, bem como a informação por elas disponibilizada, correspondem à descoberta de uma nova dimensão pedagógica. Uma dimensão pedagógica ativa, que incorpora as exigências da sociedade do século XXI, que confere às novas tecnologias um papel de relevo, enquanto mediadoras do ato educativo.

Tudo isto reclama a substituição de uma escola que muitas vezes ainda alimenta preocupantes focos de desinserção de alguns alunos, a exclusão e o abandono precoce, por uma

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

escola inclusiva, uma escola apta a formar jovens possuidores de conhecimentos e aptidões nos campos científico, tecnológico, informático, cultural e dotados de instrumentos críticos e de sólidas bases em áreas que lhes permitam prosseguir uma cada vez mais decisiva educação ao longo da vida.

Neste contexto, a escola deve acolher e integrar pedagogicamente as tecnologias da informação e da comunicação, promovendo a manipulação e a interpretação de novos códigos, entendidos enquanto chaves mestras do progresso educativo e escolar de TODOS os alunos.

Essa mesma escola pública pode contribuir, muito significativamente, para atenuar a exclusão social e digital a que muitos alunos estariam votados se não a frequentassem. Para tal, tanto basta que se democratize o acesso e a manipulação destes novos instrumentos educativos a TODOS os alunos, com recurso a objetivos claros, a equipamentos acessíveis e adaptados, mantendo um corpo docente motivado, informado e formado no uso das novas tecnologias da comunicação e da informação.

Orientadas para esses fins, as TIC na educação, bem como a informação por elas disponibilizadas, correspondem à descoberta de uma nova dimensão pedagógica. Uma dimensão pedagógica ativa, que pressinta as necessidades e exigências da nova sociedade do século XXI, sociedade que pretende conferir às novas tecnologias um papel de relevo, enquanto mediadoras do ato educativo e integradora de TODOS os alunos, designadamente com o recurso a meios e programas adaptados às NEE.

Na verdade, neste cenário de mudança em que os estudantes crescem imersos em tecnologia e em que essa tecnologia altera o ambiente no qual se desenrolam as aprendizagens, as TIC representam um elemento decisivo na normalização das condições de vida dos alunos com NEE e, em determinadas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

situações, podem mesmo oferecer a única possibilidade que estes alunos têm de aceder ao currículo o que, de outro modo, lhes estaria vedado.

Considerando assim as TIC como motores de mudança podemos identificar, segundo a literatura, vantagens para os alunos com NEE que se prendem com a possibilidade de ajudar a superar as limitações associadas aos déficits cognitivos, sensoriais, e motores,

- 1 - Favorecer a autonomia,
- 2 - Favorecer a comunicação síncrona e assíncrona dos sujeitos com o colegas e professores,
- 3 - Enquadrar-se num modelo de comunicação e de formação, multissensorial,
- 4 - Propiciar a uma formação individualizada para o sujeito,
- 5 - Possibilitar a utilização de ferramentas de desenvolvimento da sociedade do conhecimento,
- 6 - Facilitar a inserção socio laboral dos sujeitos com NEE,
- 7 - Proporcionar momentos de ócio,
- 8 - Economizar tempo na aquisição de competências,
- 9 - Propiciar a aproximação dos sujeitos ao mundo científico e cultural,
- 10 - Favorecer a diminuição do sentido de fracasso académico e pessoal.

Considerando, então, que as TIC têm impacto positivo nos alunos NEE, verifica-se que a maior parte das estratégias TIC propostas para estes utilizadores, passam pela sugestão de recursos que atenuem as dificuldades destes alunos, dando ênfase ao seu potencial. Estes recursos são geralmente destinados aos indivíduos com deficiências sensoriais e motoras ou estão associados à adaptação de aplicações (e correspondentes interfaces) a um grupo de indivíduos com características específicas comuns (como por exemplos os teclados braille para deficientes visuais), e têm por objetivo ajustar-se às suas características, necessidades e interesses

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

especiais, assim revelando o seu potencial como tecnologia de apoio.

(JR).

### **\*TED:**

Ver **Tifloensino Dinâmico**.

### **\*TERAPIA DA FALA:**

A Terapia da Fala é a área, das ciências da saúde, de intervenção terapêutica no domínio da comunicação humana. O profissional que exerce Terapia da Fala designa-se por Terapeuta da Fala e pode fazê-lo após concluir a Licenciatura em Terapia da Fala e possuir a Cédula Profissional, sendo uma profissão regulamentada.

Aos terapeutas da fala compete a prevenção, a avaliação e diagnóstico, o tratamento e o estudo científico da comunicação humana e suas perturbações, assim como das perturbações da alimentação/deglutição. A comunicação humana engloba todas as funções associadas à compreensão e à expressão da linguagem oral e escrita, assim como todas as formas de comunicação não-verbal. Estes profissionais intervêm, assim, junto de pessoas de todas as idades com problemas da fala, da voz e da linguagem oral e escrita, com o objetivo último de melhorar a sua funcionalidade comunicativa e de melhorar a sua capacidade de alimentação/deglutição, com impacto na sua qualidade de vida.

Uma das grandes áreas de atividade do Terapeuta da Fala consiste em intervir junto de crianças em idade escolar e pré-escolar com dificuldades de comunicação, resultantes de perturbações na aquisição e no desenvolvimento da linguagem e/ou da fala (articulação de sons, fluência, ritmo, etc.), cujas causas podem ser muito variadas, nomeadamente surdez, perturbações psicológicas, privação sociolinguística e lesões cerebrais. Neste domínio, a sua intervenção visa sobretudo o

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

desenvolvimento das capacidades de compreensão e de expressão oral destas crianças ou mesmo, nos casos mais severos, a utilização de sistemas aumentativos e alternativos de comunicação (por exemplo, gestos, imagens ou símbolos), assim como a utilização de tecnologias de suporte (Vital, 2004). Na idade pré-escolar e escolar os terapeutas da fala dão particular atenção a problemas de linguagem que podem afetar o desenvolvimento e participação comunicativa da criança, com impacto na sua auto-estima, saúde mental e qualidade de vida, mas também a normal aquisição e desenvolvimento dos processos de leitura, escrita e cálculo. As alterações de voz na criança também são uma área de preocupação e atenção específica, assim como as alterações da fluência verbal (gaguez) (Vital, 2004). Alguns desajustamentos no processo de alimentação e deglutição estão frequentemente associados a alterações na arcada dentária e na função das estruturas relacionadas estando em muitas situações associados a alterações da fala, por isso é também esta uma área de intervenção do terapeuta da fala (Vital, 2004).

No trabalho com adultos, a intervenção dos Terapeutas da Fala está sobretudo relacionada com problemas de voz, gaguez, perda da capacidade da linguagem e da fala e alterações adquiridas da deglutição. Os problemas de voz, por exemplo, são comuns entre pessoas que a utilizam muito no seu desempenho profissional (professores, telefonistas, jornalistas, etc.) e resultam, de uma forma geral, de padrões incorretos no modo de falar e respirar, que levam ao esforço excessivo das cordas vocais e cujo sintoma habitual é a rouquidão frequente. As condições de lesões cerebrais adquiridas podem ter como consequência perturbações da linguagem, da fala e da deglutição. São exemplo disso, os casos de perdas totais ou parciais da capacidade de linguagem - designadas por afasias - verificam-se normalmente em pessoas que sofreram lesões cerebrais, na sequência, por exemplo, de traumatismos crânio-

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

encefálicos ou de acidentes vasculares-cerebrais. Para além dos problemas de linguagem oral, estes doentes costumam ter também dificuldades de leitura e escrita. Nestas e noutras condições de saúde (ex.: doença de Parkinson, situações demenciais, etc.) a intervenção dos terapeutas da fala consiste na avaliação das capacidades mantidas e perturbadas do doente e no desenvolvimento de um programa adequado, de acordo com as disfunções observadas. Nos casos mais graves, o objetivo da sua intervenção pode não ser ajudar o doente a voltar a falar, mas sim levá-lo a potenciar, adquirir e desenvolver níveis de comunicação eficazes, imprescindíveis ao seu quotidiano, através de sistemas aumentativos e alternativos de comunicação que promovam a sua funcionalidade e autonomia (Vital, 2004).

Em função das situações e com o objetivo do maior benefício para os doentes e sucesso das suas intervenções, a atividade dos Terapeutas da Fala é desenvolvida individualmente, em parceria com as famílias e cuidadores e em cooperação com outros profissionais. Por exemplo, alguns tratamentos/cuidados/intervenções podem ser iniciados pelo terapeuta com total autonomia, mas outros carecem de diagnóstico, acompanhamento e tratamento médicos, nomeadamente por parte de médicos otorrinolaringologistas (por exemplo, problemas nas cordas vocais) e neurologistas (no caso de afasias).

Em algumas situações, estes terapeutas estão integrados em equipas que podem incluir terapeutas de outras áreas (fisioterapeutas, terapeutas ocupacionais), médicos de diferentes especialidades, enfermeiros, psicólogos, professores e educadores, sendo importante que gostem e saibam trabalhar bem em equipa. Um bom nível de comunicação e parceria com a família e/ou cuidadores é importante na abordagem funcional e holística das pessoas com patologias da comunicação (Vital, 2004).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

A facilidade em comunicar e se relacionar com pessoas de todas as idades e níveis socioculturais e linguísticos, a par de uma boa capacidade criativa, são qualidades importantes de um terapeuta da fala (Vital, 2004).

Os Terapeutas da Fala são representados em Portugal pela associação profissional - Associação Portuguesa de Terapeutas da Fala (APTF) que disponibiliza informação no seu site <<http://www.aptf.org/>>, no seu canal Youtube “APTF Portugal” - <[https://youtu.be/0onES\\_nhu-A](https://youtu.be/0onES_nhu-A)> e no canal de televisão “A Falar nos Entendemos” - <<http://tviplayer.iol.pt/programa/a-falar-nos-entendemos/56d969810cf25dc1853bcfcb>> .

Desde o Dia Europeu da Terapia da Fala (06 de Março) de 2015 a APTF fez o lançamento oficial da campanha “O Terapeuta da Fala pode fazer a diferença” que pode ser consultada no site <<http://www.oterapeutadafalapodefazeradiferenca.org/>> , no sentido de informar a sociedade em geral sobre as áreas de atuação do Terapeuta da Fala. O Dia Nacional do Terapeuta da Fala comemora-se a 14 de Novembro.

### Referência Bibliográfica:

VITAL, A.P. (2004). Profissões. Guia de Caracterização Profissional. Terapeuta da Fala. DGERT, 2004-2005. (APV, AGC e CR).

**\*TERMINOLOGIA PARA AS DEFICIÊNCIAS DA ACUIDADE VISUAL** (Diário da República, II Série, nº 4, 06-01-1999, páginas 50-55):

Categoria da visão OMS, visão normal: Grau de deficiência (nula), acuidade visual (0,8 ou melhor), sinónimos e definições alternativas (visão normal).

Categoria da visão OMS, visão normal: grau de deficiência (ligeira), acuidade visual (menos de 0,8), sinónimos e definições alternativas (ou quase normal).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Categoria da visão OMS, ambliopia: grau de deficiência (moderada), acuidade visual (menos de 0,3), sinónimos e definições alternativas (ambliopia moderada).

Categoria da visão OMS, ambliopia: grau de deficiência (grave), acuidade visual (menos de 0,12), sinónimos e definições alternativas (ambliopia grave).

Categoria da visão OMS, cegueira: grau de deficiência (profunda), acuidade visual (menos de 0,05), sinónimos e definições alternativas (ambliopia profunda).

Categoria da visão OMS, cegueira: grau de deficiência (quase total), acuidade visual (menos de 0,02), sinónimos e definições alternativas (cegueira grave).

Categoria da visão OMS, cegueira: grau de deficiência (total), acuidade visual (ausência de percepção), sinónimos e definições alternativas (cegueira total).

(FBW).

### **\*TERMOFORME:**

Em definição.

(AR).

### **\*TERMO-RECEPÇÃO:**

Percepção da temperatura ou sensibilidade ao calor.

(VF).

### **\*TEXTO AMPLIADO:**

As pessoas com baixa visão enfrentam grandes dificuldades no seu dia-a-dia por não conseguirem ler textos nos tamanhos de letra habituais. Apesar de existirem produtos de apoio que ampliam a imagem (lupas, telelupas), nem todas as pessoas têm acesso ou se adaptam a estas ajudas. A solução é a produção de conteúdos em tamanhos de letra maiores, uma técnica frequentemente utilizada em educação especial.

(AR).

**\*TIFLOENSINO DINÂMICO (TED):**

Tifloensino Dinâmico (sendo o seu acrónimo TED) é um neologismo recente para designar um tipo de materiais táteis, especificamente para pessoas cegas.

Os Materiais TED são materiais essencialmente elaborados para proporcionarem às pessoas cegas a possibilidade de participarem, de forma dinâmica, em processos de ensino-aprendizagem como, por exemplo, utilizando um dispositivo concebido para o ensino da noção de declive de uma reta, constituído por duas hastes perpendiculares entre si e dispondo, cada haste, longitudinalmente, de orifícios igualmente espaçados a partir do seu ponto de encontro.

Ao assentar-se uma das hastes numa superfície horizontal e ao introduzir-se uma pequena vareta, representando uma reta, em dois dos orifícios, um em cada uma das hastes, e designando-se, a partir do ponto de encontro das duas hastes, por *\*k\** a posição do orifício na haste vertical e por *\*m\** a posição do orifício na haste horizontal, o quociente *\*k/m\** indica o declive da reta representada pela vareta.

(AOS).

**\*TIFLOFILIA:**

Apego e dedicação à causa e problemática das pessoas cegas.  
(FPO e CB).

**\*TIFLÓFILO:**

O que se dedica, com amor, à causa e problemática da cegueira.

(FPO e CB).

**\*TIFLOGRAFIA:**

Sucintamente, é o estudo ou tratado da escrita em relevo para uso das pessoas cegas.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Num sentido mais amplo, a tiflografia é um processo tátil graficofonético e intelectossocial específico para uso literário das pessoas cegas, cuja viagem tem a sua gênese em engenhosas tentativas muito recuadas no tempo, que prossegue o seu caminho de aperfeiçoamento e justificação até aos nossos dias, vindo a materializar-se e a implementar-se através de sucessivas etapas de progresso, desde a representação manual de caracteres - em relevo linear (Haüy) e por meio de pontos salientes dispostos sistematicamente (Serre e Braille) -, passando pela sua representação mecânica (a dactiflografia em máquinas especialmente concebidas para tal), até às atuais formas de representação em suporte digital, cada vez mais sofisticadas e precisas em acessibilidade e usabilidade, estado de graça este sustentado e disponibilizado pelos ilimitados recursos tiflotecnológicos. (ADG).

### **\*TIFLOGIA:**

Estudo sistemático ou abordagem especificamente aprofundada relativa à problemática da cegueira. (ADG e CB).

### **\*TIFLOPERCEPTIBILIDADE:**

Neologismo ainda pouco conhecido. A tifloperceptibilidade é a capacidade/competência sensorial e cognitiva, sensório-intelectual e neuromotora/perceptivomotora da pessoa cega, consubstanciada na funcionalidade e operacionalidade do conjunto das suas modalidades sensoriais e competências sociais, alicerçado em experiência acumulada, devidamente estimulado e desenvolvido, ao mesmo tempo integrante de um amplo e experienciado desenvolvimento sociocognitivo e interativo/relacional. Isto traduz-se no desenvolvimento biopsicossocial e humano e da suplência multissensorial, perceptibilidade avançada de todos os sistemas sensoriais que

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

restam, com excepcional vantagem para a mobilidade e orientação, independência e autonomia, sociocomunicabilidade e interação, emprego, autoconceito e autoconfiança, auto-imagem e auto-estima, inclusão e qualidade de vida da pessoa cega.

(ADG).

### **\*TIFLOTECNIA INFORMÁTICA E ACESSIBILIDADE, LDA:**

Esta empresa foi fundada em 2004 por Rui e Teresa Fontes, para trazer ao mercado português novas opções em produtos e serviços para as pessoas com deficiência visual.

Ver site: **[www.tiflotecnia.com](http://www.tiflotecnia.com)**

### **\*TIFLOTECNOLOGIA:**

Neologismo ainda pouco conhecido. Criado para designar as tecnologias e produtos de apoio (tecnologia assistiva) a pessoas cegas e com baixa visão.

Ver também Tecnologia de Apoio e Tecnologia Assistiva.

(ADG).

### **\*TRANSCREVER:**

Reproduzir em braille, copiando ou mediante ditado; copiar textualmente.

(FPO e CB).

### **\*TRANSCRIÇÃO:**

Ato ou efeito de transcrever textos em caracteres comuns para braille.

(FPO e CB).

### **\*TRANSCRIÇÃO PARA BRAILLE (Brasil):**

Ver **Transcrição**.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*TRANSCRITO:**

Que se transcreveu; copiado.  
(FPO e CB).

### **\*TRANSCRITOR:**

Ver **Transcritor Braille**.

### **\*TRANSCRITOR BRAILLE:**

Aquele que transcreve um texto em caracteres comuns para braille.  
(FPO e CB).

### **\*TRANSPAGINAÇÃO:**

Ver **Sinal de Transpaginação**.

### **\*TRISSOMIA:**

Em definição.  
(FRL).

### **\*TRISSOMIA-21:**

Em definição.  
(FRL).

### **\*TURISMO INCLUSIVO:**

Ver **Turismo para Todos**.

### **\*TURISMO PARA TODOS:**

Sucintamente, deverá abranger orientação e mobilidade; capacidade audiodescritiva; LGP; aplicação de conhecimentos de comunicação aumentativa e alternativa; produtos/aplicativos tecnológicos de apoio e meios humanos complementares de apoio; breves noções na área da gestão hoteleira e inclusão; atendimento inclusivo; orientação e

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

mobilidade, acessibilidade e usabilidade em todos os espaços do estabelecimento hoteleiro.

(ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## U

**\*UCNOD:**

Ver **Confederação Nacional dos Organismos de Deficientes.**

**\*UNIÃO DE CEGOS E AMBLÍOPES DO SEIXAL:**

Esta associação foi constituída em 21 de julho de 2009, também a^om o apoio da Câmara Municipal do Seixal.

Ver [www.cm-seixal.pt/associacao/uniao-de-cegos-e-ambliopes-do-seixal](http://www.cm-seixal.pt/associacao/uniao-de-cegos-e-ambliopes-do-seixal).

**\*UNIDADE DE EQUIPAMENTOS E SERVIÇOS TIFLOTÉCNICOS - LOJA DE EQUIPAMENTOS PARA PESSOAS CEGAS E COM BAIXA VISÃO (UEST):**

A Unidade de Equipamentos e Serviços Tiflotécnicos - Loja de Equipamentos para Pessoas Cegas e com Baixa Visão (UEST) da Associação dos Cegos e Amblíopes de Portugal (ACAPO), fundada em 17 de Dezembro de 2009, é a última versão em contexto empresarial de uma entidade apta para fornecer equipamentos adaptados para Deficientes Visuais.

Com efeito, a criação de um Departamento especializado de tal natureza era um sonho acalentado por este extrato social desde que se começou a falar de organismos deste tipo, que iam aparecendo um pouco por todo o mundo, com enfoque nos países desenvolvidos.

Este desejo começou a ter a sua concretização no dealbar da década de oitenta do século passado, graças aos inusitados esforços de cooperação percursora de aproximação de duas associações de pessoas deficientes visuais, as então Associação de Cegos Luís Braille (ACLB) e Liga de Cegos João de Deus (LCJD), hoje fundidas na ACAPO.

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

Foi devido aos esforços dos dirigentes dessas duas Associações, cuja atuação proeminente delegada em dois dos seus membros, respetivamente o Dr. Claudino Arieira Pinto, enquanto Vice-Presidente da Direção da ACLB e o Prof. Doutor Augusto Deodato Guerreiro, na qualidade de Presidente da Direção da LCJD, os quais tomaram a peito arrojadamente este empreendimento, tendo sido necessário vencer enormes resistências, quer por parte dos corpos diretivos quer de muitos associados.

A ligação dessas duas entidades deu-se pela sua integração e tomada igualitária de uma sociedade por quotas já existente, a que se chamou internamente Departamento de Materiais, que culminou com a abertura deste sector especializado em 2 de Maio de 1982, que contou com a presença de várias entidades, sobretudo do meio tiflológico, em que algumas delas não enjeitaram o reconhecimento de que estávamos perante um dos serviços mais bem apetrechados da Europa, no que tocava a estes equipamentos.

Este Serviço, Para além de disseminar os equipamentos existentes pelo maior número dos visados por venda atraente, este serviço tinha como preocupação prioritária preservar um exemplar dos mesmos enquanto não estivessem suficientemente divulgados, atuação por que se pautou durante os primeiros tempos da sua génese.

Deve salientar--se que a preparação desse evento precisou *a priori* de um tempo bastante dilatado para se proceder a uma investigação profunda desta matéria, pelo que houve que fazer um périplo por todos os continentes para conhecer e trazer para Portugal o que de melhor e mais avançado existia no plano das tecnologias destes equipamentos auxiliares da deficiência visual.

Escapam--me da memória muitos sucedâneos que ocorreram

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

após este acontecimento, porquanto deixei as minhas funções como dirigente associativo poucos meses depois. Relatarei apenas aqueles feitos de que tenho conhecimento, mas que são marcantes para patentear a evolução deste Serviço, se bem que eventualmente desfocados, reservando para momento ulterior um melhor tratamento do tema, se o engenho e o fôlego mo permitirem, ficando aberta a melhoria a ampliação desta Entrada no presente Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes na Deficiência em Geral.

Terá sido em meados da década dos anos noventa que o denominado "Departamento de Materiais" conheceu nova reestruturação por motivo da fusão das aludidas associações na ACAPO, pondo naturalmente termo à sociedade por quotas que para o efeito tinha sido projetada, passando a chamar-se Unidade de Equipamentos Tiflotécnicos (UET).

Esta configuração traduzida numa nova entidade, mas que ia com abnegação desempenhando o seu importante papel no xadrez tiflológico nacional, manteve--se até começos deste milénio, vindo lamentavelmente a ser extinta, ao que admito r invocação da escassez de recursos humanos.

Quase no fim da referida década, creio que por volta de 2008, com o significativo apoio em espaço físico concedido pela Portugal Telecom, este Departamento ressurgiu de novo em outra entidade jurídica, tomando a denominação que hoje mantém, DE Unidade Equipamentos e Sistemas Tiflotécnicos, U.E.S.T., que, recuperando a imagem de referência que detinha em tempos recuados, voltou a ocupar o espaço que ela própria inopinadamente fez soçobrar, mas que agora, para bem da comunidade deficiente visual, hoje refulge revigorada.

<<https://www.google.pt/search?q=UNIDADE+DE+EQUIPAMENTOS+E+SERVI%C3%87OS+TIFLOT%C3%89CNICO>

Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

S&oq=UNIDADE+DE+EQUIPAMENTOS+E+SERVI%C3%87OS+TIFLOT%C3%89CNICOS&aqs=chrome..69i57.1706j0j7&sourceid=chrome&ie=UTF-8>

(CAP).

**\*UEST:**

Ver **Unidade de Equipamentos e Serviços Tiflotécnicos - Loja de Equipamentos para Pessoas Cegas e com Baixa Visão.**

**\*UET:**

Ver **Unidade de Equipamentos e Serviços Tiflotécnicos - Loja de Equipamentos para Pessoas Cegas e com Baixa Visão.**

**\*URBANISMO E INCLUSÃO:**

Sucintamente, deverá abranger questões que se prendem com localização e acessibilidade; pavimentos das vias públicas, passeios/lancis e interiores, com a necessária acessibilidade e usabilidade; ecologia comunicacional urbana inclusiva, observando-se também o legislado para se cumprir nos planos da arquitetura; sinalética urbana audiovisual e tátil, designadamente em todas as passadeiras e em lugares de referência; transportes públicos equipados com informação sonora nos pontos mais indicados para uma melhor audibilidade; paragens de transportes públicos com informação audiovisual e tátil.

(ADG).

**\*URBANISMO INCLUSIVO:**

Ver **Urbanismo e Inclusão.**

**\*USABILIDADE (No plano da Engenharia de Reabilitação):**

«A ISO 9241-171 sobre Orientações para a Acessibilidade do Software define Acessibilidade como "Usabilidade de um produto, serviço, ambiente ou equipamento por pessoas com o espectro mais alargado de capacidades". [...]. Considerando a Usabilidade como a "eficiência, eficácia e satisfação com a qual um grupo de utilizadores do produto alcança objectivos específicos num determinado contexto" [ISO 9241-11], poderemos entender a Acessibilidade como a Usabilidade para todos e para diferentes contextos.». Neste sentido, a «Acessibilidade não significa apenas a ausência de barreiras, mas também facilidade de uso. A facilidade de uso é particularmente relevante para pessoas com limitações ao nível cognitivo, da aprendizagem e da linguagem. A oferta de um leque variado de produtos e serviços que cubram as necessidades de diferentes públicos-alvo, a adaptação, os meios alternativos de informação, comunicação, mobilidade e manipulação, os produtos e serviços de apoio são outras formas de garantir a Acessibilidade a pessoas com deficiência.».

[Recortado da Tese de Doutoramento "Uma Nova Abordagem para a Formação em Engenharia de Reabilitação em Portugal", defendida por Francisco Alexandre Ferreira Biscaia Godinho em 2010, na UTAD.].

(FG).

**\*UTENSILAGEM MENTAL E INCLUSÃO:**

Independentemente da evolução histórico-conceptual que esta expressão tem vindo a merecer, desde que o homem começou a comunicar e a socializar-se, a organizar-se em comunidades, a constituir-se em sociedades e povos com identidades próprias, a utensilagem mental é o que vem caracterizando cada um de nós, na aquisição e utilização do

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

conjunto progressivo de dispositivos tecnológicos, utensílios de variadíssima ordem, máquinas e instrumentos, que possui e com o que atua em cognição e com a necessária competência sociocognitiva.

Para além de toda uma tentativa de inventariação de factos, acontecimentos e pormenores epocais, estudo e recomposição, sistematização material e interpretação, à luz da erudição e também imaginação, reconstruindo universalidades no campo físico, intelectual, moral, ética e deontologia, na política, na religião, na cultura, nos meios em que se movimentaram e desenvolveram as diferentes gerações dos mais variados povos, ao longo dos tempos, podemos entender, como utensilagem mental, aquele disperso manancial universal, patrimonial, cognitivo e comportamental humano, traduzido em cultura ou no conjunto dos valores, normas e regras de conduta, bem como nos símbolos, nas obras e rituais próprios a uma comunidade humana, que lhes definem o "mundo da vida". Nesta constatação, viajando na cultura popular, na cultura erudita e na cultura de massas, podemos-nos confrontar (mas vencendo todas as obstruções ou condicionalismos de ordem sociocomunicacional e intercompreensiva) com os dispositivos de informação mediática, com a homogeneização do gosto, passividade e ausência de criatividade das audiências, pelo facto de sermos pressionados pelos *media* como processos de mediatização em sentido único.

Também nos enquadramos na perspectiva histórica das mentalidades, do historiador modernista francês Lucien Febvre (1878-1956), que concebe a não-existência de limites rígidos entre etnologia, linguística, sociologia, psicologia, filosofia e história, tentando fazer da história a convergência dessa interdisciplinaridade, como ciência que procura o apoio das outras disciplinas. Para nós, a utensilagem mental, *stricto sensu*, é o volume e densidade de conhecimentos e de saberes

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

acumulados nos planos empírico e teórico, devidamente exercitados e fundamentados, que adquirimos ao longo da vida e que utilizamos no dia-a-dia no relacionamento e interação com os outros cidadãos e, também, de forma intrapessoal, desta forma contribuindo para a coevolução do mundo global e cosmopolita, em cidadania, atravessando e unindo diversidades, fomentando e sistematizando a equidade.

É através da utensilagem mental, que adquirimos desde o berço e transportamos na cultura, que nos definimos como pessoas humanas e legitimamos o nosso sentido de existência e de significação da sociedade.

É na posse e no uso em partilha de aprofundados conhecimentos nas áreas da história, da geografia e da literatura que nos sentimos úteis socialmente, encontrando o eco desejável na compreensão dos nossos interlocutores, dos que convivem connosco ou com quem nos vamos cruzando, ganhando o conceito de inclusão um alcance holístico cada vez mais natural e amplo, tornando-nos todos cidadãos, ainda que diferentes uns dos outros, por questões identitárias ou de capacitação e competências, com direitos iguais e igualdade no recurso às oportunidades ou nas suas conquistas e na participação social sem reservas.

É nos frutíferos olhares dos corações, da lógica e da razão, nas diferenças de cada um e de todos, nas de uns e de outros, que nascem os caminhos para a intervenção e inclusão, sendo nestes caminhos, em cidadania, que a emergência saudável e determinada desses olhares consolida e frutifica a generosidade e a gratidão em abundância, a dignidade e a humanização da vida no mundo para todos, desempenhando a utensilagem mental de cada um e de todos, neste contexto, uma missão coevolutiva para o bem de todos.

É na cultura e na interculturalidade em cidadania, nas diferenças múltiplas e na multiétnicidade, que nos temos de

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

unir, tornando-nos fecundos em intercompreensão e na humanização dos homens e da vida social no desenvolvimento humano e do progresso em geral.

O polinómio humano “*Coração + Razão + Lógica Organizacional/Social + Cultura + Intercultura + Dignidade Humana + Utensilagem Mental*” é que nos une nos caminhos da inclusão e da humanização da vida para todos.

Cada um de nós é, e vale, o que for, e valer, a nossa utensilagem mental na sua solidez frutífera e o que com ela soubermos imaginar e criar, desenvolver e implementar, semeando, fazendo germinar e multiplicar de bem e de bom à nossa volta, solidarizando-nos na efetiva partilha, na promoção e universalização da dignidade humana.

(ADG).

## V

**\*VALENTIN HAÜY:**

Ver **Hauy, Valentin**.

**\*VICTOR BALLU:**

Ver **Ballu, Victor**.

**\*VIDENTE:**

Ver **Normovisual**.

**\*VISÃO:**

Significa ver, sob o ponto de vista clínico ou numa dimensão mental, intelectual, sociocognitiva, cultural.

(ADG).

**\*VISÃO BRAILLE - REVISTA DE INFORMAÇÃO MENSAL:**

Publicada em braille integral, impressa no Centro Prof. Albuquerque e Castro - Edições Braille, tendo o primeiro número saído em Maio de 1994.

A edição em braille resulta da seleção da informação tida como mais significativa deste matutino portuense publicada em cada dois meses, um pouco à semelhança do critério adotado pelo então semanário «O Independente». Trata-se de uma meritória iniciativa do próprio «Jornal de Notícias», integrada na comemoração do seu 106º aniversário.

(ADG).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

## X

### **\*X-FRÁGIL (Síndrome do):**

É uma doença genética e hereditária ligada ao cromossoma X, sendo a causa mais frequente de atraso mental hereditário. De acordo com os dados internacionais, calcula-se que afete 1 em cada 4000 rapazes e 1 em cada 6000 raparigas, não se tratando, por isso, de uma doença muito rara.  
(OR Online).

### **\*XANTODERMIA:**

Coloração amarela da pele, tipo de icterícia localizada em determinadas áreas da pele, como, por exemplo, a palma das mãos. Pode ocorrer na anemia hemolítica, doença de Biermer, encefalopatia urémica, escorbuto ou hipotireoidismo.  
(OR Online).

### **\*XANTOMA:**

Depósito de gordura (colesterol) na pele, tendões ou ossos, que se apresenta sob a forma de manchas ou nódulos. É mais frequente nos cotovelos, joelhos, pés e mãos. Esta lesão na pele é indolor e é muitas vezes associada à presença de diabetes.  
(OR Online).

### **\*XANTOPSIA:**

Perturbação da visão associada à icterícia (coloração amarelada da pele e mucosas devido à deposição de um pigmento existente no sangue), em que os objetos observados parecem ter uma tonalidade amarelada.  
(OR Online).

### **\*XANTOSE:**

Coloração amarelada ou alaranjada da mucosa bucal, muitas

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

vezes proveniente da perda de sangue.  
(OR Online).

### **\*XENOFILIA:**

Interesse, simpatia ou atração exagerada por tudo o que é diferente ou estrangeiro.  
(OR Online).

### **\*XERASIA:**

Doença que impossibilita o crescimento do cabelo e sobrancelhas. Secura dos pelos.  
(OR Online).

### **\*XERODERMA PIGMENTOSA:**

É uma doença genética hereditária caracterizada por uma fotossensibilidade extrema, que pode originar secura da pele, envelhecimento precoce e múltiplas lesões na pele, nomeadamente a suscetibilidade para o aparecimento de tumores cutâneos malignos.  
(OR Online).

### **\*XERODERMIA:**

É uma alteração da pele que se caracteriza por secura e descamação excessiva.  
(OR Online).

### **\*XEROFAGIA:**

Regime ou dieta seca, baseada na ingestão de alimentos secos e marcada pela ausência total de líquidos. Associada frequentemente a práticas religiosas, como, por exemplo, a abstinência dos cristãos primitivos que, durante a Quaresma, só comiam alimentos secos ou não cozidos.  
(OR Online).

## Dicionário de Conceitos, Nomes e Fontes para a Inclusão

### **\*XEROFTALMIA (Oftalmologia):**

Secura da conjuntiva e córnea devida à vitamínose A.

Xeroftalmia ou olho seco é uma doença muito comum, caracterizada pela não-produção de lágrimas, e manifesta-se com ardor, sensação de corpo estranho, visão embaçada ou lacrimejo. Desenvolve a opacidade da córnea e provoca a secura das conjuntivas, que perdem o brilho e tornam-se esbranquiçadas.

(FBW).

### **\*XEROSTOMIA:**

É a sensação subjetiva de boca seca, consequente ou não da diminuição da função das glândulas salivares, com alterações quer na quantidade quer na qualidade da saliva.

(OR Online).

Em cada olhar interventivo diferente há uma vitalidade sinérgica e intercultural a refletir e a equacionar para viabilizar, veicular e concretizar nos caminhos da efetiva inclusão...

O conceito de diferença, na firme convicção do seu uso nas diferenças uns dos outros para a supressão das necessidades uns dos outros, justamente assim concebido e sistematizado, interiorizado e aplicado, de modo consistente e progressivo, só poderá revolucionar e transformar mentalidades, gerando eficazes processos educacionais e pedagógicos, práticos, teórico-empíricos e culturais conducentes à desejável inclusão social, mediante a adequada intervenção precoce na infância e ao longo da vida.

■ O dinâmico talismã de cada um de nós está no que cada um de nós é e no que, com esse amuleto promocional da vida humana, conseguirmos incendiar de bem e de bom à nossa volta.

• É nos olhares dos corações, da lógica e da razão, nas diferenças funcionais e operativas de cada um e de todos, nas de uns e de outros, que nascem os caminhos para a intervenção e inclusão. É nos caminhos da intervenção e da inclusão, em cidadania, diversidade e equidade, que a emergência saudável e determinada desses olhares consolida e frutifica a generosidade e a gratidão em abundância, a dignidade e a humanização da vida no mundo para todos.

• É neste contexto de colaboração e incentivo, no continuar a juntar e a sistematizar razões para a promoção da humanização da vida em sociedade, em cidadania, no prazer solidário de existir e no fomentar o aprofundamento e alargamento da instauração desse objetivo social, e tão holístico quanto possível do conceito de inclusão, que surge este Dicionário, como instrumento de diálogo aberto, de pesquisa, investigação e valorização da vida humana.

Augusto Deodato Guerreiro.